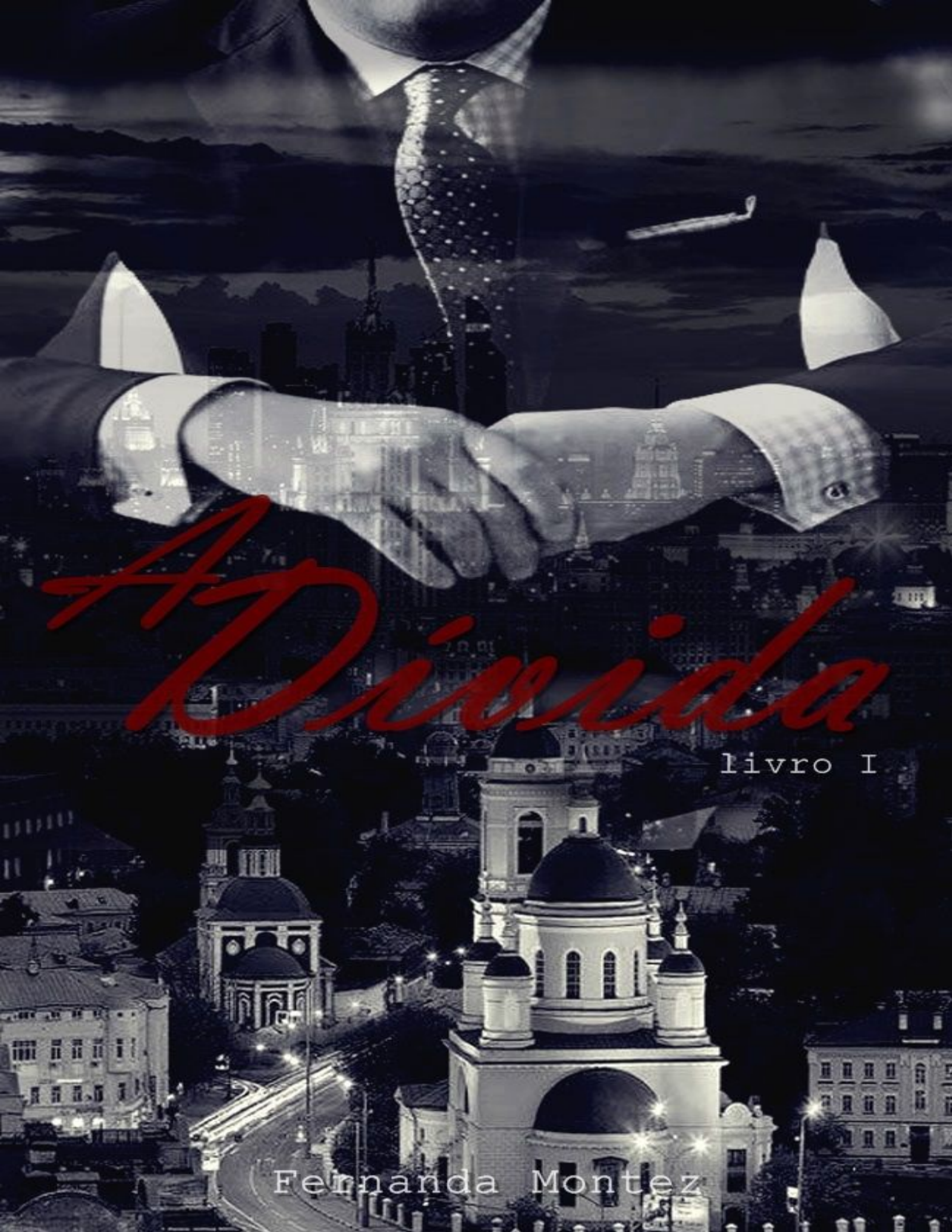




A Divisão

livro I

Fernanda Montez



PERIGOSAS

A Dívida

Fernanda Montez

NACIONAIS - ACHERON

Copyright © 2017 Fernanda Montez

Capa : Ellie

Edição : Sérgio Montenegro

Revisão : Sérgio Montenegro

Esta obra segue as regras do Novo
Acordo Ortográfico

Esta é uma obra de ficção. Nomes,
personagens e acontecimentos descritos são
produtos da imaginação da autora. Qualquer
semelhança com nomes, datas e
acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ele impresso, digital, áudio ou visual, sem a expressa autorização da autora sob penas criminais e ações civis.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS

Dedico ao meu pai, por ter me dado os meus primeiros livros e por segurar minha mão durante todo o caminho.

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1 – Existindo na mentira](#)

[Capítulo 2 – Um vôo nada esclarecedor](#)

[Capítulo 3 – Cartas na mesa](#)

[Capítulo 4 – Adaptação](#)

[Capítulo 5 – Apenas assinando um contrato](#)

[Capítulo 6 – Despertando a ira](#)

[Capítulo 7 – Um jogo para dois](#)

[Capítulo 8 – Conte uma história](#)

[Capítulo 9 – Em quem confiar](#)

[Capítulo 10 – Certo espaço](#)

[Capítulo 11 - ESPECIAL SOVELEV I](#)

[Capítulo 12 – Oscilação](#)

[Capítulo 13 – Convite indesejado](#)

[Capítulo 14 – ESPECIAL SOVELEV II](#)

PERIGOSAS

[Capítulo 15 – Sistema](#)

[Capítulo 16 – Intuição](#)

[Capítulo 17 – Deveria saber](#)

[Capítulo 18 – Poderia ser?](#)

[Capítulo 19 – Pedido](#)

[Capítulo 20 – ESPECIAL SOVELEV III](#)

[Capítulo 21 – Quebrado](#)

[Capítulo 22 – Choque](#)

[Capítulo 23 – ESPECIAL SOVELEV IV](#)

[Capítulo 24 – O preço](#)

[Capítulo 25 – ESPECIAL SOVELEV V](#)

[Capítulo 26 – Resultado](#)

[Capítulo 27 – Ao seu lado](#)

[Epílogo](#)

NACIONAIS - ACHERON

Prólogo

Rússia, Moscou 1989

O frio cortante por si só já deveria ser um bom motivo para pessoa alguma querer sair do conforto de sua casa. Somando-se a isso a noite sem estrelas e a rua deserta, teria uma cena perfeita para um filme de terror; contudo o homem bem agasalhado e de passos apressados não parecia se importar, na verdade, sequer notava o mundo a sua volta. Parou bem em frente ao museu Armeria, seu lugar favorito quando jovem – Não que tivesse agora uma idade avançada, estava numa fase plena de vida, saudável e feliz, com vários anos para aproveitar mais para frente. Embora não tivesse muitas expectativas naquele exato

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

momento. - Olhou para as enormes paredes daquele ponto turístico se lembrando das várias horas que passará naquele lugar admirando a beleza espalhada por todos os lugares, peças que marcavam a história de seu país natal. Providência estranha do destino que o encontro tivesse sido marcado ali, ou talvez, a sua companhia para aquela noite soubesse muito mais sobre ele do que imaginava. Tal pensamento foi como uma injeção de adrenalina em suas veias, impedindo que ficasse parado no lugar. Passou a caminhar de um lado para o outro, as vezes parando para estalar os dedos, ou ficar girando os polegares. Enfim, qualquer um que o visse diria que era o retrato do nervosismo, indo talvez mais além, estava nos seus olhos o terror absurdo que sentia. O que faria um homem alto, no auge de sua forma física, ter medo como um garotinho

NACIONAIS - ACHERON

tinha das tempestades com trovões? Bem, a resposta provavelmente estava no sedã preto e de vidros também escuros que parou ao lado do desafortunado, abrindo apenas a porta traseira. Claramente, sem ter qualquer outra opção o homem olhou para os lados se certificando de que ninguém o via e com uma respiração profunda se acomodou no carro fechando a porta.

Olhando para os dois homens sentados nos bancos da frente com expressões fechadas, bem vestidos com ternos escuros de corte perfeito, diversas tatuagens aparecendo em suas mãos e nuca, algo como caveiras e arames farpados. Não pareciam velhos, mas com toda certeza tinham mais anos que o, aparentemente, jovem assustado. Sentia-se como uma presa fácil que na sua inocência ou ignorância mesmo, trancou por si só a armadilha do

NACIONAIS - ACHERON

caçador. Pôs em mente que todos os infelizes como ele, que eram procurados pela máfia, deveriam sentir, pensar, o mesmo. Recostou no banco buscando conforto e deixando de pensar besteiras que não o levariam a lugar algum, no momento precisava de uma ideia, ou um milagre mesmo, para conseguir voltar vivo e rever as pessoas que lhe eram importantes.

Já os homens responsáveis por conduzir aquela pobre alma praticamente perdida no banco de trás, estavam habituados aquelas situações. E o desconforto que preenchia todo o ar dentro do veículo era até mesmo divertido em suas concepções, mesmo que não fossem em todo os causadores dele, na verdade o homem para quem trabalhavam colocaria receio em qualquer ser que valorizasse sua vida, se tratava apenas de algo sábio a se

fazer.

Aos poucos se afastaram da área mais central de Moscou, seguindo por ruas cada vez menos movimentadas, e aos olhos do passageiro, mais escuras. Até que pararam em frente a um pequeno restaurante, ou seria um bar? Enfim, o tipo de lugar que surpreendeu o jovem, já que tinha em vista algo bem mais tenebroso. As luzes pareciam estar desligadas, assim como o pequeno estacionamento se encontrava vazio, levando a crer que o estabelecimento se encontrava fechado. Mesmo acreditando que assim o fosse, não contrariou quando os dois homens que lhe acompanhavam sinalizaram que descesse.

Ainda que suas pernas se recusassem, que as mãos suassem e seus nervos estivessem em frangalhos na busca desesperada de uma saída inexistente, ele

NACIONAIS - ACHERON

deu um passo de cada vez sem saber ao certo de onde tirava tanta firmeza nos seus atos. A porta principal foi aberta por um dos “seguranças” ao seu lado, enquanto o outro se mantinha postado as suas costas, num claro cerco a sua pessoa. Respirou fundo, por fim entrado, desejando sair.

Comprovou que o lugar se tratava de um bistrô, realmente fora de funcionamento para todos, exceto para o homem sentado na mesa mais ao fundo, a única que tinha uma iluminação sobre si. O ambiente todo possuía uma tonalidade escura, que era ainda mais ressaltada por suas poucas luzes estarem apagadas, mesmo assim o recinto era requintado em seus mínimos detalhes. Fossem as pequenas mesas de madeira bem postas, as toalhas de linho que as cobriam, ou a estante gigantesca com os mais variados tipos de

PERIGOSAS

bebidas, por trás de um balcão bem limpo. O cheiro no ar era de um leve amadeirado, e os poucos funcionários que passavam por ali se perdendo numa pequena porta, até estes estavam perfeitamente vestidos, pode contar três.

Mas ele sabia que estava usando essa pequena análise como distração da própria situação, ou a procura de uma rota de fuga. Arrumou sua postura, e sem fazer questão de retirar o grosso casaco seguiu pelo pequeno corredor que o levaria ao pakhan. Seus passos pareciam muito altos, e chegou a pensar que até mesmo seu coração fazia muito barulho naquele momento. Ao se postar em frente à mesa reservada o homem que a ocupava se levantou arrumando seu terno italiano já perfeito, e com um meio sorriso lhe estendeu a mão direita.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Fico grato por me dar a honra de sua presença, Nikolai. – Sua voz era baixa e parecia transmitir até certa simpatia, o que só um tolo acreditaria, e ele não se via naquela posição.

- Não que tenha tido muitas opções, Sovelev. – Responde com sinceridade encarando seus olhos vazios. O Sovelev tinha uma postura altiva, o que era de se esperar de alguém em sua posição. Deu de ombros, estendendo sua mão pálida na direção do outro. Fechando qualquer resquício de sorriso que ousou surgir em seu rosto.

- Então vamos aos negócios, Nikolai. Sabe o que eu quero, estamos mais do que entendidos. Me dê sua palavra. – Engoliu em seco, repreendendo o universo por não haver outro meio. Elevou sua mão apertando a dele, com aquele simples gesto

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

selando um destino. Porque a palavra de um homem vale mais do que tudo naquele mundo...

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 1 – Existindo na mentira

EUA, Nova Iorque 2013

Com passos apressados eu caminhava pelo corredor do hospital Moulton Sinai, onde pagava os meses que ainda faltavam da minha residência. Hoje eu não tinha mais toda aquela idealização pela minha profissão, de certa forma a realidade cobre o brilho do sonho. Os corredores sempre tinham movimento, até agora, quando já era tão tarde. Na minha cabeça hoje era apenas mais um dia como outro qualquer, havia saído de manhã bem cedo e só chegava agora, tarde da noite. Depois de ter visto tantas pessoas doentes, uns com esperança, outros que nem algumas horas a mais iriam durar, esse era o tipo de talento

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

adquirido de tantos anos de estudo e observação real. Alguns funcionários caminhavam por ali, carregando medicamentos, ou apenas indo verificar como estavam os pacientes. Um grupo com três enfermeiras passou por mim, rindo baixinho de um comentário que eu não escutei. Estava exausta, meu corpo pedia por um descanso urgente e a cama que ficava nos fundos do Hospital, na área reservada para os funcionários, não era bem melhor do que permanecer em pé caminhando a noite inteira. Primeiro, por que todos a usavam. Segundo, porque eu conseguia sentir a madeira da cama cutucando as minhas costas a cada mínimo movimento. Terceiro, o cheiro que estava presente em todos os lugares de éter, já deveria ser comum para mim, porém mesmo assim me incomodava e não deixava

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nem que eu tirasse um breve cochilo e por último e não menos importante... Mesmo que conseguisse dormir em no máximo vinte minutos alguém chegaria me acordando sem qualquer gentileza com o aviso de que havia um novo paciente. Ossos do ofício.

Em geral os plantões que dava não eram tão exaustivos, mas hoje o número de pacientes praticamente dobrou. Há dois meses eu acabava de me formar em medicina na Yale como primeira da classe, logo conseguindo um espaço num dos maiores hospitais de Nova Iorque. O resultado de uma vida de estudos e abnegações, talvez essa seja a resposta do porque não me importo de em pleno sábado de madrugada estar trabalhando em vez de em alguma festa. Me acostumei a abrir mão desse tipo de coisa a muito tempo, porque

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sempre me pareceu que tinha algo mais importante para fazer, que requeria mais minha atenção e que traria resultados mais satisfatórios do que uma ressaca no dia seguinte. Continuei com o meu caminho, passando em linha reta ignorando todas aquelas paredes brancas e sem movimento, todo aquele ambiente de tristeza, por que eu não tinha notado isso antes? O quão triste era o meu ambiente de trabalho, estava ocupada demais deslumbrada com o respeito e a responsabilidade, sem ver o quanto no futuro isso iria sugar de mim.

Agradei internamente por não ser parada por ninguém. Tudo que queria era cair na cama e só acordar na próxima semana. As coisas se tornaram ainda mais cansativas quando o neurocirurgião, mas novo da equipe médica decidiu que eu era seu sonho de consumo, talvez por ter dado

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

tantas negativas me tornei uma espécie de desafio masculino, algo puramente para o seu ego. Como se já não tivesse problemas suficientes. Meu pai andava muito estranho, mais do que normalmente. Depois da morte da minha mãe no início do ano passado ele andava meio que perdido, admito que eu também fiquei, minha crise de profissão começou depois disso, afinal de que adianta você se matar de estudar para poder salvar vidas e acabar perdendo umas das mais importantes? Ela teve câncer de pulmão que logo evoluiu para uma metástase e não preciso comentar o caminho de dor até o fim do processo. O tempo foi passando e a dor da perda mesmo que presente se tornou suportável. Porém meu pai passava boa parte do dia e da noite caminhando de um lado para o outro na casa, às vezes falando sozinho, como se lamentasse por algo que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

não faço a mínima ideia do que seja.

Com a cabeça ainda presa nos problemas atravessei a rua em frente ao hospital que apesar do horário ainda estava bastante movimentada. Vesti um casaco de lã vermelho por cima da blusa social branca. – Não estávamos no inverno, mas mesmo assim sentia muito frio à noite. – Lamentei pela minha calça jeans que deveria ser branca, porém depois de todas essas horas no trabalho e da caminhada que faria pelo central parque até o metrô sairia mais para marrom. De todo o percurso até em casa o que mais me incomodava era ter que passar por ali a essa hora, sozinha. Mesmo assim segui com passos rápidos passando por um mendigo que dormia escondido atrás de um banco coberto por papelões. As luzes sempre acesas e tudo iluminado não faziam com que eu temesse menos em ser assaltada

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ou algo pior. Quando finalmente desci as escadas do metrô suspirei aliviada. Entrei no trem e me sentei um pouco afastada da entrada, vendo que algumas poucas pessoas ocupavam lugares afastados, uma mulher com roupas sociais – provavelmente saindo do escritório – e um adolescente com camisa de uma banda desconhecida pra mim, calças jeans e um boné que cobria os seus olhos, posso também falar da minha cara de reprovação ao ver o cigarro preso aos seus lábios. Poderia até contar nos dedos o número de doenças que ele viria a ter no futuro graças aquilo, mas estava cansada demais pra isso, o número de males que eu vi hoje valia por uma vida. Encostei minha cabeça na janela fria de vidro do meu lado e provavelmente acabei pegando no sono.

Acordei com o som que vinha

NACIONAIS - ACHERON

dos altos falantes de que estávamos na última estação. Ótimo, mas uma pequena caminhada e estaria em casa. Morava no bairro de Soho em um apartamento relativamente espaçoso e de uma arquitetura antiga, porém conservada, o bairro tinha uma rica história com centros de fabricação e distribuição, mas isso foi há muito tempo, hoje tudo já fora transformado em uma área totalmente residencial, bastante atraente, diga-se de passagem. Os poucos comércios que haviam por ali próximos ao meu prédio já se encontravam fechados. Onde morava a fachada era de tijolos e só possuía quatro andares, eu morava no último. Resmunguei por ainda ter quatro andares de escada para subir, por ser um prédio relativamente antigo não havia elevador. Triste, eu sei. Quando cheguei à porta do apartamento estranhei por não estar trancada, meu pai

PERIGOSAS

normalmente deixava fechada mesmo que estivesse acordado. Será que a fechadura estava com problemas? Me perguntei. Qualquer coisa falo com o zelador isto é, se ele estiver em casa, coisa muito difícil de acontecer, vai entender. Dando de ombros entrei encostando a porta atrás de mim com um leve clique. Estava tudo tão silencioso que o som dos meus saltos no assoalho de madeira parecia capaz de acordar o prédio inteiro.

— Pai?! — Chamei. Sem obter nenhuma resposta nos segundos que se passaram. Deixei a minha bolsa pendurada no cabide que havia perto da entrada, logo tirando o casaco vermelho também. Me lamentei internamente por ter tirado o tapete antigo dali. A entrada do apartamento ficaria imunda. Fiz uma nota mental para devolvê-lo ao posto. Mesmo que o “Bem- Vindo”

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

dele já estivesse sem o “B” e o “I”. Atravessei o pequeno corredor refletindo em como seria mais prático comprar outro. Quando entrei na sala, estanquei no lugar. Lá estava o meu pai sentado na cadeira reclinável, cercado por dois homens que mais pareciam armários. Tipo, enormes! Vestidos de preto da cabeça aos pés. Um era careca e muito pálido, o outro possuía cabelos amendoados despontando para todos os lados, ambos tinham o maxilar bem pronunciado tornando suas feições duras. No careca percebi olhos verdes e o outro eu não consegui ver, mas me pareceram escuros, talvez pretos, e por fim uma barba rala fechando com a expressão nada amigável. Os corpos de ambos mesmo com os ternos pareciam muros intransponíveis. Ombros muito largos, braços fortes e uma altura considerável. A única pergunta que

NACIONAIS - ACHERON

rondava a minha cabeça era: “De onde eles saíram?” Eu nunca tinha visto aquelas pessoas na vida, e mesmo que tivesse eu manteria distância com certeza. Todos na sala estavam com os olhos fixos em mim, meu pai com um olhar de medo e de desconforto, os outros dois já demonstravam expressões de reconhecimento.

— оha? “*É ela?*” — Falou o careca se virando para o seu companheiro, que me olhava especulando. A voz dele era grave e alta, fez com que um arrepio de medo perpassasse pelo meu corpo. Quando se virou novamente pra mim pude notar uma tatuagem que começava bem abaixo do seu queixo, parecia a cabeça de um dragão, não tive certeza porque o resto deveria estar escondido pelo terno.

—Я так думаю “*Eu acho que sim.*” —
NACIONAIS - ACHERON

Respondeu o cara número dois, com uma voz mais baixa, não sendo menos amedrontador. O que estava acontecendo aqui? Eu não entendia uma única palavra que era dita e isso já estava me irritando. Estava cansada, dolorida, precisando de uma cama e banho, porém quando chego em casa tem dois “armários” com ar ameaçador parados ao lado do meu pai, falando uma língua que eu nem faço ideia de qual seja. Havia uma boa chance de estar delirando de cansaço, e eu torcia para que fosse isso. A atenção de ambos se voltou para o meu pai.

- есть? “É?”

Meu pai que antes permanecia com a cabeça baixa dirigiu seu olhar para mim e tudo que havia ali era culpa e pesar. Meu Deus, o que estava acontecendo? Seria pedir muito que alguém me desse uma luz?

- ЭТО МОЯ ДОЧЬ “*Ela é minha filha.*” -

NACIONAIS - ACHERON

Respondeu com a voz trêmula e entrecortada. Desde quando meu pai falava aquela língua? Foi então que me lembrei que ele tinha descendência Russa. Eu achava que era algo distante, pensei que ele nem conhecesse a língua, mas aparentemente estava enganada. Estava completamente perdida ali. E se existia uma coisa que não gostava era de ser excluída das coisas. Principalmente quando elas pareciam me envolver.

— Pai, o que está acontecendo? Quem são eles? — Falei em tom baixo dirigindo toda a minha atenção para única pessoa que conhecia na sala. Comecei a ficar com medo do que tudo aquilo significava. Por que dois Russos — Provavelmente o que eles são — Estariam parados na minha sala, que por acaso nunca pareceu tão pequena?

— São mandados do Sr. Sovelev. —
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Respondeu sem me encarar. Se antes eu não entendia, nem preciso dizer que continuava sem entender, não é? Como se um nome que nunca ouvi fosse a resposta.

– Quem? – Perguntei aumentando o tom de voz, só para deixar bem aparente a minha consternação e desconforto com tudo aquilo. Será possível que ninguém pode dar uma resposta de verdade?

– E-e-ele... – Gaguejou suspirando logo em seguida. - Ele é o seu noivo.

Branco. Minha mente ficou toda em branco e eu queria que alguém parasse o mundo que eu queria descer. Noivo? Eu não tinha nem namorado! Aquilo só poderia ser uma espécie de brincadeira ou talvez estivesse sonhando! Isso, eu ainda estava no trem voltando para casa. Nunca pensei que eu pudesse ser tão criativa. Fechei meus

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

olhos, respirando fundo, quando eu abrisse os olhos novamente tudo estaria como sempre. 1...2...3! Abri e todos na sala me encaravam, os Russos como se eu fosse a coisa mais tediosa que eles já viram na vida e uma completa perda de tempo, já o meu pai estava esperando a hora que iria explodir, pois bem...

– O que? - Praticamente gritei. - Que loucura é essa?

Todos naquela sala estavam fazendo uso de substâncias ilegais e talvez eu tivesse consumido um pouco sem nem notar. Vagamente minha mente se perguntou se isso era possível.

– Não é nenhuma loucura. Você foi prometida como pagamento de uma dívida que a sua família tem com a família Sovelev. - O careca carrancudo falou em um

NACIONAIS - ACHERON

inglês arrastado e meio atrapalhado. Surpreendendo-me. Se eles podiam falar em inglês porque não o fizeram desde o início? Poderia ter reclamado sobre isso, mas estava muito ocupada analisando a palavra “Dívida”.

– Que dívida? Do que vocês estão falando? – Estava a ponto de explodir de verdade, porque quanto mais o tempo passava mais me convencia de que aquilo não se tratava de um sonho e que eu estava ferrada e nem sabia disso até o presente momento. Não me lembrava de dever nada a nenhum Russo, a não ser que ele fosse dono do banco do meu cartão de crédito, o que acho muito pouco provável.

– Incrível. Vinte e quatro anos para contar a ela e até hoje nenhuma palavra. - Agora quem falava era o outro, seu inglês era consideravelmente melhor. Porém ele

NACIONAIS - ACHERON

não se dirigia a mim, na verdade olhava com desaprovação para o meu pai. - Мой молодой “*Minha jovem*”... - Disse então dirigindo seu olhar para mim. - A sua família deve muito dinheiro aos Sovelev, o que deveria ser pago ou com o dinheiro, que o seu pai não tinha, ou com a morte do mesmo. Sem opções o seu pai optou por oferecer sua primogênita como pagamento.

Dívida da minha família? Pagamento? Aquilo era loucura! Meu pai jamais faria isso comigo. A família dele era russa, nunca os conheci, como agora eu seria entregue por uma dívida que não era minha? Pra bem da verdade, nem sabia o que responder, minha cabeça parecia flutuar.

— Estamos no séc. XXI não existe mais isso de casamento arranjado, vivemos num mundo livre. — Constatei. O que era algo óbvio. Isso, eu poderia contratar um

NACIONAIS - ACHERON

advogado, a justiça estaria do meu lado. Eu acho...

Ao olhar novamente para o meu pai, queria que ele se levantasse daquela cadeira e me dissesse que aquilo tudo não era verdade, mas nem me encarando ele estava. Senti as lágrimas nos meus olhos. Que espécie de vida era essa minha? Eu reclamava a poucos minutos dos meus mínimos problemas. Agora eu sei que me sentiria muito bem antes, só reclamando do tapete da entrada, com minha crise de profissão e com o tarado do neurologista. Caramba, agora eu tenho um noivo russo! E acabo de descobrir que na verdade não sou uma pessoa, sou uma espécie de talão de cheque, cartão de crédito, algo usado como um simples pagamento.

– O seu pai deu a palavra dele, há muito tempo. Você não tem opinião ou vontade

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nenhuma sobre isso, quem determina é ele, ou melhor, determinava... Porque agora você pertence ao Sr. Sovelev. - O careca falou se aproximando. Afastou o casaco do terno deixando que a arma que estava em sua cintura aparecesse. Engoli a seco. - Mas se você preferir matamos o seu pai aqui e a dívida será quitada. Sem sacrifícios... De sua parte.

A facilidade com que ele falava aquilo me fez ficar gelada da ponta do pé até o último fio de cabelo. Que tipo de pessoa fala em assassinar outra com tanta facilidade? Isso me fez ver que aquela não era uma primeira vez para ele e que em momento algum hesitaria em cumprir o que falou. Não havia o que pensar a decisão já estava tomada antes mesmo que eu nascesse. Olhei meu pai que permanecia calado, como uma pessoa que já havia se

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

rendido há muito tempo ao que o destino propunha.

– Como você pôde? – Deixei que as lágrimas corressem soltas pelo meu rosto, sem freios. Por que isso tinha que acontecer justamente comigo? - É a minha vida e você a entregou como se não significasse absolutamente nada.

O que mais doía de tudo era sentir o gosto da traição, coisa que eu nunca imaginei que viesse da pessoa mais próxima a mim. Da pessoa que deveria mais se importar comigo.

– Eu não tinha escolha. - Sussurrou. Como se isso justificasse tudo, aquilo era tamanho absurdo que era praticamente impossível de acreditar, mesmo que estivesse acontecendo diante dos meus olhos.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Sim, existia. Você poderia fazer qualquer coisa menos isso. - Estava tão magoada e chocada que essas palavras pareciam simplesmente não serem suficientes. O que aconteceria agora? Qual seria o meu futuro? Não fazia a mínima ideia. E pelas pessoas que o meu suposto noivo mandou para me buscar já podia deduzir muito sobre o que me esperava na Rússia.

— Eu sinto muito. — Aquele que se dizia meu pai tinha lágrimas nos olhos, assim como eu, contudo quem foi usado como moeda de troca não foi ele. Quem estava sendo arrancado da sua casa, sendo forçado a abandonar tudo não era ele! Era eu. Naquele momento me permiti dar uma risada que soou meio louca até para os meus ouvidos. E eu preocupada que houvesse algo errado com ele, pensando que era a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

falta da minha mãe ou algo pior. De fato, havia algo errado. A sorte parecia fugir a quilômetros por hora de mim.

Neguei lentamente com a cabeça. Deixando os nossos “convidados” totalmente de lado e me focando somente nele.

– Que pena. Agora isso não adianta de mais nada. – Sussurrei como se usar um tom mais alto fizesse com que o resto do meu mundo desabasse sobre minha cabeça.

Capítulo 2 – Um vôo nada esclarecedor

Olhei a minha volta, esperando que as persianas na janela da sala me descem uma resposta de como me livrar de tudo isso. Mas como já era de se esperar elas não responderam nada, o que é bom, pelo menos louca eu ainda não estou. Ainda não queria acreditar que tudo aquilo era real, que minha vida se resumia a ser uma garantia, ou mesmo, o talão de cheques da minha suposta família. Entretanto os dois homens ainda parados na minha sala não me deixavam fugir da realidade de tudo aquilo. Tudo parecia estar em seu devido lugar, menos a minha vida e minha cabeça. Na realidade o que eu queria fazer mesmo era me encolher como uma bola em um canto

qualquer e chorar. Meu pai não falava mais nada, apenas olhava com um olhar vazio para a janela, ele estava aceitando o fato de que não tinha mais volta para tudo aquilo. Isso doeu.

-Senhorita, não temos a noite inteira. O nosso trabalho é leva-la ainda hoje para o aeroporto. Quanto antes estiver na Rússia melhor. – O cara com o cabelo cobre parecia ser o mais calmo da dupla e o mais paciente, se é que posso falar isso. Ele olhava ansioso para a janela.

- Não posso tomar uma decisão dessas assim, de uma hora para a outra. – Falei apreensiva, estalando os dedos, um hábito que eu só me permitia quando muito nervosa, o que era o caso. – Tem que haver outro jeito. – Murmurei tentando pensar em alguma coisa. Estava completamente desesperada atrás de uma solução. Foi

NACIONAIS - ACHERON

quando ouvi uma risadinha que vinha do sofá no canto da sala, o careca. Nunca aquele sofá pareceu tão insignificante e minúsculo.

- Claro que você tem opções, na verdade, são 3. – Disse sinalizando com os dedos o número, e me senti encher de esperança. – Primeira: Matamos o seu pai e você, dívida quitada. De um modo bem prático em minha opinião. – Abaixou um dedo. E eu engoli em seco. – Segundo: Você consegue os cem milhões de dólares que a sua família deve ao meu patrão. E, terceira: Você para de me fazer perder tempo e vai logo pegar as suas malas e poderemos sair desse maldito país finalmente.

Estava estática. Ele novamente falou em nos matar e do modo que disse, para ele essa parecia ser a solução mais viável. E
NACIONAIS - ACHERON

aquela quantia de dinheiro? Onde iria conseguir todo aquele dinheiro? Nem que trabalhasse a vida inteira e a próxima geração, poderia pagar aquilo! Enfim, deixei que a minha esperança ruísse completamente.

-Então, senhorita Obolesky, o que vai ser? – Perguntou com um sorriso brincando no canto da sua boca. O cara de cabelos cobre que antes estava na janela balançou a cabeça em sinal negativo para o companheiro, como se não aprovasse o modo como ele estava agindo. O que o careca ignorou totalmente. – Não sou um homem muito paciente e meu patrão muito menos.

- Eu vou com vocês. – Firmei minha voz, não me permitindo gaguejar. Olhei para o meu pai que chorava em silêncio. Queria poder consola-lo mas ainda sentia a

NACIONAIS - ACHERON

magoa em mim e tinha certeza que começaria a chorar a qualquer momento.

Era o começo do meu fim. Aceitava isso se dessa forma pudesse manter o que resta da minha família a salvo. Não havia outras opções, nunca houve. Meu futuro pertencia a um homem que eu nem conhecia. Segui pelo corredor em silêncio até o meu quarto. A cama estava perfeitamente arrumada, com o conjunto de edredom rosa claro. A mesa que fica no canto estava bagunçada com os livros jogados abertos, passei direto em direção ao armário, puxando roupa atrás de roupa e jogando na cama. A mala preta ficava no fundo do armário, a puxei abrindo logo em seguida dobrando e colocando roupas dentro o mais rápido que conseguia e sem prestar atenção na tarefa que realizava, era algo automático. Por fim, olhei para a mesinha de cabeceira onde uma foto minha

PERIGOSAS

com a minha mãe descansava, ela tinha um sorriso enorme e me abraçava apertado, estava orgulhosa. E mesmo estando com aquela beca horrível, eu sorria por tê-la ao meu lado. Peguei a foto, colocando dentro da mala e voltei para sala onde a minha realidade me esperava.

Não liguei para ninguém, não pretendia me despedir ou explicar o que estava acontecendo. No decorrer dos anos, não fiz muitos amigos, apenas colegas de trabalho nada além. Na sala só quem estava presente era o meu pai.

- Onde eles estão? – Perguntei olhando em volta, e nada.

- Já estão esperando do lado de fora. – Afirmou sinalizando para porta. – Filha eu sinto muito. Quero que entenda que não havia outro jeito. – Ele soluçava baixinho.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Respirou fundo me olhando com os olhos vermelhos. – Eu te amo.

- Eu também te amo papai, por isso estou indo. – O abracei, mesmo que ainda sentisse uma pontada no peito de magoa e tristeza, no fim ele continuava sendo o meu pai e eu não sabia se teria outra oportunidade de vê-lo. Ele me segurou pelos ombros se afastando e me encarou.

- Tome cuidado, Ariel. Não tente nada estúpido que possa prejudica-la. Se cuide o máximo possível. – Respirou fundo. – Seu noivo não é qualquer pessoa.

- Ele é rico, eu sei. – Revirei os olhos para isso.

- Não é apenas isso. – Me repreendeu. – Ele é poderoso, rico, sim, mas...

Não deixei que ele terminasse.

- Até os homens mais ricos tem que
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

prestar contas com a justiça. – Foi quando uma ideia me surgiu. – Tenho certeza que esse contrato não é legal nem aqui, nem na Rússia.

- Ariel, preste atenção. – Murmurou. – Ele é a justiça, ele é a lei.

- Mas do que o senhor está falando?

- Não prestou atenção aos homens que vieram buscá-la a mando dele? – Balançou a cabeça em negativo como se estivesse respondendo a própria pergunta. - A família dele é poderosa e influente simplesmente porque eles fazem parte da liderança da máfia Russa.

Mas é claro que tinha que haver algo mais, como pude esquecer do pequeno detalhe das armas? Meu Deus! Senti o meu subconsciente dar um gritinho histérico e desmaiar, o que estava a ponto de acontecer

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

comigo fisicamente.

- Ele é um criminoso, é isso? – As palavras pareciam pesadas em minha boca.

- Eu só estou lhe avisando do que a espera daqui pra frente. Você é uma garota forte, vai saber o que fazer. – Discordei completamente, eu não sabia nem o que fazer agora! Imagino como será quando chegar lá.

- Deveria ter feito isso vinte e quatro anos atrás. Agora é tarde. – Murmurei me dirigindo em direção a porta da frente.

- Que Deus te abençoe minha filha. – Foi a última coisa que ouvi antes de bater à porta de casa. Desci os degraus das escadas lentamente puxando a mala comigo, minha mente estava completamente paralisada e em estado de choque. Na entrada do prédio um sedã preto e de vidro fumê me esperava

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

com a porta do passageiro já aberta. Caminhei até ela, sem olhar para trás, estava selando meu destino.

Um dia que havia começado normal, comigo tomando um café e saindo correndo para não chegar atrasada. Uma semana que tinha tudo para ser incrivelmente monótona, onde eu faria aula de dança no domingo e correria no central parque se minha preguiça me largasse. Nada disso iria acontecer. Simplesmente porque as decisões do que eu faria da minha vida não cabiam mais a mim. Bufeí com esse pensamento.

Nunca fui o tipo de garota que espera o príncipe encantado em um cavalo branco e que tenha uma linda conta bancaria. Na verdade, sempre quis algo pouco convencional, algo único. Porém, quando na minha ingenuidade eu me imaginaria viajando para a Rússia com o destino

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

traçado, e este era me casar com um mafioso! Nada normal. Isso passava e muito da minha cota de “pouco convencional”, era loucura. Em nenhum momento estive em minhas mãos o poder de escolha. Era apenas um jogo com cartas marcadas e o único que sabia o final era aquele que pagou pela minha vida, pelo meu destino.

Assim que entrei no carro não me permiti chorar compulsivamente como eu queria, apenas segui com a cabeça erguida. Quem estava ao meu lado era o cara de cabelos cor de cobre, enquanto o careca estava no banco da frente ao lado do motorista, eu agradei internamente por isso. Olhando pela janela do carro vi as ruas ainda movimentadas e as luzes todas acesas, para mim Nova Iorque era a cidade que nunca dormia. As pessoas caminhavam saindo de festas, pareciam tão centradas nas

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

suas vidas, me perguntei se eu era assim, se enquanto eu caminhava voltando do trabalho alguma moça foi levada para outro país como noiva de um mafioso... Pouco provável. Me sentia vazia, porque era como se de uma única vez tudo que tinha fosse arrancado de mim, e como uma criança pequena eu desejei que minha mãe estivesse ali para me proteger. Meu emprego, pelo qual tanto lutei e que agora iria largar sem nenhum aviso. Tudo parecia se juntar tornando cada pequena coisa um motivo para chorar.

Comecei a pensar nas coisas que poderia ter feito e não teria mais oportunidade. Deveria ter ficado com aquele enfermeiro gostoso, ou até mesmo ter dado uma chance aquele neurologista que vivia me dando bola. Poderia ter aproveitado mais aquelas festas

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que eu sempre me recusava a ir. Deveria ter enchido a cara pelo menos uma vez, em vez de não passar de duas doses de vodka. E minhas colegas de trabalho, aquelas que eu nunca mais voltaria a ver porque estaria morando na Rússia, casada, provavelmente, com algum velho babão que possuía uma barba quilométrica e cheirava a charuto. Estremeci só com o pensamento. Era castigo demais para apenas uma vida.

O tempo passou rápido e quando dei por mim o carro parou num lugar totalmente deserto – Nem sabia que lugares assim ainda existiam em Nova Iorque. – O que estava acontecendo? Não deveríamos estar no aeroporto? Os meus companheiros de viagem que se mantiveram calados durante todo o percurso, desceram e abriram a porta para que eu fizesse o mesmo. Foi quando me dei conta de que estávamos numa pista

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

de pouso particular e do nosso lado a poucos metros estava um jatinho todo preto, o primeiro que eu vi na vida e parecia estar a nossa espera. Foi quando um toque de celular me distraiu. O careca atendeu rapidamente:

- Господи да, мы с ним давайте снимем через несколько минут прямые масштабе. “Senhor... Sim, estamos com ela... Vamos decolar em poucos minutos... Escala direta.” – Puxou a manga do sobretudo que usava olhando para um relógio dourado que não pude ver direito. Sei que parece estranho más o fato de ser filha de um russo não me ajudou em nada com relação a língua. Não entendia uma palavra e pelo que vejo daqui para frente isso será um problema. Assim que desligou acenou para o que estava ao meu lado voltando a falar em inglês. –Vamos.

NACIONAIS - ACHERON

Se o jatinho já parecia luxuoso por fora, com sua cor preta lustrosa, por dentro é cem vezes mais. Sabe aquela lição que os pais dão de que o crime não compensa? O tipo de coisa que se aprende desde pequeno? Aquele mafioso russo parecia contrariar tudo isso. Por dentro o espaço era claro, com as poucas poltronas de passageiros de couro bege, separadas por pequenas mesas de madeira bem trabalhadas, som, DVD, vídeo game tudo isso disponível para os passageiros, fora as coisas que eu não estava vendo. Havia a nossa disposição o serviço de bordo também. Duas comissárias louras e de aparência perfeita nos seus terninhos e saias pretas. Os pilotos já deviam estar na cabine, então nós três tomamos nossos lugares. Optei por uma poltrona ao lado da janela, o sol já estava nascendo, os outros dois se sentaram afastados de mim,

provavelmente me dando um espaço. Depois disso o processo de decolagem foi rápido e prático. Quando já estávamos voando há uns 10 minutos, o de cabelos cor de amêndoas se aproximou.

- Caso a Srta. Deseje usar a toalete, fique à vontade. Acho que não deu tempo de... – Pareceu estudar as palavras. – Se preparar. – Olhei para mim mesma e ele estava certo, ainda estava com a roupa que fiz o plantão no hospital. Uma blusa social branca, uma calça jeans e uma sapatilha preta. – Ah, e se não quiser virar um sorvete sugiro que use roupas mais apropriadas para o frio.

Acenei que sim com a cabeça e observei ele se afastar pelo corredor em direção a cabine dos pilotos. Peguei minha bagagem de mão onde deveria haver alguma coisa para frio e segui pelo pequeno corredor em

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

busca da toalete, passando direto pelo careca mal-humorado que me ignorava totalmente. No fim, o banheiro era mais aconchegante do que o de qualquer avião que eu tenha entrado, tudo bem que a classe econômica não possuía parâmetro de comparação com um jatinho. Havia um box de vidro, a pequena pia de mármore branco e o grande espelho em moldura dourada, muito superior ao que estava habituada.

Enfim, tomei um banho relativamente rápido e me vesti seguindo o conselho do russo menos rabugento que viajava comigo, optei por um casaco de gola rolê branco, uma calça jeans clara junto com os sapatos que usava antes, apenas por precaução deixei o sobretudo preto e as luvas marrons separados fora da bolsa. Agradecendo internamente por esse antigo costume de levar um conjunto de roupas na bagagem de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mão. Voltei para o meu acento e me acomodei bem com a manta que deixaram dobrada ali. Acabei pegando no sono, um sem sonhos, sem tristeza, apenas fechei os olhos. Não queria pensar em mais nada, não agora.

Depois de um tempo que me pareceu ser curto, despertei com meu braço sendo sacudido delicadamente.

- Acorde. - Falou a pessoa do meu lado.

- Já chegamos? – Perguntei com a voz rouca de sono e sem conseguir me localizar direito. O ser delicado que me acordava era o careca, e isso me surpreendeu já que eu achava que ele queria distancia de mim, quase como se eu tivesse lepra e sem contar no fato de que havia sido educado.

- Ainda não, mas você precisa comer alguma coisa. – Resmungou empurrando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

uma bandeja com maçã, torradas e suco de laranja em minha direção. Estava realmente com fome.

- Obrigada. – Disse pegando o suco e tomando um grande gole. Ele ficou sentado do meu lado fitando o vazio, vi nesse momento a oportunidade de adquirir informações, portanto comecei pelo mais simples. – Como é o seu nome?

Peguei uma torrada e mordi observando ele sentado ao meu lado.

- Alexander. – Respondeu rapidamente sem olhar na minha direção deixando claro que não queria puxar papo, mesmo assim perguntei:

- E do seu amigo? – Comi outra torrada com suco, deixando a maçã por último.

- Ele não é meu amigo, é meu colega de profissão. No meu ramo não se é muito

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

recomendado ter amizades, ou laços afetivos, moça. Contudo, respondendo a sua pergunta o nome dele é Marcus.

- Por que não pode ter amigos? – Estava genuinamente curiosa, porque claro, não era comum pra mim conhecer mafiosos, ou empregados deles, por fim dava no mesmo. Eram todos perigosos. Ele tamborilou os dedos na mesinha na nossa frente me permitindo ver pela primeira vez as tatuagens que ele tinha nos dedos da mão direita, em cada um havia uma caveira, não era uma tatuagem bem feita e se possível, isso tornava cada uma mais macabra do que a outra.

- Chega de perguntas. A única coisa que precisa saber é que trabalhamos para o seu futuro marido e ele nos mandou para buscá-la. Só. – Sorriu friamente se levantando me deixando na companhia da minha bandeja

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

quase vazia restando apenas a maçã, que passei a comer lentamente.

Decidi me manter calada e no meu canto, durante a maior parte do tempo em que observei, meus companheiros de viagem andavam pelo avião poucas vezes parando quietos, então me limitei a avaliá-los discretamente. Marcus o careca, era alto e tinha o porte de um tronco de árvore, os olhos eram de um verde escuro e pareciam estar atentos a tudo. Juntando tudo isso em um conjunto eu o colocaria com certeza na categoria, estritamente perigoso e assustador. Já Alexander tinha a mesma altura de Marcus, porém o corpo era mais esguio e dava uma impressão de ser mais ágil, mesmo que para os meus padrões ele também fosse enorme, os cabelos em tom de cobre despontavam para todos os lados como se não tivessem sido penteados, os

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

olhos eram de fato pretos como pude constatar e apesar de ter uma expressão mais amena, não deixando de aparentar perigo. Sendo bastante sincera ambos eram bonitos, até que você prestasse bem atenção nos detalhes, como as tatuagens macabras nos dedos de Marcus, a de dragão que ele deveria ter no peito, mas que a gola da camisa em V só deixava ver a cabeça, ou até mesmo as de Alexander que pude perceber quando puxou a manga da camisa social preta acima do cotovelo, uma serie de correntes e arames farpados envolvendo seu braço do pulso e indo além do que me era permitido ver. Por fim, os seus olhos, ambos tinham olhos que pareciam sem vida. Eles exalavam uma áurea de crueldade, de arriscado. O tipo de coisa que facilmente afastaria uma garota frágil e medrosa. Mesmo sem querer admitir, no momento, eu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

era ambas as coisas.

Encostei minha cabeça na janela ao meu lado e acabei caindo no sono novamente, tudo aquilo me esgotou tanto fisicamente quanto psicologicamente. Porém antes disso me peguei pensando se meu futuro marido era como aqueles homens, ou seria diferente? Ele já deveria ter uma idade mais avançada ou não? A posição que ocupava parecia ser superior e os homens que viajavam comigo demonstravam respeito por ele, talvez até medo. Eu só desejava que não fosse tão ruim quanto eu imaginava, ou que quem sabe pudéssemos entrar em um acordo? Com esses pensamentos conflituosos me permiti cair na inconsciência deixando bem claro pra mim mesma que aquele voo não ajudou a diminuir em nada as minhas dúvidas, foi justamente o oposto disso.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 3 – Cartas na mesa

Quando eu achava que não aguentaria passar mais nem um segundo dentro daquele avião, a turbulência leve indica que estamos pousando, assim como o sinal de que devemos colocar os cintos. Depois de o que? Dezoito horas de vôo? Provavelmente, ou bem perto disso. Olhei pela pequena janela do avião, mas só o que vi foi uma densa neblina, como o piloto conseguia ver alguma coisa? O leve impacto dos pneus com o solo foi a deixa perfeita para o meu estômago gelar. Depois de alguns minutos fomos liberados para desembarcar, os meus companheiros sempre na frente, como se fossem um muro entre mim e o mundo a minha volta. Assim que descii fui acertada em cheio pelo frio, me encolhendo mais no

PERIGOSAS

sobretudo. Havia muita neve, por todos os cantos, claro que eu já tinha visto isso em Nova Iorque, entretanto aqui ela cobria tudo, era apenas um manto branco até onde a vista alcança. Ainda tremia levemente por baixo do sobretudo e das luvas. Um rolls royce todo preto nos esperava um pouco mais à frente do jatinho, Alexander entrou primeiro, sentando ao lado do motorista e Marcus abriu a porta do passageiro para que eu entrasse e logo depois se acomodando ao meu lado. Pensei que o meu suposto noivo estaria me esperando na pista de pouso – Porque aparentemente para eles os aeroportos não eram necessários. – Mas não, claro que não. Sentia a curiosidade e o medo me corroerem por dentro, detestava não saber o que esperar e tendia principalmente a pensar no pior. Definitivamente meu estado não era dos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

melhores. Ignorando tudo a minha volta, tipo o carro altamente luxuoso e o caminho que estávamos tomando, preferi ficar mexendo meus dedos nervosamente e pensar em besteiras. Como: Que dia era hoje? Quando desci do avião o céu estava relativamente escuro, como se fosse muito cedo, ou muito tarde.

O trajeto de carro não foi tão demorado, e eu praticamente não vi nada dos lugares onde passamos. Paramos em frente a um enorme portão de ferro batido negro, nele havia uma espécie de brasão, um “S” dourado, com serpentes se entrelaçando nele, era lindo... E assustador. Em alguns segundos os portões se abriram sozinhos sem fazer nenhum barulho e o carro seguiu por um caminho de pedras, não via muito porque as enormes árvores cobertas de neve não deixavam, e por fim mais na frente

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

estava uma mansão que mais parecia um castelo medieval. Uma fachada de pedras, várias janelas e uma enorme porta de madeira, claro sem deixar de mencionar as torres. Tudo isso junto ao manto de neve que cobria boa parte dos degraus da escadaria, das árvores e das estatuas espalhadas pela entrada, deixavam um ar gótico envolvendo todo o lugar. Era difícil acreditar que aquilo tudo era fruto da máfia. Era perfeito, o cenário para um conto de fadas, porém para mim mais parecia uma história de terror.

O carro parou em frente a pequena escadaria da mansão onde uma senhora encolhida em seu casaco marrom e com um coque com alguns fios soltos, provavelmente por causa do vento constante, esperava parada com uma postura séria, contudo assim que desci do carro ela

NACIONAIS - ACHERON

abriu um tímido sorriso que eu correspon-di. Esperei por Marcus e Alexander, eles foram comigo até a senhora. Agora mais de perto dava para notar, o quão baixinha e gordinha ela era. Seu rosto tinha um formato redondo com bochechas rosadas, olhos pequenos e de uma cor mel e uma boca incrivelmente pequena, seu cabelo não era totalmente branco, estava mais para um cinza escuro. Gostei dela instantaneamente.

— Olívia, это Ariel. Где Господь Sovelev? “*Olívia, está é Ariel. Onde está o Sr. Sovelev?*” — Nem preciso dizer que de tudo que Marcus falou eu só entendi o meu nome e provavelmente o nome da senhora na minha frente. - Она не говорят на русском. “*Ela não fala Russo.*” — Falou indicando para mim. Nesse momento ele poderia ter me xingado, falado mal da minha mãe e... Eu não entendi nada. A

senhora me dirigiu mais um pequeno sorriso e falando em seguida em um inglês fluente:

- O Sr. os espera no escritório. – Ótimo! Pelo menos alguém ali falava a minha língua e aparentemente estava do meu lado. Marcus pediu, melhor, mandou que eu o seguisse. Abriu rapidamente a enorme porta de madeira da mansão que não fez nenhum barulho, olhando de relance para trás notei que a senhora, que acho se chama Olívia, nos seguia um pouco atrás. Entramos numa sala de recepção, aparentemente, enorme, tinha duas poltronas em tom de vinho que ficavam em lados opostos de uma lareira, no chão um tapete persa combinava com o ambiente todo em cores escuras, do chão ao teto, pequenos candelabros em cima da lareira e quadros que não pude avaliar devidamente porque Alexander pigarreou para chamar minha atenção. Ignorando a

PERIGOSAS

enorme escada do outro lado da sala, seguimos por um corredor comprido e espaçoso, que diferente do piso da sala que era um assoalho escuro, este era coberto por um tapete azul marinho e nas paredes não havia nenhuma pintura ou decoração. No fim do corredor estava uma porta de madeira tão grande quanto a da entrada da casa e nela fora entalhada o enorme brasão que tinha visto no portão antes de entrar, só que nessa porta as cobras pareciam mais bem detalhadas e ambas olhavam para mim. Cristo, estou começando a ver coisas isso não pode ser bom. Tenho que me manter calma e centrada para quem sabe conseguir um acordo com o mafioso que provavelmente estava do outro lado daquela porta. Marcus foi até lá e bateu levemente, contudo o som parecia alto naquele corredor silencioso. Olhei para trás e Olívia não

NACIONAIS - ACHERON

estava mais ali.

— между. “*Entrem.*” - Uma voz levemente rouca e baixa respondeu lá de dentro, não me pareceu a de um velho fumante. Mesmo assim estremeci, porque senti gelar por dentro, acho que pela primeira vez na vida entendi o que as pessoas queriam dizer com: “Gelar a espinha”. Marcus abriu a porta e deu espaço para que entrássemos na frente, covarde, se bem que quem tinha algo a temer aqui era eu. Entramos numa espécie de escritório/ biblioteca, o lugar mantinha os tons escuros do resto da mansão, o piso era um assoalho de madeira escuro que também era coberto por um tapete persa, as duas paredes do lado esquerdo e direito tinha estantes de livros enormes do teto ao chão, no canto estava uma janela grande coberta por uma cortina em verde musgo e

bordada na ponta em dourado. No centro do lugar estava uma mesa de carvalho grande estilo “poderoso chefão” e sentado atrás dela numa cadeira de couro preta estava um homem concentrado em alguns papéis que estavam em suas mãos, não se dignando nem a levantar a cabeça para nos receber. Bem vestido num terno cinza escuro, que aparentemente lhe caia perfeitamente, ombros largos e musculoso, isso porque eu não podia vê-lo inteiro, mas por fim numa conclusão superficial, ele definitivamente não era um velho fedorento e fumante, na verdade com toda certeza estava no rancking de homens mais bonitos que já tinha visto, possivelmente na primeira posição.

De repente soltou os papéis que lia com tanta atenção de qualquer jeito sobre a mesa e me encarou ignorando os dois homens

PERIGOSAS

atrás de mim, e caramba, que olhos! Eram incrivelmente azuis, não o tipo claro, mas escuros e perdi completamente a noção de espaço, não havia qualquer tipo de brilho no seu olhar, eles eram sombrios, o tipo de olhar que um psicopata teria para suas vítimas? Não sei, nunca vi isso, graças a Deus! Mas se os seriais killers tinham aquele olhar eu sou uma espécie de doente por achar extremamente sexy o daquele homem. Lembro que defini Marcus e Alexander como lindos, mas perigosos, o tipo que faria qualquer mulher correr longe depois de analisa-los bem, o cara na minha frente com toda certeza era pior, na verdade imediatamente senti vontade de correr para o Japão ou qualquer canto mais longe.

- Оставить. “*Saiam.*” – Sinalizou com a mão para a porta e em menos de três segundos não havia qualquer vestígio da

NACIONAIS - ACHERON

presença de Marcus e Alexander, instantaneamente quis gritar: “Voltem! Tenho mais medo dele do que de vocês.” E olhe que ele nem me mostrou nenhuma arma, ainda. Lá estava eu, sozinha com o deus grego, provavelmente o Hades ou o Ares qualquer um dos dois se encaixaria muito bem para o papel, e não sabia o que falar. Sabe, nunca ninguém me deu nenhuma dica do tipo, o que dizer para seu noivo que você desconhecia a existência e ainda por cima é um mafioso russo? “Oi, tudo bom?” Parecia até piadinha de mau gosto. - сделал хорошую поездку Ariel?

Minha cara de paisagem deve ter sido sinal suficiente de que não entendi uma palavra do que ele disse, a não ser meu nome, e mesmo esse parecia diferente no sotaque dele, contudo falei:

– Desculpe, mas eu não falo nada de
NACIONAIS - ACHERON

russo. Nem uma sílaba. - Nem sei por que pedi desculpas, em definitivo que não tinha culpa de estar num país estranho e com uma língua que nunca ouvi. Não pareceu estar surpreso com a minha resposta.

- Oh... – Se levantou lentamente e deu a volta na mesa parando em frente a mim e controlei minha vontade de dar um passo atrás, não por medo, mas sim para poder olha-lo melhor. Sim, o terno com a camisa social branca e a gravata preta eram feitos sob medida para ele, isso mais o rosto perfeitamente anguloso com maxilar bem pronunciado, a barba curta e bem-feita, uma boca fina com o lábio inferior um pouco maior que o superior e por fim o cabelo de um louro escuro. Alguém precisava criar palavras melhores que “bonito” e “lindo”, porque ambas parecem muito simples para definir esse cara. - Perguntei se tinha feito

uma boa viagem.

Inglês perfeito o que me fez acreditar que só falou em Russo para tirar uma com a minha pessoa, e que espécie de pergunta era aquela? Provavelmente não deveria dizer que se dependesse de mim nunca estaria aqui hoje.

- Hãn... – Estudei uma forma de responder e optei por continuar de boca fechada, poderia sim ficar pior. – Sim.

- Meu nome é Ian Sovelev. Foi com meu pai que o seu fez o acordo vários anos atrás, creio que já esteja ciente. – Mais uma opinião sobre o, agora, Sovelev. Ele é soberbo em sua forma de falar. Tratava tudo aquilo como um acordo de negócios, no lugar dele deveria ser fácil, a mercadoria era eu.

- Tive pouco tempo para digerir as

PERIGOSAS

informações. – Murmurei o encarando. – Mas acho que entendi o suficiente. Não há outro jeito.

Joguei verde e ele pareceu perceber já que deu um tipo de meio sorriso, se é que posso chamar aquilo de sorriso, era mais para escárnio puro.

- Não há outro jeito. E é ótimo que esteja ciente disso, assim não perco mais meu tempo. – O que tem de bonito, tem de irritante. Acabou a mágica. – Veja, não tinha nenhuma intensão de me casar, entretanto, ao contrário de outros, minha família cumpre com a palavra... – Impressão minha ou ele estava falando da minha descendência? – Até porque não me casaria com uma mestiça americana senão fosse por esse acordo.

Me avaliou com o olhar como se fosse

NACIONAIS - ACHERON

uma criatura inferior a ele. Palhaço. Me conhecia a menos de cinco minutos e já ofendeu minha família, meu país e minha pessoa. Perdi a paciência.

- Também não estava nos meus planos me casar com um russo arrogante e deixar tudo que eu conheço para trás, mas sabe, essa é a vida. Se quiser pode me mandar de volta, nem faço questão. – Sorri docemente sendo irônica. O seu semblante se fechou ainda mais, tão amargo que a beleza foi para o espaço.

- Vai descobrir cedo que não sou um homem muito paciente, Senhorita Obolesky. Não tolero desobediência. – Olhou rapidamente o seu relógio de pulso, logo voltando sua atenção para mim. – Sugiro que vá arrumar suas malas no seu quarto provisório. Pretendo no fim dessa semana assinar os papéis da nossa união. – Era um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

aviso, não um pedido. Me assustei com a probabilidade de tudo ser organizado tão depressa.

- Mas, tão cedo assim porquê? – Estava claro em minha voz a nota de desespero. O projeto de sorriso que me lançou foi tão sádico e frio que senti minhas mãos soarem e o frio me percorrer a espinha novamente.

- Porque eu quero. – Sabe aquilo de deus grego? Esquece. Ele era a personificação da arrogância e isso ficou tão claro nesses poucos minutos que passei ali que não podia imagina-lo de outro jeito.

- Você é sempre arrogante assim ou esse é um privilégio meu? – Minha língua solta não sabia limites e internamente eu me punia, com algo do tipo: “Ele tem armas sua maluca! E com toda certeza sabe usa-las. ” Seus olhos sobre mim não mostravam

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nenhuma surpresa, mas a sobrancelha levemente arqueada indicava que o Todo poderoso ali não esperava uma resposta como aquela.

- Não viu nada ainda, Ariel. – Pronunciou meu nome pausadamente com o desprezo fluando no ar em cada sílaba. Acenou para porta num claro sinal para que me retirasse. Como não queria mais ficar na presença dele caminhei a passos rápidos até ela e me retirei. Antes que pudesse soltar um suspiro de alívio, ou um gritinho de raiva. Notei que parada ao meu lado estava Olívia numa postura profissional, mas mesmo assim me lançou um pequeno sorriso. As cartas foram postas na mesa, conheci o homem a quem fui prometida em casamento e não poderia sentir mais vontade de atropela-lo com um caminhão do que agora. Então, que comece o pesadelo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 4 – Adaptação

Depois de ter sido praticamente expulsa do escritório, me dispus a seguir Olívia pelos diversos corredores da mansão no intuito de arrumar minhas malas. Se me fosse dada a missão de encontrar o quarto sozinha com toda certeza estaria perdida. Parei em frente a uma das portas no enorme corredor, com um sorriso contido a minha acompanhante deu espaço para que eu mesma a abrisse. Senti que meu queixo teria ido ao chão com aquela imagem, certo que observando o luxo da mansão até agora tudo empregava uma ideia constante de requinte e poder, mas aquele lugar era lindo e surpreendente. Ao chegar onde eu ficaria, parecia ser o quarto de um hotel cinco estrelas. A cama king Size coberta com um

edredom verde esmeralda e bordados dourados em todo seu comprimento, quatro almofadas e dois travesseiros creme complementavam o conjunto. No criado-mudo ao lado estava um abajur clássico e extremamente delicado. Um tapete branco e felpudo cobria grande parte do quarto, e instantaneamente senti vontade de passar os meus pés descalços por ele. A iluminação ali era pouca porque a cortina dourada estava fechada, caminhei até ela abrindo para uma grande janela com visão de toda a parte da frente do jardim. Duas portas no outro extremo do quarto estavam fechadas e de frente a grande janela estava uma poltrona bege confeccionada em uma madeira clara que combinava perfeitamente com a decoração clássica e delicada do quarto.

Encostadas na parede e esperando para

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

serem abertas estavam minhas malas incrivelmente simples para aquele tipo de lugar. Sob muito protesto consegui fazer Olívia me deixar arrumar a mala grande com ela, preferi deixar a de mão intacta já que não via nenhuma necessidade de usar qualquer uma das coisas que havia nela naquele momento. Depois de alguns minutos corridos tudo estava em seu devido lugar – Uma das portas que antes estava fechada resultava num incrível closet, e minhas roupas não ocuparam nem mesmo metade de um dos lados. – Supondo que seria uma espécie de gentileza, fui deixada por um tempo com meus pensamentos. Achei que nesse momento de quietude eu finalmente poderia ter minha crise nervosa me jogar no chão e espernear, mas não foi isso que fiz. Sentei na poltrona e encolhi minhas pernas para abraçar meus joelhos,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

olhando o jardim apenas me peguei imaginando se meu pai – A minha única família. – Estaria bem naquele momento.

Suspirei me levantando e me livrando desses pensamentos para que outros o ocupassem como: Eu vou dormir no mesmo quarto que Ian Sovelev! Desespero bateu e cai sentada na cadeira de novo, isso não está certo, ele pode mudar de ideia e me deixar ficar nesse quarto mesmo. Meu otimismo chega a ser estúpido em determinados momentos. Me levantei e segui para fora do quarto e no enorme corredor me deparei com a gigantesca verdade de que não sabia para onde ir, contudo qualquer coisa é melhor do que ficar só com meus pensamentos. Então, vou conhecer meu novo lar.

Depois de percorrer o corredor e descer as escadas, caminhei passando por inúmeras

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

portas fechadas, abri algumas descobrindo por exemplo: uma sala de visitas que se dividia em duas partes, de um dos lados os sofás e poltronas confortáveis em tons de vinho e creme, com uma mesinha de centro em vidro e madeira trabalhada, do outro um comprido sofá bege repleto de almofadas pretas estava de frente a uma TV gigantesca na parede, nas janelas cortinas brancas transparentes. Com um movimento delicado fechei a porta. Mais à frente encontrei uma sala de jantar colossal, sério, se o Senhor Sovelev morava sozinho ali, para que ter uma mesa daquele tamanho?! Decidida voltei ao meu pequeno passeio com mais um item para minha lista recém-inaugurada de “Defeitos que Ian Sovelev tem”, ostentação. Não sei se posso classificar desse modo, mas bem, eu o detesto, então sim, posso.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Cansei de ficar dentro da casa, porque de certo modo aquilo tudo me deixava oprimida. Parecia que cada detalhe dali gritava a verdadeira bagunça que era a minha vida e tenho certeza que não consigo lidar com o processamento de todas as informações que me foram dadas até o momento. Acabei optando por dar uma volta pelo jardim da mansão. O terreno do lugar se estendia além do que a minha vista alcançava e apesar de grande parte estar coberta de gelo, não deixava de ser uma das coisas mais fantásticas que vi na vida. As árvores grandes tinham as poucas folhas que lhe restavam num tom de verde fechado, o que supostamente antes do inverno era um canteiro de rosas só tinha as pontas de pequenos galhos despontando sobre o enorme manto branco.

Me aconchegando melhor em meu
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sobretudo, desci a escadaria principal andando pelo caminho de trilha do jardim. Vi o portão principal por onde entrei vigiado por seguranças, além dos que caminhavam despercebidos pelo jardim e pareciam me ignorar totalmente, agradei internamente por isso. Caminhando um pouco mais notei que dispostos em intervalos iguais havia bancos de ferro e moldado neles o mesmo brasão do portão de entrada. Entretanto, o que mais me chamava atenção eram as estátuas de mármore bem detalhadas, entre tantas a que mais me chamou atenção foi a que ficava num canto meio que escondido do jardim, era um anjo ajoelhado que tinha as mãos em concha próximas do rosto que se retorcia em sofrimento, como que segurando as supostas lágrimas que corriam. Não sei quanto tempo exatamente fiquei admirando aquela arte, só

NACIONAIS - ACHERON

notei que meus dedos começavam a ficar rígidos e o frio passou a me incomodar realmente.

Com passos rápidos voltei para a mansão e assim que entrei senti o calor me abraçar gentilmente, antes que pudesse decidir o que fazer em seguida Olívia veio até mim e com certa sutileza, que eu tenho certeza que o Sr. Sovelev não usou, me informou que ele solicitava minha presença no jantar pontualmente as sete e meia. Depressa olhei para o relógio banhado a ouro bastante simples que eu tinha no pulso, mas este ainda estava no horário de Nova Iorque, fiz uma careta.

- Não se preocupe Senhora. Tem ainda uma hora para estar pronta. — Ela me tranquilizou e não tive como evitar lhe sorrir gentilmente antes de seguir para o quarto. Tudo que eu menos queria era

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

arrumar mais problemas com Ian Sovelev. Já no quarto fui tirando as roupas de uma forma até meio desajeitada e colocando-as sobre a cama. Descobri que na porta da direita ficava um banheiro todo em tons de branco e creme, banheira de hidromassagem, boxer em vidro, toalhas dobradas perfeitamente na bancada e um espelho que refletia todo o ambiente. Mesmo querendo estudar melhor aquilo tudo sabia que não tinha muito tempo, então optei por uma ducha quente e aproveitei os minutos em que a água tirava qualquer sensação de frio que me restasse e claro, o cheiro de casa que o meu sabonete de frutas vermelhas trazia. Sempre acreditei que um bom banho fazia os problemas desaparecerem, infelizmente não mais. Me enrolei em uma das toalhas brancas que eram tão macias de encontro a pele.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Vesti uma calça jeans escura, um casaco de tricô cinza e por fim uma sapatilha preta simples. Me virei para o amplo espelho e ali vi refletida a mesma imagem que via todas as manhãs em casa, não sei bem o que esperava, talvez que minha aparência tivesse envelhecido dez anos com os últimos acontecimentos, todavia as coisas estavam em seus devidos lugares. Cabelos longos, incrivelmente negros e com algumas ondas nas pontas, pele clara, mas que sempre ficava corada com demasiada facilidade e os olhos verdes emoldurados por enormes cílios pareciam um pouco adormecidos e sombrios. Balancei a cabeça expulsando qualquer ideia de que eu pudesse estar mudando, sempre fui forte e determinada, sei lidar com problemas, muito embora nunca me imaginei casando com um mafioso, e vivendo na Rússia.

NACIONAIS - ACHERON

Estou longe de descobrir um ponto positivo nisso tudo. Escovei vigorosamente meu cabelo e o prendi num rabo de cavalo e estava pronta, como de costume.

Quando desci Olívia já estava à minha espera para me guiar até a sala de jantar que tinha visto mais cedo. Sentado na cabeceira da mesa estava o dono da casa. Se mantinha vestido como quando o vi mais cedo e não se dignou a nem mesmo levantar o olhar quando entrei, normal. Mal tive tempo de me sentar – O mais distante dele possível – e sua voz baixa e fria se pronunciou:

- Está atrasada. Eu disse sete e meia em ponto, Olívia não lhe avisou? – Não sei ao certo, mas acho que tudo que ele faz é bem estudado para me irritar profundamente, e no topo da lista está essa arrogância toda. Do fundo da minha alma não queria casar com esse homem. Respirei fundo e para

NACIONAIS - ACHERON

evitar um desastre a mesa respondi:

- Ela avisou, só que demorei um pouco mais no banho. — Na sua mão esquerda segurou um copinho com um liquido transparente, que supus ser vodka o levando até a boca. Suspirei, e pensar que ele seria o tipo de homem que me faria parar na rua para ficar admirando. Bonito, contudo, com o caráter podre. Os incríveis olhos azuis pousaram sobre mim e eles não tinham brilho algum, vazios.

- Que isso não volte a acontecer. — Dito isso acenou com a mão para que a empregada que estava encostada na parede do outro lado da sala viesse servi-lo. Bufei baixinho. Escondendo minha vergonha, nem havia notado que tínhamos companhia. Olhei para o prato de entrada a minha frente e eu não fazia ideia do que era. Sutilmente Olívia chegou ao meu lado com a desculpa

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

de me servir vinho e sussurrou o que era o prato - Que para mim parecia uma tortinha. - Tartelete com Patê de Salmão Defumado e Caviar Vermelho, e assim se seguiu todo o jantar com ela me informando o nome dos pratos; Estrogonofe como principal e pôr fim a sobremesa, Strudel de maçã com calda e sorvete de creme, este último o Sr. Frio dispensou.

O jantar tinha seguido em um silêncio absoluto acompanhado com uma troca de olhares frios de ambas as partes. Assim que terminei me retirei com a permissão do meu “noivo”, a palavra vinha banhada de sarcasmo na minha mente. Fui para o quarto já sentindo o peso da exaustão por todo o meu corpo, uma viagem longa, a conversa cheia de tensão na biblioteca, o meu pequeno passeio e por fim um jantar com o Sr. Frio, sim achei o apelido perfeito, essa

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

gama de atividades não é para qualquer um. Troquei minha roupa por um moletom antigo da universidade e por fim me decidi por fechar a cortina da janela. Com uma última olhada para o jardim, iluminado por inúmeras luminárias poderia dizer que ele tem uma beleza fria, injetada, sombria, misteriosa e... Fascinante, assim como o dono. Com rapidez empurrei esse pensamento para as profundezas da minha mente na esperança de que ele nunca volte. Então me joguei na cama macia me envolvendo com o cobertor. Era uma difícil adaptação.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 5 – Apenas assinando um contrato

Durante a madrugada acordei duas vezes, provavelmente por conta do fuso horário e isso apenas complementou minha já gigantesca exaustão. Quando acordei com a luz do sol atravessando a pequena brecha da cortina desejei dormir por pelo menos mais mil anos. Virei de um lado para o outro na cama procurando uma posição para voltar a dormir e por consequência um pretexto para não ver o rosto do Sr. Frio e todo aquele universo novo que me cercava, de olhos fechados tudo poderia não passar de um sonho ruim. Estendi a mão por baixo do travesseiro com o objetivo de pegar meu celular e ver as horas, mas ao tocar o vazio minha mente clareou lembrando-me de um

NACIONAIS - ACHERON

pequeno detalhe: A minha bolsa com o celular e todos os meus documentos tinha ficado em Nova Iorque! Ou seja, eu não existia, fora daquela mansão seria vista como uma imigrante ilegal. Gemi escondendo meu rosto entre as mãos.

Sabendo que não poderia mais enrolar, reuni todas as minhas forças e levantei. Depois de um longo banho e de escovar os dentes fui me vestir. Optando por uma camiseta rosa, um casaco cinza, calça preta e o all star branco. Me olhando no espelho eu parecia uma criança, “*Bom, quem sabe assim a fera não me poupa.*” Pensei. Quando desci, ao contrário do que imaginei não teria a companhia do meu incrível noivo, nem de ninguém aparentemente. A mesa foi posta para mim e me surpreendi por ser um típico café americano – Bacon, ovos, panqueca ente várias outras coisas. –

PERIGOSAS

Olívia, não estava entre os empregados que me serviram e pelo que me pareceu todos ali, fora ela, eram mudos, ou mais provavelmente, não queriam se dirigir a mim. Comi lentamente imaginando como faria para falar com meu pai e saber como ele estava, mesmo depois de toda essa confusão era minha obrigação cuidar dele.

Decidi caminhar mais pela mansão já que não teria outra coisa para fazer, e no caso eu passaria alguns dias para decorar todos os lugares que tinham ali. O que me chamou atenção assim que me concentrei na minha tarefa de exploradora foi que mesmo sendo uma casa tradicional, ou seja, da família a muito tempo, em nenhum espaço ali haviam fotografias de familiares ou qualquer coisa do tipo, a bem da verdade não tinha absolutamente nada, tudo se resumia a várias obras de arte, lindas porem

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

totalmente impessoais. Fora a incrível coleção de livros do escritório ainda existia uma biblioteca bem maior no andar superior, com estantes do chão ao teto, um divã de couro num tom vinho, a única janela do lugar era pequena e comprida fazendo desnecessário o uso de cortinas, o que me encantou ali – Fora a enorme variedade de títulos em outras línguas. – Foi o mapa da Rússia antiga que tomava boa parte da parede principal. Levei um tempinho tentando entender os significados dos desenhos, principalmente por não fazer ideia de como ler russo. Fui a cozinha da mansão também, era enorme e com muitas pessoas trabalhando por ali. Se bem que não deu para ver muita coisa já que Olívia surgiu como uma aparição na minha frente e com toda delicadeza do mundo me expulsou dali.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Algumas portas da casa estavam muito bem trancadas, num intuito claro de me manter distante, tudo ali era um mistério incluindo o proprietário da casa. Geralmente eu tinha o talento de ler as pessoas, apenas olhando nos seus olhos. Minha mãe que havia me ensinado isso, ela costumava dizer: “A alma das pessoas está escrita em seus olhos. ” Acredito plenamente nisso, mas com o Senhor Sovelev essa técnica não funciona, simplesmente não consigo ver através dele, deve ser porque não existe nada por trás daquele muro sólido e indestrutível, o homem e seu muro de gelo. O que não entendia e não entrava na minha cabeça era o porquê dele querer se casar comigo, obviamente ele poderia ter qualquer mulher no mundo, rico, bonito, - tem uma personalidade duvidosa e um emprego mais ainda, porém isso não é

NACIONAIS - ACHERON

exatamente o tipo de coisa que faria uma mulher interesseira desistir. – Então, eu como uma simples médica recém-formada – Que possivelmente perdeu o estágio dos sonhos. – Não entendia, de jeito nenhum, essa sua vontade de ter a mim como esposa, a não ser, que houvesse algo mais por trás disso.

Minha curiosidade me perseguiu e inquietou durante todo o dia e durante todas aquelas horas não existiu sinal de Ian Sovelev na mansão. Olívia corria para todos os lados e era responsável pela organização de tudo ali dentro, isso foi fácil de notar logo no início, me perguntei a quanto tempo ela trabalhava aqui, tinha um jeito suave de lidar com todos os empregados da mansão e ainda assim demonstrava pulso firme. Antes de servir o almoço Olívia explicou que o dono da casa não estaria a mesa porque

tinha negócios a tratar na cidade, e eu me neguei a sequer imaginar que tipo de “negócios” seriam esses. Sendo assim aproveitei a refeição sozinha e olhando aquelas tantas cadeiras vazias, chegava a ser triste. Como alguém conseguia viver com tanto espaço e tão só?

A tarde correu e depois de me entediada completamente acabei optando por ler “Orgulho e Preconceito” – Que surpreendentemente estava na estante da biblioteca no segundo andar. – Ler era uma das minhas maiores paixões, mas com o tempo isso foi deixado meio que de lado pelas obrigações, dentro de casa e na faculdade. Escolhi me largar de qualquer jeito sobre o sofá da sala principal. – Um dos primeiros lugares que eu conheci na mansão. – Depois de pouco tempo uma das empregadas chegou com um chá de

camomila, disse alguma coisa em um russo enrolado e nervoso – Onde eu não entendi absolutamente nada, exceto pelo nome “Olívia”. – Supus que tinha sido algo mandado por ela, então apenas agradei com um sorriso.

O dia foi tão tranquilo e tedioso quanto seria possível estando sozinha ali dentro com os empregados, na hora do almoço também fiquei só, não estava reclamando – Minha pressão agradecia a ausência do todo poderoso. – Mas, era muito estranho estar presa em um lugar onde ninguém lhe era familiar, e também era no mínimo assustador o fato de que nem um passeio rápido pelo jardim estava livre de observadores. Isso ficou bem claro, depois do almoço quando pensei que um passeio pelo jardim seria o ideal para me distrair e meus passos foram seguidos pelos olhos

PERIGOSAS

rápidos dos seguranças do lugar. Confesso que isso me aborrecia imensamente. Voltei para o meu quarto, aparentemente a única parte da casa onde estava fora da vista do meu “público”. Os meus músculos estavam tensos, aliais eu era a “tensão” em pessoa. Fui até o banheiro e deixei a banheira enchendo, no armário de vidro haviam vários tipos de loções para banho, acabei optando por uma de jasmim, na volta para o quarto aproveitei para escolher uma roupa qualquer. Olhando pela janela não se via mais neve caindo, contudo, aquele amontoado branco parecia estar bem longe de descongelar e sumir numa possas d’água. Lembro que no tempo que era criança adorava a fazer bonecos de neve, mas ao crescer não tinha mais o prazer de apreciar a parte boa dos dias de frio, na verdade chegava a ficar irritada. Se estivesse em NY

NACIONAIS - ACHERON

provavelmente ainda estaria no trabalho, sendo útil. Dando de ombros segui para o banheiro onde por pouco a água na banheira não transborda. Tirei a roupa e logo me vi sendo envolvida pela água quente e pelo vapor com um cheiro calmante, me acomodei melhor e com um suspiro apenas desejei que tudo passasse porque naquele exato instante não me importava.

Batidas leves na porta me despertaram do sono e rapidamente pude sentir que a temperatura da água já não estava mais tão agradável. Levantei sentindo o meu corpo se arrepiar e um leve tremor perpassa-lo.

- Senhora Ariel? Está tudo bem? – A voz por trás da porta parecia preocupada e a distingui como sendo de Olívia. Peguei o roupão branco e me envolvi, logo depois fazendo uma fricção por cima dos braços com a palma das mãos, tentando com o

NACIONAIS - ACHERON

atrito produzir calor.

- Sim, Olívia. Está tudo bem. – Murmurei enquanto prendia o cabelo em um coque, deixando alguns fios molhados soltos.

- Desejo só avisa-la que o jantar será na companhia do Sr. Sovelev. – Disse. Suspirei o mais baixo que me foi permitido enquanto encarava no espelho meus olhos assustados. Tudo ficava de cabeça para baixo quando esse homem está por perto, a minha paciência praticamente some e sei que quando me encara a minha raiva parece lhe causar um certo prazer, o que em definitivo me irrita mais ainda.

- Está bem, obrigada. – Vesti lentamente a roupa que tinha separado mais cedo, nem fazia ideia que quanto tempo tinha pego no sono, mas os meus olhos estavam um pouco

inchados o que denuncia que foi um período razoável de tempo, ainda sentia a sonolência nos meus movimentos lentos e na pequena dor de cabeça que parecia cutucar minhas têmporas. Com o secador – Outro achado da bancada. – Sequei o cabelo lentamente para depois deixa-lo solto, seu comprimento chegava até o meio da minha coluna. Dando mais uma inspeção no espelho acabei por desejar sorte a mim mesma. Pelo menos dessa vez não estaria atrasada.

Já na sala de jantar, eu fui a primeira a chegar. E ao me colocar sentada á mesa não pude deixar de ver a comparação que tudo isso tinha com um reformatório, todos sentados em seus lugares, esperando os superiores para a refeição – Nunca fui a um, mas de acordo com alguns filmes era bem parecido. Claro, sem a comida refinada, talheres e pratos que nunca na minha vida

PERIGOSAS

normal eu iria comprar. Acordei de meus devaneios sem sentido, com o som de passos atrás de mim, lutei contra o reflexo de virar e ver de quem se tratava. Nem foi algo necessário, em questão de segundos ele entrou no meu campo de visão. Hoje usava um terno cinza chumbo, camisa social branca, e dessa vez nada de gravata, apenas um lenço preto que me parecia ser de seda e sapatos sociais da mesma cor. Nada de boa noite, nenhuma palavra apenas se encaminhou para o lugar que lhe cabia à mesa. Apenas observei atenta cada movimento na esperança de ver alguma brecha que me permitisse saber quem era a pessoa na minha frente. Era enervante estar vivendo na mesma casa e não saber absolutamente nada sobre o outro, na verdade até onde sabia ele poderia apenas desistir de toda aquela ideia de casamento e

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ver que era mais vantagem me matar e ao meu pai. Senti os pelos do meu braço se arrepiarem, e engoli em seco. Com um aceno rápido de cabeça para os funcionários do outro lado do salão, o jantar começou a ser servido. Por mais que a comida fosse boa e o cheiro dela despertasse o apetite, se me perguntassem o que comi não saberia responder.

Quando elevei meus olhos do prato, encontrei com as suas esferas azuis. Quase que instantaneamente senti a vontade de desviar o olhar, mas o modo como me fitou era o mesmo que um desafio, aquele azul escuro congelado não mostrava nada, nenhuma luz, zero de qualquer emoção. Como uma atriz desempregada, porque provavelmente nunca enganaria ninguém com a minha atuação, voltei minha atenção para o prato. Mais alguns minutos de

NACIONAIS - ACHERON

silêncio e minha cabeça fervilhava.

- Por quê? – Língua nervosa era herança de família. Continuei de cabeça baixa pois se o encarasse a coragem desapareceria como fumaça. Minha covardia, no entanto, era justificável. – Quer dizer, você não precisa desse acordo! Seria pedir muito uma justificativa? – Limpei a garganta. Enquanto com os dedos contornava a taça com água na minha frente. – Com certeza encontraria alguém mais disposta a se casar do que eu.

Essa era a verdade final. Era a minha única chance de sair disso, convence-lo de que poderia haver outra pessoa para ele. Poderíamos chegar a um novo acordo para pagar aquela dívida gigantesca. E meu futuro como uma pessoa normal e boa cidadã nova-iorquina estaria salvo. Mas a falta de som foi tamanha depois do meu comentário, que até a minha respiração

NACIONAIS - ACHERON

parecia alta. A saída súbita dos empregados também era dica suficiente de que o clima no lugar não era bom. Me enchendo de uma coragem desconhecida levantei minha cabeça que e observei enquanto pousava lentamente os talheres a mesa. Por fim sua atenção e olhar foram dirigidos a mim. Suspirou como se aquilo fosse um grande trabalho e houvesse muitas outras coisas na sua lista de afazeres.

- Não devo nenhuma explicação. – A voz baixa e monótona transparecia o tédio. – Aliás, quem deve algo aqui, é você. – A faísca de raiva me queimou por dentro. O modo como falava fazia acreditar que eu tinha obtido aquele dinheiro todo, o que nunca seria verdade, quem em santa consciência pegava dinheiro emprestado com a máfia?! Aparentemente os meus avós, pessoas que me eram totalmente

desconhecidas. – Mas, para que sua mente pare de se ocupar com pretextos, ou qualquer meio que a livre do acordo vou deixar algo claro. – Inclinou o rosto e apenas assisti um sorriso se formar em seu rosto, irônico e assustador. – Não abro mão de nada que é meu. E por que motivo correria atrás de conquistar uma noiva, se já tenho uma que me foi comprada?

Com essa simples frase se levantou, arrumando o terno no corpo. Quando passou ao meu lado parou e abaixou fazendo assim com que estivesse a minha altura. E nada, a não ser uma fina camada de ar separava nossos rostos.

- Não me faça perder tempo com questões absurdas. Aceite o que lhe foi dado até agora. – Com a mão direita segurou o meu queixo, impedindo qualquer movimento que pudesse fazer para me

NACIONAIS - ACHERON

afastar. Contudo, naquele exato momento minha mente estava em branco. – Caso contrário vai conhecer o meu lado ruim. – Apenas registrei a dor no lábio inferior, e no segundo depois ele já estava em pé caminhando para fora. “Ele mordeu minha boca! ” Gritou minha consciência me despertando do estupor que me tomava.

- Pensei que já estivesse conhecendo esse lado. – Falei já que não tinha ouvido o abrir e fechar da porta ainda.

- acredite, posso ser bem pior. – E finalmente, o som denunciou que voltava a estar sozinha. Respirei tomando o fôlego que mantive preso. O mais difícil era controlar minha boca, e manter em mente que não estava discutindo com qualquer pessoa razoável, mas sim, com um cara fechado, o qual não deixava transparecer nenhum sentimento, nem mesmo a raiva,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

isto sem contar o pequeno detalhe de que era um mafioso. Não que soubesse muito sobre eles, mas o que vi nos filmes e nos caras que me trouxeram aqui já era o suficiente para ter uma ideia. Passei a língua no lábio apenas tendo a confirmação do pequeno corte ali. Nada comparado ao que ele pode, de fato fazer.

Os dias da semana passaram rápidos e implacáveis, de um jeito que me deixou aflita, era como se as horas corressem em desespero para me prender aquele destino. Em palavras mais simples, o mundo estava cooperando naquela tortura psicológica. Não dormia bem e meu rosto estava bem parecido ao de uma múmia quando acordei na manhã de sexta-feira. Sorri satisfeita, não que gostasse de estar literalmente acabada, contudo o prazer de ser uma noiva feia para Ian Sovelev me fazia querer dançar. Tudo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

bem, que era uma vingança ridícula, mas ainda assim me dava muito prazer. Fora as horas perdidas de sono, nas poucas vezes em que meus olhos se fecharam foi para ter um pesadelo. Nunca fui propensa a esse tipo de coisa, na verdade na maioria das vezes apenas desmaiava na cama, nem sequer lembrava a última vez que tive um, contudo esse conseguiu de fato me desestabilizar. Não sei ao certo por quê. Estava presa num lugar pequeno, frio e úmido. Não vinha luz alguma e o medo me deixava paralisada, como se já não bastasse passei a sentir algo se arrastando por entre as minhas pernas, e ao olhar para baixo vi várias cobras se entrelaçando umas nas outras. Em pânico procurei uma saída tateando pelas paredes a minha volta sem realmente ver, sentindo na ponta dos dedos por entre as pedras o musgo que as cobria. O desespero me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

tomou com os segundos que se passavam sem achar saída e um soluço mesclado com um choro baixo foi substituindo o chiado dos animais abaixo de mim. Procurei para ver de onde vinha o som, e ao tocar meu rosto constatei o óbvio, vinha de mim. Despertei suada e arfando como se tivesse corrido uma maratona, depois disso nada de voltar a dormir. Que excelente presságio para um casamento!

Agora estava trancada dentro do banheiro procurando um jeito de não sair chorando pela casa, implorando para que alguém me tirasse daquilo tudo. Olívia tinha me avisado no dia anterior que hoje eu teria uma equipe no intuito de me arrumar para o casamento, que seria realizado na mansão mesmo – Espaço era o que não faltava. - Se o sentido de me dizer aquilo era me fazer feliz, não aconteceu. Apenas dei de ombros,

NACIONAIS - ACHERON

nunca importou mesmo qualquer opinião minha, porquê se importasse eu trocaria o noivo. Ian era um ser neutro nos últimos dias, mais desaparecia do que estava presente, por tanto nenhum incômodo. Diferente do que se esperava de uma noiva, nem o meu vestido foi escolha minha, seria uma surpresa para mim tanto quanto para todos os convidados. Ao sair do banho enrolada num roupão branco encontrei três mulheres desconhecidas no meu quarto, acompanhadas de Olívia. Tomei o desjejum e me sentei numa cadeira desconhecida que foi posta no centro do lugar. Em poucos minutos todo o processo começou. Unhas, pele, cabelo e acabei recordando que aquele era um dos sonhos da minha mãe. Ela vivia dizendo que queria me ver entrando na igreja e casando com um homem que eu amasse, na visão dela ele deveria ser um

príncipe pois a sua menininha só merecia o melhor, nada daquilo iria se realizar. Mesmo que a minha garganta queimasse como fogo consegui segurar as lágrimas. As horas correram e só notei porquê minha barriga parecia estar tentando engolir o resto do meu corpo, e como se pegasse a deixa perfeita minha salvadora chegou com o almoço. Se tinha um ponto positivo para mim aqui na Rússia, este se chamava “Olívia”.

Quando as mulheres disseram algo em russo que supus ser um “pronto”, me pus de pé para ver no espelho e quase cai para trás com a visão. Estava perfeita! Era impossível que ficasse melhor do que isso. A maquiagem estava leve, minha pele parecia feita de porcelana e nas bochechas um tom de rosa saudável, e o mais incrível, sem olheiras! Essas mulheres eram santas. Meus

olhos estavam num tom de branco perolado com dourado e delineador preto muito bem marcados, na boca um batom em um rosa mais puxado para o nude. O cabelo estava preso no alto em um coque que deixava alguns cachos modelados soltos, para completar uma tiara do que certamente seriam diamantes – Que nunca vi na vida. – Ela se entrelaçava como se fossem ramos e neles estavam as flores de pedras preciosas, era absolutamente linda. Nada exagerado, tinha uma beleza delicada e eu tinha adorado. Com a ponta dos dedos e um medo absurdo de desmanchar algo toquei a tiara.

- Este é o presente de casamento do Sr. Sovelev. – Murmurou Olívia. E ela parecia bastante comovida. Depois de alguns instantes de perplexidade, porque nunca imaginei que ele me daria algo de presente, dei de ombros. Pelo menos tinha bom gosto,

PERIGOSAS

vou lembrar de anotar isso na lista de qualidades que estou começando a pensar se escrevo. Mas esse pequeno ato de gentileza não mudava todos os outros, onde foi extremamente rude. – Agora está na hora do vestido.

Finalmente notei a enorme capa branca estendida sobre a cama. Subitamente me senti temerosa em abrir aquilo, seria como ver ruir a última tênue camada que me protegia da verdade, a chamada final para o trem da realidade. Por isso optei por fechar os olhos e permitir que me vestissem como a uma boneca. A delicadeza do tecido passando por minha pele me fez arrepiar e morder o lábio inferior, estava nervosa e curiosa, o que nunca foi uma combinação boa. Quando as mãos se afastaram de mim segundos depois supus ser minha deixa para ver o resultado final.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

O vestido era numa renda sutil, o tom champanhe fugindo do convencional branco. Um decote pequeno na frente quase imperceptível, quando virei pude ver como foi compensado pelo de trás que deixava praticamente minhas costas inteiras nuas, as alças vinham com pequenas tiras feitas de delicadas pérolas, formando franjas que dançavam revelando e escondendo meus ombros. Por fim, o corte sereia da peça o fazia abraçar minhas curvas desenhando-as perfeitamente, caindo no final em uma calda longa aos meus pés, os saltos prateados ficaram escondidos, mas ainda ameaçadores sob meus pés. Este seria exatamente o conjunto que escolheria para mim caso tivesse tido a chance para tal. Estava linda e mais elegante do que jamais achei possível. Se seguisse com o plano de me manter como um fantoche ninguém saberia nunca

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

do vendaval que ocorria dentro de mim. Uma coisa estava provando, certamente eu era mais forte do que imaginava. Respirei fundo e deixei para trás a mulher no espelho. Até teria agradecido as mulheres responsáveis por aquilo, contudo as três não estavam mais ali.

Meus passos pareciam mais pesados a cada corredor, por sorte Olívia me acompanhava ajudando com a calda do vestido. Finalmente reparei eu ela estava vestida de um jeito ainda mais formal que o comum, grata por qualquer coisa que me distraísse segui até o leste da mansão que era onde ficava o grande salão. Fui apresentada ao mesmo em um dos meus tours durante a semana, não estava no meu ranking de melhores lugares, entretanto acho que isso é porquê vou me casar nele. Olívia disse que o chamavam de “Salão

NACIONAIS - ACHERON

Esmeralda”, foi bem fácil entender o motivo. Ao virar a última curva parei dando de cara com o noivo esperando ao lado das portas fechadas. Sua expressão não era feliz, nem muito menos triste... Apenas vazia. Seus olhos encararam os meus, como sempre aquele olhar só poderia ser definido como frio. Estremeci apertando uma mão na outra. Eu decidia ser forte e conseguir um meio de sair da grande bagunça que virou a minha vida, mas bastava aquele olhar para que perdesse qualquer mísera esperança. Como lutar contra aquilo?

- Você está atrasada. - Falou calmamente enquanto passeava seus olhos por mim. Com certeza, procurando por algum defeito. Contive a vontade de revirar os olhos para aquele comportamento impróprio para um casamento. “Afinal, quem diz para a noiva que ela está atrasada? ”

PERIGOSAS

- Toda noiva atrasa. — Resmunguei arrumando uma dobra invisível no meu vestido. Evitei estudar por muito tempo o homem a minha frente, ele usava um smoking preto de corte perfeito, a gravata borboleta muito bem colocada- quase que em um cuidado milimétrico-, e achei extremamente injusto que aquele conjunto caísse tão perfeitamente nele e combinasse absolutamente com o toque clássico do meu vestido de noiva.

Fiquei tão absorta nos meus pensamentos que seu movimento leve de estender a mão acabou me assustando. Por uma fração de segundos não soube como reagir, sendo desperta por um limpar de garganta impaciente. Pus minha mão na sua que a apertou entrelaçando nossos dedos. Seu toque era quente contrapondo todo resto. No pouco tempo que passei perto dele

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

comecei a cogitar a ideia de que nada corresse por suas veias, e houvesse um enorme vácuo onde deveria existir um coração. Teoria deletada depois disso. Ele apenas não tinha nem uma gota de solidariedade no seu corpo, mas de resto um ser vivo normal. Será que ele me deixaria fazer um estudo mais aprofundado, como abri-lo ao meio? Sorri, isso me deu alguma satisfação, mesmo que fosse apenas um pensamento brincalhão. A quanto tempo eu não tinha um desses?

As portas se abriram a minha frente e todos dentro do salão viraram os rostos quase que ao mesmo tempo. Se deparando com meu sorriso satisfeito, claramente confundindo meu momento sádico com o de uma noiva apaixonada e feliz com o seu destino. Fechei a expressão rapidamente. A mão na minha fez pressão para que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

déssemos o primeiro passo em frente e apenas me deixei seguir. Nenhuma das pessoas naquele lugar me eram conhecidas, obviamente, então preferi mascara-las na minha mente e focar apenas no local fingindo estar sozinha. Essa tática de fugir do mundo real já é uma velha conhecida minha, me impede de quebrar, de enlouquecer.

O ambiente estava mais claro do que quando o visitei pela primeira vez. Todas as enormes janelas de vidro estavam como suas cortinas abertas aproveitando a luz alaranjada que atravessava o horizonte no pôr do sol e iluminando de forma cadenciada o lugar inteiro. O assoalho tão limpo quase refletindo a minha imagem levava por um corredor entre as mesas perfeitamente postas para os convidados diretamente a um palanque onde um

NACIONAIS - ACHERON

homem, provavelmente o responsável pela realização da cerimônia, esperava numa postura rígida. Tudo isso era meu segundo plano, estava mais interessada no modo como a luz brincava entre os cristais dos castiçais sobre nossas cabeças, tão interessante... E o curto caminho feito a passos pesados pareceu passar muito rápido.

Mesmo quando paramos em frente a todos sua mão continuou na minha, não era um gesto de carinho, era seu jeito de me manter sobre controle discretamente, cada leve aperto um aviso: “Comporte-se.”. Observei seu rosto, cada traço enquanto controlava minha raiva e indignação. O que deveria ser um dia especial pra mim não tinha nada do que sonhei, nem mesmo o último membro da minha pequena família estava ali para me acompanhar. Cercada por estranhos e de mãos dadas com o homem

que escreveu todo aquele teatro patético. Virei os olhos e foquei em algo mais iminente... O homem de idade bem avançada que concretizaria tudo. Seus cabelos eram brancos como a neve, nada de um grisalho charmoso, sua expressão séria e fechada se acentuava com as marcas em cada canto do seu rosto, os olhos eram atentos e de um castanho claro e apesar de tudo isso sua postura não deixava que a palavra “Frágil” fosse aplicada a ele. No silêncio que se fazia no salão sua voz se fez clara e firme, apesar de não entender nada de russo, estava claro que o início do meu fim começou.

Permaneci firme nos minutos que se seguiram de palavras sem significado até que com uma pequena pausa o senhor se dirigiu a Ian com o que me pareceu uma pergunta. Talvez fosse estúpido pensar isso,

NACIONAIS - ACHERON

mas... Eu não sabia responder nada em russo. Me virei de frente para o Sovelev com a melhor cara de paisagem que consegui, sua boca se contorceu e pensei que ele fosse parar tudo e me dar uma bronca na frente de todos, por fim, apenas fechou os olhos – provavelmente coletando toda a paciência de seu ser-, e numa respiração profunda voltou a abri-los respondendo lentamente: - да “*Sim*”

Sua voz era baixa e profunda, o tipo que se tem prazer em ouvir, apesar de que quando se dirige a mim causa mais medo e apreensão do que bem-estar, mesmo assim combinava com ele, assim como a barba bem-feita, o cabelo e seus olhos vazios, tudo harmonizava na figura que era Ian Sovelev.

- Ariel Obolesky, você aceita Ian Sovelev como seu esposo? – A pergunta

NACIONAIS - ACHERON

feita em inglês me deixou atordoada e aliviada, por entender. Respirei fundo e ignorando o aperto na minha mão respondi com um “Sim” relutante e *quase* inaudível. Mesmo sem o alerta eu sabia da minha situação e obrigação. Sabe Deus do que aquele homem seria capaz se estragasse aquilo tudo, e ainda assim a tentação estava presente. Outro alívio foi a pergunta não ser a completa, porquê definitivamente ama-lo e respeita-lo não estava na minha lista de promessas a cumprir.

Me aproximei junto com o noivo quando um papel foi estendido a nossa frente junto a uma caneta dourada. Rapidamente e com firmeza admirável ele assinou seu nome nela, quando chegou minha vez fiquei constrangida em como minha mão tremia ao ponto de por pouco não conseguir assinar, bem, não foi uma das minhas melhores

assinaturas. No instante que respirei fundo imaginando que havia acabado, minha mão volta a ser segurada para que uma aliança simples e grossa de ouro fosse deslizada pelo meu dedo anelar, num gesto automático realizei a mesma ação. Parei por segundos observando aquela joia, o que deveria ser uma representação de amor, para mim parecia uma algema personalizada.

Engoli minhas lágrimas observando como um replay contínuo todas as coisas pelas quais lutei me darem tchauzinho e pularem pela janela.

Com um toque sutil no meu queixo o homem a minha frente me fez encara-lo de frente e naquele breve embate onde nos enfrentávamos por olhares, esqueci das pessoas em volta, me assustei com a proximidade que seu rosto foi tomando do meu e num reflexo mordi meu lábio

NACIONAIS - ACHERON

inferior, logo o soltando com um resmungo de dor, resquícios do jantar passado. Não havia como fugir sua mão ainda me segurava, então fechei os olhos esperando por um beijo duro e que provavelmente me machucaria, mas isso não veio. Um roçar de lábios leve, com um encaixe perfeito entre os meus e os seus por breves segundos, e mesmo que ele tenha se afastado sem nenhuma resposta minha, com certeza aquele não era o tipo de beijo que esperava de um homem como ele. Precisei de um tempo para processar o que tinha acontecido então deixei-me ser arrastada pelo corredor agora barulhento de pessoas querendo dar felicitações e cheias de sorrisos, aquilo não me importava. Apenas observava de canto o Sr. Sovelev ser extremamente educado, embora não devolvesse nenhum sorriso, recebendo apertos de mão e abraços,

PERIGOSAS

embora tentasse desviar desse tipo de ação. Revirei os olhos, quantas caras esse homem tem?

Foram longos minutos, mesmo, onde eu preferia estar dormindo. Esse pensamento me fez despertar um grande problema interno. Ele não achava que eu teria alguma coisa mais profunda com ele, não é? Algo entre quatro paredes e lençóis? Definitivamente vetado! Jamais do verbo nunca! Balancei a cabeça em negativo. Calma, Ariel! Você está hiperventilando. Olhei pela janela e já estava escuro do lado de fora, a noite caiu sem que ao menos percebesse. Agora os lustres iluminavam o lugar e uma música clássica soava ao fundo das vozes que conversavam empolgadas. De repente me senti com raiva de toda aquela alegria, enquanto eu vivia o inferno todos sorriam e brindavam com as perfeitas taças

NACIONAIS - ACHERON

de cristal cheias do melhor champanhe.

- Sorria. Ao menos seja uma boa atriz. – Sovelev falou ao meu lado tranquilamente olhando sempre em frente enquanto nos guiava para uma mesa central com apenas dois lugares.

- Já fiz o máximo que podia. – Resmunguei. – Meus pés doem.

Não era uma mentira, mas existia outro problema, bem maior corroendo meu cérebro. Ele puxou uma cadeira para que eu sentasse, claro, era muito bom em seu papel de cavalheiro. Sentei com um suspiro. Quem disse que a pior parte era a cerimônia? O que vinha em seguida estava sendo muito mais exaustivo, principalmente para alguém péssimo em fingir, minhas bochechas já doíam por cada sorriso falso que dei, fora a minha mão esquerda que

PERIGOSAS

estava em estado de miséria por cada aperto.

Um garçom parou a nossa frente deixando duas taças sobre a mesa, aceitei uma de bom grado percebendo como minha boca estava seca no primeiro gole, no segundo vi que estava certa sobre a qualidade do champanhe. Totalmente diferente de todos que já tomei, simplesmente quis desmanchar com as bolhas em minha boca.

- Isso não vai demorar muito mais. — Disse levando sua própria taça aos lábios. Me recriminei por acompanhar o movimento. — Consigo ver que chegou ao seu limite por hoje. Suas coisas já foram levadas para outro quarto, o que vai compartilhar comigo...

Engasguei com o champanhe e precisei que desse leves tapinhas nas minhas costas.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Esse detalhe despertou com mais intensidade os meus medos. Ian me olhava com uma sobrancelha arqueada ainda com a mão nas minhas costas, exatamente no lugar aberto pelo decote. Antes que fizesse um movimento para me desviar, sua atenção foi atraída para algo a nossa frente, ou melhor, alguém...

O ruivo a minha frente era perfeito. Um homem digno das mais famosas passarelas. E acho que estou de boca aberta. Não só pela beleza dele, ênfase nisso mesmo, mas também por espontaneamente Ian Sovelev se levantar para receber um abraço do mesmo.

- Foi uma bela cerimônia meu amigo! - Seu tom era alto e empolgado, mas não ao ponto de irritar, na verdade, era divertido. Assim como ele parecia ser. – Me apresente a noiva, Sovelev.

NACIONAIS - ACHERON

Me levantei meio hesitante quando Ian me estendeu a mão. Ele parecia mais leve ao lado do que supus ser seu amigo, seus gestos se tornaram mais naturais, diferente de quando foi cumprimentado por todos os outros. Sorri, o primeiro sorriso sincero de todo aquele dia e lhe estendi a outra mão que estava solta, para cumprimentar o recém-chegado. Normalmente quando os homens beijam minha mão ao me conhecerem acho um gesto apelativo e desnecessário, mas quando aquele ruivo fez isso foi tão espontâneo e meigo. Algo que chutaria ser uma atitude natural para ele.

- Ariel, esse é meu braço direito, Dimitri Karpiesenko. – Quase me esqueci da presença do meu então marido, sendo despertada subitamente por sua voz. – E como sabe, está é Ariel Sovelev.

- É um prazer finalmente conhece-la

NACIONAIS - ACHERON

pessoalmente, Ariel. — Sorriu brilhantemente soltando minha mão. — Você está uma noiva belíssima. — Cada vez gosto mais dele, além de tudo tendo a consideração desde o início de falar em inglês, provavelmente para que eu não me sentisse deslocada, como todos os outros do salão fizeram. Sua pronúncia era tão boa quanto a do Sovelev. Também a primeira pessoa a me dizer que estava bonita, fora todas as mulheres que ajudaram nessa mágica.

- Obrigada. — Ignorei o fato de estar corando. Sua atenção então se voltou ao seu amigo. Estranhamente não me senti ressentida por Karpienko que parecia conhecer a verdadeira história por traz daquele casamento. Ele era uma pessoa de áurea doce como eu gosto de chamar, é um tipo raro de se encontrar. Sua conversa com

PERIGOSAS

Ian continuou e apenas fiquei os observando. Dois extremos. Dia e Noite. Olhos verdes brincalhões e brilhantes, totalmente opostos ao azul escuro misterioso e tão apagado. Dois deuses gregos, realmente, um era Hades coberto por sombras, o outro Apolo cheio de luz. Era atordoante de se ver.

Seus cortes de cabelo eram parecidos, assim como as barbas e ao me dar conta disso tive que rir baixinho. O Senhor soberano combinava com o amigo, zombei internamente. Apesar de que o corte de Dimitri deixava seu cabelo mais comprido. Quando se virou sutilmente rindo de algo que Ian disse pude ver o início de uma tatuagem em seu pescoço. Mesmo que a gola da camisa branca cobrisse o resto, facilmente identifiquei qual era o desenho: O Brasão dos Sovelev.

NACIONAIS - ACHERON

Por reflexo olhei para o teto, lá estava uma pintura em verde esmeralda enorme do brasão, o mesmo da tatuagem e que estava no portão principal. O desenho era tão profundo e detalhado naquela pintura que conseguia lhe absorver. Os olhos vazios da serpente, que envolvia a inicial do sobrenome, parecia lhe acompanhar por todo o recinto. Era lindo e misterioso. A razão do apelido, salão esmeralda.

Voltei minha atenção para os dois homens que falavam agora em tom mais baixo e russo. Dimitri sinalizou que sim como se tivesse entendido a mensagem e se voltou com um enorme sorriso para mim, me pegando encarando-os, provavelmente de cenho franzido.

- Desculpe Ariel e Ian, tenho que me retirar. – Parecia realmente lamentar por isso. – Novamente me perdoe pela ausência

NACIONAIS - ACHERON

de Elissa. Ela é um pouco...

- Cabeça dura? Difícil de lidar? Acredite, compreendo completamente. – Ian usava de um tom quase brincalhão, o que nunca tinha ouvido dele. “Parem o mundo, porque não estou acompanhando! ” – Diga que apesar disso ainda lhe mando um beijo.

Alguém use uma alavanca para levantar minha mandíbula que afundou no piso brilhante sobre os meus pés. Ele mandou um beijo para uma mulher e ainda deu um meio sorriso no fim! Não o tipo de sorriso sádico que geralmente dirigia a mim quando via meu sofrimento, era algo quase doce. Não brilhante e verdadeiro como o ruivo, era algo no estilo mais Sovelev, charmoso...

- Não mande beijos para outra mulher na frente da sua. – Brincou Dimitri sem mostrar nenhuma surpresa com os gestos do

PERIGOSAS

outro. – E mais ainda, não mande para a minha!

Outro meio sorriso. Preciso de champanhe. Ainda entorpecida pelas surpresas da noite me despedi do melhor convidado desse casamento e por mais um longo tempo ouvi música clássica e brindes desnecessários, até que finalmente minha saída e do Sovelev foi considerada aceitável, aos olhos do mesmo.

Queria dormir para sempre. Era o que eu pensava a cada degrau que subia daquela escada sem fim. Por orgulho ainda calçava os saltos mortais, mas começava a ver que não existia muita sabedoria no orgulho. Sempre disseram que orgulhoso morre sozinho, eu morreria sem os pés. Segurei no corrimão e saboreei cada vitória, digo passo. Ian acompanhou o meu desenvolver lento com bastante paciência e quando chegamos

NACIONAIS - ACHERON

no fim ele indicou o corredor oposto ao que eu dormia antes. Senti o medo me despertar da sonolência rapidamente numa injeção de adrenalina. O segui de longe e o mesmo ignorou isso totalmente, parou em frente a última porta do corredor a abrindo para que eu passasse primeiro. Engoli em seco e entrei de cabeça erguida no escuro. “Onde estava o interruptor?” Quando pensei isso a luz se acendeu por todo o lugar. Sensor de movimento, claro...

Deixei de lado o fato de que o Sovelev entrou logo atrás de mim e passei a avaliar o que estava a minha volta. Nunca tinha entrado naquele quarto da mansão. O clique suave da porta se fechando se fez ouvir pelo ambiente, me despertando no ato. Respirei fundo e no ar estava a essência que começava a me ser facilmente reconhecível, um toque amadeirado não intenso ao ponto

de ser sufocante e algo mais fresco, talvez menta. O mesmo cheiro pungente do escritório principal, o dele.

Lutando contra o nervosismo voltei minha atenção totalmente à decoração. O quarto tinha mais cor que o meu anterior. As paredes, por exemplo, eram num tom claro de creme, a cama ainda conseguia ser maior, sua cabeceira de um acolchoado cinza claro, as colchas eram bege com delicados brocados dourados, vagamente me perguntei porque tantos travesseiros se obviamente ninguém usaria aquilo, mas essa foi apenas uma parte remota da minha atenção o resto de mim ainda se dividia na continuidade da inspeção e em escutar qualquer ruído que a pessoa atrás de mim pudesse fazer.

Um enorme espelho com uma linda moldura dourada havia sido colocado no

NACIONAIS - ACHERON

outro extremo do quarto onde duas portas se encontravam fechadas e lado a lado, suspeitei que se tratassem do closet do banheiro. Boa parte do quarto era ocupado por um enorme tapete felpudo grafite, senti uma vontade quase irresistível de caminhar com os pés descalços por ali. Por fim uma cortina num tom perolado cobria o que supus ser a passagem para a sacada do dormitório. Depois dessa rápida varredura não tinha mais como fugir da batalha que seria travada. Mas antes que pudesse pronunciar qualquer sílaba ele tomou a frente:

- Espero que tenha apreciado o seu novo lugar. – Reunindo boa parte de coragem me virei encarando o Sr. Sovelev que permanecia próximo a porta de saída.

- Não sei o que pretende com tudo isso, mas espero ter deixado claro que não
NACIONAIS - ACHERON

seremos um casal de verdade. – Pigarrei para continuar. Estava cada vez mais difícil manter minha postura firme sob aqueles olhos vazios. – Digo, não existe nos dois, juntos.

Claro que estava corando absurdamente. Porque diabos não conseguia falar abertamente que qualquer interação seja ela sexual ou não, entre nós dois, estava completamente fora de questão. Ian se recostou a porta colocando as mãos dentro dos bolsos da calça social e por fim inclinou a cabeça para o lado e sua expressão parecia de alguém intrigado. Como se observasse um animalzinho muito estranho e atrapalhado que ousou se colocar em seu caminho.

Bufei, cruzando os braços em frente ao meu corpo. Não gostava daquele olhar, e seu silêncio me deixava impaciente.

PERIGOSAS

- Você é minha. – A resposta dita suavemente cortando o silêncio do quarto, parecia ser uma verdade incontestável, para ele. – Mas se seu medo é que a tome a força, pode se acalmar... – Arrumou novamente sua postura, tirando o casaco do blazer com destreza, o lançando sobre a cama. Seus olhos se voltaram a mim e o meio sorriso de escárnio estava ali presente. – Nunca forcei nenhuma mulher, e você não será a primeira. Nem nisso e muito menos em tantas outras coisas...

Era uma frase que ficava subentendida. Além de tudo um conquistador? Se ele era tão bom assim porque não se casou com uma de suas parceiras e me deixou vivendo uma vida tranquila, no meu país e com as minhas escolhas? Meu sangue podia evaporar a qualquer momento em minhas veias, por puro ódio. E o bastardo nem

NACIONAIS - ACHERON

mesmo se dava ao trabalho de me encarar. Simplesmente tirava as abotoaduras de ouro da camisa social branca, “Vou fazer você engoli-las. ” Pensei. Acompanhei seus passos firmes até uma das portas fechadas, ao abri-la a luz se ascendeu em seu interior, pelo que vi de relance se tratava do closet. Antes de entrar olhou para trás sem de fato me ver.

- Quando eu a tiver, e isso é algo certo. Você desejará isso tanto quanto eu. — A voz acariciava cada palavra, e estava claro o prazer que sentia ao dizê-las. Fiquei aturdida pela audácia daquele homem. E sem esperar por resposta ele entrou num comprido corredor de roupas bem organizadas. Com raiva da minha própria falta de atitude não esperei que ele voltasse ou que eu criasse um pouco de raciocínio antes de responder:

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Eu *nunca* vou querer você! – Dei uma grande ênfase a palavra. Jamais seria como as tais que ele conheceu. Não me iludiria com uma beleza exterior porque eu via além, via dentro dos seus olhos vazios. Qualquer artifício que usasse seria inútil comigo. Seus passos leves o trouxeram de volta, e parou na porta do suposto closet com um cotovelo o apoiando. Engoli em seco.

Existe uma diferença em se imaginar como alguém é e ver ao vivo e em cores. E ali como uma estátua grega perfeitamente esculpida estava o meu inferno pessoal, despido da camisa social, descalço, apenas com a calça preta do smoking caindo perfeitamente no quadril estreito. Me vi incapacitada de desviar o olhar, não apenas pelo físico admirável, mas também pela curiosidade. No lado esquerdo do seu peito

NACIONAIS - ACHERON

havia uma tatuagem, que identifiquei como uma rosa dos ventos, feita em traços escuros de preto. Era bonita e simples, de certa forma ela parecia fazer parte dele, se destacando na sua pele clara. Me dei conta de que encarava fixamente quando um sorrisinho irônico repuxou aqueles finos lábios e fez meu rosto esquentar corando intensamente. Desviei minha atenção para a colcha da cama sem realmente ver algo ali.

- Tem certeza, Ariel? – Não sei se foi intencional, mas sua voz pareceu acariciar meu nome com aquele sotaque e timbre que me faziam arrepiar. Tive um leve sobressalto quando retomou seus passos elegantes e lentos em minha direção. – Talvez eu devesse fazer uma demonstração...

Antes que pudesse fazer algum movimento para fugir seus braços

NACIONAIS - ACHERON

envolveram minha cintura me puxando de encontro ao seu corpo. Pousei minhas mãos em seu peito o empurrando tentando me soltar inutilmente, seu rosto se aproximou do meu pescoço onde passou com lentidão o nariz em seguida sua boca entreaberta. Senti o arrepio me percorrer, e continuei com minha luta agora com a ajuda das minhas unhas, estava entrando em desespero com a traição do meu próprio corpo. Seu rosto voltou a ficar em frente ao meu nariz com nariz e ínfimos centímetros de distância entre uma boca que desejava e outra relutante. Enfim encarei a vastidão do azul vazio que eram seus olhos, e esse foi meu erro.

Me perdi e no suspiro que soltei ele me tomou. Uma mão continuou dominando minha cintura enquanto a outra se direcionou a minha nuca. Sua boca se

PERIGOSAS

apossou da minha com uma fome ávida e desconhecida. Primeiro num reconhecimento de lábios, onde os seus cobriam sutilmente, percorriam com a ponta da língua e em seguida sugava meu lábio inferior. Senti minhas pernas ficarem bambas e pouco confiáveis, contudo aqueles braços ainda me envolviam num aperto firme. Minha mente estava em branco e eu era apenas sentidos. Deixei-me ser devorada correspondendo e deixando sua língua explorar minha boca e devolvendo seus movimentos sem nenhuma hesitação. Senti dedos acariciarem a pele das minhas costas expostas pelo vestido, acompanhando o desenho de minha coluna e me levando a incendiar. Estava muito quente, quase o suficiente para ser sufocante.

Se afastou lentamente tirando suas mãos de mim, onde parecia que ele tinha me

NACIONAIS - ACHERON

marcado a ferro. Estava arfante, um pouco desorientada com o que tinha acabado de acontecer. Passados alguns segundos desse estado comecei a sentir raiva da reação do meu corpo.

- Acho que essa resposta seja suficiente por enquanto. – Tocou meu queixo fazendo com que meus olhos o encarassem, já que o chão me parecia tão interessante. – Pode detestar o quanto quiser, mas seu corpo se entrega facilmente.

Seria capaz de incinerá-lo apenas com a fúria que cresceu acima do constrangimento que me envolvia. Com as costas da minha mão direita limpei minha boca com força. Arqueou uma sobrancelha com meu gesto. *“Pode esperar sentado, seu arrogante. ”*

- Você me dá nojo. – Cuspi cada palavra deixando o mais claro possível como me

sentia. Sabia que meu corpo podia ser traidor, mas lutaria até o fim contra aquele estúpido desejo. Eu não era assim. Posso me controlar, ou ao menos me convencer disso.

- Não foi o que pareceu segundos atrás.
– Tombou a cabeça para a esquerda com um meio sorriso que eu adoraria tirar da sua cara no soco, caso tivesse força ou coragem para tanto. O que mais me irritava era aquela arrogância toda misturada com uma ironia cruel que ele adorava jogar em cima de mim. – Tem certeza que esse é um jogo que quer jogar? Por que sinceramente está tornando tudo muito mais interessante pra mim a cada minuto que passa.

- Eu não vou abaixar a cabeça para você, se é o que pensa. – Respondi altiva. Se era um jogo o que queria, ele pode ter certeza que eu o faria estar de joelhos bem antes que pudesse cair. Seu sorriso se fechou, mas
NACIONAIS - ACHERON

seus olhos pela primeira vez brilhavam de algum modo, era um brilho cruel e totalmente direcionado a mim. Meu instinto me dizia para correr, contudo isso seria contra o que tinha acabado de dizer, e meu orgulho falou mais alto.

- Seria uma pena se você o fizesse. Decepcionante mesmo. – Se aproximou até nossos rostos estarem quase colados. Engoli em seco, mas continuei firme com a minha postura. – Me surpreenda...

Então se afastou me deixando voltar a respirar. Caminhou calmamente até a entrada que antes tinha suposto ser a varanda, me dando as costas, e eu a vi. Outra tatuagem, mas essa parecia mais rústica, uma enorme cruz que cobria abaixo do pescoço até a metade das costas suas pontas alcançando os ombros, intrincados desenhos de corda a envolviam e do lado

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

dela estava uma frase pequena em russo que, obviamente não consegui traduzir. Toda em tinta preta e eu só consegui pensar que deve ter sido dolorido colocá-la ali.

Permaneci a encarar aquela obra de arte bizarra, quando puxou a cortina para o lado mudei o foco da minha atenção não queria ser pega o encarando fixamente de novo. Vi a enorme porta que de fato levava até um grande espaço aberto. O vento frio que invadiu o quarto foi bem-vindo porque me acordou de certa forma. Andei para o que imaginei ser o banheiro e me tranquei lá dentro. Encostei meu corpo meio mole na parede gelada e respirei fundo algumas vezes procurando me estabilizar. O vestido começou a parecer mais pesado no corpo, como se naquele momento tivesse tomado consciência do que tinha feito nas últimas horas.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Exatamente no conceito de todo o resto da mansão, aquele banheiro do todo poderoso não poderia ser diferente, talvez um pouco melhor. Acho que até a cor branca fica mais clara no meio de tanto luxo. Todo o banheiro era de mármore branco. As duas pias uma ao lado da outra, - sinceramente não sei por que duas-, o balcão com portas de vidro onde imagino que estejam as toalhas era de delicadas portas espelhadas. O enorme espelho cobria toda a parede acabando pouco antes do box de vidro gigante. E claro, os três degraus que davam numa luxuosa banheira. Isso era completamente fora do meu mundo e sinceramente ainda não acredito em como vim parar aqui. No que a família do meu pai era metida, e como ele vivia antes de ir para a América? Eram perguntas que nunca me fiz na vida, porém agora se tornava

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

impossível não fazê-las ou ignorar as origens que me amarraram a onde estou agora.

Passei a tirar os grampos que prendiam no meu cabelo a delicada peça que me foi dada como presente de casamento, deu um pouco de trabalho já que meus dedos não ajudavam, por fim a pesada massa se desprendeou caindo solto pelas minhas costas. Sentia uma dor incomoda nas têmporas provavelmente pelo tempo que minha cabeça ficou sendo apertada, ou mesmo por todo o estresse que tenho passado. Massageei com os dedos em círculos lentamente meu couro cabeludo fechando os olhos. Por mais que desejasse não pensar no acontecimento do quarto, assumo que era impossível. Ao contrário do que pensei o Sr. Frio não era um total cubo de gelo forjado na ironia e maldade. Ele era

NACIONAIS - ACHERON

intenso demais para um homem que parecia tão desprovido de emoções boas. Em resumo, um mistério que quer me ver de joelhos.

Me olhei no espelho enquanto pegava um produto para remover maquiagem que estava sobre a bancada junto com muitos outros produtos femininos que com certeza não eram de uso do Sr. Sovelev. Arqueei as sobrancelhas tirando com um chumaço de algodão a máscara de perfeição que cobria meu rosto. Assim que consegui me reconhecer novamente dei por satisfeita. O vestido foi a parte mais fácil de tirar, o dobrei da melhor maneira que pude. Estudei-me no espelho vestida com aquela lingerie que deveria custar uma fortuna e com o salto cruel ainda em meus pés, os chutei para o outro lado do banheiro me sentindo vingada e por consequência

perdendo alguns centímetros de altura. Em silêncio refleti, nenhum luxo iria mudar minha forma de ser ou de pensar. Não podia ser comprada, meus sentimentos ainda eram um bem que não seriam roubados de mim por promessa alguma. Ainda era a Ariel, estudante dedicada, médica residente competente e boa filha.

O desejo pode ser traidor, mas o coração permanece totalmente intocado e meu, até o dia que encontre o meu caminho, seja ele qual for. Tinha que haver uma forma de me livrar de tudo aquilo que me foi imposto e eu a encontraria. Hoje o que assinei foi apenas um contrato em meio a um teatro, minha liberdade vai voltar a me pertencer. E se Ian Sovelev achava que eu iria desistir, estava totalmente enganado. Posso ser bem mais forte do que aparento, e estou um pouco farta do meu destino ser escrito pelas

PERIGOSAS

mãos de outras pessoas.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 6 – Despertando a ira

Depois de um bom tempo decidi que não podia mais adiar minha saída. Ao abrir a porta com uma performance digna de James Bond, constatei que foi algo inútil. O quarto estava vazio e a varanda também, como observei depois de estudar o local com uma rápida olhada. Apertei mais a lapela do roupão que usava contra meu corpo e segui até a entrada do closet.

Com o primeiro passo para dentro do lugar um corredor inteiro de ascendeu. Abri a boca espantada, aquele tipo de coisa que vemos nos filmes. Do lado esquerdo apenas peças masculinas, e do direito roupas que com toda certeza não me pertenciam. Jamais o que eu trouxe ocuparia todo aquele

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

espaço e algumas coisas ali me eram completamente desconhecidas. Num ato impulsivo passei a revirar aquele mundo de coisas até encontrar o que realmente me pertencia. Suspirei de alívio ao encontrar um moletom antigo praticamente escondido numa gaveta ao fundo, contudo não sem antes dar de cara com delicadas camisolas de seda e coisas de renda. Nunca que usaria aquilo em um quarto sozinha com aquele homem desconhecido e incrivelmente irritante. Vesti-me sentindo confortável, ao menos tinha essa lembrança de casa.

Ao voltar para o quarto o ambiente se encontrava frio graças ao vento que entrava pela janela aberta. “Ótimo, agora ele queria me congelar. ” Fui até ela a fechando e cobrindo com as cortinas. Me encontrar ali dentro encerrada na escuridão que proporcionei estava fazendo o vazio e o

NACIONAIS - ACHERON

silêncio se tornarem maiores, mas aquilo era preferível a ter a presença perturbadora do Senhor da mansão. Afastei as cobertas da cama, com uma leve pontada de culpa ao bagunçar a arte que as empregadas fizeram ali, e me aconcheguei no canto mais distante, assim ele não teria desculpa para tocar em mim.

Fechei os olhos pondo o braço direito sobre a testa. Demorou para que a água quente fizesse efeito e me acalmasse, e mais ainda para que o arrepio e eletricidade que perpassavam por mim se dissipassem. Não era estúpida e me recriminava ainda pelo desejo que senti. O homem arruinava minha vida, meus planos e ainda tinha a ambição de me ter como seu brinquedinho. Claro, que desejar ele era a última das coisas que poderia fazer. Mas aquele beijo...

Virei desconfortável, mudando de
NACIONAIS - ACHERON

posição. Relembrei todos os beijos que dei na vida e a nenhum tive aquela reação. Talvez aquilo fosse consequência do nosso embate e da minha falta de experiência com homens recentemente. Qualquer coisa estava valendo como justificativa, entretanto ficar pensando nisso não me deixaria dormir e eu precisava disso para enfrentar mais um dia ali. Se queria arrumar uma solução, o mínimo que teria que ter era uma boa noite de sono. Me concentrei para esvaziar minha mente e finalmente caí no sono. Por boas horas, nem mesmo notei quando o Sovelev voltou, se é que ele o fez...

Despertei com meu corpo completamente dolorido. Parecia que um trem tinha passado por cima das minhas pernas, e meus pés estavam inchados, consequências do salto na noite passada. E

PERIGOSAS

isso somado a ter que lidar com a minha nova rotina influenciaram no meu humor. Em uma semana já conhecia toda a mansão e não havia muito mais que pudesse fazer. Eu queria sair, ver as coisas fora dali, mas algo me dizia que não iria acontecer. Afinal, era uma prisioneira sob contrato. Esposa era apenas o nome que ele escolheu para que não soasse tão ruim. Levantei esticando os braços, mas quando os meus pés tocaram o chão senti vontade de me jogar de volta na cama. As cortinas deixavam uma pequena fresta de luz entrar, e provavelmente já estava tarde. Ignorando a falta de vontade e as dores mais incomodadas do que fortes que possuíam meu corpo, caminhei para o banheiro no intuito de ao menos me lavar rapidamente e me livrar um pouco da sonolência.

Escovando os dentes observei o reflexo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

no espelho perguntando-me o que fazer agora. A pessoa no espelho ainda me olhava com olhos verdes perdidos e espuma caindo da boca, bem não era uma visão bonita. Terminei o que fazia e decidi que era hora da minha dose de veneno, digo, do Sr.Frio. Vendo que não havia muitas opções no closet, já que as minhas roupas haviam sumido misteriosamente tive que optar por um vestido azul claro, um cardigã branco e sapatilhas bege, todas peças desconhecidas. E mais aquela batalha perdida me fez sentir um gosto ruim na boca, e meu humor que já não estava muito bom, piorou.

Desci as escadas lentamente e sem a mínima vontade. A mansão era enorme e muito bem cuidada, a casa de um grande magnata, porém o que leva uma pessoa sozinha a escolher viver com tanto espaço? As paredes tinham obras de artes

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

belíssimas, contudo em lugar algum havia uma foto de família, o mais próximo disso era o desenho do brasão que vez ou outra aparecia, num portão, quadro ou, no teto. Estranho e solitário. Caminhei por um corredor, passei por uma sala, mas não encontrei ninguém, por uma parte isso até ofereceu certo alívio. Resolvi ir atrás da única pessoa agradável naquele lugar, Olívia deveria estar na cozinha, segui o caminho que ela já havia me indicado enquanto fazia o meu tour pela mansão. Ao chegar lá apenas duas mulheres conversavam animadas, supus pelos sorrisos já que não entendia uma palavra, mas assim que notaram minha presença ali suas expressões ficaram serias e acenaram com a cabeça respeitosamente para mim da forma mais rígida que aquele gesto poderia ser, e voltaram aos seus afazeres. Senti tamanho

NACIONAIS - ACHERON

desconforto com aquilo que me retirei sem nem mesmo olhar em volta.

Eu era o que agora? Um ser intocável e mítico? Quem sabe uma maldita estátua de ouro para ser colocada ali no meio da sala? Quase esbarrei em Olívia ao virar o corredor e por estar com a cabeça a mil xingando Ian Sovelev.

- Senhora! Bom dia, posso ajuda-la em alguma coisa? – Sorriu ao perguntar. Ela era adorável, uma delicada manchinha branca em meio a todo aquele preto. Como ela veio parar aqui? – Quer que lhe sirva o café da manhã?

- Hãn, chá estaria ótimo. – Sorri constrangida, não estava acostumada a ser servida como vinha acontecendo ultimamente, e duvidava que isso fosse acontecer. Me perguntei onde estaria o dono

da mansão, com certeza já havia tomado café e sumido para qualquer lugar, mas esse pensamento reconfortante foi cortado por Olívia no segundo seguinte:

- Antes que me esqueça, o Sr. Sovelev pediu para que a Sra. vá o quanto antes até o escritório. — Mais que droga, o que ele queria dessa vez? E sem que eu pudesse deter minha mente refez a cena do beijo na noite passada, estupidamente corei.

- Irei até lá. — Me virei já fazendo uma prece silenciosa, nada de bom vinha daquele homem e miseravelmente sempre quem estava na sua mira era eu. Muito antes do que desejei me encontrei parada em frente aquela enorme porta, tive uma vontade quase insuportável de dar meia volta dali, mas como fugir de uma pessoa com quem você vive? Suspirando bati timidamente, recebendo o que achei ser um “entre” em

NACIONAIS - ACHERON

russo, naquela voz que contra a minha razão já se tornará familiar.

Ele estava sentado novamente por trás daquela imponente mesa de carvalho, e assim como da primeira vez que o vi, analisava um número considerável de papéis, contudo dessa vez um notebook se encontrava fechado e deixado de lado por sobre algumas folhas. Mesmo obviamente tendo notado minha presença deixou que os minutos se passassem em silêncio, fiquei trocando de um pé para o outro na intensão de deixar bem clara a minha impaciência. Quando enfim falou foi com uma voz monótona e fria, sem sequer levantar seus olhos em minha direção.

- Só a chamei aqui para informá-la que a partir de amanhã terá aulas particulares de russo. – Passou algumas páginas do que lia franzindo um pouco o cenho. – Já que seu

NACIONAIS - ACHERON

pai não se deu ao trabalho de lhe ensinar a própria língua, cabe a mim essa função.

O Sovelev fazia questão de demonstrar o quanto, para ele minha família desempenhou mal a tarefa de me criar. Isso fazia a chama de ira se ascender incandescente dentro de mim. Se um olhar pudesse matar, com toda certeza Ian Sovelev estaria incinerado. Sem conseguir mais conter a irritação soltei entredentes:

- Talvez ele quisesse cortar quaisquer relações que eu pudesse ter com esse lugar. Claramente, ele só desejava me manter o mais distante possível daqui. – Ainda sentia um resquício de mágoa por ter sido meu pai quem aceitou aquele acordo, mas duvidava que qualquer opção que tivessem lhe oferecido na época fosse melhor do que aquelas que eu mesma ouvi na sala do pequeno apartamento em Nova Iorque.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Bem, se vê que não fez um bom trabalho. – Debochou deixando seus papéis de lado e focando em mim. Com aqueles olhos vazios e um desinteresse quase palpável, parecia ver a criatura mais patética e entediante na sua frente. Senti vontade de gritar e chorar de frustração, raiva. Ele me tirava completamente do sério. – Eu vou atrás de tudo o que me pertence.

- Eu não sou um objeto para pertencer a você. – Exclamei. O mais irritante era a convicção que tinha no que dizia, como se alguém ser dono de outra pessoa fosse uma ideia totalmente aceitável.

- Não, você me saiu bem mais caro do que qualquer objeto que eu tenho, e também é de longe o que me dá mais trabalho. Agora faça o favor de se retirar. – Acenou em direção a porta, deixando claro que minha presença ali já era indesejada.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Vou sair, porque como sempre a sua presença já está me causando mal-estar. – Falei sentindo um prazer aflorar dentro de mim ao ver seu maxilar ficar pronunciado provavelmente porque estava trincando os dentes de raiva, até seus olhos vazios demonstravam um brilho sutil, então sorri com escárnio. O único sorriso que sabe dar.

- Não foi isso o que me pareceu ontem, enquanto você praticamente implorava por mais. – Veio como uma onda, eu não pensei, apenas agi. Tamanha a raiva que se apossou de mim. Ele estava fazendo piada porque se divertia no jogo que me obrigou a participar, me humilhar fazia parte do pacote. Atirei a primeira coisa que alcancei contra ele, o que foi consequentemente um peso de papel esquecido no canto da mesa. A sua sorte foi que desviou antes que o objeto pudesse lhe causar algum dano.

NACIONAIS - ACHERON

Enquanto a adrenalina corria pelo meu corpo eu não conseguia sentir remorso, mesmo que não fosse uma pessoa violenta o Sovelev me fazia cruzar limites que nunca imaginei que possuía. Quando me encarou sua expressão era surpresa, mas acima disso estava uma ira que fazia seus olhos parecerem em chamas, labaredas azuis cobalto que desejavam me devorar.

- Você não fez isso... – A voz soando tão baixa o deixava mais amedrontador, contudo eu só sentia vontade de responder: “Se quiser jogo de novo para você acreditar.” Me contive e o assisti tentar fazer o mesmo, sem muito resultado. – Suma daqui antes que eu faça algo muito ruim.

- Não sinto medo de você. – Respondi de queixo erguido, não era bem uma verdade, mas estava aproveitando os resquícios do meu surto de coragem. – A única coisa que
NACIONAIS - ACHERON

sinto é ódio. – Me dirigi até a porta, mas antes que pudesse sair falou:

- Ainda não viu nada para ter medo, e quanto ao ódio entre na fila. – A voz baixa não demonstrava nada, mas eu podia jurar mesmo sem encará-lo que na sua boca estava o meio sorriso sarcástico que eu detestava.

Saí sem olhar para trás, fechando a porta com mais força do que o necessário. Sabia que as coisas tendiam a ficar piores, só não imaginava se aguentaria lidar com o que viria. Enquanto meus passos seguiam pelo corredor comecei a tremer levemente, por fim me perguntando onde minha cabeça estava ao atirar um peso de papel, bem pesado por sinal, tendo Ian Sovelev como alvo. Uma risada me escapou e me apoiei contra a parede. O melhor foi a cara do Sr. Frio, aposto que ele me imaginava como

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

uma criaturinha frágil pronta para ser pisada, estava tão enganado. Lembrei-me do que me prometi na noite passada, eu seria forte. Só não conseguia definir o quanto seria suficiente.

Minutos depois me encontrava sentada em um dos sofás da sala de visitas tomando chá e ainda sentindo um resquício de satisfação comigo mesma. Provavelmente daqui a alguns anos se alguém me perguntar o que eu penso ao ouvir a palavra “vingança” aquele peso de papel vai ser lembrado.

Duas semanas se passaram e se eu pensei por um momento que as coisas se tornariam mais fáceis, essa pequena ilusão se desfez em fumaça. Ian Sovelev jamais deixaria barato a minha proeza em seu

NACIONAIS - ACHERON

escritório. E aos poucos meus planos de infernizá-lo tanto ao ponto dele me mandar embora se provou tão estúpido que me senti apenas uma criança levada. Como pude cogitar a hipótese de competir com ele? Afinal, ele era o mestre do meu inferno particular.

O meu tempo aqui corria de uma forma que nunca imaginei, e eu me sentia mofando, ou o mínimo me transformando nua das estátuas do jardim. Para uma pessoa que vivia correndo contra o tempo o simples fato de poder colocar as pernas para cima e ficar olhando para o teto por longos minutos era novo e irritante. Entre as poucas coisas que me eram permitidas, estava: passear pelo jardim, usar a biblioteca da mansão – Que tinha um acervo muito bom, com livros de diversas línguas além do óbvio russo -, e as vezes impor minha presença na cozinha,

NACIONAIS - ACHERON

mesmo que Olívia fosse terminantemente contra isso. Sair pelos portões da mansão estava fora de cogitação. Ou seja, o mundo do lado de fora me era proibido.

Aprendi também três coisas, primeira, ninguém na mansão falava sobre o patrão, talvez fosse alguma regra, ou eles simplesmente não queriam dizer nada em minha presença, como se eu fosse ligar. Segunda, o Sr. Frio não tinha uma simples garagem de carros, na verdade aquilo era uma concessionária de veículos luxuosos, isso descobri em um dos meus passeios pela mansão, era uma subterrânea digna de filmes, e confesso que lutei contra a tentação de arranhar cada um daqueles. Afinal, que culpa o lindo Audi preto tinha? Claro, eu também não conseguiria lidar com mais uma consequência dos meus atos impulsivos, porém deixei a opção em

NACIONAIS - ACHERON

aberto. Terceiro e mais importante, Ian Sovelev sempre podia ser pior.

Por todo esse tempo ele não me deu qualquer informação sobre meu pai, ou sequer me deixou usar um meio de comunicação. Nunca me senti tão reclusa na vida, e me perguntei como pude passar despercebida pela vida de tantas pessoas para que nenhuma desse por minha falta o suficiente para procurar o meu paradeiro? Era essa opção ou o Sovelev tinha o poder de fazer as pessoas deixarem de existir, a alternativa não seria descartada facilmente. Não era apenas a aura de superioridade e poder que ele exalava, também estava no modo como as pessoas a sua volta agiam. Todos o temiam e eu não estava sendo exceção.

A novidade que tomava algumas horas das minhas muito livres foi a aula de russo, NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mas não se tratava de uma simples aula, posso dizer que nunca na vida tive uma assim. Meu professor era um homem idoso, se é que esse termo ainda se aplica a ele, tudo nele gritava fragilidade, até mesmo seus olhos meio fechados, mas que pude definir a cor, um verde meio opaco, tinha uma postura firme apesar da idade e seu rosto enrugado fechado sempre numa carranca, seus cabelos eram tão brancos e finos quanto a neve do lado de fora. Sempre estava bem vestido com ternos sob medida, claramente um professor bem conceituado. Contudo toda essa postura se perdia quando começava a ensinar, a sua própria maneira, a voz macabra se somava a expressão de louco que fugiu do hospício, a cada erro meu a punição era uma régua de madeira na cabeça ou nas mãos, - nunca acredite no que as pessoas aparentam ser, dizia minha mãe,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

as primeiras impressões enganam. E como ela estava certa. De frágil ali só eu mesmo, porque ele tinha mais força do que deveria-, doía e na primeira vez que aconteceu me revoltei, logo aprendendo que não adiantaria de nada, só me faria sofrer mais. Em resumo, o professor Ivan me assustava.

Mas essas aulas eram o meu momento de distração, o pior mesmo eram as horas da saudade, bem frequentes, sentia falta de casa, do meu pai e das lembranças que cada lugar de Nova Iorque me davam da minha mãe, só notei o quanto me importava, o que me era precioso, quando me foi tirado. Esse era um mal da humanidade, só saber o valor que tinha quando o perde.

Em relação a Ian Sovelev, eu o evitava o máximo possível, entretanto era obrigada a acompanhá-lo em grande parte das refeições, não que meu estômago ajudasse

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

com isso, o nervoso e a raiva que sentia toda vez que o via me deixavam enjoada e sem apetite algum. E claro, todas as noites dormíamos na mesma cama, sempre quase caindo na tentativa que me manter o mais distante dele que o espaço me permitia. Tudo isso recheado com as brigas mais que frequentes que tínhamos. Não existia um “Bom dia”, acordávamos nos alfinetando, bem, ele começava e eu revidava. A sua ignorância e frieza não me faziam calar mais com tanta facilidade. E meio que fazia parte da minha rotina ser a pior com ele, e ficávamos empatados.

Apesar de ter um bálsamo na companhia de Olívia, que se mostrava cada vez mais companheira e amiga, a solidão se mostrava um problema maior do que as brigas desgastantes, entendia como os pássaros se sentem nas gaiolas, eu estava assim,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

confinada. Todos na mansão viam e ouviam o que passava ali dentro, e nos olhos deles enxergava a pena refletida. Ver meus dias passarem, e esperar o todo poderoso se enjoar do seu jogo, e me deixar voltar para a minha vida parecia algo distante e cada vez mais improvável. Ele era bem capaz de me trancar ali dentro pelo resto dos meus dias, e isso eu não iria aceitar. Foi numa noite, em meio a tantas em que meus olhos insistiram em permanecer atentos impossibilitando o meu sono, que tive a ideia, aquela que poderia me livrar daquela prisão.

Tinha chance de dar errado? Era loucura? Como dizem, situações desesperadas pedem medidas desesperadas.

Todas as noites o Sr. Frio só se deitava quando era madrugada, ao ponto de nem notar o momento de sua presença, as vezes sequer vinha, eram as melhores noites.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Passava o dia inteiro fora, ou trancado em seu escritório, apenas o via nas refeições obrigatórias que tínhamos. Então, imaginei quanto tempo ele levaria para descobrir caso eu desaparecesse? Se tratava de uma chance em um milhão, mas tinha que tentar.

Encontrei uma mochila qualquer no fundo no enorme closet, procurei mais ainda para encontrar as coisas que trouxe de casa, e coloquei tudo que achei ser necessário. O plano se dividia em duas etapas, a primeira sair da mansão sem ser notada. A segunda, encontrar o consulado americano, FBI, até a NASA! Mas eu precisava fazer alguma coisa.

Desci as escadas com as pernas tremendo muito, por isso e para não fazer qualquer barulho fui bem lenta, com o máximo de cuidado. O hall estava vazio como imaginei e dei graças a qualquer força

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

superior que estivesse me ajudando. A hora não estava tão avançada, contudo os empregados eram liberados pouco após o jantar, alguns viviam na ala que existia nos fundos da mansão feita para trabalhadores, outros tinham suas casas fora daqui. Eu usaria a porta dos fundos que ficava na cozinha porquê, a chave se encontrava pendurada num pequeno gancho ao lado da porta, e claro ela estava menos visível do que a principal, e as que davam nas varandas. Quando girei a chave e a saída se abriu diante de mim, senti meu coração bater ainda mais rápido. A vontade de sair correndo foi quase insuportável, contudo me controlei, precisava passar pelos guardas que cobriam boa parte do jardim.

Do lado de fora fazia muito frio, e usava apenas o sobretudo por cima de um casaco fino e jeans, mas naquele momento não me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

importava. Nos meus passeios pelo jardim constatei a existência de quatro portões em cada extremo da mansão, o portão norte se tratava do principal, o enorme com o grande brasão, já os outros três tinham uma estrutura mais simples, enquanto na maioria deles sempre haviam guardas posicionados, o portão leste estava num ponto de vigilância que acontecia a cada 2 minutos pelos meus cálculos, isso durante o dia, provavelmente a noite demorariam mais. Enquanto os demais tinham ao menos três guardas posicionados cada, o Leste – que parecia praticamente inutilizado a um bom tempo- recebia a verificação de apenas um segurança. Isso claramente se qualificaria como uma falha aos olhos do Sr. Frio, até aos meus para ser sincera, apesar disso senti pena do indivíduo quando a minha pequena proeza fosse descoberta. Andei por entre as

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

árvores tropeçando repetidas vezes e evitando xingar em voz alta para continuar sem ser notada, assim como desviei andando pelos pontos cegos das poucas câmeras de vigilância que sabia da existência, ou seja as visíveis. Cheguei ao portão olhando para todos os lados e nenhum sinal de movimento, a iluminação perfeita por todo lugar do jardim obviamente dificultou meu disfarce. Tentando aproveitar o máximo de tempo possível usei toda a minha força para abrir, parecia que todo peso do mundo estava ali, era de ferro, não estava sendo usado, e diferente dos demais que eram elétricos e se abriam com o apertar de um botão, aquele aparentava estar soldado a parede. Ainda assim, por um milagre consegui abrir uma brecha suficiente para que passasse meio espremida.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

No instante que meus pés se encontraram com a calçada e vi o espaço aberto da rua a minha frente, nem o tremor das minhas mãos, o frio cortante, ou o vento que ficava cada vez mais forte com pequenos flocos de neve o acompanhando, impediram minhas pernas de se moverem numa corrida desenfreada, onde a cada três segundos olhava para trás com medo de estar sendo seguida, esse só não era maior do que o de tudo se tratar apenas de um sonho, e acordar ainda presa tendo apenas a vista do jardim como distração.

Se me perguntassem a média de tempo que uma pessoa leva para saber que fez uma besteira, eu diria que a minha foi de vinte minutos. Normalmente só nos tocamos quando já estamos no centro da tempestade, no meu caso, isso acontecia literalmente. Depois de caminhar o suficiente para a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mansão sumir atrás de mim, o tempo piorou consideravelmente, o que antes era apenas um vento forte, agora parecia o olho de um tornado, e o gelo que vinha como brinde machucava meu rosto, chegando ao ponto de cortar superficialmente minha bochecha. Por mais que seguisse em frente a estrada continuava vazia, sem perspectiva de nada próximo, além de tudo, que alma vivente passearia com o tempo naquelas condições? Já deveria ser bem tarde, e minha falta logo seria sentida, apenas o temor da reação de Ian Sovelev me fazia continuar.

Nunca senti tanto frio na minha vida! Estava exausta, e acabei por me encostar numa árvore próxima a estrada, ao menos ela me protegia da maior parte do vento, me encolhi na posição fetal, abraçando meus joelhos, na estúpida tentativa de me aquecer. A situação se tornou realmente

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

preocupante quando os meus olhos começaram a pesar de sono, e passei a lutar contra o cansaço. Se dormisse provavelmente nem acordaria na manhã seguinte. Não tinha força para voltar a mansão, e nem para prosseguir. Passei a pensar no que considerarei o plano perfeito. Eu quase não falava nada em Russo, não sabia para onde ir. E agora morreria congelada. O pensamento era tão parvo que fiquei envergonhada. Se conhecia alguma coisa do Sovelev, jurava que ele seria capaz de descer no inferno para me dizer o quanto era idiota. Não que acreditasse que iria para o inferno, porém duvidava muito que o Sr. Frio fosse para o céu, sendo assim o lugar mais provável era aquele. Balancei a cabeça, tentando voltar a ter pensamentos coerentes. Injusto que ele ficasse na minha cabeça no que supostamente seriam minhas

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

últimas reflexões, o bom é que posso dizer: “Tudo é culpa sua! Não estaria assim se você tivesse me deixado livre. ”

Perdi a noção do tempo que tinha passado desde que sai foragida, meus braços e pernas pareciam mais pesados e lentos, os pés já nem eram mais sentidos. Olhei para cima e imaginei em que tipo de árvore estava encostada, difícil de identificar coberta de neve e eu nunca fui muito boa com nomes de plantas, mas se tivesse que chutar diria um carvalho. Suspirei fechando meus olhos, foi quando a luz de um farol praticamente me cegou por alguns segundos. Um sedã preto parou e a porta traseira se abriu, e precisei forçar a minha mente para acreditar no que via, por que só podia ser miragem. E disseram que no deserto as pessoas tendem a ver imagens felizes, bem, eu estava num de gelo, porém

NACIONAIS - ACHERON

se aquilo era o meu delírio, exigia reembolso. Quem desceu do carro, foi ninguém mais, ninguém menos que meu torturador, vestido todo de preto. Inspirado no anjo da morte, Ian Sovelev. Enquanto pensava todas essas besteiras, ele se abaixou na minha frente. Sua expressão era quase nula, mas com a experiência que tive captei o ar de raiva que o circulava.

- Como pode ser tão estúpida? – Sibilou tirando o casaco que o cobria me envolvendo com ele. Tinha o cheiro dele, intenso e que não identifiquei direito, um aroma com o qual eu já havia me acostumado e forçava a não admitir, um que me era naquele instante bem-vindo. –Vamos sair daqui antes que ambos congelemos.

- Não. Consigo. Me. Mexer. – Demorou para que as palavras saíssem da minha boca, já que meu maxilar estava trincado de frio,
NACIONAIS - ACHERON

tentando evitar que os dentes batessem. O seu imenso vazio azul me fitou antes que suspirasse. Passou seus braços pelas minhas pernas e ombros me levantando do chão com a maior facilidade do mundo. Indo contra tudo que acreditava, o envolvi enterrando meu rosto em seu pescoço. Ele era quente, de uma forma aconchegante seu calor era suficiente para compartilhar comigo e oferecer o conforto que nunca imaginei vindo do Sr. Frio. Ele absolutamente estava furioso, me faria pagar com algum castigo pela minha insensatez. Entretanto, enquanto estávamos no carro, no banco de trás continuou me mantendo em seus braços, no seu colo. Em determinado momento senti seus dedos afastarem os fios de cabelo do meu rosto num toque quase imperceptível. Isso não me incomodou em nada, sabia que aquilo era o

PERIGOSAS

mais próximo de segura que me senti em semanas, aproveitei aquilo até apagar completamente.

A sensação era de estar em um lugar quente e macio, longe do frio congelante do qual me lembrava, eu me sentia confortável, apesar de não estar totalmente desperta. Tinha medo de abrir os olhos e ver que nada mudou, que novamente estaria presa na mansão. Imaginei que estava, e provavelmente no quarto que dividia com o Sr Frio. Mesmo não querendo admitir eu reconhecia a atmosfera ao meu redor ainda que estivesse de olhos fechados, a presença dele parecia impregnada no ar. Lembrava bem de todos os eventos da noite passada, havia conseguido fugir pelo portão leste, mas a partir daí tinha dado tudo errado, e com certeza estaria congelada embaixo de uma árvore na beira da estrada, se não fosse

NACIONAIS - ACHERON

por *ele*. Porém seria muita ilusão minha acreditar que por ter me salvo na noite passada pegaria leve com a punição. Estaria furioso em que nível na escala? Provavelmente, sem medidas. Maldita fuga impensada! "Muito bem Ariel! Onde foi parar seu raciocínio lógico?"

Meu corpo estava dolorido e rígido, de todo o coração não tinha vontade de me mexer, a garganta também doía, pressentia um resfriado chegando, só para completar, apesar de aquilo ser o mínimo do que poderia ter acontecido, estava bastante relutante em ser grata. Minha cabeça começava a doer de tanto pensar nas possibilidades, e claro ganhar tempo para juntar coragem e olhar o que estava em volta. Boa parte de minha relutância não era apenas pela raiva dele, mas também por me sentir envergonhada da minha insensatez,

PERIGOSAS

algo que com certeza ele colocaria bem na minha cara. Queria evaporar, deixar de existir, contudo milagres de qualquer tipo deixaram de acontecer para mim a algum tempo. Por fim, num impulso, com uma determinação que não possuía, abri meus olhos para a luz que passava pela cortina aberta.

– Achei que passaria mais tempo em sua reflexão interna, não que vá adiantar de alguma coisa. Você parecia estar numa estranha discussão interna. Não quis interromper. - Ele estava de pé do outro lado da cama, vestia um terno cinza, com uma gravata num tom mais escuro. No seu modo impecável de sempre. O rosto estava neutro, não demonstrava nenhuma emoção. Se estava com raiva sabia bem como esconde-la, com base em experiências passadas eu diria que ele era um ótimo ator.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

E graças a essa prevenção preferi manter um pé atrás. - Como se sente Ariel?

– Estou... - Forcei a minha garganta. Minha voz estava horrível, quase não conseguia ouvi-la. - Bem.

Embora aquela fosse a frase que menos pudesse me definir, não lhe daria o gostinho de me ver mal.

– Provavelmente passará um bom tempo resfriada. - Parecia refletir. A voz era calma, quase complacente. Essa atitude ao contrário do que deveria passar, me fez desejar correr gritando: “Salve-se quem puder!” - Mas isso não parece ser castigo suficiente para o que fez.

Passou a andar lentamente pelo quarto, cada passo parecia ser muito bem estudado como um predador que encurrala a sua presa. Eu estava assustada, mas também,

NACIONAIS - ACHERON

mesmo que a contragosto, fascinada. Sem entender como ele podia me amedrontar e encantar daquela forma apenas com o jeito de andar e falar?! Mantive meus olhos nele, analisando cada movimento, até que estava de pé bem ao meu lado. Proximidade demais não é bom, e mais uma vez o cérebro deu um grito de alerta a todas as terminações nervosas do meu corpo.

– Talvez não tenha ideia dos riscos que correu. Quando deixará de ser tão inconsequente e infantil, Ariel? - Tomou o meu queixo em sua mão com um aperto de ferro. Por último o seu rosto se encontrava tão próximo ao meu que podia sentir a sua respiração nos meus lábios entreabertos. - Acho que já mencionei não ser um homem contemplado com a virtude da paciência. E você, sinceramente está me cansando.

– Então por que não me deixa ir

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

embora? - Perguntei num impulso. Se ele achava cansativo, que dirá eu? Ele abriu o meu sorriso de sarcasmo que lhe era tão característico ao ponto de não imaginá-lo sendo capaz de qualquer outra expressão. Deslizou os seus dedos pelo meu rosto numa carícia, tão fria e sentimentos que me fez estremecer, o oposto completo da que me lembrava.

– Entenda, porque só vou repetir mais essa vez, para que enfim tome consciência dessa realidade. - Sua boca se arrastou lenta pelas maçãs do meu rosto chegando ao ouvido para que pudesse falar num sussurro, quase em tom de conspiração: - Você é minha.

Mentiria se não dissesse que me arrepiei até um último fio de cabelo.

– Já falei que não sou uma propriedade!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– Exclamei, com o tom de indignação que minha garganta permitiu. Mesmo doente e com medo, não suportava que me tratasse como um objeto, um pertence seu. Por Deus, eu sou uma pessoa!

– Pense como quiser. Mas se aprontar outra como a da noite passada vai se arrepender. - Se afastou de mim, tão rápido que fiquei alguns segundos parada tentando compreender a distância que seu corpo tomou do meu.

– Não tenho medo de você. - Era mentira, mas quem se importa?! Ele arqueou as sobrancelhas num gesto irônico, achando minha tentativa de engana-lo patética.

– Anjo, ainda não dei motivos para você ter medo. – Anjo?! Pegou uma bolsa de couro, que só vim a notar naquele momento,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

estava ao pé da cama. - Antes que me esqueça o seu castigo será ficar na mansão enquanto faço uma viagem de três dias...

Fui incapaz de esconder minha expressão de desdém. Como se em algum momento me passasse pela cabeça ficar presa em um lugar qualquer por horas com o Sovelev, já me bastava a luta diária de evita-lo por cada metro quadrado daquele lugar. Ficar longe dele mesmo que fosse apenas por três dias parecia um sonho.

— Estou indo para Nova Iorque. — Explicou. -Pretendia levá-la, provavelmente para uma visita ao seu pai, mas o seu comportamento foi imperdoável. Além do mais, está doente. - Balançou a cabeça como se lamentasse. Coisa que sabia muito bem ser falso, como malditamente ele era. - Descanse Ariel, estarei de volta em alguns dias.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Caminhou para a porta, jogando a alça da bolsa sobre o ombro. Tranquilo levando consigo a chance que tinha em semanas de ver meu pai. Observei- o partir, e mesmo minutos depois, quando seus passos nem mesmo ecoavam pelo corredor continuei a fitar aquela porta, não consegui mais segurar as lágrimas, chorei como se o mundo estivesse acabando. Chorei de tristeza e raiva, de mim por não controlar meus impulsos, e mais ainda dele, por me privar de tudo que eu conhecia como vida. Se vinha sendo imprudente ao ponto de ser estúpida era culpa sua, da interferência que causou no meu mundo. Ele tinha o poder de me fazer a pessoa mais infeliz do mundo. Eu o detestava! Com todas as minhas forças. Gritei contra o travesseiro palavras incompreensíveis. Esperei um tempo infinito até a histeria passar e só sobrarem

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

as gotinhas salgadas descendo lentamente
pelo meu rosto.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 7 – Um jogo para dois

Algumas mudanças foram instauradas na mansão depois do pequeno espetáculo que proporcionei. Numa fuga digna, porém arruinada por problemas meteorológicos não previstos. Desde então a segurança foi praticamente triplicada, ou seja, eu mal dava um passo porta à fora e dois armários, mais conhecidos como seguranças, embora o termo não me satisfaça, prontos para me seguir aonde quer que fosse. Para a tristeza deles não daríamos uma voltinha muito longa, já que não podia passar do jardim. Recentemente descobri que tenho um senso de humor ótimo para me auto satisfazer, minhas piadinhas sobre a altura dos seguranças eram tão engraçadas que as

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

vezes me perguntava se estava ficando louca e demente. Porém, me lembrei de uma coisa, são as pessoas que riem com mais facilidade as que mais sofrem.

Melhorei do meu surto apenas um dia depois que o Sovelev viajou, mas ainda guardava cada palavra sua como punhais que pretendia cravar nele. Seu prazer em me fazer sofrer era tão doentio quanto aquela necessidade de me manter cativa ali dentro. Quem em sã consciência se casa com alguém porque um contrato diz isso? Uma dívida de gerações passadas afetava no presente. Isso porque ele era louco, e estava tentando me deixar igual.

Numa visão geral, os dois dias passaram rápido demais e monótonos na mesma medida. Apesar da breve surpresa que tive com meu professor de russo, ele subiu um ponto no meu conceito ao me liberar de sua

NACIONAIS - ACHERON

aula quando Olívia disse que não estava me sentindo disposta, pensei que entraria no quarto com aquela régua maligna e um discurso sobre responsabilidade como aluna, ficando quase em choque quando não o fez. Ganhei também uma lembrança da minha noite na tempestade, um resfriado leve e irritante.

Ele ligou algumas vezes durante o período em que estive fora, em todas foi atendido por Olívia que respondia a tudo de forma monossilábica, o que devo dizer, acho extremamente irritante, e tinha absoluta certeza que aquilo era um pedido dele. Em nenhuma das ligações pedi para falar comigo, o que era bom e ruim na mesma medida. Eu precisava de notícias do meu pai, afinal é a minha família, a única. A parte boa, foi não ter que ouvir sua voz, a raiva residual ainda corroía por dentro, e

PERIGOSAS

provavelmente falar com ele me faria ter uma síncope.

O dia de seu retorno chegou rasteiro e só não estava sendo mais um dia de tédio completo porque diversas emoções pareciam cutucar minha pobre mente a cada segundo sem paz. Sempre quando se tratava de Ian Sovelev eu era repartida em vários pedacinhos de dúvidas e conflitos internos que nunca tive. Flagrei a mim mesma desejando que voltasse, e ainda assim que não o fizesse. Detestava sua presença, e ela se tornou preferível a solidão que contornava aquela mansão, aquele lugar ficava assustador de madrugada, já que os empregados dormiam em uma ala separada. Claro, que eu não conto como companhia a presença daqueles armários que estavam a noite inteira apostos em cada saída possível da casa, sempre respondendo com:

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

“Hmmm” a cada maldita pergunta ou comentário feito. Porém, comparado a esse temor, existia outro maior, o medo que o meu inferno particular recomeçasse. As brigas, os gritos – da minha parte, porque o todo poderoso não se altera nunca-, os olhares frios, as palavras sarcásticas. Realmente gostei da paz que tive nos últimos dois dias, foi bom porque imaginei que não voltaria a ter aquela sensação. Mas em termos bem específicos a sua volta era um pouco desejada.

Depois de tomar café na cozinha, com a presença de Olívia e mais três empregadas cujo os nomes não sei, e sobre muito protesto da primeira, - Na visão dela a senhora da mansão não pode ficar comendo na presença do empregados, pura besteira. -, optei por dar uma volta pelo jardim com os meus “cães de guarda”, engraçado que o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que no início me incomodou tanto, hoje era irrelevante. Talvez porque eu desejava ter mais liberdade para explorar aquela cultura nova, e isso requeria ir além dos portões de ferro. Como conseguir isso? Tendo a confiança do senhor da mansão o que parecia mais complicado do que pular os enormes muros, e olhe que com a minha sorte somada à disposição física seria, sendo sincera comigo mesma, quase impossível. Mais difícil ainda graças a minha fuga.

Andei por um bom tempo por entre os corredores familiares com altas árvores que começavam a se descobrir do manto branco, desde aquela tempestade não houve outra, o que me fez pensar que o universo tinha algo contra a minha pessoa. Os seguranças mantinham certa distância, enquanto eu me abraçava e aproveitava os raios de sol que conseguiam transpor as densas nuvens e a

NACIONAIS - ACHERON

copa das árvores. Um prazer simples que me permitia quase todos os dias. Fiz a volta e admirei a vista que a mansão proporcionava, a construção perfeita ao ponto de parecer que a própria terra a fez surgir ali, o lugar digno de um magnata, e o era. O grande Sovelev e sua prisioneira. Bufei.

Entrei pela porta da cozinha ignorando os cochichos das empregadas, e seguindo pelos corredores até a biblioteca no piso superior, passava boa parte do tempo ali ou na sala de leitura no térreo, e claro, o jardim, eram meus lugares favoritos da mansão. Na biblioteca superior havia enormes estantes que iam do chão ao teto recheadas dos mais vareados livros, sem mesa ou cadeira, o espaço no centro era ocupado por um lindo divã vintage, em um tom escuro de vinho que só aparecia mesmo

PERIGOSAS

na luz do sol, acontecia quando as cortinas que cobriam a grande janela no lado esquerdo da sala estavam abertas. E foi o que fiz antes de me enroscar com algum dos livros, mas ao afastá-las tive uma boa visão do portão principal que se fechava depois que um sedã preto o atravessou. O Sr. Sovelev estava de volta. A ânsia cresceu em mim de tal forma que minhas mãos suavam e tremiam. Ao contrário do que pensei nunca estaria preparada para a presença daquele homem. Sempre me vinha a mente o porquê de temer tanto aqueles olhos azuis vazios, ele sabia mais sobre mim do que até eu mesma imaginava ser possível, não importando como infinitamente um passo à frente. Indiferente, fechado e cercado por mistérios, em alguns momentos achava que minha cabeça explodiria de perguntas sem resposta, “Ele sempre foi assim?”, “Onde

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

estava sua família, se é que tinha uma?”, “Como virou esse homem temido por todos?”, a vida dele era uma incógnita, um imenso vazio, e ao passo que desejava ter respostas, também as temia. Sem saída.

Descartei a imagem que vi pela janela, preferindo me virar de costas e procurar algo que me ocupasse por ali, era altamente improvável que o Sr. Sovelev viesse ao meu encontro, usei essa desculpa na tentativa de desacelerar meu coração e diminuir o nervosismo. Passando os olhos por algumas edições achei uma verdadeira preciosidade com sonetos de Shakespeare, resolvi me entreter com aquilo aconchegada no divã.

SONETO 43

“Quanto mais pisco, melhor meus olhos
veem,
Pois o dia todo vislumbra coisas que nada

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

são;

Mas, quando adormeço, surges em meus
sonhos,

E, luzindo no escuro, fulgem em meio ao
breu;

E tu, cujo vulto reluz entre as sombras,

Cuja forma mostra-se alegre,

Na claridade, tua luz é ainda maior,

Que, ante meus olhos baços, faz tua sombra
brilhar!

Como (eu diria) seriam meus olhos
abençoados

Ao ver-te à luz do dia,

Quando, na calada da noite, tua sombra bela
e imperfeita

Permanece sob minhas pálpebras durante o
sono!

Todos os dias são noites, até que eu te veja,

E as noites, dias claros, ao mostrar-te em
meus sonhos.”

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Me perdi em pelo menos cinco sonetos antes daquele me prender completamente, era tão profunda aquela forma de amar, transmitindo ao amante paz ainda que só pudesse ver a pessoa amada em sonhos, por entre as sombras. Fui distraída de minhas conjecturas pelo barulho da porta sendo aberta, e de lá o Sr. Frio me encarava com seus profundos olhos vazios numa postura displicente encostado ao vão. “Sua forma de encarar parece despir a alma é quase um crime” pensei.

- Será que terei que ensina-la os bons costumes também, anjo? – Falou com leve tom de sarcasmo acompanhado do meio sorriso, que ainda fraco fez meu coração bater descompassado, e ali estava o apelido que tentei ignorar todos os dias em que estive fora, junto com as várias
NACIONAIS - ACHERON

possibilidades e significados, era apenas sua piadinha particular, não uma forma carinhosa de chamado, afinal aquele era Ian Sovelev. Aceitei aqueles batimentos estúpidos como medo e tudo estava resolvido. – Acho que essa não é a forma correta de receber seu marido que passou dias fora. Vamos a sua aula de hoje.

Engoli em seco. Ele continuava me fitando esperando uma resposta que naquele momento absolutamente não conseguiria articular. Usava um terno preto, que claro, era sobre medida, a camisa social de dentro branca, no lugar da gravata um lenço escuro e sapatos sociais. Ainda que mantivesse uma imagem sempre formal, exalava uma aura de perigo quase tangível, hipnotizante, cativante.

-Vamos, Ariel. Estou esperando uma resposta, até mesmo uma exclamação. –
NACIONAIS - ACHERON

Caminhou na minha direção com seus característicos passos lentos, permaneci na mesma posição no divã estática esperando por cada mínimo movimento. Não conseguia definir qual o seu jogo, o intuito por trás daquela provocação envolvida por um tom de sedução. Provável que fosse apenas seu novo método de me tirar a paz. Estava na hora de mostrar que aquilo era um jogo para dois. O acompanhei com o olhar até onde pude, já que decidiu por se postar as minhas costas.

- Seja bem-vindo, Sr. Sovelev. – Não sei de onde tirei aquela firmeza na voz, contudo agradei internamente por soar como desejava. Sarcástica e fria. Afinal, estava aprendendo algo útil. Escutei seu baixo suspiro.

- Anjo, não já tivemos essa experiência alguns dias atrás? – Seu tom como sempre

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

era baixo, quase uma carícia, se não fosse tão desprovida de emoção. Por estar encostado ao divã, falava bem ao meu ouvido. Absoluta certeza de que aquilo era intencional. – Se atenha ao seu aprendizado. Você não consegue jogar contra mim.

Contive a vontade de bufar, mas acabei por revirar os olhos para as suas palavras. Ele era mais do que pretencioso, via tudo no mundo como algo a ser comprado e lhe pertencer. A boa resposta que pensei em dar ficou presa na garganta, quando a ponta dos seus longos dedos acariciara meu braço, tão levemente que se não fosse pelos pequenos choques a me percorrer não seria notado. Preferia não avaliar aquela pequena traição do meu próprio corpo.

- Não sei do que está falando. – Disse lentamente com medo de gaguejar, a situação já estava ficando fora de controle

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para o meu lado. Apertei o livro em minhas mãos com mais força. O sopro que tocou minha nuca fez com que tivesse um pequeno sobressalto. Fechei os olhos implorando a minha mente que não invocasse as imagens do beijo que trocamos no quarto, porém foi justamente o oposto que aconteceu, ele estava muito próximo, seu cheiro quase em mim. Me encontrava em uma situação crítica, que era Ian Sovelev brincando com meus pobres nervos.

- Você pode fazer melhor do que isso, Ariel. Vamos, estou apenas começando... – Provocou e eu posso jurar que aquele estúpido projeto de sorriso que tem, está aberto se deliciando com o meu desconcerto. Abaixou-se ao ponto de seus cabelos tocarem meu rosto, e antes que tivesse qualquer reação senti seus lábios no

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

meu pescoço onde plantou um beijo sutil. – Aqui vai sua lição número um: Nesse mundo você tem que aprender a enganar, ao ponto de iludir a si mesmo. – A cada sílaba o movimento de sua boca fazia um arrepio percorrer meu corpo. Se afastou apenas para que pudesse segurar meu rosto e virá-lo em busca de que encarasse aqueles profundos olhos azuis, antes já não conseguia raciocinar bem as palavras que eram trocadas, agora fitando-o tão de perto parecia que as mesmas tinham se perdido no caminho da mente até a boca. “O diabo também era bonito, o anjo mais lindo” Gritou uma parte do que sobrou da minha consciência para o vácuo.

- Deseja que diga sentir sua falta quando está longe? – Ri com escárnio aproximando mais nossos rostos, se é que aquilo era possível. – Receio não ser tão boa atriz.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Jurei que dizendo isso despertaria sua raiva sempre tão contida, mas como sempre estava enganada, a única pequena vitória que tive foi ter seu corpo afastado do meu. O ar podendo encontrar seu caminho normal de volta aos pulmões. Enquanto respirava fundo, ele se postou a minha frente, e no seu meio sorriso vi que o jogo só tinha começado. Havia trazido consigo de volta o inferno, cheguei a breve conclusão de que queimaria bem lentamente.

- Tem uma língua afiada, Anjo. Deve ser decepcionante para você saber que seu próprio corpo entrega seus pensamentos. O quanto tem que lutar para evitar a reação que tem a mim. – Suas mãos estavam nos bolsos da calça, e o Sovelev tinha uma postura mais do que tranquila. Coloquei o livro que estava em minhas mãos de lado no divã.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Pode até ser verdade. – Dei de ombros numa imagem de quem não se importa. – Mas acredito que a mente é menos traidora do que a carne, portanto mais confiável. – “Ou talvez nem tanto visto como o rosto dele vem sendo gravado fixamente na memória.”

Me levantei pronta para seguir meu caminho e me livrar daquela sensação de estar sufocado. Entretanto em um passo se postou perto demais, impedindo que passasse. E antes que pudesse protestar, as mãos que estavam nos bolsos agora possuíam minha cintura, apertando com força de encontro a si, deixando nossos corpos completamente colados. A boca que ditava provocações estava persuadindo a minha, tão lentamente, de forma irrevogável. Fui incapaz de não ceder o deixando explorar. Ainda mais intenso do

NACIONAIS - ACHERON

que a última vez, a sua língua guiando e explorando. Seria tão simples entrar em combustão a qualquer segundo. E as mãos que espalmavam o peito dele, tentando afasta-lo, em poucos segundos agarravam com força a lapela do terno, o trazendo pra si. Eu estava completamente fora de mim, flutuando em uma dimensão qualquer. Só isso para justificar o fato de que mesmo com o fim do beijo, meus olhos permaneciam fechados e um formigamento tomava todo corpo.

- Você não é exatamente um segredo, Ariel. Normalmente seus olhos respondem tudo tão sinceramente que chega a ser divertido. – Acariciava meu rosto com o polegar, sua boca colada na minha. Me sentia como uma pequena criatura pega em uma armadilha. Mordeu meu lábio inferior sem força, apenas deixando as minhas

pernas com uma consistência duvidosa. Se distanciou e voltei a ser analisada por aquele olhar de um azul frio que parecia ver o mundo de um jeito tão oposto ao meu. — Todas as respostas.

- Então o seu objetivo agora é desnudar a minha alma? — Perguntei num fôlego só, dando uma risadinha que saiu bastante nervosa até para os meus ouvidos. Queria que ele soltasse meu rosto para que pudesse desviar o olhar propriamente, e entender o que diabos estava acontecendo comigo. E algo surpreendente acontece, Ian Sovelev sorriu! Não o seu típico sorriso frio, muito menos um de alegria, aquele era uma clara versão de: “Vou te levar para o inferno, mas acredite você vai pedir por isso.”

- Sua alma não é exatamente o que desejo no momento. — Um alerta em vermelho piscava na minha mente me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mandando correr, mas aquilo seria impossível, porque uma parte que não conhecia, nem deveria, desejava por permanecer. Antes que pudesse decidir a quem daria ouvidos o Sr. Frio me empurrou de volta para o divã esquecido me fazendo cair praticamente deitada no mesmo. Aturdida esperei pelo próximo movimento, onde apoiou seu corpo com os braços de cada lado do meu rosto, seus lábios entreabertos percorreram minha nuca para, por fim desenhar meu maxilar. Estava a ponto de hiperventilar quando sugou meu lábio inferior e em seguida o superior, era dolorosamente lento. Apertei meu tronco de encontro ao seu, sentindo toda a sua rigidez em contraste com a minha maciez, minha mente invocou as imagens dele sem camisa, e desejei poder tocá-lo sem a interferência de nada. Sua brincadeira teve fim com um

NACIONAIS - ACHERON

beijo profundo e correspondido, os seus dedos surgiram de um lado da minha cintura subindo por dentro da blusa folgada que usava, estavam frios, contudo aquilo não foi nada incômodo já que eu parecia estar queimando.

Fiquei tão distraída que quando ele se afastou subitamente de mim praguejando demorei alguns, tantos, segundos para notar o toque persistente de um celular. Passou os dedos pelos cabelos, depois arrumando sua camisa que após tudo aquilo estava um pouco amarrotada. Puxou o aparelho do bolso, e só olhando a sua cara senti pena da pessoa do outro lado da linha.

- Я слышаю “Estou ouvindo”. - Sua voz se mostrava mais rouca do que o normal, a boca estava um tom mais vermelha. Permaneceu me olhando enquanto estava no telefone, e infelizmente não tinha forças

NACIONAIS - ACHERON

para me levantar dali. Esperava que ele estivesse concentrado o suficiente no que lhe estava sendo dito para notar minha cara de desorientada, porque era assim que me sentia. Quando algo foi dito na linha, assisti sua expressão se fechar ainda mais, como uma tempestade. - мы будем решать его “Vamos resolver isso”

E com essa frase dita de forma lenta desligou o objeto guardando em seguida, duvido muito que aquilo tenha sido um: “até logo, vou desligar.” Se aproximou me olhando de cima, com todo aquele ar de imponência detestável. Onde está o homem de momentos atrás?

- Tenho alguns negócios para resolver. Espero que esteja a mesa nos horários corretos das refeições. – Aquilo não foi dito de forma rígida, mas continuava sendo uma espécie de ordem velada. Não compreendia

NACIONAIS - ACHERON

toda aquela importância com a pontualidade, e nem como ele sabia que não andava seguindo seu cronograma, afinal ele esteve fora. Lembrei dos telefonemas. Segurei a vontade de revirar os olhos na cara dele, e apenas assisti sua partida silenciosa. Assim como veio, partiu.

Numa breve análise vi minha roupa amassada, a blusa muito levantada. Corei até a raiz do cabelo, o que tinha acontecido ali? Não conseguia pensar em nenhuma resposta plausível. Levantei colocando as peças de roupa de volta no seu devido lugar. Nem queria pensar no estado do meu cabelo.

Imaginei como podia detestar tanto um homem, e também desejá-lo, sim, porque não era sequer plausível negar isso, a cena de minutos atrás estava bem viva na memória para provar. Ele tinha razão ao

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

dizer que não podia jogar tendo-o como oponente, e ver aquela derrota na cara fez um gosto ruim subir por minha boca. Todo meu orgulho não serviu de nada em oposição ao seu toque. Mas uma coisa valeu de aprendizado, era mais seguro ter um Sovelev frio e distante, do que um próximo e quente. Admito essa fraqueza, e tenho que aprender a lidar com ela, e com a curiosidade, qual seria a verdadeira personalidade do Sr. Frio?

Respirei fundo, reorganizando meus pensamentos e planos daqui pra frente. Os passos teriam que ser refeitos, porque subestimei o efeito que ele obtinha sobre mim. Procuraria por algo para fazer, talvez ficar um tempo na cozinha escutando as mulheres falarem coisas incompreensíveis, ou uma aula com o professor de russo fosse suficiente para me distrair daquelas

NACIONAIS - ACHERON

sensações.

- Esse homem vira minha vida de cabeça pra baixo. — Resmunguei fechando a porta da biblioteca atrás de mim. De certa forma começando a temer por minha sanidade.

Foi um dia menos do que improdutivo. E minha completa falta de atenção durante a aula de russo, resultou no uso pouco convencional da régua para disciplina, pelo menos, na atualidade. Escutar a conversa das mulheres que sempre acabava sendo algo engraçado e confuso não funcionou daquela vez. Porque minha cabeça só gritava uma mesma pergunta: O que aconteceu comigo? Que branco completo foi aquele, onde fui incapaz de sequer lembrar meu próprio nome, de todos os motivos que tinha para querer manter maior

distância possível daquele homem. Meu futuro todo foi afetado por apenas um desejo caprichoso, e uma promessa que não fiz. Deixar isso claro era a única opção para permanecer sã diante toda aquela bagunça que virou a minha vida, e não acabar virando apenas a peça frágil que era lançada de um lado a outro no tabuleiro, sobre o controle do Sovelev.

Como foi “sugerido” estava á mesa no horário designado para cada refeição, e mesmo no jantar quando tudo estava posto, os empregados numa perfeita fileira ao lado da parede em posturas perfeitas, ainda assim Ian Sovelev não estava presente. Sendo dessa forma comi sob o olhar submisso de dez pessoas, constrangida e sem apetite algum para experimentar tudo o que tinha no meu prato, portanto a refeição foi mais uma enganação. Sentia falta de comer na

PERIGOSAS

mesa pequena do apartamento em Nova Iorque com a companhia do meu pai, tudo tão mais simples. Após alguns minutos revirando a comida de um lado a outro me dei por satisfeita, deixando o olhar de repreensão de Olívia para depois. E já que não tinha o que me ocupasse mais aquele dia, subi para o quarto.

Nesse instante já passava das duas da manhã e eu estou olhando pela janela fechada enrolada no grosso edredom, porque parece que o mundo está acabando do lado de fora. Detesto os seguranças, mas espero, para segurança deles, que não estejam lá. Durante o tempo que cheguei aqui nunca tinha acontecido nada parecido, nem acho que vi isso alguma vez na vida antes. A estrutura da mansão parecia fazer o barulho da tempestade lá fora ficar mais alto ecoando pelas paredes o interior, assustador.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Os empregados já haviam se recolhido a um bom tempo, e estava sozinha com o meu medo crescente.

Desde nosso pequeno encontro naquela tarde não houve nenhuma aparição do Sovelev, começava a ter certeza que ele apenas surgia nos momentos mais indesejados, onde estava mais vulnerável para me enlouquecer aos poucos. E no instante que qualquer alma vivente era bem vinda para estar ali comigo, onde estava o senhor da mansão? Um mistério! Apesar de contraditório, ao olhar pela fresta na cortina e ver como o vento trazia pequenos pedaços de gelo os chocando com demasiada força no vidro da janela, me angustiei com a ideia de que estivesse dirigindo naquele clima pouco favorável. Convenci minha mente que não era estranha aquela pequena, quase minúscula, preocupação me deixando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

incomodada. Apertei com mais força o lençol entre meus dedos quando um som forte ecoou. Era o fim do mundo?

Cansada de me corroer por dentro, e pouco entusiasmada com a ideia de continuar na cama correndo o risco de pensar nas intensas mudanças que ocorriam na minha vida, entre poucas pausas, resolvi me levantar e vagar um pouco pela mansão. Minha mãe sempre dizia que caminhar um pouco, e um copo de leite ajudavam a trazer o sono de volta, sempre funcionou, contudo no presente momento acho que precisaria de uma maratona e um litro inteiro de leite para me fazer dormir. Andei pelos corredores do segundo andar, e só não me arrependi da minha decisão porque Olívia sempre deixava as luzes principais ligadas, deixando o ambiente mais acolhedor, embora não acreditasse que essa palavra

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

poderia definir aquele lugar, era enorme, muito organizado e adornado com obras de arte que nem posso imaginar o valor, entretanto parecia mais um castelo intocado, um perfeito museu, do que um lar. Puxei mais as mangas do meu moletom cinza e velho, que cobria o pequeno short de flanela que usava, estar vestida assim me remetia minha casa. Então, meio que para contrariar o Sr.Frio, e em parte por saudade eu preservava meus modelos confortáveis. Desci as escadas segurando com mais força do que o necessário o corrimão cada vez que o barulho da tempestade parecia se intensificar. Detestava tempestades, desde que me conheço por gente. Quando criança costumava dormir com os meus pais sempre que os trovões eram fortes, agora aquela chuva parecia piada comparada ao que estava presenciando. E não havia ninguém

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

comigo. O som de vozes junto com a porta principal sendo aberta fez com que parasse no meio da escada, esperando para ver quem surgia dali. Dois homens trajados inteiramente de preto se curvavam um pouco os ombros, provavelmente pelo frio que fazia do lado de fora, mas instantaneamente soube diferenciar aquele com cabelos tom de cobre, mesmo que estivessem mais escuros por estarem molhados, ali estava o senhor frio. Com mais elegância do que o necessário limpou os braços enquanto prosseguia com seu assunto, e eu apenas conseguia entender palavras soltas, sem sentido algum. O ar parecia carregado a minha volta por sua simples presença.

- Отведите его в сарае. Завтра я решу, что делать с ним. “Levem-no para o galpão. Amanhã decido o que fazer com

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ele.” – Sempre me surpreendia o fato de sua voz quase acariciar as palavras ao pronunciá-las. Dei um passo atrás bem lentamente na intensão de não ser escutada pelas demais pessoas. O homem ao lado do Sr.Frio era um pouco mais alto que o mesmo, e desprovido de cabelos, não de um forma feia, mas para quem já tinha uma expressão naturalmente fechada, o corpo enorme dando a impressão de que poderia esmagar alguém com um simples aperto dos braços longos, bem, amistoso ele não parecia. Imaginei que por não ter feito barulho algum o Sovelev não havia se dado conta de que estava ali, obviamente um engano. – O que faz acordada a essa hora, Ariel? – Perguntou sem ao menos se virar na minha direção. Mais uma coisa a acrescentar a lista do Sovelev, aprendiz de Houdini. Como a ideia de sair correndo para

NACIONAIS - ACHERON

o quarto me pareceu bastante infantil, aceitei a derrota e desci os últimos degraus.

- Não consegui dormir. – Falei puxando a ponta do moletom, um reflexo ao súbito nervosismo que estava sentindo. Por que sempre esse homem tem que me desconcertar e tirar o foco? Era muito injusto que alguém nascesse com aquela aura de superioridade em volta, fazendo as demais pessoas se sentirem inferiores. Acho que esse era o fundo do problema, o Sovelev me fazia sentir pequena e sem poder nenhum de decisão. Aquela era uma face minha desconhecida, e preferia que tivesse continuado assim.

– Распределяется утверждают. “Está dispensado, Alegan.” – Entendi que o nome do outro era Alegan, e ao que aparentava ele foi dispensado pelo Sr. Frio, num simples aceno de mão acompanhado por uma frase.

PERIGOSAS

A resposta foi apenas um leve balançar de cabeça. Acho que as pessoas aqui economizam palavras. Seus passos ecoaram pelo piso e, por fim, a enorme porta voltou a ser fechada. Fiz uma careta por ter sido completamente ignorada, contudo ao mesmo tempo agradeci lembrando da forma como estava vestida. Voltei minha atenção ao outro, mas ele já caminhava em direção a sala de estar. Pensei que estaria cansado da viagem, e do sumiço a tarde. Eu poderia dar de ombros e seguir para o quarto, mas outro estrondo lá fora foi tudo o que precisei para ser convencida a segui-lo. Ao entrar acompanhei seus movimentos se servindo de uísque no mini bar muito bem abastecido, nada se comparado a adega no piso inferior que possuía provavelmente bebidas de boa parte do mundo, ao lado da janela cuja grossa cortina se mantinha

NACIONAIS - ACHERON

fechava com uma pequena brecha por onde nada se via graças a tempestade.

Continuei a estudá-lo encostada a entrada da sala, já que estava de costas. Os dedos longos trabalhavam depressa preparado uma dose do que supus, pela coloração âmbar claro, ser uísque. Se virou levando o copo aos lábios enquanto me analisava, achava incômodo, pelo menos esperava ele não estar olhando para fazê-lo, e duvidava bastante que tivesse a capacidade de despir uma alma como o Sovelev, ao mais simples gesto de olhar. Profundos e frios olhos azuis escuros, sugavam tudo a sua volta e nada devolviam.

Andou até uma grande poltrona feita com um material parecido com couro trabalhado numa coloração marrom e acabamento em delicadas costuras se cruzando. Ficava próxima a outra janela,

NACIONAIS - ACHERON

dando a quem sentasse ali uma boa visão do jardim, o que não aconteceria naquele momento. Me movi de um pé a outro desconfortável e me recriminando por não ter seguido direto para o quarto. Deixei minha atenção vagar um pouco pelo ambiente, prestando atenção até a lareira desligada, para não precisar olhar em sua direção, o que no fim se provou inevitável.

- Não vai dormir? – Me arrependi assim que as palavras saíram. Quem era eu para querer saber isso? Tudo bem, somos casados. Mas apenas por um contrato que fui coagida a aceitar. Contudo, devo admitir que foi a única coisa que passou pela cabeça para quebrar aquele silêncio incômodo. E digamos, que realmente estava curiosa sobre isso. O homem deita horas depois que estou dormindo e levanta bem antes de mim, ninguém consegue lidar com tão pouco

descanso.

Abaixou o copo, o apoiando no braço da poltrona e sua expressão era de puro escárnio, já devo ter dito milhões de vezes o quanto detesto aquele projeto de sorriso patético. Tamborilava os dedos no objeto fazendo um pequeno barulho graças a aliança que usava no anelar estar indo de encontro ao delicado cristal. Notar o item fez com que a minha mão esquerda pesasse com a pequena algema que comprovava a nossa ligação, e a minha não declarada prisão.

- Por que? Deseja a minha companhia? — Perguntou voltando a levar a bebida aos lábios. Lá estávamos nós de novo. Claramente o Sovelev tinha um prazer secreto em me deixar desconfortável, e obviamente aquela também era uma referência velada ao que aconteceu mais

NACIONAIS - ACHERON

cedo na biblioteca do segundo andar, nunca mais poderia sentar naquele divã sem me sentir incomodada. Contudo ao ver que não responderia a sua provocação apenas deu de ombros. — Ainda não. Acho melhor você ir para o quarto, já está tarde. Hora de garotinhas indefesas estarem dormindo.

Vi vermelho. Agora sou vista como uma criança que tem horário para dormir? Cruzei os braços respirando fundo e tentando convencer a mim mesma que não podia deixar ele ganhar aquela também.

- Sou grande o suficiente para decidir o horário em que vou me recolher. — Retruquei lentamente. Só o que me faltava era ser presa na torre mais alta e não poder sair de lá até a fera permitir, se bem que era mais ou menos o que já acontecia mesmo...

- Não tem medo de ser atacada durante a

madrugada? – Provocou, e um pequeno tremor perpassou meu corpo, e acabei por abraçar mais forte meu corpo. Desviei meus olhos para o chão. – Sem medo, Anjo.

Escutei o simples som do copo de encontro a pequena mesa de madeira, assim como seus passos que se aproximavam de onde eu estava, e por pouco não sai correndo daquele lugar, a justificativa mais provável era não encontrar a força das minhas pernas. Quando o fato fez sentido na minha mente já era tarde demais, Ian Sovelev estava postado a minha frente, muito próximo, em toda a sua estatura. Quase colados, um fio de ar separava seu corpo do meu, e sua respiração começava a ser a minha. O cheiro forte do uísque estava ali também. Apoiou uma mão bem ao lado do meu rosto, deixando claro que daquela prisão não sairia. “Acho que estou

começando a hiperventilar”, mas o pior pensamento nem havia sido aquele, sim o que se seguiu, “Quero beijá-lo de novo.” Foco, Ariel, é disso que você precisa. Seu rosto colou na lateral do meu, a barba fazia um pouco de cócegas, entretanto de uma forma boa que me deixava mais ao seu dispor, incapaz de manter distância.

- Você está parecendo uma garotinha com essa roupa, admito que foi uma boa escolha. Mas, se pensou em algum momento que isso me manteria afastado... — Reconheci o toque dos seus dedos subindo pela minha coxa onde parecia desenhar as linhas percorridas a fogo. — Está enganada. Isso revela muito, então não ande assim pela casa, certo?

Desejava dar uma das minhas respostas espertas e contradizê-lo como vinha me adaptando a fazer, porém mesmo que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

conseguisse articular algo, sua boca já estava na minha. Um beijo sem amor ainda pode queimar, e ele sabia como persuadir para que desejasse arder completamente e segui-lo naquela dança que ele comandava. Meu corpo ficava ainda mais sensível sobre seus toques. Permiti que minhas mãos adentrassem as mechas acobreadas do seu cabelo, brincando e acariciando, até chegar a sua nuca onde finquei as unhas provavelmente deixando uma marca, certamente não me importava. Segurou meu rosto com apenas uma mão, separando nossos lábios, e nossas respirações que combinavam em estarem ofegantes se encontravam.

- Suba, Ariel. Estarei logo atrás. – Falou empurrando seu corpo para longe do meu, enquanto eu procurava alguma orientação, porque esqueci completamente onde estava

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

por instantes dignos de um infinito. Olhei para as minhas mãos que a pouco tempo o tinham, e perguntei onde estava com a cabeça. Esse homem vai me enlouquecer. Balancei a cabeça saindo daquela sala a passos trôpegos, pouco me importa se ele vem logo atrás, quer dizer, se eu tropeçar na escada seria bom ter qualquer pessoa para impedir minha morte iminente...

A tempestade que havia sido por completa esquecida ainda parecia acabar com tudo do lado de fora, e isso nem era mais um grande problema se comparado a catástrofe que está minha mente. O Sr. Sovelev oscila entre o homem misterioso, sedutor, e aquele ser frio e impenetrável, quase intragável que não merece viver em sociedade. E eu me perco entre eles, porque enquanto um é detestável o outro tem uma sedução capaz de fazer você comer na

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

palma da mão, ambos são perigosos e não tenho para onde fugir, afinal estou casada com o bipolar.

Fechei a porta atrás de mim com demasiada força, sem me importar com o barulho que ecoou pelos corredores. Naquele momento um sentimento de segurança me possuiu, é incontáveis vezes melhor estar trancada no quarto sozinha escutando o som daquela forte chuva, do que correr o risco iminente de parar novamente nos braços do Sr. Frio. Enrolei o edredom no meu corpo, como um casulo e esperei, pacientemente pelo sono, que não veio. A adrenalina permanecia correndo no meu corpo, “Ótimo, a caminhada resultou em algo completamente inútil. Obrigada, Sovelev.” Pensei sarcástica.

Voltei a rolar pela cama, sem encontrar uma posição confortável. Começava a

NACIONAIS - ACHERON

considerar a opção do medicamento quando a leve abertura da porta fez uma fresta de luz entrar no lugar refletindo no meu rosto. Rapidamente fechei os olhos, no intuito de fingir dormir, não sei ao certo por que fiz isso, mas agora já estava tarde para reconsiderar. Os passos lentos levaram até o banheiro, só tive coragem de “despertar” quando outro clique indicou que ele havia se trancado por lá. Estranho é pouco para definir como aquele momento estava sendo. Desde que me casei nunca dividi realmente o quarto com meu suposto marido, o Sr. Frio passava muito tempo fora e isso me dava paz na ignorância, porque lá no fundo sabia que não seria sempre assim. Aquela casa era dele, então como fugir se estava presa ali? Tendo como uma das minhas obrigações acompanhá-lo quando lhe convir. Fiquei tão focada nos meus

PERIGOSAS

pensamentos que me toquei tarde demais para voltar a me fingir de adormecida. O Sovelev saiu do banho com uma calça de moletom cinza caindo um pouco na cintura e uma camisa branca. Ele parecia outra pessoa, sem o terno, a gravata e os sapatos sociais perfeitos, incrivelmente se assemelhava a um cara normal, bem, nem tanto se contar com a beleza estonteante que uma pessoa comum não deveria ter ao sair de um maldito banho.

Um alarme soou na minha cabeça e preferi focar no tecido que me envolvia, muito melhor. Seus passos elegantes o levaram até seu lado da enorme cama, que nunca me pareceu tão pequena, e apenas se deitou, sem dizer uma única palavra. O que deduzo disso tudo? O nível de loucura piorou. Dei de ombros virando de costas para ele, vamos nos ignorar mutuamente,

NACIONAIS - ACHERON

assim quem sabe não esqueço as loucuras que vim fazendo durante aquele dia.

Minutos se passaram, não sabia quantos ao certo, porém continuava desperta, a tal ponto que comecei a me concentrar na respiração do homem deitado ao meu lado. Cadenciada, leve... E passei a lutar contra o desejo de vê-lo dormir. As expressões sempre duras e fechadas podiam se suavizar? Gemi em frustração. Que porcaria é essa, Ariel?

- Você poderia parar de se mexer, ou é pedir muito? – Quase pulei fora da cama ao notar como o murmúrio rouco soou próximo a mim. Aparentemente ele é muito melhor do que eu em fingir um sono profundo. – Ou apenas quer que a coloque para dormir? – Imagino muito bem o meio sorriso de zombaria que acompanha essa última frase, e mesmo sabendo disso, não consegui

NACIONAIS - ACHERON

impedir meu rosto de corar. Graças pela escuridão!

- Desculpe, não estou conseguindo dormir. – Até o meu sussurro se mostrava muito alto naquele silêncio. Que culpa tenho se meus olhos se recusam a permanecer fechados? – Vou andar um pouco para ver se o sono chega...

O que sei que não vai acontecer. Me preparei para levantar, quando os seus dedos se fecharam no meu braço, sem usar de muita força, apenas o suficiente para me fazer deitar novamente. Pisquei atordoada, como ele era rápido!

- Não era isso que estava fazendo quando cheguei? – Resmungou tão baixo que quase não fui capaz de escutar. – Apenas fique quieta.

Seu braço envolveu minha cintura e o

corpo, que estava tão perto, se colou por completo ao meu. Fiquei tensa no mesmo segundo, suspendendo até mesmo minha respiração, contudo aos poucos, a sua tão lenta indo de encontro ao meu pescoço me fez relaxar. E sem realmente parar para fazer análises, ou dizer que se tratava de algo errado, me deixei aconchegar mais a ele, o calor dele passando a mim. Os meus olhos se fecharam lentamente.

- Obrigada. — As palavras se perderam no silêncio, sem qualquer tipo de resposta. Podia dizer que estava dormindo, e rápido, como achei que não conseguiria, segui o seu exemplo.

Capítulo 8 – Conte uma história

Acordei como em todas as manhãs, absolutamente sozinha. Por uma parte aquilo era tranquilizante, em outra me deixava ainda mais confusa, como aquela atitude tomada no quarto escuro, tendo como testemunha apenas os sons da tempestade. Ele corria entre suas múltiplas faces, e eu me perdia sem entender quem de fato Ian Sovelev era. Tive um sono vazio, sem qualquer traço de sonho, o que nem chegava a ser decepcionante. Sem querer parar para tentar desvendar nada, ou seja, estudar os gestos daquele homem, apenas optei por me levantar, e desistir antes mesmo de iniciar um batalha mental.

Tomei um banho rápido e coloquei uma
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

roupa simples para ficar perambulando pela mansão, uma programação super empolgante. Peguei um casaco não muito grosso vermelho - uma das peças novas do kit esposa - o coloquei sem qualquer dificuldade, o meu número exato, o que era um pouco assustador. Para mudar optei por prender o cabelo em um rabo de cavalo bem no alto, me dando por satisfeita. Ao descer pelas escadas ignorei qualquer sussurro que minha mente pudesse soprar, de propósito evitando olhar em direção a sala que serviu aquele encontro descabido e de proporções catastróficas ao meu pobre raciocínio. Percebi que todas as janelas tinham as cortinas bem abertas, diferente do que ocorria diariamente, aquilo dava um ar mais vivo e claro aos corredores e salões por onde passei. Como o horário ainda não estava muito avançado decidi tomar um

NACIONAIS - ACHERON

bom café da manhã.

E eis um motivo para não gostar de casas enormes, quando você precisa encontrar alguém é como entrar numa busca pelo tesouro perdido. Depois de andar por várias partes da mansão e não encontrar Olívia me dei por vencida. Sabendo que o Sovelev estaria naquele momento trancado no seu escritório, resolvi pular o meu plano inicial e ir direto para a minha caminhada do dia, já que meu estômago estava contido.

Tendo como companhia bem próxima os meus “cães de guarda” habituais. Achava incômodo estar na presença de alguém por uma hora todos os dias e sequer saber o nome dessa pessoa, mas para eles isso parecia tão comum, eu era apenas a esposa do chefe e não cabia a eles qualquer outra informação que não essa. Depois de um bom tempo percorrendo a trilha que cobria

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

grande parte do jardim, embora não todo, me dei por satisfeita. Ao passar pelo hall de entrada nenhum som se ouvia ali dentro, os empregados trabalhavam como fantasmas eficientes, perfeitamente treinados a saber qual o seu lugar.

Vi que na sala de leitura onde costumava passar o tempo duas empregadas espanavam os dois jarros de cristal perfeitamente posicionados em pedestais, para evitar incomoda-las no seu silêncio fúnebre e no processo de limpeza, resolvi voltar a subir as escadas. Me perder novamente na biblioteca superior com a reconfortante presença dos livros. Estava quase satisfeita com aquela opção quando a escada que levava ao terceiro andar prendeu minha atenção. Na apresentação que Olívia fez da mansão logo quando cheguei, disse que não havia necessidade de subirmos já que no

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

andar superior existia apenas um grande sótão empoeirado. Naquele instante o tal lugar me pareceu irrelevante, contudo parando e estudando com a devida atenção lembrei que em lugares assim guardamos coisas antigas do nosso passado, que não cabem no ambiente onde vivemos atualmente. Então, quantos segredos poderiam estar escondidos?

Pode ser uma esperança vã, contudo a idéia me parecia tão irresistível e certa. A possibilidade de ter todas aquelas dúvidas ao menos um pouco sanadas me impulsionou a seguir subindo a escada pequena e discreta, praticamente escondida em um dos tantos corredores daquela casa. Cada passo me deixando mais leve.

Se disser que minha boca não ficou escancarada ao empurrar a simples porta de madeira, bem básica para os padrões NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

exorbitantes da mansão, estaria mentindo feio. Não sei a ideia que as pessoas em geral têm de um sótão, entretanto a minha se tratava de um lugar empoeirado onde nossas mães guardam os brinquedos que esquecemos, os móveis que elas se envergonham de um dia terem comprado, ou coisas do gênero. Aquilo na minha frente absolutamente NÃO é um! O espaço era amplo, sem grandes janelas, apenas uma pequena que ficava bem ao fundo no teto. Muito limpo, ao ponto de acreditar que uma poeira não ousaria estar ali, o piso como o resto da mansão era uma madeira escura e bem lustrada. Um perfeito salão se desconsiderássemos os poucos objetos que ocupavam o ambiente. Alguns castiçais dourados ocupavam o interior, um enorme tapete cobria bom espaço do chão e uma grande poltrona antiga coberta por um

NACIONAIS - ACHERON

veludo negro estava postada ao centro, ignorando a ínfima parte da minha mente que sussurrou: “Além de tudo faz parte de uma seita.” E andei guardando tudo na memória, elevei meus olhos pelas paredes finalmente notando o ponto central daquilo tudo.

Um quadro. A mais perfeita pintura a óleo que tive a oportunidade de ver, incluindo as que estavam espalhadas pela casa. Aquela possuía um sentimento gritante em cada pincelada. A imagem eternamente gravada ali era tão doce e pura, algo que nunca imaginei poder pertencer a alguém como o Sr. Frio, mas ali estava. O quadro retratava uma jovem mulher, de pele alva e traços finos, seu cabelo um castanho claro, longo chegando ao que podia ver até sua cintura, olhos grandes e bem emoldurados por cílios grossos de um tom profundo de

PERIGOSAS

verde, ela era linda. Mas o que se destacava mesmo em si era seu sorriso tão aberto, exalando a mais intensa alegria. Porém este não era direcionado a quem eternizava a cena, mas sim ao lindo garoto que tinha em seus braços, a criança tinha por volta de três anos, envolvido com uma manta azul que segurava com a mãozinha, só conseguia ver seu cabelo claro, quase um dourado, já que ele parecia estar totalmente voltado para ela. Uma mãe e seu garotinho.

Tantas perguntas se formaram que cheguei a ficar tonta. Quem ela era? E o menininho? Quando aquela arte foi feita? Aquela é a família a qual procurei por tanto tempo evidências? O quadro parecia antigo, mas com certeza tinha um significado profundo para ser guardado em uma sala só para ele. Sinto que minha cabeça vai explodir se fizer um pouco mais de força.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- A senhora não deveria estar aqui.

Com o susto que levei, quase bato no teto ao pular com as mãos no peito, na minha clara tendência ao exagero. Me virei lentamente, por pouco não desmaiei de alívio ao encontrar Olívia. Soltei a respiração que nem percebi prender, mas a minha tranquilidade se esvaiu quando vi a sua expressão, ela parecia quase em pânico, pelo modo como suas mãos se moviam imaginei que quisesse me arrastar o mais depressa dali e me levar para bem longe. Seus olhos vagavam por todos os lugares menos diretamente em mim, e claro, no quadro. Aquela atitude foi a resposta que precisava. Realmente havia uma história por trás de tudo, e não me daria por satisfeita até entender cada pormenor. Afinal, era justo, não? Ele lia minha ficha e eu descobria alguns mistérios que encobria. Indo por esse

NACIONAIS - ACHERON

princípio, comecei:

- Quem é ela, Olívia? – Dispensei qualquer tipo de rodeio, indo diretamente ao ponto. Embora, meu tom de voz fosse baixo, não queria quebrar a áurea de paz que transmitia o lugar. Parecia estar esquecido, como um pertence bonito que possuímos e não usamos temendo danificá-lo. É, uma boa definição.

- Acredite, senhora, não se trata de uma boa história. Além do mais, não tenho como lhe dar detalhes... – Seu nervosismo fazia seu sotaque ficar mais forte, e lamentei por colocá-la naquela posição, porém que outra oportunidade teria? E procurar saber com o Sovelev estava completamente fora de questão.

- Mas pode me contar o que preciso saber no momento. – Interrompi suas

justificativas. – Por favor, você mais do que ninguém vê como estou perdida aqui. O mínimo seria começar a entender tudo, desde o início.

Sentia que naquela pintura estava a chave para um ponto de partida. Poderia ser aquilo que decifraria a razão de todo o comportamento frio, as paredes erguidas para se proteger de tudo novo, a falta de demonstrações para o que realmente estava sentido, a porta de entrada para decifrar Ian Sovelev. Eu sequer entendia por que aquilo era tão importante para mim, contudo seguiria daquele jeito. Esperei pacientemente, os minutos de arrastando até me surpreender com sua voz quebrando o silêncio:

- Lana, esse é seu nome... – Se aproximou a passos lentos do quadro, o olhando bem de perto. Suas feições

NACIONAIS - ACHERON

transmitiam o reconhecimento, e até a saudade. Se recordando do que supus serem tristes memórias. – Ela era doce, divertida, diferente de tudo que a cercava. Persistente, nada a parava quando queria algo. – Um pequeno sorriso se formou em seus lábios. Olhando para aquela tela não havia quem lhe contradissesse. – Mas aos poucos a luz que emanava foi se perdendo, diante a frieza e indiferença do seu marido. Yvon Sovelev, o pai do Sr. Ian.

Voltou sua atenção para mim, que ouvia a tudo em um completo silêncio de reflexão. Então o Sovelev era a cópia no presente do que o seu pai foi no passado. Ao contrário do que imaginei ao começar tudo aquilo, as revelações que estavam sendo feitas apenas despertavam mais dúvidas. Onde estava Lana? O que aconteceu nos anos depois que aquele quadro foi pintado? Sinceramente, se

NACIONAIS - ACHERON

Olívia decidisse parar de falar, tenho a clara certeza de não ter a coragem suficiente para buscar por respostas com o próprio protagonista dos fatos. Deus sabe do que ele seria capaz de fazer caso soubesse dessa minha pequena descoberta.

- Ah, tantos anos se passaram, mas as paredes dessa casa parecem manter vivas todas as memórias. Um casamento por conveniência. Uma moça se casando com um homem anos mais velho. Tão doce, não estava preparada para a vida que levaria assim que cruzasse os portões desse lugar. O fato de não ser obediente por natureza só complicou tudo, e seu marido achava que ela teria de aprender, de uma forma ou de outra. — Suspirou. Estava assustada em como tudo parecia com o meu presente. Minha pele estava arrepiada apenas na expectativa do que aconteceria com Lana,

NACIONAIS - ACHERON

não que ela fosse a personagem de um conto, e sim como se estivesse vendo meu futuro refletido no passado dela. – Era delicada e tentava agradá-lo de várias formas, apesar dos castigos que ele lhe impunha. Vivendo constantemente em um inferno, e mesmo assim ela o amava.

O que relatava soava tão familiar, que por um breve instante parei de tentar ver Lana em minha mente, e a figura sem foco se transformou em mim. Lembro bem que o único castigo que o Sovelev me empregou foi a proibição de voltar a Nova Iorque, ainda que em sua companhia, resultado da minha falha tentativa de fuga, contudo algo me dizia que os castigos mencionados por Olívia não eram do mesmo tipo. Peguei-me compadecida da dor que aquela mulher deve ter enfrentado. Olhando agora para o quadro estava sendo impossível para mim

compreender como ela, de sorriso tão leve, poderia sofrer nas mãos de um homem e continuar amando-o. Parecia algo doentio. Talvez complexo demais para que eu simplesmente entendesse, sem tê-la conhecido, ou presenciado o que passou.

- Ele nunca notou... – Entrelaçou com mais força seus dedos, ao ponto de temer que os machucasse. – Que estava matando tudo de bom que ela sentia, a destruindo. – Elas devem ter sido muito próximas, Olívia parecia até hoje refletir a dor de uma pessoa querida. – Quando passou a achar que não existia mais esperança, descobriu a existência e um pequeno ser em si, e ele mudou tudo. O sorriso dela renasceu. Seu amor pela criança era tão grande antes mesmo que esta nascesse, e quando o viu pela primeira vez?! Ela costumava dizer que havia sido como ver a luz depois de muitos

anos de escuridão. Ian se tornou a sua salvação, e assim foi, por algum tempo...

Complicado tentar compreender todo o amor de Lana pela criança, já que nunca fui mãe, contudo se posso recordar as expressões das mulheres que via no hospital carregando seus bebês pela primeira vez, acredito que aquela era uma boa definição. Se pensasse no amor que minha própria mãe teve por mim. São algumas versões do mesmo sentimento.

- Esse quadro foi o Sr. Yvon que encomendou a um artista que conhecia, quando a criança tinha cerca de dois anos. Quando Lana o viu pronto ficou tão feliz, era um presente com um significado profundo. Porém, nessa casa alegria e paz são coisas destinadas a acabar muito cedo. O pai de Ian desejava planejar todo o futuro do garoto, para que ao crescer fosse como

NACIONAIS - ACHERON

ele, uma perfeita réplica. Lembro como se fosse ontem, como o pavor tomou conta dela, a simples ideia de que seu bebê se tornasse um ser sem sentimentos, indiferente a dor alheia, idêntico ao Sr. Yvon, seguindo seus passos nos negócios, era inconcebível. – Será que Olívia possuía alguma noção dos negócios de que falava? Lembro do aviso que me foi dado ao sair de Nova Iorque, mas até agora nada alarmante fora imposto a mim, exceto pelo excesso de seguranças... – Ela tentou fugir para longe com a criança, um lugar onde nunca seria encontrada, e poderia manter o seu pequeno a salvo.

Fiquei estática com a nova informação. Fugir com uma criança de uma casa infestada de seguranças, provavelmente, e dependendo da época do ano, correndo o risco de enfrentar uma tempestade. Foi um

PERIGOSAS

ato de desespero claro. Um atestado de fracasso, ou pior, de morte. E digo agora com base na experiência que tive.

- A única invariável que estava fora de seu plano, é que ninguém escapa dos Sovelev. – Naquele instante parecia que ela não contava mais apenas a história, aquela frase parecia um alerta que estava me dando. Com certeza teve conhecimento do meu pequeno ato de rebeldia. – São perigosos o suficiente, e vingativos o bastante para persegui-lo por cada recanto do planeta, se necessário. – Olívia falava com tamanha convicção que não seria capaz sequer de contestá-la. No fim, aquela mulher na minha frente era como a caixinha de pandora daquela mansão, o diário de toda uma vida. Mesmo que obviamente estivesse esperando por um desfecho bom, meu coração ainda se apertava, por Lana, e pelo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

garotinho que um dia Ian foi. – Ele os trouxe de volta, e os gritos dela, parecem ecoar nos meus ouvidos até hoje. Dizia a plenos pulmões o quanto o odiava. E naturalmente, como sempre agia, a castigou. Trancou-a nesse sótão, e a proibiu de voltar a ver a criança. Eu fiquei com a tarefa de criar Ian, como uma babá em tempo integral. Aquele era o ponto final de Lana. Ian era o que seu próprio nome dizia: um presente de Deus. O que lhe sobrava de esperança. Em pouco tempo ela definhou aos nossos olhos, rápido, e não havia médico que visse solução, já que seu problema antes de ser físico, era psicológico. Se recusava a comer, cheguei ao ponto de implorar, mas aparentava estar distante demais para sequer me ouvir. Na sua morte, a mansão inteira foi fechada, e proibiram a entrada de qualquer funcionário

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

por três dias seguidos. Assim que voltamos tudo estava mais sombrio. E Yvon Sovelev que não mostrava sentimentos, os perdeu por completo.

Apesar de uma parte de mim já esperar por um trágico desfecho, isso não impediu que as lágrimas descessem pelo meu rosto, num choro silencioso e sentido. “Lamento, Lana. Por sua dor. Por ter que lutar sozinha. Dividida entre dois tipos de amor, você se despedaçou.”

- O que aconteceu com Ian? – Eu sentia uma necessidade absurda de saber pelo que ele passou, e uma parte de mim temia pelo bebê de Lana, embora soubesse que agora estava muito tarde para que algo fosse feito. O que moldou o homem com quem hoje estou casada?

- O seu pai o criou como planejado no

NACIONAIS - ACHERON

início. Uma cópia perfeita, e foi fácil controlá-lo, por um determinado tempo. Ian era proibido de sair da mansão, graças a isso, estudou em casa com os melhores tutores, sempre tão sozinho. Mas o seu temor diante do pai não o impediu de perguntar o que toda criança deseja saber, onde estava a sua mãe. Céus, ainda me lembro da primeira vez que perguntou isso. Apanhou tanto, seus braços ficaram completamente marcados. Depois disso foi trancado sem comida e água por uma tarde inteira, ele tinha apenas cinco anos de idade. – Balancei a cabeça horrorizada, apenas imaginar aquela cena me doía. Uma criança miúda, sozinha, de pele tão clara que qualquer coisa poderia marcá-lo, apanhando da pessoa que deveria protegê-lo. – Veja bem, Ariel, cometer erros não te impede de fazer pior. Infelizmente, o Sr. Yvon não

PERIGOSAS

conseguia enxergar o que causava a quem deveria amar, achava estar fazendo o necessário para Ian viver bem no futuro, sacrificando os seus anos de criança. – Acenou com as mãos o lugar onde estávamos. – Ele criou esse cômodo, a maior parte do dia ele podia ser encontrado aqui. No fim, um homem lamentável. Só quando completou dezoito anos Ian descobriu a existência desse lugar. Não tenho plena certeza, mas seu pai deve ter lhe contado a história de sua mãe. Na semana seguinte sem avisar a ninguém, ele partiu para uma universidade em outro país, jurando nunca voltar.

Passados tantos anos. Conseguia compreender a indignação que o jovem Ian deve ter sentido, por viver sua vida inteira na ignorância.

- O garoto foi esquecido durante o tempo
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que sua formação tomou. Por cinco anos, Yvon Sovelev nem mesmo mencionava a existência do único filho. Pensei que o rapaz poderia viver de seu próprio jeito, com um destino diferente pela frente, assim como Lana sonhou, contudo no seu último ano, foi trazido de volta a Moscou por ordens do patriarca. Não parecia se tratar da volta do primogênito, e sim, a de um traidor. Nem imagino o que aconteceu, entretanto por uma semana, Ian não pisou aqui, pelo que entendi ele foi mantido em um espaço privado, longe de todos. Se assemelhava a uma alma perdida que andava porque disseram ser o certo, nunca voltou a ser o menino da Lana. Igual ao pai, se tornou uma pessoa que vivia apenas para carregar o peso de um sobrenome.

Parou limpando algo invisível da roupa, talvez estivesse forçando demais, a fazendo

NACIONAIS - ACHERON

relembrar coisas que claramente estavam melhores guardadas lá bem no fundo da memória. Até eu fiquei aflita com a forma que encararia o Sr. Sovelev de agora em diante. Imaginei que seria uma missão difícil não ficar encarando seu rosto em busca de qualquer traço de Lana. Entendo porque nunca sorri, se passasse pelo mesmo que ele também teria desaprendido o significado daquele ato e a forma de fazê-lo.

- O Sr. Yvon morreu dois anos mais tarde, em um trágico acidente de carro, onde os culpados nunca foram encontrados. Mais do que decidido Ian assumiu os negócios, preparado para todo o peso que seguraria, todas as lições aprendidas com sucesso. E a única coisa que havia em comum com sua mãe, o sorriso, tão absolutamente idêntico, se perdeu. Penso ser por essa razão que Yvon sempre o repreendia ao ouvir seu riso,

por ser um lembrete constante de que ela não estava mais aqui.

Sentia o meu peito pesado, e absorvia muita informação por segundo ainda. Havia muitas lacunas expostas, porém Olívia me fez entender mais do que imaginei ser capaz. Lembro do Sr. Frio me dizer que no seu mundo as pessoas tem que aprender a fingir. Então era isso? Ele usava há tanto tempo a máscara de gelo, frio e indiferente, que acabou por esquecer quem realmente é? Eu não fazia à mínima ideia, e lá no fundo, uma pequena parte de mim, tem medo de descobrir.

- O que contei aqui é apenas uma parte, os poucos trechos que presenciei. Quem realmente tem tudo claro e vivido na memória, é Ian. — A governanta simpática me estudava como se pudesse ver minha alma. — Como poderia cobrar carinho e

NACIONAIS - ACHERON

amor de uma pessoa que nunca conheceu esses sentimentos? Compaixão? Cuidado? – Balançou a cabeça negativamente. – Nesse mundo você tem que ser mais do que forte. Existem momentos, que podemos nos ater a alguém em quem confiamos, porém sempre tendo em mente a disposição para lutar por si mesma. Esse foi um dos grandes erros de Lana, ela desejava um grande amor, todavia não sabia lutar por isso, ansiava que fosse simples, e na verdade, nunca é. Tenha cuidado, Ariel. Se abaixar demais a cabeça, poderá ser tarde demais para erguê-la novamente.

E com essas felizes sentenças, se retirou com passos em demasiado silenciosos, possivelmente porque suas palavras finais ecoavam como gritos na minha consciência. A razão é que cada coisa descoberta me levava a um nível maior de confusão e

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

curiosidade. Quem sabe seja porquê eu sei, no recanto obscuro e desconhecido da mente, que Ian Sovelev apesar de frio, calculista, insensível, mentiroso, e mais todas as coisinhas que devo ter anotado numa listinha, era completamente apaixonante.

Mais alguns minutos ali e minha respiração parecia difícil, me senti sufocada. As paredes começaram a ficar menores, provavelmente um reflexo psicológico. Muitas informações, e o número de emoções que passavam por mim agora deixavam apenas o rastro de confusão. Sem encontrar um ponto por onde começar, minha vida, de repente se tornou um novelo de lã que um gato fez bagunça. O melhor era sair dali, antes que mais alguém me encontrasse. Saí de lá rapidamente, fechando a porta atrás de mim, pensando em

NACIONAIS - ACHERON

assim como ela, deixar aquilo tudo trancado por um tempo.

Voltei até o quarto principal, com a intenção de esquecer tudo aquilo enquanto tomava um longo banho quente, porém não foi exatamente isso que aconteceu. Minha mente continuava inventando especulações vazias, sem chegar a lugar algum. As lacunas só poderiam ser respondidas por ele, e mesmo que desejasse saber mais, a enorme chance de enfrentar sua irritação me desmotivava completamente. Me perguntei por quê Olívia se abriu tanto comigo, nos conhecíamos a poucas semanas. Contudo, mal essas dúvidas começaram a me rondar e já soube a resposta; ela via Lana em mim. Talvez seu medo de que eu fosse ser mais uma figura triste nas lembranças dessa mansão a fez me contar tanto, e ao mesmo tempo tão pouco. “Eu não sou uma Lana,

jamais poderia ser.” Pensei na tentativa de me tranquilizar. Sou mais forte, teimosa, e menos doce do que ela. Me recuso a que mais um caminho meu seja traçado por escolhas do passado.

Usei a toalha que estava no balcão do banheiro e me troquei rapidamente, na segurança de que não havia ninguém no quarto. Optei por um vestido azul marinho, acompanhado de um suéter branco, ambos aquisições do novo guarda-roupa, já que surpreendentemente minhas peças de NY vinham sumindo gradativamente. Dei de ombros, o Sovelev sempre tem que ganhar, parece uma regra, pena que toda ela tem sua exceção. Olhando pela sacada vi que provavelmente já havia perdido a hora do almoço, o sol estava alto e surpreendi-me por depois de tantos dias conseguir vê-lo claramente, sem a obstrução de nenhuma

PERIGOSAS

nuvem.

Cheguei no hall com passos rápidos e já me preparando psicologicamente para a enorme tempestade que Ian Sovelev faria sobre o meu atraso. Talvez ele mesmo tenha esquecido, afinal ninguém foi atrás de mim para informar que o Sr. Frio queria a minha presença. A ideia parecia absurda até no pensamento. Sem dar de encontro com uma alma, segui para a sala de jantar, onde as refeições eram feitas normalmente. A mesa não estava posta, e também sem sinal do Sovelev. Comecei a duvidar do meu relógio biológico, poderia ainda estar afetado pelo fuso horário. Só sobrou a opção de ir até a cozinha, e lá eu encontrei um verdadeiro caos, empregadas corriam de um lado a outro carregando panelas, taças e várias outras coisas que não registrei; todas sob o comando de Olívia.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Olívia, sabe onde está o Sr. Sovelev? – Perguntei no instante que desviava de uma panela enorme, quase do tamanho da mulher que a carregava com agilidade.

- Ele se encontra no escritório, e avisou que não vai almoçar, Senhora. – Respondeu sem realmente olhar na minha direção. Sua atenção toda voltada para um pequeno caderninho. E como se desse um estalo me olhou com um sorriso gentil. – Deseja que mande lhe servir na sala de jantar?

Ainda fico atordoada com a eficiência dela. Sinalizei que não já querendo sair dali antes que atrapalhasse o caminho de mais um utensílio, digo, pessoa. Detestava comer sozinha naquele lugar enorme, apesar de estar faminta. Decidida fui de lá direto para o escritório do chefe.

Não o vi desde a noite passada, e uma

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pequena parte de mim esperava encontrar o Sovelev daquela madrugada, mesmo sabendo ser improvável. Estava ficando complicado lidar comigo mesma, os sentimentos conflitantes por aquele homem poderiam me deixar louca em pouco tempo. Uma hora eu o odeio com tudo de mim, na outra estou em suas mãos como uma perfeita massa de modelar.

Minhas experiências com os homens foram poucas e em sua maioria terríveis, por isso prefiro nem lembrar. Sem base alguma é impossível chegar a um consenso do que estava acontecendo na minha mente, e infelizmente, no meu coração. Escutar sua história abriu mais uma porta em direção a ele, tudo o que não deveria fazer. O instinto de sobrevivência e a consciência do que o Sovelev fez para me trazer até aqui, faziam meus passos recuarem, entretanto não o

NACIONAIS - ACHERON

suficiente, havia uma corda presa, impedindo de ir longe demais, e mostrando sempre o caminho para voltar.

Ao chegar próximo à porta escutei risos ecoarem de dentro do escritório, e estes, tenho absoluta convicção, não pertenciam ao Sr. Sovelev. Lembrava um sininho que não para nunca de tocar ao ponto de ser irritante, o tipo de risada que apenas uma mulher pode ter, ou um ser muito afetado. A única coisa que passaria pela mente, de qualquer pessoa, era que acontecia uma reunião privada, cujo assunto não cabe a mim sequer imaginar.

Respirei fundo na tentativa de me acalmar, em questão de segundos me senti furiosa ao ponto de fechar ambas as mãos em punhos — completamente ineficazes — mas que estariam a disposição se realmente acabasse explodindo. Não me importei em

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

explicar a mim mesma o porquê daquela minha resposta, sendo que foi um reflexo. Afinal o que aquele homem pensa? Acaba com a minha vida para me arrastar a um outro continente, por um capricho seu e agora vou ter que escutar risinhos libidinosos pelos corredores? Um pouco abusivo, e a paciência tem seu limite. “Tenha cuidado, Ariel...” o aviso do meu pai surgiu com um lembrete, porém no estado em que estava foi algo que preferi guardar no fundo da memória e fingir esquecer.

Torturas que assisti em filmes de Hollywood, empregados por gângsteres e mafiosos de toda parte do mundo enfeitavam a minha imaginação, e independente de quem o Sr. Sovelev fosse, ele veria que a ira pode realmente transformar uma pessoa. Vou mostrar a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

forma certa de começar uma tempestade.

Preparada para empurrar a porta e presenciar um possível espetáculo, mas minha mente clareou pondo em frente a mim outra coisa mais aterradora para enfrentar, a verdade. Ciúmes, daqueles mais profundos e que fazem sumir a razão. O motivo por trás das cortinas. Como ele conseguiu isso, quando nos conhecemos a tão pouco tempo, e de uma forma errada e cheia de segredos?

Guardei aquilo no meu baú de: “coisas para confrontar mais tarde”, e fui realmente ao que interessava. Um pouco mais racional, bati de leve na porta de madeira, houve uma resposta em russo, que consegui discernir graças a minha primeira visita ali. O todo poderoso disse: “entre”, no seu característico timbre baixo. E aquilo bastou.

NACIONAIS - ACHERON

O que posso dizer é, aquela realmente era uma cena peculiar e perturbadora, pelo menos do meu ponto de vista, algo que sequer cogitei. Segurei uma gargalhada para manter a educação, apesar de um resquício de raiva permanecer. Se bem que um surto, era até aceitável.

O Sovelev estava sentado atrás de sua enorme mesa de “chefão” e me olhava com tranquilidade e um pequeno ar curtidor estava presente a sua expressão, algo que só quem convivia com ele, vendo sua cara congelada, conseguiria perceber. Nem parecia que havia uma mulher debruçada sobre suas papeladas quase colocando os enormes seios na sua cara. A “dama” possuía um cabelo platinado e comprido. Se disser que ela era uma oferecida nem seria por ciúmes, estava apenas constatando fatos. Depois de alguns segundos, eternos,

NACIONAIS - ACHERON

ela finalmente tomou conhecimento de que mais alguém se encontrava no escritório e voltou a uma posição aceitável. Usava um vestido tubinho vermelho que ia até seus joelhos, tão justo que honestamente eu nem imaginava como sairia dele mais tarde, parecia uma segunda pele, calçava saltos altíssimos e nos lábios um batom do mesmo tom da roupa. Seu cabelo longo e loiro, era bonita e aparentemente imune ao frio. Miss Red. Antes que pudesse me pronunciar Ian tomou a frente:

- Senhorita Mcmillan, está é minha esposa, Ariel Sovelev. – Tentei ignorar o fato de como o meu nome soava mais poderoso agora, me deliciando com a expressão enjoada e raivosa da mulher parada a minha frente. Parecia que alguém tinha lhe tomado seu doce favorito, abri um pequeno sorriso e estendi a mão num

comprimento.

- Muito prazer senhorita Mcmillan. – Eu poderia ganhar o título: Meiga do ano, apenas por essa performance. Me virei para o Sr. Frio que me estudava com a sobancelha arqueada, pelo visto sou sua piada particular. – Desculpe a interrupção. Queria saber se o Sr Ivan virá hoje, mas vendo que está ocupado, posso voltar outra hora...

Jamais fui tão dócil assim e estava começando a me sentir enjoada, talvez aquele perfume extremamente doce estivesse contribuindo para isso também. Esperei pelo próximo passo do Sovelev. “Vamos ver quantos pontos ele consegue” pensei.

- Não tem problema, afinal a senhorita Mcmillan já está de saída. – Afirmou

exatamente o que eu queria. Quase dei um tchau instantâneo e ri, porém me controlei analisando desde quando me tornei tão possessiva com aquele ambiente. Deve ser a convivência com ele.

A loira tinha a expressão fechada em um biquinho como se estivesse magoada com Ian. O que exatamente estava acontecendo ali dentro antes que eu entrasse? Qualquer traço de compaixão que viesse a ter por ela – caso muito difícil, admito – Notei seu olhar sobre mim, era altivo, como se eu fosse um inseto que ousou atravessar o seu caminho. Arqueei uma sobrancelha antes de andar até o lado de Ian, pousando a mão em seu ombro. Era mais uma questão de sentir do que ver seu olhar me fulminando. O jogo estava tão divertido que até esqueci um pouco a raiva.

- Olívia a acompanhará até a porta. –
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Informou Ian terminando de dispensar a loira morango. Que jogou os enormes cabelos sobre o ombro antes de se virar. – E Layka, a resposta continua sendo não.

- Um dia será sim. – Disse convicta me sorrindo com escárnio. Assim que saiu pela porta a fechando completamente, me afastei do Sovelev. Tentando entender aquela estranha conversa entre os dois. Apesar de não precisar ser muito criativa para ver o interesse da Miss Red pelo Sr. Frio.

- O que ela queria? – Perguntei baixinho para mim mesma, sem esperar que o homem do outro lado da mesa escutasse. A mansão normalmente estava fechada para visitas, as poucas pessoas que vi entrarem foram homens bem vestidos e mal encarados que seguiram diretamente para o escritório, a Senhorita Mcmillan era o completo oposto daquela avaliação.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Por que o interesse? – Se tratava de um reflexo, já que sua atenção se focava apenas na pilha de papéis sobre a mesa.

- Talvez por que ela estava prestes a arrancar meus olhos? – Usei o melhor tom de sarcasmo que podia. – Afinal, se vou ser morta nada mais justo do que saber o porquê, não?

Tive uma pequena sensação de vitória quando seus olhos finalmente pousaram em mim, impacientes como se eu fosse uma criança que fazia show sem motivo, e ele o adulto responsável que me mostrava o certo e o errado. Cruzei os braços me recusando a sentir qualquer tipo de arrependimento por minhas atitudes.

- Agradeceria se mantivesse o tom de voz baixo, Ariel. – Ali estava o Sr. Frio ao qual me habituei. Nem mesmo havia notado

NACIONAIS - ACHERON

que me excedi no volume.

- Simplesmente não gostei dela. — Resmunguei fitando o outro lado da sala. Sem entender porque parecia que revelava um segredo embaraçoso.

- O que é isso? — Ao ouvir sua voz podia jurar que vinha acompanhada de um meio sorriso. — Não me diga que está com ciúmes?

Aquilo foi como levar uma tapa na cara da senhora verdade. E aposto que se sua personalidade permitisse o Sovelev estaria rindo abertamente. Meu coração acelerou. Caso isso seja mesmo verdade, ele é a última pessoa que eu gostaria que soubesse. Não precisava entregar de bandeja mais esse poder em suas mãos. Antes que tivesse uma idéia melhor, ou resposta absurda, caminhei até a porta fingindo ignorar aquela

provocação. Assim que a abri tive meu braço segurado e puxado para trás, vi as esperanças escaparem com o baque leve da saída se fechando novamente. “Como pode ser tão rápido?” Uma parte da minha consciência que não estava entrando em colapso se perguntou.

- A conversa não terminou. – Sinal de alerta para proximidade, embora quisesse me afastar seu aperto ainda me segurava ali. – Do ódio explícito ao ciúme. Fascinante. O que vem depois? Amor? – Escárnio pintava o seu tom e o sorriso irônico coroava tudo. Odeio esse sorriso. Então me agarrei a pontada de raiva, o único sentimento lógico que tive em tempos.

- Você certamente não seria capaz de decifrar tal emoção. – O encarei no fundo me sentindo mal por jogar aquilo na sua cara, o fato de desconhecer o amor não era

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sua culpa num todo. Ele está marcado para sempre pelo seu passado, mas não necessitava que soubesse do meu conhecimento recém adquirido sobre si. Certo que não ficaria feliz. Aqueles olhos escuros que se assemelhavam a labirintos vazios de emoções, cheios de lembranças, mas que ainda possuíam um azul bonito e raro.

- E você, seria capaz de sentir tal coisa por alguém como eu? – Quando chegamos aquele assunto tão sério, ou em que momento ele perdeu sua máscara de ironia? Eu não sabia. O Sovelev era uma inconstante, certamente sou incapaz de acompanhar todas as sua nuances. Estava completamente perdida, naquelas profundezas azuis em busca de um espaço. Eu seria capaz de alcançá-lo? Me tornei uma viciada em frieza e brigas? Na sua

NACIONAIS - ACHERON

prisão? Todas as desculpas que podia formar pareciam castelos de areia muito próximos do mar, era uma questão de tempo até que desmoronassem. No fim, se tratava dele. Estou dependente do homem mais difícil que já conheci, e nem sei se algo nele pode ser salvo. Então por que tentar? Nem sei como evitar meus passos de seguirem em sua direção.

Estando perdida em meus pensamentos não percebi sua aproximação, até ser tarde demais. Seus lábios estavam nos meus, persuasivos e leves, de uma forma semelhante a da noite passada e ao mesmo tempo completamente diferente. Os braços a minha volta ampararam meu corpo, já que as minhas pernas fizeram questão de perder as forças e a mente em modo de espera deixou de funcionar. Ian me manuseava facilmente quando me tinha assim, mas o

PERIGOSAS

leve tremor que senti nos seus ombros me mostrou que não era a única afetada naquela situação. Ele me tomava para si. A alma dele e seu coração estão perdidos, não tenho esperança de encontrá-los. E a cada dia parece que perco um pouco mais de mim mesma para pertencer a ele, como se pudesse haver mais entre nós dois do que um papel assinado e o cumprimento de uma promessa que não fizemos.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 9 – Em quem confiar

Fogo. Era tudo o que preenchia meu corpo sob seu toque. Eu deveria saber o risco enorme daquele jogo. Ao estar sob seus lábios nada mais importava e a lembrança do mundo real era vaga. Certo e errado eram concepções muito vazias. Ali, enquanto o envolvia em meus braços ele deixava de ser o monstro frio e vazio, e eu a mulher usada como pagamento. Éramos apenas Ian e Ariel, mas aquele é um sonho bem distante e o fôlego não dura para sempre. Sua boca se separou da minha para percorrer o caminho até meu pescoço, nossas respirações seguiam um mesmo ritmo irregular. Suspirei aérea tendo sob meus dedos a gola da sua camisa bem

NACIONAIS - ACHERON

amassada, já que usava força para mantê-lo próximo.

Afastou o corpo do meu minimamente, apesar dos meus esforços, quase solto um lamento. Então estendeu o braço para trás de mim e escutei o clique da tranca, ficamos apenas os dois e o mundo do lado de fora. Um meio sorriso se abriu no seu rosto ao se voltar para mim, e por um instante um pensamento fugaz me ocorreu: “Como ele ficaria com um sorriso verdadeiro?” Deveria ficar lindo, infelizmente não consigo levar a imaginação tão longe. Aproximou-se e evitei mexer qualquer músculo.

- Sem interrupções dessa vez, anjo. — Seu sopro suave em minha nuca me fez entrar em estado de alerta, para logo depois uma mordida no lóbulo quase me deixou desfalecida. Ainda tentava juntar as peças

NACIONAIS - ACHERON

de sua fala quando minha mente quase deu um estalo: “Biblioteca. Juntos. Quase despida. Interrupção.” Corei até o último fio de cabelo. A lição não foi aprendida com sucesso. Como pude esquecer o quão sedutor ele consegue ser?

Ian era o único que fazia aquela energia estranha tomar conta do meu corpo e se aproveitava disso. Os dedos longos deslizaram por minhas coxas adentrando o vestido que usava apertando todo o caminho até a cintura, estava precisando de algum apoio então passei os braços por seu pescoço deixando o meu próprio livre para o ataque de sua boca. Um pouco da minha consciência gritava que tinha que pensar em todas as revelações e no que realmente estava sentindo, mas a ânsia de continuar sob aquele poder era bem maior. E a cada segundo a vontade de queimar aumentava,

PERIGOSAS

eu era apenas humana afinal. O muro de gelo habitual não estava erguido, porque somos incapazes de disfarçar os nossos toques quando desejamos, e com ele não era diferente apesar de tudo.

Toquei seu rosto levemente o trazendo em direção ao meu, as batidas do coração tão rápidas que desconfiei que pudesse ouvi-las. O verde refletindo o azul, ambos escurecidos. Então o beijei aumentando o fogo em mim. Era como se dançássemos, sem a sombra da disputa por poder, ele apenas aceitava o que lhe oferecia de um jeito claro, sem disfarce. Eu queria aquilo. Nada fazia sentido além da sua pele na minha, e rapidamente o casaco branco que vestia se perdeu em algum espaço daquela sala. Quando o fôlego me fugiu novamente passei a descer meus lábios por seu maxilar aproveitando a sensação da sua barba. O

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

cheiro do perfume que usava parecia mais forte, suficiente para ficar em mim, era fresco e masculino, mas não forte. Então o ouvi suspirar o meu nome, e pensei que aquela era uma boa versão do mesmo.

Quem precisava entender algo para se perder?

A mão firme voltou a descer para minha coxa a puxando para cima e com um impulso rápido envolvi minhas pernas em sua cintura, o deixando me levar para qualquer lugar que quisesse, porque imaginei que esse era o máximo de força que podia usar. Beijá-lo era um ato vicioso, certeza. E, além disso, daquele modo via outra face do homem com quem me casei, que fazia perder o chão em questão de minutos e ter uma crise de ciúmes quando nem me imaginava remotamente apaixonada. Colocou-me sentada na mesa

NACIONAIS - ACHERON

do chefe, empurrando os papéis para o lado. Acompanhei cada movimento seu, antes de voltarmos a nos encarar, ambos esperando que o outro entendesse o que estava acontecendo. Quando saímos de uma discussão para uma sessão de beijos quentes? Isso está se tornando uma espécie de costume, e não sei se alguma parte de mim lamenta por aquilo.

- Você me deixa confusa. – Afirmei em um tom tão baixo que talvez quisesse que não ouvisse. Postou-se ainda mais próximo, se possível, segurando o meu rosto pelo queixo com delicadeza, a ponta dos dedos fria sobre minha pele, provocando um arrepio.

- Esse é um preço que pagamos juntos. – Murmurou apertando os lábios em seguida, como se não fosse aceitável que deixasse de compreender algo. Um pequeno sorriso

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nasceu em meu rosto ao constatar que o fazia sair da linha automática a qual está habituado. “Ah, Sovelev a vida não é um trajeto que traçamos antecipadamente. Eu mesma estou aprendendo agora que o destino é uma caixinha de surpresas.” – Poderia facilitar as coisas, não? – Arqueou uma sobrancelha e só pude rir daquela nova descoberta. Ele consegue ser levemente brincalhão, sem nenhum sarcasmo escondido. “Quanto mais deixou se perder em você, Sr. Frio?” Cada pequena coisa que descubro me empurra em busca de mais.

- Nunca vou facilitar para você, Sovelev.
– Ergui a cabeça com uma arrogância fingida, facilmente delatada pelo sorriso que abri. Era a primeira vez que me colocava tão livre em sua presença, e vi que o surpreendeu. Puxei a lapela do terno que usava o abaixando na minha altura para

NACIONAIS - ACHERON

alcançar aqueles lábios entreabertos pela surpresa. Eram macios e finos enquanto os meus se mostravam mais cheios, lentos e persuasivos. Comecei o beijo, mas tomou o controle com jeito, sem se impor. Ele beijava diferente de como vivia, naquele ato se mostrava quase doce. Não totalmente já que sempre colocava a marca característica do forte desejo. Sabia que não iríamos muito longe naquilo, afinal estávamos confusos, ao menos eu admitia isso, se nos entregássemos além com certeza tudo ficaria pior. O que estou sentindo por ele? Essa é a pergunta de um milhão, a mesma que me assombra, a que encontro motivos infinitos para recusar responder.

- O que se alcança com facilidade não traz nenhum prazer. – Falou com a boca ainda colada na minha. Sorri com sua afirmação bem articulada enquanto eu

lutava para recuperar o processo comum de respiração. Abri os olhos quando empurrou o corpo para longe, arrumando o terno amarrotado, sem obter sucesso apenas o tirou colocando sobre a mesa ao meu lado. – Admito que seja um desafio fascinante, Ariel, mais do que imaginei.

Acompanhei o seu caminho até próximo a saída, onde se abaixou para pegar meu casaco esquecido. O segurou olhando em minha direção, claramente queria que fosse até lá. Suspirando e começando a tomar consciência verdadeira dos meus atos, desci da mesa. Com movimentos rápidos ajudou a vestir a peça, logo em seguida me virando de frente a si. Aquelas fontes escuras de azul estudaram meus traços e quando sua mão se ergueu imaginei que fosse tocá-lo, mas num curto segundo voltou a abaixá-la. Escondi a leve pontada de decepção por

isso.

- É melhor que vá descansar, teremos visitas hoje à noite. — Tendo minha curiosidade desperta, imaginei que tipo de visitas seria. A simples idéia de ter a senhorita Mcmillan presente no mesmo espaço que eu tirava qualquer expectativa positiva desse evento. Já que estou a um bom tempo apenas com a companhia dos empregas da mansão e o dono da mesma. Virei uma espécie de reclusa, ou melhor, fui transformada nisso.

Apesar de tudo optei por não perguntar nada sobre o assunto. Apenas assenti me dirigindo a porta, mas alguma força absurda que não aprendi a controlar me fez olhar por sobre o ombro, meu intuito era vê-lo de costas, porém o Sr. Frio ainda encarava minhas ações e sorriu irônico ao me pegar num ato que deveria ser discreto.

NACIONAIS - ACHERON

– Definitivamente trabalhar aqui ficou mais prazeroso. – Senti meu rosto em brasa e redescobri a velocidade dos meus passos. Em pouco tempo já me encontrava no hall principal com o rosto bem semelhante a um sinal de trânsito vermelho, apesar disso um sorriso esperto queria ocupar minha expressão. Encontrei uma das empregadas vindo pelo corredor, e perguntei em um russo ainda forçado se havia visto Olívia, nem todos os funcionários falavam inglês fluente, então, de acordo com meu limitado conhecimento de toda a sua resposta só entendi que ela tinha subido para o segundo andar porque a mesma apontou o caminho.

Achei Olívia na suíte principal com uma bandeja perfeita da comida russa, a qual vinha me acostumando apesar de muito do meu cardápio ser bem americano, e com um sorriso gentil acenou que deveria comer. Só

naquele momento me lembrei que não havia me alimentado hoje. Assim que me ocupei de provar um pouco de tudo, se despediu rapidamente com a justificativa de que havia muito para organizar ainda para o tal jantar. Tudo na mansão transcorria de acordo graças aquela mulher. Na minha humilde opinião ela era uma governanta maravilhosa. Assim que me dei por satisfeita segui para a cama bem sonolenta, contudo isso não foi capaz de impedir minha mente de reviver os momentos naquele escritório.

Tenho que começar a me policiar corretamente, aquele homem não tem muito a oferecer, entregar muitos sentimentos a ele é semelhante a atirar meu coração num enorme buraco negro. Nada resultará apenas um sofrimento enorme que não quero passar. E mesmo quando convenço minha

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mente disso, outra parte pequena de mim assume que se me fosse dada outra oportunidade para estar com o Sovelev daquela mesma maneira, estaria entregue. Sutilmente me rendi ao sono.

Bocejei me deparando com todo o quarto mergulhado na escuridão e as cortinas bem fechadas, por alguns segundos rolei pela cama me espreguiçando mole sem vontade alguma de levantar, até lembrar do importante jantar ao qual fui avisada com ênfase. Pulei da fonte de conforto absoluto e fui tomar banho para tentar despertar e sumir com as marcas de travesseiro no rosto, nada atraente. Olhei no espelho um reflexo e admito que meu cabelo mais se assemelhava a um monte de feno, como diabos ficou assim não faço idéia. Como solução final, o preendi num coque alto com

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

alguns fios soltos. Na maquiagem segui o meu padrão favorito, olhos claros e boca escura, um batom vinho que naquela noite se tornou meu novo queridinho. Ao partir para a próxima, e mais difícil, missão calei a voz da minha consciência que perguntava por que estou tendo todo aquele empenho ao me arrumar, eu nunca teria uma resposta satisfatória para aquilo. Então, o que se veste em um jantar que não faz idéia de quais serão as pessoas presentes? Aproveitaria do meu novo guarda-roupa novamente, no antigo muito provavelmente não haveria nada para aquele tipo de ocasião. Entrei no closet como um furacão e após poucos minutos passando roupa atrás de roupa encontrei o que supus combinar. Um vestido num tom de pêssego na frente seu corte era em V não muito fundo, ele vinha justo até a cintura depois caia solto

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

um pouco acima do joelho. Peguei uma sandália de salto preta simples, dando-me por satisfeita.

Como ninguém havia entrado no quarto correndo falando do meu atraso, respirei mais aliviada. Porém minha comemoração só durou o tempo em que abri a porta para dar de cara com Olívia e seu sorriso sem jeito me avisando que o Sovelev estava me aguardando na sala de visitas. Seus convidados já devem estar aqui, bati na minha testa apressando meus passos, apenas para reduzi-los ao chegar à escada, eu não queria sair rolando. Mas lá estava ele, aos pés da mesma com sua típica postura rígida, contudo absolutamente lindo em seu terno grafite escuro. Ali está uma vista a se apreciar. Devido ao seu tom de pele claro e cabelo de tom acobreado, cores escuras acentuavam sua imagem. Parei ao seu lado e

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

o mesmo me avaliou de cima a baixo, sem fazer questão de esconder. Muito bom o fato de que não usei blush. Então estendeu sua mão para que segurasse, queria dizer que hesitei por alguns segundos, protegendo o meu orgulho, mas fui definitivamente rápida ao entrelaçar meus dedos aos seus. Antes que entrássemos na sala de visitas, escutei o seu sussurro com o rosto bem próximo ao meu: “Sou incapaz de não perdoar esse atraso, já que está excepcionalmente bela essa noite, Ariel.”

Pude ver o vestígio de um meio sorriso ainda no seu rosto ao abrir a porta. Cada ínfimo elogio velado que me fazia está acompanhado do intuito de me ver envergonhada, e claro, não se deixar comprometer. Por essa razão não me olha nos olhos ao fazê-lo, sem brechas para que possa ver por trás de sua fachada. No

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

interior da sala, cinco pessoas nos esperavam dispersos e muito bem vestidos. Respirei aliviada por minha escolha de vestuário. Uma empregada que servia aos homens whisky pediu licença para se retirar, por fim a atenção geral foi voltada para nós dois. O Sr. Frio passou o braço por minha cintura me incentivando a caminhar ao seu lado até o grupo, apesar do número pequeno, parecia haver uma linha tênue dividindo duas daquelas pessoas dos três que sobraram. Enquanto os dois homens conversavam entretidos e em tom baixo, as mulheres não pareciam ir com a cara uma da outra, pelo menos uma mantinha até mesmo uma distância física das duas restantes.

Reconheci imediatamente o ruivo de sorriso aberto que terminou o espaço entre nós. Lá estava o Apolo que conheci depois

NACIONAIS - ACHERON

de minha estranha cerimônia de casamento. Apesar de ter ficado claro a sua proximidade com Ian, não voltei a vê-lo na mansão desde aquele dia. Seu terno era azul marinho e dispensou o uso da gravata, seu jeito descontraído presente mesmo em sua forma de se vestir. Enquanto o Sovelev preferia cores escuras, ele fazia contraste com o claro aparentemente. Tomou uma de minhas mãos a beijando de leve, e fui incapaz de não lhe sorrir pelo gesto.

- É muito bom revê-la, Ariel. Vejo que Ian continua monopolizando sua companhia. – Revirou os olhos de uma forma infantil. – Se lembra de mim, sim?

- Claro, Dimitri. Estou feliz em voltar a encontrá-lo. – É uma verdade. Ele tinha um comportamento que sua presença me tranquilizava e animava. Oposto de Ian, com sua típica opressão discreta. Talvez

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

porque minha respiração e coração falhassem com sua proximidade, o mesmo não acontecia com Dimitri, obviamente. Mas são apenas detalhes.

O todo poderoso se aproximou do ruivo para que trocassem um aperto de mãos e aquela estranha batida de ombros que os homens dão no lugar de abraços. Contudo ainda me intrigava toda essa liberdade que um tinha com o outro. É estranho conhecer alguém que pode simplesmente dar uma resposta esperta ao Sr. Frio sem sofrer grandes conseqüências, e também encorajador. Então, a mulher que estava afastada de todos se aproximou e me permiti avaliá-la, ela de fato era muito bela, apesar do porte pequeno, os seus olhos mel e os cabelos dourados naturais, com pequenos cachos, lhe proporcionavam um ar de fada, pelo menos era assim que as

NACIONAIS - ACHERON

imaginava quando mais nova. O sorriso que me dirigiu permitiu que lhe atribuísse o adjetivo: Adorável.

- Está é a esposa de Dimitri, Elissa. – A voz de Ian se tornou mais leve ao se referir a ela, mas o que veio em seguida me deixou mais surpresa e desconfortável de algum modo. Ele a beijou na bochecha depois afagando seu cabelo, como faria a alguém muito próximo e querido. No fim disso tudo, estarei precisando de tratamento. Como uma pessoa pode ter tantas variáveis assim?

- Espero que possamos nos conhecer melhor, Ariel. – A voz dela era tão adorável como todo o resto. E ela não me deixou o mesmo sentimento ruim que a Mcmillan, mas conhecida como Miss Red, por mim.

- Seria ótimo, Elissa. – E eu não estava

mentindo. Passava tanto tempo presa dentro da mansão que perdi um pouco da noção de tempo e espaço. Fora que me sentia solitária mesmo tendo Olívia e os outros empregados por perto sempre, sem contar com meu estranho professor. A casa parecia grande demais em alguns momentos e extremamente silenciosa. Seria muito bom poder conversar com outra “garota”.

Antes que pudesse me dar conta o último homem se aproximou acompanhado das outras mulheres. Ele estava com um terno preto e camisa do mesmo tom, Ian também já havia usado uma combinação do tipo. Seu sorriso era aberto, mas nem de longe chegava a ser tranqüilo como o de Dimitri, na verdade aquele passava a mensagem de problema certo. Seus cabelos eram negros lisos e compridos até os ombros, os olhos azuis, mas não como os do Sovelev, aqueles

PERIGOSAS

eram claros e límpidos, contudo de forma alguma passavam confiança. E já que estou num projeto de comparação com deuses, o estranho em minha frente pode receber o título do Deus nórdico Loki. Aqui está minha primeira impressão. Acho que na Rússia eles colecionam pessoas bonitas, ou este é o círculo de conhecidos do Sovelev.

Como ficou claro as acompanhantes que sobraram estavam com ele. Estas passavam uma imagem vulgar em seus vestidos que apesar de longos eram absolutamente colados e decotados. A minha atenção se focou nelas o suficiente para saber que se tratava de uma loira e outra morena. Do mesmo modo que o ruivo beijou minha mão, ele também o fez, contudo fez parecer mais ousado do que deveria. Acho que não fui única a notar isso já que o Sovelev apertou com mais força a minha cintura.

NACIONAIS - ACHERON

- Achei que não viria. – O tom cortante e frio estava de volta, bem diferente de como tratou Dimitri. Até o rápido cumprimento que fizeram mostrava tensão. Enquanto um demonstrava desconforto, o outro estava claramente se divertindo. – Este é Altus Sidarov. – Recuperando totalmente a sua postura neutra, apresentou. Não vejo como esses dois podem ter uma relação próxima.

- Sabia que lamentaria minha falta. – Disse piscando um olho para mim. – Olá, Ariel. – Sua diversão era clara. Respondi seu cumprimento o mais discretamente possível, e isso pareceu elevar o seu nível de divertimento.

Após aquele breve embate apenas se seguiu uma apresentação rápidas das mulheres que o acompanhavam, Sasha a loira e Kênia a morena, que se disseram amigas do Sr. Sidarov, porém eu duvidava

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

muito que o tipo de amizade deles fosse o tradicional. Talvez algo mais para o colorido vibrante.

O jantar foi servido poucos minutos depois no salão onde costumávamos comer diariamente, tudo como manda o figurino. A decoração e a iluminação estavam diferentes, para algo mais escuro e sofisticado. Os pratos foram cinco diferentes apenas da culinária Russa, até mesmo a sobremesa. E tenho que admitir, o Sovelev sabe como tratar os seus convidados. Me senti bem durante tudo aquilo, vez ou outra Elissa puxava um assunto qualquer, fosse do país de onde eu vinha ou do seu gosto por roupas, aparentemente ela adorou como o meu vestido combinava comigo. Nem mesmo a constante inspeção de um dos convidados sobre mim conseguiu nublar meu humor.

NACIONAIS - ACHERON

Concentrei-me na conversa do Sovelev, ele era eloquente e culto, seria um perfeito cavalheiro se não fosse o seu lado sombrio, os assuntos eram diversos, menos sobre trabalho. Depois de um tempo percebi, sem muito espaço para dúvidas, que os outros homens à mesa partilhavam do mesmo meio de vida, apenas pelo modo como pareciam cômodos na presença do meu marido, jamais tratando de negócios.

Poucas horas depois o Sr. Sidarov se despediu lamentando que houvesse outros assuntos a resolver ainda aquela noite, nem quero imaginar quais seriam. Deu novamente um beijo em minha mão, sendo muito mais discreto dessa vez e bateu de leve no ombro de Ian voltando a abrir um sorriso debochado para o último. Ficou claro como ficou mais a vontade com sua saída. Dimitri e o Sovelev se retiraram para

o escritório após alguns minutos murmurando coisas incompreensíveis para mim por ser em russo, então fiquei na companhia de Elissa, cada vez ela se mostrava mais agradável e o tempo vôo em sua presença. Já estava muito tarde quando os homens vieram. Deixando uma promessa de me visitar em breve, eles partiram.

No quarto tirei a roupa de pressa a substituindo por um moletom confortável. Reclamei durante todo o processo de retirar a maquiagem e por fim joguei meu corpo na cama a fim de refletir sobre esse dia. Apesar de meus pés doerem um pouco pelos saltos, não estava de fato cansada, assim minha mente só podia continuar trabalhando. Essa reunião não havia sido para familiares, mas sim, pessoas conhecidas e com quem ele convivia, contudo a sua ligação com o Sidarov parecia tensa e desconfortável,

NACIONAIS - ACHERON

deixando no ar a pergunta: De que forma eles se conectam?

Meus pensamentos foram interrompidos pela entrada do todo poderoso, já se desfazendo do terno que usava, permiti a mim mesma admirar cada gesto simples, tirou as abotoaduras passando então a desabotoar a camisa, admito certo fascínio. Antes que pudesse ver as suas tatuagens o processo se interrompeu. Seguiu para o banheiro sem notar minha atenção sobre si, provavelmente pensava que estava dormindo. Consegui escutar o som do chuveiro ligado, e os minutos passaram sem que eu adormecesse ou desviasse minha concentração dele. Quando saiu vestia apenas a calça do pijama que caia em seus quadris, e o desenho da rosa dos ventos gravado em negro sob sua pele. Como pode ser tão ambíguo? Quente e frio.

PERIGOSAS

- Ainda acordada, Ariel? Pensei que estivesse muito cansada. – Ainda que essa fosse a situação, eu teria desertado. Ian Sovelev é incrivelmente bonito, claro se colocarmos de lado sua personalidade muito difícil. A voz baixa e rouca é um charme a mais, combina completamente com ele.

- Na verdade, não muito. Dormi durante boa parte da tarde. – Dei de ombros. – Queria perguntar algo... – Testei a sua reação, que foi absolutamente nenhuma. Suspirando jogou a toalha que tinha em mãos de lado e deitou no seu lado da cama para por fim se pronunciar.

- Pergunte.

- Por que você não se dá bem com o Sr. Siderov? – Vacilei durante a pergunta, não porque me arrependia de tê-la feito, mas sim porque minha mente começou a ser povoada

NACIONAIS - ACHERON

pela sensação de ser envolvida durante uma tempestade, e pelas imagens de um certo encontro a tarde no escritório. E ele estava de costas para mim, sua tatuagem de cruz parcialmente coberta pelo lençol, ao meu alcance e ainda assim distante. Eu preciso de foco com urgência.

- Não confio nele. – Simples assim? Sem qualquer detalhe ou conclusão profunda? Só existe uma coisa que posso tirar disso tudo, o Sovelev adora provocar em mim vários tipos de inquietação. É impossível que já não tenha notado minha curiosidade quase compulsiva. Sou do tipo de pessoa que precisa de respostas, e ele o que planta incógnitas.

- Então por que o convidou para esse jantar? – Perguntei finalmente atraindo sua atenção, que se virou para mim. Não parecia justo que seus olhos brilhassem daquela
NACIONAIS - ACHERON

forma mesmo no escuro, ameaçador e sedutor demais para se manter a sanidade.

- Ele é meu primo por consideração, então não posso simplesmente me desligar dele. Existem regras no meu mundo, e uma delas é: Mantenha os seus aliados perto e aqueles de que desconfia, mais ainda. – Voltou a me dar as costas. – Agora durma.

Quase bati continência. Sempre tão frio, mas eu sinto que estou chegando a algum lugar. Sem saber ao certo quanto tempo passou, mas imaginando que ele já dormia fui me aproximando lentamente, chegando ao ponto de que meus seios ficaram colados as suas costas. Estava seguindo com a correnteza, sem qualquer expectativa ou planejamento para o futuro, assumindo que estou atraída por ele e por conseqüência tudo o que o rodeia. Só me restava acreditar que seria algo passageiro, logo pela manhã

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

minha razão estaria de volta. A cada dia minha antiga vida em NY é esquecida um pouco mais, e eu vou me ligando de uma forma preocupante ao meu Sr. Frio.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 10 – Certo espaço

Sete dias. Exatamente uma semana inteira se passou depois do jantar, e digamos que as coisas na mansão continuavam como usualmente, ou pelo menos no mesmo patamar de sempre. Exceto por um pequeno detalhe, Ian passava ainda mais tempo trancado no escritório ou saindo subitamente para resolver assuntos urgentes, dos quais obviamente eu não tomava conhecimento. Era raro que ele passasse algum tempo perto de mim, na verdade só compartilhávamos a mesa nas refeições e vez ou outra nem isso. Demorei três dias para perceber que o Sovelev estava me evitando, num esforço impressionante para manter distância. E admito que todo o seu empenho teve resultado. As únicas coisas

PERIGOSAS

que me mantinham ocupada eram as constantes ligações de Elissa, que se provava a cada dia uma pessoa incrível e boa amiga, as aulas com o estranho professor de russo – felizmente venho progredindo consideravelmente -, e claro o desconforto incompreensível pelo afastamento dele.

Voltando a boa colega que arrumei, eu vinha descobrindo mais sobre a fadinha do que achava possível, ela era uma pessoa muito aberta e alegre – quase chegava a ser contagiante -, combinava muito com o temperamento do seu marido, via as coisas de uma ótica diferente da minha, talvez porque realmente é feliz. Aos poucos fui me adaptando ao seu jeito, e passei a aguardar por seus telefonemas. Eu nunca tive muitos amigos, nem cheguei a realmente dar importância a isso, porém

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

aquela amizade queria conservar. Pena que ao final de cada ligação voltava a enxergar o mundo real em que vivia, sem confiança, liberdade e cheio de solidão. O Sr. Frio estava se mostrando cada vez mais, como se quisesse apagar as memórias boas que ofereceu. Cheguei ao ponto de começar a sentir falta até das nossas discussões, porque ao menos assim eu ainda existia para ele. Não sei o que despertou esse comportamento depois de tudo, mas estou falando de Ian Sovelev, poucas coisas fazem sentido quando se trata dele. Acabei descobrindo duas coisas, primeiro não quero esse espaço, segundo, podemos sentir saudades de alguém ainda que esse esteja presente.

Sentei a mesa para o café da manhã, tendo sua presença física ali. Ian sentava na outra extremidade com um comprimento

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

considerável entre nós, bem aquilo era uma excelente metáfora da atual situação. Ele bebia uma xícara de café, já que nunca tomava chá, na sua frente estava um prato de omelete, o que acabei descobrindo ser seu prato favorito para a manhã, um costume adquirido dos tempos de estudo fora do país. E como sempre, folheava alguns papéis, as vezes franzindo o cenho, completamente alheio a minha chegada. . Murmurei um “Bom dia” e como resposta recebi o silêncio, nessas horas a vontade é de jogar a jarra de suco na cabeça dele, mas duvido que o efeito fosse positivo além do que guardo a experiência com o peso de papel bem viva na lembrança. Cada vez mais indiferente logo quando achei que estava chegando a algum lugar. A frieza em pessoa, o iceberg que afundou o Titanic, esse era o Sovelev. Bufeí começando a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

comer em silêncio torradas, e acho que nunca um guardanapo recebeu tanta atenção.

Durante nosso momento sepulcral, Olívia pediu licença se aproximando de mim com o telefone residência, o único que fui liberada a usar. Sabia de quem se tratava antes mesmo de pegar o aparelho e ouvir a voz animada do outro lado. Pedi licença ao Sr. Frio, que apenas deu um aceno com a mão como se dissesse “Não estou nem aí”. Eu o detesto.

- Bom dia Elissa. –Minha voz estava claramente demonstrando a minha irritação. Não lembro em que momento me tornei um maldito fantasma, porém se isso durar muito vou acabar fazendo-o comer o prato de porcelana num complemento da sua maldita refeição. Mais irritante ainda é saber que não posso me recusar a lhe fazer companhia

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nessas horas.

- Ariel, você está bem? – Chamou minha atenção e fui incapaz de não sorrir com seu tom preocupado. Muitas vezes ela agia como se fosse minha irmã mais velha, o que não era bem verdade já que tínhamos a mesma idade, e ela ainda parecia ser mais nova com seus cachos dourados esvoaçantes e jeito de falar doce.

“Defina bem.” Pensei. Se em algum dicionário estiver a descrição: raiva homicida, impaciência com o silêncio e um sentimento de ser a pessoa mais solitária do mundo, então sim, eu estou. Já que não responderia isso de fato, apenas murmurei um “Claro” contido e pouco convincente.

- Acho que você precisa de um passeio a tarde comigo, isso definitivamente te fará bem. – Como dizer a sua amiga que não tem

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

permissão para pisar além do enorme jardim gelado da mansão? Nem mesmo sei o quanto Elissa conhece do nosso acordo. Soa como se fosse uma prisioneira, “Olá! Você é!” Às vezes, é bom ter um grito de realidade em mente.

- Eu, bem... — Queria sair, conhecer a cidade onde eu estava morando. A única coisa que vi quando saí foi uma estrada sem fim, gelo e a promessa certa de morrer congelada. Virei-me para Ian e tomei fôlego. Eu podia pedir isso, não é? Ficar presa aqui para o resto da vida sem nunca sair estava fora de cogitação, e do jeito que o Sovelev se mostrava tão pouco interessado no que fazia não acho que se oporia a isso. Afastei o telefone e o chamei. Ele demorou alguns segundos para se dignar a me olhar e quando o fez foi como se fosse a coisa mais desinteressante do mundo.

NACIONAIS - ACHERON

Afinal, o que deu nesse homem? Uma hora me odeia, outra me quer e depois me ignora. Definitivamente impossível de entender. Limpei a garganta, afastando da mente a vontade de mandá-lo para o inferno, continuei: - Elissa gostaria que eu a acompanhasse em um passeio essa tarde. – Continuava me olhando inexpressivo e em silêncio. – Posso ir?

Juro que não lembro a última vez que pedi permissão para ir a algum lugar. Quem com a minha idade precisa de autorização? O livre arbítrio passou longe desse endereço que estou. Terminei com um suspiro. Arqueou uma sobrancelha, finalmente pousando os papéis sobre a mesa.

- Não confio em você o suficiente para isso. E também não estou com tempo para ir lhe procurar no caso de fugir novamente. – Então, vamos para a estratégia final e mais
NACIONAIS - ACHERON

humilhante.

- Por favor, não irei a lugar algum sem Elissa e duvido que ela vá para qualquer parte longe de Dimitri. Só quero sair um pouco. – Minha voz era baixa e quase doce. Estou implorando, teria até direito a lágrimas falsas se eu fosse de fato uma boa atriz, como estou longe de ser, me apeguei à expressão sofrida. Jogue com as cartas que tem. Me encarou por alguns segundos que pareceram séculos.

- Dois seguranças lhe acompanharam e Olívia pode lhe entregar um cartão, caso precise, ela sabe onde eles estão. Espero que esteja aqui antes das oito horas da noite. Vamos levar isso como um voto de confiança que estou lhe dando.

Levantou da cadeira arrumando o terno que usava, pegou os seus preciosos

documentos e se dirigiu a saída da sala. Parou completando de costas:

- Vou sair e não sei quando volto. – Sua voz era vazia. – Espero que cumpra com a sua palavra, Ariel.

- Certo. – Murmurei, mas ele não estava mais ali para ouvir. Peguei o telefone esquecido de lado, quase não me contendo em minha dança da vitória. Um pequeno passo para o mundo, um gigante para Ariel. Afirmei a Elissa que a acompanharia e depois dos seus gritinhos de empolgação, me informou que viria até a mansão em poucas horas. Desliguei o telefone e fui para o quarto me trocar, um pouco mais animada do que antes, afinal o dia não seria tão maçante quanto imaginei. Estava longe de compreender o comportamento do Sr. Frio e isso me deixava com raiva, detesto me sentir perdida e ele sempre me deixa nesse

NACIONAIS - ACHERON

estado. O passeio seria bom para tirá-lo da cabeça por algumas horas. Troquei a minha roupa por uma calça jeans, botas cano longo marrom e uma blusa verde piscina, por cima um Sobretudo bege, um clima adorável. Prendi o cabelo em um rabo de cavalo, ele estava mais comprido do que eu costumava usar, mas isso não me incomodava, na verdade passei a gostar dele assim. Nem me dei conta do quanto estava sendo lenta naquele processo, até Olívia vir ao quarto me avisar que Elissa já me aguardava no hall principal. Estendeu um cartão de crédito dourado que com uma olhada vi estar no nome do Sovelev. Talvez ali estivesse um bom meio de vingança. O peguei guardando no bolso da roupa.

- Tenha cuidado senhora. E bom passeio.
— Seu característico tom profissional estava presente. Sorri sem jeito, nem um pouco

acostumada a ser chamada daquela forma, era simplesmente desconfortável. – Não se preocupe, Ian está apenas confuso.

- Como...? – Eu esqueço como ela pode ser perceptiva com as pessoas da mansão. Aquela mulher parecia ler a todos. Não deveria me surpreender com o seu conhecimento sobre o Sovelev, afinal ela o criou. Mas, no fim, está lendo a mim também. Meu desconforto claro com aquela bizarra situação de oscilação. – Quer dizer, ele é muito complicado.

- Como você já sabe, eu praticamente o vi crescer. Sei que ele fica arisco quando está confuso, é quase uma forma de defesa. Fique calma e tenha um pouco mais de paciência e fé. É tudo o que lhe peço. – Acariciou meu rosto delicadamente antes de se afastar saindo do quarto. Eu queria ter fé, porém é uma situação muito complicada.

NACIONAIS - ACHERON

Sou tratada com um prêmio que perdeu o valor depois que o tem em mãos. “*Essa pode ser a chance que estive esperando para ficar livre...*” Então por quê não me sinto exultante com isso?

Minha nova amiga estava radiante com o seu vestido rosa e o Sobretudo preto. Eu deveria ter optado por um salto, mas agora já era tarde. Formamos um bom contraste, até porque duvido que consiga andar por muito tempo sobre finíssimos 15 centímetros.

- A Sra. Olívia me avisou que você tem que ir com os seus seguranças. Mas isso não é um problema, eu mesma já me acostumei com os meus. — Falou enquanto me abraçava, sem pausa para uma respiração. Era incrível o carinho que ela tinha por mim em tão pouco tempo e comigo não poderia ser diferente, já a adorava. Mesmo que

NACIONAIS - ACHERON

quando a olhasse visse claramente como temos vidas diferentes.

- Acho que temos seguranças por motivos diferentes. – Me olhou como se não tivesse entendido e depois de alguns segundos deu de ombros, colocando o assunto de lado. Ah, Elissa você tem seguranças por que Dimitri se preocupa com você, já no meu caso, Ian tem receio de que eu fuja para o Alasca, no mínimo, e o denuncie para todas as autoridades do mundo. O que seria uma completa perda de tempo, o homem pode calar muitas bocas e simplesmente sumir do mapa quando lhe convir.

- Vamos, quero te mostrar várias coisas. Soube que você não saiu muito da mansão desde que chegou. Prometo que será divertido. – Com tanta empolgação faltou pouco para ela começar a dar saltinhos no

NACIONAIS - ACHERON

mesmo lugar, por isso não consegui conter o sorriso. Quando saímos dois seguranças já estavam a nossa espera, eu sabia que se tratavam dos funcionários de Ian porque suas expressões me eram familiares, contudo desconhecia seus nomes. Ambos incrivelmente altos e loiros, diria que são irmãos não fossem os traços tão diferentes dos rostos e a cor dos olhos, enquanto um tinha olhos castanhos o outro possuía o tom de mel claro. Ah, afirmo que eles também possuem a “cara de mau”, aparentemente um pré-requisito básico para trabalhar ali.

O que estava mais próximo caminhou em minha direção.

- Sra. Sovelev eu e meu parceiro seremos os seus seguranças hoje. – A sua voz era tão formal quando a sua postura. E devo dizer que senti falta de Marcus e Alexander, afinal tinha me acostumado a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

eles, ao ponto de nem sentir tanto medo assim.

- Muito bem... – Pausa constrangedora diante de todos. Quando vou me acostumar com essa nova vida. – Qual o seu nome?

- Meu nome é Uri e do meu parceiro é Lucan, senhora. – Comecei a me habituar ao leve sotaque de todos a minha volta quando se dirigiam a mim, e admito vejo certa beleza nisso. O outro homem olhava em nossa direção, esperando sem mostrar nenhuma emoção para sinalizar que nos ouvia.

- Certo, Uri. Podemos ir Elissa? - Seguimos para um sedã preto que estava na entrada da mansão, o parceiro de Jason foi para o lado do motorista enquanto o mesmo abria a porta para que entrássemos. A mulher baixinha se virou para Uri o

NACIONAIS - ACHERON

informando que seus seguranças viriam atrás de nós, foi então que notei outro carro igual ao que estávamos, parado atrás de nós.

Boa parte do caminho foi com a fadinha falando o que pretendia comprar e seus lugares favoritos, os quais não faço a mínima idéia de onde sejam, mas ainda assim acenei para cada afirmação que fazia. Minha cabeça estava longe, em um Sr. Frio e no seu comportamento estranho. A idéia de estourar o seu cartão ainda circulava em minha mente, embora duvidasse muito de que pudesse fazê-lo. Dedilhei minha testa tentando afastar meus pensamentos, tenho o dia todo para aproveitar fora das grades da mansão, por que me preocupar com ele?

Chegamos a um conjunto de lojas luxuoso e enorme, e me dei conta do quanto estava sentindo falta dessa parte da minha vida. Do movimento, da grande quantidade

NACIONAIS - ACHERON

de pessoas, dos diversos sons. Eu podia me divertir um pouco. Antes que pensasse direito Elissa me puxou como um furacão para fora do carro nem esperando que Uri abrisse a porta. Pegou-me pelos ombros me olhando nos olhos durante uma pequena pausa.

- Sei que está com a cabeça longe, mas deixe os problemas de lado e se divirta um pouco. – Sorriu. Ela não tinha idéia do número de problemas que eu tenho para lidar, mas decidi seguir seu conselho. Porque eu tinha que aceitar que não podia mudar o mundo.

- Ok. – Bastou dizer essa palavrinha e ela saiu me levando de loja em loja, e como aquela coisinha pequena anda rápido, no fim do dia minhas pernas estarão me matando, mas posso dizer que valerá a pena. Com o novo guarda-roupa que tenho não

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

existe muito do que precise, porém ainda assim em pouco tempo fui convencida, e várias sacolas já eram testemunhas da minha falta de talento para contra argumentar com aquela baixinha consumista. Eu via de tudo um pouco naquele lugar. E digamos que Uri e Lucan foram as vítimas mais sofridas da minha amiga. Eles carregaram uma porção de bolsas sem reclamar durante toda uma tarde, e duvido que fosse com esse intuito que o Sovelev os contratou. Horas depois os meus pés estavam me matando e minha barriga fazia um barulhinho constrangedor para lembrar que o tempo voava e eu não tinha mais energia alguma para gastar.

Alguns minutos gastos convencendo-a de que já estava tarde, e finalmente acabamos indo a um restaurante próximo. Um bistrô para ser mais exata, como o

NACIONAIS - ACHERON

movimento naquele momento estava baixo, logo fomos atendidas por um francês de sorriso fácil, além de bem charmoso. Ali descobri que a fadinha falava a língua muito bem. Um das coisas que mais gostei ao passar um tempo com Elissa foi o fato de evitar me fazer muitas perguntas pessoais, o assunto sempre corria de uma forma leve, era confortável. Ficamos numa mesa mais reservada, e assim que fizemos os pedidos nos vimos sozinhas, já que os seguranças nos deram algum espaço.

- Consegui te distrair um pouco? – Perguntou com um enorme sorriso. – Você parecia estar com a cabeça longe boa parte do tempo. Está preocupada?

Acenei com a mão, puxando o cabelo para trás da orelha. Pensei que estivesse conseguindo ser discreta, mas ela era muito esperta e só parecia desatenta quando na

NACIONAIS - ACHERON

realidade estudava bem o ambiente a sua volta.

- Acho que não é um bom assunto. — Suspirei cansada. Não importava o quanto tentasse fugir do assunto, os pensamentos sempre se rebelavam. Por que eu tenho que me interessar tanto pelo comportamento dele, se nem mesmo temos uma relação verdadeira? É incômodo. Sua confusão está sendo transmitida para mim e nem estou compreendendo minhas próprias reações.

- Bem, já que não quer falar muito, me permita. — Antes que ela começasse o Frances voltou trazendo consigo uma garrafa de vinho. Discretamente nos serviu, então se retirando. O sabor doce e suave foi muito bem recebido. — Posso admitir que fiquei extremamente surpresa quando Ian informou que iria se casar? Afinal você sabe como ele é difícil de lidar, sua

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

personalidade fechada dá um bom trabalho no início, mas no fim ele é um bom homem, não é à toa que muitas mulheres do seu círculo de amizade tinham um grande interesse nele. Meu medo era que acabasse com alguém fútil e terrível, porém você surgiu...

Ela parecia genuinamente aliviada com isso. Então me perguntei o quanto sabia de toda aquela história, afinal o seu marido era melhor amigo do Sovelev. Se aquele acordo não existisse com quem ele casaria? Provavelmente com a Mcmillan ou uma versão pior da mesma. Que lindo casal seriam, até a noiva se suicidar porque ele esqueceu de sua existência. Contive um sorriso de satisfação com a direção dos meus pensamentos.

- Ele realmente tem um jeito... Frio. — Fiz uma pausa tentando achar outra
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

descrição, mas nada mais passou pela minha cabeça, era apenas ele.

-Talvez um pouco, mas alguém completamente neutro jamais teria viajado tantas vezes para NY. Nos últimos anos nem mesmo sei de quantas viagens se trataram. – Sorriu levando a taça aos lábios.

- Perdão? – Minha boca se abriu e fui incapaz de conter a surpresa com aquela nova informação. Antes que pudesse dizer algo mais a nossa refeição chegou interrompendo o momento.

- Não vou falar mais nada, Ariel. Deixo para você tirar suas próprias conclusões. – Passou a comer tranquilamente enquanto eu queimava minha cabeça tentando entender. Sinceramente perdi totalmente o apetite. Elissa puxou vários outros assuntos, mas estava ainda digerindo a última novidade.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Por todo o tempo imaginei que o que sabia sobre mim tinha sido coletado por detetives, jamais imaginei que ele poderia ter me visto antes de vir para Moscou. Então por que esperou todos esses anos para cobrar aquela dívida?

Depois de andarmos mais um pouco. Tudo o que conheci de Moscou foram lojas de roupas e sapatos de grife, segundo minha amiga é tudo do que preciso no momento. Porém as horas correram e enfim chegou o momento de nos despedirmos, ela seguiu com seus seguranças e eu com os meus armários. Estava satisfeita, na manhã seguinte receberia mais uma ligação dela. Outra amiga, mais um ponto positivo no meio de toda aquela bagunça. Eu poderia me encontrar de novo, é nisso no que tenho que acreditar. A volta para a mansão foi regada de pensamentos conflituosos, onde

NACIONAIS - ACHERON

eu tentava organizar o que sabia daquilo que suspeitava, e quanto mais fundo fui mais constatei minha ignorância. Todos a minha volta pareciam ver algo que me passava despercebido. Senti novamente que minha cabeça explodiria, dessa vez de dor. Assim que entrei Olívia veio até mim com um semblante ao mesmo tempo contrariado e preocupado.

- Senhora, temos uma visita. — Me surpreendi com a hostilidade em sua voz. Ela em geral não deixa suas opiniões bem visíveis desse modo.

- Onde Ian está? — Era uma pergunta mais para mim mesma. Nunca ele havia me deixado sozinha para atender algum de seus conhecidos, e duvidava que soubesse que isso estava prestes a acontecer. Só espero que a tal pessoa fale inglês. Nos encaminhamos para a sala de visitas.

PERIGOSAS

- Não retornou ainda, nem entrou em contato. – Respondeu. – Deseja alguma coisa, senhora?

-Não. Eu mesma irei receber a visita. – Murmurei. Não estava a fim de ver mais um daqueles mau encarados que trabalhavam para o Sovelev, na verdade, queria era correr para a cama e pensar no dia de hoje, ou desmaiar de cansaço - que era uma alternativa ainda melhor - mas pelo visto não seria bem assim.

Qual não foi a minha surpresa ao abrir a porta e me deparar com Altus Sidarov? Perfeito em sua postura de dono do mundo, admito que ele não tinha nem que se esforçar muito para agir assim.

- Ariel, que maravilha poder revê-la. – Lá estava aquele sorriso de raposa e agora eu não tinha o Sovelev ao meu lado para

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

servir de barreira. *“Particularmente, não acho que compartilho da sua alegria ao reencontrá-lo, Sr. Sidarov.”* Engoli em seco.

- Sr. Sidarov. Tenho muita satisfação em revê-lo. – Disse com a voz baixa e torcendo para que ela não falhasse, continuei: - A que devo a honra da visita?

- Tinha assuntos a tratar com o Sovelev, mas me informaram que ele não se encontra. Então, agora só gostaria de desfrutar um pouco da sua companhia. – Deu uma leve risadinha, como se estivesse deixando algo em oculto. Minha mente gritou: “Eu não quero sua companhia!”, mas a educação falou mais alto e deixei que beijasse a minha mão, enquanto no meu rosto só havia um sorriso falso. Tudo o que precisava para terminar o dia.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sentei-me em uma das poltronas que havia na sala, bem em frente a um quadro da natureza morta que parecia ter séculos de idade - O que não era muito importante já que eu achava horrível -. O homem sentou na outra, ainda com o sorriso do gato da Alice no rosto, quem ele achava que enganava? Estava ali porque queria irritar o Sovelev, mas quem estaria na linha de fogo seria eu, melhor oportunidade possível não encontraria. Estremeci só de pensar. Depois de um tempo Olívia apareceu com uma cara de paisagem incrível e não própria dela, trazia um chá para mim e serviu café ao convidado indesejado, ela era muito eficiente e eu muito ruim como anfitriã. Assim que se retirou o rei da conveniência engajou numa conversa sobre mim especificamente, de onde vinha, do que gostava, enquanto tentei ser o mais cordial

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

possível ao responder, evitando ser muito monossilábica. Quando perguntou se eu ainda tinha parentes em Nova Iorque achei melhor deixar em oculto a existência do meu pai. Talvez a doença do Sovelev tenha passado para mim, me tornando paranóica, porém é verdade que não me sinto confortável estando sozinha com o Loki.

Ainda sentia minha cabeça girar com as novidades adquiridas nessa tarde, definitivamente não estava atenta a nada que Altus falava, e tudo que conseguia responder eram coisas automáticas. Queria o Sovelev aqui para que pudesse, quem sabe, arrancar algumas respostas - o que eu achava muito difícil com o novo temperamento dele -. O barulho da xícara sendo colocada na mesa chamou minha atenção, despertando-me do devaneio inoportuno.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Vejo que está distraída, Ariel.- Normalmente não me importava que as pessoas me chamassem pelo primeiro nome, preferia assim, mas quando o fez me deixou desconfortável, porque eu odiei o modo como ele o acariciou ao falar. - Preocupada?

- De modo algum, apenas gostaria de saber onde o meu marido se encontra. – Se falar o nome do Sovelev quem sabe ele não se manda logo, tipo um amuleto. Sorri docemente. *“Não vou cair na sua estratégia”* Afirmei.

- Quem sabe ele não tenha assuntos fora de casa? – O modo como ele falou isso denotava algo a mais. Não gostei nem um pouco disso, mas eu devia estar preparada. Pelo pouco que o observei ali estava o tipo de pessoa que gosta de atear fogo e sentar para assistir o espetáculo. O Sidarov se levantou e eu senti todo o meu corpo
NACIONAIS - ACHERON

enrijecer, era como ter uma cobra pronta para dar o bote bem no seu pescoço. Passou a andar lentamente pela sala, como se estivesse avaliando, até chegar aonde queria, as minhas costas. Soltei uma risada que soou nervosa demais até para os meus ouvidos.

- Ele estava realmente analisando uns papéis hoje pela manhã... – Na minha cabeça só vinha a frase: “Você está ferrada, Ariel.” A sorte decidiu tirar férias a muito tempo quando se tratava de mim.

- O Sovelev sempre foi um homem tão duro, frio e desprovido de sentimentos acolhedores. – Quem ele achava que era para falar isso? Tudo bem que o conhecia, mas era de fato isso? Ninguém via nada além? De repente senti sua mão tocar meu ombro com extrema delicadeza. Merda. – Me pergunto por que tem tanta sorte. Você

NACIONAIS - ACHERON

é uma bela mulher, Ariel. Merecia algo...

E antes que ele pudesse falar mais alguma coisa, ou tivesse tempo de afastar sua mão inconveniente, a porta da sala que estava fechada se abriu.

- Interrompo? — O Sovelev tinha um sorriso cínico e frio no rosto, o mesmo que vi tantas vezes, mas os seus olhos, estes estavam estreitos e no fundo do que sempre esteve vazio se refletia um brilho nada amigável, acho que raiva não é suficientemente abrangente para como se encontrava, nem mesmo quando joguei o peso de papel me lançou aquele tipo de olhar. Naquele instante quis voltar a me fazer invisível, é melhor do que lidar com a fera nem tão enjaulada ali. Mesmo assim sua presença tinha altivez e apenas quem prestasse bastante atenção podia identificar os reais sentimentos por trás da máscara. Se

NACIONAIS - ACHERON

aproximou e pude notar o peso da mão do outro deixar meu ombro, soltei um suspiro de alívio.

- Ian, que bom que chegou! – Sorri com um entusiasmo fingido, mas quem se importa? Existe um ditado que diz: Não pode com o inimigo, junte-se a ele. Me livrei da cobra que estava na sala, agora era com o Sovelev. Só espero que não sobre nenhum bombardeio na minha direção. – O Sr. Sidarov estava lhe esperando...

- Mesmo? – Ele estudou o outro, como se lê-se o seu real motivo. Alguém está encrocado e estou rezando para que eu não entre nesse pacote, meu nome já está bem em alta na lista negra do Sr. Frio. Se virou para mim novamente. – Olívia está querendo saber onde você quer que fiquem as suas compras... – Isso era claramente uma ordem para que eu sumisse dali. Me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

bateu uma vontade de contrariá-lo – força do hábito- mas o modo como seu rosto estava rígido me fez sentir uma vontade súbita de ajudá-la.

- Oh sim, claro. Peço licença Sr. Sidarov, foi um prazer... – Mentira! Saí do ambiente o mais rápido que podia sem correr. Subi as escadas para o quarto e Olívia estava lá com outra empregada arrumando as minhas roupas no closet, na verdade já estavam terminando. Perguntei se elas precisavam de ajuda, o que logo foi rejeitado por ambas. Resolvi tomar um banho longo, era do que precisava naquele momento para relaxar. Quem sabe mais tarde ligar para Elissa... Era uma idéia. Passei vários minutos apenas sentindo a água passar pelo meu corpo, do lado do meu shampoo estavam as coisas masculinas que o Sovelev usava, estiquei o braço pegando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

um frasco, tinha o cheiro característico dele, poderia usar também, mas isso estava totalmente fora de cogitação, a vergonha me tomou por sequer pensar nisso. Coloquei de volta no lugar, com tanto cuidado que parecia uma bomba, e terminei o meu banho. Me envolvi com um roupão branco e coloquei uma toalha no cabelo que estava molhado, assim que abri a porta estanquei. Sentado na cama estava o Sovelev, não conseguia ver o seu rosto, o que ao mesmo tempo era bom e ruim. Ou o assunto daqueles dois foi incrivelmente rápido, ou não existia assunto, façam suas apostas!

Passei para o closet vestindo uma roupa qualquer. Quando retornei, ele ainda estava do mesmo jeito, pensei em sair do quarto mas a sua voz me impediu.

- Me perguntou por que eu não gostava do Sidarov e eu respondi. Achei que tivesse

NACIONAIS - ACHERON

sido claro o bastante. No entanto, quando chego você está com ele a portas fechadas... – Se levantou e passou a mão pelo cabelo, há muito tempo eu havia notado que fazia isso sempre que estava irritado, ficou de costas pra mim. – O que você tem na cabeça, Ariel?

Levei isso como sendo uma pergunta retórica. Ele já estava me irritando, resposta esperta pode causar uma catástrofe.

- O que você queria que eu fizesse? Deixasse-o esperando por você plantado na entrada? – Minha voz estava alterada. Não era justo que ele descontasse em mim.

- Fizesse qualquer coisa, mas não ficasse só com ele. Em que mundo você acha que está? Você não é mais apenas uma médica de NY! – Se virou para mim e vi que a raiva de antes só era faísca se comparada a de

PERIGOSAS

agora. – Continue assim e vai acabar morta.

- Eu não entendo porque você nunca me diz nada. Age como se eu fosse apenas um enfeite seu. Nem sei o que pode ser perigoso pra mim, além do mais foi você quem me trouxe para cá. – Assustada é a forma que me encontro. Afinal em que história fui me meter? Não é como se tivesse ansiado por ser sua esposa durante toda a porcaria da minha vida, droga.

- Começo a me questionar se foi uma boa idéia. Você me dá muito trabalho, me deixa distraído. – Novamente estava aquela mão no cabelo. Estava com medo de que rumo que aquela conversa teria. – Isso definitivamente não é algo bom. Tenho muitas coisas a fazer e não posso ficar preocupado com mais uma...

- Eu não sou uma coisa. Não sou uma

NACIONAIS - ACHERON

propriedade. Se está insatisfeito, pra começo de conversa porque me tirou da minha vida em NY, eu estava muito bem antes. – Minha voz já estava embargada e eu estava fazendo de tudo para não chorar, por pura raiva. Ele deu um sorriso frio, odiava quando fazia isso.

- Você ainda estaria na universidade se não fosse por mim. Ou você acha que foi a sua bolsa que financiou todos os seus projetos? Fui eu. Você me pertence a muito mais tempo do que imagina e me deve mais do que pensa. – Sentia minha cabeça rodar. Só haviam as perguntas: “como?” “quando?” “por que?”. Olhei de relance para ele que me encarava. Estava sendo cruel de propósito, só não sabia a maldita razão.

- Por que fez isso tudo? – Minha voz estava rouca pelo choro que eu não me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

permitia derramar. Pude ver que a pergunta o pegou de surpresa e ele virou o rosto, era o que sempre fazia para que não visse o que de fato escondia. Seu reflexo de defesa no instante em que o muro vacilava.

- Achei que era uma garota inteligente, merecia a oportunidade... —Aquela resposta dita em um tom baixo, eu daria tudo naquele momento para ver seus olhos. — Mas pelo que vejo estava enganado. Desde que chegou aqui só me causa dor de cabeça e preocupações que antes não tinha. Fica virando o meu mundo.

- Não era bem essa a intenção, mas acho que já estava na hora de alguém fazer isso, Ian. — Liberei as palavras mais verdadeiras que podia encontrar naquela situação. Sem pensar demais. — Virar seu mundo.

O modo como me encarou, fez com que

NACIONAIS - ACHERON

recuasse, não por medo, mas porque pela primeira vez eu vi o relance de um garoto, uma nova fresta estava sendo aberta na sua armadura. Enxerguei a mistura de assombro e confusão que o tomou. A vontade de envolvê-lo nos meus braços foi tão intensa que me assustou, porém rápido como apareceu se foi, e novamente ele se trancava.

- Não se engane, Ariel. Isso não vai acontecer. — Se dirigiu para a porta do quarto e parou com a mão na maçaneta. — Eu não vou deixar.

E saiu. Desabei na cama e fiquei olhando para o teto sem realmente ver. Eu não vou desistir. Mesmo essa briga foi algo bom, porque você deixou de me ignorar Ian, e pude ver um relance do que você já foi e pode voltar a ser. Então preparasse porque definitivamente vou virar o seu mundo de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

cabeça para baixo. Sorri sozinha. Está é
minha mais nova aposta nesse jogo.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 11 - ESPECIAL SOVELEV I

Acordei sentindo o calor de um corpo encostado ao meu, o que aos poucos se tornava algo comum e incrivelmente reconfortante. Preocupante. Aquela massa de cabelos negros que escondia boa parte do rosto, os fios bagunçados, ela estava mais do que adormecida. Era algo próprio de mim acordar pouco depois do sol nascer, detestava ter que dormir, porque geralmente era nesse momento que os meus demônios vinham me assombrar com lembranças do passado. Me levantei para tomar uma ducha rápida e resolver problemas de rotina,esses que não se comparavam ao que eu tinha deitado na minha cama.

Vesti um terno qualquer daqueles tantos
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que possuía e fiquei em frente ao espelho para colocar a gravata. Ao olhar de relance vi meus próprios olhos, iguais os daquele que se dizia o meu pai. Havia me tornado alguém como ele? A pessoa que ele queria que fosse? Lembro da frase que ouvi durante toda a minha infância e boa parte da adolescência: “*Não tenha sentimentos, não mostre que sofre...*”- Era fácil para você, não papai? Não era você quem sentia as fortes tapas, os murros, ou a dor de não ter ninguém para protegê-lo. Quem era para pedir por ajuda? Eu era/sou apenas o seu protótipo de ser perfeito. A sua continuação. Olhos gelados e que a muito perderam qualquer calor, se é que um dia o tiveram. Balancei a cabeça, era bem melhor esquecer, ou fingir. Prazer, eu.

Desci direto para o escritório pegando vários papéis que teria que analisar. Nos
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

últimos dias os carregamentos enviados para mim estavam sendo saqueados, em um espaço que deveria ser seguro, coisa comum no ramo, mas que não tolerava acontecendo comigo. Trabalhava com os melhores e estes estavam sendo feitos de bobos e odeio ser feito de idiota. Pago muito bem para que tudo saia como desejo. Nesses documentos estavam as fichas de alguns suspeitos de serem os responsáveis pelos assaltos, assim que eu os pegasse eles veriam o que é realmente passar pelo inferno. Olhando todos aqueles rostos e fichas, sabia muito bem que havia alguém maior por trás de tudo e isso tornaria as coisas mais difíceis, porém não impossíveis. Peguei o telefone ligando para Dimitri, sabia que era cedo, provavelmente ele ficaria irado, mas quem liga? A voz que atendeu do outro lado estava rouca e lenta, por causa do sono.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Inferno, Ian. Não pode esperar o sol nascer para ligar? – Esperei que desabafasse, afinal não seria muito produtivo se estivesse ocupado planejando como me fazer sofrer por acordá-lo.

- O sol já nasceu faz tempo e você deveria saber que eu não durmo em serviço. – Conhecia Dimitri a um bom tempo, ele trabalhava para mim desde que entrei para essa vida de vez, porém nos conhecemos ainda na infância. Já que a sua família já estava ligada a minha há anos, foi o mais próximo de amigo que conheci. – Sabe dos carregamentos. Temos que resolver essa questão o mais rápido possível. Odeio ter prejuízos.

- E você deveria entender que eu preciso dormir para conseguir pensar. – Resmungou. Às vezes muitas delas, ele parecia ainda uma criança. Nem posso
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

acreditar que era meu braço direito. Sempre que preciso de informações, ou qualquer coisa do gênero, conto com o Karpienko para consegui-la. Talvez se não tivesse nascido nesse meio, ele seria uma boa opção para espião, agente do governo, ou qualquer merda dessas. – Vou me levantar e você deveria tomar café. Tenho uma novidade para você, mas só conto depois.

- Claro, quer que eu tricote um cachecol enquanto isso? – Ironizei sem paciência. - Sabe que eu detesto esperar. – Não sou muito conhecido por ser devagar com minhas atitudes. Tinha tanta coisa para resolver que minha cabeça poderia girar pelo piso a qualquer minuto. Já deveria ter me acostumado, mas aparentemente não é o caso.

- Nem imagina as coisas que tenho para te mostrar... – Tentou fazer uma voz mais
NACIONAIS - ACHERON

fina, definição de fracasso. Não disse? Criança! – Agora é sério, me encontre no galpão fora da cidade em uma hora. É sobre os carregamentos, conseguimos pegar um dos caras que estavam lá naquela noite e participou de tudo. Ele tentou vender algumas das armas e praticamente se jogou na boca do furacão, maldito idiota.

- Estarei lá. - Não era próprio de mim agradecer, ou nada do tipo, mas admito que a sua eficiência ainda me surpreende na maioria das vezes. Tenho pessoas competentes trabalhando pra mim e pagava muito bem por isso, esse era o máximo de cordialidade que me permitia. Desliguei o telefone.

Pedi que Olívia me servisse o café da manhã. Enquanto ainda via todos aqueles nomes. Naquelas fichas eu só via um bando de capachos cuja vida não tinha qualquer

NACIONAIS - ACHERON

valor. De todos que eles podiam roubar, foram querer pegar justamente algo que me pertence. Notei um movimento do outro lado da mesa, porém me mantive focado. Lá estava ela, o meu outro maior problema atual. Preferi ignorá-la, mesmo escutando quando está me dirigiu um “bom dia”, eu simplesmente não entendia qual era seu jogo, ela deveria me odiar e se afastar de mim, porém nos últimos dias vinha fazendo justamente o oposto disso. Uma linda noiva comprada, a última ordem do falecido patriarca, meu atual castigo. Parece que estou deixando passar algo, o que não é típico de mim. Percebi que me avaliava, mantive a atenção nos papéis – nome, idade, estado civil, filhos etc. – Já tenho quase tudo decorado. Olívia chegou com o telefone dizendo que era para Ariel, depois de um tempo percebi que era Elissa, elas

PERIGOSAS

pareciam ter se aproximado muito e por partes isso era algo bom, menos uma dor de cabeça. Depois de um tempo Ariel pediu permissão para sair com sua nova amiga – Desde quando ela é tão obediente e submissa? – Refleti. Terminei o meu café e disse que a queria em casa cedo. Pode até parecer absurdo, mas uma parte de mim gosta de bater boca com ela. Ver a raiva em seus olhos é revigorante. Saber que eu posso provocá-la, ao ponto de esquecer quem somos. Chegava a ser até meio doentio.

Separei dois seguranças para aquela tarde, e fui ao escritório, destravando o alarme do cofre peguei uma Beretta 92 – 9 mm. Vamos resolver essa questão em aberto. Peguei o Audi R8 preto e mandei que os seguranças me seguissem com a Ranger Rover, não queria ir com motorista, gostava de ficar só, e dirigir é uma das

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

poucas ocasiões em que isso acontece. Me dava tempo para pensar e no momento preciso de uma idéia para arrancar as informações que faltavam. O que nunca era fácil e acabava com o meu humor já duvidoso.

Cheguei ao galpão meia hora depois que saí da mansão já que era a bons quilômetros de distância. Encontrei Dimitri me esperando do lado de fora, fumava um cigarro e olhava para o nada. Ele também daria um ótimo filósofo.

- Se Elissa te pegar fumando tenho certeza que você está ferrado. E não acho que tenha outra vida. – Falei me aproximando. – Quem está lá dentro como companhia?

- O Miguel. E ele não parece estar de bom humor hoje. – Resmungou. Miguel era

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

um dos homens que trabalhavam para mim, nem mesmo aquele nome encobria a sua real personalidade. Ele era um dos caras mais cruéis que conheci e olhe que não foram poucos para aquela lista.

- Então somos dois. – Murmurei empurrando a porta do galpão para o lado fazendo um barulho grande em proporção ao espaço. O lugar era limpo, porém completamente vazio já que não o usava recentemente, e o carregamento que deveria estar ali foi substituído por uma cadeira ocupada por um homem na faixa dos trinta anos, cabelos castanhos e o rosto... Bem, não dava pra saber graças a todos os cortes profundos e inchaços. Não era algo que me fizesse ter pena ou lamentar quem sou. Parece que o Miguel começou cedo, por isso que Dimitri estava fumando, ele sempre ficava nervoso e incomodado, mesmo que

NACIONAIS - ACHERON

não admitisse. . Acenei para que colocassem uma cadeira bem em frente a do moribundo, assim que o fizeram me sentei. Olhando assim de perto eu podia reconhecer o rosto de uma das fichas. Lorenzo, se não me engano.

- Então Lorenzo. Não sou um cara que tem muito tempo disponível, nem estou disposto a ser paciente. Você já deve saber o que eu quero. – Minha voz era neutra. Fria. Capaz de fazê-lo se encolher miseravelmente em sua insignificância, com certeza não era o mandante. Definitivamente não me importava com o que aconteceria com aquele homem no final, apenas torcia para que pudesse agüentar até o fim. – Vai me poupar tempo?

Perguntei apenas como uma cortesia padrão, pois sabia bem da resposta. Eles nunca respondiam ou cooperavam, não. Na

NACIONAIS - ACHERON

verdade acho que sempre querem sofrer, e quem era eu para lhes negar isso? Seu rosto virou depressa e cuspiu sangue no chão bem perto do meu sapato. Sorri com sua atitude pateticamente rebelde.

- Vejo que não. – Acenei para que Miguel se aproximasse. – Lorenzo, acho que já conhece o meu amigo. Sabe como ele é chamado por aqui? – Sem resposta. – Ceifeiro. Ele gosta de ser bem lento é meio que um capricho, entende?

Ainda sem qualquer manifestação. Dei de ombros. Miguel se afastou voltando segundos depois com um balde, pelo cheiro uma mistura que continha álcool. Com uma esponja despejou o liquido no rosto do outro fazendo este gritar e espernear. Aquilo não era nada perto do que ele iria sofrer ainda, se ao menos imaginasse talvez me poupasse às horas que levaria. Levantei da cadeira

NACIONAIS - ACHERON

deixando que o tratamento começasse de fato. Todo aquele sangue e lamurias eram sons corriqueiros e habituais, velhos conhecidos meus.

- Você é odiado Sovelev. – Gritou com um forte sotaque espanhol. Um sorriso doentio passava pelo seu rosto desfigurado. – Nunca direi nada. Ele vai tirar tudo de você! Aquilo que tiver de mais precioso será destruído bem na sua frente.

O eco de sua risada insana ainda era ouvido pelo galpão. Engoli em seco. Logo balançando a cabeça em negativo, afinal não havia com o que me preocupar, não existia nada de precioso. Meu coração já não batia descompassado assim há muito tempo, sem nada para guardar nele, nada precioso. Fiz um sinal com a mão e me virei ainda deu tempo de ver o Ceifeiro ascender um isqueiro e jogar no rosto banhado do que

NACIONAIS - ACHERON

de fato era álcool. Vi sua boca abrindo enquanto o fogo o consumia. Meu rosto um quadro vazio, aquilo simplesmente não me fazia sentir nada. Sim, uma cena feia, que traumatizaria qualquer um, contudo eu assistia igual faria com um filme. “*Assista, não desvie os olhos*” É uma ordem.

Saí deixando claro que deviam se livrar daquele lixo o mais rápido possível, existe limite para o tempo que dedicaria a cada um dos responsáveis pelo meu carregamento, esse foi apenas o primeiro. Dirigi a toda velocidade em direção a mansão, para dar mais uma olhada nas minhas fixas, eram apenas suspeitos, precisava de certezas, por isso mandei Dimitri ir mais a fundo naquilo. Apenas informou que existia alguém em vista.

Ao chegar à porta principal da mansão dei de cara com Olívia que parecia nervosa,
NACIONAIS - ACHERON

na verdade a beira de um colapso.

- Senhor, temos uma visita. – Fiquei momentaneamente confuso. Não estava esperando ninguém, principalmente naquele horário. – O Sr. Sidarov está com a sua esposa na sala de estar.

Senti meu sangue esquentar, era mais do que óbvio que eu não existia nenhuma reunião marcada com o maldito Altus, inconveniente como sempre, uma pedra gigante no caminho, essa era uma boa definição para o meu primo de sabe Deus qual grau. Em passos rápidos cheguei à sala de visitas abrindo a porta sem perder nem mesmo mais um segundo. Minha paciência já estava por um fio desde o evento do galpão e todo aquele discurso sem sentido sobre perder qualquer merda que seja. Qual não foi a minha surpresa ao me deparar com Ariel, sentada numa das cadeiras e o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Siderov com uma das mãos imundas pousadas sobre seus ombros. Sua expressão deixava transparente o desconforto com aquele toque. Senti minha mandíbula travar. “Autocontrole” Lembrei a mim mesmo - coisa que nunca precisei-, mas estava a ponto de mandar tudo para o espaço. Respirando fundo falei no meu tom mais cínico:

- Interrompo? – O lugar seria capaz de congelar apenas pelo meu tom de voz. Estreitei ainda mais os olhos ao notar que mesmo assim ele ainda mantinha as mãos nela, e pensei no prazer que teria ao arrancá-las dele. Não queria aquelas mãos podres em algo que me pertencia.

– Ian, que bom que chegou! – O seu tom de entusiasmo seria capaz de enganar qualquer um, menos a mim. – O Sr. Sidarov estava lhe esperando. – Não, ele não estava

NACIONAIS - ACHERON

me esperando. Era tão certo como a lua estaria no céu àquela noite, que ele queria estar a sós com você, sua grande tola.

— Mesmo? — Não precisava ir muito abaixo da superfície para perceber o forte sarcasmo impregnado na palavra. Olhei para o Sidarov que continuava ao lado dela sem se incomodar com a situação tensa em que se encontrava. Típico dele. Só queria Ariel fora daquela sala o mais rápido possível, para podermos ter uma conversa mais honesta, quem sabe não consigo me livrar de uma vez do Sr. Acomodado a minha sala de visitas. Rapidamente inventei uma desculpa qualquer para que se retirasse. — Olívia deseja saber onde quer que suas compras sejam colocadas... — Talvez infelizmente, por força do hábito soou mais como uma ordem. Não que realmente me incomodasse com esse fato, porém com um

rápido olhar em sua direção vi que relutava em me dar mais uma de suas respostas espertas e rebeldes, contudo aquela não era uma ocasião propícia e o que viu no meu rosto deve ter deixado isso bem claro. Levantou-se arrumando algo invisível em sua roupa, um reflexo nervoso que já tinha notado antes.

— Oh sim, claro. Peço licença Sr. Sidarov, foi um prazer. — Segurei a vontade de dar uma risada, o que vinha acontecendo com muita frequência se considerar que nunca me permito tais demonstrações públicas. Ela precisava urgentemente aprender a disfarçar suas expressões, estava bem claro que se passasse mais tempo ali sozinha teria tido uma síncope. Assim que a porta se fechou voltei o meu olhar a Altus que parecia ter afundado mais na poltrona como se estivesse em casa, um conforto que

PERIGOSAS

pretendia mudar agora. Achei que já estávamos grandes o suficiente para continuarmos com aqueles jogos, onde ele sempre lutava bastante para me tirar do sério e acabava com um fracasso óbvio. Sempre foi assim, desde que nos conhecemos, pólos completamente opostos, contudo partes de um mesmo todo.

- Gostaria de saber o verdadeiro motivo de você estar aqui, embora possa adivinhar.
— Mantive o tom levemente indiferente de costume e tomei um lugar mais próximo do visitante. Não tenho necessariamente um ressentimento ou qualquer coisa do tipo, mas aquele seu senso estranho de diversão colocava-o constantemente numa zona perigosa, embora não enxergasse. E um passo trás com ele era absolutamente necessário.

- Você é um homem de posses
NACIONAIS - ACHERON

maravilhosas, Sovelev. Me permiti vir apreciar uma delas. – Espero que esteja falando das obras de arte na parede. Abriu aquele sorriso típico dele, e me imaginei quebrando todos aqueles dentes alinhados, lutando em seguida para relembrar os motivos porque não posso fazê-lo realmente.

- Não sou o tipo que divide. Na verdade, posso ser bem possessivo. – E novamente eu lutava para manter certo controle e cortar suas asas, acabando com a diversão. Me tirar do eixo é quase sua missão de vida, não importando as regras, ou minha posição superior. Mesmo que trabalhássemos no lado negro, as coisas tinham seus níveis e sua organização, pelo menos para a grande maioria, excluindo o grande provocador ainda sentado.

- Bem, acho que meu tempo aqui já
NACIONAIS - ACHERON

passou. – Eu tenho certeza disso. Bateu as mãos nos braços da cadeira antes de levantar arrumando sua jaqueta. Enquanto caminhava até a porta parou. – Você tem algo precioso que não merece e sabe disso. Diga a Ariel que ela é... Extremamente doce. – Ainda deixando aquele ar de risada ele partiu. . Meus punhos estavam cerrados, “*extremamente doce*”, como se eu já não soubesse disso, e de todo o resto. Era verdade, não merecia e jamais encontraria em situações normais, porém a última definição possível para nós era a normal. Isso não me impediu de ficar com raiva. Ariel ficou sozinha com meu primo dentro daquela sala por sabe Deus quanto tempo. Onde estavam aqueles seguranças filhos da puta que eu contratei para ficar com ela? E por que ela ficou sozinha com ele? Eu já havia avisado que ele não era confiável, mas

claro, ela não pode me escutar. Obedecer é uma tarefa muito difícil para sua pequena capacidade. Uma ínfima parte da minha consciência me dizia que se tratava de meras desculpas, entretanto fiquei incapaz de ouvi-la.

Não iria para o escritório resolver os assuntos realmente importantes, antes precisava ter uma conversinha com a Sra. Doce. Subi as escadas em mais rápido que de costume quando abri a porta do quarto pude escutar o som do chuveiro ligado, me sentei na cama e esperei que terminasse, era bom para que recuperasse um pouco da minha compostura. Quando saiu estava enrolada num roupão branco e uma toalha do mesmo tom prendia seu cabelo, o que não fez com que eu deixasse de ver algumas gotas viajarem para o vale dos seus seios. Virei o rosto, sem distrações. Passou direto

PERIGOSAS

para o closet voltando poucos minutos depois com uma roupa qualquer, que não era nem de longe uma visão tão boa quanto à das gotas. Antes que pudesse ter alguma idéia de sair do aposento me pronunciei:

– Me perguntou por que eu não gostava do Sidarov e eu respondi. Achei que tivesse sido claro o bastante. No entanto quando chego você está com ele a portas fechadas...

- Passei as mãos pelos cabelos, se colocasse um pouco mais de força eu iria arrancá-los.

– O que você tem na cabeça, Ariel?

Juro que tento entender, mas foge do lógico sua forma de pensar. Vi o seu rosto assumir um tom um pouco mais rosado, era algo que sempre acontecia quando ela estava com raiva ou com vergonha. Nesse caso eu chutava raiva. E veja que ironia, éramos dois.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- O que você queria que eu fizesse? Deixasse-o esperando por você plantado na entrada? – “*De preferência*” pensei. A voz dela já estava alterada. Eu precisava saber que me ouviria quando dissesse que não era seguro, porém ela estava sempre se atirando no risco.

- Fizesse qualquer coisa, mas não ficasse só com ele. Em que mundo você acha que está? Você não é mais apenas uma médica de NY! – O que me deixava com mais raiva parece que não tem noção do perigo! Acha que ainda está naquela vidinha de NY! E eu não posso ficar cuidando dela, coisa que eu venho fazendo há algum tempo, mesmo sem admitir, definitivamente isso não é algo do meu feitio. – Continue assim e vai acabar morta.

- Eu não entendo porque você nunca me diz nada. Age como se eu fosse apenas um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

enfeite seu. Nem sei o que pode ser perigoso pra mim, além do mais foi você quem me trouxe para cá. – Isso foi como um soco na cara. Era como se eu quisesse que ela se protegesse de algo desconhecido, mas ao mesmo tempo eu queria mantê-la trancada de toda essa sujeira que era o meu mundo, outro de direita bem na cara. Ela era apenas um enfeite, não? Então porque toda essa preocupação? Coisas compradas sempre podem ser repostas quando quebram.

Respondi qualquer coisa que se iluminou na minha mente anuviada. Era isso, ela era uma distração! Passei a mão pelo cabelo novamente. Me sentia irritado e frustrado cada segundo mais.

-Eu não sou uma coisa. Não sou uma propriedade. Se está insatisfeito, pra começo de conversa porque me tirou da
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

minha vida em NY, eu estava muito bem antes. – Parece que ela se segurava no resto de paciência, que pena que eu não tinha mais a minha. Ri. Sua vida em NY...

- Você ainda estaria na universidade se não fosse por mim. Ou você acha que foi a sua bolsa que financiou todos os seus projetos? Fui eu. Você me pertence a muito mais tempo do que imagina e me deve mais do que pensa. – Despejei tudo assim, não ligava mais. Quem ela achava que era? Tudo pertencia a mim. Foi graças a mim! Desde o momento que eu li aquela porcaria de testamento onde meu pai tinha me deixado tudo incluindo uma promessa de casamento. Imaginar que não queria nada daquilo, que pensava em não aceitar até ir a NY e vê-la, de longe. Era como desejar uma jóia rara vista por uma vitrine. A única coisa que pensava claramente era: “Ela tem que

NACIONAIS - ACHERON

ser minha”. Hoje pagava pela minha obsessão e ganância. Eu a encarei e vi que ela estava perdida nos eventos. Sabia que estava sendo cruel, mas queria, eu precisava mantê-la longe para o bem de ambos.

– Por que fez isso tudo? – Aquela pergunta me pegou de surpresa. Por quê? É isso que me pergunto todos os dias. Virei o rosto, nunca conseguia encará-la nesses momentos. Porque por mais estranho que parecesse quando ela me olhava assim sentia que via dentro de mim e subitamente sentia vergonha da minha própria escuridão. Eu era plenamente consciente do monstro que era. Uma besta com uma bela face polida para esconder sua podridão, fim da história. Foi para isso que fui criado.

- Achei que era uma garota inteligente, merecia a oportunidade... – Continuei com o rosto oculto. O que estava falando era

NACIONAIS - ACHERON

verdade. Eu sabia que ela era inteligente, contudo a raiva por suas ações desmedidas falou mais alto. – Mas pelo que vejo estava enganado. Desde que chegou aqui só me causa dor de cabeça e preocupações que antes não tinha. Fica virando o meu mundo.

- Não era bem essa a intenção, mas acho que já estava na hora de alguém fazer isso, Ian.- Outra surpresa. Como a batida alta de um tambor, ecoando na minha mente em contagem por segundo. Meu nome saia de sua boca tão suavemente como se fosse feito para ser. Uma ilusão. – Virar seu mundo.

Nesse momento a encarei porque senti dentro de mim o mais puro medo. Não, ninguém pode virar meu mundo, ou abalar suas paredes cuidadosamente erguidas. Não se aproxime, não quero que veja a minha escuridão. Porque nada existe nesse mundo.

PERIGOSAS

Sou vazio. Não tenho bons sentimentos, eles foram arrancados de mim há muito tempo, sou incapaz de identificá-los. Me vi novamente como um garoto, aquele que ficava trancado por dias no porão da mansão, o mesmo que apanhava até canalizar sua dor e deixar de gritar, o que sabia no que consistia uma tortura desde quando tinha nove anos e mal viu o mundo. Eu nunca vou permitir que chegue perto, não vou deixar que veja dentro de mim, ou abra espaço no meio dessas memórias.

— Não se engane, Ariel. Isso não vai acontecer. — Falei minha voz mais parecendo um murmúrio distante. Dirigi-me até a porta parando com a mão na maçaneta.
— Eu não vou deixar.

Saí a deixando pra trás. Depois daquilo, era melhor que me trancasse no escritório. Não queria nem ver a sombra de nenhum

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ser vivo. Tirei o celular do bolso e o mesmo estava indicando uma chamada perdida: Dimitri. Retornei.

- Ian, tem um carregamento chegando à Turquia. Aparentemente um dos convidados esta hospedado no país também. – Era isso, o que eu precisava naquele momento. Me afastar dela. Distância parecia uma palavra de segurança. Resolver os problemas que ao menos conhecia. Tentar uma conversa persuasiva para conseguir mais informações além de todo lixo já conhecido.

- Mande prepararem o jatinho para daqui á duas horas. Eu vou pegar esse carregamento com vocês. – Estou firme na certeza de que não vou perder outro dos meus negócios.

- Mas... – Ele parecia surpreso do outro lado da linha. Geralmente ficava apenas na

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

parte teórica, não me envolvia, dava apenas as ordens, porque em geral era arriscado demais para mim, caminhar no meio das balas. Como soldados e rei num jogo de tabuleiro. Dessa vez seria diferente. Embora fosse preocupante caminhar por aí quando se tem dois alvos, na cabeça e nas costas. Normalmente os inimigos não detêm a coragem necessária para se atacar de frente.

- Sem comentários. Eu quero apenas que faça o que eu mandei. Ok?

- Ok. — Notava-se que ele estava contrariado. Sem dizer mais nada desliguei. Em alguns minutos chamei Olívia e mandei que fizesse as minhas malas da forma habitual, antes que pudesse perguntar algo a mais pedi que saísse. Organizei algumas fichas que queria levar comigo em uma pasta e uma hora depois estava dentro de um dos carros com motorista a caminho do NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

jatinho para uma viagem a Turquia. Mesmo assim ainda parece que eu estou fugindo.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 12 – Oscilação

Eu me sentia perdida mesmo estando parada e parecia que algo me seguia de perto com olhos devoradores, e isso me dava muito medo, me punha numa sensação opressora de que perderia algo muito importante caso me alcançasse e por isso eu corria, corria como se não houvesse amanhã... O único problema é que não chegava a canto nenhum por que minhas pernas não se mexiam. Então um vulto parou bem na minha frente e senti meu coração praticamente parar para voltar acelerado quase ao ponto de doer. Dava passos lentos até mim, certo de que não me moveria, e quando finalmente estava próximo o suficiente vi aquele sorriso, um tipo que continha loucura e maldade. Não

PERIGOSAS

conseguia enxergar mais nenhum detalhe de seu rosto, apenas o sorriso, ainda assim era algo assustador. Estendendo uma mão coberta por uma luva escura, sem dizer sequer uma palavra, cobriu meu rosto e tudo se apagou.

Minha respiração estava acelerada e mal conseguia levar de fato o ar para os pulmões de forma apropriada, o quarto estava escuro e a cama estava vazia ao meu lado. “Está tudo bem, Ariel.” Era patético estar acalmando a mim mesma, mas era preciso. Minhas mãos tremiam um pouco provavelmente por causa do sonho, olhei para o relógio de pulso que deixei na cabeceira da cama e eram 02h00min. Deixei que meu corpo rolasse de volta para a cama, porém por mais que eu virasse de um lado para o outro faltava alguma coisa, os lençóis frios demais. Muito espaço. Errado. Virou

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

parte da rotina ter cuidado para não me aproximar muito do corpo que dormia ao lado, ouvir a respiração suave ao adormecer, ou de madrugada o farfalhar sutil de quando finalmente deitava.

Fazia quatro dias que o Sovelev havia saído em uma viagem de negócios urgente, mas para mim parecia que ele queria era manter a distância de padrão, ou melhor, fortificá-la novamente. Isso não dava a sensação de algo ruim - em parte — Porque provavelmente estava com medo da mudança, está, que poderia estar sendo causada por mim. Por outro lado detestava ficar só, e é o que mais acontece. Como se fosse alguma espécie de castigo, não mandava notícias, nem ligava, fazendo assim o medo se alojar em mim, sumiu como um fantasma, sinal algum do que poderia estar acontecendo. Aos poucos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

passsei a tomar consciência do perigo que era seu mundo e que ele poderia estar se preocupando comigo na sua forma estranha de demonstrar tudo, assim como assumo que comecei a sentir o mesmo por ele durante esses dias. Descobri que a minha imaginação pode me atormentar ainda mais do que esses sonhos estranhos que venho tendo numa frequência assustadora, sempre com muito sangue e seu corpo estendido sem se mover.

Virando mais uma vez na cama pude sentir o cheiro que vinha do travesseiro... Era o perfume dele. Senti o meu rosto corar da estupidez que iria fazer, me sentia até uma adolescente de novo. Lentamente, como se com qualquer movimento brusco pudesse acordar alguém e ser descoberta, puxei o travesseiro dele pra mim e afundei meu rosto ali e inspirei. Meu corpo inteiro

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pareceu relaxar, naquela companhia inanimada, capaz de afugentar os resquícios do pesadelo. “Bem, não é como ter de fato ele aqui, porque um travesseiro não pode me dar respostas sarcásticas ou meios sorrisos, mas dá para o gasto.” Pensei e logo pude me sentir derivando para o mundo da inconsciência. Sem cobranças sobre o significado de nenhuma das minhas ações.

Durante as manhãs era tudo um completo vazio, como normalmente. Só que agora as refeições eram tranqüilas sem discussões ou qualquer coisa do gênero. Eu passava maior parte do tempo trancada na biblioteca lendo, tendo aulas de russo — essas que ficaram mais extensas - ou na sala de visitas. Claro tinha os telefonemas de rotina com Elissa para me divertir um pouco, durante o primeiro dia ela dizia coisas como: “Não tem problema” e “Isso é

NACIONAIS - ACHERON

viagem de rotina”. Porém na última ligação seu discurso mudou drasticamente para: Ian é um ser sem coração que seqüestrou meu marido. Eu particularmente ficaria bem mais calma se ele ligasse dando alguma notícia, mas era pedir demais do Sr. Faço o que quero.

Agora me encontrava enrolada numa das poltronas da sala de visita folheando um livro sobre política e economia, ainda não conseguia acreditar que Ian se interessava por isso, sempre uma caixa de surpresas. Uma batida na porta chamou minha atenção, era Olívia que trazia uma bandeja com chá e biscoitos, me remeteu a Inglaterra e toda a pompa da realeza, de certa forma eu vivia coberta de caprichos ainda que presa na mansão do Sr. Frio, poderia se dizer que ele vivia numa realeza sombria, o lado escuro? Balancei a cabeça

PERIGOSAS

para me desligar desses pensamentos incoerentes.

- Obrigada, Olívia. – Falei assim que ela terminou de me servir, fiz uma pequena pausa constrangida ao continuar: – Alguma notícia dele?

Acho que minha pergunta sem jeito lhe pegou de surpresa, mas balançou suavemente a cabeça indicando que não.

- Não senhora. Desde que viajou não houve nenhuma mensagem. – Murmurou, até ela parecia desconfortável com isso. E só podia cogitar o tipo de negócios com os quais estava envolvido e o que fazia naquele momento. Ele pode estar em qualquer parte do mundo.

- Ele bem que poderia ter mais consideração com as pessoas que vivem com ele. Aquele cabeça dura... – Estava

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

falando comigo mesma sem me dar conta, não esperava que Olívia fosse prestar atenção e passasse a me fitar com um leve sorriso de quem sabe das coisas.

- Você se preocupa com ele. – Não era uma pergunta, e mesmo se fosse não teria como negar, nem dormindo direito eu estava nesses dias, com pesadelos e desconfortos. Só queria esquecer as possibilidades que acompanhavam essas ações. – É incrível que mesmo sendo tão frios e distantes os homens da família Sovelev conseguem ser apaixonantes para suas esposas... – Deu uma leve risada. Eu sabia de quem ela estava falando, só não sabia se gostava de ser comparada com Lana, e muito menos, me dizer apaixonada de um jeito tão natural. –Ele é bom em tudo que faz Ariel, assim como o pai. Não se preocupe.

NACIONAIS - ACHERON

Então ela pediu licença e se retirou. Gostaria bastante, mas essa última frase de Olívia não foi o suficiente para me acalmar. Não sabia se Ian podia ser comparado ao pai, ainda que só tivesse ouvido histórias vagas dele eu o temia, até a sua memória. Embora, fosse frio como o gelo que cobria as ruas e se mantivesse rígido no seu processo de distanciamento, ele, o Sr. Frio ainda não conseguia esconder quando se importava – da sua forma torta-, e essa simples brecha que encontrei poderia vir a mostrar muito mais do que era. Poderia não falar, mas os seus gestos com toda certeza valiam mais do que palavras.

Eu me movia como um fantasma pela mansão subindo e descendo escadas sem ter nada para fazer, às vezes ia até a cozinha, mas era expulsa de lá, por Olívia ou uma de suas assistentes. Por fim voltava a explorar,

PERIGOSAS

já conhecia toda a mansão então se tornou meio tedioso esses passeios, e durante a viagem a porta do escritório do Sovelev – o único lugar pouco conhecido- ficava trancada, quanto ao sótão, mais conhecido como a caixinha de pandora, não me sentia preparada para uma visita, de preferência nem tão cedo. Muita informação acumulada para lidar, e nem tinha começado, porque vivia fugindo.

Quando a noite caiu voltei ao meu ponto de partida, a sala de estar. Me enrosquei com o livro, entediada e lamentando que a hora de dormir chegasse em breve e só me sobrasse uma solidão ainda maior com o completo silêncio que se apossava de todos os corredores, até mesmo a cozinha que costumava ser a área mais movimentada. Dispensei o jantar que me ofereceram e estava cochilando, sonhando com olhos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

perigosamente azuis, quando o ronronar de um motor veloz se fez ouvir. Senti minhas mãos gelarem e meu coração disparar. Me levantei de pressa tentando a todo custo eliminar aquele vestígio de empolgação, e consegui adquirir uma postura mais neutra. Com passos firmes cheguei ao hall de entrada no instante em que a porta se abriu passando por ela o dono da mansão, sua presença ocupava o ambiente quase de forma opressiva, sua marca.

Vestido completamente de preto, porém ao contrário de sempre, deixou de lado os trajes formais, e sendo absolutamente sincera o estilo moderno e urbano lhe caia muito bem. Tirou o sobretudo preto o entregando a Olívia com um suspiro cansado, poderia passar mais tempo admirando com seus jeans escuros, porém meus olhos se prenderam numa faixa que

NACIONAIS - ACHERON

acompanhava todo o seu antebraço. Soltei uma exclamação. O que havia acontecido? Ele me olhou do mesmo jeito neutro de quem não se importava, vamos voltar a jogar o “*estou te ignorando, Sovelev*”? Quão criança ele poderia ser? Mesmo assim quando seus olhos encontraram os meus eu me senti segura e finalmente em casa. Estava aqui. E por mais chato, frio e ignorante que pudesse ser me preocupava com o que lhe acontecia, afinal não lhe desejaria um mal na realidade, sou uma boa pessoa e o instinto médico estava presente. Ainda que no fundo soubesse que não se tratava disso... Eu queria tocá-lo, senti-lo. Continuou com sua atenção voltada para a senhora, tão preocupada ou mais do que eu, fez um gesto de pouca importância, e novamente parecia que minha presença era insignificante o suficiente para que ficasse

invisível aos seus olhos.

- Olívia, dispenso o jantar, no momento o que mais quero é me deitar. – Disse em tom calmo e distante, continuando uma conversa que deveria estar acontecendo antes que eu chegasse. Ela assentiu mesmo que o seu semblante fosse desaprovador, e depois saiu me deixando a sós com o Sr. Frio. Me aproximei alguns passos, mas ele já foi caminhando na direção oposta a minha, demonstrando querer sair da minha presença o quanto antes.

- Sovelev! – Chamei quando começava a subir as escadas, apressei o passo para que pudesse o alcançar. Ele parou e quase trombei nas suas costas.

- Ariel, eu não estou com cabeça para discutir com você... – Sua voz não era fria ou sarcástica, na verdade ela só transmitia

cansaço. - Qualquer coisa que tenha a me dizer deixe para outra hora.

- Mas... — Ele me ignorou e seguiu seu caminho, fiquei ali, parada na escada tentando compreender as nuances do seu comportamento. Na verdade, estava mais do que na cara que queria ficar sozinho, que a última pessoa que iria querer na sua frente seria eu, porém no momento — assim como em tantos outros- não estava dando a mínima para o que queria.

Subi o resto das escadas de dois em dois degraus, e andei depressa pelo corredor, parando em frente à porta do quarto que dividíamos. “Legal, me casei para ter um colega de habitação estranho e distante” debochei. Sempre era fácil pensar em fazer, o difícil é por em prática. Respirei fundo enquanto abria a porta. Quando entrei não o encontrei de primeira, mas pude ouvir o NACIONALIS - ACHERON

PERIGOSAS

som da torneira do banheiro, em poucos minutos saiu enxugando o rosto com uma toalhinha, então notei que se livrou da maior parte das suas peças de roupa, ficando apenas com a calça jeans. Ele era elegante até com pés descalços, cabelos desgrehados, e benditas sejam essas pequenas gotas que desciam pelo seu queixo. Sem deixar de lado as tatuagens que marcavam sua pele clara, principalmente a do lado esquerdo no peito. Sua faixa no braço foi feita as pressas e já não segurava bem no lugar. Simplesmente esperou minha análise, nem de longe rápida, com uma expressão confusa. “Controle sua mente, mulher” Ralhei comigo mesma, tentando manter o foco. Ignorando minha pessoa mais uma vez – hábito chato esse- seguiu para o closet. Andei de um lado a outro, tentando me recompor e reformular o que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

queria dizer, porque a única coisa que passava pela minha cabeça era o quão quente ele estava vestido assim, ou nem tão vestido para falar a verdade. Algo do tipo nada saudável que pisaria facilmente na sua essência vital, puro pecado com castigo certo e um caminho muito perigoso para se seguir. Voltou trazendo consigo a roupa que usaria para dormir, suspirou ao me ver ainda para a sua espera. Levantei a mão o silenciando, logo pronunciando o que queria. Apenas assim funcionava, o primeiro a falar é ouvido, o outro fica com o eco da própria voz.

- Quero ver o seu braço. — Ficou confuso por um momento, como se minhas palavras não fizessem sentido, mas depois se afastou dando de ombros.

- Não é nada. — Murmurou. Seguindo novamente em direção ao banheiro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Não me lembro de ter perguntado alguma coisa. – Se ele é marrento eu também seria. Se só assim para que me deixasse cuidar dele, uma luta que valia a pena. Suavizei a minha voz. – Tome um banho e depois deixe que eu de uma olhada, prometo não arrancar nenhum pedaço.

Adorava ver sua expressão cautelosa, tentando ler por trás das minhas palavras e ações, sempre hesitando, contudo no fim se dando por vencido, em sua opinião era bem melhor poupar as energias do que entrar em outra briga comigo. Sábio se levar em conta as experiências passadas. Os minutos correram e só conseguia ouvir o barulho da água no chuveiro, o que me levou a divagar e deixar a imaginação muito livre, por ombros largos, braços fortes, subindo pelo pescoço tão claro... Sacudi a cabeça expulsando aquelas idéias a força. O Sr.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Frio saiu usando apenas a calça do pijama como de costume, lançou a toalha por uma parte qualquer do quarto, alguém arrumaria isso mais tarde obviamente. Franzi o cenho desaprovando. Gesticulei para que se sentasse na cama, ainda que de má vontade o fez. . Então fui até o banheiro em busca do kit de primeiros socorros. . Voltando segurei o seu braço de leve, porém pude notar um pequeno tremor o percorrer – Foi o meu toque?! – Dei um sorriso secreto com essa idéia e passei a desenfaixar, enquanto trabalhava em nenhum momento senti seus olhos sobre mim, estava me evitando a todo custo, , eu usava uma das camisolas de seda do guarda-roupa que ele me ofereceu, era num tom de bege claro e descia solta pelo meu corpo até os tornozelos deixando a vista cada uma das curvas do meu corpo, já que me liberei do robe que a acompanhava.

NACIONAIS - ACHERON

Prestando bastante atenção no seu braço pude ter uma noção do que aconteceu, era um corte longo e profundo o suficiente para precisar de pontos, que muito provavelmente foi feito por uma lâmina, engoli em seco. Passei a esterilizar a ferida, agradecendo por aquele kit ser tão completo “Normal para quem está acostumado a ser ferido” refleti com amargura. Abri os pacotes com a linha e a agulha, pronta para pegar a seringa e preparar a anestesia, contudo sua mão me parou sinalizando que não, ou seja, ele preferia a dor? Dei de ombros, provavelmente são comuns esses procedimentos, as cicatrizes estavam ali aparentes, como um lembrete claro. Se seguiu um tempo tenso de silêncio onde eu o costurava com habilidade e assistia de relance sua mandíbula trincada e olhos vagos. Respirando aliviada passei a enfaixar

a ferida da forma correta. Duvido que sequer tenha ido a uma farmácia antes.

- Você deveria ter ido a um hospital dar ponto nisso antes. – Falei em um tom de reprimenda. Ele poderia ter infeccionado e aí sim a situação estaria bem pior. – O que foi que aconteceu para que ficasse com esse corte?

- Não foi nada demais. Já disse... – Ele parecia não querer tocar no assunto. Então respeitei ‘essa’ sua vontade. Recolhi todo o material usado para jogar no lixo, e devolvi o kit ao lugar que pertencia. Parado no mesmo lugar que o deixei analisava meu trabalho, demonstrava surpresa com o modo como cuidei dele, era como se nunca esperasse isso de mim, o tipo de olhar que o garotinho de Lana teria me dado, o mesmo que ele me lançou quando eu disse que “*viraria o seu mundo*”. Não ligando muito

para reflexão de que passos impulsivos traziam o arrependimento, me sentei ao seu lado, bastante próxima e segurei sua mão entrelaçando nossos dedos, aproveitando o arrepio o qual começava a me ser familiar. Estudava cada movimento meu, sempre cauteloso, e só pude dar uma risadinha. Talvez usasse a desculpa que aquele seria meu pagamento pelo tratamento.

- O que... – Ele se calou quando subi minha mão para o seu rosto, barba já despontando podia ser sentida contra a minha pele. Abaixou um pouco a cabeça com os olhos meio fechados, depois me retornando um meio sorriso do tipo que só ele sabia dar, aquele de predador contido. Virou-se de frente para mim, um braço pousado na minha cintura, uma prisão leve. – Diga o que quer anjo.

Senti um arrepio me percorrer ao ouvir o
NACIONAIS - ACHERON

apelido que ele me deu a tanto tempo, que ultimamente não estava sendo usado e notei a falta que eu sentia dele. “Anjo”... Acaricieei o seu cabelo, sentindo uma vontade me corroer por dentro, uma vontade de provar aquela boca que estava tão perto. Me permitiria seguir o caminho sem volta, um de grande risco? Mas as memórias daquela tarde no escritório bem vividas foram impulso definitivo, assim como a falta que senti durante os dias sozinha.

- Existem coisas que não precisam nem ser ditas... – Murmurei minha voz falhando um pouco.

- Tem razão... – Passou sua boca suavemente pelo meu queixo, subindo até a minha bochecha onde depositou leves beijos, até voltar a minha boca me fazendo perder o fôlego, encaixe perfeito, como sempre começava de um jeito leve, me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

explorando delicadamente num estudo lento, ele tinha um gosto de hortelã, apertei minhas mãos que estava em seus cabelos, puxando de leve. Seus dedos cravaram na minha cintura, apertando, por sorte usando o braço bom. O beijo leve foi se perdendo para se transformar em algo quente e exigente, a cara do Sovelev, gemi baixinho. Sua boca deixou a minha partindo para o meu pescoço onde sugava e dava leves mordidas -que com certeza deixariam marcas- porém não me importava. Eu deixei seu cabelo para poder apertar seus ombros, percorrê-los e de vez em quando arranhá-los, perdida na força das sensações que causava.

Me veio a mente, era assim que lidávamos com as nossas brigas, nossas diferenças. O fato de não entender o quanto meus sentimentos vinham sendo alterados,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

cada ação minha sendo mais sincera que meus pensamentos, um sorriso, o toque. No fundo não o culpava por ser quem era. Ele não sabia o que era carinho ou cuidar de alguém, o peso do se importar, mas suas atitudes o jeito como me tocava era mais significativo do que qualquer palavra dita ou escrita. Esse mau humor todo, essas brigas me dei finalmente conta de que era porque queria o seu toque, sentia a sua falta. Um a relação de eterna oscilação entre desejo e raiva, onde eu desejava o meu carcereiro nem tão sem coração assim.

Passei uma perna por sua cintura pedindo pelo Maximo de proximidade possível, por fim terminando sentada no seu colo, sobrou um vestígio de constrangimento suficiente para pintar as maçãs do meu rosto. O assalto de minha boca sobre a sua continuava, como os

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

apertos ocasionais, suas mãos deslizaram para a barra da minha camisola que já se encontrava na minha coxa, levantei os braços facilitando seu trabalho, as pontas dos dedos me torturando gravando um caminho em minha pele, por fim jogou a peça em algum lugar, seu olhar quente sobre mim quase como uma carícia. Eu podia senti-lo embaixo de mim, percorreu minhas curvas com as mãos abertas, enviando pequenos choques, causando arrepios e perda de qualquer capacidade mental. Longe demais para conseguir parar, ou sequer ter esse interesse. Não seria como das últimas vezes, sem interrupções, entre nós apenas a febre que nos consumia.

Encostei meu rosto no seu ombro, dando pequenos beijos no pescoço, quando os seus dedos encontraram os meus seios desnudos, suspirei. Ele me pegou pela cintura virando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

e me deitando na cama, o tecido frio de encontro à pele quente, ficando por cima de mim, recomeçando todo o processo dos toques só que dessa vez também distribuía leves beijos, eu tentava encará-lo para não perder esse momento onde seus olhos brilhavam pra mim com algum sentimento oculto, mas era muito difícil manter os meus abertos. Arqueei a coluna quando no lugar dos seus dedos seus lábios estavam no meu seio. Me contorci para conseguir algum atrito com ele e logo encontrei o que procura e envolvi sua cintura com as pernas, notando que ainda usava a calça do pijama enquanto eu só tinha a minha calcinha, mas logo que pensei isso a retirou de um jeitinho todo especial e nada delicado, adeus pra sempre pequeno tecido. Afastou-se sem grandes esforços e eu resmunguei. Onde diabos ele pensa que vai? Apoiei-me nos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

cotovelos para assisti-lo tirar a porcaria daquela calça junto com a cueca, mas que belo espécime de homem que tenho aqui. Ao contrário do que pensei, não voltou imediatamente a mim, apenas observava, passeando os olhos lentamente pelo meu corpo para por fim voltar a encarar os meus. Mordi o lábio inferior e acenei com o dedo indicador para que ele viesse pra mim, logo fui premiada por um meio sorriso sacana patenteado do Sr. Nem tão frio assim.

Seu corpo de encontro ao meu, sempre seria a coisa mais quente e perfeita pra mim. Meus seios pressionados contra o seu peitoral, sua boca na minha. Era como encontrar meu espaço no paraíso. Quando investiu contra mim deixei um gemido me escapar enquanto minhas unhas faziam um pequeno estrago nas suas costas. Perdida em seus movimentos pude escutar quando me

NACIONAIS - ACHERON

chamou, mesmo que parecesse tão longe...

- Anjo... – Orbes azuis escuras me exigiam e fui incapaz de não corresponder.
– Olhos abertos.

Sua boca me tomou, roubando o ar, ele estava sendo o mesmo, mas parecia que havia algo mais, só que minha mente estava dispersa demais para pensar com clareza em algo. O abracei apertando mais seu corpo ao meu. Sentia os primeiros tremores percorrendo meu corpo e depois era como se estivesse caindo do topo do mundo. Escutei quando chamou meu nome quase como uma prece, antes de sentir sua liberação. Seu corpo se largou ao lado do meu, mas me puxou para o seu peito, algo totalmente novo e inesperado. Estamos completamente fora dos trilhos, foi absolutamente fácil me perder, como se estivesse destinado a ser. Ignorando a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

chamada de realidade me aconcheguei ao seu peito, sentindo meu corpo mole. Não sei quanto tempo passou, contudo foi o suficiente para meus olhos começarem a pesar.

- Vai ficar me evitando e fugindo de mim amanhã? – Perguntei em tom baixo. Senti ele se enrijecer embaixo de mim, ombros tensos. Merda, eu e minha boca grande.

- Eu não fujo de nada, Ariel. – Respondeu baixo. Preferi nem comentar.

- Pelo menos vai me dizer como conseguiu esse corte no braço? – Então ele se afastou de mim sentando e me olhando feio. O frio percorreu meu corpo, de dentro para fora. Estou tendo amnésia e esquecendo com quem estou falando? Por deus, esse ainda é Ian Sovelev, a

NACIONAIS - ACHERON

personificação do mistério.

- Não sei por que essa implicância toda, o que isso tem haver com você... — Ele estava irritado, porém não ao ponto de causar medo.

- Por que me importo com você. — Falei em tom firme surpreendendo até a mim mesma. E ele parou me encarando como se eu fosse a criatura mais exótica que já viu na vida. Levantei o abraçando por sobre os ombros lhe dando um leve beijo. Há tempos havia descoberto que o melhor jeito de combater o Sovelev não era brigando, é o tratando bem porque não sabia como agir ao ser tratado com carinho, esses seus instantes de desconcerto eram adoráveis. Eu perdia às vezes a paciência e só faltava jogar um jarro na sua cabeça, mas estava decidida a fazê-lo se abrir, afinal foi o único caminho aceitável que nos sobrou. Voltei a me deitar e ele

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ainda me olhava com a testa franzida. – Vamos Sovelev! Você pode ser o Senhor Frio, mas é ótimo em esquentar a minha cama. Venha.

Demorou poucos segundos para que o sentisse me puxando para si e envolvendo meu corpo nos seus braços de encontro ao seu peito, onde depusitei um leve beijo. Pude ouvir um leve risinho e um murmurar: “Sr. Frio?!”, que grande progresso. Pouco depois apaguei. Sem pesadelos porque era ele que estava comigo e não apenas um travesseiro.

Capítulo 13 – Convite indesejado

Um instante de atração intensa, as chamas suficientes para transformarem a razão e todos os argumentos para nunca dar aquele passo, em meras cinzas. É mais profundo do que julguei os sentimentos bagunçados e confusos que nos une. Sentia o calor de encontro ao meu corpo e me aconcheguei mais a ele, estava tão bom ficar ali. Foi então que o calor envolveu mais apertado, braços puxando-me para mais perto e permiti que levasse, abrindo os olhos que lutavam contra a luz vinda da fresta na cortina. Aos poucos minha mente foi fazendo ligações e aquilo parecia menos com um travesseiro. Mal pude acreditar no que via, ele ainda estava lá! Dormia

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

completamente enroscado em mim, poderia dizer que éramos uma mistura de braços e pernas nus. Preocupante que meu coração acelerasse com as constatações, porém não mais do que o fato de gostar daquela visão, o jeito como o seu rosto se encontrava escondido por entre os meus cabelos, seus cílios longos e cheios, uma bela cortina para os incríveis olhos azuis. Eu nunca poderia imaginar que seu rosto ficava tão suave enquanto dormia, perdia toda aquela áurea de poder e perigo que o rodeava. Me sentia como alguém que ganhou um ingresso para o show exclusivo que sempre sonhou, vê-lo daquela forma era como conhecê-lo de novo.

Não resistindo à vontade de tocá-lo, passei os dedos suavemente pelo seu maxilar, acompanhando a linha até o seu cabelo que despontava para todos os lados -

NACIONAIS - ACHERON

uma bagunça, mas totalmente adorável. – subi os toques até a sua testa afastando uma mecha de cabelo que estava ali, acariciei a bochecha descendo finalmente para os lábios, onde acompanhei o desenho com o polegar, desci pelo pescoço indo para o peito, ele era muito bonito, principalmente naquele momento onde o avalei sem receios e sua expressão não estava congelada. Sorri comigo mesma.

- Gostaria de saber o motivo do sorriso.
– A voz era rouca e baixa, provavelmente por causa do sono. Quase pulo da cama pelo susto, estava bem acordado. O mar azul desperto pronto para uma tempestade a qualquer minuto.

- Apreciei a forma como acordei hoje, Sr. Sovelev. - Murmurei me aconchegando mais a ele sem que eu nem mesmo percebesse, e num movimento rápido ele me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pôs embaixo de si. Sua perna entre as minhas.

- Sra. Sovelev seu comportamento está bem estranho e confuso, mas não vou dizer que não estou gostando da mudança. – Me olhava com um meio sorriso – cada vez o protótipo ficava mais próximo de um real - e se mantinha apoiado nos braços para que eu não tivesse que sentir seu peso. Entretanto, não queria que seu corte se abrisse ou inflamasse o puxei mais para mim.

- Mudanças sempre são bem- vindas. – Falei passando minhas mãos pelo seu rosto, descendo para seus ombros onde o envolvi. Ele aproximou os lábios de leve, estava tão próximo que podia sentir sua respiração.

- Por mais que eu queira aproveitar essa mudança... – Aqueles leves toques de seus

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

lábios nos meus a cada sílaba que pronunciava estava me deixando aérea, tinha plena consciência do poder que exercia. – Eu tenho assuntos para resolver.

E antes que pudesse responder, ou sequer compreender o que disse o Sovelev já estava fora da cama e caminhava lentamente para o banheiro, o bom era que podia contemplar o desenrolar da cena a minha frente, o andar confiante mesmo desprovido de qualquer vestimenta, o lado ruim é que a cama ficava vazia e fria sem ele. Me permiti continuar deitada puxando o travesseiro dele para ficar abraçada, não sei ao certo quando tempo apaguei, devem ter sido apenas alguns minutos, acordei ao sentir leves toques nas minhas costas o que logo constatei serem beijos suaves, que subiam para a minha nuca logo voltando a descer, provocando arrepios bons. Virei lentamente

NACIONAIS - ACHERON

encontrando um Ian vestido com de costume, terno cinza, camisa social escura por dentro e a gravata foi substituída por um lenço. Se afastou, seu olhar muito mais leve do que alguma vez já vi.

- Quero sua companhia na mesa durante o café da manhã, anjo. Vamos? – Estendeu a mão, e lá estava aquele meio sorriso, que deixava a tona o que ele um dia foi e que talvez, poderia voltar a ser. Peguei a sua mão e com m leve puxão de sua parte já me encontrava de pé. *“Sinceramente essa versão dele colocava meu coração em sérios riscos.”*

- Vou tomar um banho, não demoro. – Avisei caminhando para o banheiro com passos lentos, lutando para me despertar. Era maravilhoso sentir a água quente passar pelo meu corpo, fazendo com que todos os meus músculos relaxassem, porém por mais

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que quisesse ficar por ali mesmo, sabia que ele estava me esperando.

Enrolei-me rapidamente num roupão branco que estava ali, escovei os dentes e aproveitei para passar uma escova pelos meus cabelos os prendendo em um rabo de cavalo. Saí e o Sovelev estava sentado na cama vendo algo no celular, suas sobrancelhas franzidas. E o alarme de realidade toca. Fui para o closet pegando uma roupa simples: um casaco azul marinho, com uma regata branca, calça jeans e botas cinza. Voltei e me esperava com a porta aberta.

Descemos as escadas lado a lado, mas mantendo um pequeno espaço entre nós evitando nos tocar, era como se só houvesse alguma conexão dentro do quarto que deixamos para trás. Eu não aceitava isso! Num ato impulsivo peguei a sua mão,
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

entrelaçando nossos dedos, ele não tirou, o que fez um pequeno alívio brotar no meu coração.

A mesa já estava toda posta com uma grande variedade, misturando um café da manhã americano ao russo, nos sentamos, O Sovelev como sempre na cabeceira da mesa e eu optei por seu lado esquerdo. Comemos em silêncio e comigo estudando cada movimento que ele fazia, sem claro, deixar transparecer. Seu braço, onde estava o corte, estava meio rijo e parecia distraído seus pensamentos não estavam realmente ali.

- Posso saber o que tanto observa, Ariel?
– Ou é só impressão minha mesmo. Engoli em seco.

- Nada demais. Estava apenas vendo o seu braço. – Falei a verdade, ou metade dela. Ele pousou a xícara e me encarou

NACIONAIS - ACHERON

sério.

- Eu estou bem. Não sinto mais nada. –
A voz era leve e seu olhar demonstrava paciência.

- Que bom. – Eu não sabia como agir a partir dali. O que aconteceu na noite passada não facilitava as coisas, porque agora estava ainda mais confusa sobre o que éramos, e o que de fato senti por ele. Não sou nenhuma garotinha, entendo que amor não nasce do nada, mas era muito possível que a paixão aparecesse. O coração acelerado, o efeito do toque, até mesmo dos olhares, eram provas disso. Mas existiam tantas barreiras para contornar, sentia a desesperança antes de sequer começar. Fiquei longe com os meus pensamentos só voltando a mim quando ele se levantou.

- Estarei no escritório caso precise de

algo – Informou já saindo porta a fora. Suspirei e lá vamos nós para outra manhã tediosa. Segui pelo mesmo cainho perdendo completamente o apetite. Pelo menos poderia passear um pouco lá fora. Como de costume todos os guardas estavam postos, lembrando que sua função ali não era apenas a proteção, mas evitar que fugisse. Uma tela bem diferente da que pintamos ao pensar em relacionamento. Eu sou casada com o homem que passei a noite passada e lamento por não ser capaz de me arrepender do que fiz. Um clique da mente me fez lembrar que os efeitos daquilo poderiam não ser apenas psicológicos, mas biológicos também. Uma maldita sorte que semana passada tenha começado a me medicar para regular o meu ciclo mensal que estava uma bagunça como o resto a minha vida. Droga! Queria me encolher e pedir para outra

PERIGOSAS

pessoa fazer as escolhas por mim, já que obviamente tem algo errado.

Andei por um bom tempo sem me importar com a hora. Aquele realmente era um lugar muito grande e bonito, isso tornava tudo mais solitário. Imaginei um garotinho vivendo aqui com o seu pai tão rígido e sem ninguém para lhe dar carinho, amor, ou mostrar o significado real de família. Quando o aperto no coração ficou incômodo demais voltei para a mansão, e encontrei Olívia a minha procura.

- Senhora tem um telefonema. – Disse me entregando o aparelho. Ótimo, precisava de alguma distração saudável. Como esperado se tratava de Elissa, passamos um bom tempo conversando sobre banalidades até ela me informar que Dimitri a estava chamando.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Tive uma curta aula de russo, o professor estava mais mal humorado que de costume, ou talvez fosse culpa da minha falta de atenção, certamente nada produtiva. Passei o resto da tarde sozinha, almocei na companhia dos talheres já que o senhor da mansão mandou informarem que se encontrava muito ocupado – Era tão difícil assim sair do escritório e dar a informação por si mesmo? – Comecei a ler outro livro qualquer, em breve teria devorado todas as prateleiras da biblioteca particular, sentia que a qualquer momento criaria teias de aranha na cabeça. Acabei pegando no sono deitada no sofá da sala, justificativa: uma noite mal dormida.

Despertei com o som da porta se fechando e fiquei por alguns segundos desnorteada sem me lembrar onde estava. Cocei os olhos para focar no Sovelev

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sentado numa poltrona um pouco a frente, me observava em silêncio como se procurasse o resultado de uma equação sem resposta. Sentei sentindo um desconforto na coluna e os músculos tensos, dormir naquele canto não foi uma boa idéia.

- Você parece meio entediada, anjo. – Apoiou seu queixo na mão, estava com um ar tão sexy. Isso era de propósito, só podia ser, ou eu adquiri alguma espécie de distúrbio.

- Eu estou. – Respondi automaticamente, enquanto esticava os braços.

- Venha aqui. – Ele indicou para que sentasse no seu colo, esperei poucos segundos para processar a informação. Está testando até onde vão meus limites? Aqueles são os efeitos de ter abaixado a guarda e cedido ao desejo que sempre senti

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

por ele? Que comece a próxima rodada desse jogo, o primeiro passo é seu, Sr. Sovelev. Lentamente fui até onde estava parando a sua frente. A timidez causando desconforto, não era o suficiente para querer recuar. Algo nele me instigava a continuar, contrariando o instinto de autodefesa.

Envolveu minha cintura com um braço me puxando para ele, sem mais escapatória.

- Amanhã irei à casa de Dimitri e você vem comigo. – Seu tom suave enquanto o nariz passava devagar por minha nuca como que aproveitando o meu perfume. Quanto de você é real nesse momento, Ian? Desejava perguntar, mas sabia que causaria um efeito destruidor no pouco conquistado.

- Por mim tudo bem. – Respondi meio tremula, ele não precisava de qualquer respaldo, estaria no lugar onde me quisesse.

NACIONAIS - ACHERON

Precisava dar um jeito em todo esse poder que tinha sobre mim, porque aqui está uma verdade: Esse casamento vai durar até que ele enjoe da brincadeira, a única ferida serei eu caso continue nessa estranha linha de entrega. Aproveite as chamas, porém mantenha o coração longe. Implorei para meu subconsciente para que conseguisse fazê-lo.

Inclinei a cabeça para o lado, dando mais espaço para que continuasse as carícias gentis. Pós a mão no meu rosto me virando para olhar nos meus olhos.

- Tenho algo especial para você amanhã também. – Especial? Pra mim? Um sorriso involuntário se abriu no meu rosto, contudo foi se perdendo com a mesma rapidez. Aquilo se tratava de uma recompensa por ter feito algo que o agradou? Como uma cadelinha que senta e rola?

PERIGOSAS

- SÉRIO? – Perguntei sem empolgação controlando a raiva que queria tomar espaço. Notando a mudança de tom sorriu de lado. O brilho de diversão piscando na profundidade dos seus olhos. Nada tranqüilizador.

- Completamente. – Não pude contestar nada, pois seus lábios estavam nos meus calando até pensamentos. Sugou de leve o meu lábio inferior e lhe dei passagem para que explorasse minha boca, parecia que eu tinha sede dele, minhas mãos estavam no seu cabelo puxando de leve, mordi seu lábio e ouvi-o suspirar se afastando, seus olhos entreabertos desafiando-me, a faísca de raiva completamente apagada, subjugada por outro tipo. Ao ponto de me render fácil a ele novamente, porém não aconteceu porque uma batida tímida na porta interrompeu o fugaz instante. Me recompus

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

e tentei levantar, mas fui impedida pelo mesmo. O olhei com a cara feia, como já era esperado fui ignorada por completo.

- Entre. – Mandou. Olívia abriu a porta e estancou ao nos ver, mas reprimiu a surpresa rapidamente, porém sem esconder o sorriso quase admirado.

- Senhor, chegou essa carta e a pessoa que trouxe disse que deveria ser entregue imediatamente. – Disse e estendendo um envelope vermelho sangue em direção ao Sovelev que ao ver o nome do remetente revirou os olhos. Abriu o envelope e dentro havia o que me pareceu um convite. Olívia se retirou com uma simples sinalização antes que a atenção se voltasse para si novamente.

- Parece que teremos uma festa para ir nesse fim de semana. – Não parecia

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

animado com isso. Por “nós” significava que queria minha companhia fora da mansão? Claro, a boa esposa que ninguém imagina de onde surgiu, contudo falta coragem para questionamentos...

- Festa? De quem? – Perguntei intrigada e um pouco animada, admito. Qualquer oportunidade de ir além dos portões deve ser aproveitada.

- De alguém que já conheceu e parece não gostar muito. – Ele pareceu achar esse fato divertido. Não conheci muitas pessoas...

- Quem? – Mas ao olhar novamente para o convite me surgiu a resposta de quem poderia ser, e pedi internamente para que estivesse errada.

-Layka McMillan – Oh, droga! E lá estava a Miss Red de volta ao jogo, quando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

achei que já tinha mais problemas do que podia agüentar surgir mais um. Quando penso que estou me aproximando mais um passo dele na verdade recuo dois, sempre com algo ou alguém para atrapalhar. E como uma invocação do meu inferno particular, aquela mulher voltou. Não precisava ser um gênio para saber o que queria e pretendia enviando aquela carta. Afinal, quem envia cartas hoje em dia? Lembrando que existe internet e algo muito útil nela chamado email! Qualquer vestígio de empolgação se esvaiu completamente. Meu rosto se fechou em uma careta involuntária.

Isso era tudo tão confuso. Nós não éramos nem um pouco comuns. Uma médica que foi forçada a se casar com um homem desconhecido, incrivelmente bonito, insensível e surpreendentemente acessível

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

quando lhe convinha. Tudo por causa de uma dívida de família. Normal, é a última definição possível para nos dois. A nova dúvida da minha mente, ele estaria comigo se nossa situação fosse outra? Num mundo onde nossas escolhas nos pertencessem. O que queria era conhecê-lo cada vez mais, até deixarmos de ser estranhos. O sentimento que consumia minha racionalidade também ocultava o medo de sofrer pelo tempo que meu desejo era saciado. Esse lado mais leve é tão ou mais perigoso que o inacessível e vazio, porque uma entrega a ele é um pedido explícito para ser machucada. Contudo, restava confessar que caia aos poucos cada vez mais fundo.

Um sopro suave no meu pescoço fez com que me arrepiasse em reconhecimento e perdesse o fio dos pensamentos.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– Ficou concentrada assim por causa do convite de Layka? – Ele realmente estava debochando de mim? Bem, esse não é um bom momento. Nem sabia que podia ser possessiva assim.

– Ela não gosta de mim, e devo admitir que a recíproca é verdadeira.- Permaneci sentada no seu colo por mais que tivesse vontade de sair daquela sala rapidamente e me poupar de mais constrangimento.

- Realmente se importa com isso? - Perguntou voltando a beijar meu pescoço, como seus lábios são suaves, parecendo explorar toda a região, tocando mais profundamente que sobre a pele. Só isso explicava os batimentos acelerados e a respiração superficial. Fechei os olhos aproveitando aquilo e esquecendo o meu problema anterior. Por que eu estava

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

falando dela quando posso fazer algo bem melhor? Passei o dia inteiro sozinha, sem nada para fazer e agora que ele está dedicando um tempo para mim, fico desperdiçando, falando sobre coisas insignificantes. – Ainda quer falar sobre a Layka?- Sussurrou, agora me fitando.

Balancei a cabeça em negativo, na verdade não queria falar sobre mais nada quando ficava tão perto. Percorri com meus dedos seus cabelos acobreados e arrumados, diferente da forma como acordou essa manhã, feliz por ele não usar nada para mantê-lo no lugar. Aproximei sua boca da minha passando de leve a ponta da língua no seu lábio inferior. Era algo próprio nosso, sempre nos provocando com brigas, controle excessivo e palavras rudes, mas qualquer mero toque me transformava em puras chamas e isso era apenas com Ian.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Irônico o frio gerando fogo e num preenchimento completo.

Perdendo a pouca paciência que tinha envolveu meu rosto com uma mão tomando minha boca para si, no seu ritmo. Língua passeando e explorando um lugar que já conhecia e logo tudo se torna quente demais. Quando perco o ar passa a beijar meu pescoço porque aprendeu que é meu ponto fraco. Esperando sempre pelo toque suave me surpreendi com a leve mordida que levei, sendo suavizada por um beijo, contudo isso não mudava o fato de que estaria marcado ali. Injusto que seus braços permanecessem cobertos, assim eu não podia passar as unhas.

– Sabe, eu gosto de deixar marcas em você. – Sussurrou, afastando meu cabelo e acariciando meu rosto.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– Esse é seu lado sádico tomando forma?
– Perguntei com uma voz muito baixa, embora essa não fosse a intenção. Malditos beijos e toques que me fazem perder o controle do corpo.

– Talvez sim. Mas acho que seja porque toda vez que as vejo me lembro de cada detalhe do que fizemos. – Sorriu torto. – E sejamos justos, anjo. Faltou muito pouco para que não arrancasse tiras das minhas costas.

Senti o rosto arder em constrangimento, porque ele tinha que mencionar esse tipo de coisa? Não é como se pudesse controlar, se tratava de um reflexo.

– Por que se envergonhar? – Beijou o canto da minha boca. – Eu sei que você gosta apesar de ser controlada a maior parte

NACIONAIS - ACHERON

do tempo. O quanto estou aprendendo sobre Ariel Sovelev... – Refletiu o tom de malícia presente.

Nunca senti tanto constrangimento num único momento. Estaria transformada em um enorme sinal vermelho. A vontade de lhe dar uma leve tapa no peito e lhe repreender foi tanta que não tive como reprimir:

– Ian! Descrição por favor. – Virei o rosto, mas não estava realmente chateada, apenas com muita vergonha. Estava mais do que óbvio que se divertia com aquilo.

– Desculpe, não queria envergonhá-la. – Queria sim seu descarado. Está na sua cara o sorriso disfarçado. Absurdo que fosse encantador. – Mas é divertido vê-la corada.

– Vamos esquecer esse assunto e falar de
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

outra coisa. — Estou ansiosa por uma conversa, sem brigas, respostas rudes e vazias com ele.

— Sobre o que quer conversar? — Sabia que estava mais concentrado em seus dedos que estavam dentro da minha camisa massageando minha cintura de leve.

De súbito vi a oportunidade. O que tanto esperei, estava deixando que eu lhe perguntasse o que quisesse, ou assim entendi. E por que não? Tinha tanta coisa que queria saber.

— Me fale sobre a sua família. — Assim que as palavras saíram soube que errei. Seus dedos pararam abruptamente o que faziam, seu rosto virou para o outro lado e sabia que ele iria me afastar. Segurei o seu braço onde estava em volta de mim e abaixei o rosto até

NACIONAIS - ACHERON

que estivesse escondido no seu ombro. Ficou parado sem nenhuma reação. Segundos, minutos, não sei ao certo, mas o tempo parecia não passar, até que voltou a acariciar de leve, aos poucos voltando ao normal. Suspirei aliviada. Aliviando a tensão que se apossou de mim também.

– Não quero falar sobre isso. Por favor... Outro assunto. – Sua fala era lenta, quase sofrida. E repeti para mim mesma: *“paciência ele ainda não está pronto”*.

– Certo. – Murmurei beijando seu pescoço e bochecha. Descobertas, ele podia ser tão frágil como uma criança perdida e com tantos traumas que era difícil relatá-los, quanto mais esquecê-los. Censurei-me por ser impulsiva. – Qual a data do seu aniversário?

PERIGOSAS

Era uma pergunta tão simples, e uma das primeiras coisas que perguntamos quando se está namorando. Porém nós não tivemos estas etapas, não nós conhecemos normalmente, não tivemos um noivado, nada. Estou partindo do ponto zero, mãos vazias. Se bem, que ele sabe muito ao meu respeito. Seu riso baixo um som que descobri ser bastante agradável, que facilmente se tornaria reconhecível em qualquer lugar que estivesse.

– Nasci dia 27 de setembro de 1984. Outra pergunta. – Notava-se pela sua voz que estava se divertindo com aquilo, fui incapaz de não lhe lançar um sorriso. Ele realmente não parecia ser muito mais velho do que eu, na verdade o que lhe envelhecia era a expressão sempre fechada, como o céu durante uma tempestade.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– Sua cor favorita? – Eram perguntas simples, mas que as respostas tinham o poder de me tornar mais próxima a ele.

– Azul.

– Que clichê, Sovelev. Todo garoto gosta de azul. – Resmunguei mais por força do hábito. Adorava implicar com ele.

– Não acredito que vai implicar com a minha cor favorita. – Me olhava incrédulo, disfarçando um meio sorriso. – Próxima.

– Não tem nada que queira me perguntar? – Já imaginava que não. No mínimo teria um dossiê completo sobre mim e toda a família paterna e materna, por precaução.

- Na verdade, tenho boa parte do que preciso e quanto ao resto prefiro descobrir

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

aos poucos por mim mesmo. — Elevou o queixo e piscou matreiro para mim. A imagem do convencimento, e foi completamente encantador.

- Tem certeza? — Arqueei uma sobrancelha.

— Anjo, eu sei até sobre aquele namorado estranho que você teve com quinze anos. — Cristo, eu havia apagado da minha história aquilo! Soltoou uma risada da minha cara de horror. Certo, desconheço a existência do limite da influência que esse homem tem. Todo mundo tem trechos da vida que preferia enterrar no mais profundo abismo, aquele relacionamento era o meu pedaço da vergonha. Mas tudo isso foi deixado de lado para apreciar o som da sua risada e a imagem que tinha dele agora. — Ele era bizarro, Ariel.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Senti uma necessidade secundária de defender o que sobrou da minha dignidade e o pobre do Will, que não era tão ruim assim...

– Ele até era legal. - Não tinha como falar mais nada, nem melhorar, nem elogiar. Sovelev revirou os olhos, nunca imaginei que o veria fazendo aquela expressão de tédio exagerado, parecia até um garotinho fazendo birra enquanto explicava o óbvio.

– Não é tão ruim? Ele era cheio de espinhas, usava aparelho e era um tarado disfarçado de nerd. – Ri com vontade agora, até lágrimas tinha no meu rosto. Era verdade, tinha perdido a conta de quantas vezes o Will tentou me agarrar enquanto namorávamos – um dos motivos de termos terminado. – como uma garota perfeitamente tola que idealizava o amor.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Erros passados, superados na universidade com outros ainda piores.

– Não pode me criticar pelos meus erros da adolescência. – Falei cruzando os braços sobre o peito.

– Tem razão. Não posso. – Beijou os meus lábios de leve. Suspirou me olhando com a cabeça inclinada. – Mas posso rir um pouco mais.

Poderia ter ficado brava, mas era a primeira vez que o vi tão solto, com a risada fácil. Aquilo o deixava acessível, como se fosse um homem comum. Quase conseguia nos enxergar numa cafeteria em qualquer lugar, num primeiro encontro normal. Essas ilusões eram perigosas demais, quase tanto quanto os seus toques naturais a cada minuto.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Sovelev! — Exclamei batendo em seu peito. Não ligando que seus sorrisos fossem as minhas custas. É simplesmente bonito de ver, e eu pretendia fazê-lo várias vezes no futuro. Ian é como um cofre onde a senha era complicada e qualquer erro o trancaria para sempre, por essa razão deveria ser cuidadosa. Não descobrindo apenas a sua máscara mais a minha também. Sentia que quanto mais quisesse saber dele, mais revelaria de mim.

Capítulo 14 – ESPECIAL SOVELEV II

Olhando para mim mesmo agora só poderia perguntar “*O que está acontecendo, Sovelev?*” Era algo desconhecido pra mim, essa leveza e a facilidade com que sorri. Eu nunca sorrio. Analisei novamente a razão de tudo isso. Minha chave da mudança. Ariel. Ela fazia uma careta ainda, mas estava na cara que achou graça de tudo. Esse jogo de perguntas e respostas que criou, provavelmente como um meio de conseguir informações se tornou bem interessante quando consegui mudar o foco e agora dava risada do seu ex namorado. Franzi o cenho. Aquele cara era realmente estranho.

Porém tudo tem seus dois lados e a

NACIONAIS - ACHERON

beleza de tudo aquilo me assustava, o jeito como ela parecia me ter nas mãos, bastou apenas que se aproximasse mais, que me quisesse por perto e lá estava eu perdendo todo o autocontrole, esquecendo de tudo que aprendi a vida inteira. Uma prova dessa loucura foi a minha tarde, desde quando passo o tempo pensando em alguém, em um jeito de fazer essa pessoa sorrir? Não combinava nem um pouco com o meu histórico, mas foi justamente isso que fiz.

– Qual o problema, Sovelev? Ficou tão quieto de repente? – A voz suave que sempre me trazia de volta estava lá. Desde o primeiro momento sabia que seria minha perdição e de fato, mesmo com essa constatação eu não lamentava. Encarei aquelas profundezas verdes que aos poucos foram adquirindo um brilho formidável.

– Apenas reflexões. – Murmurei virando

NACIONAIS - ACHERON

o rosto. Não conseguia ser coerente com Ariel me olhando assim. Sem contar com aquele desejo persistente, mas isso foi desde a primeira vez, não? Assim que pus meus olhos nela.

Murmurou algo ininteligível. Logo apoiando a cabeça no meu ombro, então eu podia sentir a sua respiração suave na minha pele. Acaricieei seu braço com as pontas dos dedos como se ela fosse tão delicada quanto porcelana. Gostava de pensar assim, como se ela fosse uma preciosidade rara e feita pra mim. Olhei para o meu relógio de pulso um Patek Philippe 2499 ele era feito totalmente de ouro rosado 18 quilates, eu lembrava bem, isso era herança do meu passado fútil. Preferia até esquecer. Quem esconde as dores por trás de aparências? Houve um tempo que era assim. Porém, logo descobri que mesmo o mais caro

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

relógio ou terno, nem um rosto bonito podem esconder uma alma perdida. Um buraco onde não existe nada.

A hora já estava avançada. Expulsando aqueles pensamentos chamei Ariel para jantar, a mesa provavelmente já estaria posta. Sentei no meu lugar de costume e voltei o meu olhar para a mulher que estava concentrada no que comia, parecia estar em outro mundo. Ela era assim, eu já havia percebido isso há bastante tempo, era como uma criança às vezes, achando até as coisas mais simples incríveis. Conseguindo ver beleza em coisas perdidas talvez? Comi em silêncio, mas não era algo incômodo. Pacífico. Diferente de tudo o que aquela sala de jantar ou o resto da casa já tenha presenciado. Cada mísera parede ali tinha uma história triste para contar e era bem certo que eu seria protagonista em grande

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

parte delas, se não em todas. Escutei um leve bocejo. Deveria estar cansada, afinal não dormiu muito na noite passada. Com um leve suspiro me levantei estendendo a mão para que pegasse, assim que pude sentir seu toque os pensamentos deprimentes que me tomavam foram esquecidos. Como um bálsamo para minha ferida. Rapidamente se encaminhou para o banheiro e eu peguei o meu celular que começou a vibrar indicando que havia uma nova mensagem.

“De: D.

O galpão do Sul está preparado. Tudo foi levado.”

Fechei a mensagem. Lembrando da
NACIONAIS - ACHERON

minha última viagem a Turquia, estava atrás do outro ladrãozinho que participou do roubo do meu carregamento –Já que o primeiro não teve um final muito feliz. -, talvez essa fosse apenas parte das razões. Balancei a cabeça. E eu precisava de informações. A faixa no meu braço era um lembrete do meu descuido.

Após alguns dias analisando o infeliz e colhendo qualquer informação sobre onde poderiam estar o resto das armas, acabamos descobrindo que não éramos os únicos atrás do sujeito. Aparentemente ele tinha dois assassinos no seu pé – claro, não trabalhavam para mim – antes que pudéssemos os encurralar também, ou ao menos descobrir de quem se tratavam, os caras desapareceram. Então sobrou tão somente o plano inicial e uma maldita pulga atrás da orelha. Seria muita coincidência, e

PERIGOSAS

eu não acreditava nisso. Pelo menos conseguimos algumas fotos e mexendo em arquivos conseguiríamos as identidades em breve.

Por fim encontrei o meu objetivo inicial num beco ao lado de uma casa noturna se “divertindo” com uma garota que deveria trabalhar ali, não vi a fisionomia dela ou a cor do cabelo já que estava bem escuro e não tinha nenhum interesse em perder mais tempo, apenas a mandei embora. . O cara ainda tentou fugir, mas havia homens meus por todo lugar, o meu grande erro foi esse, pensei que ele fosse simplesmente se entregar e me distraí, algo realmente raro, acabei levando um corte profundo feito com um canivete. Depois dessa merda e meia hora de reclamações palavrões do Karpienko, que incomodou mais que o maldito corte. Trouxemos o homem para a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Rússia, até ali ele permaneceu mudo, contudo quem sabe com um tratamento especial não resolve abrir a boca?! Porque minha paciência já não existia mais.

Ariel apareceu vestindo um robe branco que a fazia parecer tão suave e pura, realmente um anjo. Abri um meio sorriso quando fui envolvido pelos seus braços em meu pescoço, logo tendo sua boca sobre a minha. Doce e quente era como podia descrevê-la, além de totalmente desejável. A afastei com um suspiro, ela tinha que descansar e eu tenho trabalho a fazer.

— É melhor deixar que descanse. - Falei beijando o alto da sua testa e fez um biquinho adorável.

— Aonde vai? — Perguntou franzido o cenho, claramente insatisfeita com a direção da conversa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– Tenho um trabalho a fazer. Em breve estarei de volta. – Falei já na porta do quarto. – Não me espere.

Sem esperar resposta ou qualquer coisa do gênero caminhei depressa descendo as escadas. Olívia estava perto da porta então pedi que pegasse o meu casaco o que logo foi atendido. O sedã Crysler 300 preto já estava estacionado a espera. Era algo comum e que já tinha feito tantas e tantas vezes, mas hoje em particular não queria estar indo, desejava poder ficar. Mas no meu mundo, as coisas não funcionam bem assim.

O galpão do Sul era um dos que ficava mais afastado por isso demorou em demasiado para que chegasse. Assim que estacionei um Discovery também preto parou logo atrás e desceram quatro dos meus homens todos vestidos de preto.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ventava muito e já estava bem escuro, tudo indicava uma tempestade a caminho o que não era uma coisa rara nesse período do ano, logo lembrei o medo que Ariel tinha de tempestades. Praguejei baixinho.

— Vamos Sovelev você tem trabalho a fazer. — Resmunguei. E porcaria, pare de pensar nela. Isso estava praticamente virando uma doença. Só piorou quando ela decidiu dar o passo final, não conseguia tirá-la de mim. Caminhei os cascalhos fazendo barulho quando pisados. Estava vestido como de costume: O terno e o sobretudo por cima, fora as luvas de couro pretas. Raramente usava algo fora desses padrões, coisa que aprendi com meu pai. Ele não admitia menos do que isso. Por esses, e outros tantos motivos me senti livre quando passei a estudar no exterior. Mas como todas as outras coisas boas na minha

NACIONAIS - ACHERON

vida... Durou pouco, muito pouco.

Um dos homens que estava do lado de fora abriu a porta de ferro na lateral para que eu passasse, no interior do lugar havia apenas uma cadeira onde um maltrapilho estava preso por algemas, o padrão era sempre o mesmo. A poeira tomava conta, o suficiente para clarear o sapato e subir pelo ar enquanto andava, não usávamos muito esse lado, contudo às vezes era necessário variar, afinal quanto menos atenção chamarmos, melhor. Nada inteligente usar a mesma cova rasa duas vezes.

Me aproximei para poder analisar mais claramente a situação, o rosto ainda estava bem, Miguel deveria estar de bom humor hoje. Era um homem magro de estatura mediana e branco demais, os olhos estavam fechados por isso não consegui ver a cor, as sobrancelhas eram grossas quase juntas,

NACIONAIS - ACHERON

tinha o maxilar rígido e a boca parecia grande demais para o rosto. O cabelo era loiro assim como as sobrancelhas, não era uma cor bonita lembrava algo sujo, com certeza um estilo que não deve ser aderido por mais nenhum ser humano. Eu tinha visto sua ficha anteriormente, estava na lista que Dimitri me entregou, apenas informações superficiais. O olhei de cima por um tempo, não tinha pena ou remorso, esses sentimentos já foram arrancados de mim há muito tempo, porém eu tinha asco e raiva. Sentia que podia estar em qualquer lugar fazendo algo mais produtivo, é frustrante.

Com pouco tempo de pesquisa Dimitri conseguiu garimpar mais detalhes sobre a vida de Jean Voisin. Ele tinha trinta e três anos, não foi encontrado nada sobre sua família, se é que tinha, a ficha criminal era

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

extensa e dos mais variados tipos de crime, de furto à estupro – Uma das coisas que mais me dava asco no mundo eram seres vivos do tipo de Jean. Claro, que não sou uma pessoa boa, bem longe disso. Mas estupro de crianças jamais levaria na minha extensa lista de pecados. Ele foi declarado como foragido na Turquia há alguns anos, nunca foi encontrado pela polícia, porém seu nome ainda encabeçava a ficha de diversos caçadores de recompensa, assim como na sua terra natal, a França. Então aqui está a pergunta: O que faria um rato como Jean, que vivia se escondendo, voltar para um dos principais países onde era caçado vivo? Simples! Existia alguém que ele temia muito mais aqui. E infelizmente imagino que não seja eu, já que nem mesmo sabia que estava a sua procura.

O karpienko apareceu do meu lado com
NACIONAIS - ACHERON

uma cara nada boa. Estava quase vestido com eu, com a diferença de que vestia azul marinho não preto e tinha um cachecol branco no pescoço.

— Se ele não tivesse informações importantes para você já teria enfiado uma bala na cara desse desgraçado. — Resmungou. Digamos apenas que meu braço direito tinha mais princípios do que eu e deveria estar puto da vida por estar no mesmo ambiente que aquele verme. Não podia concordar mais com ele, embora ainda tivéssemos que questionar se era importante o suficiente o que diria.

— Também não estou feliz com isso. — Falei e caminhei em direção ao ser preso na cadeira. Em pouco tempo Miguel apareceu do meu lado, bateu com a mão aberta no lado esquerdo do rosto de Jean o estalo ecoou pelo lugar vazio, assim como o seu

NACIONAIS - ACHERON

gemido de dor.

– Levanta a cabeça. – Minha voz estava baixa, porém estava sem paciência e queria ir o mais rápido possível embora. – Sabe o eu quero Voisin. Vamos ser rápidos, meus homens já devem ter esclarecido qual é a sua situação, embora seja bem óbvia até mesmo para você.

Esperei um segundo, mas não obtive nenhum som como resposta. Poderia não ser o seu intuito, contudo aquilo parecia um ato de desafio, nada inteligente para alguém naquela posição. Acenei com a mão e Miguel se aproximou pronto para o trabalho, no seu punho um soco inglês, que logo começou o processo de quebrar ossos e rasgar carne, estava longe de ser um espetáculo para se assistir, nem sequer pisquei. Os pontos principais eram o rosto e o estômago. A minha passividade diante

NACIONAIS - ACHERON

aquilo fez com que a voz despertasse na minha mente apenas para sussurrar, “Monstro” ela dizia conhecida e ao mesmo tempo desconhecida para mim, não me importei era exatamente isso, não? Mas a empolgação que ela transmitia ao pronunciar a simples palavra foi capaz de provocar um arrepio de desconforto.

– Se continuar assim, ele não vai durar.
– O ruivo estava bem do meu lado, notei que havia tirado o cachecol. Acenei para que Miguel parasse. O rosto já não era tão reconhecível assim.

– Acho que nesse momento não se importa com a morte, não é? Ela seria como um presente. – Disse meu rosto bem perto do dele. Detestando o fato de que ainda respirava ainda que em arquejos— Porém eu não sou o tipo de homem que dá presentes. Principalmente sendo alguém como você,
NACIONAIS - ACHERON

Jean.

Andei um círculo completo em volta dele, o mesmo conseguiu abrir um dos olhos que estava menos inchado tentando acompanhar o que acontecia.

— Se lembra da garotinha que você pegou em Clamart*? — Sua boca abriu um pouco e pude ver refletido em seus olhos o medo assim como o brilho de memória. Um dos seus primeiros crimes, o mais asqueroso entre eles. — Já parou para pensar no que ela sentiu? Claro que não, você é um animal, um doente.

Minha boca tinha um gosto amargo e eu sabia bem qual era o verdadeiro significado de “ver vermelho”. É por ser quem sou que vi vários seres como aquele amarrado. E lamento pelo conceito de humanidade ao dizer que nenhum nunca se arrependeu do

PERIGOSAS

que fez. Enfim, cada monstro com a sua particularidade. A torcida geral era para nunca encontrar um como eu, porque também fazia parte de mim, não lamentar por torturar e matar a minha própria “espécie”.

— Contudo vou te fazer viver isso, ao vivo e a cores. — Falei baixo e com um meio sorriso de escárnio. — Vai sentir o mesmo que ela e quando estiver satisfeito e pronto para falar eu serei todo ouvidos.

Dei as costas aquele ser imundo, só de estar perto sentia uma vontade de acabar com ele quase incontrollável. Porém, precisava de informações, de outros nomes. Tudo isso tem um propósito afinal.

— Je n'ai pas peur de vous Sovelev* *Não tenho medo de você, Sovelev** - A voz rouca falou atrás de mim, num francês meio

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

embolado. Virei apenas o rosto.

– Je n'ai pas vu ce que je suis capable
Ainda não viu do que sou capaz -
Afirmiei com um sorriso. Assim que estava
na porta do galpão me virei para um dos
meus homens. – Tragam alguém para
brincar com ele. Amanhã eu ligo para saber
se a boneca vai falar.

Não me interessava como seria o
processo, só queria que sofresse. Estranho,
mas isso me trazia certa paz.

Dimitri parou do meu lado colocando o
cachecol e com uma cara de sono terrível.

– Você precisa dormir urgentemente. –
Falei tirando um sarro dele.

– Talvez eu pudesse se não trabalhasse
para um tirano. – Disse rindo. Batendo no
meu ombro. Não deixava de ser uma
verdade.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– Tirano. Vou me lembrar disso na próxima vez que pedir para ter férias com a sua senhora. – Abri a porta do carro e ele ainda estava lá. – Bonito cachecol.

– Foi um presente. – Revirou os olhos pra mim. Sabia que deveria ser algo do tipo.

– Você parece uma mocinha apaixonada, Dimitri. – Liguei o carro.

– Vá se foder, Sovelev. – Cruzou os braços em frente ao peito fechando a cara.

– É, mas não negou. – Dei partida no carro ainda podendo ver pelo retrovisor ele xingando infinitamente.

O caminho de volta para casa pareceu bem mais curto do que a ida. Assim que cheguei o temporal começou, ainda me molhei bastante antes de chegar à porta. Não havia ninguém acordado, caminhei rapidamente para o quarto onde Ariel

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

dormia toda enrolada e agarrada ao meu travesseiro. Sorri.

Tirei as roupas molhadas no banheiro e parei no espelho vendo o reflexo, desatei o curativo do braço vendo como estava. Embora os pontos tivessem sido bem feitos ainda ficaria uma listra fina marcada na pele como recordação do que acontecia quando me distraia.

Logo em seguida tomei um banho quente demorando um pouco, o cheiro daquele galpão parecia ficar impregnado em mim, o que me lembrava Jean e seus crimes. Quem era para falar algo? Logo eu com uma lista de pecados enorme! Lembrei de Ariel quando chegou. Do nosso casamento, das brigas e de todo o resto. Apoiei o braço na parede apenas sentindo a água. Como ela se sentiu com tudo isso? Será que se sentiu como aquela criança? Penso que ela seja o

NACIONAIS - ACHERON

primeiro pecado que lamento cometer.

Passei os dedos pelo cabelo, o lavando como se limpasse as lembranças também. Sai me sequei e vesti uma calça do pijama, não conseguiria dormir isso era certo. . Abrindo a porta do quarto decidi começar a vagar pela casa. Eu e meus pensamentos tortuosos. Caminhei, caminhei até chegar lá. Onde eu sempre acabava, sótão. O ambiente, o cheiro tudo ali era nostálgico e triste. Me sentei na poltrona antiga revestida de veludo na cor vinho, que ficava de frente para o quadro da mulher que não lembrava de ter conhecido, mas que amei e ainda amava. Minha mãe, aquela que foi destruída por um homem exatamente igual a mim.

— No que me transformei mãe? — Murmurei a mesma pergunta de tantas outras vezes. — Será que se você estivesse aqui eu seria diferente?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Levantei-me chegando mais perto do quadro, olhando cada traço delicado, tentando gravá-la e imaginá-la como sempre fiz desde pequeno. Levei minha mão tocando de leve no que deveria ser sua mão. Antes que pudesse perceber uma lágrima desceu pelo meu rosto. Surpreendendo-me. Eu não chorava, nunca, nunca mais. Não de novo. Caí de joelhos no chão deixando que tudo viesse. Todas as lembranças, de todos os erros, todos os pecados. Tão pesado e sufocante.

Ariel. Quem era ela no meio do meu inferno? Alguém arrastado para isso tudo sem nem saber. Eu poderia tê-la deixado livre, mas não, assim que vi aqueles olhos azuis a distância eu a quis, presa a mim. Um anjo preso a um demônio, o quão injusto isso parecia. E ainda agora, pensando isso, eu sei que jamais seria capaz de deixá-la ir.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Me tornei cada vez mais preso a ela.

Era como se estivesse num tumulto interno. Ela foi trazida a mim. Não parecia ser possível mudar. Eram muitas notas ruins tocando em uma mesma sinfonia. Levantei secando o rosto, olhei novamente o quadro. Era muito tarde para implorar. Não sabia ao certo como nomear aquilo que sentia. Aquele fogo que parecia me queimar de dentro para fora todas as vezes que ela me tocava, porém eu queria mais e mais daquilo. Dela.

Fechei o sótão e voltei com passos firmes para o quarto, onde Ariel se mexia e resmungava, deveria ser por causa dos relâmpagos cortando o céu lá fora. Me deitei ao seu lado a envolvendo com os meus braços e pude sentir quando relaxou se aconchegando em mim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Ian... — Murmurou e por um momento jurei que estava acordada, mas com uma breve olhada vi que ainda dormia. A apertei mais a mim sentindo o cheiro que vinha do seu cabelo, algo que era unicamente dela. E naquele momento eu soube. Todas as coisas ruins que fiz e faço tudo perdia total significado quando me aproximava dela, quando a tinha por perto. Era como se sua luz, seu calor alcançassem a minha escuridão e meu frio. E se pouco a pouco eu fosse me perdendo? Sorri. Definitivamente não importava se logo em seguida conseguisse encontrá-la.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 15 – Sistema

O lado dele da cama estava vazio, mas o cheiro que vinha do travesseiro deixava claro que ele esteve ali há pouco tempo. Me espreguicei sentindo a leve moleza do sono ainda tomar conta de mim. A noite passada teve outra tempestade horrível e por um tempo não consegui pegar no sono, fiquei lembrando as estranhas reações do Sovelev as minhas, também estranhas, atitudes. Me sentia como alguém na corda bamba, as vezes pendendo para lados opostos e sempre com o risco de deixar tudo desabar.

Vê-lo sorrindo foi algo mágico, realmente ficava bem mais bonito com um sorriso no rosto. Seus olhos sempre tão escuros e profundos adquiriam um brilho completamente cativante e que temo eu se

transforme num vício para mim. Depois de algumas perguntas descobri coisas simples sobre ele que para mim foram muito importantes, de certa forma elas me fizeram ver um lado dele mais comum, um a parte do homem ameaçador e sem coração. *“Quem diria? Estar chegando tão longe?”* Sorri me felicitando por todas essas descobertas, alcançadas apenas porque me perdi para o forte desejo que alimentava por ele.

Levantei de uma vez da cama logo em seguida sentindo uma leve vertigem me atingir, o quarto rodou rápido demais e minha vista escureceu, dei um passo atrás na tentativa de me apoiar na cama, felizmente obtendo sucesso. Respirei fundo e abri os olhos, tudo normal. Voltei a levantar mais lentamente dessa vez. Tudo bem. Cheguei ao banheiro e resolvi pela

NACIONAIS - ACHERON

ducha quente, muito embora a banheira do lado oposto me chamasse quase que num flerte descarado.

De banho tomado me senti bem melhor e pronta para mais um dia totalmente entediante. Vesti um blusão verde escuro, com calça jeans e uma sapatilha bege. Já havia a muito me acostumado com o clima frio – tanto do dono da casa, quanto do país. – Então roupas como essa já eram comuns pra mim. Desci as escadas segurando no corrimão com medo de sair rolando as escadas caso tivesse outra tontura daquelas, acontecia quando a minha pressão baixava. Encontrei com Olívia saindo da sala de jantar.

- Café da manhã, senhora? – Perguntou com um leve sorriso. Sorri também.

- Sim. Mas por favor, sem “senhora”,

Olívia. – Mesmo que eu falasse isso centenas de vezes, sabia que ela nunca mudaria. – O Sovelev já tomou café?

- Sim. Já faz algum tempo. – Falou. Não era surpresa, embora continuasse sendo incômodo fazer as refeições sozinha. – Vou arrumar a mesa, com licença.

Com passos rápidos ela logo desapareceu pelo longo corredor. Não precisava perguntar a ela onde Ian estava, pois já tinha uma ideia. Suspirei indo me acomodar a mesa enquanto uma das empregadas servia o café. Optei por um chá e omelete com torradas, não me alimentei bem durante esses dias. Mexi a comida de um lado a outro no prato, lutando com a falta de apetite enquanto fazia planos nada empolgantes para hoje, até me lembrar que iríamos a casa de Elissa e Dimitri. Já senti uma faísca de vida brilhar no horizonte,

NACIONAIS - ACHERON

qualquer oportunidade de sair deve ser aproveitada. Olívia apareceu logo em seguida dizendo que o Sovelev “solicitava a minha presença no escritório” nas palavras dela. Caminhei pelo longo corredor meus passos lentos fazendo eco pelo piso de mármore e logo parando em frente a enorme porta de carvalho, um frio na barriga, me pergunto se será sempre assim, com um nervosismo escondido. Dei três batidas de leve na porta logo recebendo um “entre” como resposta.

Ian estava sentado como de costume atrás de sua enorme mesa, as únicas diferenças são que na sua frente estava agora um notebook prata, e ele estava usando uma camisa polo preta totalmente casual e com o cabelo um pouco rebelde. Assim que me viu tirou sua atenção do que estava no computador e deu um meio

PERIGOSAS

sorriso, não tive como não retribuir. Acenou com a mão para que fosse até ele. Assim que estava ao seu lado com o braço envolve a minha cintura e aponta para a tela do computador e sinto minhas pernas enfraquecerem e meus olhos ficam instantaneamente úmidos pelas lágrimas não derramadas. Do outro lado da tela estava o meu pai.

Fiquei completamente sem reação. Eu não esperava por aquilo, pisquei tentando me convencer que era real. Os cabelos grisalhos curtos e bem penteados para trás, as roupas perfeitas e bem engomadas – Uma camisa social branca e usava suspensórios- A única coisa que não ia de acordo com sua fisionomia perfeitamente arrumada eram as fortes olheiras sob os olhos, como uma prova de que ele não vinha dormindo ultimamente. Vi quando um lento sorriso se

NACIONAIS - ACHERON

abriu no seu rosto e ele estendeu a mão como se quisesse me tocar através da tela.

- Pai... – Sussurrei com a voz arrastada. Era surreal que agora eu estivesse podendo vê-lo, aquilo era mais do que uma prova de que o Sovelev confiava em mim, mais do que se quer cheguei a esperar. Essa era a surpresa que ele havia falado, e senti quando um lento sorriso se formou no meu rosto. Assim que cheguei à Rússia tudo o que me ligava a minha antiga vida – Cartões de crédito, documentos, celular – Haviam sido confiscados, e agora, estava podendo ver o meu pai quando imaginei que a saudade já me consumiu completamente e me acostumei com ela, aqui estava um voto de confiança. O aperto na minha cintura ficou mais firme me trazendo de volta ao momento e tomando mais consciência de que Ian ainda estava ali. Ele se levantou e

me tomando meio que desprevenida deu um leve beijo na minha testa, como se esse já fosse um gesto natural, o que não passou despercebido. Nunca tinha feito isso antes, senti as minhas bochechas esquentarem. Sem qualquer pressa caminhou com aquela sua postura que transmitia poder e superioridade até a porta e acompanhei os seus passos, até não poder mais vê-lo.

Voltando minha atenção ao computador, onde meu pai estava com aquela expressão de quem estava avaliando a situação, estudando cada detalhe, ele sempre fazia isso, embora eu tivesse duvidado desse seu talento de observação nos últimos tempos, agora preferia que não fosse tão atento. Não sabia ao certo como começar uma conversa com meu pai, tudo me parecia tão estranho, até mesmo o som das minhas palavras em inglês, como se aquilo não fizesse mais

parte de mim. O fato de ainda sentir na pele o toque dos lábios do Sovelev também não estava ajudando muito no meu raciocínio. Meio que dei de ombros, meu corpo estava todo rígido, sentei na cadeira e observando daquele ângulo o escritório parecia ainda mais opulento.

Como lidar com aquela estranha situação? Porque apesar de amar o meu pai, ainda havia em mim um desconforto como se de repente tivéssemos nos tornado um pouco estranhos. Respirei fundo, precisávamos começar em algum momento.

- Como o senhor está meu pai? – Perguntei sorrindo de leve ao ver o seu característico franzir de lábios.

- Bem, melhor do que merecia. – Resmungou e o traço de tristeza na sua voz era mais do que perceptível. Senti meu peito

PERIGOSAS

doer com isso. Apesar de todas as loucuras que havia vivido, e da mágoa residual pelo que me foi feito ainda amava e muito o meu pai. Queria mais do que tudo vê-lo bem. Por isso aumentei ainda mais o sorriso.

- Não fale isso. – Disse em tom de bronca. – Eu estou bem.

E lá vinha ele com aquela cara de quem queria saber o significado por trás daquelas poucas palavras.

- Você realmente parece bem. – Sorriu fazendo rugas aparecerem no canto de seus olhos. – Isso me faz sentir um pouco melhor. Porém, não me sinto menos preocupado.

- Não fique. Eu me adaptei a isso. – Gesticulei em volta com as mãos como se ele pudesse ver ao meu redor. – Até russo estou aprendendo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ele me pareceu surpreso com essa informação. Então passei a falar sobre minhas aulas de russo com o rígido professor e até uma leve risada consegui arrancar do meu pai. Era bom que chamasse sua atenção para esses pontos da minha nova vida, já que para muitos outros nem mesmo tinha respostas coerentes.

- Aqui está sempre frio. – Falei fazendo um biquinho.

- Me lembro bem disso. – Murmurou como se estivesse voltando no tempo e revivendo memórias agridoces.

- E que milagre é esse que você está perfeitamente penteado e vestido? – Perguntei meio que debochando. Essa era nossa piadinha particular. Meu pai nunca estava cem por cento arrumado e descente. A única que tinha esse poder era a minha

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mãe, e bem, ela não estava mais lá. Afastei esse pensamento para longe antes que a tristeza me invadisse de vez.

- O seu marido... – Disse fazendo uma careta. Fiquei confusa, mas deixei que ele continuasse. – Mandou uma bruxa para minha casa com o pretexto de cuidar de mim, dá para acreditar?

Uma risada escapou dos meus lábios e a surpresa deveria estar estampada na minha cara. O Sovelev tinha feito isso mesmo? Meu Deus, quando acho que conheço esse homem ele sempre vem com uma novidade me deixando confusa e maravilhada devo admitir.

- Como assim? – Perguntei. – Eu não sabia de nada.

- Ela apareceu aqui no dia seguinte em que você foi... – Se interrompeu deixando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

bem claro do que estava falando. – Disse que tinha sido contratada pelo Sr. Sovelev para manter os olhos em mim, como se eu fosse uma criança.

Cruzou os braços como somente uma criança faria. Mas estava tão feliz com aquela notícia! Meu pai estaria bem, tinha alguém do seu lado agora, cuidando dele.

- E como é o nome dessa santa? – Perguntei.

- Santa?! Pelo amor de Deus, Ariel! – Exclamou. – A bruxa de Salém, mais conhecida como Betty.

- Hm, gostaria de conhecê-la e agradecer por estar de olho em você. – Conseguindo manter o meu pai na linha? Cristo, santa era pouco.

- Quando vou poder vê-la pessoalmente? – Essa era uma pergunta que não sabia

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

como responder.

- Não sei ainda. – Murmurei. – Talvez seja apenas uma questão de tempo.

Abaixei os olhos, não tinha como passar a confiança necessária para afirmar isso. Já era muito surpreendente que Ian tivesse me deixado falar com meu pai por um tempo.

- Sinto sua falta, Ariel. –A sua voz estava baixa, não era costume dele se expressar muito. Antes que pudesse responder qualquer coisa fui interrompida por uma voz feminina que chamava pelo meu pai. – Ai meu Deus mulher! Largue do meu pé.

- Já está na hora da sua caminhada. Diga tchau a Ariel. – A voz estava mais firme e meu pai revirou os olhos. Não aguentei segurar uma gargalhada. O clima tinha se tornado instantaneamente mais leve.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Tenho que ir querida. – Ele não parecia feliz com isso.

- Até mais papai. Boa caminhada. – Ri e acenei com a mão em um tchauzinho. Apertei um botão no teclado encerrando a conferência de vídeo. Suspirei me aconchegando melhor na cadeira de couro em que estava sentada. O cheiro em todo o ambiente era dele. Agora que não estava mais concentrada em fazer alguma coisa eu notava isso. Preferi passar mais um tempo ali, analisando as minhas novas informações e saboreando do alívio de ver meu pai bem. Poucos minutos depois Ian apareceu na porta e se apoiou no batente me observando com um meio sorriso – Um da coleção “meus favoritos”. – Fiquei parada refletindo a sua atitude. Agora que podia ver ele inteiro, constatei que ficava muito bem em calças jeans e camisa polo, não sabia qual

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

era o meu favorito – Sovelev terno ou Sovelev casual – Acho que vou ficar com todas as versões.

- Você parece muito poderosa sentada nessa cadeira, Anjo. – Sua voz num tom normal e na cadência certa para me deixar alerta.

- O objetivo é esse, Senhor. – Falei e o vi caminhar até mim com aqueles passos lentos e num movimento perfeito. “*Mas eu nunca vou conseguir demonstrar tanto poder quanto você*” Preferi guardar esse pensamento para mim mesma. Ele circulou a mesa parando atrás de mim. Logo senti a ponta dos seus dedos no meu pescoço acompanhando a linha até o ombro.

- Adoraria admirar você aqui por mais tempo, porém temos assuntos a resolver. – Minha mente já começava a viajar com as

NACIONAIS - ACHERON

suas caricias. “*Foco, Ariel*” Repreendi a mim mesma. Levantei me virando para ficar de frente a ele e com as costas de encontro à mesa.

- Que assuntos? – Não recordava nada pendente. Na verdade não lembrava muita coisa quando fazia o favor de ficar colado em mim desse jeito. Sua boca se aproximou acompanhando a linha do meu maxilar até o queixo e voltando, dando leves beijos intercalados com mordidas.

- Temos que ir à casa de Dimitri. – Explicou e a cada palavra sentia seu hálito de encontro aos meus lábios entreabertos quase implorando por ele e sentindo o gosto na ponta da língua, quando finalmente encobriu meus lábios com os seus foi num beijo lento e leve, colocou ambas as mãos no meu rosto segurando do modo que queria. Porém seu corpo mantinha uma

NACIONAIS - ACHERON

distância do meu que não me foi aceitável, deslizando minhas mãos que estavam no seu pescoço para a cintura prendendo os dedos pelos passadores da calça o puxei de encontro a mim, bem perto. Ele soltou um barulho que vinha do fundo da garganta e tornou o beijo mais urgente. Sem que eu esperasse se afastou deixando assim que recuperasse o fôlego. Maldito ar que sempre acaba. – Se continuar assim, vamos acabar não indo.

- Certo. – Respondi com o pouco ar que consegui reunir. – Vou apenas pegar um casaco.

Com passos rápidos deixei o escritório e um Sovelev encostado displicentemente numa mesa, para trás. Subi as escadas e no quarto peguei o sobretudo bege que estava logo na parte da frente do closet, não queria perder muito tempo, já que estávamos

NACIONAIS - ACHERON

atrasados. Quando cheguei ao fim da escada vi que ele já me esperava na porta principal vestindo uma jaqueta de couro preta – Adicionar mais essa a lista. – Com certeza couro e Sovelev é uma combinação irresistível. Tinha um meio sorriso no rosto algo até meio presunçoso, que não deixava de ser um charme. Girava distraidamente o que me pareceu um chaveiro. Assim que parei ao seu lado ele tomou minha mão na sua e senti meu coração perder um pouco o compasso. Afinal o que eu era? Uma adolescente que está finalmente saindo com o maior gato da escola?! Tudo bem era muito juvenil em algumas atitudes, mas nenhum garoto da escola poderia se igualar ao Sr. Perfeito do meu lado.

Pensei que do lado de fora nos esperava o motorista, pelo menos era sempre esse o processo. Mas na verdade o que nos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

esperava ali era uma lamborghini preta e reluzente, tipo o carro do batman. Ian abriu a porta do passageiro para que eu entrasse, ocupei o meu lugar com um frio na barriga, admito. Logo ele estava do meu lado dando um meio sorriso ao ouvir o som do motor. Não sei ao certo o porquê, mas via algo de selvagem e sexy no carro, poderia ser coisa da minha cabeça ou talvez fosse o dono mesmo.

- Pensei que você só andasse com motorista. – Afirmei me acomodando melhor no banco, mal tínhamos saído da mansão e já podia notar que velocidade e Sovelev andam juntos. Qual o problema dele com o acelerador? Engoli em seco.

- Na verdade, gosto de dirigir. – Olhou pra mim enquanto falava e quase gritei para que olhasse para a pista. Já estávamos na rua nos distanciando completamente da sua

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

humilde residência seguíamos num vazio, não havia nada perto por alguns metros. Foi quando avistei ao longe algumas casas vazias, um total de três e perto delas a árvore onde eu quase morri de hipotermia graças a minha estupidez, melhor deixar pra lá. Como não as vi antes? – Gosto de estar no controle.

Aquilo soou com duplo sentido e eu senti o meu rosto esquentar.

- Mesmo assim sempre os tenho comigo.
– Demorei alguns segundos para entender o contexto da frase, até que Ian aponta com o polegar para trás. Olhando pelo retrovisor eu pude ver uma picape Dodge preta que nos seguia de perto. Parar pra pensar no quanto a sua vida era perigosa ao ponto dele precisar que um carro cheio de seguranças o seguisse de perto, me deixava nervosa. Por isso prefiro mudar o curso dos meus
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pensamentos.

- Então você gosta de preto. – Ele já tinha me dito que a sua cor favorita era azul, contudo sempre usava preto, vai entender. Franziu o cenho.

- Meu pai gostava de preto. – Aquela parecia ser o tipo de resposta que damos sem pensar, como se nos escapasse. Assim como ele parecia estar escapando para longe em suas lembranças. – Minha cor é azul, mas uso preto porque preciso de discrição.

- Ah claro. Porque uma Lamborghini vai passar despercebida em qualquer lugar. – Soltei uma risadinha sarcástica enquanto ele me olhou e fez uma careta.

- Pensei que já tivesse te ensinado algo sobre ser irônica comigo. – Tentava fazer uma cara séria, mas falhava totalmente. Sorri.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Acho que sim, mas tenho problemas em guardar lições na memória. Talvez aquele professor que você contratou tenha batido tantas vezes na minha cabeça com a régua que eu perdi a capacidade de memorizar qualquer coisa. – Resmunguei no fim fazendo um biquinho meio fingido. A risada dele tomou o ambiente do carro, o som parecia quase que o de uma criança. Respirou fundo antes de responder qualquer coisa.

E nós chegamos às ruas de Moscou onde cada pessoa cuidava de seus problemas e ficava alheia ao que ocorria a sua volta, até mesmo a existência da máfia e pensar que eu já fui uma dessas pessoas. Ian ultrapassava carros que seguiam muito lentos para os padrões dele de velocidade, enquanto eu tentava ver as coisas a minha volta que passavam meio que em borrões.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Tinha saído com Elissa, mas havia visto poucas coisas além das lojas de roupas e sapatos onde ela me arrastava.

- Ele foi meu professor quando garoto. – Explicou. – Deveria ter imaginado que ele era muito rígido para alguém como você.

- Ele era muito rígido para qualquer pessoa. – Afirmei voltando a prestar atenção nele e em como a sua fisionomia foi perdendo os traços da risada dada há poucos segundos. Incrível o quanto ele se depreciava por trás dos muros. Eu não fazia ideia da quantidade de coisas horríveis que ele fez – Comigo foram algumas, mas não fazia questão de lembrar. Nem queria. – Porém duvido que algum tipo de punição seja o que precise, acho que o que lhe resta é mudar, melhorar e pelo que vejo pode sim fazer isso.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Hmmm... – Aquele resmungo baixo era resposta suficiente para confirmar minhas teorias e trazer uma leve dor no fundo do peito. Você não pode culpar alguém pelo que ela aprendeu a ser, só resta ensinar um caminho melhor uma alternativa a toda essa dor. No fim, quem vive na corda bamba aprende a se equilibrar, é isso o que está acontecendo comigo.

O resto do caminho foi feito em um silêncio de ambas as partes, até que fomos nos aproximando de uma área residencial. As casas eram enormes – Qual o objetivo de tanta ostentação? – Era um condomínio fechado, ou foi o que me pareceu. Por mais que tudo fosse lindo e chamativo, não eram tão grandes e opulentas quanto à mansão Sovelev – Ele era mais esnobe. – Ri com esse pensamento, piada interna.

Depois de algumas curvas paramos em
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

frente a uma casa absolutamente a cara de minha mais nova amiga. Havia um enorme gramado na frente, que em dias menos frios com toda certeza seria perfeito para um piquenique, porém agora estava coberto por uma leve camada de gelo. Me fazendo indagar quando chega o verão por aqui. Tinha um caminho feito com pedras de cascalho, que quando a pouca luz do sol as tocava refletiam em cores diferentes, levava até a casa. Ian parou o carro bem em frente e deu a volta para abrir a minha porta, agradei com um leve aceno de cabeça. *“Ora, cavalheirismo vindo dele não é raro, mas ainda assim é surpreendente.”* Deixei esse pensamento de lado, não era importante, no momento estava dividida entre a fascinação pela casa a minha frente e o desconforto que a conversa no carro me causou.

NACIONAIS - ACHERON

Olhando de canto para ele vi que estava absolutamente confortável naquele lugar, óbvio que já deveria ter vindo várias vezes aqui, mas era raro vê-lo despreocupado com algo. Até na própria mansão Sovelev não demonstrava isso. Ao nosso redor não via nenhum segurança, além dos que vieram conosco. Estranho. Dimitri não era tão maníaco por controle e segurança como o Sr. Frio?

A casa era grande, num estilo aberto contrastando entre as cores creme e marrom mantendo o ar leve. Quando chegamos ao patamar Ian tocou a campainha, cruzou os braços e ficou apoiado numa pilastra, me olhando. Me sentia desconfortável quando ele fazia isso, talvez por pura timidez, não sei. Porém preferi estudar a arquitetura da casa a minha volta, ignorando aquele olhar profundo. Moderno, e bem aberto. Isso

PERIGOSAS

definia em um todo o que o lugar me passava. Mesmo estando do lado de fora pude ver que havia partes onde no lugar de paredes convencionais, optaram pela de vidro, o que poderia transformar uma parede numa enorme janela com uma bela vista, já que a casa ficava mais afastada das outras. Antes que eu pudesse ver mais alguma coisa vi a porta se abrir e um vulto branco e cinza pular em cima do Sovelev, me dando um susto.

Depois de alguns segundos me recuperei e analisei a cena a minha frente. O “vulto” na verdade era um cachorro, enorme. Que parecia um lobo. Ian acariciava a cabeça do animal que parecia mais do que feliz com aquilo. Quanto a mim estava surpresa por essa nova descoberta. “Quer dizer que o todo poderoso gosta de animais?! Que meigo!”

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Sebastian! Saia de cima das visitas! – Falou Elissa num tom de reprimenda, como se o cachorro fosse uma criança mal comportada. Pra provar como a moral dela estava em alta o animal nem deu bola. – Não acredito nisso! Quem te dá comida e um lar sou eu, seu ingrato!

Acabei caindo na risada ao ver a cara dela de ultraje. Ela vestia um vestido rosa claro com babadinhos de renda, que ia até pouco acima do joelho. Nos pés um louboutin preto combinando com o cinto fino que tinha na cintura. Poxa, me senti mais do que desarrumada. Ele acabou deixando o cachorro de lado um pouco com um meio sorriso – Recebendo um choramingo em resposta- Para dar um abraço na anfitriã.

- Onde está Dimitri? – Perguntou se afastando dela.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Na sala, esperando. – Respondeu abrindo espaço para que pudéssemos entrar. O piso e as paredes pareciam ser compostos em sua maioria por madeira, os poucos móveis que vi eram em tons neutros, o que dava realmente cores vivas eram os quadros abstratos nas paredes, que eram absolutamente lindos.

- São lindos... – Murmurei observando um que me pareceu com uma galáxia.

- Obrigado. – Sorriu Elissa do meu lado, também observando o quadro. – Fui eu que fiz. Tenho muito tempo livre.

- Hmm. Acho que essa é uma sina que conheço. – Resmunguei. – Tenho tanto tempo livre que o dia parece ter mais horas do que o normal.

O Sovelev já tinha seguido na frente, nos deixando para trás numa conversa

NACIONAIS - ACHERON

envolvendo tempo, tintas e quadros. Quando chegamos à sala – Que era enorme – Os homens estavam absortos numa conversa sussurrada, mas pelas expressões não parecia ser um assunto agradável. Quando se deu conta da nossa presença Dimitri sorriu vindo até nós, me pegando de surpresa com um abraço. Ele usava uma camisa branca com o corte em V, uma calça jeans escura e estava descalço. A imagem do conforto.

- Bem-Vinda, Ariel. – Disse quando se afastou um pouco de mim. Eu estava ficando sem jeito. Pelo simples fato dele ser bonito demais para se olhar de perto, principalmente quando aqueles olhos verdes estavam em você, eles tinham um ar divertido e ao mesmo tempo sábio.

- Dimitri, você a está deixando constrangida e acho que a qualquer

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

momento o marido dela vai te dar um soco. – A minha amiga ria gostosamente as minhas custas. Olhei pra Ian que estava com a expressão fechada. O ruivo se afastou rindo com a esposa. Apressadamente fui me sentar ao lado do Sovelev, que inesperadamente passou o braço pelo meu ombro. Ultimamente estamos mais próximos e conversávamos bem mais, contudo aquelas pequenas atitudes dele sempre deixavam meu coração em disparada e duvido muito que algum dia vou estar acostumada.

- Agradeça a sua esposa pelo aviso. – Falou num tom baixo e que eu conhecia bem, era o seu tom de ameaça. – Caso contrário agora estaria com o braço inutilizado.

Engoli em seco, mas Dimitri pareceu levar na brincadeira. Bem, ele conhecia o NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sovelev há mais tempo. No fundo eu queria acreditar que aquilo era uma típica cena de ciúmes, mas estava mais inclinada a acreditar que era um ataque de possessividade dele, não seria o primeiro. Depois de um tempo Elissa foi se sentar no colo do marido, me pegando de surpresa pela simplicidade do ato e por como aquilo parecia ser comum para eles.

- Faremos um almoço tipicamente americano, Ariel. —Ela comentou empolgada depois de um tempo em que todos conversavam sobre amenidades. — Sim! O Sovelev entende e gosta de beisebol e torce pelos yankees! - Ok, quando eu acho que não posso me surpreender mais, ele vem e prova outra coisa. — Você vai gostar.

Me senti feliz por eles se preocuparem em me fazer sentir em casa, mesmo que já

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

tivesse me acostumado com a culinária Russa. Seria bom sentir o gostinho de casa.

- Oh, então você vai fazer o Dimitri ir pra churrasqueira. – Ri com a minha piadinha e com a cara que eles fizeram. Mas logo a minha atenção e a dos outros presentes foram para o Sovelev que gargalhava abertamente. Era tão lindo de se ver e ouvir! Sorri olhando pra ele. Ao me voltar para os presentes na sala vi que Elissa parecia maravilhada e Dimitri parecia agradavelmente surpreso.

- Essa seria uma cena cômica. – Disse Ian se recuperando da risada. – Aproveita e coloca o avental de “chefe do fogão”.

- Adoraria fazer você feliz com isso, meu amigo, mas cozinhar não está na minha lista de talentos domésticos. – Respondeu Dimitri enquanto acariciava o cabelo da

NACIONAIS - ACHERON

esposa distraidamente.

- Como se você tivesse algum. – Debochou. Eu prestava atenção a discussão assim como Elissa. Eles pareciam e agiam como bons amigos de anos, o que de fato deveriam ser.

- Acho que Elissa pode dizer alguns dos meus “talentos”. – Talvez tenha sido o fato dele fazer aspas com os dedos, ou a malícia implícita no seu tom, mas eu acabei ficando extremamente vermelha, porém não mais do que a que foi mencionada. Ian levantou as mãos como se estivesse se rendendo.

- Por favor, não me torture com suas histórias de galanteador barato. – Fingiu um tom desesperado. Todos rimos e depois de um tempo eu meio que fui sequestrada para conhecer o closet gigantesco de Elissa, assim como o quarto do casal, que era todo

PERIGOSAS

decorado em branco, creme e dourado. Em questão de segundos já haviam várias roupas jogadas na cama king size.

- Ainda não faço a menor ideia que roupa devo usar para a festa da víbora... – Parecia refletir consigo mesma. Falou em víbora, adivinhem quem é a primeira pessoa a passar pela minha cabeça?

- Então vocês também foram convidados para a festa da Srta. McMillan? – Perguntei, já sentindo um alívio me envolver quando ela acenou positivamente com a cabeça sem me olhar, porque avaliava criticamente um vestido preto longo que não passou no teste e foi jogado junto aos outros na cama. Teria com quem contar durante a festa, já que o meu marido estaria ocupado demais sendo assediado. Fechei a cara para aquele pensamento.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Dimitri foi convidado. – Riu me olhando sem graça. – A anfitriã da festa sabe que o Sovelev não vai a nenhum evento social em que o meu marido não esteja presente.

Meu rosto deveria estar parecendo uma interrogação porque ela apenas deu de ombros procurando outro vestido, voltando a falar depois de alguns segundos de busca.

- Ian detesta eventos assim. Só vai quando obrigado pelas “convenções” e Dimitri meio que vai para apoiá-lo durante o martírio... - Puxou um vestido cinza longo e tomara que caia dando um gritinho animado em seguida. – Achei! É esse! Obrigado pela ajuda, Ariel!

Me deu um beijinho na bochecha antes de começar a bailar pelo quarto com o vestido. Não sei no que eu ajudei, preferi

NACIONAIS - ACHERON

dar de ombros enquanto esperava ela voltar ao normal depois de toda aquela animação. Em seguida veio o processo de escolher o sapato, depois o de joias e por fim a “ajudei” a escolher qual penteado e maquiagem. Quando ela se deu por satisfeita e disse que já passava da hora do almoço fomos atrás dos homens no escritório – Que ao contrário do Sovelev era bem aberto e simples, a mesa era de vidro e poucos livros estavam por ali.

- Rapazes hora do almoço! – Avisou batendo palminhas como uma mãe coruja certamente faria.

A refeição foi tranquila, apenas algumas piadinhas soltadas pelos “rapazes” aqueciam o clima, nada demais. No finalzinho da tarde voltamos a ficar sentados na sala. Dessa vez Elissa tinha a cabeça de Dimitri no colo enquanto passava

NACIONAIS - ACHERON

os dedos pelo cabelo dele numa carícia lenta, até sebastian tinha se juntado ficando aos pés dos donos. Eles eram uma família, algo adorável de se ver. Eram como um sistema que se completa. Como um planeta e seus satélites. Elissa era o mundo de Dimitri, e ele parecia girar em uma órbita em volta dela. Por fim quando já estávamos voltando para a mansão Sovelev só o que me passava pela cabeça era um desejo, que parecia até um pouco egoísta e invejoso... Queria ser como eles. Poder amar livremente, sem restrições, demonstrar isso sem medo, como eles, que em cada olhar dirigido um ao outro pareciam reafirmar seus sentimentos.

- Você está muito calada. – A voz baixa do meu lado me tirou do devaneio. Sorri levemente balançando a cabeça. Já estávamos em frente ao portão principal da

PERIGOSAS

mansão.

- São apenas pensamentos... Felizes. – Murmurei. O olhar dele permaneceu em mim por mais tempo e eu o sustentei.

- Felizes... – Pareceu estudar a palavra, como se saboreasse as suas nuances. Deixei que ele refletisse no que quer que fosse, mas em poucos segundos o carro voltou a andar parando na entrada. – Acho que isso é bom.

Fiquei surpresa com essas palavras e me permiti fitá-lo rapidamente capitando um meio sorriso. Estamos realmente chegando a algum lugar, Sovelev?

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 16 – Intuição

Fugindo do princípio de que sempre fui uma pessoa que segue rotinas, eu não aguentava mais! Já tinha decorado tudo dentro daquela mansão, cada mínimo detalhe. Agora, até o barulho que os meus sapatos fazem no chão enquanto estava caminhando me irritavam. Dois dias depois do almoço na casa de Dimitri e Elissa as coisas não mudaram, na verdade estavam até piores. Por quê? Não que Ian tivesse brigado comigo, ou até mesmo me ignorado, na verdade tudo o que eu perguntava era respondido. Contudo, parecia que ele estava em outro mundo. As horas que passava dentro do escritório praticamente dobraram e quando ele estava fora do mesmo - Almoçando, jantando ou

PERIGOSAS

até mesmo dormindo. – O celular ocupava a vez. Parecia estar ainda mais atarefado e sem tempo. Como em nome de Deus eu vou conseguir me manter perto dele, ainda mais agora que minha segurança está vacilando com a data da festa tão próxima? ? Fato, que detestava Miss Red, mas não podia negar que ela era bonita e bem confiante também. Lembro que perguntei a Ian o motivo da comemoração e ele apenas respondeu que seria o aniversário da Mcmillan.

Passei por Olívia que dava ordens a algumas empregadas sobre um corredor que precisava de uma arrumação melhor. Uma das coisas que já havia notado era esse lado extremamente detalhista dela. . Eu iria para a sala de leitura- nomeei assim, porque lá ficava mais confortável e fora da vista das pessoas que trabalhavam para lá e para cá. – Antes que seguisse meu caminho passei em

NACIONAIS - ACHERON

frente ao escritório do Sovelev que estava a portas fechadas como sempre. Lembrei das palavras dele quando chegamos do almoço: “*Felizes... Acho que isso é bom.*” O problema é que para esses meus pensamentos felizes acontecerem preciso de ainda mais proximidade com ele, o que fica difícil quando existe uma parede nos separando, literalmente. Fiquei alguns segundos encaram a porta de madeira escura, quase entalhado nela a minha vontade. Suspirei desistindo segundos depois, não adiantava ficar parada aqui.

Meu jeito de ser, minha timidez negavam a mim mesma a coragem de atravessar aquela porta e encarar o dono constante dos meus pensamentos. Quando finalmente segui meu curso para a sala, Olívia apareceu no meu caminho me informando de que eu tinha uma visita. Da

PERIGOSAS

última vez que tive uma visita Ian não pareceu apreciá-la muito. Respirando fundo segui até a sala onde uma Elissa sorridente me encarava.

- Vim salvar a sua tarde. – Se pronunciou com um sorriso capaz de iluminar uma cidade. Queria saber como consegue ser sempre assim? Tão animada. Mas acho que o amor correspondido faz isso com as pessoas.

- Posso saber como pretende fazer isso? – Perguntei enquanto lhe dava um abraço apertado.

- Vamos fazer compras! – A olhei torto não era fã de compras. Não que eu não gostasse de me arrumar ou de ter coisas novas, o que me punha terror eram os provadores, detesto provar roupas. Isso faz sentido?

NACIONAIS - ACHERON

- De novo? Não fomos... – Quando tinha ido mesmo com ela ao shopping? Nem lembro. Pena que o tempo tinha sido tão curto, havia tantas coisas que queria ver ainda, tanto que não conhecia.

- Você nem lembra quando foi. – Resmungou cruzando os braços. – Tudo bem, se quer ficar aqui numa sala vazia lendo, enquanto seu marido está deus sabe onde...

Levantou as mãos em rendição. A olhei boquiaberta. Ela de fato se irritou.

- Isso tudo foi porque eu não queria ir às compras? – Acho que ela está de TPM. Melhor nem comentar. De qualquer forma óbvio que preferia ir com ela em vez de ficar mofando aqui.

- Na verdade meu problema é seu marido roubando o meu. – Respondeu com

PERIGOSAS

a face corada, do que supus ser raiva. Ah, bem vinda ao clube das deixadas de lado. Sim, posso ser bem dramática quando o assunto é do meu interesse. – Ele nem tem dormido direito! Tem alguma coisa errada e adivinha? Ele não quer me contar!

Já há algum tempo eu convivia na ignorância, entretanto para Elissa isso parecia ser algo novo. Dei de ombros indo me sentar, deixando o livro de lado e sinalizando para que ela sentasse do meu lado.

- Eu convivo com isso sempre, mas desde o almoço Ian tem ficado ainda mais preso pelo trabalho e bem mais fechado. – Murmurei. Sei que deveria já estar acostumada com isso, esse era o seu temperamento. – Vou sair com você. E teremos uma tarde só para garotas, se eles querem se encher de trabalho problema NACIONAIS - ACHERON

deles.

Sei bem como é difícil arrancar alguma coisa do Sovelev, qualquer informação que ele julgue ser importante fica guardada a sete chaves no fundo do oceano. Ela sorriu batendo palminhas, como é fácil fazê-la feliz, hein?

- Ótimo, porque nosso objetivo de hoje é encontrar algo que te deixe estonteante para a festa que será neste fim de semana. Não sei porque mas tenho a leve impressão de que você nem procurou por algo no seu closet. – Quem sou eu para dizer que ela estava errada? Peguei um sobretudo preto com luvas também pretas e estava pronta, Elissa já era o meu oposto com o sobretudo amarelo e os saltos. Não fui até o escritório pedir permissão para sair, acho que tínhamos passado dessa fase e ainda tinha o cartão de crédito que me foi dado, sendo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

assim deixei apenas um recado com Olívia, para o caso dele sair do escritório antes que eu voltasse, o que é mais do que improvável. Também optei por ir com o motorista de Elissa e com seus seguranças.

O caminho foi todo com ela citando o nome de várias lojas que teríamos que visitar, porém eu não prestava muita atenção. Passei a maior parte do tempo mexendo nos botões do casaco e pensando besteiras que nem valia a pena citar.

- Chegamos! – Disse dando um gritinho animado no final, enquanto o motorista abria a porta para que pudéssemos descer.

Horas depois eu tinha aprendido duas coisas e chegado a uma conclusão. Primeiro, ela não conhece limites para compras. É bonitinho? Ela não tem ainda? Passa no cartão. Segundo, nada que eu

NACIONAIS - ACHERON

escolha vai ser bom o suficiente para ela, fim. Apagado demais. Longo demais. Não tem um corte legal. A conclusão é a seguinte: Virei uma sedentária nível máximo. Depois de tantas e tantas voltas eu estava para morrer e o pior de tudo é que segundo a minha consultora de moda aqui, não tínhamos encontrado nada que prestasse para que eu fosse à festa. Ótimo, daqui a pouco opto por uma cortina lá da mansão.

— Ali! — Ela sussurrou por quê? Por acaso o vestido vai sair correndo se ela falar muito alto? Meu humor já está se tornando obscuro.

Olhei para onde ela apontava e fiquei de boca aberta. Era lindo e eu não sabia se o meu corpo faria jus aquele vestido. Fui rebocada até a loja onde fomos atendidas por uma senhora que vestia um terninho super alinhado na cor preta, usava um coque

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

alto e arrumado, ela deveria ter uns 40 anos. Tudo dentro da loja, desde os móveis num estilo clássico ao candelabro de cristal no teto gritavam: “caro!”. Com o vestido não foi diferente. Segundo a vendedora era um modelo único de um estilista francês famoso que não fazia ideia de quem era. Só sei que Ian ficaria muitos rublos* mais pobre. Arrastada com o vestido em mãos e empurrada para dentro do provador, “como minha amiga é carinhosa e delicada”. Lentamente tirei a roupa e rezei para que o número da peça coubesse, mesmo que Elissa tenha dito que ele foi feito sob medida para mim a dúvida permanecia. Já vestida não tinha como dizer que a afirmação dela estava errada, principalmente porque passei uns três minutos olhando no espelho por todos os ângulos. O tirei e saí do provador com a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

certeza de que era ele o escolhido.

- Cadê? Eu preciso ver para dar minha opinião. — Soltei um sorriso macabro quando ela veio até mim.

- Ficou incrível, melhor impossível. E será uma surpresa para todos, incluindo você. — Mesmo com cara feia e reclamando de Deus e do mundo, ela finalmente desistiu e pudemos pagar o vestido e ir embora. A tarde pareceu voar e por fim tive que acompanhá-la num jantar como agradecimento por ser tão prestativa.

O restaurante tinha um ar de romance por todas as partes, desde os móveis de madeira, as paredes em tons de vinho e creme, a iluminação era baixa e por um momento pensei que Elissa fosse me pedir em casamento.

- Por que tinha que ser esse restaurante?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– Perguntei porque alguns casais já nos olhavam com atenção demasiada, provavelmente pensando que éramos um casal ou que estávamos tão encalhadas que só tínhamos a companhia uma da outra para um jantar romântico. Me vi constrangida instantaneamente.

- Porque eu adoro esse restaurante e o Dimitri sempre me traz aqui. – Respondeu já se encaminhando para uma mesa num canto mais afastado, que estava vazio.

- Acho que o ambiente é muito romântico. – Comentei.

- Eu sei, por isso gosto. – Os olhos dela estavam brilhando. No sentamos e esperamos que viessem nos atender.

- Só pra constar eu não sou o Dimitri e as pessoas estão nos olhando estranho. – Tentei disfarçar enquanto olhava em volta

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para ver se as pessoas ainda estavam nos encarando, mas aparentemente nos tornamos descartáveis.

- Não estou nem aí, quem vai pagar sou eu. E é obvio que você não é ele! Mas dá para quebrar um galho. – Que ótimo! Vou tentar não me sentir ofendida nem estranhar aquele jogo de palavras. Delicadamente ela arrumou o guardanapo sobre o colo e voltou sua atenção pra mim que fazia o mesmo. - É um restaurante francês, portanto espero que não esteja de dieta.

- Nem lembro a última vez que fiz dieta. –Resmunguei. Normalmente eu não achava que precisasse. Antes que Elissa comentasse alguma coisa um garçom que tinha uma carinha de criança entediada veio saber os nossos pedidos, preferi deixar que ela escolhesse o que acabou sendo um vinho Sancerre Branco e Ratatouille. Depois que o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

garçom se afastou com os pedidos me permiti dar uma risadinha. – Ratatouille?! Tipo aquele filme do ratinho cozinheiro?

- É um prato típico francês e muito saboroso. Não sei nada sobre o filme do ratinho. Sério que você assiste desenho ainda? – Me olhou como se francamente não quisesse acreditar naquilo. Devo perguntar como ela sabe que se trata de um desenho?

- Não sei nada sobre comida francesa. Na verdade, não assisto desenhos, mas as crianças que ficavam internadas no hospital onde eu trabalhava assistiam. – Me permiti vagar pelas lembranças. – Eram adoráveis...

- Sente falta do seu trabalho? – Perguntou. E aquilo me pegou desprevenida, não por não saber uma resposta, mas sim pela resposta se formar

NACIONAIS - ACHERON

tão rapidamente em minha cabeça quando lutei tanto para não ter conclusões precipitadas. Mas ainda assim escolhi ser o mais sincera que podia ao responder.

- Sinto falta de estar ocupada, de ter o que fazer. – Murmurei. – Mas não tenho vontade de voltar. A Rússia se tornou a minha casa.

Ela estendeu as mãos sobre a mesa e segurou as minhas em um sinal de apoio.

- Claro, até porque a Rússia é o único lugar do mundo onde podemos encontrar um exemplar de Sovelev. – Piscou matreira. Enquanto eu apenas sentia meu rosto ficar vermelho. – Você está tão apaixonada por ele que é quase tangível.

Se tivesse me dado um tapa na cara não teria me surpreendido tanto quanto aquela afirmação. Minha mente dava voltas no

PERIGOSAS

vazio, buscando pela negação instantânea que não veio. Soltou minhas mãos e se recostou melhor na cadeira me fitando como se quisesse arrancar um segredo de mim, o que não está longe de ser verdade. Desviei o olhar e minhas mãos inquietas foram para de baixo da mesa onde poderiam se remexer a vontade sem que meu nervosismo transparecesse.

- Apaixonada? Diria... Acomodada. – Estudei as palavras lentamente. Rindo nervosa.

- Você ainda está na fase de enganar a si mesma, ou simplesmente quer que eu acredite nisso? – Perguntou como se o simples fato de pensar isso fosse absurdo. – Sou sua amiga, Ariel. Pelo menos me considero assim, você não?

Claro que a considerava absurdamente,

NACIONAIS - ACHERON

Elissa era como uma irmã que eu nunca tive. Em geral, achava que era a mais velha entre nós, porém nesse instante estamos invertendo papéis. Nunca imaginei que ela pudesse ser tão séria assim. O garçom se aproximou nos servindo o vinho num floreio desnecessário e fingi prestar atenção nele, que logo se retirou. Assisti enquanto provava o líquido púrpura, deixando claro em sua expressão a apreciação ante aquilo, enquanto internamente implorava para que o garçom voltasse e se mantivesse aqui como meu escudo humano, ao menos até o fim da refeição.

- Eu a considero minha melhor amiga Elissa. – Murmurei prestando uma atenção fora do comum a minha taça de vinho. – Mas...

Como explicar, se ainda me via atordoada pela informação. Devia ter

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

percebido antes, refleti enquanto outra parte de mim permanecia numa nada sutil busca por uma saída oposta. Qualquer outra explicação que fosse...

- Mas? – Me incentivou.

- Não é algo simples como você e Dimitri. Pelo amor de Deus, estamos falando do Sovelev! O Sr. Frio! – Agitei as mãos, como se dizer isso fosse provocar uma catástrofe.

- Sr. Frio? – Riu gostosamente jogando a cabeça para trás. – Ele sabe que você o chama assim?

Senti minhas bochechas esquentarem enquanto corava absurdamente, recordando a noite de entrega que deve ter vaporizado meus neurônios fazendo com que soltasse algumas verdades.

- Talvez... - Sorri discretamente. Sempre

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

o chamei assim, então meio que virou um hábito.

- Ok. Mas Ariel nem sempre foi fácil comigo e Dimitri, nunca é. Apenas temos que lutar pelo que queremos principalmente no mundo em que vivemos. Digo, pelo que são...

- Você nunca foi o pagamento de uma dívida. — Lancei a verdade tão friamente e com a amargura impregnada tão clara que demorei a sentir na consciência o peso do que tinha acabado de fazer. Contudo, ao contrário do que imaginei não se surpreendeu, deveria saber de toda a história por trás dos bastidores. Afinal, ali existia um casal cúmplice.

- Por favor, não se prenda tão forte a isso. Foi apenas o meio que te trouxe a um fim. — Realmente, ao meu próprio

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

possivelmente, pensei com pesar. – Não consegue ver o jeito que te olha. Ele ri com você! Acho que não tem ideia do quanto isso é incrível.

- Tenho uma vaga ideia, mas isso não quer dizer que sinta algo por mim, - Tamborilei a mesa antes nervosa. - não como provavelmente venho sentindo. – A última parte saiu em um sussurro. Na minha ilusão de que se falasse baixo o suficiente não seria verdade.

- Assumiu. – Levantou as mãos acima da cabeça como se tivesse vencido alguma coisa. Ri com desgosto e bebi um pouco do vinho, era bom mesmo. Refrescante e levemente doce.

- O problema não sou eu assumir algo, e sim ele. Acredite, no fim sou apenas uma propriedade comprada e paga para ser o que

NACIONAIS - ACHERON

quiser. – Ela me olhou com pena e não suportava isso. Não gosto de ficar chorando e me martirizando pelos cantos, entretanto ter aquelas verdades na ponta da língua me ajudariam a manter os pés no chão, ou era o que esperava.

O garçom chegou à sua deixa e nos serviu, até aquele momento não tinha esquecido como estava com fome.

- Não tome conclusões tão precipitadas. Ele está mudando, só deixe que aceite isso. No fim, o Ian se esconde por trás de sua armadura de “gelo”, que agora graças a você está se partindo. – Disse e simplesmente voltou a comer. Às vezes me pergunto se ela não queria ser escritora de romances, sempre vendo tudo lindo e colorido, longe da realidade. – E você senhora Sovelev, me deixou completamente curiosa! Como ficou o vestido? Isso não se

NACIONAIS - ACHERON

faz com as amigas. – Fiquei feliz em mudar o tópico da conversa para algo mais seguro.

Fez um biquinho e eu sorri mudando totalmente de foco, o resto do jantar foi tranquilo, mas não foi o suficiente para me tirar da cabeça o tema anterior. Estava tão ferrada. Quer dizer, estava tão na cara assim que estava apaixonada? Não podia ser verdade, já que vinha escondendo tão bem até de mim mesma. Por fim, Elissa não deixou que pagasse o jantar e voltamos calmamente para a mansão Sovelev, onde me deixou para enfrentar a fera. Sim, porque já eram onze horas da noite. De repente, a minha pequena rebeldia pareceu pesada demais, e as consequências do que faço são tão piores que senti um pequeno calafrio de temor. “Tomara que esteja de bom humor...”.

Passei pelos seguranças que faziam a
NACIONAIS - ACHERON

ronda pela área aberta em frente a porta principal, e entrei dando de cara com Olívia que apenas pediu para levar as minhas compras para o quarto enquanto acenava discretamente para a sala de visitas. Entendendo bem o recado sutil lhe passei as compras e segui para o meu julgamento. Ele estava sentado na poltrona mais afastada do arco de entrada, contudo ainda foi a primeira coisa em que meus olhos pousaram. Segurava um pequeno copo, com o que presumi ser uma dose da mais pura vodka, já que o líquido era transparente.

- Onde estava, Ariel? – A voz baixa e rouca provocando arrepios por todo meu corpo, se a razão era medo ou outra qualquer prefiro não me aprofundar para descobrir.

- Saí com Elissa. – Respondi simplesmente me mantendo completamente

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

parada perto da saída. Sabe, qualquer coisa saio correndo. – Pedi que te avisassem.

Murmurou um som ininteligível me olhando finalmente e parecia me avaliar calmamente antes de continuar. – Por que não levou os seguranças?

- Estava com os dela. – Que importância tinha isso! Como se eu fosse fugir do país na primeira oportunidade. Tive vontade de revirar os olhos, mas me contive sabendo que o gesto não melhoraria minha situação.

- Os seguranças dela são pagos para protegê-la, por isso você tem os seus. – Resmungou se levantando e deixando o copo na mesinha de madeira escura que estava ao seu lado. - Não saia mais sem eles, entendeu?

Me fitou esperando uma resposta e apenas acenei que sim com a cabeça, para

NACIONAIS - ACHERON

evitar qualquer discussão mais aprofundada que não levaria a lugar algum.

- Ótimo. — Se aproximou de mim segurando o meu queixo e quase suspirei ao sentir o seu toque. Quão estúpidas são minhas ações quando se trata desse homem. Mas conseguiria me conter, e não seriam aqueles olhos lindos, com brilhos de um perverso desejo, ou a boca perfeita a centímetros da minha que me fariam perder a cabeça. “Nunca fui uma mentirosa convincente...” Segurei seus ombros ainda o encarando. — Como as coisas são mais simples quando você obedece.

Dei um meio sorriso.

- Às vezes, posso ser uma boa menina. — Provoquei. Logo sentindo seus lábios sobre os meus num beijo calmo e lento, passei minhas mãos para a sua nuca entrelaçando

PERIGOSAS

os meus dedos, depois sentindo o seu perfume característico, por mais que quisesse ficar naquilo o beijo não durou o suficiente. Resmunguei baixinho quando ele se afastou rindo. Pegou uma mecha solta do meu cabelo e colocou para trás da orelha.

- Muito bem, boa menina, você está com uma cara de cansada terrível. – Isso é Ian Sovelev dizendo carinhosamente que estou com cara de acabada. Que meigo. Deveria estar realmente ruim para que se desse ao trabalho. – Deveria ir dormir.

- Claro. E você? – Perguntei. – Passou o dia inteiro no escritório de novo?

- Trabalho. – Respondeu como uma justificativa simples e deu de ombros. – Tenho algumas coisas para terminar ainda hoje.

- Tudo bem, Sr. Sovelev. Eu vou me

NACIONAIS - ACHERON

recolher. — Atravessei a porta sem olhar para trás. As coisas estavam indo bem. Sem tantas brigas como antes e ele não era mais tão ignorante, a prova disso foi a conversa de agora pouco, em outros dias teria arrancado os meus ouvidos por ter saído sem os seguranças. Mesmo assim, ultimamente parecia estar sempre preocupado e distante, não é comum. Era tipicamente frio e prático quando se tratava de tudo, o que só me levava a crer que algo estava errado no “trabalho”, seja esse último qual for. Se já sei pouco sobre a história do próprio Ian que dirá de sua ocupação, e não tenho certeza se quero saber.

Tirei as roupas rapidamente entrando no banho, o vapor da água quente nublava o vidro do box enquanto só observava deixando a água cair. Desenhei com o dedo traços desconexos e nem um pouco

artísticos enquanto refletia. Elissa estava certa ao dizer que ele queria minha segurança, mas isso é um sinal de afeição? Não sei se posso pensar assim, porque como sempre ele continua uma incógnita para mim. Sai do banho me trocando e optando por uma camisola curta de seda na cor rosa claro, que fazia conjunto com um robe da mesma cor. Como era esperado o quarto estava vazio e silencioso, enrolei completamente meu corpo no edredom e deixei que o sono viesse, tão lentamente, esgotando o resto das minhas energias.

Acordei sobressaltada pelo sonho que tive, há muito tempo não tinha pesadelos, contudo mesmo sabendo que havia sido um sonho ruim não lembrava do que se tratava, a sensação de frio que vinha de dentro de mim me deixava meio desorientada por ainda perpassar causando arrepios. Olhei

PERIGOSAS

pelo quarto e estava tudo escuro, o que queria dizer que não dormi por tanto tempo assim. Ao meu lado a cama continuava vazia. Suspirei. Levantei lentamente pegando o robe ao lado da cama e indo procurar pelo Sr. Frio. Agora realmente não havia opção a não ser sequestra-lo do escritório. E qual não foi a minha surpresa ao chegar lá e ele simplesmente não estar? Vaguei por um tempo pela mansão – o que não é confortável, principalmente depois de um pesadelo - procurando por ele e nada. Será que saiu? Parecia muito estranho, porque normalmente quando se ausentava pedia para os seguranças cercarem mais a casa e alguns ficavam dentro da mansão. Vi em todos os lugares e iria desistir voltando para o quarto, quando me lembrei do único lugar em que não fui. O sótão.

Congelei no lugar sem saber se era certo

NACIONAIS - ACHERON

ir até lá. Ian nunca havia me contado nada sobre a sua história ou família, tudo que sabia vinha da minha fonte confidencial, Olívia. De jeito nenhum queria que ele se zangasse com ela ou qualquer coisa do tipo, por ter me contado. Mas também não queria deixa-lo lá sozinho, nunca tinha visto ou pensado que ele ainda fosse até lá, já que nenhum empregado era autorizado a entrar no local para limpar, exceto Olívia. Mesmo com passos lentos e com um tremendo medo da sua reação segui até lá. Abrindo a porta devagar pude ver a sombra que estava sentada na poltrona em frente ao quadro da mulher com o bebê. Era ele.

Caminhei lentamente até ficar parada bem atrás dele. Sem fazer barulho algum, e ainda assim minha respiração parecia pesada e barulhenta para o ambiente, minutos passaram e pareciam horas antes

PERIGOSAS

que o silêncio fosse rompido. Estava deslocada, mas minha vontade de permanecer ao seu lado era maior que o desconforto.

- Quando os dias eram bem mais frios e eu achava que não aguentaria mais, descobri esse lugar... – Murmurou. Sua voz tão baixa, mas não perdendo a característica marcante de ser grave. Mal conseguia acreditar que estava falando! – A descobri. É triste saber que a pessoa que mais saudamos, é a pior.

Olhou por sobre o ombro me encarando, e pela primeira vez vi o brilho de tristeza profundo no seu olhar, era algo doloroso. Como se tivesse levado anos se perpetuando no seu interior aquela marca.

- Tenho certeza que Olívia já deve ter lhe contado alguma coisa, sobre mim. –

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Falou se virando para frente novamente fitando o quadro, e não parecia incomodado com aquele fato. – Mas ela não tem como saber o quão ruim foi. Nem quero que ninguém saiba, na verdade queria eu poder esquecer.

Levantou-se ainda de costas para mim.

- Só o que precisam entender é que foi tão... Marcante, que me transformei no que mais odeio, na pessoa que mais me destruiu. Sou completamente igual a ele.

Sabia que estava falando do seu pai, e não aceitava que se visse assim. “*Ian Sovelev você não é seu pai!*” Tive vontade de gritar para ele, contudo apenas encurtei a distância entre nós e o abracei escondendo o meu rosto em suas costas, ainda vestia a camisa social branca amarrotada e a calça preta, o terno deveria estar jogado em algum

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

canto qualquer. O seu perfume estava sendo apagado pelas fortes notas de álcool, deve ter bebido muito mais depois que me retirei.

- Você não é alguém ruim. – Resmunguei apertando mais os meus braços envolta de sua cintura, queria mais do que tudo que acreditasse nisso. Escutei seu riso de escárnio.

- Tem razão. Ruim não é uma palavra suficientemente abrangente para alguém como eu. Tentaria terrível, sem coração... Demônio. – Suas mãos tocaram as minhas que se agarravam a ele. – É comovente que seja você a pessoa que está tentando me consolar, me convencer do contrário. Esqueceu que destruí a sua vida, Ariel?

- Não destruiu nada! – Exclamei. Verdade que no início achei isso, porém não era mais assim. Suas mãos fizeram com que

NACIONAIS - ACHERON

eu o soltasse e se virou para mim sem me olhar nos olhos. - É assim. Não sei o que fez comigo, mas me preocupo com você, com a sua segurança. Deveria ter deixado que fosse embora há muito tempo, mas sou muito egoísta para isso, preciso de você por perto... - Sussurrou ainda sem me olhar. Segurei seu rosto tentando fazer com que me encarasse, mas foi inútil porquê parecia se esquivar. – Por favor, não...

- O que? – Estava confusa, não esperava ouvir algo dele a respeito de sua história assim de repente, e meu coração batia muito forte, quase dolorosamente, enquanto a tristeza me tomava completamente.

- Não quero te ver. – Falou tão baixo e parecia um garoto assustado. – De algum jeito parece que você enxerga dentro de mim. – E parecia me contar um segredo. – Mas não existe nada aqui dentro... –
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Apontou para o seu peito. – Só escuridão.

- Isso não é verdade. – Segurei seu rosto com firmeza o fazendo me olhar. Não havia mais o Sr. Frio, ali só haviam os olhos de um garoto perdido, meu garotinho perdido. Tocou meu rosto com a ponta dos dedos, como se fosse uma peça delicada de cristal.

- Quero esconder a verdade, quero abrigar você. – Beijou o topo da minha cabeça e senti as lágrimas correrem pelo meu rosto. – Mas o monstro vive dentro de mim e não há onde nos esconder e sei que vai chegar uma hora que vou te destruir porque é isso que eu aprendi a ser... E mesmo assim, peço que nunca vá. Isso não soa egoísta?

- Não quero ir, nunca. – Sussurrei surpreendendo a mim mesma. E ele tinha os olhos fechados como se minhas palavras

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

fossem um bálsamo para uma ferida que nunca cicatrizava.

- Não chegue tão perto... –Avisou seus olhos mergulhando nos meus e apenas o abracei mais apertado. – Nunca me deixe machuca-la.

Acenei que sim puxando seu rosto para o meu selando aquilo como um pacto. Seus lábios sobre os meus tão suaves e os meus molhados pelas lágrimas. Suas mãos adentraram pelos cabelos com uma carícia que me deixou completamente mole. Afastei sem ar, abrindo os olhos lentamente para vê-lo com um olhar tão diferente de todos que já havia me dado, era algo único e lindo. O azul da noite com umas poucas estrelas para lembrar que ainda há luz.

- Você me é tão preciosa. – Parecia que cada palavra era levada diretamente ao meu

NACIONAIS - ACHERON

coração que estava totalmente descompassado. Abaixei o rosto e abri lentamente os botões que sobravam fechados de sua camisa, sem nenhuma interferência dele que permanecia parado, quando seu peito estava nu beijei exatamente o ponto onde estava seu coração tatuado e senti ele se arrepiar com meu toque. O encarei levantando a cabeça e ponto minha mão sobre seu peito sentindo as batidas rápidas. Os desenhos negros eram um lembrete do que compartilhava o seu interior e futuro.

- Me deixe te tirar do escuro. Eu sei que posso. — Falei e ele tinha um olhar perdido. Sua mão foi até a minha que estava no seu peito e a segurou a levando até seus lábios beijando suavemente e quase não podia sentir seu toque.

- Acho que já vem fazendo isso. —
NACIONAIS - ACHERON

Depois disso apenas senti sua boca tomar a minha no que era um beijo completamente apaixonado, passei as mãos pelo seu cabelo o puxando de leve, mordi e suguei seu lábio inferior me deliciando com os sons de gemidos baixos que soltava. Distanciei-me com a respiração falha, entrelacei sua mão o puxando delicadamente para que fossemos para fora e ele me acompanhou sem relutar. Lancei um último olhar por sobre o ombro, para a mulher no quadro. “*Vou cuidar dele, prometo.*” E com essa promessa silenciosa fechei a porta. A escolha estava feita.

Ian me olhava agora curioso e com a sobrancelha arqueada. Toda a dor e tristeza pareciam estar esquecidas, guardadas em algum canto, pelo menos por enquanto, e sabia que quando elas voltassem a aparecer eu estaria aqui para ele.

- Vamos Sovelev...- Enlacei seu braço
NACIONAIS - ACHERON

no meu. – Quero você na minha cama.

Sussurrei bem perto do seu ouvido com a minha melhor voz de sedutora e vi os poucos pelos do seu pescoço se arrepiarem. Ri baixinho. Sem que esperasse me pegou jogando sobre o ombro como um saco de batatas e eu como uma completa idiota só sabia rir.

- Não se provoca um homem assim, Sra. Sovelev. – Reclamou, mas conseguia ouvir o ar levemente bem humorado na sua voz.

- Mas é o meu homem, Sr. Sovelev. – Declarei. – Nesses casos se abre uma exceção.

Senti respirar fundo como se estivesse se controlando. Já comentei que adoro provocá-lo? Era um dos meus passatempos favoritos, e enquanto ele nos levava para o quarto só conseguia pensar no quão certa

PERIGOSAS

Elissa estava. Tudo o que me disse naquele sótão era mais do que uma declaração de entrega e por fim, aprendi que tem certas palavras e atitudes que conseguem significar bem mais do que apenas um “eu te amo” dito por um momento. Entretanto ainda iria chegar a hora onde eu gritaria aos quatro ventos o quanto estava apaixonada, por enquanto iria provar isso com atitudes para que ele visse e soubesse o que todos pareciam ver. Que o *mafioso russo* tinha conquistado um passe livre para o meu coração.

Assim que chegamos ao quarto a porta foi fechada num baque surdo com um leve chute dele comigo ainda em seus braços, meu peso parecia insignificante e pelos movimentos precisos duvido que esteja embriagado. Naquele momento não importava nem um pouco estar rindo como

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

uma colegial completamente apaixonada ou qualquer coisa do gênero. Apenas o fato de saber que posso tira-lo de trás do seu muro de gelo me deixa em polvorosa, praticamente soltando fogos. Ele finalmente decidiu me descer lentamente, meu corpo escorregou pelo dele, subindo o robe que ainda usava.

Meu tamanho inferior ao seu o suficiente para que tivesse que abaixar um pouco a cabeça para me encarar nos olhos, e nunca me achei pequena. Nos seus lábios brincava o sorriso que patenteei como sendo meu isso junto ao brilho sutil no seu olhar me dava uma ideia dos pensamentos que estava tendo. Sorri levando as mãos ao nó que segurava o robe, o desfazendo deixando assim que caísse aos meus pés. Ian tinha, e suspeito que sempre terá, o poder de deixar as minhas pernas bambas e as mãos

NACIONAIS - ACHERON

trêmulas. A camisola rosa claro que usava deixava minhas pernas uma boa parte de fora e não era bem o que se chamaria de algo descente. O Sovelev se afastou um pouco e andou em volta de mim, era quase como uma avaliação detalhada. Quando parou atrás de mim senti o sopro perto do ouvido que fez com que me arrepiasse, isso e suas mãos que acompanhavam as minhas curvas, subindo pela cintura e parando um pouco abaixo dos seios. Ouvi seu riso baixo no momento em que soltei um suspiro.

- Levante a cabeça Ariel e olhe em frente. – Engolindo em seco e tentando ignorar o efeito que sua voz ao meu ouvido tinha, obedeci e parei o olhar no grande espelho no outro extremo do quarto. Raramente o usava porquê preferia o do banheiro para me arrumar, ele tinha um moldura dourada e parecia ser antigo,

porém não foi isso que me prendeu ali, mas sim o casal refletido nele. O homem alto e imponente segura em seus braços uma beldade de cabelos negros, o poder que parecia emanar dele chegava até ela, dando a impressão de que também era poderosa, superior por ter para si ele. Ian ainda usava a camisa social branca desabotoada, no espelho pude ver no momento em que abaixou e beijou meu pescoço de leve e a mulher no espelho respondeu inclinando um pouco a cabeça lhe dando livre acesso. Aquela era eu, em quem Ian havia me tornado. A sua mulher. – Minha. – Disse quase como se atestasse o meu pensamento e não tinha como negar aquilo. Precisava dele mais do que podia suportar, necessitava da sua voz, do sorriso, do temperamento confuso, do beijo, do corpo junto ao meu, só sabia ser a nova Ariel se tivesse ele ao meu

PERIGOSAS

lado, essa era a realidade que aceitei.

Olhei mais uma vez a mulher no espelho que tinha nos olhos a chama de paixão e dei um meio sorriso, era bom vê-la pela primeira vez. Rapidamente fui erguida nos braços, antes que pudesse protestar fui levada até a enorme cama de casal.

- Apressado meu senhor? – Perguntei provocando e ele sorriu inclinando a cabeça de lado.

- Nunca tenho pressa com você. - Parecia outra confissão. – Gosto de guardar cada momento. E claro, vê-la deitada na minha cama é uma das minhas visões favoritas, minha senhora.

Gostei de como aquilo soou, sorri observando ele se livrar da camisa. Fui vencida pela vontade de toca-lo e já ia me levantar quando sinalizou que não.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Parada. Quero que fique exatamente como está. – Apenas podia imaginar meu estado, completamente deitada, camisola levantada cobrindo apenas a minha peça íntima e cabelos espalhados de qualquer jeito pelo lençol. Ajoelhou-se sobre a cama e segurou meu pé direito, abaixou e beijou o peito do pé, senti o toque percorrer todo meu corpo. Sua boca foi subindo com os beijos pela minha perna até chegar ao alto da coxa onde preendi a respiração e sentindo isso ele riu parando e repetindo todo o processo no pé esquerdo. Observa-lo me beijar tão delicadamente e quase com devoção me fazia esquentar e soltar leves gemidos, principalmente porquê não me deixava retribuir, ou seja completamente parada, torturada. Assim que chegou no mesmo ponto da coxa parou novamente.

- É alguma espécie de castigo? –

NACIONAIS - ACHERON

Resmunguei. Agora eram as suas mãos que subiam e desciam lentamente pela minha perna, até que percorreram além chegando até a barra da minha camisola a puxando lentamente para cima beijando as partes que eram descobertas; minha cintura perto da barra da calcinha onde passou a língua, logo voltando a subir ignorando o fato de que me remexia em baixo dele, por fim a peça foi tirada de mim e agora só usava um pedaço de pano e ele ainda estava vestindo a calça social – Já que os sapatos ele chutou de qualquer jeito antes de subir na cama. – Me sentei ignorando seu olhar reprovador e o fato de que se afastou um pouco. Levei minhas mãos ao seu rosto aproveitando o contato da minha pele na dele, acariciando seu maxilar onde a barba fazia cócegas, descendo para o pescoço e ombros, contudo aquilo não era suficiente, não quando se

tinha um Sovelev entregue.

Minha boca em poucos segundos estava sobre a sua num beijo sedento de ambas as partes, suas mãos adentraram meu cabelo puxando com um pouco de força enquanto acabei arranhando sua nuca perto do couro cabeludo ouvindo o gemido baixo que soltou. Infelizmente o ar acabou rápido demais. Aproveitou o fato de que me recuperava do beijo e empurrou de volta para a cama, se colocando sobre mim e prendendo meus braços acima da cabeça com apenas uma mão, abri minha boca para reclamar e ele apenas pôs um dedo sobre ela num claro sinal de que queria silêncio.

- Quando soltar as suas mãos quero que as mantenha no alto, okay Anjo? – Perguntou olhando bem no fundo dos meus olhos depois arqueando uma sobrancelha esperando a resposta que só pude dar como

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

uma aceno de cabeça. – Boa garota. – Assim que soltou meus braços se abaixou dando um selinho nos meus lábios entreabertos, antes que pudesse virar algo mais desceu sua boca pelo meu queixo e chegando ao pescoço deslizou o nariz lentamente. – Gosto do seu cheiro, ele é único e viciante. – Passou a língua desde a base do pescoço até perto do couro cabeludo me remexi, contudo mantive – Com muito esforço. – Os braços para cima. Gemi alto e ele mordeu meu pescoço, não com força, entretanto seria o suficiente para deixar marcado.

- I-Ian... – Gaguejei sendo rapidamente silenciada quando encontrou seu caminho até os meus seios, e logo eu era só gemidos, arrepios e palavras desconexas, sabia que não aguentaria muito mais sem toca-lo e quase como se sentisse isso, ele parou me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

olhando com a boca levemente vermelha.

- Como estamos Sra. Sovelev? – Perguntou na completa cara de pau. Ele não estava vendo meu estado?! Descabelada, provavelmente com as bochechas vermelhas demais, suada e completamente frustrada. Sim, estava vendo, prova disso era aquele sorrisinho – Lindo – mas que era a custa da minha tortura particular.

- Como você acha que estou? – Indaguei depois de respirar fundo e conter o gemido de frustração que iria soltar. – Porque me sinto torturada.

Sua risada foi baixa e sensual. Se abaixou fazendo o seu rosto ficar a centímetros do meu.

- Acredite não está sozinha nisso... – Fez uma pausa sugando meu lábio inferior, logo o soltando. – Mas será do meu jeito.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Novamente se afastou deslizando suas mãos pelo meu corpo causando arrepios, parando na cintura.

- Gosto de ter minhas mãos sobre você. Na sua pele delicada e macia. – Me encarou parando de acariciar. – E você? Gosta?

Minha mente estava nublada pelo prazer das caricias e pela vontade de que ele acabasse logo com aquele jogo.

- Gosto do seu toque. – Murmurei vendo nos seus olhos que aquilo o agradava. – Do que apenas você causa em mim.

Completei porquê era verdade. Nenhum homem jamais me provocou as sensações que Ian Sovelev causou, do ódio ao amor, aos arrepios de prazer, onde me perdia nos seus braços, achava que nunca encontraria isso. Eu estava apaixonada e até o simples encostar de seus lábios nos meus fazia uma

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

corrente elétrica perpassar meu corpo. Levantou-se da cama e o fitei confusa.

- Pode levantar, Ariel. — Falou com a voz arrastada, lenta. Fiz como mandou sentando na ponta da cama em frente a ele que segurou meu rosto o levantando para encara-lo. — Sabe o que eu gosto tanto quanto toca-la?

Nem tive tempo de responder ou sequer pensar na resposta.

- Ser tocado por você. — Sussurrou atacando minha boca em seguida. Praticamente derreti com aquelas palavras e o beijo. Minhas mãos com vida própria seguraram nos passadores da calça social o segurando perto, como se pudesse ir a algum lugar. O beijo se desfez e ele suspirava baixinho com os olhos ainda fechados. Aproveitei isso para abrir o cinto

NACIONAIS - ACHERON

e jogá-lo num canto qualquer do quarto, sendo seguido pela calça. Levantei devagar da cama colando meu corpo no dele que também usava apenas uma peça de roupa.

Subi as mãos até o seu cabelo acariciando e puxando de leve enquanto beijava todas as partes dele que estavam ao meu alcance, bochechas, queixo, pescoço, ombros. Estava o amando e ter a sensação de seus braços me rodeando e apertando era maravilhoso. No fim, ele era como uma substância viciante impregnada em mim e da qual meu sistema era totalmente dependente.

Enroscar meu corpo no dele na cama, tendo a sensação dos lençóis revirados, ele em mim, sua respiração de encontro com a minha. Ter meu corpo sobre o seu, vê-lo com os olhos entreabertos me fitando enquanto o presenteava com meu ritmo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

constante, segurando nos seus ombros e suas mãos no meu quadril apertando até ser quase doloroso. Cheguei ao ápice com um grito mudo onde minha boca se formou num “O”, meus olhos se fecharam e eu apreciava a sensação que perpassava todo meu corpo, um calor devastador e arrepios, quase como leves choques. Apenas me permiti abrir os olhos voltando daquele mundo mágico quando escutei o gemido do homem embaixo de mim. O encarei apreciando o jeito como mordida o lábio inferior com força, seus olhos fechados, a respiração rápida. Depois do espetáculo que era ver o Sr. Sovelev tendo prazer me permiti cair sobre o seu peito sentindo seu coração que batia rápido aos poucos voltando ao normal. Seus braços me envolveram desenhando minhas costas com toques suaves dos seus dedos. Murmurei num apreço a carícia.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Estou morta. – Resmunguei contra seu peito sentindo meus olhos pesarem. Perguntei-me que horas seriam. Com as cortinas do quarto fechadas não dava para ver se já havia amanhecido.

- Durma anjo. – Falou me tirando de cima de si e colocando na cama, para logo voltar a envolver-me nos seus braços, senti a sua respiração lenta no pescoço, o seu cheiro que parecia mais forte agora, tudo isso estava me ajudando a pegar no sono.

- Eu... – Estava a ponto de dizer: “Eu te amo”, mas me contive. Algo me dizia que ainda não era a hora e respeitaria isso, porque ultimamente seguir minha intuição tem sido minha certeza. Acabei ficando muda e com os olhos fechados como se tivesse apagado sem terminar a frase. Poucos segundos e senti seus lábios pressionarem minha têmpora.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Meu anjo... – O sussurro foi tão baixo que fiquei em dúvida se realmente tinha ouvido ou se minha consciência estava mesmo no mundo dos sonhos. Por fim adormeci.

Um feixe de luz me despertou e com o resmungo mexi debaixo do lençol fino que me cobria.

- Pensei que dormiria até a próxima semana. – A voz risonha e baixa que vinha do lado fez com que acordasse de vez. Levantei sentando e segurando o lençol para cobrir meus seios. Olhei para o homem deitado preguiçosamente do outro lado, Ian usava uma calça jeans clara com uma camisa preta de mangas compridas o que provava que já tinha acordado há algum tempo e estava todo casual, isso significava

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que ficaria fora do escritório por hoje? Não permiti que a felicidade viesse logo à superfície, deixando bem na cara que ter ele ali fez com que meu dia já começasse incrível.

- Já está muito tarde? – Pigarrei por conta da minha voz rouca de sono. E ele me encarava a tal ponto que me deixou desconfortável. Deveria estar horrível com o cabelo armado e pronto para terceira guerra mundial e os olhos inchados de uma noite mal dormida – Não que tivesse do que reclamar – Mas poxa, não fique me olhando assim. Por fim, corei.

- Digamos que perdeu a hora do café. – Permaneceu sem mexer um músculo. Mesmo sem realmente querer levantei, com muito custo para segurar o lençol, contudo assim que achei que tinha vencido a batalha senti um forte puxão que fez minha roupa

NACIONAIS - ACHERON

improvisada ir ao chão.

- Ian Sovelev! – Exclamei irritada e constrangida, porém logo foi esquecido porque estava mais interessada em escutar sua gargalhada contagiante. Depois de um tempinho ele se recuperou respirando fundo. – Isso não se faz. – Resmunguei cruzando os braços na altura dos seios. Ainda deitado apoiou sua cabeça na mão e me olhou tranquilamente.

- Não há nada aí que já não tenha visto e tocado. – Deu um meio sorriso do tipo “você é tão minha” e não tive como contestar isso. – Conheço seu corpo melhor do que você.

Balancei a cabeça em negativo ainda parada no mesmo lugar.

- Sempre tão convencido. – Disse lançando lhe um sorriso. – Vou tomar

PERIGOSAS

banho. Pretende alguma coisa para o dia?

- Não tenho nada para hoje, planejava ficar o dia na cama. – Piscou inocentemente, mas ele não me engana.

- Está me propondo um dia da preguiça? Nunca imaginei que você fosse disso.

- Preguiça? – Negou com a cabeça. – Quem disse que vamos ficar parados? – Corei até a raiz do cabelo arrancando lhe outra risada, num impulso peguei a primeira coisa ao meu alcance e lancei nele, no caso um travesseiro.

- Perverso! – Acusei agora rindo da cara que ele fez, não sabia se a surpresa era do meu ataque passado ou do que disse agora. Se sentou na cama segurando o travesseiro.

- Anjo, você está querendo declarar guerra? – A voz baixa vinha numa intenção

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

de ameaça, mas o sorriso de canto malicioso que me lançava mostrava a verdadeira ideia. Sr. Frio está querendo brincar? Surpreendente! E não tinha como negar, já que sempre tive um instinto competitivo.

- Se estivesse fazendo isso... – Fiz uma pausa dramática. Como se alguém pudesse levar a sério uma mulher nua. – Você perderia.

- Nunca perco. Tem seis segundos para entrar no banheiro Sra. Sovelev. – Comecei a andar para trás escutando sua contagem lenta e o som que ele fez ao levantar de vez da cama. Corri e na minha cabeça realmente tinha alguma chance, mas o cara parece que fez atletismo, me alcançou antes que pudesse cruzar a porta do banheiro. – Vamos ao seu banho...

Ri deliciada enquanto entrava no box de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

vidro e assistia meu querido marido tirar as roupas que usava e vir até mim. Foi um banho lento e calmo, com exceção das pequenas provocações dele. A noite passada foi o ponto alto do nosso relacionamento complicado e relativamente curto, e mal podia acreditar no quão longe estávamos indo juntos, ao ponto de realmente parecermos um casal.

Chegaria o dia em que eu não seria mais um alguém na vida dele, seria uma peça importante, essencial como ele havia se tornado para mim. Senti seu toque enquanto me envolvia com um roupão branco macio, acompanhei seus movimentos enquanto se vestia com outro preto, quando voltou se pôs a secar meu cabelo calmamente. No término do processo pedi que deixasse fazer o mesmo nele, que não hesitou em se abaixar para que pudesse fazer isso.

NACIONAIS - ACHERON

Recordei da promessa que fiz ontem ao sair do sótão e a reforcei na minha mente, quase como se quisesse grava-la a fogo.

- Prontinho. – Murmurei e ele me encarou com o meu sorriso favorito. Segurei seu rosto o trazendo para perto de mim, acariciei subindo para o cabelo despenteado. O beijei lentamente ficando na ponta dos pés, seus braços envolveram a minha cintura me abraçando.

- Obrigado. – Disse num tom baixo se afastando de mim. Não sabia se era por secar seu cabelo ou por outra coisa, mas deixei passar. Voltamos para o quarto e fui me trocar no closet, subitamente me lembrei de uma conversa que tive com Olívia há muito tempo onde ela falou que eu não podia cobrar amor de uma pessoa que nunca tinha conhecido esse sentimento, pois bem, agora eu estava mostrando para ele. Quando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

saí do closet Ian vestia a mesma roupa de antes, enquanto vestia um suéter branco com um short jeans escuro.

- Qual o plano? – Me atirando ao seu lado na cama. Deu de ombros.

- Tenho o dia livre, mas a noite temos compromisso. – Arqueei a sobrancelha em dúvida e revirou os olhos. – A festa da Mcmillan.

Murchei, meu dia tinha começado tão bom. Alguma coisa me dizia que essa festa não era uma boa ideia, e agora estava levando a sério minha intuição. Ian me abraçou quando cruzei os braços bufando.

- Vamos aproveitar o dia, depois pensamos na noite. – Sugeri beijando o meu pescoço. – Ciumenta.

Joguei outro travesseiro nele. Estava todo engraçadinho hoje. Com muito custo

NACIONAIS - ACHERON

levantei sem animação nenhuma com o Sr. Sovelev. O plano era um dia sem fazer nada, entretanto não foi bem isso que aconteceu. Por incrível que pareça Ian me deixou escolher o que ele vestiria a noite, depois de uma pequena discussão sobre a cor da gravata, que eu venci, fomos almoçar e Olívia nos olhava com um sorriso orgulhoso no rosto.

Como esperado o Sovelev não teve como ficar longe do escritório. Depois de uma hora lá dentro – Hora essa que aproveitei para fazer as unhas. - Voltou se sentando na minha sala de leitura e me puxando para o seu colo, onde fui de bom grado. Conversamos sobre amenidades. Foi um dia maravilhoso até o momento que tive que subir para me arrumar.

Mais cedo tinha pedido que Olívia separasse o vestido que usaria essa noite.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Tomei um banho longo e relaxante, depois me concentrei na maquiagem, optei por olhos bem marcados com sombras marrom e dourado, delineador preto, rímel e nos lábios um batom rosa claro, tinha pensado em vermelho, mas lembrei que Layka era mais que adepta da cor e desisti não querendo ter nada em comum com ela. Deixei o meu cabelo solto caindo em ondas até abaixo dos ombros.

Quando saí do banheiro não encontrei Ian, deveria estar usando outro quarto. Vesti uma lingerie preta com o sutiã sem alças e peguei meu vestido. Ele era longo, tomará que caia num decote em coração, acompanhava justo em minhas curvas até a cintura onde ficava mais solto, quebrando o ar ingênuo da parte de cima, ele se abria num fenda do lado esquerdo deixando toda minha perna de fora. Todavia o que mais

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

me fez gostar dele foi a cor, azul marinho, a favorita dele. O tecido era incrustado de pedrinhas minúsculas que lhe davam um brilho suave, misterioso e nada exagerado. Elissa estava certa quando disse que ele tinha sido feito para mim, tudo nele me favorecia. Calcei um peep toe preto altíssimo e intocado que estava no meu lado do closet.

Parei em frente ao espelho com moldura dourada que desde a noite passada tinha se tornado o meu favorito, e novamente ali estava a beldade, o vestido de tom escuro realçava sua pele clara e delicada, o decote valorizava seu busto e ele parecia abraçar suas curvas, o salto a deixou ativa e sexy. Um leve sorriso se formou no meu rosto, estava aprovada, mesmo assim me parecia faltar alguma coisa. Me distraí com a pessoa que surgiu ao meu lado no espelho. Dizer

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que o Sovelev estava impecável no seu smoking preto feito sob medida para ele parece uma descrição muito sem graça. Dizem que homens sempre ficam incríveis em smokings o que dizer de um que já é perfeito? Usava uma gravata preta e um sapato social de mesmo tom como complemento, cabelo perfeitamente arrumado e um perfume que já era sua marca.

- Está linda, Ariel. – A voz era baixa, me encarou pelo espelho. – Só falta uma coisa...

Foi quando notei que segurada uma caixa de veludo preta e a estendeu para mim, senti meu coração aos saltos. Quando cheguei uma caixa de joias já estava à minha espera no closet, contudo não me senti à vontade para usa-las. No dia do nosso casamento ganhei uma presilha de cabelo de diamantes, tive vontade de

NACIONAIS - ACHERON

mandá-lo engoli-la, mas agora era diferente, me sentia radiante com a expectativa de ter pensado em me dar algo. Abri lentamente a caixa me deparando com um colar lindo, levei a mão à boca num ato automático.

- Permita-me... — Pegando o colar da caixa se pôs atrás de mim, afastou o meu cabelo e prendeu. Logo beijando o meu pescoço na parte de trás. Deslizei meus dedos calmamente pela joia, a corrente era de prata ou poderia ser ouro branco, não sei a diferença, era delicada e segurava como pingente um diamante azul que tinha o formato de um coração. Não era algo exagerado, mas com toda certeza não poderia passar despercebido. — Use-o sempre, assim poderei estar perto de você mesmo distante.

Virei-me e segurando seu rosto o beijei

NACIONAIS - ACHERON

lentamente. Como dizer a ele que aquilo tinha tido o maior significado para mim? Suas palavras pareciam alcançar minha alma, me deixando radiante e cada vez mais apaixonada por ele. Aquilo era como uma reafirmação do que tinha dito no sótão, ele me queria por perto e a reciproca não poderia ser mais verdadeira.

Não voltei a olhar para o espelho. De mãos dadas comigo chegamos a entrada da mansão onde um Rolls Royce todo preto nos esperava e os dois seguranças que nos esperavam do lado de fora do carro eram Alexander e Marcus, sorri por revê-los e discretamente Alexander retribuiu, já o outro estava com a mesma cara fechada de sempre.

Marcus se dirigiu para o lado do motorista depois de cumprimentar Ian e acenar discretamente para mim. Alexander

NACIONAIS - ACHERON

abriu a porta para que entrássemos e depois foi para o banco ao lado do motorista. Como sempre tínhamos um carro nos seguindo com outros seguranças. Permaneci com a mão na do Sovelev que fazia um leve carinho nela e parecia distraído olhando pela janela.

Sabe aquela sensação de que tudo está perfeito demais e a qualquer momento o mundo vai desabar sobre sua cabeça? Era isso o que estava sentindo. Queria voltar e me refugiar na mansão junto com Ian, mas isso não seria a atitude que ele espera de mim, não mesmo. E esta noite eu deveria ser a esposa perfeita perante todos do mundo dele, principalmente em frente a ela, Layka. Respirando fundo me preparei para vestir minha máscara de indiferença. Miss Red que não ouse cruzar meu caminho essa noite, porque sou, com toda certeza, capaz

PERIGOSAS

de passar por cima dela com a cabeça erguida. Pode até ser uma festa, contudo me sentia indo para a guerra em território inimigo.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 17 – Deveria saber

Logo descobri que o caminho até a residência dos Mcmillan não seria curto e muito menos rápido, assim como o Sovelev eles pareciam optar por manter distância do movimento constante da cidade. Ian permanecia olhando pela janela com um ar entediado e ele não era o único. O silêncio e o tédio faziam minha mente trabalhar mais e com ideias ainda piores do que as normais. Por isso, optei por puxar assunto sobre qualquer coisa.

- Como conheceu a Mcmillan? –
Questionei já me arrependendo. Ele me olhou de soslaio como se estivesse estudando aonde eu queria chegar com isso.

- Nossas famílias têm negócios juntos. –
Respondeu ainda sem olhar diretamente
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para mim, fazendo pouco caso.

- Então eles são...- Não completei a pergunta, mas deixei a sugestão no ar e rapidamente ele captou a ideia dando um meio sorriso. Talvez achando engraçado a minha hesitação em falar sobre sua forma de “trabalho”.

- Não, eles não fazem parte da *organização*. Não do mesmo modo que eu pelo menos. – Disse agora me olhando nos olhos. Se for para eu pegar a ideia da coisa, não rolou. – Por que o interesse?

- Por nada. – Dei de ombros. – Apenas estava com a mente vazia.

- Mente vazia a oficina do diabo. – Resmungou e eu tive que rir porquê nunca imaginei Ian Sovelev soltando um ditado qualquer. Segurou minha mão novamente e a levou até seus lábios depositando um leve

NACIONAIS - ACHERON

beijo entre os nós. – Não se preocupe com nada. Estarei lá e Dimitri com Elissa também.

Sorri tocando o seu rosto de leve e me inclinando para lhe dar um beijo nos lábios que logo ficaram ao meu alcance, aproveitei a sensação de calor que me tomou por dentro. Pena que não durou o suficiente, uma leve parada do carro, e uma breve olhada pelo vidro notei que estávamos no portão de entrada. Tudo era cercado por seguranças perfeitamente vestidos em ternos pretos, assim como na mansão eles estavam bem visíveis por todas as partes. No alto de uma pequena colina estava à coisa mais extravagante que já vi na vida, nem a mansão Sovelev superava aquela estrutura arquitetônica e o mais incrível de tudo era o fato de aquilo me ser vagamente familiar.

- Por que isso me parece familiar? –
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Soltei em voz alta. Se tivesse visitado um lugar assim antes com certeza lembraria.

- Bem, se foi uma boa aluna de história com certeza isso lhe seria familiar. – Comentou. Parei para analisar melhor partindo dessa afirmação e finalmente entendi a sensação de reconhecimento. As enormes pilastras brancas, o pátio imenso de entrada, sem contar as diversas estátuas espalhadas por um jardim com pouca diversidade, mas muito bem cuidado. Aquilo não era uma casa, mas sim um templo para algum deus da mitologia grega, talvez Dionísio, o deus das orgias. Sorri internamente com os meus pensamentos maldosos. Porém, tendo que admitir que tudo era extremamente impressionante.

O carro parou bem em frente à escada de entrada e Alexander desceu para abrir a porta do passageiro. Ian desceu com toda a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pompa destinada talvez a um imperador, para ele aquilo tudo era absolutamente natural e corriqueiro. Peguei-me imaginando quantas vezes já deve ter participado de eventos assim, e se as pessoas presentes aqui sabiam dos seus negócios escusos, provavelmente não. Estendeu a mão para me ajudar a descer – O que eu consegui fazer com uma graça não muito própria de mim – e bastou que encarasse suas orbes azuis profundas para saber que o Sovelev parado a minha frente e que segurava minha mão não era o mesmo que passou a tarde comigo, este tinha dado lugar ao homem frio e calculista que não olharia duas vezes antes de passar por cima de alguém que lhe contrariasse. Engoli em seco, fazia um bom tempo que não via esse lado dele e de fato preferia ter continuado assim. Seguindo seu exemplo vesti minha

NACIONAIS - ACHERON

máscara, era meu papel acompanhar o meu marido independente desse seu lado obscuro me dar um frio incômodo por dentro. Não que tivesse medo dele, superei isso logo no começo, mas temia por ele mesmo. Temia ver de novo aqueles olhos perdidos e de autoacusação.

Passei meus dedos pelo seu braço segurando de leve na dobra do seu cotovelo, caminhamos com passos firmes pelos degraus e chegamos ao enorme pátio que levava a entrada, este coberto por um longo tapete vermelho. Miss Red deixando sua preferência gritante pela cor bem presente desde a entrada. Revirei os olhos.

No canto esquerdo cerca de quinze fotógrafos clicavam freneticamente cada convidado que passava por eles, não sendo diferente comigo e Ian. Senti-me desconfortável com isso, meu instinto

NACIONAIS - ACHERON

natural era me esconder, mas quando Ian parou de frente para eles com sua altivez de nascença – Aparentemente – Me senti livre para soltar um pequeno sorriso enquanto segurava com força excessiva seu braço, notando meu pequeno desconforto discretamente me puxou para longe dos holofotes. Suspirei aliviada.

- Terá que se acostumar com isso, Anjo.
– Murmurou enquanto seguíamos para o enorme arco de entrada que estava decorado com diversas cortinas vermelhas. “*A cor realmente me surpreendeu*” pensei irônica.
– Contudo, está se saindo muito bem, Sra. Sovelev. – Olhei bem a tempo de ver um pequeno sorriso ir morrendo em seu rosto.

Um casal se aproximou com sorrisos largos, que pareciam ter sido talhados em seus rostos. O homem tinha uma idade mais avançada mesmo que toda elegância

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

escondesse bem esse fato, os cabelos brancos perfeitamente penteados para o lado, smoking bem adequado ao corpo, gravata vermelha e broches de ouro nos pulsos. Já a mulher era bem mais jovem, talvez seis anos mais velha que eu. Cabelos pretos e cortados num channel perfeito, o vestido que usava era verde esmeralda e com um decote enorme na frente, nos pés um salto dourado simples e nas mãos várias pulseiras de ouro e o que supus serem diamantes. Agradei internamente por estar bem vestida e em um dos meus melhores dias. O homem desconhecido se aproximou cumprimentando o Sovelev com um aperto de mãos

- É muito bom ter sua presença aqui, Sovelev. – A sua voz era um pouco rouca mas não desagradável. – Todos sabem que você é bem reservado.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Velhos hábitos. – Respondeu dando de ombros com indiferença. – Como vai Sr. Mcmillan?

Acho que meus olhos por pouco não saíram rolando pelo chão branco. Aquele senhor com sorriso fácil e olhos gentis era pai daquela cobra vermelha? Pelo visto não podemos julgar a família pela víbora que faz parte dela. Vivendo e aprendendo.

- Bem melhor agora... – Falou me lançando um sorriso, não do tipo que se usaria para flertar. – É um prazer conhecer a senhora. – Pegou minha mão dando um leve beijo na ponta dos dedos, quase que só um encostar. – Excelente escolha, Ian. – Uma breve risada veio acompanhada do último comentário. Aparentemente ele não sabe da ambição da filha. Depois de mais algumas trocas de palavras fomos indicados para seguirmos a festa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ao entrar no salão pude afirmar com toda certeza que eles não mediam esforços para impressionar e que tudo era extremamente chamativo, mas por incrível que pareça não era algo de mau gosto ou feio, só não seria algo que eu faria. Desde as cortinas vermelhas cobrindo todas as janelas do enorme salão – Sim, porque facilmente aquele lugar poderia ser emprestado para uma partida de futebol. -, o número de pessoas também não era pouco, talvez umas cento e cinquenta, pelo que vi por cima.

O lustre enorme dourado com cristais estava bem acima do centro do salão que foi transformado numa pista de dança, no extremo do lugar estava uma pequena orquestra, de trinta pessoas, se é que isso é pequeno. Ian seguia com a mão na minha cintura enquanto caminhávamos por entre as pessoas, alguns cumprimentava, outros

NACIONAIS - ACHERON

ignorava, a única coisa constante era a surpresa estampada no rosto de todos ao me verem. Claro que seria assim, desde que cheguei à Rússia saí pouquíssimas vezes e quase nunca fui vista ao seu lado, exceto para os poucos convidados de nossa cerimônia. Provavelmente para todos eu era a esposa misteriosa de Ian Sovelev. Sempre tive a curiosidade de saber qual a história que todos conheciam, com certeza não era a verídica.

Finalmente avistei a mesa em que estavam Dimitri e Elissa – Que acenava animada para mim. Completamente diferente do que planejou anteriormente. – Ela usava um vestido dourado lindo. Um tomara que caia justo até um pouco abaixo dos seios e caia solto até os calcanhares, nos pés usava um scarpin bege, quase sem nenhuma joia, exceto a pulseira fina de ouro

PERIGOSAS

e a inseparável aliança, às vezes eu esquecia que tinha uma também, com um significado absolutamente oposto ao da dela. O cabelo preso em uma trança com alguns fios soltos. Dizer que Elissa estava bonita era quase um insulto, ela parecia um anjo – Tarefa que realmente vem ocupando na minha vida, mesmo que seja um das asas quebradas. – Sorri com meu pensamento.

As mesas estavam dispostas ao redor da pista de dança todas cobertas com toalhas vermelhas, e eles estavam na mais afastada. Meu sorriso foi morrendo ao ver que eles não estavam sozinhos. Era demais pedir que a aniversariante não estivesse na própria festa, mas mesmo assim não conseguia impedir o desejo de se apoderar de mim. Miss Red estava parada ao lado de Dimitri e de costas para nós, agitava as mãos para todos os lados gesticulando impaciente.

NACIONAIS - ACHERON

Mesmo que meus passos ainda me levassem para lá, queria correr de volta para casa! Posso ter me passado confiança durante toda a viagem até ali, mas não sei se realmente posso competir com uma rival que está tão habituada a um mundo que desconheço, e totalmente disposta a jogar sujo.

Fiquei petrificada por alguns segundos – O suficiente para Ian me olhar de lado. E para Miss Red, que estava a poucos passos, notar nossa presença. – Que espécie de vestido era aquele? Dimitri revirou os olhos e parecia suspirar de alívio por vê-la finalmente se afastar, mas comigo a coisa era bem diferente. Prendi a respiração e tenho certeza que a minha expressão de desagrado não deve ter passado por despercebida. Intrigante também era que todos no salão pareciam estar tensos de

repente, prestando bastante atenção no que aconteceria a seguir. Quer dizer que até no mundo da riqueza e do glamour existe fofoca.

- IAN! – O grito pareceu ecoar pelo salão. A voz me era tão familiar como se há ouvisse todo tempo e desde sempre a detestasse, talvez porque ela me lembrava da situação em que a encontrei no escritório da mansão. – Estou tão feliz que veio!

Exclamou abraçando-o pelo pescoço e consequentemente o afastando de mim. Ponto para ele que não retribuiu o abraço, contudo isso não mudava o fato dela estar pendurada nele. Aquele vestido vermelho escuro, quase vinho, todo justo ao corpo e comprido, sem mangas, com o decote em V enorme a deixava incrivelmente vulgar. *“Mas não é disso que os homens gostam? E provavelmente acha isso porque a detesta.”*

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Gritou minha consciência. Antes que pudesse ter alguma atitude, o que seria algo bem vindo, Ian limpou a garganta se afastando de Layka.

- É seu aniversário Layka, seria o mínimo. – O tom formal impregnado em cada sílaba era um claro sinal de que queria distância. Ou quero acreditar que é isso...

- Quanta formalidade. – Riu, mas este mesmo riso foi se fechando quando sua atenção caiu sobre mim. – E trouxe uma acompanhante. – O modo como disse “acompanhante” parecia querer me colocar no mesmo nível de uma cortesã de luxo. Engoli em seco, sentindo a raiva ir se apossando de mim. Fazendo uso dos meses de intensivo Sovelev, abri um sorriso enorme para ela me aproximando com a mão estendida.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- É um prazer revê-la, Senhorita Mcmillan. – Mentira! Sua mão apertou a minha com toda a relutância que a boa educação lhe permitia. – Ah, meus parabéns!

- Minha esposa. – O Sovelev colocou uma mão no meu ombro apertando de leve. – Creio que se lembra dela, Layka.

- Claro que sim, minha memória é muito boa. – Seus olhos queimavam sobre os meus, mas se ela achava que com isso eu iria recuar, estava muito enganada. – Obrigada pela presença, Ariel. - Então... Onde foi parar o “acompanhante” de agora a pouco? Cobra! Será que ninguém notava o clima tenso ali? Com uma breve olhada em volta vi que todos já se distraíam com outras coisas, conversas, bebidas, comida, nos tornamos invisíveis para os demais convidados.

NACIONAIS - ACHERON

- Layka, se nos der licença, tenho que falar com Dimitri, e Ariel está ansiosa para rever Elissa. – Com um rápido aceno de cabeça tomou minha mão e nos afastamos da anfitriã, que já não segurava mais a fachada de “mulher feliz”. Senti seu olhar sobre mim e um frio percorreu minha coluna como se estivesse passando gelo. Essa seria uma longa noite.

Aproximei-me e Elissa me envolveu com um abraço apertado, parecia que não nos víamos há anos. Dimitri apenas acenou sorrindo para mim depois piscou o olho de um jeito maroto como se tivesse aprontando alguma coisa. Ele vestia um smoking preto bem arrumado, mas ao contrário do meu marido, possuía um estilo mais moderno, sem gravata e seus cabelos ruivos estavam bagunçados para todos os lados. Eles se afastaram um pouco, provavelmente assunto

PERIGOSAS

de negócios, vi aos poucos o semblante deles mudar para muito sério e até um pouco sombrio.

- Mas que clima foi aquele na entrada? – Sussurrou Elissa tomando um gole da taça de champanhe que segurava.

- Aquilo a Mcmillan me dando as boas-vindas. – Não consegui deter a careta que se formou em meu rosto.

- Acredite, ela ainda nem começou. – Girou o conteúdo da taça prestando mais atenção do que o necessário naquilo. Sabia do que ela estava falando, também senti que as coisas só estavam começando. – Mas, relaxe e aproveite ao máximo à festa. O que ela mais quer é estragar sua noite. – Assim que um garçom passou por perto pegou outra bebida me entregando. Tomei um pouco sentindo o sabor doce se apossar da

NACIONAIS - ACHERON

minha boca. Eu tentaria com todas as forças aproveitar.

A melodia dos instrumentos preenchia todo lugar e em pouco tempo muitos casais já dançavam na pista. Seria uma imagem perfeita para um daqueles filmes de Jane Austen, só que em tempos modernos. Fiquei sentada à mesa com Elissa que me explicava quem era cada pessoa ali, nem todos os presentes tinham alguma coisa a ver com a máfia, na verdade a grande maioria eram importantes empresários conhecidos no mundo dos “negócios limpos”, como ela disse. Haviam algumas modelos também, grande parte servindo como acompanhante. De tempos em tempos éramos servidas, mas sendo bem sincera, eu não tinha fome. Estava nervosa. Ian tinha ido com Dimitri cumprimentar algumas pessoas influentes que desejavam conhecê-

PERIGOSAS

lo, mas na verdade não era isso que me deixava assim, era o olhar da mulher do outro lado do salão grudado em mim. Miss Red sendo incômoda desde sempre. Respirei fundo.

- Dá para sentir sua tensão por todo salão, Ariel. — Minha companhia sorriu docemente, tem horas que dá vontade de apertar as bochechas dela até esticar. Segurou minha mão.

- Não consigo. Parece que ela está esperando só uma brecha para atacar. — Resmunguei.

- Atacar o que? — O Sovelev escolheu esse momento para surgir ao meu lado como um espectro. Coloquei a mão sobre o peito onde meu coração quase abria caminho para sair correndo.

- Que susto, Ian. — Arfei desviando o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

olhar, não queria que ele visse que não consigo lidar com a maníaca que é a anfitriã. Levantei arrumando o meu vestido. – Com licença, vou ao toilet.

Elissa fez sinal que iria levantar para me acompanhar, mas disse que não precisava. Queria ficar um pouco sozinha. Aproveitei que ela já havia me explicado onde ficava e segui atravessando a pista de dança e seguindo por um longo corredor, coberto com carpete vermelho. Abri a única porta de havia e dei de cara com um banheiro enorme. Duas cabines estavam atrás de mim e uma bancada de granito negro em frente, junto com um espelho que tomava toda a parede. Encarei-me nele e procurei no meu rosto qualquer traço do meu desconforto, mas ali ainda estava a mulher que vi na mansão Sovelev antes de sair, me senti satisfeita com isso.

NACIONAIS - ACHERON

Com a mão direita segurei o pingente de coração azul no meu pescoço. A pedra era fria, mas eu tinha aprendido a gostar do frio de encontro a minha pele. As palavras que Ian disse ao me entregar o colar aqueciam o meu coração, me dando uma recarga de força para terminar a noite e voltar para *casa*. Quando virei para sair finalmente vi quem estava no lugar comigo. Então era isso que ela estava esperando, me encontrar sozinha. Layka estava encostada a porta, num claro sinal de que não pretendia me deixar sair facilmente de lá. Um sorriso cruel se abriu em seu rosto.

- Algumas pessoas simplesmente não veem que não pertencem a esse mundo. – Cruzou os braços me encarando. – Isso me irrita extremamente.

- E outras apenas não aceitam que perderam. – Não sei como fiz minha voz
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sair tão firme assim. A sua gargalhada soou alta demais para o lugar onde estávamos.

- Acha mesmo que ele a ama? A quer? Você é apenas algo conveniente, uma promessa que ele teve que cumprir. – Caminhou até onde eu estava. – Um contrato. Quando ele a toca é apenas por obrigação.

Como ela sabia da dívida? Achei que apenas as pessoas mais próximas dele teriam essa informação. Senti meu coração se apertar. Suas palavras foram bem estudadas para me machucar, mesmo assim permaneci com a cabeça erguida e com a expressão de quem não se importa.

- Algo automático. Vai chegar o dia que ele vai enjoar do brinquedo e eu vou estar aqui esperando de braços abertos como sempre estive. Ele sempre volta pra mim. –

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Prendi a respiração e minha boca se abriu em surpresa sem minha permissão. – Sim, Ariel. Já o tive em meus braços e como ele é bom, não? Quente apesar de todas as atitudes distantes.

As suas unhas faziam barulho ao deslizarem pela bancada de granito. Me arrepiei.

- Fui criada para ser a Sra. Sovelev desde sempre. Não se sinta ofendida querida, você apenas não serve. Esse não é seu mundo. – Estava certa, aquele não era o meu mundo, mas não a deixaria sair por cima e me pisando. Ri alto, não sabia de onde aquilo surgiu, talvez do desespero e da vontade de prender as lágrimas. A encarei pelo reflexo no espelho e senti o prazer de ver seu sorriso morrer e sua expressão ir desmoronando, sem compreender a minha atitude.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Acho que não fez um bom trabalho Layka. Afinal, é comigo que ele dorme todas as noites, é meu nome que chama. – Me virei para vê-la de frente. – E vai continuar sendo assim querendo você ou não, Ian me pertence.

Seus punhos se fecharam, contudo mantendo o que lhe restava de dignidade caminhou para fora do banheiro, batendo a porta com força atrás de si. Senti a minha força de vontade sumir e as lágrimas descenderem pelo meu rosto. Tudo que ela tinha dito era verdade, não? Cada mísera palavra. Eu servia como seu enfeite, e nada estava errado ao afirmar que fui comprada para isso. Não existe amor real nessa história. Então, por quê mesmo vendo tudo isso tão claramente continuo amando-o? Isso tudo acabaria sendo a experiência mais traumática da minha vida.

NACIONAIS - ACHERON

Passei mais alguns minutos ali, arrumando o meu rosto e esperando meus olhos voltarem à cor normal e não aquele vermelho que parecia que tinha usado drogas. “Força, Ariel. Termine essa porcaria de noite.” Depois pensaria o que fazer com esse novo buraco em que estava me afundando, que de novo não tem nada, apenas eu não queria ver. Andei lentamente pelo corredor me preparando para voltar para festa. E qual não foi minha surpresa ao ver Ian Sovelev dançando com Layka Mcmillan? Os segundos se arrastaram na minha frente e parecia que tinha congelado no lugar, assistindo a história de outras pessoas. Senti um toque nas minhas costas me despertando bruscamente.

- Ora, que surpresa reencontra-la, Sra. Sovelev. — A ironia presente na forma de falar denunciou quem era antes mesmo que

NACIONAIS - ACHERON

ficasse de frente comigo. Vestido perfeitamente dos pés à cabeça e com um sorriso cafajeste que provavelmente deixava algumas mulheres loucas, ali estava o Sr. Siderov. Na pior hora possível como sempre. – Por que não me dá a honra de uma dança? – Virou na direção da pista olhando diretamente para onde Ian estava. – Acho que seu marido não irá se importar.

Não tive tempo de recusar ou aceitar a proposta, sua mão segurou o meu braço e foi me puxando para fora do salão, sem que ninguém notasse já que havia muita gente dançando no mesmo lugar. Para evitar um escândalo o acompanhei até a varanda vazia que não tinha notado antes.

A noite estava mais escura do que o normal e o vento frio vinha de encontro a mim. Mesmo estando um pouco afastados do salão a música ainda chegava clara aqui.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ignorando os protestos da minha consciência que me mandava fugir correndo, peguei a mão que Siderov me estendeu. Com um leve movimento eu já estava nos seus braços seguindo os passos lentos no ritmo da música. Tudo, desde cada breve melodia, me parecia triste.

- Eu achei que tivesse te avisado, Ariel.
– Disse depois de alguns minutos no mais maravilhoso silêncio. – Mas deveria ter sido mais específico. Você não deveria ter se apaixonado por ele. – Parei bruscamente. Seu rosto ficou de frente para o meu, e poucos centímetros nos separavam. – É boa demais para Ian Sovelev, e a única que saíra machucada no fim é você.

Seus dedos acariciaram a maçã do meu rosto com muita leveza. Se aproximou mais e apenas um fio de ar separava nossas bocas. Seus olhos nos meus. Eram bonitos...
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Mas não eram os que eu queria ver. E ele não tinha desejo algum por mim, estava escrito bem ali. A sua razão era uma brincadeira competitiva e sua vontade de desestabilizar a fachada cuidadosamente construída do Sovelev. Quando ia tomar a atitude de empurra-lo, ele foi puxado bruscamente para trás e um Ian muito irritado estava bem ali a minha frente.

- Está sempre se esquecendo dos avisos que te dou, não é, Siderov? – A sua voz pareceu congelar ainda mais o clima. A risada do outro soando como uma provocação o fez fechar os punhos com força.

- Sabe muito bem que não tenho boa memória. – O jeito de falar parecia realmente que lamentava a gafe, mas os olhos brincavam em malícia e diversão.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Como a perfeita raposa que é, só estava esperando a hora certa. – Estática, sem saber o que fazer, e a raiva de Ian pareceu bater em mim quando nossos olhares se encontraram rapidamente. Como diabos, acabei nessa situação? – Vai chegar o dia que vou cansar de te avisar.

- Estarei esperando ansiosamente por esse dia. – Provocou arrumando o casaco do smoking.

Com um aperto brusco no meu pulso o Sovelev me arrastou de volta para a festa, caminhando por entre todos os convidados que continuavam ignorantes sobre toda aquela situação. Dimitri foi o que nos avistou primeiro, entretanto, quando se levantou para vir até nós Ian balançou a cabeça em negativo e ele voltou a se sentar com o olhar preocupado sobre mim. Meu braço já doía bastante quando tentei me

NACIONAIS - ACHERON

soltar sem nenhum resultado. Estávamos na saída da mansão Mcmillan e para meu alívio não havia mais ninguém ali, apenas o carro com os nossos seguranças a espera.

Fui empurrada para dentro do carro sem qualquer delicadeza e durante todo caminho o silêncio reinou junto com a raiva dele e a tristeza que tomava conta de mim desde o encontro no banheiro. De que modo eu poderia ser mais confiante? Ao contrário da ida, a volta foi rápida. Quando descemos ele dispensou os serviços de Marcus e Alexander durante essa noite. No Hall de entrada foi que se pronunciou pela primeira vez.

- Suba para o quarto, agora. – O tom de quem não admitiria nenhuma contestação estava presente ali. Depois dessa manhã, achei realmente que não voltaria a ouvi-lo. Fui para o quarto em passos apressados e o

NACIONAIS - ACHERON

vazio na mansão contribuía para os batimentos acelerados do meu coração. Permaneci os minutos seguintes ao lado da cama e virada de costas para a porta, mesmo quando essa fez o barulho denunciando a presença dele ali.

- Eu viro as costas por um minuto e é certo que você vai se meter em confusão. – A voz fria me deu vontade de chorar, fazia um bom tempo que ele não falava assim comigo. – Queria saber onde eu estava com a cabeça para te levar em algum evento. Parece que é próprio seu perder a noção de qual é o seu maldito lugar! – Era a primeira vez que via Ian gritar e sua raiva parecia tangível. – Imagino o que teria acontecido se não tivesse chegado...

Ofeguei. A ideia de que eu pudesse traí-lo pintada bem clara no seu tom. O que vivemos até aqui não provava nada, então?

PERIGOSAS

Sem significado nenhum, assim como o meu caráter que para ele era mais do que duvidoso.

- Não fui eu que tive um caso aqui. – Gritei me virando para ficar de frente para ele. Que me fitava impassível. – Por que não me disse antes que eu estava indo para a festa de uma ex-amante sua? Aposto que todos na festa sabiam! Assim como o fato de que sou um pagamento.

A expressão perplexa no seu rosto era a última coisa que esperava ver estampando ali. O que? Ele esperava que eu nunca fosse descobrir? Por fim, balançou a cabeça como se tentasse clarear os seus pensamentos e voltar ao foco.

- Minha o que? – Perguntou franzindo a testa. – Layka nunca foi minha amante. E obviamente os fatos que ocasionaram nesse

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

casamento se mantem longe dos olhos públicos, o oposto está totalmente fora de cogitação.

A certeza na sua voz e o jeito com que pronunciou pausadamente as palavras quase me fez pensar que se tratava da verdade, mas ele sempre foi um excelente mentiroso, não?

- Não foi bem isso que eu soube. – A amargura na minha voz transbordou. Passou a mão no rosto e depois bagunçou o cabelo, puxando com demasiada força os fios acobreados.

- Se eu estou dizendo que nunca tive nada com ela é porque é verdade. – Caminhou até estar bem próximo a mim. – Já tive várias mulheres, todas as que eu quis e posso lhe dizer o nome de todas elas, mas Layka não. E não admito que ponha minha

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

palavra em dúvida quando a única que fez merda hoje foi você.

O azul dos olhos dele estava ainda mais escuro, entretanto por algum motivo tudo dentro de mim acreditava nele. Senti as lágrimas se formarem no meu rosto. Esse foi o plano dela o tempo todo? Fazer com que brigássemos. Me fazer acreditar em algo que nunca aconteceu e como uma luva Siderov se encaixou perfeitamente no plano, como a cereja do bolo.

- Ian... – Tentei me aproximar, mas ele deu um passo para trás, se afastando. – Ela disse...

- Realmente acreditei que estava pronta para o meu mundo, que saberia lidar com isso. Como vemos, estava errado. – Virou de costas para mim. – Achei que nada me surpreenderia, mas você sempre consegue.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Dessa vez, do jeito mais negativo possível.

Me olhou por sobre o ombro.

- Durma. Não quero mais ver o seu rosto hoje. – Assim que a porta fechou ofeguei caindo de joelhos no chão.

Nós estamos esse tempo todo andando em uma linha frágil e eu sabia disso, mas vinha pensando que não a veria arrebentar de novo, que tínhamos conseguido nos tornar mais fortes. As coisas vão escurecer de novo e o quarto está tão quieto sem ele aqui. Estou sentindo que vou perdê-lo de novo, para uma distância ainda maior. Os últimos eventos fizeram os olhos dele voltarem a ser frios. Algo deu terrivelmente errado, é verdade, mas achei que o tivesse feito finalmente entender que ele é tudo o que eu quero, mesmo que não tenhamos nada ao que nos segurar. Estávamos

NACIONAIS - ACHERON

construindo algo.

Me pus de pé tirando o vestido, o deixando de qualquer jeito pelo quarto. Deitei na cama só com a roupa de baixo e meu rosto banhado em lágrimas. Porcaria, desde quando sou de chorar assim? Não sei o que fazer porquê dessa vez a culpa é toda minha. Abracei o seu travesseiro e com o cheiro ali presente surgiu mais uma onda de choro.

- Eu estou apaixonada por você. – Murmurei. – Não me deixe aqui assim.

E essa coisa que continua me segurando sobre o nada, o meu amor.

Capítulo 18 – Poderia ser?

Três dias. Setenta e duas horas. Esse era o tempo exato que eu não via nem a sombra de Ian Sovelev. Ultimamente ele vem sendo mais do que empenhado em evitar a minha presença, o que é uma coisa admirável já que estamos vivendo na mesma casa. Acho que o início foi evitando as refeições na minha companhia, e atingiu um nível crítico quando dois seguranças foram postos na porta do escritório. Sem contar com o fato que desde o dia da festa ele não dorme no mesmo quarto que eu.

Admito que tenha uma parcela minúscula de culpa por ter sido idiota ao ponto de sair do salão principal para dançar na varanda sozinha com Altus Siderov – Incrível a capacidade dele de aparecer nos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

momentos mais inconvenientes e transformar tudo numa porcaria completa. — Contudo, o maior culpado atende pelo nome de Layka Mcmillan a maior cobra com quem já tive o desprazer de cruzar. Estou tão irritada que facilmente poderia ir até a casa dela para continuarmos nossa conversa de uma forma mais física, mas o que vem predominando mesmo é uma tristeza absurda que parece sugar pouco a pouco toda minha vontade de fazer algo e mudar essa situação. Afinal, porque apenas eu tenho que ficar lutando? Talvez Mcmillan estivesse certa e só o que restava para mim e Ian era um ponto final enorme, onde com toda certeza no pacote de mais feridos estaria cintilando em néon o meu nome.

No intuito de me poupar dos olhares discretos dos empregados e também para que o senhor da casa tivesse livre acesso aos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

lugares, me mantive trancada no quarto.

Vesti um moletom branco com um short de tecido cinza, nunca tive crises de choro com sorvete pelo fim de um namoro, mas provavelmente estava vestida adequadamente para uma situação assim, mesmo que meu caso seja ainda pior. Jogada na cama olhando para o teto e pensando que poder cósmico existe e me detesta tanto para que a cada instante da minha vida uma confusão gigantesca aconteça. Rolei de um lado para o outro por um tempo, na cama o cheiro era só meu e isso era tão depressivo como o fato de estar pensando em passar o perfume dele no travesseiro, patético. Os poetas estão certos, os sentimentos podem assombrar uma pessoa a cada segundo do dia, o medo, a tristeza, mas o amor, além de assombrar faz com que se sinta que sempre falta

NACIONAIS - ACHERON

alguma coisa. Uma batida na porta me fez acordar dos meus devaneios que provavelmente me afundariam ainda mais.

- Pode entrar. – Murmurei. Sabia que não era ele. Perdi a esperança depois do segundo dia. Maldito cabeça dura, por que não podia apenas me dar a oportunidade de conversar como em um relacionamento normal. Olívia entrou no meu campo de visão com uma bandeja onde estava o que seria meu almoço.

- Deseja alguma outra coisa, Ariel? – Me olhou com carinho e uma pontinha de compaixão. Existia uma grande diferença de pena, ela realmente acreditava que eu podia mudar o Sr. Frio, mas começo a pensar que isso é impossível se a cada besteira que faço ele se afasta para outro mundo. Sim, sou um ser humano e com certeza vou fazer idiotices várias vezes e ele como um ser da

NACIONAIS - ACHERON

mesma espécie deveria entender isso, não? Até porquê, o mestre ali em estragar tudo era ele. Ri sem humor.

- Preciso que o seu chefe sofra uma lavagem cerebral, será que tem como? – Perguntei pegando a bandeja de suas mãos e colocando sobre a cama. Ela sorriu e acenei para que se sentasse na cama perto de mim, de início hesitou. – Por favor, me faça um pouco de companhia já que não vou me mover do quarto hoje. – Com esse pequeno incentivo acabou por concordar.

- Creio não ter a máquina necessária para esse serviço. – Respondeu e não tive como não rir, do jeito que Ian era complicado, nem jogando uma máquina em cima dele faria com que mudasse aquele jeitinho todo especial de fazer os outros se sentirem impotentes quanto ao seu temperamento imperialista.

PERIGOSAS

- Não acho que esteja adiantando de alguma coisa o que venho fazendo. A cada pequena coisa ruim que acontece parece que as boas feitas anteriormente não existiram. Isso é cansativo. – Resmunguei mexendo na comida que estava no prato, não tinha vontade de comer. Isso sempre acontecia quando alguma coisa me estressava, a angústia tomava todo o espaço no meu interior.

- Ele já tem mudado tanto, Ariel. E você é a razão! Não desista. – A olhei com um meio sorriso. Era desnecessário dizer que de qualquer jeito não era capaz de desistir dele. Precisava de um tempo para pensar e deixar a raiva para trás, então arrumaria um jeito de driblar os seguranças e invadir o escritório, amarra-lo numa cadeira e lhe obrigar a me ouvir. Até minha consciência deu gargalhada desse plano estúpido.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Não vou. Preciso apenas me dar um tempo, e pensar em algum plano incrível para fazê-lo me ouvir. – Falei tentando soar animada, entretanto, saiu mais como desesperada.

- Talvez não precise ir a lugar algum. Talvez ele mesmo venha até você. – Disse se levantando e passando a mão na saia do terninho preto que usava. Das outras vezes realmente foi assim, queria que nele também existisse essa energia que necessitava da minha presença, porque em mim parecia que tudo iria desmoronar em pouco tempo. Caramba, são apenas três dias! Sem meu sorriso favorito no mundo, sem beijos apaixonados, sem sentir um frio na barriga pelo simples fato de que ele está se aproximando. Estava parecendo um viciado de quem foi tirado sua droga favorita.

NACIONAIS - ACHERON

Acenei positivamente e Olívia saiu do quarto, com um leve clique da porta estava sozinha novamente. Comi lentamente o que estava na bandeja sem realmente sentir o gosto de qualquer coisa, apenas porque não queria além de tudo adoecer.

No momento em que se assume amar alguém, nós adotamos a responsabilidade de querer a pessoa mesmo com todos os defeitos e loucuras da mesma, isso é o que torna o amor tão surpreendente, não tem lógica. O mais triste em refletir sobre isso é saber que nunca na vida tive um sentimento tão forte por outra pessoa, em outros tempos, com qualquer outra pessoa teria facilmente a atitude de ir embora. Não me permiti chorar depois do dia da festa, porque me recuso a tomar a atitude de uma garotinha, nunca fui chorona e desde que vim para a Rússia o número de vezes que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

chorei foi maior que em qualquer outro momento da minha vida.

Contemplei em silêncio uma vida imaginaria, onde eu era a garota normal que se apaixona na faculdade e se casa assim que se forma, tendo um apartamento razoável, numa área legal de NY, dois filhos que me dariam um trabalho enorme e um marido carinhoso que chegava um pouco mais cedo do que eu em casa, já que estaria trabalhando no hospital. Senti a dor aguda da perda de algo que nunca foi meu, isso e a parte segura de mim mesma que sabia a falta que um destino assim me traria... Num destino pintado dessa forma não havia espaço para Ian Sovelev. Onde eu estive e onde estarei é inteiramente ligado ao lugar que ele quer que esteja. Esse era o meu desejo.

Fico imaginando a quantos passos estou
NACIONAIS - ACHERON

de me transformar na pobre e indefesa Lana. Balancei a cabeça negando a mim mesma a hipótese disso acontecer. Ela era doce e frágil, e se existe algo que não sou é ambas as coisas. Por exemplo, duvidava que a mãe do Sr. Frio tivesse o desejo e a disposição de arranhar a cara de uma vadia vestida de vermelho, porque esta vontade vinha me consumindo desde o dia seguinte a festa. Caí feito um patinho na armadilha dela, mesmo respondendo a altura deixe que plantasse a sua semente venenosa, mas com certeza não estava com a mínima intensão de entregar o prêmio final tão fácil assim.

Como não vinha dormindo bem nas últimas noites meus olhos ficavam pesados facilmente – Uma das desvantagens de estar casada com Ian é a facilidade com que me acostumei a ter ele do lado todas as noites. Fiquei meio que dependente. – Me abracei

contra o travesseiro com a certeza que iria dormir um pouco e depois planejar como lidar com o todo poderoso de plantão, entretanto meus planos foram frustrados numa leve batida na porta. Resmunguei um “entre” contra o travesseiro e uma empregada baixinha e mais nova que Olívia uns vinte anos entrou no quarto, de cabeça baixa, por um motivo que me era desconhecido todos os empregados da casa tinham certo receio de mim, *“Qual é? Não sou eu que manuseio armas e tenho seguranças que parecem armários gigantes!”* Pensei revoltada.

- A Senhora tem visita. — A fala era mansa e por pouco não deixei de escutar o que falou. Admito que a ideia de aprender algo de russo foi muito conveniente já que nem todos os empregados falavam inglês fluentemente. De novo, um ponto para o Sr.

PERIGOSAS

Frio.

Apenas duas pessoas me fizeram visita desde que vim para a Rússia e se Siderov tinha o mínimo de amor à vida não seria ele me esperando lá embaixo no momento. Perguntei onde a pessoa estava e fui informada de que a mulher me esperava na sala principal. Respirei aliviada quando ela disse: “A senhora está...”

Em passos apressados e descalços fui até a sala principal, mais conhecida como minha sala de leitura e sentada com as pernas cruzadas estava Elissa que assim que me viu se levantou com um sorriso e veio ao meu encontro de braços abertos, e caramba! Eu estava necessitada de um abraço. Depois de alguns minutos num aperto recíproco ela se afastou me encarando. Nunca tive amigas muito próximas, mas agora entendo o que garotas NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

querem dizer quando falam que não é amizade e sim irmã de coração. O carinho que tenho por ela em tão pouco tempo só poderia ser explicado dessa forma.

- Como está querida? – Perguntou, mas no fundo de seus olhos eu via que ela já sabia a resposta. Dei de ombros. – Imaginei que estivesse acontecendo algo, o jeito como saíram da festa foi bem... – Estudou uma palavra que deixasse as coisas mais leves, imagino. – Estranho.

Ri com sua tentativa. Quem nos viu saindo da festa sabia que eu estava em maus lençóis.

- Fora isso, Dimitri vem reclamando que Ian está sendo um chute nas suas partes baixas. Acho que vocês estão brigados, não é? – Perguntou se afastando, caminhando de volta para o sofá. Ela estava impecável

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

como sempre. Hoje com um vestido tubinho branco que ia até o joelho, um cinto preto para marcar bem a cintura e nos pés lindos saltos jimmy choo pretos, enquanto eu estava de moletom e descalça.

- Para brigar com alguém é necessário falar, e ele não vem sendo muito comunicativo ultimamente. E a definição de Dimitri está perfeita para a minha situação também. – Resmunguei a seguindo até o sofá, escutando sua risada.

- Nesse caso, acho que precisa de uma tarde para garotas. – Exclamou animada. – Já que somos apenas duas, será nossa tarde! Vou te animar um pouquinho. – Dizendo isso levantou uma sacola que nem tinha notado que estava ali, e dela tirou uma garrafa de vinho.

Realmente precisava de um daqueles

NACIONAIS - ACHERON

momentos “meninas” que aparecem geralmente em filmes e séries onde tudo é regado a álcool, doces, pintar as unhas de vermelho prostituta – Embora ultimamente eu venha abominando a cor vermelha – e falar mal dos homens ou do quão bom são de cama. No meu caso preferia só o álcool e o “falar mal”, porque tudo o que não precisava era lembrar o quão bom ele era entre quatro paredes. Segurei sua mão a olhei profundamente agradecida por se importar e vir até aqui.

- Obrigada, Elissa. – Apertou minha mão de volta abrindo um pequeno sorriso constrangido.

- Amigas são para isso. E vamos abrir logo essa garrafa e encher a cara. – Exclamou. Gargalhei porquê definitivamente aquele não era o tipo de frase que saia com frequência da boca

NACIONAIS - ACHERON

refinada da artista ali parada na minha frente.

Eu nunca na vida tinha enchido a cara. Talvez fosse justamente o que estava precisando para me aliviar um pouco de todo aquele peso. Precisava voltar a ser um pouco mais “Ariel” e um pouco menos “Sra. Sovelev”. Pedi que uma empregada que passava por ali pegasse taças e logo ela voltou com o meu pedido, se dispondo também a abrir a garrafa de vinho.

Nos servimos e quando o sabor doce e ricamente forte tocou minha língua, não tive como não gemer em prazer. Desprezando o fato de o vinho ser tão forte e o teor de álcool dele ser lá no céu. Hoje não me importo com nada. Olhei pela grande janela da sala e vi que o dia tinha corrido e já era fim de tarde, passei meu dia na cama e isso não foi legal, mesmo que a frase possa ter

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

outra conotação que levaria a um significado muito melhor do que o atual.

Motivada por outra taça de vinho contei tudo que tinha acontecido na festa, desde a parte do banheiro com a Miss Red – Onde Elissa como uma boa amiga xingou, e olha o álcool realmente tem o poder de deixar uma garota mais chula. -, até a parte onde quase fui beijada pelo Sr. Siderov. Nessa parte ela abaixou a taça de vinho e me olhou de boca aberta:

- Mas não... – O silêncio que se seguiu deu uma pista do que ela queria dizer e apenas balancei a cabeça freneticamente dizendo que não. – Siderov tem uma rivalidade com Ian de anos, pelo que eu sei. Não se dão bem de jeito nenhum e qualquer mínima chance de tirar o seu marido do sério ele aproveita. O que normalmente nunca dava certo, até você chegar.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Deu de ombros como se aquelas informações não fossem importantes. Mesmo sabendo de algumas coisas, achava que a implicância era apenas por parte do Sr. Frio, contudo aparentemente fui manipulada a pensar assim.

- Então, agora faço parte do jogo? – Perguntei irritada e ela balançou a mão acenando que não.

- Veja, não existe jogo. Você é esposa de Ian e é apaixonada por ele... – Engoli em seco minha trágica verdade, que até o Siderov jogou na minha cara durante a festa. – O que poderia fazer? Se fosse um jogo, já estaria perdido para ele. Entretanto, Ian é um homem possessivo, as crises de ciúme dele o divertem. Simples assim.

Parei para analisar a situação. Quer dizer que tudo isso foi uma crise de ciúmes?! Do

NACIONAIS - ACHERON

tipo, tem medo de me perder?! E pensando assim quase bati com a mão aberta na minha testa, ele tinha me dito isso no sótão, não com todas as letras, mas o suficiente para que tivesse pelo menos um pouco de esperança nele, não?

- Sabe, quando o seu marido fica de mau humor isso passa para o meu e não é legal. – Resmungou nos servindo novamente de vinho.

Em pouco tempo os sapatos de Elissa foram tirados e deixados de qualquer jeito pelo chão e ela estava com as pernas estiradas no sofá, enquanto eu abraçava meus joelhos rindo das histórias que contava da universidade. Ela tinha cursado artes! Não era de se admirar. Basicamente falamos todas as besteiras que fizemos em vida – Até do meu ex-namorado barra pervertido nerd, eu falei. E claro, a mulher

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

até chorou de rir. - Ela também não era nem um pouco o anjo que seu rosto demonstrava, na verdade era uma devassa. Conheceu mais caras do que eu seria capaz na vida! Não era atoa que físgou Dimitri. Ah! Quando o assunto chegou nele precisei subir o nível de álcool e o vinho tinha acabado, portanto o bar da mansão foi assaltado e o estoque de vodka foi desfalcado.

Virei a primeira dose e senti meus olhos lacrimejarem e minha garganta queimar. Quero o vinho de volta! Escutei enquanto a menininha apaixonada era desperta na minha amiga e logo a vodka pura era completamente aceitável.

Admito que Elissa era bem mais resistente as bebidas do que a minha pessoa. Quando já era noite alta lá fora e ela já estava ciente dos mínimos detalhes da minha vida e vice-versa, declarou que já era

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sua hora de ir. Calçou seus sapatos matadores e caminhou normalmente como se não tivesse bebido o dobro que eu – Mal consegui me levantar para abraça-la e meu mundinho girou legal. – Acenei com a mão e ela entendeu que não estava legal para leva-la até a porta. Escutei seus saltos irem perdendo o som pouco a pouco e me deitei de qualquer jeito por ali mesmo.

A mesa de centro estava uma bagunça considerável e só pensava como faria para chegar até o quarto, quando estava começando a aceitar a ideia de dormir no sofá, o barulho da porta sendo aberta me fez virar a cabeça para ver quem chegava. E meu coração bobo e embriagado se acelerou no peito ao ver Ian Sovelev me olhando com surpresa e uma pontada de repreensão, descartei tudo porque o frio do outro dia não estava no seu olhar.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Tirou o dia para beber? – Perguntou se aproximando. E tive vontade de me bater por ficar arrepiada só por ouvir aquela voz baixa e um pouco rouca que já era tão familiar. – Não esperava um dia ver isso.

Revirei os olhos pra ele numa malcriação pensada. Pegou a garrafa de vodka quase vazia em cima da mesinha e franziu a testa, provavelmente divagando em como tive a coragem de saquear o seu estoque de bebidas, bem tecnicamente não fui eu. De todos os momentos que poderia ter vindo falar comigo durante esses dias, escolheu justamente aquele em que nada coerente sairia da minha boca.

- Acho que por hoje já chega. – Disse estendendo a mão para mim. O olhei confusa, além de falar comigo tinha a intensão de me tocar? Detive a vontade que tive de morder seus dedos. E virei o rosto

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para o outro lado.

- Gostaria que me deixasse curtir meu coma alcoólico em paz, obrigada. – Resmunguei um pouco enrolada. Só não estirei a língua no final porque esta estava meio dormente, assim como o resto do meu corpo estava ficando. Acho que não iria curtir toda aquela letargia.

- Você não está em coma. – Aquele tom de “eu sou o todo poderoso e você é apenas uma reles mortal”, ele não deveria estar usando comigo depois de tudo. – Ainda. – Completou segurando meu braço com certa delicadeza para me por de pé.

Aceitei sua ajuda por dois motivos: Um; nunca na história que conseguiria chegar até o quarto por mim mesma. Dois, estava sentindo uma falta imensa da sua presença e o simples fato de estar perto dele me fazia

NACIONAIS - ACHERON

um bem que nenhuma bebida no mundo conseguiria fazer. Sabia que a bebida deixava os sentidos mais lentos, contudo aparentemente meu corpo desconhece essa ciência exata quando se encontra perto de Ian, já que com o seu toque senti a eletricidade tão característica me percorrer da cabeça aos pés.

Na escada sua paciência com meus passos arrastados e trôpegos acabou e com um impulso rápido me pôs em seus braços e como a bêbada aproveitadora que sou pousei minha cabeça no seu ombro respirando seu cheiro tão familiar e que fez uma falta enorme nesses últimos dias, sem nenhuma discrição ou vergonha na cara, claro. Tudo bem, no dia seguinte poderia colocar toda a culpa nas doses passadas.

Ao chegar no quarto pensei que me colocaria na cama e iria embora – Seria

NACIONAIS - ACHERON

como seguir com seu comportamento atual. – Mas, contrariando o que pensava apenas seguiu comigo até o banheiro. Me colocou em pé no chuveiro enquanto apenas o observava com cara de interrogação – Uma daquelas tortas, tipo letra garrancho provavelmente. – Só me toquei das suas intenções quando trocou a temperatura para “frio”.

- Não, Ian... – Antes que completasse a frase a água congelante passou encharcando minha roupa, meu cabelo e me fez bater os dentes. – Seu babaca! Eu ainda estou vestida e está frio. – Minha voz alta não teve o impacto que eu queria porque estava gaguejando. Ele tinha saído da linha de fogo no momento exato, então estava seguro fora das pedrinhas de gelo que caíam em forma de gota.

- Esse é seu castigo por encher a cara. –
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

O tom risonho na voz dele pela primeira vez só me fez ficar ainda mais irritada. – Quanto à roupa, estava cheirando a álcool precisava ser lavada.

Presunçoso. Esse tipo de coisa se faz quando está um clima de paz, o que não era o nosso caso. Me abracei e caminhei com a intensão de sair dali, mas com a minha coordenação em falha momentaneamente escorreguei e caí lindamente com meu traseiro alcoolizado no chão se ele não tivesse entrado e me segurado. Pondo-me de pé adequadamente, o olhei e gargalhei alto. Estava inteiramente molhado... E vestido. Até seus sapatos italianos tinham sido perdidos.

- Ótimo! – Levantou as mãos acima da cabeça como se estivesse questionando o por quê disso acontecer com ele. – Culpa sua! – Apontou para mim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Acenei negativamente ainda rindo. Observei enquanto mudava novamente a temperatura.

- Esse é um mundo justo. – Exclamei. – Aqui se faz, aqui se paga.

- Poderia até levar esse ditado a sério se não fosse uma bêbada falando e misturando russo com inglês. – Parei para analisar se tinha realmente feito isso e novamente, lá estava o meio sorriso sarcástico. Fazia tempo que não o via. Tirou os sapatos jogando para fora do box e foi abrindo os botões na camisa social preta que usava. O apreciei enquanto trabalhava revelando o meu paraíso pessoal, segurei meus pulsos e a vontade de toca-lo. Lançou a camisa de qualquer jeito no chão. E ao me olhar arqueou a sobrancelha.

- Algum problema? – Fora você estar

NACIONAIS - ACHERON

seminu da cintura pra cima, estarmos brigados e eu não poder tocá-lo? Nenhum. Se aproximou pegando a barra da minha camisa para levanta-la e mesmo no estado embriagado meu corpo aqueceu e fiquei rígida. – Não se preocupe. Não vou fazer nada, só cuidar de você.

Mesmo com a pequena decepção da afirmação também me senti derreter um pouco por dentro. Isto era o que ele fazia comigo. Numa química perfeita e balanceada de desejo puro e amor. E foi justamente como ele disse que seria. Pela primeira vez na vida uma pessoa me deu banho, digo, claro que no outro dia ele tomou banho comigo, mas dessa vez foi algo carinhoso, realmente cuidou de mim.

Todas as vezes que o encarei não vi o frio do último dia, mas ainda sentia a distância presente ali. Assim que terminou

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

me enrolou numa toalha, na verdade duas. Uma estava no meu cabelo. Antes que pudesse sair do banheiro e dar privacidade para que secasse a si mesmo – E claro, fugir do caminho da tentação também. – ele me estendeu a escova de dente com a pasta. Franzi o cenho, mas mesmo assim segui para a pia, aproveitando para dar breves olhadas através do espelho.

Sabia que precisávamos conversar, entretanto não aparecia nenhuma brecha para que isso acontecesse e sentia que cada vez mais meu corpo pedia por cama, na certeza de que amanhã teria o verdadeiro castigo pela bebedeira. Uma bela ressaca.

Saí do banheiro e me joguei na cama apenas de toalha, poderia dormir assim mesmo sem problema algum. Algo foi jogado em cima de mim e quando olhei vi um moletom que definitivamente não era

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

meu, apressada e de um jeito meio estranho me vesti, sentindo o perfume com um toque de menta que só as roupas dele tinham. Apenas as pontas dos meus dedos ficavam de fora e a barra chegava até metade da minha coxa. Já estava me esgueirando para dentro do edredom quando meu pé foi segurado.

- Secar o cabelo. – Falou com um meio sorriso ao ver minha careta. Precisava de cama. Voltei a me sentar com os olhos pesados e desfocados, mas acordei instantaneamente ao ouvir o som do secador e o Sr. Sovelev vir com o mesmo em mãos para trás de mim. Certo, além de tudo ainda sabe manusear bem um secador, acabo de me apaixonar um pouquinho mais.

- Ainda está bravo? – Perguntei senti os seus dedos no meu cabelo pararem por um instante.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Agora não é uma boa hora para conversar.

- Isso quer dizer que haverá uma? – Sou uma pessoa extremamente esperançosa e posso ser bem determinada quando quero.

- Hm. – Que espécie de resposta era aquela? Ouvi o secador ser desligado e acompanhei seus passos naquela calça de dormir, até nelas ele era sexy. Na volta apenas acenou para que deitasse, logo me cobrindo. Isso significava que não iria ficar, de novo. Suspirei fazendo um biquinho de desagrado. – Durma, anjo.

Abri um sorriso quando ouvi o meu apelido ser dito.

- Sabe... – Comecei obtendo sua atenção antes que virasse de costas. – Eu não iria beijar o Sr. Siderov... – Seu rosto fechou como o céu limpo que se transforma para

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

uma tempestade. – Meu marido é um homem muito ciumento.

Abri um sorriso ao ver sua expressão surpresa que foi se transformando no meu sorriso favorito no mundo. Abaixou até sua boca cobrir a minha num beijo leve que deixou meus lábios formigando pedindo por mais. Ao se afastar murmurou:

- Sim, ele com certeza é...

Okay, existem certas burradas que só cometemos uma vez na vida, graças a Deus e a capacidade lógica por isso. Bem, encher a cara de vodka e vinho estava definitivamente vetado da minha lista de coisas para se fazer enquanto viva, lição aprendida com sucesso, ou quase isso. Duvidava muito que entenderia qualquer

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

coisa com minha cabeça martelando daquele jeito. A mínima luz conseguia entrar pelas pequenas fendas que se tornaram meus olhos. Uma dor aguda nas têmporas e um gosto terrível na boca seca foram os meus prêmios pela noite passada. Merecido.

Levantei com muito custo e fui até o banheiro não precisei de uma análise minuciosa no espelho para ver minha aparência desastrosa. Liguei o chuveiro e me joguei lá dentro na clara intenção de despertar de vez, ou que meu cérebro escorresse pelo ralo com a água. Escovei os dentes e voltei a passos de tartaruga para o quarto. Na mesa de canto vi um comprimido e o copo com água, seja quem fosse a criatura que deixou aquilo ali tinha minha gratidão eterna, nunca fiquei tão feliz ao ver um remédio.

NACIONAIS - ACHERON

Vesti o mesmo moletom emprestado da noite passada e optei por uma peça íntima confortável. Precisava de mais alguns minutos, talvez anos, na cama. Parecia que mal tinha fechado os olhos quando a porta do quarto bateu com uma força exagerada, o som reverberando e abalando as paredes já debilitadas do meu crânio. Gemi.

- Eu até pediria desculpas, mas sabe que não é do meu feitio. – E lá estava meu pesadelo pessoal, que mais parecia um sonho. Vestindo seu terno azul marinho, camisa social branca e gravata preta, senhoras e senhores, Ian Sovelev! Meu marido e recentemente descoberto como uma ótima babá para bêbados. Talentos ocultos sendo revelados. Me ergui sentando de uma forma desajeitada para poder observá-lo melhor e saber se as lembranças que tinha da noite passada eram

verdadeiras, a principal delas era de já não estarmos mais brigados. – E, você merece pelo que fez ontem. – Continuou enquanto tirava o casaco do terno e voltava a me encarar. Com um olhar analítico. –Você está péssima.

Abri a boca para que a maior quantidade de ar fosse absorvida e para que aquela frase não tivesse um efeito tão ruim sobre mim.

- Muito perspicaz da sua parte notar isso. – Cada palavra pingava sarcasmo e eu tinha certeza que meu rosto demonstrava meu desagrado.

Observei enquanto um sorriso se abria no seu rosto e me recriminei por adorar vê-lo. Quando aquilo me seria irrelevante? Já se tornava tedioso saber o efeito que ele causava nas mulheres, sim, porque Mcmillan era um prova perfeita de que não

existiam limites para a atração que o homem na minha frente exercia. Fiz um biquinho, o que raramente me permitia, por achar bem infantil, mas já era algo que não conseguia evitar.

- Sempre com uma resposta na ponta da língua. – Parecia mais uma auto reflexão. Se aproximou sentando ao meu lado.

-Deveria estar ocupado como sempre. E acho que não veio até aqui só para me dizer que estou deplorável. – Resmunguei ignorando a vontade de tocá-lo já que estava tão próximo. Parecia estar passando por um tipo de teste. Quatro dias sem tocar na pessoa que se deseja, mesmo que ela esteja sobre o mesmo teto que você. Isso porque não estou contando a noite de ontem, simplesmente não vale! Meus sentidos estavam completamente desfavorecidos. Passaram-se alguns segundos e ele não fez

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mais nenhum comentário, sendo assim me permiti continuar. – Vejo que não está mais tão bravo...

- Nunca estive bravo. – O olhei cética arqueando as sobrancelhas.

- Vejo que não... – Murmurei. – Foi apenas por diversão que colocou dois guardas do lado de fora do escritório, com a clara intenção de me manter longe. – Completei com um sorriso.

- Tudo bem, - Aquiesceu dando de ombros. – Talvez eu estivesse um pouco bravo.

- Fico feliz por sua sinceridade. – Sorri. Acho que a convivência vem me deixando mais atrevida. Bem, pelo menos tenho a quem culpar.

- Disse que conversaríamos ontem, mas não tenho muito a dizer. Afinal, tudo que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

falo você faz justamente o oposto. – Franziu o cenho tornando a sua expressão fechada. Ainda não me encarava, enquanto falava olhava para a janela do outro lado do quarto, que estava fechada pela cortina e mesmo assim parecia que via através dela. – Por que faz isso?

Quando me encarou perdi o fio da meada e tive que prestar uma atenção demasiada e súbita em minhas mãos entrelaçadas. Aquilo estava sério demais e acabaríamos brigando de novo. Sorri.

- Faz parte do meu charme. – Disse. Tentando aliviar o clima, ao escutar o som da sua risada soube que deu certo. – Não faço por querer.

Era verdade, as besteiras que acabava fazendo eram em sua maioria causadas por circunstâncias externas. Seus dedos tocaram

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

o meu rosto fazendo com que o encarasse e Ian estava mais próximo do que imaginei. Todas as vezes que via aquela expressão, aquele olhar azul profundo, nunca límpido, que escondia tanto me instigando a estar próxima, eu tinha certeza do porque me apaixonei. Infelizmente poucas vezes ela aparecia.

- Você é um enigma. Complicada demais às vezes, e outras tão simples quanto respirar... – Suspirei tentando me concentrar em suas palavras e não no modo como sua boca se mexia a cada pronúncia. – Natural.

O encarei mergulhando mais fundo dos seus olhos, como sempre, eu não me importava de me perder se fosse para encontrá-lo. O pedido mudo presente no silêncio, na respiração de ambos, a minha rápida e descompassada, a sua cadenciada e baixa. O que estava esperando?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sua boca pousou sobre a minha numa pressão leve, toquei seu rosto enquanto meus lábios se entreabriam para ele. Sugou meu lábio inferior o mordendo em seguida. Passou sua mão de meu rosto para o cabelo segurando firme ali, como se eu fosse a algum lugar. Sabia que já havia o beijado tantas vezes, entretanto sempre era melhor do que antes. Meu coração parecia bater mais rápido do que seria sua capacidade normal. Afastei buscando ar, seus olhos queimavam sobre minha pele, me arrumei de modo a ficar de joelhos sobre a cama puxando seu rosto para o meu novamente e ele veio a mim sem nenhuma resistência. Suas mãos na minha cintura apertando não o suficiente para machucar, minha boca sob a sua e com a ponta da língua percorri seus lábios em seguida os meus sendo atacados pelos seus com paixão, sua língua estudava

NACIONAIS - ACHERON

minha boca como fazia com a sua. A mão desceu para adentrar pelo *meu* moletom, sentindo a ponta dos seus dedos na minha barriga subindo e descendo foi inevitável o arrepio que me percorreu. Uma batida na porta foi o suficiente para acabar com a mágica.

Rapidamente Ian se afastou de mim, enquanto tentava normalizar minha respiração. Ao abrir a porta se deparou com Olívia que trazia uma bandeja com o que supus ser o meu almoço. Meu estômago se pronunciou e me senti corar, mesmo que ninguém tivesse ouvido. O Sr. Frio analisou por um segundo a situação. Ele estava absolutamente normal, enquanto eu ainda me mantinha meio aérea depois dos beijos e da sua mão que estava passeando em mim. Senti como sendo algo injusto.

- Pode deixar que me encarrego que ela
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

coma, Olívia. – Sua voz apesar de estar baixa estava mais rouca que o normal, talvez algo que só eu percebi.

- Claro, senhor. – Falou lhe entregando a bandeja e se afastou para o corredor. O observei fechar a porta num clique suave, mesmo segurando algo. Mais cedo tinha batido de propósito. Sentei encostada na cabeceira da cama e ele arrumou a bandeja sobre o meu colo.

- Acho que Olívia lhe mima demais. – Resmungou enquanto analisava a refeição a minha frente. Basicamente salada caesar e um copo de suco de uva, já que provavelmente passaria um tempo sem tomar vinho. Agradei internamente por ser um prato leve. Peguei os talheres e me pus a apreciar a comida.

- Está com ciúmes, Senhor Sovelev? –

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Perguntei depois de tomar um pouco do suco.

- Se estivesse, o que não é verdade, não seria de Olívia. – Disse revirando os olhos. Adorava quando ele fazia isso, meio que lhe dava uma expressão mais infantil. Soltei uma risada. Sem mais comentários comi em silêncio enquanto ele parecia não ter algo mais interessante para fazer do que inspecionar a minha refeição. Assim que terminei coloquei a bandeja de lado.

- Pensei que fosse um homem ocupado Sovelev, no entanto está aqui observando o jeito como me alimento. Se quiser aulas de etiqueta já vou avisando que não sou tão boa nisso. – Adorava brincar com ele, principalmente quando tocava no ponto dele ter modos bem mais refinados do que os meus, era verdade.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Vejo que está bem melhor. – Levantou arrumando a gravata, que antes ele tinha folgado um pouco, pegou o terno sobre a cama e o colocou novamente. Sim, eu tinha feito uma brincadeira, mas não queria que ele saísse.

- Não precisa sair... – Murmurei descontente. Ian se abaixou pousando os lábios nos meus e se afastando rápido demais. Ajustou as abotoaduras nos pulsos antes de voltar a me encarar.

- Tenho alguns assuntos para resolver. Estou mais tranquilo em ver que está melhor do seu... – Estudou por um momento a palavra. – Deslize, mas acho que deve descansar um pouco mais. A dor de cabeça vai sumir totalmente em pouco tempo graças ao remédio.

- Foi você que o deixou aqui? –

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Perguntei surpresa.

- Sim. – Deu de ombros como se não fosse nada, e de fato não o era para ele. Contudo meu coração se aquecia com o seu cuidado. – Se precisar de algo vá até o escritório, ou chame Olívia.

- Tem certeza que não serei barrada na entrada. – Sorri irônica e ele estreitou os olhos para mim.

- Sua tenacidade é encantadora, embora as vezes tenha vontade de arrancar esse sorrisinho do seu rosto. – Abri a boca em um espanto fingido. – Creio que conheço algumas técnicas.

- E quais seriam essas, Senhor?

- Incluem você, a mesa do meu escritório, ou pode até ser a biblioteca... – Tocou o queixo parecendo refletir enquanto minha respiração ficava em suspenso. O

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

meio sorriso se abriu no seu rosto enquanto arqueava uma sobrancelha. – O que acha?

- Não seria contra. – Sorri mordendo o lábio inferior.

- Vou pensar em algo. – Falou abrindo a porta e partindo tão rápido quanto chegou.

Aconcheguei-me na cama, mas não tinha de fato sono em parte graças aquela conversa. Fui até o closet, no compartimento para joias abri uma pequena gaveta tirando de lá o colar que me foi dado. O guardei ali no dia seguinte ao da briga, até minha pele parecia sentir falta do contato da peça em minhas mãos, ela se tornou mais valiosa do que todas as outras guardadas ali. Voltei para o quarto e em frente ao espelho coloquei novamente ela no lugar de onde não deveria sair.

Sem ter nada para fazer, voltei para a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

cama pegando o livro com sonetos de Shakespeare que tinha sequestrado da biblioteca e deixado na mesinha de cabeceira. Consegui me concentrar naquele mundo por alguns minutos, entretanto minha atenção não ficou fixa por tempo suficiente. Optei por trocar de roupa e andar um pouco. O que não faltava era lugar naquela casa.

Coloquei um vestido de mangas compridas, meias 7/8 e sapatilhas, mesmo depois de um bom tempo morando na mansão ainda não tinha usufruído de todas as novas aquisições no meu guarda roupa feitas por Ian. Desci trazendo comigo a bandeja que usei no almoço a levando até a cozinha, onde as empregadas sorriram timidamente e agradeceram. Me sentia desconfortável no meio delas, como sempre, talvez por não conseguir entender tudo o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que falavam. Passei alguns minutos procurando por Olívia, mas acabei aceitando o desencontro.

Segui para o jardim e caminhei um pouco, já tinha algum tempo que não ia ali, era confortável a brisa suave no rosto, bem diferente o vento cortante do inverno, sem neve para cobrir as árvores e as pequenas flores que cresciam nos canteiros, me perguntava quem cuidava daquilo, já que nunca nenhum jardineiro me foi apresentado. Alguns metros depois sentei novamente no banco que descobri quando cheguei aqui. O sentimento era tão diferente desde aquele tempo até agora, o coração mudou e, de certa forma eu tinha crescido.

Observei o caminho até a mansão me acomodei melhor no banco e analisei a paisagem na minha frente, tudo era lindo, ali era o tipo de lugar que nunca imaginei

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ter na vida. Viver aqui não era algo ruim, contudo sentia falta da minha independência, de ser mais livre. Os fios de cabelo faziam cócegas no meu rosto e começava a pensar que teria sido uma boa ideia colocar um sobretudo, provavelmente as minhas bochechas e a ponta do nariz já ficavam avermelhados. Suspirei fechando os olhos dando pouca importância.

Depois de uns minutos comecei a ficar desconfortável, como se estivesse sendo observada, me recriminei por ficar nervosa, era normal os seguranças da mansão ficarem por perto em qualquer lugar que eu fosse, não deveria ficar com medo, mas ao olhar para trás e em volta não vi ninguém, o tremor me percorreu todo o corpo. A adrenalina trabalhou rapidamente no meu corpo, quase instantaneamente me pus de pé e andei apressada em direção à mansão.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ouvi o farfalhar de folhas atrás de mim, como se estivessem sendo pisadas e corri quase escorregando pelo caminho. Explodi pela porta principal esbarrando em alguém e graças a velocidade que vinha caí sentada no chão do hall de entrada. Minha respiração alta e arfante pareceu preencher todo o espaço. Olhei para cima e me encarando com um olhar surpreso estava Ian.

- Você está bem? — Perguntou estendendo a mão para me ajudar a levantar, mas pelo modo como pressionava os lábios notei que estava segurando o riso. Alisei o vestido como se estivesse sujo, apenas me dando o tempo necessário para deixar de corar. — Posso saber o motivo da corrida?

- Pensei... — Hesitei, parecia tão ridícula a ideia que alguém pudesse entrar na mansão.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Fale, Ariel. – O tom firme na voz e o sumiço do ar risonho deixava bem claro que ele falava bem sério.

- Pensei que alguém estava me seguindo, mas deve ter sido coisa da minha cabeça... – Comecei a juntar as palavras e falava rápido demais porque ainda estava nervosa.

- Onde você estava? Viu alguém? – Ele me encarava procurando respostas, parecia até um pouco preocupado. Sinalizei que não com a cabeça.

- Não vi ninguém. Estava no jardim. Talvez tenha sido apenas coisa da minha cabeça. – Cruzei os braços em frente ao corpo numa tentativa real de manter aquele medo fora de mim.

- Mesmo assim vou mandar que os guardas façam uma ronda. – Tranquilizou passando um braço sobre os meus ombros

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

puxando para perto e me permiti ser abraçada sentindo o calor e o cheiro familiar. Com uma mão tirou o celular do bolso discando um número, rapidamente sendo atendido, deu a ordem sobre a ronda no perímetro. Assim que desligou sua atenção instantaneamente voltou a mim. – O que estava fazendo lá fora? Pelo que me lembro a deixei descansando no quarto.

Me apertei mais contra ele passando os braços por sua cintura.

- Não estava cansada e estava entediada.
– Resmunguei dando de ombros. Pegou meu rosto me fazendo encara-lo.

- Entediada? – Afirmei que sim num aceno. – Que tal um jogo?

Ele estava claramente tentando tirar minha cabeça do ocorrido a pouco, facilmente percebendo o leve tremor que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ainda percorria o meu corpo devido à carga súbita de adrenalina.

- Jogo?

Sorriu com o meu tom desconfiado. Me soltou do abraço em seguida segurando minha mão. Seguimos para o seu escritório e senti minhas bochechas corarem, a conversa de mais cedo voltando como um flash para minha memória. Ao entrar encarei a mesa enquanto outros pensamentos -lembranças nada descentes- ocupavam minha mente. Tirando sua mão da minha foi até uma prateleira da enorme estante, estudei seus movimentos descaradamente o encarando. Quando se virou novamente para mim segurava um tabuleiro de xadrez.

- Xadrez? – Chiei.

- Sim, - Sorriu deixando o jogo sobre a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mesa de mogno onde trabalhava e me encarando. – O que estava pensando que seria?

Corei mais sob seu olhar. Ele, apesar de não saber tinha um poder sobre mim maior do que o imaginável, e do que seria saudável.

- Hm, que mente suja, Ariel Sovelev.

- Eu não... – Não tive como argumentar enquanto o meu rosto parecia estar em chamas. A sua risada percorreu todo o ambiente.

- Muito bem, vamos jogar xadrez... Por hora. – Falou já se sentando em sua cadeira de chefão e arrumando as peças em seus devidos lugares. Me dirigi a uma das cadeiras de estavam perto da mesa e me sentei. Acabei por ficar com as peças brancas. Em poucos segundos as organizei

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

no tabuleiro o encarando, com um aceno de mão ele me indicou para começar.

De início optei por uma defesa siciliana, mas logo descobri que Ian Sovelev tinha mais talentos do que deixava transparecer. Durante o jogo dei boas risadas, por exemplo, quando capturei um de seus bispos e ele me olhou como se tivesse cometido um crime. Por fim, devo admitir que ele era bem melhor do que eu, porém me senti muito satisfeita comigo mesma por lhe dar trabalho.

- Xeque-mate. – Murmurou a auto satisfação derramada em suas palavras. Com as mãos entrelaçadas apoiou o queixo. Ergui as mãos em rendição. – Tenho que admitir que é uma excelente jogadora, Sra. Sovelev.

- Agradeço o elogio, Sr. Sovelev.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Qual sua peça favorita? – Apesar de estranhar a pergunta respondi prontamente:

- A rainha. – Riu, e fiquei ansiosa sobre o que ele diria a respeito. Se tinha algo que aprendi sobre Ian, era que jamais ele falaria uma coisa que não tivesse importância, em absolutamente tudo havia um significado.

- Imaginei. – Pegou a peça do tabuleiro a analisando. – Não é a mais importante, contudo é a mais forte. Além até do que o próprio rei. – Me encarou. – Um fato curioso é que nem sempre foi assim, ela foi adquirindo força e importância apenas num determinado período da Idade Média. – Pousou a peça sobre a mesa e seu olhar ainda sobre mim mais parecia uma carícia física. – *Douce Dame**

- Daria um excelente professor de história, Ian. – Disse me levantando. –

NACIONAIS - ACHERON

Agradeço pela partida, da próxima posso até derrotá-lo. – Caminhei até estar do seu lado, ele virou a cadeira para ficarmos frente à frente. Abaixei um pouco para que meu rosto ficasse no mesmo nível que o dele, lhe dando um beijo em um canto da boca depois no outro. Sua mão tocou meu rosto com suavidade descendo pelo meu pescoço, segurou o colar na ponta dos dedos.

- Fico feliz que tenha voltado a usá-lo. – Quer dizer que ele tinha notado isso, sorri. – Tem um lugar que quero lhe levar. – Franzí o cenho confusa. – Amanhã iremos até lá.

- Onde? – Sorriu como um garotinho que aprontava alguma coisa.

- Será uma surpresa. – O seu celular tocou me fazendo ter um pequeno susto. Passou o braço pela minha cintura para que ficasse ali, não iria protestar. Enquanto

PERIGOSAS

atendia o aparelho, passei os dedos distraidamente pelos fios macios do seu cabelo, observando como alguns ficavam mais claros sob a luz. – Tudo bem.

Desligou mas mesmo assim não afastou minhas mãos pelo contrário, apertou ainda mais minha cintura.

- Eles não encontraram nada na área da mansão. – Sua voz era baixa, mas mesmo assim havia uma nota de algo a mais.

- Deve ter sido de fato algo da minha cabeça. – Eu não sabia se colocava muita confiança nisso, a sensação foi real demais.

-Hm. – Detestava quando ele apenas murmurava algo ininteligível, porque fazendo isso apenas me dava certeza de que seus reais pensamentos estavam escondidos. Me abaixei selando nossos lábios. Qualquer coisa sendo esquecida momentaneamente.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Poderiam as coisas, apenas uma vez, serem
fáceis para nós?

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 19 – Pedido

Calor intenso e um sabor doce. Me faça esquecer o medo e todas as circunstâncias que nos trouxeram até aqui. Um toque bom que minha pele reconhecia e precisava, e tudo em mim pedia por apenas um pouco mais, um momento a mais. Suspirei sentindo seus lábios se afastarem dos meus, seu hálito de menta sendo sentido por mim, que me permitia ficar em suspenso no ar por poucos segundos, aproveitando o efeito que tinha sobre meu corpo, mente e talvez algo a mais. Meus olhos focaram finalmente nos seus observando aqueles que um dia me pareceram tão frios e distantes, contudo hoje me cativavam completa e totalmente.

- Já estamos nesse escritório há bastante tempo, devemos nos apresentar para o
NACIONAIS - ACHERON

jantar. – Murmurou de forma que sua voz não quebrou de modo algum aquela atmosfera que nos envolvia. De fato o tempo passou rápido demais porque ao olhar para a janela do outro lado que permanecia de cortinas abertas, o céu já estava escuro e enfeitado por poucas estrelas. – Você é uma distração absoluta, Ariel.

Afastei-me com um meio sorriso mesmo que não o quisesse fazer de fato. Ian era bem fiel a sua pontualidade, na maioria das vezes, principalmente durante as refeições. Durante todo tempo que estive aqui ele pouquíssimas vezes se atrasou. Passei as mãos pela saia do vestido que estava meio amarrotado, enquanto esperava que colocasse o tabuleiro de volta ao seu lugar. Franzi o cenho ainda analisando minha roupa, era impossível desamassar aquilo só

PERIGOSAS

com as mãos. Dei de ombros porque não me importava muito, estaria jantando em casa de qualquer forma.

Acompanhei o senhor da mansão até o lado de fora, subitamente sentindo vontade de retomar a nossa conversa. Claro, que quando se tratava de conseguir alguma resposta de Ian Sovelev, ou se conseguia um enigma, ou uma resposta rude que me deixaria chateada, mas mesmo assim ouvir a voz dele, conseguir uma risada solta ou uma expressão surpresa vinha sendo a minha missão favorita. Porque muito tinha mudado, aos poucos, mas tinha. Puxar assunto era mais fácil porque o temor ficava oculto pela curiosidade e por aquela vontade intensa de saber mais sobre aquele homem. E se naquele dia ele estava se abrindo tanto quem seria eu para desperdiçar a oportunidade?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Então, eu lhe disse qual a minha peça favorita... E a sua? – Perguntei enquanto caminhávamos para a sala de jantar. Vi o sorriso leve atravessar seu rosto e seu olhar pousar sobre mim.

- Isso pode ser muito revelador... – E aí estava... O enigma. Arqueei a sobrancelha numa típica careta de ironia. Como diabos uma peça de xadrez pode ser reveladora? Só para alguém como ele.

- Por que você é sempre tão misterioso? – Resmunguei, mas sem de fato me sentir incomodada, a minha análise anterior estava certa, e isso era uma prova de que estava começando a conhecê-lo.

- Faz parte do meu charme. – Disse enquanto abria a porta do salão para que eu pudesse passar primeiro. Por fim voltei a fitá-lo e este piscou para mim de modo

NACIONAIS - ACHERON

arteiro, logo não pude conter uma risadinha baixa. “*Não posso dizer que estava errado ao afirmar isso, Sovelev*”. Ele estava usando a frase que falei mais cedo naquele dia.

Nos sentamos enquanto os empregados que já esperavam na parede oposta começaram a servir o jantar. Eu achava engraçado o modo como tudo na mansão procedia exatamente nos conformes, talvez tudo fosse Olívia que organizasse, mas não sei ao certo o porquê, contudo para mim também tinha o dedo do Senhor Frio. Ele era sempre tão controlador e decidido nas suas coisas. Que ter empregados extremamente pontuais e organizados ao ponto de quase ler a mente dele para saber o que desejava, não parecia tão absurdo assim.

O prato foi posto a minha frente, perfeito

NACIONAIS - ACHERON

como todas as outras vezes, mesmo olhando para aquela beleza não sentia fome alguma. Peguei os talheres e fiquei mexendo a comida no prato, vez ou outra levando um pouco até a boca. Ian tinha sua atenção dividida entre a refeição a sua frente e me olhar analítico, no entanto sem comentar nada.

Quando o jantar terminou, fomos para a minha sala de leitura. Claro, por que aquele era meu cantinho na mansão, e o jardim, mas só de lembrar o que aconteceu naquela tarde sabia que demoraria um bom tempo para ter vontade de voltar lá sozinha. Recriminei-me por pensar dessa forma, o Sovelev mandou que fizessem uma revista na mansão e nada foi encontrado, contudo o medo e a adrenalina da perseguição foram tão reais quanto qualquer coisa que eu já tinha vivido, assim como o barulho de

NACIONAIS - ACHERON

passos apressados seguindo os meus. Afinal, por que alguém me seguiria?

Assim que me acomodei no sofá creme e espaçoso, testemunha inanimada do meu porre da noite anterior, ele tomou o lugar ao meu lado. Tirando o terno e soltando a gravata. O jeito relaxado como se largou mostrava o quanto estava cansado, e preocupado mesmo que tentasse ocultar isso durante todo o dia. Provavelmente o meu episódio no jardim mais cedo também o deixou estressado, somando a isso o meu porre. Caramba, realmente lhe dava trabalho sem ao menos perceber que o fazia.

- No que está pensando? – A voz baixa e levemente rouca me despertou e sorri sem graça. – Não era algo bom...

- Como...? – A descrença pintava o meu tom. Eu deveria ser muito fácil de ler ao

PERIGOSAS

contrário do que ele disse mais cedo, ou o Sr. Frio estava se especializando em de fato ver por trás de minhas palavras e ações. O que era um problema, até quando eu conseguiria esconder meus sentimentos pelo homem de sorriso leve a minha frente?

- Você franzi aqui... – Falou tocando o espaço entre as minhas sobrancelhas. – E faz um biquinho bem pequeno quando está pensando algo problemático, ou quando está se recriminando.

- Eu não me recrimino! – Exclamei. Mentira. Faço isso quase sempre, provavelmente numa espécie de autoflagelamento mental. Ele definitivamente não precisava saber disso. – E você dizendo que sou difícil de ler... Mentiroso.

- Eu disse que às vezes, mocinha. Assim

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

como a maioria das mulheres, você é de fases. Mas não tente me distrair, o que estava pensando? – Não queria retomar o assunto da perseguição e nada parecido, desejava manter aquele clima ameno.

- O quanto você me conhece e eu não sei quase nada sobre você... – Disse mordendo o lábio inferior meio temerosa de que modo ele levaria esse comentário, torcendo para que fosse o Ian brincalhão que prevalecesse. – Não parece justo.

- Não sou conhecido por ser justo. – Sorriu enquanto pendia a cabeça para trás. – E existem muitas coisas que não sei sobre você.

- Por exemplo... – Incentivei. Era difícil imaginar algo assim, o comentário sobre Will sendo lembrado com clareza na minha mente, constrangedor. Seu olhar que

NACIONAIS - ACHERON

estava perdido no teto voltou a pousar em mim, enquanto um sorriso preguiçoso se abria naquela boca fina e bem desenhada.

- Anjo, você se distrai tão facilmente. – Era verdade, eu deveria estar arrancando informações daquela versão comunicativa, mas no lugar disso estava me oferecendo para ser ainda mais descoberta por ele, sem ao menos saber o porquê, apenas me deixava feliz. – Por que escolheu estudar medicina?

Fiquei meio perdida pela mudança repentina de assunto e também por ser justamente esse. Eu sentia falta de muita coisa em Nova Iorque, do meu pai, dos poucos colegas que tinha, de ser mais ativa e útil, mas não necessariamente do hospital. Chegava a ser meio patético ter estudado tanto, para no fim não ser feliz com sua profissão, exatamente como acontecia

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

comigo.

- Eu costumava pensar que assim ajudaria muitas pessoas. A ideia de salvar vidas me cativava totalmente. – Sorri um pouco envergonhada. – Mas medicina vai muito além de um sonho branco.

- É um jeito bonito de se pensar... – Refletiu voltando a fitar o teto.

De fato o era, entretanto como eu conseguiria acreditar que salvar os outros era o meu dever e que podia fazer isso, quando a pessoa que eu mais amava morreu sem que pudesse fazer nada? Remédios, horas e mais horas no hospital e apenas a via definhando diante de mim. Passei a mão nos olhos como se estivessem coçando, mas na verdade eles ardiam pelas lágrimas presas, era sempre assim quando eu pensava na minha mãe. A saudade nunca vai

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

embora, ela fica guardada numa gaveta junto com as lembranças esperando apenas uma pequena brecha para escapar trazendo a superfície sentimentos agridoces, como tristeza misturada com alegria.

– Mesmo que não seja a realidade. – Completou.

- É... E você, o que estudou enquanto esteve fora? – Perguntei tentando tirar um pouco o foco de mim.

- Como sabe que estudei fora? – A curiosidade estava ali praticamente em neon pitando as palavras, mas ele agia ainda de um jeito relaxado.

- Você não tem praticamente sotaque nenhum quando fala inglês, por isso pensei... – Estava fazendo minha melhor voz de inocente e de desinteresse possível, todavia as experiências passadas deixavam

NACIONAIS - ACHERON

bem claro que atriz estava longe de ser uma profissão viável para a minha pessoa. Além do que não queria deixar Olívia em maus lençóis por ter me contado grande parte do que sei sobre ele.

- Estudei economia fora da Rússia, mas assim que terminei tive que voltar. — Disse distraído.

- Não parece um curso que combina com você. — Falei me aproximando mais dele. — Ian Sovelev não faz o estilo intelectual.

Estava me baseando nos alunos desse curso que eu tinha conhecido, e decididamente o Sr. Frio não era nada parecido com eles.

- Pois fique sabendo que fui um dos primeiros alunos do curso. — Fez um tom fingido de ofendido. Era tão bom conversar com ele nessas circunstâncias, cada vez

PERIGOSAS

mais conhecia um Ian diferente, o lado garoto que estava por trás do homem frio e indiferente.

- Um dos primeiros a ser expulso. — Gargalhei.

- Mas que mulher impossível! — Antes que me desse conta seu rosto estava bem próximo ao meu, um filete de ar separava meus lábios dos seus e nossos olhos estavam conectados, já tão conhecidos um ao outro. Perdi instantaneamente o ar brincalhão e sem palavra alguma e de uma hora para outra um clima febril se instalou entre nós dois.

Sua boca tocou a minha suavemente e quase não pude sentir, mordi o seu lábio inferior, esperando, ansiando um contato maior. Quando aprofundou o beijo pude sentir na minha língua o sabor do vinho que

NACIONAIS - ACHERON

tomou no jantar. Certo que havia prometido a exclusão de bebidas alcoólicas da minha vida, mas Sovelev e vinho são uma combinação mais que explosiva para mim e impossível de recusar. As mãos dele passaram para minha cintura me puxando mais para ele, entendendo a intenção passei minha perna por cima das suas e com pouco esforço estava no seu colo. Acomodei-me de modo a ficar bem colada a ele, meus seios pressionados de encontro ao seu peito.

Acabei o beijo com um selinho sem fôlego. Ele segurava bem mais ar do que eu e enquanto me recuperava, afastou o cabelo para um lado deixando meu pescoço a sua disposição. Primeiro apenas passava a boca entreaberta de cima a baixo, em seguida a ponta da língua. Coloquei minhas mãos para trabalharem na sua camisa. Tirando botão por botão de cada casa, revelando aos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

poucos sua pele. Mordi meu lábio com força ao sentir no meu pescoço agora pequenas mordidas, meu corpo estremeceu e de repente outras partes de mim queriam atenção. Agora a camisa parecia ter botões demais, me fazendo desistir daquele serviço por enquanto. O empurrei de leve e seu rosto se voltou para mim com uma expressão de confuso e chateado por ter sido interrompido. A boca bem mais vermelha que o normal me chamava e com certeza não tinha forças, nem queria recusar, suguei o lábio inferior logo tendo minha língua recebida pela sua, e um gemido rouco e baixo que soltou fez com que o fogo que antes estava lento passasse a literalmente me consumir, rápido e voraz.

As mãos espertas começaram a subir meu vestido, as pernas descobertas sendo percorridas pelas unhas curtas, meus poros

NACIONAIS - ACHERON

cada um deles, pareciam mais sensíveis do que o normal. Aquilo seria muito bom! Um barulho baixo fez com que separasse nossos lábios. O que porcaria era aquilo? Passei a procurar em volta o que fazia aquele som, Ian parecia estar ignorando-o enquanto tentava abaixar as mangas do vestido obtendo sucesso em uma beijando delicadamente o ombro exposto. Me distraí e o barulho parou. O trabalho dele do outro lado começou e eu apenas prestava atenção em seus gestos lentos. Como a parte de cima da minha roupa era um pouco folgada também, assim que ele terminou o tecido caiu até a cintura me deixando nua daquela parte para cima, se bem que boa parte para baixo estava enrolada.

Seus olhos voltaram a encarar os meus, na boca um meio sorriso contido, permiti que meus dedos deslizassem por seu

maxilar numa carícia leve, a qual ele inclinou o rosto para receber. Em momentos como esse eu tinha a certeza que nunca tive a chance de não me apaixonar por ele. Era muito fácil ama-lo, ele só tinha que deixar.

Voltei a beija-lo, dessa vez bem lentamente aproveitando cada movimento de suas mãos em mim, do sabor doce que tinha e o cheiro forte, uma mistura de menta e algo mais forte. Decidi continuar com minha tarefa em sua camisa, mas antes que pudesse ir muito longe naquilo o som irritante e inoportuno recomeçou. Ian pressionou os lábios nos meus com mais urgência, contudo ambos sabíamos que não iria parar. Nos separamos um pouco ofegantes e finalmente pude raciocinar de onde vinha aquilo, do terno que ele havia acabado de tirar.

Suspirei começando a me recompor,
NACIONAIS - ACHERON

assim que as mangas do meu vestido estavam no lugar me pus de pé meio desajeitada graças às pernas um pouco bambas, efeito Senhor Frio. No tempo que levei para me arrumar, ou ao menos tentar, ele pegou o celular examinando a tela por alguns segundos antes de atender.

- Estou ouvindo. – A expressão fechada, quase como se uma sombra estivesse cobrindo o seu rosto junto à voz baixa e lenta mostrava que não estava de bom humor. Infantilmente me senti melhor por saber que não era a única frustrada com a situação. Definitivamente hoje não era o meu dia. – Espero que seja algo importante Dimitri caso contrário...

Se interrompeu para escutar a pessoa do outro lado. Eu adorava o Dimitri, mas dessa vez ele conseguiu perder alguns pontos comigo. Ainda ouvindo a explicação pude

NACIONAIS - ACHERON

ver o rosto de Ian se metamorfosear e foi como se tivesse envelhecido alguns anos. Num gesto automático de frustração já bem conhecido por mim, subiu a mão passando pelos fios do seu cabelo com mais força do que o necessário.

- Mas você conseguiu encontra-lo? Qualquer coisa é útil... – Ainda sem colocar a camisa no lugar se pôs de pé e sem olhar para trás o vi sair da sala provavelmente em direção ao escritório. Qualquer que fosse a informação que Dimitri tivesse passado não era coisa boa. Senti a curiosidade tomar conta de mim, e como perguntar diretamente ao Sovelev não teria efeito algum, só me sobrava uma opção...

O único número que tive que decorar desde que cheguei à Rússia foi o de Elissa, por insistência da mesma. Nem mesmo o celular do Sovelev eu sabia. Mas como ela

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

era uma fonte segura, optei por ligar usando o telefone fixo que havia naquela sala, já que aparelho celular foi um dos itens confiscados na viagem também. O que era um bom lembrete, até quando eu ficaria incomunicável?

Depois de chamar três vezes Elissa atendeu com uma voz sorridente.

- Sabia que não demoraria a ligar! – Já nem me surpreendo com esse excesso de informação constante que é aquela mulher. No fim, eu ainda estava me recuperando da noite passada enquanto ela que havia bebido o dobro estava de bom humor e pronta para outra. – É meio deprimente saber que você só me liga quando Ian não pode estar com você. Mas vou deixar passar... Como está?

Revirei os olhos para o seu tom choroso e para aquela última pergunta. Era cruel

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

perguntar algo assim.

- Ainda me recuperando. – Resmunguei.
– E me perguntando como Dimitri tem um senso tão inconveniente para ligações.

- Eu não lamento por isso. Sabia que graças a Ian Sovelev, o meu marido passa os dias trancado naquele escritório? E anda mais estressado do que o normal. Contudo, por essa conversa posso deduzir que vocês fizeram as pazes. – Era incrível que mesmo pelo telefone eu podia imaginar a expressão maliciosa que ela fazia. Quem via Elissa delicada e de boa postura não imaginava o que havia por trás. Tive uma leve noção na madrugada passada. – Antes que me esqueça, tenho uma novidade!

Também era impossível não se empolgar com a animação que demonstrava. Sorri.

- Novidades são sempre bem vindas... –

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Falei enquanto me arrumava de novo no sofá.

- Decidi... – Fez suspense. – Que vou abrir uma galeria de artes!

- Nossa! Isso é ótimo. – Me lembrei dos quadros que ela tinha pela sua casa, que eram incrivelmente lindos e diferentes. – Algo me diz que irá se sair muito bem nesse projeto.

- Quero que você me ajude, digo, se puder. Adoraria ter sua companhia. – Disse enrolando um pouco por estar falando muito rápido. Eu? Ajudando numa galeria? Gostava de artes, mas isso não significava que entendia alguma coisa disso. Claro, contando também com o fato de viver reclusa dentro da mansão. Ian me deixaria trabalhar com Elissa nisso? Um pouco difícil prever a resposta. – Tenho uma ideia

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para o lugar, estou pensando em algo bem vintage. Entretanto vou ter que esperar essa situação passar. Dimitri anda tão tenso...

- Por falar nisso... Você sabe o que está acontecendo? – Perguntei voltando o foco para o motivo inicial da minha ligação. Ele estava certo eu me distraia muito facilmente.

- Bem, não sei exatamente o que, mas sei que começou antes do dia em que vocês vieram almoçar aqui, lembra? Desde então só piorou. Você até comentou que Ian estava mais estranho que o normal. – Ouvi um barulho do outro lado da linha. – Meu deus, esse cachorro vai destruir a casa! Sebastian desça já daí!

Os gritos duraram um pouquinho antes dela desistir, desligar o telefone numa despedida rápida e tentar conter o furacão

NACIONAIS - ACHERON

que era o sebastian. Subi para o quarto logo depois afim de um banho rápido e uma roupa menos amassada. Água quente e o sabonete líquido que eu usava foram suficientes para tirar o cheiro de Ian de mim. Vesti um moletom antigo herança da minha época na universidade e um short de tecido qualquer.

Deitar naquela cama enorme e olhar para o teto se tornou um passatempo bem comum para mim. Era quase uma terapia, a vida ficava girando a minha volta para que eu pudesse observar os fatos, às vezes achava tão louco tudo isso que me sentia vivendo outra vida, o que de certa forma era a realidade. Nada era simples e lógico, mas mesmo assim, ainda não podendo prever as próximas atitudes *dele*, não tinha vontade de ir embora.

Abracei-me ao travesseiro. Algumas
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

coisas me assustavam, a intensidade dos meus sentimentos e até onde seria capaz de ir por ele. Sinceramente no início achei que tudo voltasse ao normal com o tempo. Que a queimação na pele ao me tocar passasse, que a preocupação e a vontade de estar perto voltasse a ter um nível normal, e definitivamente não era assim.

Quando minha mãe faleceu disse que tinha me ensinado o máximo que podia no tempo que teve, e eu acreditei nisso como uma espécie de consolo. Entretanto, agora queria com todas as minhas forças ter ela ali para me ajudar a entender o que era tudo isso. Se apaixonar não tem explicação! O que sentia agora superava em anos luz o carinho que senti por qualquer ex-namorado. Tudo antes era controlado, agora basta apenas um olhar dele para que eu me desfaça. Sorri de olhos fechados lembrando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

como ele ia do toque firme ao mais suave, caminhando entre a luz e a escuridão.

Depois de uns minutos revirando na cama resolvi descer e procurar algo para comer. Já que na hora do jantar apenas olhei a comida no prato. Andando pelos corredores, lembrei que nos meus primeiros dias na mansão tudo me parecia sombrio, agora estava tão habituada que até os pontos escuros e com obras de arte estranhas possuíam sua beleza. Como não encontrei nenhum dos empregados caminhando pelo lugar assumi que todos já deveriam ter se recolhido para a ala dos empregados e decidi ir eu mesma preparar algo para comer, coisa que não fazia desde que cheguei aqui.

A cozinha era uma imensidão, qualquer programa de culinária teria inveja dali, armários por todos os lugares de tons
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

escuros, prateleiras bem posicionadas com diversos potes de vidro e especiarias, no centro do lugar havia um enorme balcão em gravito negro. Ignorando um pouco as tantas outras coisas – Havia panelas ali que eu nem conhecia a existência-, fui até a geladeira pegar um pouco de leite, assim que coloquei a caixa em cima do balcão me dei conta de que não sabia onde ficavam os copos. Comecei a abrir os armários tendo sorte na terceira tentativa. Além de copos, encontrei biscoitos que Olívia servia geralmente com chá. Leite e biscoitos com gotas de chocolate, me sentia criança de novo. Ouvi uma risadinha baixa atrás de mim e girei rapidamente quase derrubando tudo.

- Uma cena para guardar na memória. – Ian ainda estava vestido do mesmo jeito, apenas os botões que voltaram as suas

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

casas. – Você não comeu nada no jantar para poder assaltar a cozinha?

Perguntou se aproximando de mim com seus passos lentos.

- Não estava com fome naquela hora. – Disse pegando outro biscoito e mordendo a metade. – Quer?

Ofereci mostrando o pote na bancada, mas o lindo mordeu o pedaço que ainda estava na minha mão, depois pegando o copo de leite e tomando um gole.

- Isso era meu. – Exclamei acenando para o copo.

- Jura? – Arqueou as sobrancelhas e parecia um garoto querendo provocar, não aguentei e cai na gargalhada. Definitivamente isso não combinava com ele. Com um braço me puxou pela cintura e apenas deixei meu corpo ser envolvido

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

naquele abraço. – Preciso de um banho e cama, mas a minha esposa não estava lá para aquecer o lugar, como proceder?

Ri subindo as mãos para sua nuca arranhando de leve.

- Posso agendar um horário.

Certo, tenho total certeza que os biscoitos perdem feio quando o pedido é feito acompanhado por um sorriso autêntico do meu Senhor Sovelev.

Capítulo 20 – ESPECIAL SOVELEV III

Entrelacei meus dedos nos seus percebendo a maciez daquela mão menor do que a minha; o calor que passava dela a mim. De uma forma nova essa e tantas outras pequenas atitudes dela me eram reconfortantes, como um escape do constante estresse que vivia, principalmente nos últimos tempos. Olhando para ela eu tomava conhecimento de algo incrível e estranho, difícil de definir ao certo. O mundo colorido e brilhante no qual Dimitri estava associado permanentemente, antes me pareceu estúpido e impossível, agora podia ver que as fronteiras daquele tal lugar eram tênues e facilmente transponíveis. E talvez, já estivesse com os dois pés dentro

NACIONAIS - ACHERON

dele. Assustador.

Sempre quis acreditar que cada ambiente da mansão era obscuro demais, como se clamasse pela solidão, para que ela se sentasse em um dos sofás ou admirasse uma das pinturas na parede. Talvez porquê assim fosse mais fácil, do que ver que realmente o buraco do vazio está em mim. A cada instante sendo aberto por uma lembrança que um cômodo na casa me traz. Aquele agonizante grito silencioso de memória. Eu nunca o superava, mas recentemente esses flashes de passado ruim, vem sendo ocultos pela luz ofuscante que Ariel traz. Enquanto a tinha ali caminhando ao meu lado, tudo parecia passar por mim sem realmente me alcançar. Nunca precisei pensar em alguém além de mim mesmo e as atitudes que vinha tomando ultimamente não pareciam pertencer a mesma pessoa que vinha sendo

PERIGOSAS

durante todos os anos da minha vida. Ela não se adaptou a mim, na verdade, eu que me moldei a ela.

Assim que atravessamos a porta do quarto se jogou na cama com um sorriso brilhante, de qualquer jeito igual uma criança faria. E novamente, era incapaz de não lhe devolver um sorriso.

Me dirigi ao banheiro, precisava relaxar, meu corpo parecia um nervo exposto, meus ombros rígidos junto a um cansaço que era tanto psicológico quando físico. Nos últimos dias não dormi muito mais que alguns cochilos ocasionais, e o quarto de hóspedes do outro lado do corredor bem no final, se tornou mais um dos lugares que me desagradavam na casa. Liguei a ducha no mais quente, de início resultava num encontro incômodo com minha pele,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

contudo em seguida me relaxava os músculos enquanto fingia não pensar em nada. O tempo pareceu fluir invisível e apreciei cada instante. Desliguei e me enrolei numa toalha que sempre ficava ali a minha espera. Passei a mão no espelho para desembaçar a imagem refletida. No passe de mágica mais conhecido por mim, os problemas voltaram a me rondar.

A voz na minha cabeça me perguntava como eu iria agir, porque era claro que algo estava errado. Há alguns dias um dos meus homens sumiu como se um maldito buraco tivesse surgido aos seus pés e o engolido, sem rastros. Obviamente não existe um sinal muito bom de que o acharíamos. O problema do roubo de meus carregamentos ainda em aberto, onde o maldito ladrão de merda que peguei na Túrquia preferia morrer sem abrir a boca imunda, -

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Surpreendentemente algo que ainda não aconteceu. Realmente o ruim é difícil de quebrar-. E como se esses já não fossem assuntos suficientes para me deixarem em estado de alerta máximo, Ariel era seguida por alguém dentro da mansão, aqui, bem embaixo dos meus olhos o que me punha a ponto de explodir, porque sim, mesmo que nada fosse pego pelas câmeras ou pelos seguranças – que ultimamente tem se mostrado cada vez mais inúteis – duvidava que tudo não passasse apenas da imaginação fértil da minha esposa. Se tratava de muita coincidência todos esses eventos de uma vez só, e eu não sou um homem que acredita em tal coisa.

Não tinha lembrado de trazer uma roupa comigo, então saí apenas de toalha sendo recebido instantaneamente por um olhar surpreso e ligeiramente malicioso. De modo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

algun me passava despercebido o quanto aqueles olhos tinham mudado, apesar de algumas atitudes inconsequentes eles mostravam mais maturidade, e a faísca de raiva tão constante direcionada a mim, deu lugar a algo profundo e igualmente poderoso, eu não me atrevia a tentar adivinhar o que era. Embora, a imaginação alce voos surpreendentes às vezes.

- Viu algo interessante? – Perguntei com um tom indiferente, que devo admitir foi um pouco forçado. Cruzei os braços e a observei sentada sobre a cama, usando um moletom velho com o símbolo da universidade e shorts curtos que deixavam suas pernas bem a mostra.

- A verdade? – Tive vontade de rir, não tinha necessidade de comentar o quão ruim era sua perícia para mentiras. Estreitei os olhos numa clara expressão de: *“pensei que*
NACIONAIS - ACHERON

você sempre dissesse.” Dando uma risadinha constrangida e por fim mordendo o lábio inferior, respondeu: - Acho que a palavra “interessante” não é certa, na verdade vi algo muito atraente.

Caminhei lentamente até a cama e sem me sentar ou encostar nela, estendi a mão para que segurasse, entretanto ignorando a mesma engatinhou lentamente até mim. Segurei a respiração, trincando os dentes. De joelhos se pôs a minha frente sem qualquer movimento que indicasse mais aproximação. O sorriso de lado que me lançou mostrou que Ariel sabia exatamente o que estava fazendo. Segurei sua cintura com ambas as mãos acabando com a mínima distância ali existente e mesmo que ela ainda estivesse vestida e a toalha permanecesse em mim, o seu leve tremor não foi imperceptível, do mesmo modo que o suspiro que soltou foi bem acolhido por

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

minha boca faminta sobre a sua.

Poderia até estar sendo um pouco brusco, mas como eu era fissurado por aqueles lábios pequenos, pelos movimentos sutis daquela língua sobre a minha, tentando com tanta propriedade acompanhar e acolher a minha fome, a necessidade absoluta que sentia por ela. O sabor doce de chocolate ainda estava ali se unindo ao delicado sabor natural que tinha. Poderia facilmente beija-la pra sempre. Percebi que minhas mãos apertavam em demasiado, o que com certeza a marcaria, forçando um pensamento coerente por minha mente nublada fui soltando mais o aperto e liberando sua boca. O leve gemido de reclamação dela pareceu atear fogo a minhas veias por onde circulava algo inflamável no lugar do sangue.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- O que eu faço com você, Anjo? – Minha voz saiu arrastada e um pouco ofegante enquanto recuperava a minha respiração. Como manter distância e controle com algo que desejava ao ponto de ser incoerente?

- Tenho algumas sugestões... – Disse corada passando a língua por entre os lábios. – Não que precise, normalmente sabe muito bem o que fazer.

Sua mão acariciou meu peito descendo para o tórax e sabia bem onde ela queria chegar e adoraria deixa-la livre naquele caminho, contudo estava necessitado da visão, a melhor em minha opinião. E que de um jeito possessivo e autoritário desejava ser o único a ver. Segurei-a e levei até meus lábios, primeiro beijando os dedos um por um, por fim chegando ao dedo polegar

NACIONAIS - ACHERON

mordendo a carnosidade, foi como um presente que a percebi prender a respiração. Soltei-a.

- Tire. — Acenei para o seu moletom, sem pensar duas vezes puxou a barra da vestimenta me olhando de um jeito preguiçoso enquanto já tinha aberto o caminho todo até abaixo dos seios parando.

- Precisando de ajuda, anjo?

- Não, apenas queria ver a sua cara de indignado. — Riu, tirando por completo finalmente a peça. A analisei sem fazer questão de disfarçar. Os quadris não muito largos, apenas o suficiente para desenhá-la, a cintura fina, a barriga lisa e por fim os montes alvos de um tamanho médio com auréolas rosadas, a pele num tom delicioso de pêssego, suave e delicada. A besta em mim estava desperta ansiando por morder, sugar, lambe cada canto do seu corpo. A

batalha contra aquele instinto já havia sido perdida há tempos.

- Penso que não deveria brincar assim...
– Murmurei levando minhas mãos desejosas até seus seios tocando suavemente quase com reverência, Ariel empurrou o corpo em minha direção em busca de mais contato. – Posso simplesmente perder o controle.

Seus olhos que estavam fechados a apreciar meu toque, abriram refletindo as chamas que estavam no meu interior.

- É desse jeito que fico a cada interrupção. Ligações e a porcaria toda. – Estava claro a indignação na sua fala e até um certo ressentimento, mas me sentia exultante ao saber que ela sentia falta, que tanto quanto pra mim, as paradas que éramos obrigados a fazer lhe irritavam.

- Vou compensa-la. – Passei meu nariz

PERIGOSAS

por sua nuca sentindo o perfume suave de frutas vermelhas já tão característico pra mim, em seguida era minha boca que tomava aquele espaço sugando e beijando. – Sem telefonemas, sem ninguém. Somos só eu e você. O que me diz?

- Que vou adorar cada segundo. – Falou a frase entre os suspiros que soltava. A entrega dela tinha uma ligação direta com a fera em mim, já era muito longe para voltar atrás.

Deitei- a novamente na cama, aquela criatura nasceu para ferrar com meus neurônios, me tornar incapaz de pensar em qualquer outra coisa que não fosse tê-la em meus braços. Os cabelos revoltos sobre o lençol, a respiração rápida e ansiosa fazia seus seios subirem e descerem numa dança hipnótica. Tirei a toalha que se mantinha na minha cintura, voltando a ela levei meus

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

dedos ao cóis do short o puxando lentamente, numa tortura tanto pra mim quanto para ela. Levantou o quadril para me ajudar na tarefa e nos poupando de mais segundos agonizantes retirei a peça, a deixando apenas com um pedaço de tecido minúsculo que ela definiria como calcinha. Num movimento de precisão certa e sem usar muita força sobraram apenas partes do item delicado. Finalmente pele junto a pele.

O arrepio como pequenos choques a cada movimento, era estranho o prazer cru e simples que sentia apenas por tocá-la. Quando seus braços envolveram meus ombros num abraço meus lábios voltaram a beijar seu pescoço descendo lentamente pelo colo até enfim chegar aos seios onde me permiti dar toda atenção necessária, o desejo refletido em nós dois. Suas unhas logo acharam as minhas costas que sempre

NACIONAIS - ACHERON

ficavam marcadas dos meus encontros com a Sra. Sovelev, mesmo a leve ardência daquele local era prazerosa.

Fiquei tão concentrado na minha tarefa e nos meus sentidos todos em desordem que percebi tarde demais o movimento rápido que fez me colocando abaixo dela e sentando sobre minhas coxas. Sorri sem nenhum ressentimento diante a atrevida mulher sobre mim, era ainda melhor olha-la daquela maneira. Um pequeno brilho de suor já se espalhava por sua pele a tornando mais resplandecente e fazendo alguns fios de seu cabelo grudarem na nuca. Subi com minhas mãos por suas pernas, apreciando em silêncio as marcas vermelhas na nuca e colo, realmente muito sensível. No topo do mundo, não tinha como descrever melhor a sensação. Tão distante que meus problemas e o mundo inteiro me eram irrelevantes e

inexistentes.

- Você sempre parece mais bonita a cada vez que te olho. – Sussurrei a estudando. Vi a surpresa e a timidez banharem os traços finos do seu rosto. Talvez por eu não falar coisas assim com frequência e de um jeito tão intenso, contudo não deixava de ser uma verdade. Era linda. E por saber que isso não chegava a ser metade do que sentia por ela, crescia o receio do desconhecido.

Seus lábios pousaram sobre os meus e voltei a me concentrar apenas no momento, mais tarde poderia refletir acerca dos meus sentimentos, - Aí está um pensamento que nunca imaginei ter; o beijo tênue de agradecimento pelo elogio não permaneceu por muito tempo assim, tomei o comando passando meus dedos pelo seu cabelo a mantendo no movimento que eu queria, como ela sabia acompanhar perfeitamente.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sentei com o seu calor sobre mim, ansiando por um lampejo do paraíso.

Nenhum pensamento racional o suficiente, bastava a necessidade que meu corpo sentia de estar ao encontro do seu. Uma poeira levada por um vendaval, flutuando a seu bel sabor. Era exatamente assim que estava a minha mente. A melhor maneira que conhecia para superar o extraordinário estava naquele instante se encaixando a mim lentamente, ou talvez fosse o inverso, vaguei num plano em branco sentindo o prazer correr junto a minha corrente sanguínea. Seu gemido suave me alcançando não importava onde estivesse, meus braços ainda queriam envolve-la mais. O seu prazer me dava mais prazer. O seu desejo inflamava as chamas em mim ainda mais.

As mãos pequenas permaneciam agora
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

em meu cabelo puxando os fios de acordo com os movimentos que fazia. Tirei os cabelos dos ombros para ter acesso ao local onde passei a beijar suavemente contrastando com o aperto que empregava na cintura e coxas. Controle era uma palavra inexistente. Aliás, qualquer frase coerente estava definitivamente fora de minhas capacidades no momento.

A boca pequena e macia delineava meu maxilar, queixo até pousar sobre a minha que estava entreaberta a sua espera, a língua contornou meu lábio inferior – E vagamente me perguntei onde ela conseguia concentração no meio de tudo aquilo para empregar em mim mais aquela pequena tortura. – Mordeu por fim arrancando um grunhido estrangulado meu, era demais esperar que não me afetasse com aquela mistura de sensações tomando conta. . Me

NACIONAIS - ACHERON

abraçou apertado seus seios pressionados contra meu peito, enquanto me beijava sedenta. Movi com pressão maior, ainda devorando sua boca. Era a besta que ela queria? Pois teria.

Segurando- a pela cintura nos virei naquele emaranhado de lençóis ficando sobre a mesma, que me encarava ofegante. Segurei seus braços sobre a cabeça, nossas mãos entrelaçadas, meu quadril ainda de encontro ao seu com mais força, me via como uma onda a reivindicando, suas pernas se cruzaram em minha cintura apertando e puxando de encontro a si. *“Querida, eu não iria a lugar algum longe daqui...”* Soltando murmúrios em versões emboladas do meu nome suas costas se arquearam, ao mesmo tempo que as unhas faziam um prazeroso caminho ardente por minhas costas. Ariel parecia brilhar tão bela, NACIONAIS - ACHERON

corada, entregue a mim. Minha total perdição. Me deixei levar com a testa encostada na sua, olhos nos olhos por fim encontrando aquele lugar especial que só conheci através dela.

Enquanto recuperava minha respiração e os leves tremores que perpassavam o meu corpo se perdiam pude apreciar o carinho leve com a ponta dos dedos que ela fazia percorrendo minha nuca e descendo pela coluna, logo voltando a subir. Nem que desejasse conseguiria me afastar me posicionei de modo que pudesse deitar minha cabeça sobre seu peito sem machucá-la, sentindo o cheiro dela que agora era maculado pelo meu próprio. Sorri sem entender bem o porquê de gostar tanto dessa ideia.

Seu coração batia ainda descompassado e sua respiração estava um pouco rápida,
NACIONAIS - ACHERON

detalhes que jamais me passariam despercebidos. Suspirei, quando seus lábios tocaram minha cabeça num beijo, sem motivação, nem pedido, apenas porque queria me dar... Carinho? Confuso é o mínimo para como me encontrava. Nada acostumado com demonstrações de afeto, tudo tão novo, assim como aquele gesto suave parecia alcançar o mais profundo de mim.

- Durma assim, sei que anda cansado ultimamente. – Disse ainda me acariciando. Minha mente concordou no mesmo instante sem relutância alguma, e meus olhos começavam a pesar cobrando o preço pelos dias insones.

- Você acabou com minhas últimas energias. – Respondi me preparando para levantar e ir para o lado. Por mais que quisesse permanecer ali. – Se ficar assim

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

será incômodo para você, anjo...

Passei o nariz pelo vale entre seus seios a deixando instantaneamente arrepiada, sorri. Isso seria bom, passar a noite inteira nela, o simples pensamento me deixando mais desperto, contudo Ariel deveria descansar tanto pela ressaca quanto para os planos que tinha com ela na manhã seguinte.

- Não acho nada incômodo, Sr. Sovelev. É quente, macio e devo acrescentar... - Fez uma pequena pausa cheirando meu cabelo. – Bastante cheiroso.

- Está me cantando, anjo? – Perguntei já aceitando a ideia de permanecer ali. Evitei um bocejo, detestando me sentir tão cansado. Poderia passar a madrugada ouvindo a voz dela, compensando o tempo que estive afastado.

NACIONAIS - ACHERON

- Com certeza. – Riu por um instante logo ficando em silêncio e um pouco tensa.
– Sinto sua falta quando está longe...

Agora não era apenas ela tensa. O que estava acontecendo? Porque aquela simples frase parecia dizer bem mais, e esse “mais” parecia justamente o que faltava. Respirei fundo, o perfume que me acalmava fazendo efeito. Queria encarar seus olhos e tentar decifrar o que ela queria dizer, quais seus verdadeiros pensamentos, - uma coisa que vinha aprendendo muito ultimamente, ler a mulher que me tinha nos braços-, entretanto eu mesmo não queria correr o risco de que ela visse algo em mim que não entendia, quando respondi:

- Também sinto... – Minha voz saiu tão baixa que suspeitei que não ouviria, mas automaticamente seus braços me apertaram mais. Duas palavras e a verdade mais pura e
NACIONAIS - ACHERON

simples estava gravada em cada sílaba. Fechei os olhos sendo embalado pelos movimentos de sua respiração. Sonhar se tornava tão fácil, até para mim, quando tinha a luz ali.

Acordei com um chamado ao longe, resmunguei. Queria ficar ali por mais tempo, era confortável, e parecia que eu tinha acabado de fechar os olhos. “*Ian...*” a voz me alcançou e sorri, por ela eu poderia acordar. Abri os olhos lentamente e ainda me encontrava na mesma posição em que dormi. A luz já entrava pela janela do quarto forte, provavelmente já estava mais tarde do que imaginei.

Me levantei alongando os músculos, voltei minha atenção a mulher deitada, seu cabelo uma bagunça total e o rosto parecia cansado, contudo a beleza ainda estava ali, no sorriso leve, nos olhos brilhantes. Voltar

NACIONAIS - ACHERON

para a cama se tornou uma opção válida e muito convidativa, mas prometi leva-la em um lugar hoje. E no meu pensamento mais íntimo sabia que aquilo seria um passo à frente naquele relacionamento confuso que tínhamos. Fui até o closet pegar apenas uma calça de moletom, vesti e voltei para o quarto onde Ariel permanecia do mesmo jeito. Aproximei tocando o seu pé.

- Ariel, hora de levantar. – Tentei ser o mais persuasivo possível. Quando ela apenas resmungou virando para o outro lado, completei: - Você que me acordou primeiro...

- Sim, mas não significa que temos que levantar... – Sorri subindo na cama e consequentemente ficando por cima da versão menina de Ariel Sovelev. Fazia um biquinho com certeza tentando me convencer. Beijeí sua testa e bochechas,

NACIONAIS - ACHERON

realmente a cada minuto ficava mais difícil resistir a ela e seus trejeitos.

- E o que tem em mente, anjo? – Perguntei me apoiando nos braços para poder admirar melhor o rubor forte tomar conta de sua expressão. Engraçado como mesmo depois de já sermos bem... Íntimos, seu constrangimento nunca a deixava totalmente. Acaricieei seu rosto, depois puxei seus braços para que envolvesse minha nuca. – Vamos levantar. Lembra que prometi lhe levar em um lugar hoje? Sempre mantenho minha palavra...

Instantaneamente seus braços me soltaram e ela os estendeu para o alto, aproveitei para me levantar de vez, temendo realmente mudar de ideia e seguir as ideias da Sra. Sovelev, ficar na cama e bem... O planejado poderia sofrer leves alterações. Balancei a cabeça incrédulo com minha

NACIONAIS - ACHERON

inconstância quando se tratava dela.

- Sovelev, você bem que poderia ser mais convincente. – Cruzei os braços olhando-a com uma sobrancelha arqueada.

- Como seria “convincente”, minha Sra.? – Sabia que naquele joguinho de palavras iríamos demorar ainda mais para sair, contudo minha pontualidade não estava valendo muito no momento. Se enrolou desajeitada em um dos lençóis e escorregou as pernas para fora da cama.

- Bem, poderia ser mais sutil. – Me aproximei rapidamente e segurei sua nuca, seu rosto próximo o suficiente para estarmos nariz com nariz.

- Sutileza não é o meu forte... – Murmurei, depois mordendo o seu lábio inferior finalizando com um encostar de lábios. E rápido como vim, a soltei me

afastando. – Seja rápida, anjo. Ou prefere uma mudança de planos?

Seus olhos me encaravam totalmente despertos, e a energia do quarto parecia mais elétrica. Claramente, aquele simples toque fez ascender o desejo por algo mais. Se tornava mais difícil principalmente por saber o quanto era bom o encontro entre nós dois.

- Não está facilitando, Sr. Sovelev. – Respondeu finalmente e com um olhar desejoso seguiu para a suíte. Respirei fundo observando seus passos e o dançar do tecido por seu corpo. *“Pelo contrário, anjo... Você é que não facilita.”* Pensei. Minha doce tortura.

O clique suave da porta sendo fechada fez com que eu comesse a organizar o dia mentalmente. Optei por colocar uma

camiseta branca qualquer para ir atrás de Olívia em algum lugar daquela casa. Sabia que estava completamente atrasado para o que planejei, coisa mais do que rara para mim, e isso fez com que uma risada me escapasse. “*O que aquela mulher faz comigo?*”

Deixei o quarto podendo ouvir o som do chuveiro do outro lado. Desci as escadas principais de dois em dois degraus numa pressa incomum, e por sorte a pessoa por quem procurava estava no terceiro corredor que entrei.

- Sr. Sovelev... — Cumprimentou com um sorriso leve e gentil que o seu profissionalismo permitia. Ainda não sei como ela conseguia, afinal a mulher tinha me visto nascer e crescer até hoje, e mesmo assim me tratava como se sempre tivesse sido o senhor daquela mansão, e nunca o

NACIONAIS - ACHERON

garoto que ela alimentou e cuidou. Claro, meu respeito por si não poderia ser maior.

- Olívia poderia preparar uma mesa de café da manhã simples, já que estamos num horário mais avançado? – Perguntei já tendo como feita aquela tarefa. Eficiência era algo indispensável para quem trabalhava para mim, isso e discrição.

- Claro, Sr. Com licença. – Respondeu já se retirando.

Voltei pelo corredor em direção ao meu escritório, precisava deixar algumas coisas prontas se quisesse realmente seguir meus planos. Estava ansioso e nervoso com o que poderia acontecer depois desse dia. Meu relacionamento com Ariel foi indo cada vez mais longe, com certeza mais do que imaginei que poderia ir, fora do comum, algo imprevisto. E coisas assim tendiam a

PERIGOSAS

me deixar com um passo atrás, contudo naquela situação eu não me via fazendo isso, na verdade a atitude que tomaria hoje seria como dar dois passos em frente fechando os olhos. Ou seja, completamente fora da minha natureza.

“Pense com a cabeça. Sentimentos só vão matá-lo rapidamente...” A voz alta e rouca, tão familiar se fez ouvir no meu consciente e balancei a cabeça rapidamente. Tudo o que não precisava era de uma reprise dos ensinamentos distorcidos do homem que me criou para o que sou hoje. Passos atrás de mim me despertaram para o presente e os braços delicados que envolveram minha cintura afastaram o que sobrou daqueles pensamentos sombrios. O cheiro de frutas vermelhas se apossou dos meus sentidos fazendo um leve sorriso se abrir nos meus lábios.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Você foi rápida Sra. Sovelev... – Disse ainda de costas para ela. Se movendo lentamente sem soltar ficou frente a frente comigo, seu sorriso leve e o rosto limpo a deixavam impressionantemente mais brilhante. Como um raio de sol.

- Sei ser prática quando quero. – Murmurou me apertando suavemente, para logo em seguida se soltar pondo os braços atrás das costas.

- Bom saber disso. E claro, que essa praticidade não tem nada a ver com a sua curiosidade quase compulsiva. – Brinquei contendo minha vontade de rir da sua expressão de ultraje fingido.

- Fique sabendo que não nego nada. A culpa é sua, você desperta esse lado meu, sendo todo misterioso. – Resmungou agora olhando algo invisível em sua unha. A puxei

NACIONAIS - ACHERON

pela cintura com um braço e delicadamente levantei o seu queixo para que seu rosto estivesse a centímetros do meu. Aproveitei o descompasso em sua respiração e batimentos. Ah, o que posso fazer com ela...

Quero tirar seu chão assim como tira o meu toda vez que seus olhos me encontram. Ariel era um puro desafio velado por um desejo quase doentio. Brigar. Gritar. Beijá-la. Abraça-la. Brincar. Tudo o que me levasse a tê-la era desfrutável. Claro, que vê-la vermelha de raiva e sem fala me dava tanto prazer quanto aconchegar seu corpo ao meu, éramos nós e isso bastava.

Cobri seus lábios entreabertos com os meus num beijo sutil e mesmo que não tenha sido algo profundo, mas sim breve, fez com que um arrepio me percorresse e a pequena chama em meu interior voltasse a se ascender. Ela afastou seu corpo um

NACIONAIS - ACHERON

pouco trôpego para trás deixando um espaço entre nós.

- Vou saciar sua curiosidade em breve. Enquanto resolvo uns assuntos pendentes, por que não vai tomando café? Já pedi que Olívia preparasse a mesa. – Informei a observando arrumar a postura e respirar fundo. Por alguns instantes observei sua escolha de vestuário, algo simples; camiseta branca, calça jeans escura, um casaco de lã preto e botas marrons. – Ótima escolha. – Acenei para suas roupas. Ela corou agradecendo com uma aceno, se virando e seguindo por um caminho oposto ao meu, quase com pressa.

Me surpreendia sempre como ela podia ir da mulher corajosa e obstinada, a uma menina doce e envergonhada, sempre um mistério quem ela seria no dia e até mesmo isso me fascinava.

PERIGOSAS

Segui para o escritório onde deveria ter deixado o celular na noite passada. Difícil me separar dele, mas ultimamente só venho fazendo coisas fora da minha rotina. Ninguém tinha permissão para entrar ali, a não ser que eu a desse, nem mesmo para limpar. Ainda que a porta estivesse sempre destrancada. Entrei dando uma rápida olhada em volta, um costume que adquiri anos atrás e que não perdia. “*Você deve sempre estar pronto para tudo.*” Outra regra se fez ouvir e me perguntei por que os meus demônios resolveram despertar justamente hoje. Ignorando totalmente esses fantasmas segui até a mesa organizada logo encontrando o que queria. Vi que não tinha nenhuma chamada perdida ou mensagem e disquei o segundo número da chamada rápida.

Depois de chamar duas vezes uma voz
NACIONAIS - ACHERON

animada e desperta atendeu do outro lado:

- Em que posso ajuda-lo, soberano? – Perguntou com ironia, e ao fundo escutei o som de vento forte, provavelmente estava dirigindo.

- Preciso que resolva as coisas para mim hoje. – Falei. Me sentia mal por deixar tudo nas mãos dele, mesmo que só por um dia. Não por falta de confiança, mas porque sabia o fardo que carregava e deixa-lo nas mãos de outra pessoa parecia cruel, mesmo que não fosse a melhor pessoa para definir o que é crueldade ou não.

- Sem problemas. Apenas para informa-lo, estou a caminho da última pista que tivemos do nosso desaparecido, já que é o pouco que posso fazer. – Sua voz deixava claro o quanto aquilo lhe incomodava. Dimitri detestava se sentir inferior a

PERIGOSAS

alguém, ou seja, perder qualquer pista de quem estava por trás dos roubos de carregamento e do sumiço de um membro do meu pessoal estava acabando com a paciência infinita dele, e a ínfima que eu tinha também.

- Qual a pista? – Perguntei olhando pela janela o céu claro que contrastava com a temperatura baixa.

- Consegui rastrear o GPS do carro que ele usava, mas não acho que vá adiantar de muita coisa. – Resmungou. Também pensava aquilo, mas não queria me desfazer da ideia. Ao menos era algo que poderíamos fazer.

- Certo. Preciso desligar agora. E Dimitri... – Chamei. – Preste atenção na porra do mundo a sua volta.

Eu sabia que ele era um dos melhores

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

homens que trabalhavam para mim, mas tenho que reconhecer que às vezes ele esquecia a merda que nos envolvia até o pescoço. E mesmo que fossemos da mesma idade, eu tendia a trata-lo como um irmão mais novo. Sua risada rompeu pela linha:

- Pode deixar comigo. — Assim que terminou de falar desliguei.

Respirei fundo e apoiei a testa no vidro frio a minha frente. A minha tendência natural era trocar o desespero pela fúria, exatamente o que acontecia no momento. Algum verme lá fora estava querendo ver meu fim, estava querendo me caçar aos poucos como a merda de um coelho assustado, mas não seria tão simples. Minhas mãos estavam formigando para ter o ser em mãos, e quando chegasse a hora, eu mesmo acabaria com tudo.

NACIONAIS - ACHERON

Disquei outro número e esperei.

- Quero dois homens prontos para sair daqui a 20 minutos. – Comuniquei assim que atenderam, logo desligando novamente. Pus o celular no bolso da calça do pijama que ainda usava, voltando a me dar conta de como estava vestido. Revirei os olhos. Caminhei para fora fechando a porta atrás de mim. Provavelmente Ariel ainda tomava café, ela comia lentamente e aos poucos igual a um passarinho. Meus passos ecoavam pelo corredor por onde passava, a raiva parecia irradiar de cara poro como uma aura que me envolvia e por sorte ninguém deu de encontro comigo, sorte da pessoa, claro.

Empurrei a porta da sala de jantar onde eram feitas as refeições e como imaginei Ariel ainda se encontrava lá, um morango parado a meio caminho da sua boca. Seus

NACIONAIS - ACHERON

olhos curiosos voltados pra mim, encobertos com um brilho sutil. E novamente a mágica acontecia e a raiva era drenada de mim. Não poderia ter acertado mais no seu apelido. “*Anjo.*” Meu anjo.

Fui até a cadeira que geralmente usava e me sentei, não exatamente para apreciar a refeição. A fúria residual tirava o apetite. Me servi de algumas torradas, blinis com geleia e café puro. Levei a comida a boca e ignorei a sensação de estar sendo observado, lentamente e depois de três porções limpei a boca com o delicado guardanapo voltando a atenção para a linda mulher a minha frente que agora tentava disfarçar o seu olhar intenso e constante sobre mim.

- Já terminou ou está apenas ansiosa? – Perguntei, afastando o prato com o pouco que sobrou intocado. Acenou que sim e não

NACIONAIS - ACHERON

pude achar sequer graça de sua impaciência porque também sentia a ânsia tomar conta de mim. Estava assim tão obvio para ambos o passo que precisávamos dar? A última parede a ruir. Levantei e caminhei até o seu lado para ajudá-la a levantar. Entrelacei nossas mãos e levei até mim dando um leve beijo nos nós de seus dedos, tranquilizando a ambos naquele gesto. – Vou me trocar então podemos ir, ok?

- Claro. – Ainda que tenha dito isso não soltei sua mão, a conduzi comigo para fora e todo o caminho de volta ao quarto. Soltei-a para que sentasse na cama. – Vou esperá-lo aqui.

Sorri.

- A não ser que queira me fazer companhia no banheiro... – Soou como uma sugestão. Assisti seu rosto corar

intensamente e ergui uma sobrancelha. Seus olhos entregavam seu interesse tão facilmente...

- Desse jeito nunca sairemos daqui. – Disse com um meio sorriso.

-Tem razão. – Pontuei e segui o plano original, apenas parando para tirar a camiseta que usava jogando despreocupadamente no colo de uma Ariel incrédula. Fechei finalmente a porta do banheiro ainda podendo escutar um: “*Joga sujo...*” ser dito suavemente do lado de fora. Retirei as poucas peças que me sobraram e entrei no box deixando a água quente me lavar completamente...

Saí com uma toalha enrolada na cintura, porque realmente não tinha o costume de levar para o banho as roupas que iria usar. A expressão desejosa do rosto da Sra. Sovelev

PERIGOSAS

ao acompanhar meus passos foi apenas um bônus. Optei por um casaco de gola alta preto, calças jeans escuras e coturnos, um estilo que raramente usava. A muito me adaptei ao mundo dos ternos e gravatas. Passei apenas os dedos pelos fios rebeldes do meu cabelo e estava pronto.

Depois que voltei do closet me deparei com uma Ariel jogada preguiçosamente sobre a cama. Sorri indo até lá. Seus olhos estavam bem despertos, estendi minha mão para ela que a envolveu de imediato, então a puxei para ficar de pé. Usando um pouco mais de força do que o necessário fez com que seu corpo fosse de encontro ao meu. Sinceramente pensei que ela daria um passo atrás como lá embaixo, mas não seria Ariel caso não me surpreendesse. Seus braços foram até o meu pescoço e sua boca pousou próxima ao meu ouvido sussurrando:

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Não poderá me culpar no dia que acabar atacando você. — Terminou arrastando sua boca entreaberta pelo meu maxilar, então mordendo meu queixo. Deixando o vazio quando se afastou seguindo para a saída. Fiquei atônito por alguns milésimos de segundos antes de ir atrás daquela dissimulada. Com um sorriso claramente mal intencionado no meu rosto.

Um jogo se formou. Eu a provocava e ela devolvia na mesma medida. Ataca e recua. Apenas para ver quem perde o controle primeiro. Preferi deixa-la andar alguns metros a minha frente, porque com toda certeza se a tocasse naquele momento os planos do dia seriam completamente cancelados.

Na entrada da mansão Marcus e Alexander esperavam a postos ao lado de um 4x4 totalmente preto, estacionado um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pouco mais a frente estava o meu Audi R8 de mesmo tom, a maioria dos meus carros eram dessa cor. Lembro de já ter dito a Ariel que era para ser discreto e ela debochou que aquele tipo de carro nunca seria definido como “discreto”. Passei direto pelos seguranças enquanto Ariel lhes sorriu amigavelmente. Revirei os olhos. Abri o lado do passageiro e esperei que ela se acomodasse para dar a volta e ocupar meu lugar.

- Pronta? – A olhei de canto enquanto ligava o automóvel, desfrutando o ronronar do motor até que sua voz chegou a mim, a empolgação banhando seu tom:

-Completamente.

Passamos pelo portão principal seguidos de perto pelo 4x4. Por pouco tempo, assim que me vi numa pista vazia acelerei, quase

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sendo perdido de vista pelos seguranças. Não gostava de me sentir cercado, contudo entendia bem a necessidade de andar sempre com seguranças próximos a mim, na grande maioria das vezes com mais de quatro homens. E nos últimos tempos estava difícil até respirar sem que houvesse alguém vigiando as minhas costas.

Em resumo, um incômodo necessário.

- Se for mais rápido vamos acabar decolando. – O tom brincalhão quase escondeu o leve nervoso no final, quase. Reduzi lhe dando um meio sorriso. – Quero chegar inteira ao tal lugar misterioso.

- Com certeza vai. – Eu jamais deixaria que algo acontecesse com ela. Isso era uma convicção minha, porque não saberia lidar com um fracasso. – Apenas me distrai com algumas coisas. – Expliquei.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Não está me tranquilizando, senhor. Por favor, mantenha o foco na estrada a sua frente, sim? – Puder ver quando cruzou os braços reforçando a postura de quem estava dando uma bronca. Difícil levar a sério uma pessoa que mal chegava aos meus ombros. Neguei com um meio sorriso e de fato me foquei apenas no caminho que tínhamos que fazer.

Fiz minha escolha na tarde passada, algo que vinha pensando durante toda a semana. Precisava daquele passo, era necessário abrir o espaço para que Ariel entrasse de vez na minha mente. Que ela me visse, e então estaríamos juntos em definitivo. Porque como já havia dito, era incapaz de deixa-la partir. Simplesmente era algo sem o qual não poderia mais viver. A mulher a minha frente se tornará a minha maior razão e mesmo que tentasse escapar de uma

NACIONAIS - ACHERON

constatação final, eu sabia a realidade em que me encontrava. Só me restava mostrar a ela, de uma forma que entendesse no que consistia estar comigo.

Não era fácil pra mim encontrar brechas, ou abaixar minha guarda. Estava durante toda minha vida prisioneiro do que fui ensinado a ser, tendo meus próprios demônios e pecados como carcereiros. O que iria fazer nos próximos minutos ia contra tudo que fui ensinado, mas o que sentia por ela ia além de toda lógica, desde o início. Apertei o volante ao me dar conta de que já estávamos perto. Nervosismo também era algo que voltava a experimentar depois de muito tempo, e estava insatisfeito comigo mesmo por não conseguir controlar isso.

Procurei por um lugar para estacionar, o que foi rápido. Ariel observava tudo a sua

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

volta ávida por informações. Desci do carro para ajudá-la, seus olhos que antes não tinha um foco fixo finalmente pararam em mim.

- O que tem em mente, Sovelev? – Arqueou uma sobrancelha, me estudando daquele jeito que parecia querer ver através de mim. Entrelacei nossas mãos, e seus dedos estavam mais frios que os meus.

- Muitas coisas... – E você é a principal delas, completei internamente enquanto a levei a caminhar comigo para o nosso destino real. Enquanto várias pessoas passavam por nós. Normalmente eu evitava lugares muito movimentados, mas isso também fazia parte da beleza do lugar.

Paramos em frente aos enormes portões de ferro fundido que eram a entrada principal do Jardim de Alexander, foram projetados em comemoração as vitórias

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

russas sobre Napoleão. O lugar em si se tratava de uma constatação daquela conquista. Sua mão apertou um pouco mais a minha demonstrando sua empolgação com o lugar novo, se tornava cada vez mais fácil agradá-la e seu sorriso era uma motivação irresistível para mim.

- Este é o Jardim de Alexander. – Apresentei. – O parque em si é dividido em três jardins. Provavelmente não teremos tempo de caminhar por todo o lugar, mas vou te mostrar os lugares dos quais mais gosto.

- Então está se candidatando como o meu guia turístico do dia?

- Bem, sim. Elissa com toda certeza só te apresentou os melhores lugares para fazer compras em Moscou. Eu vou te apresentar o meu lugar favorito. E como sei que gosta de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

jardins, acredito que fiz uma boa aposta. – Completei com um meio sorriso.

- Seu lugar favorito? Isso está cada vez melhor... – Comentou já me puxando pela mão para que enfim pudéssemos entrar.

Logo na entrada principal vimos o túmulo do “Soldado desconhecido” e lhe contei a história por trás daquele gesto, o papel que o homem incógnito teve na vitória da Rússia. Ela prestava atenção em cada sílaba com um sorrisinho delicado. Me senti um professor de história, mas foi algo divertido.

Caminhamos por um bom tempo e passamos por muitas pessoas, boa parte turistas de vários cantos do mundo. Ficou bem claro que sua parte favorita foram as diversidades de flores que cobriam boa parte do lugar. Eram campos inteiros. E até

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pra mim a fascinação era compreensível. Escolhi um banco próximo e vazio para que pudéssemos sentar. No olhar de fora até parecíamos um casal normal, e talvez pudéssemos ter sido. Caso fossem feitas outras escolhas, ou vivêssemos outra vida...

- É tudo muito bonito. – Murmurou sentada ao meu lado pousando a cabeça no meu ombro. – Obrigada por me trazer aqui...

O silêncio deixou algo pelo ar e instantaneamente meu corpo ficou tenso. Tanto ela quanto eu sabíamos que havia mais.

- Por que esse é seu lugar favorito? – Seus olhos varriam o lugar se fixando num ponto vazio.

- É um lugar aonde todos os tipos de pessoas vêm. Olhando de fora, ninguém se

NACIONAIS - ACHERON

destaca. Eu gosto dessa fantasia. – Disse pousando meu queixo sob sua cabeça, sentindo seu perfume suave. – Quando era mais novo, não aceitava quem eu era, meu sobrenome e tudo que ele trazia e aqui era o meu ponto neutro.

- Então nesse lugar eu posso ver um Ian que existiu anos atrás, ou que ainda existe? – Ponderei por alguns segundos, em busca de uma resposta verdadeira.

- Uma parte dele, não seria verdade se dissesse que existe num todo. Afinal, as pessoas mudam, não é?

- Claro, seu modo de pensar, de sentir...

E eu sabia que ela falava por ter experimentado em si essas mudanças. Os sentimentos que carregava agora eram bem diferentes dos que tinha quando chegou a Moscou alguns meses atrás. E comigo

PERIGOSAS

acontecía o mesmo, numa metamorfose mais sutil, meu desejo se tornou algo mais forte que libertava a minha alma, como nunca consegui fazer sozinho. E eu estava pronto para ela agora...

- Existem coisas que não podemos controlar. — Sussurrei e por estar tão próxima de mim não foi difícil que ouvisse.

- Realmente. — Sua mão pousou no meu joelho e apertou suavemente. — Quero saber mais sobre você. A verdade, me deixaria ver?

- Há muito em mim que não quero que veja. — Murmurei sentindo a tristeza se apossar de mim, a amargura tomando conta do meu interior. — Eu já te disse que é muito escuro, e sou pior do que pode sequer imaginar.

Sua cabeça abaixou sutilmente e sua

NACIONAIS - ACHERON

mão se retirou de mim, mas a alcancei antes que a distância se estendesse.

- Mas, vou contar o que precisa saber. — O fato de não olhar em seus olhos me acalmava um pouco facilitando com que as palavras fluíssem. — Vou te dizer o suficiente para que saiba como cheguei à pessoa que sou hoje. Certamente já sabe de algumas coisas, não?

Viver tantos meses num lugar que guardava tanto, provavelmente lhe ajudou a tomar suas próprias conclusões. Isso sem contar o que ouvia pelas paredes e por bocas invisíveis. Contudo, quero que certas verdades sejam ditas por mim.

- Não fui criado como a maioria das crianças, e não vou dizer que gosto de lembrar dessa época. Aprendi a me fechar para as emoções de fora, e poucas coisas me

afetavam no meu universo. Sei lidar com a minha própria dor e olhar o sofrimento de alguém com indiferença, isso se fazia necessário, e francamente, não me importava. Sou senhor do meu mundo. Podia ter tudo o que me dispunha a desejar... – Sorri com uma admiração amarga. – Era a minha verdade. Até por os olhos em algo maior do que o que eu sou, do que tudo que fiz...

Afastei-me e segurei delicadamente seus ombros pra que nos encarássemos naquela enxurrada de verdade que soltava sobre ela.

- O que te trouxe até aqui foi minha obsessão por você. Eu a quis como alguém que vê uma joia bonita numa vitrine. Igual a um bem sobre o qual eu tinha absoluto direito. – Estava plenamente consciente do quanto fui, e continuava sendo, egoísta. – Simplesmente tinha que estender a mão e

NACIONAIS - ACHERON

pegar.

Dei de ombros. Já que estava naquele ritmo porque não mostrar o quão ruim podia ser? Ela mesma disse que desejava a verdade.

- Pensei que passaria com o tempo, mas tê-la no lugar onde queria, tornou tudo ainda pior. Sua recusa, ou raiva não significava nada. No fim, estava sob os meus cuidados, me pertencia. Querendo ou não. — Seus olhos me estudavam e continuou calada provavelmente lembrando dessa época. — Mas então você mudou, radicalmente! — Ri ainda meio incrédulo com aquilo. — Entenda, eu sei lidar com o ódio, mas qualquer coisa próxima de carinho me deixa desnortado, mesmo agora. Me tornei incapaz de não deixa-la estar em cada pensamento meu, de não querer conversar e conhecê-la melhor. Ver além do que

NACIONAIS - ACHERON

relatórios podem me dizer. Ser capaz de lê-la. – Toquei seu queixo o acariciando com o polegar. – De me render a você, Ariel.

Seus olhos estavam fechados absorvendo minhas palavras dolorosas e tão limpas. Na clara verdade que buscávamos.

- Não está sendo fácil pra mim dizer tudo isso. É completamente diferente do que eu sou. Posso nunca poder dizer o que você realmente quer ouvir. Existe a possibilidade de nunca entender o suficiente disso pra poder lhe entregar mais. – Minha voz saia lenta porque queria ser o mais claro possível. – Contudo, absolutamente tudo que houver de bom em mim, pertence a você.

Lágrimas desciam por seu rosto e queria poder dizer que tudo iria melhorar, mas estaria sendo sincero? Alguma vez as coisas

PERIGOSAS

no mundo aconteciam com um final feliz? Entretanto, por ela, encontrei em mim uma vontade de que assim o fosse. Beije seus olhos tomando para mim o peso que havia em cada gota.

- Meu maior pecado foi desejar-la tanto assim, e olha que tipo de pecador sou... Não me arrependo. Porque tudo o que fiz a trouxe para mim. – Disse me distanciando para poder ver melhor seu rosto. – Escolhi esse lugar para te dizer tudo isso sem realmente pensar, e agradeço por ninguém ter parado para ouvir todas essas revelações...

Revirei os olhos para minha atitude e antes que pudesse mudar de vez o foco daquela conversa seus lábios tomaram os meus e estavam tão macios e ávidos. Suas mãos seguravam meu rosto me puxando mais para sua rede, como se já não estivesse

NACIONAIS - ACHERON

absolutamente preso. Era um gesto tão profundo que expressava emoções bem guardadas, a recebi abertamente me deixando ser submerso naquela miríade de sentimentos. Faltou pouco para que a puxasse para sentar no meu colo num lugar público. Ansiei não ter saído de casa. Se afastou com a respiração ofegante, pousou sua testa na minha, derramando o verde ao azul.

- Tem razão, o odiei muito quando cheguei aqui, assim como o desejei, de uma forma que até agora não entendo. Estamos sempre combatendo um com o outro, nos quebrando e remontando, mas não posso ficar sem você. – Mordeu o lábio inferior contendo seu sorriso. – Isso me faria incompleta. Fique comigo, não vou deixá-lo sozinho.

Sorri voltando a aproximar meus lábios

NACIONAIS - ACHERON

dos seus, dessa vez eu a tomava. Estava tão acostumado a lutar sozinho, que aquela simples frase dita por ela me levou a mais pura felicidade. Ariel era minha esperança, minha chama no escuro. Era como se me dissesse que não se importava em entrar nas sombras para me encontrar. E dentro de mim aquele sentimento não nomeado transbordava.

Passamos mais algum tempo abraçados deixando o tempo correr por nós e recuperando o fôlego depois de tudo aquilo. Peguei o celular do bolso para verificar se havia alguma coisa, mais por habito, contudo estava sem nada. Olhei o horário e me surpreendi pelo tempo que passamos ali.

- Devíamos comer algo e voltar para a mansão. — Sugeriu para ela que estava aconchegada nos meus braços. Apenas resmungou sua aprovação sem se mexer.

PERIGOSAS

Cutuquei seu braço rindo. – Quer que te leve no colo?

- Seria uma opção irresistível caso eu não tivesse orgulho. – Tendo dito se levantou esticando as pernas e os braços. A segui envolvendo sua cintura para sairmos dali. Olhei em volta e mais à frente pude ver os seguranças que nos acompanhavam já se preparando para nos seguirem. O trajeto de volta pareceu ocorrer mais rápido que o de ida, provavelmente porque agora não estava me sentindo quase que oprimido.

No carro seguimos o mesmo processo, contudo antes de partir procurei no GPS o restaurante mais próximo de onde estávamos, convenientemente encontrando o lugar perfeito. Fiquei desacostumado a sair da mansão para lugares movimentados e quase parecia um turista no lugar onde nasci. Ariel cantarolava uma música ao

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

fundo que eu não conhecia, mas gostava do som da sua voz. Depois que escolhi o lugar me pus em movimento.

Não havia silêncio no carro graças a Ariel que parecia querer externar seus sentimentos com a música. Sorri do seu jeito de ser e também da cara que fez quando uma música que não conhecia começou a tocar. Enfim, sua atenção se voltou a mim.

- Fiquei surpresa. – Comentou sorrindo matreira, me olhando de lado. – Você me levou a um lugar público sem seguranças me cercando, e foram tantas revelações. Não ficou com medo que eu fugisse correndo e gritando?

Ela era um prodígio na ironia, entretanto eu continuava sendo o mestre.

- Primeiro, não estávamos sem

NACIONAIS - ACHERON

seguranças. — Ressaltei. — Segundo, - Sorri abertamente transmitindo toda uma confiança no que diria. — Você conseguiria viver sem mim?

Me olhou boquiaberta, tentando passar a imagem de ultraje. O que não aconteceu de fato, não quando eu conseguia ver o brilho em seus olhos.

- Acho que ambos sabemos a resposta, Sr. Sovelev. — Respondeu. — E já que estamos sendo sinceros um com o outro, esse seu sorriso é uma arma fatal, certo? Tenha mais cuidado ao usá-lo.

Mal sabia ela o quanto sorrisos abertos e sinceros eram uma coisa nova pra mim. Mais uma coisa que Ariel me trouxe.

Parei o carro paralelo a calçada, contudo sem estacionar, a rua estava bem movimentada. Desliguei o motor, ligando o

pisca-alerta antes de descer e ajudá-la a fazer o mesmo. Joguei a chave para Alexander, ele encontraria um lugar para o carro ou ficaria dando voltas até que terminássemos. Enfim, tanto faz. Entrelacei minha mão com a dela e entramos no estabelecimento.

O *The Apartment* era um dos restaurantes mais versáteis de Moscou, e ficava a apenas minutos de onde estávamos antes. A primeira vez que o visitei foi a alguns anos atrás e se não me engano foi com a companhia de um figurão italiano que necessitava de algum dos meus serviços, e dado ao grau de importância que lhe dei, hoje não me lembro qual foi esse “favor”.

Eu gostei do ambiente, o estúdio facilmente acomodaria 300 pessoas. E o melhor, seu estilo loft de Nova Iorque, anos

NACIONAIS - ACHERON

20. A nova-iorquina do meu lado tinha os olhos brilhando observando tudo a sua volta. Uma hostess veio nós atender com um sorriso enorme, e que eu duvidava ser verdadeiro. No seu terninho preto perfeitamente engomado nos guiou até uma das mesas próximas as janelas. A visão dali era incrível, um pouco da ponte Patriarshy e da Catedral Cristo Salvador, principalmente com o delicado entardecer para emoldurar tudo.

Um delicado piano neve era tocado oferecendo uma sutil harmonia com o lugar num acústico perfeito, os lustres nas paredes ofereciam uma iluminação confortável, que em contraste com a pele de Ariel a deixava ainda mais atraente, ou talvez fossem meus olhos fascinados. Puxei a cadeira para que ela pudesse se acomodar primeiro e logo em seguida tomei o meu lugar a sua frente. Por

PERIGOSAS

ser uma mesa pequena para duas pessoas e um pouco mais afastada oferecia a privacidade e proximidade que eu queria.

- Você está deliberadamente tentando me conquistar, Ian? – Perguntou apoiando o queixo na mão esquerda. A observei em silêncio por longos segundos depois ergui uma sobrancelha.

- É isso que você acha?

- Quase uma certeza. Quais são seus planos, Sovelev? – Via o brilho nos seus olhos, uma mistura de curiosidade e malícia.

- Já deveria saber que eu nunca revelo os meus planos. – Me aproximei por cima da mesa sutilmente e ela não se afastou, pelo contrário, se aproximou mais ainda. – Mas sinceramente espero que a conquista esteja dando certo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Pisquei um olho de forma brincalhona antes de voltar a minha posição original. Apreciei a gargalhada que ela deu, era um dos meus sons favoritos no mundo, com toda certeza.

- Continue assim. Está indo pelo caminho certo. – Afirmou. – Esse lugar me lembra de casa. É aconchegante, de certa forma mata um pouco a saudade. Obrigada por me trazer aqui.

Eu imaginava o quanto deve ser difícil pra ela viver longe do que sempre conheceu, e quando tudo se organizasse por aqui, a levaria para visitar seu pai e sua cidade. Porque isso era apenas o mínimo do que faria por ela.

- Imaginei que seria assim.

- Você sempre conseguindo ler mentes, enquanto continua um mistério... –

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Comentou balançando a cabeça como se não estivesse conformada com aquele fato.

- Um mistério... – Contemplei a ideia. – Talvez para todos, menos para você. A Sra. Tem uma cota muito alta de conseguir desnudar minha mente obscura.

- É algo a se pensar. Contudo ainda não me dei por satisfeita. – Apontou um dedo pra mim como um aviso. – Sempre quero mais de você.

Dei um meio sorriso com o duplo sentido daquela frase. Ariel ficava a cada momento mais desinibida na minha presença, e estava adorando isso, a sinceridade que aquilo envolvia, pra mim onde poucas coisas eram verdadeiras na vida, era como se me fosse entregue um tesouro. O garçom veio nos atender e eu fiz os pedidos. De entrada pelmeni, logo em

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

seguida o prato principal strogonoff, e para acompanhar vinho branco.

Ariel me observava contemplativa, a olhei sem compreender...

- Gosto de te ouvir falando russo. Apesar de entender poucas palavras. – Deu de ombros. – É tão bom quanto o seu inglês, talvez melhor.

- Ora, obrigado, Sra. Sovelev. Me avise todas as vezes que quiser me ouvir falando em russo, mesmo que não compreenda posso traduzir apenas para você. Em qualquer hora, ou lugar...

Naquela deixa o garçom voltou nos servindo a entrada e o vinho. O rosto dela estava visivelmente mais corado, e fiquei apenas imaginando o que se passava naquela cabecinha produtiva. Levei a taça sentindo o sabor sutil do vinho, não era uma

NACIONAIS - ACHERON

bebida que eu escolhia com frequência, mas pela expressão de satisfação, Ariel aprovou. A refeição seguiu com uma conversa leve e cheia de provocação por parte de ambos, e lá estava o nosso jogo particular, algo que despertávamos mutuamente. Ela falou das coisas que sentia falta, dos lugares e também do pai, e como ficou mais tranquila quando soube que eu tinha mandado alguém para cuidar dele.

- Uma de suas muitas faces, Sovelev. — E ela estava certa. Quantas faces eu tinha? E quantas delas estavam sobre o seu poder? Para a primeira pergunta não havia uma resposta certa, mas para a segunda... Todas, completamente.

Quando terminamos, entreguei o cartão de crédito enquanto ouvia Ariel ainda elogiar a sobremesa, com uma energia quase infantil. Saímos e Marcus nos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

esperava ao lado do carro, voltaríamos como passageiros, já que eu havia bebido. Não o suficiente para estar tonto, entretanto era muito melhor evitar riscos. Ele abriu a porta para que ela entrasse, enquanto eu fazia o mesmo pelo outro lado. Assim que se acomodou pousou a mão sobre a minha com toda naturalidade.

- É uma pena que não tenha provado da sobremesa. – Sorriu. – Estava divina.

- Ainda posso provar.

Me olhou com o cenho franzido em dúvida. Esta que se esvaiu quando toquei seu queixo para que seu rosto se voltasse ao meu. Tomei sua boca lentamente, sugando o lábio inferior. Sua mão se apossou do meu cabelo se perdendo entre os fios curtos, puxando de leve. Minha língua começou uma dança lenta com a sua, enquanto o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sabor de framboesa inebriava ainda mais meus sentidos. Doce, deliciosa e desperta. Afastei recebendo uma leve mordida na ponta da língua como um castigo instigante por um pouco mais. Todavia minha mente voltou a trabalhar me lembrando que não estávamos sozinhos no veículo.

- Tinha razão. Estava muito boa. –
Sussurrei tentando recuperar meu autocontrole.

Escutei quando respirou fundo e eu compartilhava daquela respiração. Estávamos ambos muito perto do limite, um dia inteiro juntos. Contemplei o que fizemos durante aquele dia, eu havia oferecido mais um pouco de mim. Ela disse que não iria me deixar. Isso tudo recheado com frases sempre presentes de duplo, triplo sentido. Chegamos a um ponto onde palavras não eram mais suficientes.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Chegamos à mansão quando a noite já tinha ocupado seu espaço no céu. Nenhuma estrela podia ser vista em meio a toda escuridão, e a lua minguante era coberta quase que completamente por nuvens. Assim que entramos fomos recebidos por Olívia em sua personificação do profissionalismo.

- Sr., Sra. Sovelev. – Saudou com as mãos postas cruzadas a sua frente. – Algo que possa fazer?

- Acho que seus serviços estão dispensados por hoje, Olívia. A não ser, que Ariel precise de algo. – A olhei interrogativamente e respondeu com uma aceno negativo.

- Sendo assim, lhes desejo boa noite. Irei me retirar. – Respondeu já caminhando para o corredor de saída do hall de entrada. Ariel

NACIONAIS - ACHERON

subiu os primeiros três degraus e se virou me estendendo a mão.

- Você vem ou tem algo para resolver? – Eu certamente tinha que dar um jeito na forma que meu coração acelerava quando algo a envolve, Sra. Sovelev. Pensei enquanto a alcançava para subirmos o resto da escadaria juntos.

Já no quarto a primeira coisa que fez foi se livrar das botas, as deixando ao lado da cama. Em seguida se foi o casaco de lã e a camiseta. Me apoiei na parede com os braços cruzados, aproveitando o espetáculo com o qual fui presenteado. Ou ela esqueceu que estou no quarto, - o que acho improvável-, ou está querendo me fazer perder o controle que já não tenho. Enfim, chegou a vez da calça jeans cair descuidadamente sobre o tapete. Respirei fundo o que provocou um leve ruído. Ela

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

me olhou por sobre o ombro com um meio sorriso e vestida com as finas peças íntimas.

- Tenho um convite para o Sr. Sovelev. Envolve eu, ele e o chuveiro do enorme banheiro em nosso quarto. – Mordeu o lábio inferior. – Estou conseguindo seduzir você?

Ri descruzando meus braços e me afastando da parede. Parei por um momento vendo se a porta estava trancada. Caminhei até ela, no percurso me livrando do casaco que usava.

- Continue assim. Está no caminho certo. – Usei as mesmas palavras que ela tinha dito mais cedo. Seus dedos ágeis já encontraram o caminho para o cós dos meus jeans, ficando por ali. Segurei seu rosto com ambas as mãos, beijei sua testa, seus olhos, a ponta do nariz, bochechas, queixo, por fim me encontrando com uma pequena boca

NACIONAIS - ACHERON

rosada entreaberta à espera do meu mais. A tomei sem delicadeza com toda fome em mim, saboreando seu leve suspiro. Seu corpo se colou ao meu, cada curva, minha mão adentrou os macios fios puxando e guiando seus movimentos. Então o ar começou a lhe faltar e tive que deixa-la ir, minha boca viajou pra seu pescoço sugando-o onde certamente ficaria avermelhado.

- Ian. — Chamou com a voz distorcida. Suas mãos já não estavam no cóis da calça, seus braços envolviam meu pescoço me apertando contra si. Com o pouco de clareza que ainda tinha na mente, tirei o celular do bolso o jogando em algum lugar sobre a cama. Depois a levantei sem muito esforço e ela apenas envolveu suas pernas em minha cintura. Segurou meu rosto voltando a me beijar com a sua intensidade imposta a mim,

de alguma forma entre puxões de cabelo, lábios e línguas encontrei a porta para o banheiro.

Entrei a colocando sentada sobre o balcão, apoiei uma mão em cada lado de sua cintura. Olhos nos olhos, respirações ofegantes e a certeza de que o meu monstro estava desperto e refletido no brilho do meu olhar. *“Eu vou devorá-la, Anjo. E como sempre você vai amar cada segundo...”*

- Eu quero tudo. – Respondeu com sua estranha ligação direta com as chamas que queimavam em mim. Bem, ela pediu. E existia algo que não realizasse por aquela mulher? Se sentou mais na ponta e puxou meu quadril de encontro a si, e gememos em uníssono. Ariel gostava da doce tortura, e nos encontramos também nessa estranha preferência pela dor que traz a espera antes do prazer. Seus lábios deslizaram pelo meu

NACIONAIS - ACHERON

peito, parando com frequência nas linhas negras da tatuagem sobre o lado esquerdo, enquanto seus dedos abriam o botão da minha calça, me afastei no momento em que se tornaram mais atrevidos. Afinal, eu tinha meus planos.

- Я заставляю тебя кричать, ангел “*Eu vou te fazer gritar, anjo.*” - Falei e seus olhos se abriram um pouco mais, surpresos, para logo em seguida sorrir mordendo o lábio. Ela estava melhor no russo, e havia entendido cada palavra. Me aproximei novamente para poder deslizar minhas mãos por suas costas, abrindo o feixe do sutiã que usava, passei as alças lentamente por seus braços a deixando enfim livre, atirei a peça pelo chão do banheiro. Passei para a peça inferior com a sua ajuda logo teve o mesmo destino da anterior.

— Vamos fazer assim... — Murmurei
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

beijando seu ombro, arrastando os lábios entreabertos por sua clavícula até o outro lado, sem dar atenção aonde de fato ela desejava. – Você irá para o box e vai esperar por mim lá. Fazendo exatamente o que eu mandar. Você terá o que deseja e eu também, certo?

Esperei por uma resposta que não veio, distanciei levemente o rosto deixando minha tarefa para observá-la. Seus olhos estavam fechados, a cabeça levemente jogada para trás. Seus seios bem próximos da minha boca. Passei a língua por entre eles, me deliciando com o arrepio que a tomou deixando-os mais convidativos.

- Anjo? – Perguntei. – Me responda.

- Sim. Eu vou fazer. – Suspirou abrindo os olhos e me encarando.

- Ótimo. – Sorri voltando de onde parei.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

A tortura toda do início, no fim ao invés de negligenciar o seu desejo, suguei seu seio, o mordi de leve no fim o soltando. O gemido de frustração tomou o lugar. A ergui do balcão a colocando sobre os próprios pés. Ela sabia o que tinha que fazer. Andou até o box enquanto isso eu me liberei das roupas que ainda tinha. Ligou o chuveiro se colocando lá, em segundos seus cabelos grudavam nas costas e seu corpo estava completamente molhado. Entrei aproveitando o momento em que seus olhos estavam fechados, a abracei por trás tirando nós dois do jato d'água que caía. Empurrei seu corpo de encontro a parede fria, ficamos então frente a frente inteiramente colados um ao outro, pousei minha testa na sua em busca de fita-la, de ler seus pensamentos. Encontrei o que havia em mim, um desejo quase que incompreensível.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

A beijei como se não fosse haver outro dia. Ela era a única em quem eu queria tocar, a primeira e última que me teria daquela maneira, tudo o que havia em mim estava presente naquele momento. Puxei sua coxa direita para que se colocasse na minha cintura, e com um pequeno impulso ela me circulou com a outra, por fim a tomei, bem lentamente, sentindo o nosso encaixe, porque eu nunca soube que aquilo poderia significar tanto, apenas com ela descobri isso, e nunca permitiria que mudasse. Porque sempre seria como se fosse a primeira vez. Novo, intenso, perpetuo...

A 9 metros do chão, num êxtase inexplicável, seus gemidos ecoando em minha mente, o choque do seu corpo contra o meu, com força, lento, até estarmos a beira do paraíso. Ela incendiando o meu coração e seu grito de prazer ao se liberar

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pra mim, por mim e em minhas mãos, sempre. E numa última investida posso me perder.

Esperiei que nossas respirações voltassem ao normal e a coloquei de pé. Ariel tinha um sorriso preguiçoso e satisfeito no rosto. A envolvi e beijei seus lábios, um pouco inchados, levemente. Tomamos banho em um silêncio confortável, o que precisava ser dito o foi sem palavras. Porque gestos significaram muito mais.

Nos secamos e eu coloquei uma toalha em volta da cintura. Saímos para o quarto e vesti uma calça de moletom cinza que encontrei de primeira, já Ariel pegou uma daquelas camisolas minúsculas de seda. Me deitei colocando as mãos atrás da cabeça acompanhando seus passos até o lado da cama que lhe pertencia. Assim que deitou se

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

arrastou até estar sobre meu peito onde plantou um leve beijo, com uma mão acariciei seu cabelo úmido depois deslizando a ponta dos dedos por sua bochecha.

- Você sabe como dar tudo a uma garota.
— Sussurrou com um meio sorriso. Correspondi abraçando seu corpo junto ao meu. Acompanhei quando seus olhos começaram a pesar, ela logo estaria dormindo. O dia havia sido longo, e me senti satisfeito por dar a ela um pouco de normalidade. Um passeio pelo jardim. Um jantar. Enfim, o que todos conheciam como encontro, o que nunca tivemos. Ela era minha, assim como eu era dela. Contudo sentia a necessidade de conquista-la, precisava ter a certeza de que se as nossas vidas tivessem se encontrado de outra forma, ainda assim ela me escolheria como

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

eu tinha certeza que aconteceria comigo. Meus pensamentos foram interrompidos pelo toque alto do aparelho celular. O atendi depressa para que Ariel não acordasse.

- Estou ouvindo.

- Ian, você precisa vir no Vse Tvoi. É urgente, e não vai gostar nada do que tenho aqui. – Dimitri falava tão rápido e de uma forma tão nervosa, que demorei alguns segundos para entender suas palavras e a gravidade da situação, aquilo não era nada típico dele.

- Estarei ai em alguns minutos. – Respondi desligando em seguida. Suavemente tirei o braço de Ariel que envolvia minha cintura e a deitei de forma certa na cama. Lamentado que meu dia de paz acabasse assim. Fui no closet vesti uma calça jeans preta, camisa social branca, um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sobretudo cinza e sapatos sociais de couro preto. No instante em que voltei para o quarto ela se remexeu murmurando meu nome, me aproximei.

- Eu já volto, anjo. Sempre vou voltar para você. – Beije o alto de sua cabeça e sai rapidamente do quarto, fechando a porta atrás de mim sem fazer barulho. Desci as escadas principais e ao abrir a porta dei de cara com um dos seguranças novos, se não me engano seu nome era Ivan. – Quero um carro aqui pra ontem.

Com o rádio que carregava consigo informou a alguém do que precisava e em pouco tempo uma Land Rover parou a minha frente. Entrei no banco do passageiro. Alexander dirigia, e numa parte minúscula da minha consciência me perguntei se aquele homem não dormia.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Vse Tvoi. – Disse, e ele já sabia o que fazer. O carro arrancou e a mansão ficou para trás.

Vse Tvoi era um bar pequeno e distante do centro de Moscou, geralmente frequentado por pessoas de caráter duvidoso e pouco amistosas. Quem sabe o que é bom na vida e não queria perde-la, evita o lugar, apesar da bebida boa. Olhei para o relógio no telefone me perguntando o que faria Dimitri me tirar assim de casa, ainda mais para ir aquele lugar. Eu detestava Vse Tvoi, apesar do estabelecimento me pertencer. Muitas negociações de baixa rentabilidade eram feitas ali, contudo o que mais me interessava eram as informações obtidas por entre conversas escusas.

Assim que cheguei pedi que Alexander me acompanhasse no lugar. Graças a pressa que tive fui descuidado e só trazia comigo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

um segurança. Entrei no estabelecimento fazendo algumas cabeças se virarem em minha direção, ignorei e caminhei até a cabeça ruiva sentada no extremo do bar, no que poderia dizer ser o lugar mais reservado. Me sentei a sua frente e diferente do que era seu costume ele não esboçou nenhum sorriso brincalhão, ou qualquer intenção de piada.

- Ian, - Começou a falar, sua voz bem baixa. — Eu estava procurando informações hoje pela manhã, como você bem sabe, e não consegui nada, isso porque não considero um carro modelo sedã todo amassado um ganho. — Suspirou. — Estava voltando pra casa quando *Bear* me ligou e pediu que eu viesse aqui imediatamente, porque havia uma mensagem para você.

Bear era o barman gigante que tomava conta do lugar, o apelido era bem NACIONAIS - ACHERON

justificado. Sua expressão fechada e perigosa combinava com seu local de trabalho, era algo inegável. Notei na mesa um envelope pardo sem nenhuma anotação, supus que aquele fosse o pacote endereçado a mim.

- Antes que você abra isso, saiba que já tentei arrancar todo tipo de informação do Bear, mas como sabe, ele não é muito apegado a detalhes.

- Pode parar de enrolar e me entregar o envelope? – Perguntei já estendendo a mão. Prontamente o que eu queria veio para o meu alcance. Virei o conteúdo na mesa e a primeira coisa que caiu foi um anel de prata bem conhecido, porque nele estava gravado o brasão dos Sovelev's, os homens que trabalhavam pra mim, todos, possuíam um desses. Naquele instante eu soube que perdi um dos meus. A raiva começou a se apossar

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

de mim, não bastava agora aquela disputa covarde, ele também zombava de mim. Roubava, matava os meus homens e não me encarava de frente. Quando descobrisse quem era aquele rato o corpo dele inteiro seria pouca coisa para derramar minha vingança.

Então o resto do conteúdo do envelope caiu e minha ira se esvaiu num sopro dando lugar a algo inacreditável pra mim, o pânico. Não poderia estar acontecendo, não...

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 21 – Quebrado

Quando despertei com a luz da manhã banhando o meu rosto, só conseguia pensar que nunca me senti tão feliz. De uma forma que era impensada, melhor dizendo, que eu achava ser impossível de acontecer desde que cheguei a Moscou. Contudo, agora era. Me sentia rompendo em raios de sol. Por tanto tempo lutei para esconder esse amor imprudente, intenso e perigoso dentro de mim, que mal notei o quanto estava sendo sufocada com meus sentimentos oprimidos. Eu o amava e da sua maneira ele também me amava. Passei a mão pela cama em busca de encontrar o contato com seu corpo, mas só estavam ali os lençóis abandonados e frios, um pouco da luz brilhante se apagou.

PERIGOSAS

Lembrei que pouco antes de cair completamente no mundo da inconsciência seu corpo se mexeu para longe do meu, provavelmente depois daquilo ele não voltou mais. Me sentei empurrando os fios de cabelo insistentes que teimavam em entrar no meu campo de visão, procurei em volta pelo ambiente numa vã esperança de que ele estivesse na varanda do quarto, no closet ou no banheiro, todos os lugares vazios.

Suspirei ficando de pé com o corpo ainda um pouco languido e preguiçoso, queria ficar o dia na cama, de preferência acompanhada por um russo sumido desde a noite passada. A preocupação tomou conta do meu pensamento, e torci para que estivesse no escritório. Minha intuição me dizia que havia algum problema, ou ele não sairia do meu lado, era o nosso momento, o

NACIONAIS - ACHERON

dia que ele dedicou a mim. Quem um dia pensaria que Ian Sovelev dedicaria a alguém alguma coisa? Ou que me sentiria tão aquecida estando próxima ao seu coração, aquele que um dia duvidei da existência, o mesmo que estava disposta a rechaçar até o último dia da minha vida? Não que agora ele fosse perfeito, quem no mundo era? Mas pra mim, ele era absolutamente necessário, de uma forma quase assustadora, o que me reconfortava, no entanto, era que aparentemente aquela dependência se tornou recíproca.

Vesti um short jeans, com uma camiseta comprida na intenção de ser o mais prática possível. Como sempre a casa estava silenciosa, onde os empregados trabalhavam como fantasmas, evitando o máximo que sua presença fosse notada, até mesmo Olívia se tornava difícil de encontrar

algumas vezes. Segui pelo corredor que dava no escritório, mas ao chegar lá a porta se encontrava trancada, e ainda que tenha batido nenhuma resposta veio. Por meio segundo minha mente projetou a ideia de que Ian havia se arrependido de tudo que disse e agora evitava me ver, porém logo essa opção foi descartada, ele não era o tipo de homem que corria de uma mulher, na verdade, ele a prendia dentro da mansão evitando até mesmo que ela corresse. Revirei os olhos. Talvez as nossas experiências não tenham tornado fácil acreditar que momentos como os de ontem fossem perdurar.

Andei pelos corredores sem um rumo certo, até que encontrei com Olívia descendo as escadas principais, e ela insistiu que tomasse o café da manhã, apesar de não ter muito apetite fiz como pediu. Detestava

comer naquela mesa gigante sozinha, ficar olhando a cadeira em frente a mim vazia, também não ajudava. Certo, que *ele* às vezes sumia por algumas horas, mas ao menos gostaria de tê-lo visto. Isso me ajudaria a acreditar que o ontem continuava real no hoje. Comi pouco e fui me distrair na biblioteca do piso superior, o que não surtiu muito efeito já que não consegui me prender a nada, sem saber ao certo como, parecia que algo estava errado e fora de contexto.

Olhei pela janela por um bom tempo esperando que algum carro surgisse pelo portão principal, mas se provou algo inútil. Uma tola apaixonada, preocupada, olhando por uma janela como uma donzela indefesa, porém eu nunca fui assim, tudo era tão novo, e não conseguia encaixar a mim e a Ian num conto de fadas, chegava a ser

PERIGOSAS

engraçado imagina-lo como um príncipe perfeito num cavalo branco, tão pouco me vejo como uma delicada princesa, contudo posso encaixa-lo como a fera enjaulada que se liberta aos poucos e toma, com a mais pura delicadeza de um sentimento profundo, que mal conhece, o coração e alma da garota simples que por uma mistura de azar e sorte foi colocada em sua vida. Me aconcheguei no divã que marcou uma cena nossa, a primeira vez que me queimei no jogo que disputei com aquele homem, as estantes e os livros eram testemunhas inanimadas daquele momento, e ali deixei que as horas corressem, a espera.

Fui recordando o dia anterior, todas as pequenas coisas que tinha feito. As palavras, e seus pensamentos finalmente abertos pra mim. O Sovelev era profundo como um rio escuro, que aparenta ser calmo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

e raso, contudo quanto mais passos você dá para o seu interior mais ele te envolve até ser engolida completamente. Ainda estava começando a aprender e a cada passo ele se mostrava interessante, cativante com seu comportamento frio – um modo de autodefesa-, o meio sorriso de escárnio – que deixava seu lado sombrio um pouco à mostra-, e por fim o sorriso gentil, raro e que considerava tão meu. Mil faces de um homem só, às vezes eu ficava tonta, me recordava do que me trouxe até aqui e isso me deixava com uma dor incomoda, qualquer um diria para fugir e correr o mais rápido que pudesse, - e olha, eu tentei isso! – Entretanto, hoje isso era impossível. Ele tinha um furo, uma parte profunda da minha alma. Não precisou de juras eternas ou grandes declarações para me mostrar amor, sua verdade ficava explícita nos olhos,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

aquele mar azul escuro que se abria pra mim numa verdade inegável.

Desejava que o meu tempo com ele fosse sempre como ontem, conversamos e nos entendemos de uma forma tão natural, e nossa! Aparentávamos nos conhecer a anos e não meses, bem, Ian me lia totalmente, mas com ele a situação era oposta, estava acostumado com a parede em volta de si, e resistia a deixa-la cair totalmente. Tive avanços, contudo a ganância por mais corroia, egoísta que sou. Nunca imaginei ser tão dependente e possessiva com alguém, muito menos com aquele russo. Entretanto, ele seguiu com uma conquista ao mesmo tempo intensa e sutil, irrevogável.

Acho que cochilei e acordei cerca de três vezes no tempo que fiquei na biblioteca, viajando nos meus pensamentos. Decidi andar pela casa e encontrar algo para fazer,
NACIONAIS - ACHERON

talvez andar pelo jardim, até essa alternativa me parecia entediante e pouco provável sem um segurança ao lado, o resto do dia demoraria a correr. Precisava arrumar algo que ocupasse meu tempo, já não aguentava olhar para essas paredes cada instante dos meus dias.

Desci o último degrau e me lembrei da proposta de Elissa, já fazia um tempo e não tinha falado sobre isso com o Sr. Sovelev, talvez fosse uma boa ideia. Uma infinidade de possibilidades para o futuro se abriam num caminho brilhante em minha mente, sorri. Por coincidência, ou pressentimento, seja lá o que fosse, Ian atravessava a porta de entrada naquele momento acompanhado de Dimitri, ambos com expressões estranhas, na verdade apenas o ruivo tinha um ar de preocupação, enquanto o outro permanecia com uma face vazia, como se

não estivesse realmente ali.

Parei ficando tensa instantaneamente.

- Ian, Dimitri... – Chamei caminhando para completar os passos que faltavam para perto deles, fitando os seus rostos para acompanhar qualquer mudança que pudesse ocorrer. O ruivo me sorriu forçado, uma expressão que jamais imaginei ver em seu rosto, já Ian apenas me olhava como se não me visse há muito tempo.

- Boa tarde, Ariel! – Disse Dimitri se aproximando e me dando um abraço. – Como você está?

- Terrivelmente entediada, mas em suma muito bem. – Sorri para ele me afastando. Notei seu estudo rápido em mim, parecia procurar por alguma coisa. Ao notar que percebi desviou a atenção.

- Hm. Acho que por hoje, minha

NACIONAIS - ACHERON

presença não é mais necessária. Quero voltar para casa, estou exausto. E vamos marcar algo para acabar com esse tédio Sra. Sovelev. – Piscou se distanciando, ri. Mas enquanto este se virava Ian segurou seu braço.

- Não se esqueça, quero tudo pronto para amanhã. Da forma que lhe expliquei. – Murmurou com um tom frio encarando Karpienko como se o desafiando a contestar. Na posição de espectadora não conseguia compreender, já que perdi todo o contexto, porém sentia o clima tenso entre eles. Aparentemente, Dimitri não concordava com algo que Ian planejava fazer.

- Não sei se essa é a melhor solução, Sovelev.

- É a única em que posso pensar, e se

estivesse no meu lugar faria o mesmo. – Apertou com mais força o braço que segurava antes de soltá-lo. – Faça.

Dimitri abaixou a cabeça aceitando a derrota e caminhou para fora da mansão sem olhar para trás. Acompanhar toda aquela cena me deixou mais que perdida. Me vi curiosa, no geral nunca vi o Sovelev discutindo qualquer coisa sobre negócios na minha frente, não de forma que eu entendesse o que dizia. Voltei minha atenção ao homem em frente a mim que fitava meu rosto, a concentração que usava nessa tarefa fazia parecer que desejava decorar cada traço, corei com a inspeção cuidadosa. E pela primeira vez naquele dia consegui um pequeno sorriso, quase invisível, mas ainda assim, o meu tipo de sorriso.

Aproximei meu corpo do seu
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

envolvendo seu pescoço num abraço leve, sentindo o seu perfume tão característico, e a saudade que senti passou instantaneamente. Ele me apertou contra si puxando minha cintura. Seus lábios pressionaram primeiro o alto da minha cabeça, em seguida me afastou o suficiente para que pudesse erguer o rosto e encontrar os meus lábios entreabertos à espera. Seu beijo lento envolvia até mesmo minha alma naquele momento, percorri os dedos por seu cabelo seguindo seu ritmo, parecia as boas vindas ao paraíso. Amava beija-lo, seu toque. Eu o amava. Separou nossos lábios e me permiti recobrar o fôlego, abri os olhos tendo os seus, tão escuros a fixar-me, era incapaz até mesmo de piscar. Acariciou seu nariz no meu, beijou ambas as bochechas enquanto aproveitava a tudo atordoada. Quando por fim me soltou, sorriu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

abertamente, entretanto aquele não era o meu sorriso, ele não chegou aos seus olhos. Uma fachada.

- Ian... Aconteceu alguma coisa? – Perguntei incerta se deveria fazê-lo.

- Não acho que seja hora para isso. – Respondeu virando o rosto. – Estou um pouco cansado, e com fome. Me acompanha numa refeição?

Segurei sua mão. Ele poderia não me contar, estava habituado a lidar com todo peso apenas sobre seus ombros, iria apoiá-lo, mesmo que não soubesse o que o perturbava. Ian tinha a mim, e no mais simples que pudesse fazer, estaria ao seu lado.

- Sempre, Sr. Sovelev.

Subi as escadas novamente acompanhando seus passos, e mais

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nenhuma palavra foi dita. Era um silêncio tranquilo e vazio, sabia que a mente dele estava em algum lugar bem longe, e não parecia ser algo bom. Temi por ele, pouco sabia sobre seus negócios, e duvidava que fosse desejar me aprofundar mais, porém no mundo em que o Sovelev vivia, eu sabia que era fácil se deixar ser engolido, até mesmo para o mais forte dos homens.

Sentei na cama para esperá-lo tomar banho, mas assim que escutei o barulho da água, mudei de ideia. Abri a porta do banheiro primeiro vendo suas roupas jogadas pelo chão, em segundo aquele corpo tão familiar pra mim, de costas, por trás de um box de vidro. Ian cuidou de mim em diversas situações, e podia fazer o mesmo por ele, afinal até bêbada me viu e suportou. Dei um meio sorriso com as lembranças.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Quando fechei a porta olhou por sobre o ombro franzindo o cenho por um instante confuso. Puxei minha camiseta a tirando, logo em seguida me liberei do short junto com as peças íntimas. Andei até o box sabendo que seus olhos estavam em mim. Assim que fiquei próxima dele consegui fitá-lo.

- Sei que tem algo te incomodando. –
Falei baixo. – Me deixe cuidar de você,
como vem fazendo comigo...

- Como sabe? – Sua voz estava macia,
calma, próxima. Dei de ombros, não sabia
explicar o modo como seu temperamento
influenciava até o ambiente a minha volta,
mas o era. E fazia menos ideia se existia
uma forma sem que meus sentimentos
fossem completamente expostos.

- Apenas sei. – Aproximei envolvendo

NACIONAIS - ACHERON

seu quadril, ficando na ponta dos pés para beijar seu ombro descendo para o peito. – E me importo. - Subindo com a boca entreaberta até seu pescoço o suguei sem força, escutando o resmungo baixo que soltou antes dos seus braços me apertarem de um jeito quase sufocante, nos puxando para baixo do jato de água quente.

- Estou em suas mãos, Sra. Sovelev. Sempre. – Disse antes de tomar meus lábios, com um dos seus beijos intensos, e que deixavam as chamas lamberem e devorarem aos pouco meu corpo. Sua mão entrelaçada no meu cabelo molhado guiava os movimentos, as minhas foram aos seus ombros fincando as unhas ali, meus seios estavam pressionados contra ele. O envolveria, aprisionando a sua preocupação, na luxúria que nos arrastava novamente para algum lugar, que apenas ele conseguia me

PERIGOSAS

levar. Com a respiração descompassada deixei seus lábios me abandonarem para passearem por meu pescoço, repetidas vezes mordendo de leve, seus dedos acariciavam minhas costas em uma carícia sutil acompanhando a linha da coluna.

- Pensei que iria me deixar cuidar de você. – Resmunguei sem forças para sequer reclamar de verdade. Esperava que me respondesse com alguma de suas ironias e um meio sorriso, mas seu rosto permaneceu escondido na curva do meu pescoço quando disse:

- Você. Tocá-la. Sempre será a minha cura. Ainda que momentânea.

- Ian... – Iria afasta-lo para que pudesse contestar suas palavras, e tentar, ainda que inutilmente, arrancar alguma coisa dele. Não era próprio do Sr. Sovelev mostrar que

NACIONAIS - ACHERON

tinha problemas, que dirá deixá-los influenciar seu comportamento. Parecia que estava prestes a quebrar, e isso me assustou. Algo poderia machucar aquele homem?

Balançou a cabeça negativamente antes de voltar seus lábios rapidamente sobre os meus os selando, encostando sua testa na minha com os olhos fechados.

- É apenas por um tempo.

Não entendi o sentido daquelas palavras, mas as aceitei, se era do que precisava. Passei um braço por seu pescoço enquanto com a outra mão percorri o seu abdômen subindo e descendo, estava tão atenta a ele que minha respiração acompanhava seu ritmo e ao pousar a mão no seu peito senti as batidas do seu coração na palma. Numa metáfora reversa, era exatamente assim que ele tinha o meu, em suas mãos. Não fez

PERIGOSAS

mais nenhum movimento, parecia apenas querer gravar meu toque, naquele instante estava a minha mercê.

Em um impulso tomei sua boca na minha controlando seu beijo, não importava a temperatura da água que caía sobre nós, ou como os ladrilhos do banheiro de encontro as minhas costas eram frios. A única coisa que importava, e fazia as coisas em volta inexistirem estava nos meus braços, possuindo meu corpo e alma, e de igual forma eu o bebia, era minha fonte. O amor sombrio que nunca pedi, e que, de alguma forma via como perfeito.

Novamente as terminações nervosas entraram em colapso, e praticamente deixei de existir por alguns segundos, para logo em seguida voltar a me encontrar amparada por ele. Me abraçou, antes de começar a me dar um banho como no dia em que estive

NACIONAIS - ACHERON

bêbada, parecia algo constrangedor, contudo não senti isso, afinal Ian conhecia meu corpo tão bem quanto eu mesma, talvez até melhor. Assim que ele se deu por satisfeito, segui seu exemplo, admito que ficando fascinada por percorrê-lo detalhadamente, jamais esqueceria aqueles traços. Os braços fortes, o quadril estreito, ombros largos, os traços escuros das tatuagens, tanto do peito quanto das costas, elas não eram uma arte, se tratavam de marcas adquiridas com as experiências que teve na vida assim como as pequenas cicatrizes, contavam trechos de sua história. Nos secamos, saindo do banheiro, e não tinha noção de quanto tempo passamos lá dentro.

O Sovelev seguiu para o closet em busca de algo para vestir, e eu fui fechar as cortinas por onde já não passava a luz do sol. Voltou trazendo um moletom que

PERIGOSAS

reconheci como um dos pertences que trouxe para Moscou meses atrás, o vesti com um meio sorriso nostálgico, passei a secar meu cabelo com a toalha, entretanto minutos depois Ian permanecia parado no mesmo lugar, ao observá-lo vi que olhava para um ponto na parede onde não havia nada, sua mente estava longe, de novo. E seu rosto fechado. Suspirei. Largando a tarefa e focando nele. Precisava saber o que estava acontecendo, começou a me corroer também. Antes que pudesse abrir a boca e falar alguma frase milagrosa que o fizesse se abrir comigo, ele se pronunciou.

- Achei que tudo podia sair como planejado. Mas não sou o que pensei, e alguém descobriu isso antes que até mesmo eu visse. — Esperei que continuasse, seu discurso parecia fora de foco, a mim. — Nada dura pra sempre, Ariel. Tudo quebra.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Me olhou profundamente, e ali não vi o Ian que me amou no banheiro a poucos minutos, o que me procurou em meio a uma tempestade, ou mesmo o que eu vi lamentar por não saber como me oferecer algo bom, em frente a mim, estava um homem vazio. Sua expressão era cuidadosamente congelada, e meu coração passou a bater muito rápido.

- Não estou conseguindo acompanhar, Ian. — Murmurei com uma voz desconhecida e fria demais pra mim.

- Eu vivo numa tempestade durante toda vida, e a arrastei até o meio disso tudo. — Falou num rompante, seus olhos escuros intensos e perdidos, não parecia realmente olhar para mim. — Imaginei que poderia mantê-la sem que se envolvesse. — Riu sem humor. — Não posso.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Isso não importa. Eu não me importo. – Implorava para que ele não estivesse tomando a direção que imaginava, não depois de tudo pelo que passamos. Ontem estava tudo bem, por que deveria ruir? – Já estamos muito longe para voltar.

Balançou a cabeça negativamente.

- Não estamos. Você ainda pode se afastar, temos tempo. – Engoli em seco o observando boquiaberta. Ele não podia estar realmente dizendo isso! – Veja bem, anjo. Eu sou realmente muito bom em mentir, enganar, e fazer mal as pessoas que realmente quero bem. Nasci para estar só e seguir os passos do meu progenitor, tentei mudar isso estando com você, mas admitir que corra o mais remoto risco por minha causa é demais até para mim. Estou usando a parte boa que despertou em mim para falar a verdade e mostra-la a saída. É o melhor

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que posso fazer.

- Disse que não conseguia me deixar partir. – Estava incrédula com os punhos fechados encarando aquele homem desconhecido que poucas horas atrás imaginei estar conhecendo. – Sou mais forte do que aparento, e quero estar com você. Não pode simplesmente se livrar de mim.

O sentimento de ser usada despedaçava o meu coração com um novo tipo de dor que me era desconhecida até o momento, nada faria passar.

- Sei que é difícil de entender, mas estou fazendo isso por você.

- Não! – Gritei lhe apontando o dedo. – Mudou toda minha vida por um capricho seu, me arrastou para o outro lado do mundo, num lugar que eu não tinha ninguém e me fez casar com você, para

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

agora, depois de tudo, de ontem, me mandar embora? É isso? Como pode? O que eu sou? Seu passatempo que perdeu a graça?

As lágrimas desceram pelo meu rosto, e olhando-o agora com raiva e mágoa. Aquelas palavras, seria melhor que ele tivesse me ferido com navalhas do que a poucos minutos ter me amado no cômodo ao lado. Talvez só eu estivesse com o coração ali.

- Não distorça minha palavras, será que não lembra de nada que lhe disse ontem? – Por instante algum alterou seu tom, mas notei que seu maxilar estava travado. – Eu preciso que vá, isso não é um desejo, mas sim uma necessidade.

- É justamente por recordar cada palavra que falou que não compreendo o agora. – Limpei as lágrimas teimosas que caiam

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

teimosas e sem parar. – Por quê?

Desejo as respostas, ele me devia ao menos isso. Nunca imaginei que me empurraria pra longe. Eu iria perdê-lo. A verdade se abateu sobre mim com um peso tamanho que ofeguei. Não adiantava qual era a minha vontade, prevaleceria a dele.

- Porque é minha fraqueza, e alguém descobriu isso. Apesar de imaginá-la longe me machucar ao ponto de não poder respirar, prefiro saber que está em algum lugar do mundo bem, do que perdê-la de verdade.

As forças me escaparam, e caí de joelhos a sua frente. As lágrimas pingavam nas minhas coxas desnudas. Porque o universo está sempre contra nós? Pensei. Apertei meu punho fechado contra o meu peito, embora soubesse que a dor não passaria. Eu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

era sua fraqueza. E ele era a minha vida.

- Por favor... – Não esperava que ele ouvisse, sinceramente achei que estivesse revestido em sua camada de gelo indestrutível, preferia que saísse de uma vez por aquela porta. Entretanto, caiu de joelhos a minha frente com um baque, e levantou meu rosto para encarar-me. Seus olhos estavam escuros refletindo um nada, como se tivesse se tornado vazio, e segurava meu queixo com muita força.

- Eu nunca mereci você. E ainda assim aqui está. A fiz sofrer muito, e tudo o que desejo agora é conseguir protegê-la, por isso tenho que abrir mão. Embora isso não possa mudar em nada o que sinto por você, Ariel. – Pausou acariciando minha bochecha com o polegar seguindo a trilha molhada que fizeram as lágrimas. - Agora, mesmo pedindo que parta, não quero deixá-la ir.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Amo você. – Falei. Ao contrário do que imaginei saiu facilmente, mesmo que estivesse soluçando. Porque eu já havia o dito tantas vezes na minha mente, e era uma verdade tão clara. Naquele instante vendo que iria perdê-lo, em breve poderia estar em qualquer lugar do mundo, sequer imaginar que ele não soubesse nunca o que sentia, me faria arrepender até a morte.

Me encarava boquiaberto e com os olhos tão abertos que poderiam rolar pelo piso do quarto a qualquer momento, estava atordoado. Como poderia estar tão surpreso, se me lia tão bem? Mas sabia a resposta, ele não tinha com o que comparar, como disse não sabia o que era o amor. Segurei seu rosto, trêmula.

- Tem meu coração completamente, Ian.

- Não faça isso. – Sussurrou sem afastar

NACIONAIS - ACHERON

o rosto. – Está tornando mais difícil ainda. Como posso deixa-la se me prende mais?

- Nunca vou tornar as coisas fáceis para você, Sovelev. – Resmunguei repetindo o que disse há muito tempo atrás. Era impossível que entrasse na minha mente que aquilo era um adeus. Seus lábios tomaram os meus com uma intensidade tão profunda que só poderia ter um beijo de adeus, sua língua dançava na minha me instigando a acompanhá-lo, mas eu não queria, aquilo seria apenas uma lembrança muito em breve, uma partícula do que se tornaria um todo para me quebrar. Coloquei as mãos em seus ombros usando da pouca força que tinha para empurrá-lo. Distanciou-se ofegante para me olhar. – Não.

- Ariel... – Chamou quando comecei a me levantar. Virei de costas cruzando os braços numa tentativa de me aquecer,
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

contudo era um frio interior e de nada adiantaria.

- Estou quebrando de uma forma que é incapaz de compreender. Você me desejou, e eu o amei. Existe uma diferença enorme na forma como ambos saímos feridos. – O encarei por sobre o ombro, ele permanecia na mesma posição. Virei o rosto. – Eu nunca vou cicatrizar.

- Está menosprezando a forma como afetou a minha vida. Tudo mudou com apenas um passo seu. – Sua voz se fazia mais alta, e pude notar seus passos ao se erguer e postar atrás de mim. – Sempre estive em suas mãos.

Voltei dando de cara com ele. Meus punhos fechados.

- Isso não basta pra mim. – Nunca aprenderia, eu não queria manipular alguém

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

até quebra-lo entre meus dedos como fazia comigo. Queria o seu coração, e Ian nunca o entregaria. – Quando eu tenho que partir? E para onde?

Realmente não desejava saber, mas não queria que me visse sofrer e me humilhar a sua frente, repetidas vezes. Por isso lutaria para ser o mais fria possível, afinal tive o melhor professor. Minha alma poderia estar sangrando, mas ainda me restava um pouco de orgulho.

- Amanhã. Irá para Madri, tenho um conhecido lá que cuidará de você.

Eu poderia protestar que preferia voltar para EUA, mas seria estupidez levar um possível perigo que me cercava para perto de minha única família. Novamente arrastada para o desconhecido. Acenei positivamente sem o encarar mais.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Quero que me deixe sozinha. – O nó na minha garganta tornava difícil minha fala e parecia que estava queimando a garganta, dedos em brasa apertando cada vez mais forte. – Assim podemos começar a treinar a ausência um do outro.

- Por que tem que ser assim?

- acredite, lhe faço a mesma pergunta. – Usei de toda a raiva e mágoa que se acumulavam para ser irônica, e era mais fácil por não vê-lo. O Sr. Frio brincou com a minha vida, meus sentimentos, e agora eu era mandada como uma mercadoria para qualquer parte do mundo. E ele me esqueceria, essa era a verdade. E o que me feria.

Ouvi seus passos se afastando provavelmente em direção a saída, quando parou. “Por favor, vá. Para que eu possa

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

desabar completamente.”

- Ao contrário do que pensa também sinto o amor, do jeito que me mostrou como sentir. Mas comigo é diferente, na minha forma de amar, eu te liberto.

Com essa última punhalada saiu batendo a porta atrás de si. Ofeguei me jogando na cama e gritei com o travesseiro pressionado no rosto, as lágrimas escorriam livres e molhavam o lençol. Estive sempre certa, o nosso amor era impossível. Eu corria algum tipo de perigo e por isso teria que deixar o homem que amo. Acabei de gritar o culpando e afastando na última noite que teríamos juntos, quando o que mais precisava era dos seu braços me envolvendo.

Então era essa tarefa que Dimitri tinha e não concordava, seu olhar em um instante

NACIONAIS - ACHERON

fez sentido. Isso que fez Ian ficar distante e desconfortável durante todo aquele tempo, ele não sabia como me dizer a verdade. Embora tivesse ouvido a dor em sua voz, não conseguia aceitar aquela decisão. O Sovelev estava fazendo o que achava melhor, mas a vida era minha! Deveria ter ao menos um mínimo direito de escolha.

Muito tempo se passou até que parasse de chorar, provavelmente por falta de lágrimas, e estas secassem no meu rosto. Me cobri com o edredom, encolhendo como uma bola e fechei os olhos curtindo a dor de cabeça que começava a se formar, era bom me concentrar nela. Escutei a porta se abrir e fechar sutilmente, os passos, e senti o peso do lado oposto da cama.

Sabia que mesmo perdendo a visão, o olfato e a audição reconheceria o corpo que se aconchegou perto do meu, passando o

NACIONAIS - ACHERON

braço por minha cintura. Era algum outro sentido mais profundo que gritava alto uma resposta para todo o corpo da proximidade dele. Permaneci completamente parada, imaginei que ele soubesse que não dormia, e continuou do jeito que estava sem dizer nada. Poderia falar para ir, todavia a parte doentamente apaixonada e masoquista que possuía me fez ficar ali, e desejar que fosse para sempre.

Não notei o momento em que adormeci, entretanto lamentei o que acordei. Sabia que não tinha sido um pesadelo e que minha vida estaria no meio de um enorme buraco no instante em que abrisse os olhos, e assim o fiz. Cuidadosamente gravei o ambiente a minha volta, por saber que não voltaria a vê-lo. O peso e o calor sobre mim foram sensações secundárias, olhei para o homem aninhado em mim, a cabeça pousada sobre

PERIGOSAS

meu peito, os braços me envolvendo, e uma perna entre as minhas. Uma boa forma de se acordar, passei os dedos pelas mechas revoltas que faziam cócegas de encontro a minha pele. “*Hoje diremos adeus?*”

Capítulo 22 – Choque

A tristeza era tão profunda que parecia sugar toda força de dentro de mim. Eu odiava com tudo que possuía, aquela sensação de que me partiria em mil pedacinhos a qualquer momento, a forma como tinha algo eternamente preso na garganta que fazia meus olhos arderem. E cada maldito soluço, ou lágrima que prendia cobrava tudo de mim. Não entendia que o poder cósmico, ou qualquer coisa do tipo, tinha contra nós dois. Parecia uma eterna sina, mesmo que eu o amasse e vice-versa, não poderíamos estar juntos. Ainda sem compreender as razões por trás daquela decisão de Ian -provavelmente porque tentava me proteger até mesmo da realidade- lutava para manter meu controle

e mente no lugar.

Continuei a passar os dedos pelo seu cabelo, bem delicadamente, sem querer sair daquela bolha em que estávamos, minha respiração aos pouco entrando em compasso com a dele, e mesmo que não conseguisse ver seu rosto, sabia que estava acordado, relutante assim como eu.

Imaginar uma nova vida em algum lugar distante dele, das poucas pessoas que se tornaram uma constante na minha realidade, era como retirar um pedaço importante do que sou. Logo eu, que nunca tive uma amizade muito profunda com ninguém, encontrei naquilo que supus ser um pesadelo, mais do que um ombro amigo uma pessoa divertida e sincera, me perguntei vagamente se haveriam condições de me despedir de Elissa, muito embora nem soubesse o que dizer a ela. . Também

NACIONAIS - ACHERON

fiz um pequeno lembrete mental de pedir a Dimitri que continuasse a cuidar de Ian, precisava ter uma segurança de que ele ficaria bem depois da minha partida, embora tivesse conhecimento de que nem necessitasse realmente pedir por isso, aparentemente ele o vinha fazendo por muitos anos. Olívia que se tornou tão importante seria mais um adeus difícil, aquela que tanto me ajudou a ver por trás dos muros colossais que o Sovelev erguia em torno de si, alguém que me socorreu docemente naquela nova e estranha realidade. Suspirei. Tantas despedidas difíceis, por uma razão desconhecida. Mas sabia bem qual seria a pior.

Como viver sem aqueles olhos que por tantas vezes foram frios, que conseguiam transpassar a alma, os mesmos que com o tempo se tornaram quentes e por momentos

PERIGOSAS

até suaves quando encontravam os meus? Os lábios apaixonados que faziam flutuar e me perder antes que soubesse sequer que estava amando-o. O toque que inflamava o meu sangue, e que nos cobria com uma luxúria que podíamos encontrar apenas um no outro. Ian Sovelev fez com que crescesse de tantas formas, quando achava que nunca iria saber lidar com ele, nos instantes que o temi, então finalmente aprendi a erguer o queixo e desafia-lo, hoje até nossas discussões pareciam memórias boas para guardar, porque ao refletir sobre elas vejo o quanto evoluímos juntos.

Parando agora para pensar, um pouco mais calma, vi como fui injusta com ele na noite passada, o afastando quando deveria aproveitar o pouco tempo que ainda tínhamos juntos. Claro que aquela atitude dele em me mandar para longe me

NACIONAIS - ACHERON

despedaçava, contudo se lembrasse todas as palavras que disse, o que já fez por mim, era capaz de enxergar a importância que tinha na sua vida, afinal quantas vezes não falou que era incapaz de me deixar partir embora visse ser o certo? Aquilo o machucava tanto quanto a mim. Outra coisa que fez meu coração doer, foi não ter aproveitado a primeira vez que Ian disse com todas as letras me amar, a frase que deveria me trazer alegria, foi dita como uma variação de adeus. Algo muito importante estava acontecendo e ele guardava para si, só torcia para que ficasse protegido, assim não importaria que estivéssemos separados, saberia que estaria bem em alguma parte do mundo, nesse aspecto nossos pensamentos combinavam.

Se mexeu suavemente sobre mim, provavelmente para evitar me machucar

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

com seu peso, deixei minha mão cair do seu cabelo para poder me concentrar em encará-lo. Seu rosto se ergueu pra mim e vi por seus olhos cansados e vermelhos que a noite dele foi ainda pior do que a minha. Não precisávamos de palavras, discursos enormes, bastava àqueles olhos para entender o que sentia, e naquele breve instante éramos apenas nós no mundo, sem problemas, sem futuras despedidas, só aquela vontade de tê-lo mais próximo. Às vezes o tamanho daquele sentimento me assustava, o controle que tinha até sobre as batidas do meu coração, e me perguntei se com ele ocorria o mesmo.

Não era fácil ama-lo, estávamos sempre cercados por obstáculos, entretanto estes apenas me faziam mais forte. Uma vez ouvi alguém dizer que são as pessoas mais difíceis de serem amadas as que mais

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

precisam de amor. Agora entendia o porquê dele me chamar de anjo, ou ao menos achava que fosse por isso. Ele já mencionou me ver como uma luz em meio a toda a sua escuridão, mas não seria certo dizer que o dia precisa da noite para existir? Quanto mais juntava informações e lembranças, mais me sentia forte para levantar, por mim e por ele. Acaricieei seu queixo com a ponta dos dedos trazendo-o para mim. Meus lábios nos seus, que chegaram tão sôfregos e sutis, me saboreando lentamente, e eu gravava seu sabor como se pudesse esquecê-lo, claro, uma ideia absurda. Suas mãos pousaram na minha cintura num aperto leve, enquanto o beijo se tornava mais intenso, quando o ar se fez necessário achei quase uma ofensa, se afastou pousando sua testa na minha, metade do seu corpo sobre o meu. O abracei pelos ombros,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

aproveitando o calor que transferia pra mim.

- Eu amo você. – Surpreendia como se tornou simples dizer essas palavras, e os meses em que tomei conhecimento desse sentimento e o guardei pareciam tão distantes, o nervosismo de segurar a verdade dentro de mim, apenas passado. Sua respiração ficou mais pesada, e observei seu rosto em busca de qualquer mudança, encontrando sua boca entreaberta e os olhos com um pequeno brilho de surpresa e algo mais, que suspeitei ser prazer. Será que alguém já disse amá-lo? Era de se cogitar que seu pai jamais o havia feito, já que amor há pouco tempo sempre lhe foi desconhecido.

- Sempre muito sincera. – Murmurou quase como se reclamasse, suspirou e quando voltou a falar seus lábios tocavam os meus, e pra mim aquilo parecia um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

convite para que voltasse a me perder. – Não está tornando as coisas mais fáceis.

- Já é um hábito. – Debochei dando um meio sorriso, esperando que me beijasse novamente, e assim o fez. Sempre um melhor do que o outro. Aproveitei cada segundo naquela bolha só nossa. Ele era meu, assim como o pertencia, e essa verdade absoluta teria que bastar, pelo menos por um tempo.

Queria que nunca terminasse, mas foi justamente o que aconteceu quando o som do toque de um celular cortou o ambiente. Em um pequeno impulso Ian se levantou para pegar o aparelho dentro do terno que estava jogado de qualquer jeito. Ao atender foram poucas as palavras, e sua expressão se fechou como o céu num dia de tempestade. Respirei fundo e segui seu exemplo passando direto para o banheiro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Vi no espelho que meus olhos ainda estavam inchados da noite passada, mas pelo menos não pareciam duas bexigas vermelhas, a aparência cansada seria algo a ignorar, retirei as poucas roupas que usava vagarosamente e entrei no boxe. Quando a água quente bateu nas minhas costas, um pequeno arrepio me perpassou brevemente, logo em seguida me senti livre para desabar novamente.

Chorar não era um sinal de fraqueza apenas queria despejar tudo o que guardava. Não deixaria que Ian visse mais uma vez o quanto aquilo iria doer, ele já teria que lidar consigo mesmo, ainda que uma parte de mim pensasse lá no fundo, que sua dor não seria tão profunda quanto a minha. Durante toda a vida conheci muitas pessoas, obviamente tive relacionamentos, entretanto houveram apenas três pessoas a quem

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

entreguei todo meu coração, minha mãe, meu pai e o homem que me fez assinar um contrato como sua esposa. Já tive a experiência de perder para sempre uma delas, fui arrancada de outra, e agora a experiência se repete. Seria a vida dizendo que meu destino era ficar sozinha?

Não sei ao certo quanto tempo passei ali, mas foi o suficiente para tirar parcialmente o peso que me sufocava. Enrolei meu corpo no roupão branco que estava lá dentro, escovei os dentes. Ao sair para o quarto agradei por estar vazio, segui para o closet e observei todas aquelas roupas pensando em quais colocaria na mala, já que obviamente não poderia levar todas, e nem queria, aquele era meu lar e não importava quando, eu iria voltar.

Vesti uma calça jeans clara, um blusão branco de crochê e um tênis da mesma cor.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Procurei por alguns minutos até achar a mala que trouxe quando vim para Moscou, e a abri para jogar algumas peças dentro, na realidade não prestei muita atenção ao que colocava, apenas evitei as araras com roupas de gala. Estava vetado dos meus planos ir a qualquer festa. Fechei a mala sem dificuldade alguma, e peguei uma bolsa como bagagem de mão. No meu subconsciente imaginei se Ian me devolveria os documentos que lhe foram entregues na minha chegada, afinal, não poderia viajar sem passaporte e todos os outros, isso definia quem existia no mundo. Arrastei a bagagem grande até a entrada do closet, e fui em direção a cama para deixar a bolsa pequena sobre ela.

O que fazer agora? Definitivamente a disposição para encontrar o Sovelev estava escassa no momento, precisava de mais

NACIONAIS - ACHERON

alguns segundos sozinha. Mas claramente esse pedido não seria atendido, pois mal terminei de pensar isso quando o som de uma batida leve ecoou pelo lugar. Apertei a palma da mão contra a calça num reflexo e pedi para a pessoa do outro lado entrar. Bem lentamente, quase com insegurança a cabeça de Olívia apareceu pela pequena brecha.

- Entre, Olívia. – Sorri de leve, estranhando seu comportamento, já que normalmente ela se movia com destreza resolvendo tudo o que era necessário na mansão, talvez ela já estivesse informada sobre a viagem que estava programada para mim naquele mesmo dia, aparentemente. Sentei na ponta da cama e sinalizei para que a mesma se aproximasse. Estava começando a ficar desconfortável com o ambiente a minha volta, sempre fui péssima com

NACIONAIS - ACHERON

despedidas.

Com seus passos cadenciados caminhou em minha direção, enquanto uma mão apertava a outra num reflexo de ansiedade.

- O Sr. Sovelev me mandou perguntar se deseja ajuda para organizar suas coisas, senhora. – Falou em um tom profissional e até um pouco distante, provavelmente aquele era outro pedido de Ian, para que ela se contivesse? Balancei a cabeça diante daquela atitude, muito a cara do Sovelev querer que as pessoas escondessem o que sentiam, apenas para que na sua visão, não me ferissem.

- Avise a ele que está tudo pronto. Já desço. – Levantei até parar em sua frente e antes que fizesse qualquer movimento para cumprir sua tarefa a abracei delicadamente pelos ombros, e sem qualquer outro gesto

ouvi o seu suspiro entrecortado e seus braços me envolverem apertado, o tipo de abraço que uma mãe daria, tão aconchegante e foi difícil reprimir mais lágrimas, embora as dela vertessem livremente por seu rosto.

- Minha menina, como ficaremos sem você? – A sua voz baixa numa frase tão simples e que empregava toda a dúvida que cobria meus pensamentos. Como eles ficariam? A minha presença por aqueles meses mudou tantas coisas ao ponto de que meu esquecimento se tornasse algo impossível, sequer pensável? Esperava que sim, já que todas aquelas pessoas marcaram a minha vida de diferentes formas, mas com certeza intensamente. Passamos mais um tempo naquele abraço sem que fosse dita qualquer resposta, contudo procurei acalmá-la e ser o mais gentil possível. Olívia

PERIGOSAS

sempre foi meu anjo naquela mansão, cuidou de mim, me mostrou de certa forma o caminho por onde seguir, e quando pensava em desistir ela surgia com seu apoio. Se hoje Ian e eu temos algo, em boa parte é graças aquela mulher.

- Tudo vai ficar bem. – Me afastei para encará-la. Precisava acreditar nas minhas próprias palavras, embora o futuro fosse algo completamente incerto. Com essa última frase, assisti seu pequeno sorriso se abrir para mim, antes que ela tivesse que avisar ao senhor da mansão que logo eu estaria em sua presença. O clique suave foi o único sinal de sua partida.

Não lhe disse adeus, mas aquilo continuava sendo uma despedida. Em breve, desceria para que Ian me informasse qual o próximo passo, então aproveitei os poucos minutos naquele quarto para recordar os

NACIONAIS - ACHERON

momentos, mesmo que tenha durado cerca de cinco minutos foi como assistir um remake dos últimos meses. Peguei minha bolsa na cama e a joguei sobre o ombro, estava leve já que só carregava comigo, comprimidos para dor de cabeça, mal-estar, e produtos de maquiagem básicos. Olhei o meu reflexo no grande espelho do lado oposto e inconscientemente a minha mão direita se fechou no pingente de diamante azul que carregava no pescoço, lembrando das palavras que disse ao colocar em meu pescoço: “Use-o sempre, assim poderei estar perto de você mesmo distante...” E acredito que essa promessa perduraria.

Desci as escadas segurando com força no corrimão já que minhas pernas não estavam fazendo um bom trabalho, na verdade mal as sentia. No final vi um ruivo conhecido me esperando, com uma

expressão fechada que nunca achei que veria em Dimitri. Quando finalmente me notou, quase parada ao seu lado, abriu um sorriso sem jeito. Ele sabia muito bem o que estava acontecendo, e pelo que vi no dia anterior não concordava nem um pouco. Ambos não tínhamos poder algum, quem decidia destinos era o todo poderoso, Sr. Frio. Dei de ombros e o abracei. Aparentemente ambos não éramos bons com despedidas, já que ele ficou sem jeito ao me devolver o gesto.

- Por favor, cuide dele enquanto estou fora. – Me desfiz do abraço e o encarei. Aquele era um pedido muito importante, embora fosse óbvio, precisava daquela certeza. Revirou as orbes verdes, numa clara expressão de insatisfação.

- Não será fácil, mas me habituei de acordo com os anos. – Resmungou me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

arrancando uma pequena risada, logo voltando a ficar sério continuou: - Sabe que é por pouco tempo não é, Ariel? Ele é teimoso e só está fazendo o que acha melhor para você.

- Eu entendo, só queria que ele se abrisse e me explicasse as coisas. — Me acalmaria, mas nunca é fácil quando se trata de Ian. Às vezes tenho uma vontade de puxar sua orelha. Contudo conseguia ver o quanto ele lutou e enfrentou tudo sempre sozinho, é complicado ver que isso não necessita ser mais assim. Coçou a nuca desconfortável, provavelmente foi proibido de mencionar qualquer coisa, maldito Sr. Frio, controlador.

- Acredite, é melhor assim. Se você tomasse conhecimento de algumas coisas poderia ser perigoso. — Focou em um ponto atrás de mim. — Acho que é melhor vocês
NACIONAIS - ACHERON

conversarem.

Ao lançar um olhar por sobre o ombro vi um Sovelev de braços cruzados e seu rosto não revelava nada, nenhuma emoção, como um quadro em branco. A vontade naquele instante foi correr para os seus braços, porém me contive. Realmente, uma conversa se fazia necessária, aquela poderia ser a última por um bom tempo.

- Vou deixar vocês a sós. — Informou Dimitri se retirando rapidamente, entrando pelo corredor oposto. Procurei a coragem para encarar o homem parado a poucos metros de mim. Lentamente abriu os braços num claro convite para que fosse me encaixar ali, e quem era para negar, não? Meus passos me levaram e no seu calor me acolhi deixando ser apertada suavemente. Beijou o alto da minha cabeça antes de dizer num murmúrio para irmos até seu escritório.

NACIONAIS - ACHERON

Hora de falar sobre negócios? De certa forma...

O barulho da porta de carvalho se fechando atrás de mim foi o sinal de que deveria me sentar na cadeira em frente a enorme mesa do Sr. Frio, vamos a conversa tão temida e ao mesmo tempo inevitável. Ele acompanhou meus passos, contudo ao contrário do que pensei não se postou na cadeira no outro extremo, e sim se encostou a mesa, sentando na ponta dela, bem a minha frente. Cruzei as mãos sobre meu colo, mantendo em mente que deveria ter uma postura quase fria.

- Chegamos a um ponto que eu deveria ter previsto. – Percebi pela sua voz que ele tomava sobre si toda a responsabilidade sobre o que estava acontecendo, e mesmo que pudesse concordar que não estaria passando por isso se tivesse ficado em Nova NACIONAIS - ACHERON

Porque, também devo pôr em pauta o fato de que jamais teria o conhecido, e me apaixonado, por fim, pensando por esse lado, desejo profundamente que não veja apenas pelo lado negativo. . – Jamais quis que tomasse responsabilidade por erros meus. E falei inúmeras vezes o quanto é importante para mim, embora creio que não veja agora. Peço apenas que confie em mim, e acredite nisso que temos...

Era adorável ver o quanto, ainda que estivéssemos nessa situação Ian se constrangesse um pouco ao pronunciar aquelas palavras. Pegou um envelope que estava sobre a mesa e o estendeu em minha direção.

- Deveria ter devolvido a um bom tempo, mas simplesmente me fugiu a memória. – Se desculpou dando de ombros, encarando-me, provavelmente esperando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

uma reação. Abri e vi o conteúdo. Todos os meus documentos estavam organizados ali. – Irá precisar deles.

- Certo. – Acenei os guardando na bolsa de mão que carregava sem prender minha atenção por muito tempo ali. Evitava manter meus olhos por muito tempo nos seus, ele tinha um talento invejável para ler o interior das pessoas, e naquele momento não queria ser mais uma vez o seu livro aberto. – Estou indo para Madri?

Somente queria confirmar que os planos continuavam sendo aqueles. Passou alguns segundos sem responder, sua respiração mais profunda enquanto me encarava, os olhos profundos gravando-me, como se estivesse ali, mas com o pensamento distante. Apenas esperei pacientemente que voltasse a focar no presente.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Sim, tenho uma pessoa a sua espera.
- Então, estamos entendidos, Sr. Sovelev. — Respondi me erguendo da cadeira, e com a estranha sensação de quem acabava de fechar um acordo de negócios, lembrando vagamente o contrato de casamento que assinamos. Aparentemente continuaremos casados só que vivendo em países diferentes. Sempre opostos a tudo o que era comum no mundo.

Imaginei que meu momento de despedida sentimental tivesse ocorrido hoje pela manhã no quarto, me repreendendo por não ter aproveitado mais, “Afinal, como saberia que seria o último?” refleti. Tentar compreender os motivos dele não deixava a situação de forma nenhuma melhor. E não importava o que fosse, minha raiva subia a um bom nível deixando um pouco de lado a tristeza. Passos rápidos e firmes me levaram

NACIONAIS - ACHERON

até a porta para que pudesse seguir meu caminho, mas me lembrei de um detalhe importante.

- Tenho que me despedir de Elissa. – Não estava pedindo autorização, iria de qualquer jeito. Se tratava apenas de uma constatação. Não deixaria Moscou antes de ver a minha amiga. Esperei por uma resposta que não veio, então apenas suspirei abrindo a porta.

Contudo apenas uma brecha se fez quando fui puxada pelo braço com força para trás, meu corpo indo de encontro ao dele. Nem mesmo consegui formular uma queixa e sua boca se apossou da minha com uma certa brutalidade, um toque de desespero e a dose perfeita de dois corações partidos. Entrelacei meus dedos por entre os fios macios do seu cabelo os puxando com um pouco de força, devolvendo seu beijo na

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mesma intensidade. “*Continue me amando, do seu jeito, da mesma forma que eu te amo...*” Pedi no silêncio dos suspiros daquele momento.

Era um amor errado, trouxe tantas lágrimas, porém ao mesmo tempo me fez livre na sua prisão. Eu nunca quis partir, era difícil imaginar aquela coisa chamada vida sem tê-lo ao meu lado, ainda que em poucas horas diárias. Seus lábios desceram pelo meu pescoço, enquanto lutava para trazer o ar para dentro dos pulmões. Pequenos tremores me percorreram até que parou ao pé do meu ouvido: - Amo você.

Me concentrei para conter um choro infantil e compulsivo que se formava, e apenas sorri suavemente olhando nos seus olhos. Tão perigosamente apaixonada por ele, imaginei o que estaria disposta a entregar para que ficasse bem e feliz.

NACIONAIS - ACHERON

Distanciou-se entrelaçando nossos dedos. Mais forte, era o estado em que me encontrava ao tê-lo do meu lado. Seguimos pelo corredor e encontramos com Dimitri parado no hall de entrada, ao seu lado estavam os dois seguranças que teriam a tarefa de me acompanhar, eu suponho.

- Elissa está te esperando em casa. Expliquei apenas por alto qual era a situação. – O jeito que olhou para Ian era quase como se o estivesse desafiando a contestar. – Não será simples lidar com ela.

- Conheço a minha amiga. – Pisquei apenas tentando amenizar o clima.

- Desejo que tenha uma boa viagem, Sra. Sovelev. – Deu um passo à frente me abraçando apertado. Depois de alguns segundos escutamos um pequeno limpar de garganta forçado. – Os seguranças já

guardaram sua mala.

Na deixa os dois homens caminharam em direção a saída da mansão. Me virei envolvendo Ian pelos ombros, beijei de leve seu pescoço, respirando fundo para guardar seu perfume. – Até logo, Sr. Sovelev.

- Será breve, anjo. – Sussurrou. Tocou meu queixo com a ponta dos dedos, erguendo o meu rosto em direção ao seu. – Vou esperar a sua volta, então poderá me dizer novamente aquelas palavras. Porque estarei pronto para ouvi-las. – Prendeu sua atenção no colar em meu pescoço, e o segurou. – É uma promessa.

Corei perceptivelmente, e seria impossível dizer que não entendi o significado daquela frase. Quando saí o vento não era forte, porém estava longe de ser algo confortável também. Dois carros

PERIGOSAS

SUV's estavam estacionados ali, contudo apenas um mantinha a porta traseira aberta, e foi a este que me dirigi. No instante que me acomodei no banco notei que as pessoas ocupando os lugares da frente eram Alexander e Marcus, novamente fomos colocados numa viagem em grupo, o único que virou para me cumprimentar com um pequeno sorriso foi Marcus.

Os veículos foram colocados em movimento e me voltei para ver a mansão se distanciando as minhas costas, a construção foi tomando espaço até se perder completamente. Encostei minha cabeça na janela e não vi mais a estrada por onde passávamos. Sabia que demoraria um pouco até estarmos na casa de Elissa, e precisava me preparar para saber o que lhe dizer, ela seria a pessoa menos compreensiva com toda essa história de viagem. Entretanto,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

apenas comecei a pensar no que estava por vir. Minutos já haviam corrido quando a voz de Alexander resmungou:

- O segundo carro está muito distante, nem os vejo. – Olhou de relance para Marcus que buscava pelo retrovisor. – Entre em contado com eles.

O ambiente ficou tenso, e eu que não fazia a menor ideia do que estava acontecendo já comecei a me sentir agitada e um pouco nervosa. O outro tirou um celular do bolso, contudo pela careta que fez, claramente não obtendo resultado.

- Não estão atendendo. – O que se seguiu foi incrivelmente rápido, de uma forma que mesmo que tenha aberto a boca para avisar nada saiu além de um grito de completo pânico.

Um sedã todo preto que vinha na pista

NACIONAIS - ACHERON

no sentido contrário se jogou na nossa frente trancando o carro onde estávamos, com a parada brusca minha testa foi de encontro a janela e uma dor aguda me perpassou, ao ponto de minha vista embaçar e uma vertigem me tomar. Não sei ao certo o que ocorreu nos poucos segundos de desorientação que provei da completa ignorância, todavia o som de tiros ocuparam o vácuo ao meu redor.

Pisquei quase compulsivamente para focar no que acontecia, enquanto uma corrente de adrenalina tornava minha respiração ofegante, e fazia meu coração bater dolorosamente contra o peito. Meus olhos resolveram trabalhar e o pavor me tomou. Na parte da frente Alexander se encontrava imóvel no banco do motorista, enquanto Marcus estava com a porta do seu lado aberta a usando como escudo. Sem me

PERIGOSAS

importar com qualquer coisa joguei meu corpo para frente para checar o pulso do homem inconsciente jogado de qualquer forma, constatando que ele não mais existia. Assim como a quantidade de sangue absurda que tingia a camisa branca que usava. Engoli em seco, sem conseguir conter as lágrimas que desciam incontroláveis pelo meu rosto. O que estava acontecendo?

O urro de revolta que Marcus soltou me fez engolir em seco e olha-lo para ver o seu braço direito sangrar provocando uma grande mancha na manga do terno cinza. Tinha visto muita coisa quando trabalhei como médica, mas nada no mundo me prepararia para aquele momento. O ajudei completamente desajeitada a puxar seu corpo de volta para o carro, notando que aquele não se tratava do único ferimento.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Marcus trincava os dentes tentando se erguer, mas aquilo seria extremamente perigoso, estávamos sendo alvejados, e ele perdia sangue em demasiado. No espaço limitado não conseguia fazer uma boa análise, mas posso presumir que se tratava de um ferimento no tórax. Com a mão tremula continuei a empurrá-lo para baixo.

- Por favor, fique abaixado, Marcus. — Mal tinha terminado de falar, e ele perdeu a consciência. Em poucos minutos estava presa em um cenário de destruição. Os vidros quebrados das janelas e para-brisas disputavam espaço com os respingos de sangue e furos de tiros.

Me encolhi em pânico, estava completamente sozinha. Os eventos aconteceram numa velocidade impressionante, homens mascarados e completamente vestidos de pretos, cerca de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

cinco, se aproximaram cautelosamente do carro, carregando armas que nunca vi. A porta do meu lado foi escancarada, e me debati contra quem tentava puxar meu corpo para fora, um esforço no qual não obtive êxito algum, puxada e antes que pudesse respirar para gritar um lenço foi colocado sobre minha boca e nariz. Apenas um cheiro forte de éter, e logo em seguida a escuridão do inconsciente.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 23 – ESPECIAL SOVELEV IV

Todas as pessoas no mundo possuem suas feridas; já foram machucadas de uma forma que pode ser vista, ou escondida em seu interior. E eu sou apenas bom em ferir, todas as minhas cicatrizes são lembretes da maneira em que posso arrancar de um corpo um maior sofrimento, sou apenas isso. Moldado em ferro para aguentar as piores situações, um mestre em torturas. Devo realmente uma salva de palmas ao homem que me tornou o que sou. Mas houve um erro, em algum momento, porquê ainda posso sofrer, de um jeito que meu coração parece ser esmagado dentro do peito, mais do que um tiro, ou o corte de uma faca, vamos apenas comparar uma junção de tudo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

e teremos algo perto do que sinto no momento. Uma ferida interior é muito pior do que uma externa, para essa não existe um santo remédio, um ponto, uma cirurgia ou a merda que fosse. Só te resta engolir tudo e esperar que melhore, que ela entenda e um dia volte?

Esperança é uma coisa podre. Não devo guardar expectativas de tê-la para me curar como fez desde o dia que a vi pela primeira vez. Ariel merecia uma vida segura e feliz, tudo que pensei poder lhe oferecer, porém não era verdade. Os meses felizes foram apenas mentiras que ecoaram tanto na minha cabeça até se tornarem a minha realidade e a dela. Infelizmente o certo, que não era muito comum a mim, seria deixá-la. Não que tenha por um passe de mágica me tornado o cavaleiro branco que se importava com todos e nunca consigo mesmo, me

NACIONAIS - ACHERON

importava com ELA, apenas. Sua vida, a alegria brilhante nos seus olhos, cada batida do seu coração me era mais preciosa que minha própria vida. Logo o homem que a muito esqueceu o valor do próximo, que se especializou no cruel e no que lhe dava mais prazer. Porque só isso restava no vazio, não era? Só que ela veio estender a mão, abrindo espaço aos poucos e com força, quebrando toda a armadura que deveria ser indestrutível, resgatou o Ian que jamais conheci, e hoje sou incapaz de não ser. Contudo era dela, por ela, que aprendi a sorrir, que sentido tem tudo sem Ariel?

O grande Sovelev, aquele que carrega o brasão e a responsabilidade que um nome trás. Dinheiro, poder, respeito, todos podem abaixar a cabeça para quem sou, para as minhas vontades. O que digo é uma ordem para homens que tem suas vidas em minhas

NACIONAIS - ACHERON

mãos, que estarão sempre aos meus serviços. E de que adianta essa prepotência, o império, se um envelope com três fotos fez com que o mundo ruísse e desse uma volta para deixar as coisas de cabeça para baixo? As horas passaram enquanto Dimitri me encarou calado, esperando a minha decisão, qual seria o passo que deveríamos dar. Sempre foi assim, Ian Sovelev tinha que ter a resposta. É claro que eu já possuía, só não aceitava. Por isso apenas fiquei ali, assistindo o espetáculo de calamidade que virou a minha vida.

E no seu papel de braço direito, e se posso dizer, irmão, Dimitri respeitou o meu silêncio por todos os minutos infindáveis daquela madrugada. No instante que achei minha voz mais firme e a postura correta lhe disse qual o plano, detalhe por detalhe, tudo teria que sair perfeito, nada fora do lugar,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

porque estávamos falando da segurança da minha mulher. Sua expressão se fechou numa careta e soube que ele era contra tudo aquilo.

- Você não pode simplesmente manda-la numa viagem a Espanha assim do nada, Ian. —Exclamou. — Sei que está tentando protegê-la, mas tem que haver outra forma.

Apenas levantei a mão, impedindo que ele pensasse em um discurso mais longo e acabasse erguendo demais a voz, tudo o que não precisava era de alguma confusão naquele bar ridículo, ou de muitos ouvidos atentos. Com o envelope guardado no bolso do casaco, dei aquela noite por encerrada, assim como aquela conversa.

- Apenas faça o que eu mandei, Dimitri.

Saí daquele lugar sem realmente saber onde estava indo, as luzes dos postes

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

passaram correndo por mim, e agradei por não estar dirigindo. Mas para quem achava que a parte mais difícil seria aceitar a sua partida, qual não foi a surpresa ao me corroer inteiro para lhe contar a verdade? Olhar nos seus olhos felizes e apagar seu brilho pouco a pouco, essa era a tarefa que me dispus a fazer, apenas para mantê-la segura. Que ironia, para não perdê-la, a estava perdendo.

Não consegui ir direto para a mansão, então acabei optando pelo caminho até o “prédio principal”, na verdade se tratava de um galpão grande na área industrial mais afastada do movimento constante da cidade, completamente reformado, e sempre vigiado por alguns dos meus homens. Ali, não eram guardadas mercadorias, estava mais para uma academia, um espaço para treinamento. Com armas e alvos,

NACIONAIS - ACHERON

equipamentos de musculação, e tatames. Tudo do melhor, e completamente organizado, bem diferente do que era quando o meu progenitor comandava o lugar. Apesar de preferir o meu espaço reservado na mansão, queria evitar encontrar com ela por enquanto. Atitude covarde, porém minha cabeça parecia tão ocupada cogitando teorias, que não me importei. Pensar e descontar em algo a raiva que sentia, eram os primeiros passos. Caso contrário poderia explodir.

Passei por poucos homens no caminho até o meu objetivo, o piso inferior. Um pequeno elevador levava ao espaço subterrâneo, onde ficavam as armas e os estandes de tiro. Tirei as roupas pesadas que vestia, indo até a estante com inúmeras opções, alcancei uma pistola Desert Eagle encaixando o pente, peguei um protetor e

PERIGOSAS

encarei o alvo imaginando que aquilo era o meu inimigo, seria tão simples acabar com ele se não ficasse sempre escondido atrás dos mais fracos, sendo acobertado por atitudes covardes.

Tiros seguidos, uma marca perfeita. Carrega e começa tudo de novo. Me queriam e para isso descobriram o meu ponto fraco. A ameaçavam para que perdesse a cabeça —o que de fato, acontecia— e por fim me pegariam desprevenido, da mesma maneira que fizeram com o meu pai. Entretanto, havia uma enorme diferença, distinto dele, não estava protegendo a mim. Eu lutaria por ela. Eles, quem quer que fossem, faziam um jogo inteligente, contudo esqueciam que na partida em que estão aprendendo a jogar, já fui criado para vencer.

O tempo passou e só me dei conta disso
NACIONAIS - ACHERON

porquê meus braços começaram a doer por esforço excessivo, devo ter perdido a prática, já que não existia mais um ser vivo que me obrigasse a treinar todos os dias, nos mais variados horários. “*Seu caminho é sozinho...*” O aviso, surgiu como um lembrete doloroso na minha mente, e só pude concordar. Fui criado para sobreviver, antes mesmo que tivesse nascido já era odiado, por isso, nunca deveria ter esquecido aqueles ensinamentos. O pior não era ser ferido, ou deixado para trás, posso lidar com isso, o pesadelo é vê-la passar por tudo.

Alexander me esperava encostado ao carro, como se nunca tivesse saído de lá. E sem nenhuma palavra sobre o meu provável estado lamentável, abriu a porta do passageiro para que entrasse. O meu cansaço tanto emocional como físico faziam

PERIGOSAS

meus olhos pesarem, e desejar com todas as forças não ter que pensar em mais nada. Imaginar que a situação mais difícil apenas estava por vir. Me preparar, vestindo a minha armadura para mantê-la longe novamente, só isso me restava.

Chegar a casa foi rápido como nunca, porque continuava querendo fugir, coisa que seria impossível. Não me surpreendi ao descer do carro e dar de cara com Dimitri parado na porta de entrada como uma gárgula assombrada. Suspirei arrumando a roupa de uma forma mais apresentável. Nem precisava estar nas minhas melhores faculdades mentais para saber qual era o seu plano, me dissuadir da única solução viável e que poderia salvá-la.

- Dimitri, por que não me polpa tempo e vai cumprir as tarefas que te encarreguei? Não sei se está vendo, mas cada minuto é

NACIONAIS - ACHERON

importante. – Era raro me ver aumentando o tom de voz para falar com alguém, ainda mais com aquele cabeça dura, porém eu conseguia ver uma tempestade de eventos catastróficos acontecendo antecipadamente. Mesmo vendo minha expressão de poucos amigos me seguiu para dentro da mansão, estudando suas próximas palavras, com raiva por tê-lo cortado sem espaço para contestações.

- Isso vai acabar com você. – Murmurou me encarando, buscando pela pequena brecha de um sentimento de arrependimento, que graças à anos de prática consegui encobrir.

- Se fosse Elissa, o que faria? Colocaria o seu desejo acima da segurança dela? – Pesei em meu tom de ironia. Claro que não quero voltar a me senti incompleto, e a merda de sentimento que sinto, me partindo

NACIONAIS - ACHERON

completamente está me levando a loucura. Esperei por uma resposta esperta, contudo ela não viria, todos se tornam idiotas no instante que falamos sobre a dor de perder alguém. Relaxei a postura e toquei seu ombro, numa rápida batida. – Deixe que eu mesmo me preocupe com o que vem depois.

- Ian, Dimitri... – A voz dela tomou o ambiente, e foi como um bálsamo sobre a ferida recém-aberta. Não me voltei mais a pequena conversa que estava tendo com meu colega. Só a vi, prestei atenção no pequeno sorriso, na forma como gesticulava dizendo estar entediada, a ausência de cada ínfima coisa num futuro próximo, fez com que sobrasse uma necessidade enorme de gravá-la, e pra sempre não seria suficiente.

Os minutos passaram e aquele abraço do Dimitri parecia não ter fim. Notando meu pequeno incômodo, ele se distanciou com

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

uma despedida rápida e um sorriso de zombaria. Antes que saísse do ambiente segurei seu braço e o lembrei: - Não se esqueça, quero tudo pronto para amanhã. Da forma que lhe expliquei.

Nem mesmo tinha percebido que estava agora ao lado de Ariel, a minha necessidade de tê-la perto de mim, me fazia gravitar em sua direção, o mais breve toque provocando arrepios e até o ar parecia ficar mais pesado.

- Não sei se essa é a melhor solução, Sovelev. — Contestou. O olhei com um desejo de fulminá-lo. Estava fora dos planos discutir isso na frente dela.

- É a única em que posso pensar, e se estivesse no meu lugar faria o mesmo. — Falei lentamente, apertando o seu braço com um pouco mais de força antes de soltá-lo. — Faça.

NACIONAIS - ACHERON

O Karpienko apenas abaixou a cabeça em um sinal claro que não diria mais nada, mesmo que fosse contra a minha decisão, aquele era o seu trabalho. Acompanhei a saída de Dimitri, mas logo minha atenção foi roubada para a mulher parada ao meu lado. Seu rosto de franzira um pouco. Provavelmente confusa tentando juntar as poucas partes da conversa. Então seus olhos correram para mim, ao notar que a fitava intensamente seu rosto se cobriu em um delicado tom de rosa. Pela primeira vez no dia fui desarmado, me pegando incapaz de não sorrir, mesmo que apenas levemente.

Se aproximou me envolvendo nos seus braços, eram delicados, porém de uma forma que nem começava a compreender, ela era forte. Naquele breve instante ela tirou o peso do céu que carregava nas costas, na sua mágica, tudo no mundo podia

PERIGOSAS

se tornar nada em suas mãos.

A apertei mais de encontro a mim, segurando sua cintura e beijei o alto da sua cabeça sentindo o cheiro do seu shampoo, e quando me afastei um pouco encontrei seus lábios a espera, no seu sempre mudo pedido por mim. A beijei vagorosamente, permitindo que todo tempo do mundo fluísse e ficássemos perdidos no momento. Aproveitei o seu toque, os dedos percorrendo o meu cabelo. Quando o ar se fazia necessário mais para ela do que para mim, me afastei encarando seus olhos que se abriam devagar, e a forma como me olhava me fazia sentir a pessoa mais importante do seu mundo, da forma como ela era no meu. Acaricieei seu nariz com o meu, enquanto compartilhávamos o mesmo espaço, sua respiração descompassada o som que mais me importava. Sim, não

NACIONAIS - ACHERON

existia nada que não faria por ela.

A soltei tomando um pouco de espaço, e para amenizar aquele clima estranho que tomou o ambiente lhe sorri abertamente, torcendo para ela não ver como algo forçado.

- Ian... Aconteceu alguma coisa? – Engoli em seco, ainda confuso em como ela conseguia ver por trás de cada fachada que eu erguia. Desconversei usando uma desculpa batida de cansaço e fome, que funcionou apenas porquê passei a madrugada fora, e claro que a Sra. Sovelev percebeu isso. – Sempre, Sr. Sovelev.

Queria poder acreditar naquelas palavras, porém não existia um destino certo e bonito para pessoas como eu. Segurou minha mão com mais força, acompanhando meus passos quase

PERIGOSAS

arrastados para subir as escadas. Minha cabeça ainda dava voltas no mesmo lugar, então mal prestei atenção no silêncio que nos envolveu. Fechei a porta do quarto assim que ela passou e segui para o banheiro, podia sentir impregnado em mim o cheiro que o galpão tinha, trazendo uma sombra de memória que desejo apagar. Suor, pólvora e o peso da arma que sinto como se ainda a tivesse nas mãos.

Abri os botões da blusa e a tirei, assim como o resto das roupas, no modo automático. No meu interior a voz zombava, “*você esperava mesmo um final feliz?*”, de algum jeito me tornei um tolo iludido, que sonha em estar apenas com uma pessoa, aproveitando esse sentimento que consome no peito, esquecendo pelo caminho que sempre fui completamente diferente dos outros.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Deixei a água cobrir meu corpo, os pingos deslizando por meus ombros, querendo que a mesma pudesse limpar a sujeira interior. Se não fosse quem sou ela jamais correria perigo. E também nunca teríamos nos encontrado. O quanto de dor uma pessoa pode suportar na vida? Porque deveria haver um limite. Aguentei todos os meus dias sozinho, aproveitando o quebrar lento da pessoa que realmente era. A luta que as minhas mãos travavam enquanto me agarrei a algo que não me pertencia, uma vida que não posso levar. Sempre serei incompleto.

Escutei o som da porta se fechar e olhei por sobre o ombro para o meu anjo. Todas as vezes que me perdia nas sombras ela surgia, mesmo que nunca proferisse sequer uma palavra. A minha luz. Tão maior do que toda aquela guerra interior, meus

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sentidos e pensamentos sempre se redirecionavam a Ariel. Franz o cenho, nesse tempo, como pode existir algo forte assim?

Minha atenção se voltou completamente a ela, no instante que, lentamente, começou a se livrar da camiseta, em seguida outras peças encontraram o caminho para o chão. Incapaz de desviar meus olhos acompanhei cada passo até em frente a mim, sobre o jato de água quente. Me fitou do seu jeito especial, lendo minha alma.

- Sei que tem algo te incomodando. – Sua voz quase ficava oculta. – Me deixe cuidar de você, como vem fazendo comigo.

Engoli em seco. Eu nunca vou merecer aquela mulher.

- Como sabe? – Lutei mantendo a minha voz baixa e calma. Observei a sua expressão

NACIONAIS - ACHERON

pensativa, parecia alguém que resolvia um importante problema mentalmente. Por fim, apenas deu de ombros com uma resposta simples e nada esclarecedora.

- Apenas sei. – Eu poderia ter dado uma resposta sarcástica e a feito corar como normalmente. Aquela mulher era pura inconstância. Havia dias em que era um livro aberto e facilmente poderia dizer o que pensa, em outros, como agora, ela se transforma num enorme enigma que faz minha cabeça girar. Aproximou-se me envolvendo num abraço, ficou na ponta dos pés para beijar meu ombro delicadamente descendo para meu peito. Tremi, pele contra pele era demais, e agradecido dei adeus a racionalidade. – E me importo.

“Se importa? Seria ao menos um terço do que sinto por você?” Pensei enquanto suas caricias leves me levavam diretamente

NACIONAIS - ACHERON

ao limiar do prazer. Sua boca entreaberta, a ponta da língua desenhando a minha pele, até suga-la com força.

- Controle-se. – Resmunguei baixo, mas já era tarde demais. Meus braços a envolveram não deixando qualquer espaço entre nós. Juntos, de repente a água estava quente demais, ou talvez fosse o efeito que meu corpo tinha quando estava junto ao dela.

- Estou em suas mãos, Sra. Sovelev. Sempre. – Por favor, acredite que essa é minha verdade, escute e jamais esqueça, ainda que muito em breve eu possa lhe machucar. Tomei os seus lábios com força, minha boca consumindo a sua, ela me respondia com tamanha liberdade, como se ao longo do tempo que estamos juntos se moldasse a mim, se abrisse como uma flor, só minha. Eu a levei ao mais intenso calor

NACIONAIS - ACHERON

do desejo e da necessidade que um ser humano pode ter de outro. A marquei de um jeito que nunca, ninguém poderá me apagar dela, da mesma forma que estava marcada em mim. Minha mão que estava perdida por entre o seu cabelo guiava os movimentos, e logo pude sentir as unhas afiadas nos meus ombros, causando uma leve ardência. Somente por mais esse momento, é tudo do que preciso.

Ela se afastou um pouco, lutando para fazer a respiração voltar ao normal. Enquanto isso passei a beijar seu pescoço, às vezes não me contendo e a mordendo de leve, meus dedos percorriam o caminho da sua coluna, subindo e descendo. Perguntou se eu não a deixaria cuidar de mim, contudo aquilo não era uma espécie de cuidado? Eu entendia desse modo, continuei com as caricias apenas respondendo sem encará-la:

PERIGOSAS

- Você. Tocá-la. Sempre será a minha cura. Ainda que momentânea.

Aquilo me fazia sangrar por dentro, como uma hemorragia que não era contida. Ouvi o seu chamado simples por meu nome, com o tom de repreensão, tentando arrancar algo de mim. Mas precisava daquele instante de paz. “Por favor, não insista nisso.” Pedi em silêncio. Estava do avesso procurando uma saída inexistente. Aquela que não fosse ferir a ambos.

- É apenas por um tempo. – Não estava consolando Ariel, mas sim, a mim mesmo, que me tornei tão fraco. Seus braços logo me trouxeram de volta ao presente e a ela, que com uma ousadia pouco usual sua, me beijou, guiando meu corpo, para que o fizesse como desejava. Cada toque do jeito que queria, e como bom escravo do desejo que sou, o fiz sem qualquer arrependimento.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Porque aquela provavelmente seria a nossa última vez. A gravei pra sempre, até o fim da minha vida nunca seria capaz de esquecê-la. Abracei, segurando-a no lugar, e meu corpo sentia os efeitos de ter estado com ela, o arrepio não passou por completo, graças a onda de prazer que me percorreu. Ariel sempre demorava um pouco mais a voltar para a terra, o que chega a ser engraçado, e admito, me deixa um pouco convencido.

Passei a lavar seu corpo calmamente, tendo toda a liberdade de tocá-la. Eu conhecia cada palmo da sua pele como a mim mesmo, e sua doce entrega durava até momentos simples como esse, onde cuido dela, sem vergonha alguma ou desconforto, nós dois é apenas certo. Quando me dei por satisfeito, Ariel me surpreendeu ela mesma repetindo todo o processo em mim. A

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sensação de ter alguém por você, tomando conta, me fazia por breves instantes acreditar que sou... Especial. Não da forma ruim que estou acostumado, porém precioso, importante. Infelizmente seria por poucos minutos.

Terminado esse banho em conjunto nos secamos superficialmente e cada um seguiu para um lado, ela ficou no quarto, enquanto eu tomava respirações profundas dentro do closet, e ensaiava algo cruel para dizer. Afinal, seria menos doloroso para ela se passasse a ter raiva de mim, só esperava que eventualmente esta diminuísse. Contudo, essa não era a lembrança que eu queria deixar. Eu simplesmente era incapaz de mentir olhando naqueles doces olhos, a única pessoa que me conhecia profundamente e ainda assim estendeu a mão, *“por favor, não me faça mentir para*

NACIONAIS - ACHERON

ela”.

Numa das gavetas estavam as roupas que ela trouxe de NY, fiz com que Olívia as “guardasse”, pois seria mais fácil a transição se não houvesse sempre lembranças aos seus olhos. Tirei um moletom antigo dali e caminhei de volta para o quarto, lhe entreguei sem encará-la realmente, entretanto pude ver de relance um sorriso nascer em seus lábios. Prendi minha concentração em um ponto qualquer da parede, e analisei uma forma de começar toda aquela merda.

- Achei que tudo podia sair como planejado. Mas não sou o que pensei, e alguém descobriu isso antes que até que mesmo eu visse. – Sabia que para ela nada que falei fazia qualquer sentido, mas aguarde anjo estou prestes a quebrar nos dois. – Nada dura para sempre, Ariel. Tudo
NACIONAIS - ACHERON

quebra.

A olhei transmitindo apenas com isso tudo o que havia dentro de mim, ou seja, nada. Estou me congelando novamente para mantê-la bem, ao menos, o melhor possível. Murmurou que não conseguia me compreender, porém eu sabia que lá no fundo ela estava bem ciente.

- Eu vivo numa tempestade durante toda vida, e a arrastei até o meio disso tudo. — Estou pagando pelos pecados que carrego comigo, e não vou deixar que você seja arrastada junto. — Imaginei que poderia mantê-la sem que se envolvesse. — Ri com aquela ironia. — Não posso.

E por fim chegamos ao grande desfecho de toda loucura, a razão da dor que eu teria que suportar. Tenho que ter a força para mandar Ariel embora. Disse que não se

importava, e sei que é a realidade, se fosse o inverso também seguiria o mesmo princípio, porém estamos num precipício, a um passo de cair, e minha escolha era estar sozinho nessa queda. Não estamos muito longe, posso obrigá-la a dar um passo atrás.

— Veja bem, anjo. Eu sou realmente muito bom em mentir, enganar, e fazer mal as pessoas que realmente quero bem. Nasci para estar só e seguir os passos do meu progenitor, tentei mudar isso estando com você, mas admitir que corra o mais remoto risco por minha causa é demais até para mim. Estou usando a parte boa que despertou em mim para falar a verdade e mostrá-la a saída. É o melhor que posso fazer.

Prefiro acreditar que assim estou te abrindo uma porta para uma vida normal, possivelmente feliz e segura. Posso adotar o

NACIONAIS - ACHERON

papel de espectador como sempre estive destinado a ser, foi meu atrevimento em deseja-la doentiamamente que nos fez assim: Eu um fraco; Ela uma sofredora. “Sei o quão forte pode ser, anjo.”

Suas palavras de acusação podem estar acabando com o que resta em mim, mas vou suportar tudo porque sei que mereço. Suas lágrimas começaram a escorrer como se não houvesse mais um fim, e eu seria assombrado por aquela imagem, assim como todas as outras onde a machuque no seu interior. Era devastador. Assisti a raiva e a magoa tomarem conta dos seus traços numa transparência tamanha que o ambiente a nossa volta parecia ter deixado de existir, e soube que a frágil linha que nos ligava estava se rompendo lentamente. Despejou sobre mim as palavras cheias de veneno, onde deixava claro que apenas a tinha usado

PERIGOSAS

como um passatempo. A raiva gritou por todo meu ser, sem controle, mesmo sabendo que a fiz chegar a esse nível, como podia dizer isso quando tudo de mim implorava, rastejava por ela? Será que tudo o que falei durante esse tempo não significava absolutamente nada diante dessa bagunça?

- Não distorça minhas palavras, será que não lembra de nada que lhe disse ontem? Eu preciso que vá, isso não é um desejo, mas sim uma necessidade.

Suas feições suavizaram enquanto limpava com força as lágrimas que teimavam em cair. Então perguntou por quê? E sei que é justo lhe dar uma resposta, não deixa-la completamente no vazio.

- Porque é minha fraqueza, e alguém descobriu isso. Apesar de imagina-la longe me machucar ao ponto de não poder

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

respirar, prefiro saber que está em algum lugar do mundo bem, do que perdê-la de verdade.

A sinceridade nunca foi bem o meu forte, eu estava experimentando muito dela ultimamente ao ponto de acreditar estar perto de uma overdose, isso é uma merda completa. Me sinto acorrentado no sétimo círculo do inferno enquanto meus inimigos riem. E como se o mundo não achasse que aquilo fosse suficiente eu vi como Ariel simplesmente caiu de joelhos, sabendo que aquele era o ponto alto da rendição, chegamos ao fim. Então a acompanhei no nosso último ato.

- Eu nunca mereci você. E ainda assim aqui está. A fiz sofrer demais, e tudo o que eu quero fazer é protegê-la, por isso tenho que abrir mão. Embora isso não possa mudar em nada o que sinto por você, Ariel.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– A acariciei sentindo sua pele de leve. –
Agora, mesmo pedindo que parta, não quero
perde-la.

- Amo você.

O tempo congelou, e acho que demorei
anos para compreender aquelas duas
palavras. Qual o significado delas? Por quê?
Eu não merecia esse sentimento que todos
buscavam e ansiavam. Acho que perdi a
capacidade de falar. E percebi com um
estalo, nunca, ninguém me disse isso. Nem
mesmo os meus pais; um porque
provavelmente desconhecia a existência, a
outra porque estava morta. Como diabos
espera que saiba lidar com isso?

- Tem meu coração completamente, Ian.

Mesmo atordado eu identifiquei
facilmente a mudança no ritmo do meu
coração, o quanto as minhas mãos

NACIONAIS - ACHERON

começaram a tremer, lá no fundo da consciência o reconhecimento, e a faísca de felicidade que esperava a oportunidade para explodir. Porque a resposta esteve sempre lá. E ainda assim nos separaríamos no próximo piscar de tempo, nem teríamos a oportunidade de explicar o novo passo que Ariel nos forçou a dar.

- Não faça isso. Está tornando mais difícil ainda. Como posso deixá-la se me prende mais?

- Nunca vou tornar as coisas fáceis para você, Sovelev. — Respondeu, e lembrei quando a um tempo atrás, que parecia muito, disse o mesmo, só que dessa vez a tristeza na sua voz não permitiu a audácia um espaço. Tomei os seus lábios com força, queria a trazer para o agora, naquele instante de despedida. Senti a umidade do seu rosto na ponta dos dedos, a boca tão

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

macia e relutante. E então suas mãos empurraram meus ombros. – Não.

- Ariel... – Chamei, contudo já estava muito longe para ser alcançada. Se levantou e eu sabia o que ela sentia, a dor, tristeza e magoa, foram as únicas coisas que lhe proporcionei. Se um desejo que tinha agora era não me ver, eu realizaria. Informei o lugar para onde iria, mal reconhecendo minha voz. Com isso se seguiu mais algumas apunhaladas que recebi em silêncio. Era um direito dela, se estava sendo ferida, revidar.

- Ao contrário do que pensa também sinto o amor, do jeito que me mostrou como sentir. Mas comigo é diferente, na minha forma de amar, eu te liberto.

Com isso sai porta fora. A forte batida que seguiu e depois o silêncio, nem mesmo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

notei a força que usei. Foram três passos antes de me encostar à parede e escorregar até o chão. Podia escutar por trás das paredes, das portas, os seus soluços e sabia que em mim era a mesma dor. Esperei o som diminuir e minha força voltar para ficar de pé novamente.

Abri a porta lentamente olhando para o quarto, estava tudo igual e diferente, havia uma distância ainda maior entre nós do que a física. Seu corpo estava encolhido num canto da cama e não se mexia, mas sabia que estava acordada. Andei calmamente até a cama e me deitei ao seu lado, sem palavra alguma, passei o braço por sua cintura e a puxei para perto, enterrando meu rosto no seu cabelo, sentindo o cheiro tão característico dela, assim eu passei mais uma noite em claro, porque a ideia de dormir quando a tinha pela última vez

NACIONAIS - ACHERON

comigo parecia um desperdício completo.

Não devo ter aguentado, quarenta e oito horas sem dormir, e a falta de comida, somando toda a bagunça que estava minha vida, fizeram com que fechasse os olhos em algum momento da noite passada. Mas nem passava por minha mente lamentar a posição em que me encontrava, sequer sei como paramos assim, contudo agora estava com a cabeça pousada confortavelmente no colo de Ariel, o meu braço a envolvia pela cintura e uma perna entre as dela. Senti os seus dedos passarem pelo meu cabelo e desejei que pudéssemos ficar assim um milhão de vezes, e não foi o suficiente. “Hoje dizemos adeus.”

Lentamente me ergui tirando o meu peso de cima dela, com receio de machuca-la. A

PERIGOSAS

encarei encontrando seus olhos ainda inchados por ter chorado e o nariz vermelho, ela permanecia bonita até assim. E o silêncio que nos envolveu não era opressor ou ruim, porque bastou aquele olhar para saber que nossos sentimentos coincidiam, tanto na dor quanto no amor. Ela traz o meu rosto para perto, com a ponta dos dedos no meu queixo, então minha boca se fecha na sua, e ainda assim a deixo conduzir naquela dança onde estávamos por um fio, começando a entender a profundidade do que sentimos. Desci minhas mãos fazendo sua cintura se colar a mim, ouvindo seu suspiro leve que era consumido por minha língua e lábios. O ar começou a faltar, pousei a testa na sua acompanhando o ofegar do seu peito tentando voltar ao normal, me abraçou pelos ombros no seu calor.

NACIONAIS - ACHERON

“Eu te amo” vieram todas as variações de comportamento e de atitude que aquelas três palavras traziam, e Ariel as dizia com uma facilidade absurda, porque acho que aquilo se tornou parte do que era, quanto a mim não me sentia livre para proferi-las, porque não tenho uma perspectiva de futuro feliz, e me apego a ideia de um longo adeus pensando que assim doerá menos no futuro.

“Sempre muito sincera” resmunguei ainda absorvendo sua imagem bagunçada na cama, e tendo uma resposta esperta jogada contra mim. O momento foi interrompido pelo toque exigente do meu celular. Ergui meu corpo para pegá-lo no terno que estava do lado da cama; senti a vertigem e a ânsia de vomito tomar meu corpo, com o bônus de uma dor de cabeça, onde cogitei a hipótese de que iria explodir. Efeitos colaterais de um bom tempo sem comer;

PERIGOSAS

claro com as coisas que andavam acontecendo, esqueci completamente de algo trivial como comer. Idiota.

Atendi o aparelho sem precisar olhar para saber de quem se tratava.

- Trouxe todos os documentos de que ela irá precisar. – Murmurou. – Andrei estará a espera dela na pista de pouso, tudo como você pediu que fosse.

- Certo. Obrigado, Dimitri. – Respondi.

- Não me agradeça por essa merda. Sei que irá se arrepender poucos segundos depois que ela sair.

Desliguei sem falar mais nada, porque não precisava da merda dos segundos para me arrepender, já fazia isso desde que tive a maldita ideia. Poderia estar exagerando aos seus olhos, porém eu sabia o que aquelas pessoas planejavam, tudo o que acompanha

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

aquela plano sutil; porque eu também sabia do que era capaz de fazer para conseguir o que queria.

Ariel desapareceu dentro do banheiro pouco tempo depois que a ligação começou, e preferi lhe dar seu espaço. Desci as escadas lentamente controlando as emoções dentro de mim, porque se tivesse um ataque de fúria era capaz de vomitar minha alma. Me senti um lixo completo e era merecido. Entrei no meu escritório encontrando Dimitri sentado com um envelope pardo nas mãos, e Olívia que acabava de pousar uma bandeja com comida na mesa, às vezes acho que ela lê pensamentos ou sente o ambiente ao seu redor, fosse o que fosse havia alguém que precisava mais dela do que eu.

- Olívia, poderia subir para o meu quarto e ver se Ariel precisa de alguma ajuda? – Perguntei tomando o meu lugar e pegando

NACIONAIS - ACHERON

alguma coisa que estava ali para comer, sem prestar atenção no que era, apenas colocando na boca, nem mesmo o sabor tive tempo de sentir antes de engolir para amenizar aquele mal estar. Ela apenas se inclinou saindo pela porta logo em seguida.

Quando ergui a vista, Karpienko me estudava sem interesse.

- Você está uma merda. – Me diga alguma coisa que eu já não saiba. Jogou o envelope sobre a mesa de qualquer jeito. – Aí estão os documentos dela. O piloto e toda a equipe já formam informados do destino e ficaram à sua espera. Andrei disse que a cobertura em Madri está à disposição, assim como a equipe de segurança.

Eu poderia até dizer que a competência dele me assustava. A sua capacidade de organizar tudo de uma madrugada para o

outro dia, porém já estava com ele a tempo suficiente para saber que não havia nada que não pudesse fazer. Por isso era o meu braço direito. Entretanto, naquele momento a última coisa que queria era uma felicitação por ter cumprido mais um trabalho.

- Certo. — Resmunguei tomando o conteúdo da xícara, que se provou um tipo de chá, e como a negação que sou sequer podia identificá-lo.

- Fiz minha obrigação e detestei cada segundo dela. Elissa sabe que algo está fora de lugar, ela vai enlouquecer e me levar junto assim que não tiver Ariel por perto.

Acenei que entendia, quem era louco ao ponto de não levar à sério a esposa irritada do Karpienko? E muito provavelmente eu seria alvo de sua raiva e magoa por um bom

PERIGOSAS

tempo dali para frente. Nem sempre as decisões certas trazem felicidade, no meu caso, nunca trouxeram. Assisti meu amigo arrumar o casaco sobre os ombros e se retirar, agradei seu gesto, tinha bastante no que pensar, e auto piedade já não podia fazer parte do meu roteiro. Precisava me concentrar em encontrar o mandante de tudo aquilo. “*Se tivesse feito direito o seu trabalho...*” Balancei a cabeça expulsando a voz repugnante para longe, esses delírios não podem me tomar mais tempo.

Sabia que era alguém poderoso, com dinheiro, influencia e uma ambição sem medida, levando a falta de bom senso. Conheço várias pessoas assim, o problema é separar um nome de uma lista de mil. Somando aos pré-requisitos, o fato de que obviamente o ser também me odiava teríamos mais duzentos nomes. Isso nunca

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

me incomodou tanto, minha mente estava em branco, sem ideia nenhuma de por onde começar. Provavelmente só fosse melhorar quando tivesse Ariel distante e segura, aí sim, poderia soltar todos os meus demônios bem em cima de quem sonhava em poder contra mim. Entrou na minha casa, tirou fotos da minha mulher no jardim, assim como de nos dois no restaurante e as enviou para um covil onde eu pudesse recebê-las sem que ele tivesse que se arriscar, assim como suas outras táticas, aquilo só comprovava sua covardia. Como um rato, roubando e se escondendo na toca, o problema é que isso deixou de ser suficiente. Passou da hora de acabar com essa brincadeira.

Chegou de repente, e tão logo o ambiente parecia sufocante, estava cheio de arrependimentos, e do que mais me

NACIONAIS - ACHERON

aterrorizava e irritava, não saber o que vinha logo à frente. Não registrei os passos que me levaram de volta ao hall de entrada, quase ao pé da escada. Ariel se despedia de Dimitri, que logo acenou na direção em que estava revelando minha presença. O ruivo murmurou alguma coisa que não pude ouvir, antes de seguir seu caminho pelo corredor oposto, provavelmente ficaria comigo durante um bom tempo, usando a desculpa de que precisávamos achar uma solução, quando na verdade estaria de babá para que eu não fizesse nenhuma besteira, isso não acontecia desde que éramos adolescentes.

Ela me encarava, esperando que tomasse alguma atitude, confesso que minha mente estava em branco, e só queria trazê-la para perto e nunca soltá-la. Deixá-la era como assistir a um pôr do sol, sem saber se no

PERIGOSAS

outro dia ele iria nascer aterrador, contudo, sei que sobreviveria porquê aquilo era quem eu era. O vazio. O buraco às vezes preenchido por demônios e ainda assim, meu anjo mostrava a luz. E esperaria para encontrá-la, de alguma forma eu limparia toda bagunça, e ainda que quando isso acontecesse ela já tenha seguido sua vida, será suficiente saber que estaria segura. Se encaixou tão bem, e seu cheiro me envolveu por completo, naquele breve instante banhado em adeus. Despedidas não deveriam doer tanto, mas era assim porque imaginamos como um ponto final, quando na verdade para as duas vidas, só se trata de reticências. A beijei de leve no alto da cabeça, prolongando os segundos antes de guia-la de volta ao escritório.

Assim que se sentou, me apoiei na mesa para me manter próximo. Peguei o envelope

NACIONAIS - ACHERON

largado ali e entreguei em suas mãos um pouco trêmulas. Tão forte, em esconder sua dor, suspeito que não voltarei a ver tantas lágrimas quanto na noite passada, e no fundo agradecia por isso, assistir um brilho naqueles olhos que não foi causado por um lampejo de alegria, mas sim avermelhados e inchados do choro compulsivo e incontrollável, acabava com tudo em mim. Falei algo sobre os documentos e os detalhes da viagem sem me prender muito aquilo, até aos meus ouvidos a voz saia vaga, como um barco a deriva. Contudo minha atenção ficou brevemente presa no colar que pendia no pescoço delgado. A minha promessa.

- Tenho que me despedir de Elissa. — Estava firme naquela resolução, deixando claro que eu não poderia dissuadi-la. Então me abstive de ir contra, estava fascinado

PERIGOSAS

com aquele salto de confiança e atitude, a mulher parada a minha frente não era uma menina mulher assustada de NY, era uma nova ramificação, a projeção do que a dificuldade, as mudanças podem causar numa pessoa. Ariel era lindamente forte, como jamais o grande Sovelev seria, sua natureza era resistente, sem a ajuda de qualquer armadura ou mascara, me felicito por ter apreciado sua presença por todo tempo que estivemos juntos.

A puxei com força para perto, moldando suas curvas em mim, realizando um terço de todo desejo que tinha, se acreditasse com certeza que tenho um coração, ele estava nessa hora implorando por isso, no entanto, opto por dizer que isso são os meus demônios e as poucas partes boas entrando num consenso, ambos a queriam. A beijei com desespero ao ponto de sentir o gosto

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

metálico ao fundo, entretanto isso não me impediu de aprofundar ainda mais, sentindo-a relaxar em meus braços, seus dedos puxando as mechas do meu cabelo como se o espaço entre nós ainda fosse grande, aquela era uma das formas do nosso amor, tão errado enquanto tão certo. Com a boca entreaberta acompanhei a linha do seu maxilar, descansando ao seu pé do ouvido: - Amo você. – Um sussurro que soou mais alto do que se tivesse gritado aos quatro cantos do mundo. A primeira pessoa a quem digo isso, e me sinto pela primeira vez próximo a realidade de todos no mundo, a vulnerabilidade de deixar alguém entrar, de ter essa pessoa tão presa a você que não importa mais nada. Senti suas lágrimas descerem por entre nossos rostos, respirei fundo e me afastei.

Observei o seu colar por mais um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

instante; Sim, eu estarei sempre com ela. Dimitri nos esperava parado no hall de entrada, me mantive quieto quanto a questão de Ariel não ir diretamente até o avião. Seriam dois contra um, e ambos conseguem ser bem irritantes quando se dedicam a essa tarefa. Quando a porta da mansão se abriu, o céu parecia mais cinza e os carros já estavam esperando. Se voltando mais uma vez para mim, me envolveu num abraço deixando um beijo plantado no meu pescoço: - Até logo, Sr. Sovelev.

- Será breve, anjo. – Toquei seu rosto para que me encarasse. – Vou esperar a sua volta, então poderá me dizer novamente aquelas palavras. Porque estarei pronto para ouvi-las. – Eu vou tentar merecê-las. Com aquilo selei para mim mesmo uma nova promessa, proferindo para que ela também soubesse: - É uma promessa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

A vi de costas, então tudo correu, e logo ela não estava mais ali, as portas se fecharam. Passei um tempo parado, sem realmente ver, só não conseguia sair do lugar. Uma mão pousou no meu ombro.

- Elissa ligará assim que ela estiver lá, assim como Alexander antes do avião decolar, para saber que tudo correu bem. Vamos nos concentrar no que fazemos de melhor, nesse trabalho de merda. Você precisa arrumar isso. — A questão era saber como. Tomei espaço deixando sua mão cair, precisava de um refúgio para pensar, infelizmente soluções não caem do céu.

Assim que entrei no espaço de trabalho, fechei as cortinas, encerrando o lugar numa penumbra acolhedora e conhecida. Dimitri se jogou na cadeira, batendo os dedos de forma ritmada, um costume que tinha -bem irritante- quando se sentia inquieto e

NACIONAIS - ACHERON

incomodado. Maldita convivência.

O que nós tínhamos? Carregamentos roubados, sempre por homens contratados temporariamente tornando mais difícil a localização, e uma ameaça clara e dirigida diretamente a mim. Provavelmente outro grande carregamento, fosse algo em demasiado para ignorar, sendo assim uma boa oportunidade para armadilha, pegando algum boca solta que me levaria direto ao chefe, ao menos um mais fácil de lidar que o último. Bem, é melhor do que ficar sem mover um músculo.

- Se continuar andando pra frente e para trás, vai abrir um buraco no assoalho. – Resmungou o Karpienko e eu estava pronto para retrucar quando o celular começou a tocar.

- Estou ouvindo.

PERIGOSAS

- Quanta simpatia, Sovelev. – A última voz que queria ouvir hoje, e todos os outros dias se prontificou na linha.

- Seu senso de oportunidade é incrível, Siderov. – Sibilei sem vontade alguma. – O que quer?

- Ouvir a sua doce voz. – Riu. Se eu pudesse comparar esse homem a alguma coisa seria a um inseto persistente. O prazer que tem em me irritar é quase doentio. Mas pela primeira vez, agradei. Irritação era melhor do que tristeza compulsiva. Esperei em silêncio para que continuasse. Vendo que não iria entrar no seu jogo, suspirou: - Está com problemas, meu amigo. Sabe como as notícias voam...

- Pode me dizer do que exatamente estamos falando?

- Os seus carregamentos roubados, nada

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sendo feito a respeito e sua falta de dedicação a isso. Estão começando a espalhar boatos sobre a sua capacidade de comando.

- E por que está me avisando, quando sabemos que seria um beneficiado se eu caísse? Coisa que devo alertá-lo, não irá acontecer.

- Assim você me magoa. – Gargalhou, senti vontade de lhe dar um murro. Não entendo bem ao certo, porém ele me tirava do sério desde sempre, o que só piorou quando tentou beijar a minha mulher. – Sovelev, eu não vou com a sua cara, e a sua vida é muito trabalhosa, meu interesse é zero de ocupar sua posição. Como se eu precisasse disso. – Bufou. – Contudo, não quero ver um qualquer na posição mais alta só porque se esqueceu de suas obrigações. Se um cair os outros também correm esse

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

risco. Apenas acabe com esses boatos, é cansativo recusar ofertas tentadoras. Nem eu tenho tantos inimigos.

- Não lembro de pedir a sua opinião.

- É sempre um prazer falar com você, Sovelev. — Por fim, desligou sem esperar uma resposta. Contive a vontade de jogar o telefone do outro lado da sala e me sentei segurando meu rosto entre as mãos.

Os problemas estavam se multiplicando, deveria ter imaginado que mais pessoas se aproveitariam naquele momento. Nesse mundo a grande maioria vive como parasitas apenas esperando uma oportunidade de subir na cadeia, porém não estou disposto a abrir mais espaço. Eu precisava de poder para proteger quem era importante. Esperei demais e a merda estava no ventilador, o demônio sabe quem pode

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

surgir das profundezas para dar mais trabalho. Finalmente notei que estava sozinho.

Caminhei até a bandeja com bebidas e preparei um uísque lentamente. Bebi aproveitando o queimar lento do líquido âmbar, muito em breve precisaria de todos os homens prontos, contemplei os vários quadros de destruição futura diante de mim. Quando o conteúdo do copo acabou, fiz outro. Levei até os lábios, porém não cheguei a tomar porque a porta se abriu num estrondo forte e Dimitri Karpienko entrou sem fôlego com uma expressão assombrada.

- Ian... – Ele não precisou dizer mais nada. Algo estava errado e era com ela. O copo escorregou por entre os meus dedos caindo no chão e se partindo em inúmeros pedaços, nem mesmo me movi. *Ariel...*

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Achei que tinha tomado uma decisão no momento de desespero, mas foi um erro, que poderia custar a vida da mulher que eu amava.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 24 – O preço

Quando recobrei a consciência só o que me tomou foi o sentimento de pavor, e por alguns minutos fiquei congelada, temendo pela minha vida como nunca antes. Abri os olhos em frestas e tentei analisar o lugar onde estava, porém não consegui enxergar nada um palmo a minha frente, pisquei inúmeras vezes para finalmente focar em algo, o ambiente era muito escuro, só havia uma pequena fresta de luz bem acima, quase no teto, e não era bem o que se pode chamar de grande conquista. Apertei os olhos com força numa tentativa inútil de me livrar da dor que estava a ponto de explodir a minha cabeça, num latejar constante e inconveniente. Consegui sentir na minha têmpora o sangue seco da ferida que obtive

PERIGOSAS

no acidente de carro, fora isso meu ombro doía também, embora fosse mais suportável. Num impulso quis levar a mão ao local ferido, então me dei conta de que elas estavam atadas, por correntes bem apertadas, pesadas, que prendiam a minha pele entre seus grilhões em fortes beliscões a cada movimento que fazia. Optei por deixar a situação física lamentável que estava para uma análise posterior, precisava saber onde me encontrava e qual a razão, porque algo em mim alertava que aquilo podia ficar bem pior.

A parede as minhas costas era gelada e de uma forma nojenta minha pele grudava a ela com cada toque, o cheiro também não era melhor, algo cheirava a podre, e foi uma árdua batalha para não vomitar nos meus próprios pés. Levantei com passos trôpegos já que apenas minhas mãos estavam presas.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Nada se escutava, exceto o chiado dos ratos, e seus passinhos no que supus ser uma série de canos. Estava frio apesar de suspeitar que nenhuma corrente de vento entrava no lugar. Tremi me encolhendo, o medo corria livre pelas minhas veias, enquanto o sentido clareava minha mente. Isso era o que Ian estava temendo, e no fim aconteceu de forma rápida, fui arrancada da suposta segurança que devia ter. Tateei pelos cantos tentando encontrar a saída, e não demorou para bater numa placa de ferro, que identifiquei como a porta. Era uma prisão, onde eu esperaria para saber o que fariam comigo. Não era agradável, a sensação de não saber por mais quanto tempo você vai respirar.

A combinação de medo e dor acaba com a resistência do corpo. Desabei no chão e coloquei minha cabeça entre os joelhos,

NACIONAIS - ACHERON

puxando a respiração com desespero. Eu não podia morrer sufocada no meu pânico. Levei as mãos unidas até o pescoço, encontrando ao pingente pousado sob a minha pele, “eu vou estar com você...”, as lágrimas não derramadas fechavam a minha garganta, contudo ainda assim as guardei. Ele viria. Se existia alguém nesse mundo que poderia me encontrar até nos confins da terra, essa pessoa era Ian Sovelev. Me agarrei a pedra fria, e ao sentimento que não me deixaria fraquejar novamente. Ele precisava que fosse forte, até me encontrar. Um gemido fraco ressoou e me fez pular de susto, como me passou despercebido que outra pessoa estava ali? O espaço nem podia ser tão grande...

- Senhora? – O tom de pergunta saiu entrecortado e sôfrego. O reconheci imediatamente. Caminhei até onde o som

vinha e quase tropecei no corpo estendido debilmente no chão. Marcus estava gelado ao toque e quando medi seu pulso era fraco. – Me perdoe por...

Isso vai acabar comigo. O homem está praticamente morrendo e vem me pedir perdão? Pelo que exatamente? Por estarmos ambos ferrados, ele uns quinze passos à frente, na direção de partida dessa para uma melhor? Mas que grande porcaria. Lembrei que seus ferimentos eram no tórax e no braço- O primeiro bem mais grave-, muito embora não pudesse fazer grande coisa devido as nossas circunstâncias, não podia deixa-lo sangrando até a morte. Ergui sua camisa e com o toque localizei o local da ferida, torcia para que a bala tivesse saído e não acertado nenhum órgão, em suma um milagre. Porque estamos na merda, uma hemorragia interna só irá nos levar mais

fundo ao abismo e sem chance para regresso. Rasguei um bom pedaço do casaco que trazia, pressionando contra o ferimento.

- Você precisa ficar consciente, Marcus. Nós vamos sair daqui. – Murmurei para lhe dar força. Mesmo que não imaginasse eu mesma de onde tirar a minha. “*Eu sei que você é forte...*”. O grande idiota que era o meu segurança tentou levantar, mas o empurrei de volta, sem ter que usar muita força. – Não se esforce. Quero que fique parado.

Concentrar-me na situação do homem a minha frente me ajudou a acalmar os nervos e tentar manter algum foco. Sempre acreditei que era mais fácil lidar com os problemas dos outros do que os meus próprios. Mesmo que não houvesse muita luz, podia ver o esforço dele para se manter

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

acordado. Deus sabe quanto sangue ele não perdeu, e era desnecessário dizer que as chances não eram boas para o nosso lado. O que doía mais era saber, que com algumas coisas poderia salvar a vida daquele homem, e por não tê-las ele caminhava numa corda, oscilando, prestes a cair. E eis o retorno do pesadelo, você estudou tanto para sempre chegar ao ponto onde não pode fazer nada além de assistir a morte fazer o seu papel, afinal ela só precisava de uma desculpa, um instante.

- Por favor, fique vivo. – Sei que é injusto pedir isso, quando não dependia apenas dele, porém ainda assim o fiz. Apertei mais minhas mãos sob o ferimento como se pudesse estancá-lo apenas com minha força de vontade. No fim não importa o seu tamanho, seu sexo, no que trabalha, ou quem você é, a vida é frágil para todos.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Senti quando sua mão pousou sobre a minha débil e fria.

- O Sovelev irá encontrá-la. — Afirmou sem nenhuma sombra de dúvida. Como se dissesse que o sol nasce ao leste. Assenti mesmo suspeitando que Marcus não pudesse ver.

- Eu sei.

O ranger alto das dobras da porta ao ser aberta veio no instante que a luz entrou por todo lugar. As paredes eram sujas e um dia devem ter sido de um estranho tom de cinza escuro, hoje eram descascadas e de cor indefinida, o chão era de cimento, e a pouca fonte de luz que havia antes provinha de uma janela minúscula e com grades. Um rápido olhar para Marcus me confirmou tudo que suspeitei antes, sua tez era pálida e seus olhos estavam fundos e caídos. Lancei

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

meus olhos a única saída sentindo um pouco de incômodo nos mesmos, graças ao tempo que fiquei no escuro, entretanto soube definir claramente as duas figuras enormes paradas na entrada. Ameaçadores, e embora vestidos com bons ternos, posso dizer que eram criminosos pelas suas expressões cruéis, e as tatuagens que cobriam o rosto de um dos dois. Nunca estive perto de pessoas assim, os homens que trabalhavam para Ian eram em sua maioria assustadores, contudo nunca tiveram aquele olhar doentio, onde diziam quantas coisas ruins estavam dispostos, quase ansiosos, a fazer comigo.

Apesar de o meu instinto gritar para me encolher mais ao lado do homem caído próximo a mim, sabia que não podia deixar que meu guarda-costas fizesse qualquer movimento brusco na tentativa inútil de me proteger. A sua vida dependia da quantidade

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

de sangue que ainda podia perder. Partindo do ponto que lutaria pela vida dele e pela minha, encarei os meus adversários de frente, tentando com tudo que tinha esconder o meu medo. O homem com o rosto tatuado deu um passo á frente, e engoli em seco quando por seus lábios abriu-se um enorme sorriso ansioso, suas mãos faziam movimentos involuntários. Porém, antes que fizesse mais qualquer movimento o seu companheiro interceptou seu caminho com um braço, e se seguiu apenas um aceno de negativo. Naquela rápida análise pude entender quem comandava.

Suspirei enquanto o que parecia ser mais provido de sanidade veio até mim. Não era muito melhor, mas pelo menos ele mantinha uma expressão neutra. Puxou a ponta da corrente que prendia meus braços me

NACIONAIS - ACHERON

obrigando a seguir seus passos para fora daquela sala. Tropecei e cambaleei algumas vezes antes de conseguir me firmar e caminhar normalmente. Encolhi quando estava ao lado do sádico maluco, e me forcei a ser indiferente ao sentir sua presença as minhas costas.

Estudei o lugar onde estava, entretanto não havia muito para ver. Aquilo era um enorme galpão velho, provavelmente bem longe de qualquer movimentação, então não importava quanto barulho fizesse, ninguém ouviria. O chão era batido como o do lugar onde estava antes, um enorme portão de ferro – que só de olhar posso dizer que não era aberto há muitos anos. Sequer acho que pode voltar a abrir- as paredes eram altas e o teto era firmado por enormes vigas de metal, em alguns pontos bem visíveis o enferrujado corroendo as juntas, as janelas

PERIGOSAS

que percorriam todo o lugar, ficava num ponto muito alto para cogitar a idéia de poder fugir por ali, mesmo que em sua maioria os vidros estivessem quebrados. Em poucos segundos os homens do meu lado não eram as únicas ameaças a minha vida, pelo estado daquele lugar tudo podia desabar em nossas cabeças no próximo minuto.

A poeira subia a cada arrastar de pés, afinal quem se importaria em limpar um galpão no fim do mundo, onde pessoas são levadas como reféns? Fui empurrada para uma cadeira de madeira bem ao centro, e me acomodei da melhor forma que pude, meu ombro incomodava um pouco mais, e a cabeça pulsava de dor a cada minuto um pouco mais também. Mantive o meu olhar baixo, pois não queria contato visual com nenhum daqueles dois, principalmente o

NACIONAIS - ACHERON

tatuado, ele estava longe de ter controle sobre suas ações, e se podia chutar um palpite estava usando algum tipo de substância ilícita. “*Estamos indo ladeira abaixo...*”

O toque de um celular despertou minha atenção, e o cara normal atendeu sem qualquer entusiasmo, torci fervorosamente para que não se afastasse durante a conversa. Ele provavelmente sentiu o mesmo que eu, pois permaneceu onde estava. A cada segundo o maluco pintado parecia mais impaciente, ficar sozinha com ele por qualquer espaço de tempo seria como assinar um atestado de óbito, o meu. Qualquer que fosse o plano deles, não o deixava tão empolgado quanto o que tinha em mente. Meu pânico só piorou quando de canto enxerguei sua nova brincadeira. Girar duas lâminas afiadas entre os dedos,

enquanto passava a língua entre os lábios estudando o simples movimento da minha respiração. Voltei minha concentração ao telefone, contudo já estava no final, e só pude ouvir quando falou em russo que “estava à espera”.

Prendi-me pensando em Ian, aquilo me manteria sã pelo tempo que tudo isso durasse. Ele já sabe que fui levada? Mais do que provável que sim. Se conheço sua personalidade Dimitri deve estar tendo problemas para controlá-lo. Meu homem difícil. Quase fui capaz de sorrir com a lembrança dele. Se algo acontecer comigo... Ian Sovelev irá se perder dentro de si mesmo novamente? Ou dessa vez será pior? Apertei meus olhos para conter meu choro. Mas que porcaria de vida é essa onde todas as circunstancias entre nós são sempre de fim e morte? Apertei minhas mãos juntas

me abraçando ao pensamento de recusa. Isso tudo é apenas mais um obstáculo, vou passar por ele como fiz com todos os outros. Aproveitei o silêncio para me manter calma e pensar numa forma de ajudar Marcus.

- O que está pensando? – A voz suave próxima ao meu ouvido me fez saltar na cadeira. Abrindo meus olhos, vi com horror que quem estava do meu lado era o pesadelo com mãos nervosas. – Você não tem saída. – Riu abertamente, seu tom apesar de sutil era como puro veneno, e assustador de se escutar tão de perto.

Seu rosto estava colado ao meu, e pude sentir seu perfume extremamente doce, enjoativo ao ponto de sentir a bile em minha garganta. Apesar de entender cada uma de suas palavras em um russo bem claro, permaneci calada e olhando para frente. Ao notar minha indiferença, senti em mim

NACIONAIS - ACHERON

quando a mandíbula travou e sua raiva queimou rapidamente o resto de sua sanidade. De uma forma tão rápida que mal registrei segurou meu rosto o virando bruscamente para si, seus olhos insanos se movimentavam freneticamente e o pálido do seu rosto era pintado aos poucos por um tom forte de vermelho, de acordo com que seu sangue circulou mais rapidamente.

— Tenho muitos planos... — A minha respiração ficou presa quando ergueu a lamina reluzente e rindo deslizou sob a pele do meu rosto, um corte na bochecha se abriu, só senti o leve queimar e o sangue escorrer da mandíbula até o pescoço, por fim manchando o tecido da minha roupa. Mesmo assim não reagi, apenas encarei seus escuros olhos castanhos, ele desejava me ver desesperada, era isso que lhe dava prazer, por isso me contive com ainda mais

rigor. Notei que a tatuagem em seu rosto era para cobrir uma cicatriz do que supus ter sido uma grave queimadura, ela era uma aranha enorme presa por sua própria teia, o desenho parecia antigo ao ponto dos traços estarem num tom claro do que um dia foi preto.

- Controle-se, Adrik. Não queremos uma bagunça tão cedo, siga o maldito protocolo. – Falou o homem do outro lado sem mover um músculo. Eles eram ambos assustadores, um sem expressão, o outro um maníaco. – O chefe chegou. – Afirmou fazendo o Adrik guardar rapidamente as lâminas que segurava e se posicionar ao lado de seu companheiro. Observando rapidamente eles eram bem parecidos, porém o senhor neutro era mais alto, seu cabelo preto cortado rente, a boca uma linha fina, seu nariz um pouco torto e completando o visual tinha

uma cicatriz na sobrancelha esquerda, ele deveria ser o mais velho, isso justificaria porque dava as ordens.

Minha mente ascendeu se prendendo as palavras que ele disse, “o chefe chegou”, meus ombros ficaram ainda mais tensos ao me dar conta que em breve estaria em frente ao ser responsável por tudo aquilo, pela morte de Alexander e pelos ferimentos infringidos a Marcus e a mim, uma onda de raiva me varreu e agradei por isso, certamente queria ver o chefe e mandá-lo ao inferno.

O som de uma porta sendo aberta as minhas costas, fez com que eu quisesse virar o corpo para olhar quem estava ali, contudo a simples idéia de deixar Adrik perto de mim sem conseguir vê-lo é inconcebível, era descontrolado, agressivo e muito rápido com uma faca. Minha garganta

NACIONAIS - ACHERON

agradece a precaução. Os passos foram se aproximando e confirmando que mais de uma pessoa estava vindo, provavelmente mais seguranças, me apeguei a atitude imparcial, deixando minha expressão vazia e fria como Ian conseguia fazer com tanta facilidade, o observei por tanto tempo que decorei sua expressão arrogante do início, esse pensamento me fez querer sorrir. Como abaixei um pouco à cabeça a primeira coisa que enxerguei quando um homem se aproximou de mim foram seus sapatos perfeitamente engraxados e de marca, eram um pouco espalhafatosos comparado ao dos outros presentes, e não tinha nada a ver com a ocasião. Lentamente fui erguendo minha vista passando pelo terno claro, até finalmente chegar ao rosto que me surpreendeu, primeiramente porque o reconheci e depois, por não conseguir

PERIGOSAS

entender de forma alguma o que ele ganharia com o meu seqüestro.

- Ariel Sovelev, finalmente voltamos a nos encontrar. – Parado com um sorriso enorme e uma postura relaxada, como se estivéssemos em um almoço de amigos, estava o pai de Layka Mcmillan, o homem que um dia pensei ser gentil e completamente o oposto da filha, as aparências realmente enganam. Os segundos de silêncio entre sua fala e até que meu raciocínio voltasse a funcionar e eu pudesse formular uma palavra sequer, pareceram semanas e por fim apenas pude perguntar em uma voz baixa: - Por quê?

Imaginava que Ian estaria furioso naquele momento, se havia algo que não tolerava eram falhas, ele era meticoloso, por isso fiquei tão surpresa quando me falou dessa viagem em cima da hora, geralmente

NACIONAIS - ACHERON

seus planos eram cuidadosos, algo fez com que ele corresse e se descuidasse, e imagino que seja eu. Porque a simples imagem de que a situação fosse oposta me fazia temer profundamente, mais do que pela minha segurança, prezava a dele. Mas o que faria um conhecido tomar uma atitude como essa? Era óbvio que isso causaria destruição -o estudei de lado- ele estava esperando que não fosse a dele. Apostava alto que conseguiria sair vencendo.

Acenou com a mão e em poucos segundos um dos seguranças surgiu carregando outra cadeira idêntica a que eu usava, e embora tenha entortado a cara para a peça, se sentou ficando no meu nível.

- Não tenho nada contra você, Ariel. – Suspirou como alguém que lamenta profundamente, coisa que sei que não faz. – Mas se tornou uma peça importante no jogo,
NACIONAIS - ACHERON

admito, de um jeito que nem eu esperava. Realmente sabe quem seu marido é?

Recuei diante a inquisição, não precisava contar a ninguém sobre o que especulei por muito tempo, sei que ele não falava a nível pessoal e sentimental, estava insinuando sobre os negócios do meu marido, as coisas das quais evitei saber. Desejei poder cruzar os braços sobre o peito para manter uma distância e dar a impressão de indiferença e confiança que queria, entretanto minhas mãos estavam amarradas, e pensei que teria que ser suficiente minha cara de tédio e serenidade, o que não era verdade, porém tive um bom professor e consegui transparecer o que queria. O encarei em silêncio, pelo pouco que conheci do Sr. Mcmillan ele era pomposo, não precisava de ninguém para encher seu ego, era o tipo de pessoa que continuaria falando

nem que fosse somente pelo prazer de ouvir a própria voz.

- Esse tipo de expressão me é tão familiar, porém não imaginava vê-la em um rosto tão delicado quanto o seu. – Sorriu. – Vejo que não irá me responder, mas imagino que a resposta seja negativa. Não lhe aborrece permanecer no escuro? Ele a trata como uma boneca sem vontades...

- Não fale como se nos conhecesse. – O interrompi com raiva. O seu deboche e a certeza que empregava em suas afirmações me causavam revolta. Ele não nos conhecia. Por um momento imaginei que aquilo fosse por sua filha que não realizou sua grande meta de vida que era ter Ian, mas aquele homem não se assemelhava a alguém que cuidava e zelava pelas necessidades de sua criança mimada. Bateu as mãos jogando a cabeça para trás em uma risada mais alta.

PERIGOSAS

- Mas aí é que se engana Ariel. Eu os conheço, afinal paguei muito caro para ter olhos e ouvidos dentro da mansão Sovelev. – Arrumou sua postura, voltando a me olhar com superioridade. – Uma das coisas que me dará mais prazer é ver a cara de Ian ao saber de quantas formas foi traído pelos seus.

- Por quê? – Voltei a perguntar o que não havia sido respondido. Até aquele instante ele só havia se vangloriado, e acima do meu medo estava a minha raiva e a diminuição considerável da minha paciência. Certamente esperava que implorasse por suas palavras esclarecedoras, entretanto só queria mantê-lo falando, primeiro para estar consciente de minha situação, segundo para ter aquele maníaco da faca o mais longe possível. Claramente não tinha nada a ver com curiosidade de

NACIONAIS - ACHERON

fato. Se houvesse outra opção...

- Alguns imaginam que dinheiro pode comprar tudo no mundo. – Deu de ombros. – Mas isso não é verdade, existe algo que por mais que deseje não posso comprar, não totalmente. – Alisou o terno, mesmo não havendo nada fora do lugar. Entendi aquilo como sua pausa dramática. -Poder. Os Sovelev's comandam uma grande rede há muitos anos e todo tipo de decisão passa por eles, não é injusto que alguém tão jovem possua tanto em mãos, já que é o único descendente? O respeito e o temor de muitos, vários aos seus pés...

O desejo de revirar os olhos quase foi incontrollável. Pra mim, aquilo tudo só tinha uma resposta: Inveja. Pelo que ouvi a família de Ian carregava grande responsabilidade e influência há muito tempo, algo que passou a ele desde que

NACIONAIS - ACHERON

nasceu, não era exatamente apenas sua escolha.

- Quando o pai de Ian faleceu anos atrás, não imaginei que o garoto fosse realmente assumir os negócios, que dirá aumentá-los. Mas assim foi. Por um tempo me apeguei a idéia de que Layka poderia se casar com ele, e então eu poderia exercer alguma influência para alcançar meus objetivos. Consegue acompanhar meu raciocínio? – Seus olhos pareciam vidrados na contemplação de seu plano perfeito, que falhou em completo. Seria um golpe do baú versão sogro? – Então ele surgiu com uma noiva americana! – Levantou de súbito me assustando, logo caminhando de um lado para o outro. – Foi uma péssima hora para você aparecer, mocinha. – Reclamou como faria com uma adolescente rebelde. Bem, fiquei sem saber se deveria me desculpar

por algo. Provavelmente soaria como sarcasmo.

- Então você me sequestra. Essa é a solução? – Não consigo ver como meu sequestro vai fazer o Sovelev deixar de ser... Ele. Um homem que já lidou com vários tipos de dor não se derruba facilmente, principalmente quando se tornou alguém capaz de virar o mundo do avesso para ter o que quer. Não existia um lugar onde me escondessem que ele não pudesse achar, e eu esperaria independente do tempo.

- É apenas uma parte do plano, querida.
– Se aproximou tocando com a ponta dos seus dedos gelados o meu rosto, bem no local onde estava cortado provocando ardor.
– Consegue imaginar a minha surpresa ao descobrir que você é o ponto fraco dele? Assisti de longe enquanto passava a tê-lo em suas frágeis mãos. – Apertou meu rosto
NACIONAIS - ACHERON

com força. – O pavor dele ao pensar em perdê-la, foi tão divertido de assistir. Realmente acreditei por muito tempo que ele seria intocável, decepcionante descobrir que sua destruição será tão simples. Sabe por que, Ariel?

O seu plano fez todo sentido em minha cabeça, finalmente, como se nunca tivesse sido desconhecido. Não era um simples sequestro o que planejava, ele faria uma troca, estava claro em seus olhos, naquela sede de poder e nos respingos de inveja que pintavam a sua voz, não haveria limites.

- Não fique com essa carinha. – Zombou deixando seu sorriso de escárnio pintar ainda mais suas feições. – Vocês em breve estarão juntos. Porque não existe nada que ele não trocaria por você. E sabe o que quero? A vida dele. Assim que eu autorizar a proposta será feita e como um

NACIONAIS - ACHERON

desesperado qualquer ele virá rastejando.

Engoli em seco com a menção que fez de Ian. E subitamente meu desejo de que me encontrasse se converteu na vontade de que nunca o fizesse. Imaginá-lo seguindo direto para uma armadilha por minha causa fez as lágrimas surgirem nos meus olhos, mas as segurei trocando por um pequeno sorriso para o velho louco.

- Está supervalorizando nosso relacionamento. – Falei. Era melhor mentir bem e tentar mostrar os pontos cegos, ou melhor, criar alguns. – Nos casamos por conveniência para ambos, convenhamos que isso parece mais legítimo do que sua visão de grande amor, não? Acredite, ele não virá. Tudo o que tínhamos vinha com data de validade.

Doeu falar daquela forma de nós dois,

mas se existia a ínfima chance de protegê-lo, iria agarrá-la. Cruzou os braços me analisando sério demais, parecendo quase impaciente. Apertei uma mão na outra para evitar que vissem o tremor delas espelhando meu pavor interior.

- É uma característica dos Sovelev achar que todos exceto eles são tolos? Eu assisti a sua vida durante todo esse tempo, cada mínimo movimento que fez aqui em Moscou. Tenho certeza do que digo, mas se me põe a prova, como acha que o Sovelev reagirá ao ouvi-la gritando do outro lado da linha? – Virou um pouco o rosto e chamou com um leve aceno. – Por que não faz as honras, Hedeon?

Então o moreno sem expressão se afastou alguns passos pegando um celular prateado do bolso, ao mesmo tempo em que o psicótico voltou a se postar do meu lado,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pousando propositalmente a mão em meu ombro ferido, um calafrio me perpassou. Não importando o que eles pretendiam fazer, lutaria para me manter em silêncio, para que minha dor não fosse à dele. No segundo seguinte os dedos frios e finos puseram mais pressão, fazendo com que me lembrasse com mais exatidão do ferimento naquele lugar, com uma risada baixa Adrik colocou mais força e a dor quase fez meu cérebro revirar, enquanto era aprisionada num instante que parecia não passar. No primeiro segundo não senti nada, em seguida foi impossível conter as lágrimas silenciosas que desceram rapidamente pelo meu rosto, porém como prometido mantive o dentes trincados impedindo que qualquer som me escapasse.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 25 – ESPECIAL SOVELEV V

Meus ouvidos estavam zumbindo enquanto esperava pelas próximas palavras de Dimitri, porém estava impossível alcançá-las. . Parecia que o meu conjunto particular de pesadelos resolveu se tornar realidade de uma única vez. Respirei fundo para fazer o mundo voltar a ser focado, fechei e abri os olhos quase pedindo para alguém surgir me mandando acordar, mas não sou o tipo de pessoa que tem essa sorte. O gosto amargo na boca ficava cada vez pior e meu estômago se revirava. Dei alguns passos para trás batendo na mesa e logo em seguida a usando como apoio, não me vem na memória uma única vez que tenha estado tão mal, nem conseguia diferenciar o que

NACIONAIS - ACHERON

era físico do que era psicológico. “*Quando se tornou tão fraco?*” no fundo sabia que aquele sussurro rouco era uma ilusão nublando minha mente, mas meu desejo de fugir dela não diminuía com isso, como todas às vezes anteriores, me perdia para os demônios do meu passado, para todas as manchas que cobriam a minha visão. Sempre estive destinado a perder o que amo, ou a nunca amar. Uma simples verdade, talvez *ele* tenha planejado tudo isso. Quanto de dor o último Sovelev pode suportar, o grande patriarca sempre tinha bons testes de resistência. E igual a tantos outros momentos, eu perdia.

Uma grande parte de mim não queria mais sequer se mexer, no fundo aproveitei a sensação de me perder para não ter que lidar com a realidade. Ela esteve sempre correndo perigo estando comigo, e por meu

PERIGOSAS

desespero impensado foi levada. O meu grande erro foi ser incapaz de deter as emoções, essas eu jamais pensei que pudessem me dominar, contudo o fizeram totalmente. Porque Ariel me ter na palma de suas pequenas mãos também era a razão de estarmos ambos perdidos.

Senti meus ombros serem sacudidos com força, minha cabeça pendendo de um lado a outro. Voltei aos poucos a mim, com a vista embaçada, mas finalmente me encontrava de volta ao escritório e não perdido em pensamentos tortuosos. Dimitri me encarava com o cenho franzido, expressão mais congelada que um iceberg quando se pronunciou.

- Controle suas merdas, não temos tempo para isso agora. Você precisa pensar no que vamos fazer Sovelev. – Eu não conseguia raciocinar, mas precisava de um
NACIONAIS - ACHERON

plano. Esse era o meu papel, ter sempre uma solução. E era incrivelmente bom nisso, exceto naquele momento. – Ao menos escutou algo que disse nos últimos minutos?

“Não, meu amigo. Estava perdido no meio de uma bagunça interior” Pensei.

- Repita. – Surpreendentemente minha voz permanecia firme. Os anos de prática foram realmente úteis. Primeiro de tudo, tenho que me colocar na posição de observador, nada dessa situação me afeta. Só assim vou conseguir arrumar as coisas. Suspirando ele assentiu.

- O carro de apoio foi separado do principal, vários quilômetros à frente. Quando tentaram entrar em contato não conseguiram e o dispositivo de GPS ficou inutilizado, por alguns minutos eles sumiram completamente. – Fechei a mão

apertando com força. — Quando encontraram o carro, ele estava com a lateral completamente amassada e alvejado, claramente não era um dos nossos carros. — Fez uma pausa. — Alexander morreu, Ian. Seu corpo foi deixado para trás no veículo. Marcus e Ariel foram levados aparentemente. — Entendi o que ele quis dizer. Não podíamos colocar a mão no fogo e falar com certeza que Marcus não estava envolvido, por isso deixaríamos como uma incógnita. — Uma completa bagunça, eles não se importam que comecem uma investigação em cima disso. Tudo o que precisamos no momento é mais olhos em cima. — Ironizou. — O que vamos fazer?

- Já mandou que os homens arrumassem o que deixaram para trás? — Pela sua expressão podia dizer que o ofendi. — Certo, quero que descubra quem estava

PERIGOSAS

responsável por arrumar os carros, pelo que me lembro essa tarefa não era dos seguranças. Isso nos dará uma ideia de quem anda jogando em dois times. — Sempre detestei traidores, se colocasse as mãos no duas caras com certeza ele iria preferir morrer, mas infelizmente não sou de oferecer as coisas facilmente.

- E quanto a Ariel? — Perguntou. Precisava pensar mais. Nada estava bem formulado na minha cabeça. Em poucas horas eu perdi um dos meus homens, descobri que tenho um traidor escorregadio entre os meus, tive minha esposa sequestrada, e além de tudo tive que limpar a bagunça que o responsável por isso fez. Se eu dissesse que a emoção que predominava em mim era a raiva, não estaria mentindo, até o medo que sentia por Ariel ficou em segundo plano. Tenho que confiar nela, para

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

se cuidar enquanto não chego. E vestir a máscara, porque agora a crueldade e frieza que me são tão familiares serão o que vai nos tirar dessa situação. Numa única chance.

- Quero que tente localizar o colar, ela estava usando-o antes de sair da mansão. — Engoli em seco. Aquilo foi um presente especial feito para ela. Dimitri achou doentio uma joia com localizador, provavelmente mudou de ideia agora. Nunca quis ter que usá-lo realmente, porque acreditei que poderia mantê-la sempre por perto, no entanto eu falhei.

- Irei fazer isso. Você... — Se interrompeu me encarando.

- Eu vou arrumar algumas coisas e esperar. — Falei me firmando bem sob meus pés. — Eles vão entrar em contato em breve.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– Caminhamos para fora, porém antes de nos separarmos lembrei um detalhe importante. – Dimitri, não deixe que Elissa fique sabendo. Ela apenas ficará preocupada e com uma forte tendência a cometer loucuras.

Deu um sorriso batendo no meu ombro: - Eu conheço a minha esposa, Sovelev. – Em alguns segundos a postura rígida e pouco convencional tomou espaço novamente. – Vamos trazê-la de volta.

Apenas dei as costas sem responder, mas ele entenderia. Para mim não havia qualquer outra opção que não aquela. Subi as escadas com passos apressados. De uma forma que não sei como explicar os lugares pareciam apertados demais, sequer conseguia respirar, até abrir num rompante a porta do quarto que dividíamos. O cheiro dela estava espalhado pelo ar e tudo que segurava meu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

corpo até ali se desprende, cai sob a cama e os lençóis já estavam completamente arrumados sem nenhuma evidência da noite passada, e mesmo assim a presença de Ariel era marcante e característica, talvez não fosse apenas no ambiente mas em mim.

Entrei no closet com o intuito de pegar algo para vestir, entretanto não foi realmente isso que prendeu a minha atenção, e sim as peças de roupas femininas que tomavam boa parte do espaço, algumas ali ela nunca usou, mas eu podia imaginá-la nelas numa imagem clara como uma lembrança. Eu a quis de uma forma egoísta desde o primeiro minuto que pus meus olhos sobre sua figura determinada. Olhos firmes mesmo quando se via o medo claro neles, a bravura real e o sentimento de cuidado que ela passava tão livremente quando nunca mereci. A possibilidade de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

não voltar a vê-la parecia tão mais real, e no fim eu sabia que era por ela estar em algum lugar perigoso e completamente só, da maneira que mais lutei para não acontecer. Porque sei qual o tipo de pessoa com a qual estou lidando e o que é capaz de fazer, já que eu sou um deles. Completamente igual, o vilão. Peguei um par de roupas sem analisar e parei em frente ao espelho, o mesmo que um tempo atrás refletiu a nos dois, e naquele instante tão distante pensei que caíamos bem um ao outro.

Abotoei a camisa social preta lentamente num processo automático, e assim se seguiram as outras peças, por fim analisei a imagem final, me assemelhava a uma cópia de como o meu pai se vestia, para não dizer que dele próprio, tudo impecável e preto. *“Não importa o que aconteça, não deixe que isso reflita na sua aparência. É*

NACIONAIS - ACHERON

patético.” Essas foram as palavras que usou depois que não consegui dar um nó aceitável na gravata, por estar com o pulso quebrado. Se parasse para pensar são poucas as partes do meu corpo que nunca sofreram uma lesão, porém algumas daquelas aulas serviam para algo, poucas dores me são desconhecidas e seria necessário alguém bem competente para me surpreender. Optei por não usar gravata num ato tanto de rebeldia contra a lembrança quanto para evitar me sentir ainda mais sufocado.

Momentos de culpa, onde a minha consciência se fazia um pouco presente, provando que não era completamente inexistente, sempre foram raros. E os poucos episódios onde isso ocorreu foram ligados diretamente a Ariel, e as tantas coisas erradas que fiz com a sua vida, e aqui

PERIGOSAS

estou eu preso em mais um para a coleção, que aparentemente seria interminável. Repleto de erros e com falhas cada vez mais transparentes para provar que nunca poderia dar uma vida feliz a pessoa que amava. Deixei para trás o espelho com o reflexo de uma boa memória, eu precisava voltar para a realidade.

Dimitri me esperava no escritório escutando atentamente o que alguém falava ao telefone. No meu caminho de volta vi que os empregados seguiam a rotina normal, e assim era melhor, não queria que o caos se instalasse, e se estou certo provavelmente alguém de dentro tem uma ligação com quem vem perturbando o curso dos meus planos, espero que relate a completa ignorância dos empregados diante ao que vem acontecendo, isso deixa transparecer que não estou aterrorizado com

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

o que aconteceu, embora a verdade seja bem diferente. O ruivo deve ter agido naturalmente e silenciosamente para conseguir as informações que pedi, sem qualquer alarde, até porque não queríamos que o responsável pelo carro descobrisse que é nossa primeira presa.

Sentei na minha cadeira tentando articular alguma coisa que me pusesse dois passos à frente, sabia que era a mim que queriam e não dava muita importância a minha vida em vista da de Ariel, era bem claro qual valia mais. Era inconcebível a ideia de falhar e ver um mundo onde ela não existisse. Isso me mataria de uma forma dolorosa e lenta de um jeito que nenhuma tortura conseguiria.

Eu não sei o que é amor, nunca conheci nada remotamente perto. Mas entendia claramente que minha vida não seria

NACIONAIS - ACHERON

completa sem a dela, que abro mão de tudo para tê-la, que sua dor se tornou a minha, como um reflexo. Ela conquistou tudo de mim, até mesmo meus demônios se rendiam a ela. Se isso não era o falado amor não existia outra palavra para descrever. Um limpar de garganta me fez focar novamente no ruivo.

- Descobri quem ficou responsável por arrumar os carros. – Abriu o notebook que só agora notei estar ligado na sua frente. – Seu nome é Borys, é um dos novos contratados. Veio da Ucrânia meses antes de começar a trabalhar para você. Quem o recomendou foi Alexander...

Deu uma pausa me lançando um olhar que entendi claramente, pois refletia o meu, pensávamos a mesma coisa. Poderia um dos meus seguranças principais estar por trás desse plano e no fim ter acabado morto?

Bem, não seria uma possibilidade tão inacreditável assim, embora me deixasse com ainda mais raiva. Já que Alexander estava comigo a mais de seis anos.

- Isso explicaria porque foi tão complicado rastrear os responsáveis pelos roubos dos carregamentos... — Refletiu Dimitri. Porém eu não queria afirmar nada ainda. Caso estivesse certo o chefe de toda aquela bagunça em breve entraria em contato, e finalmente deixaríamos de flertes, ele tinha minha total atenção como sempre desejou, espero que saiba aproveitá-la.

- Sinto que vamos saber de tudo muito em breve. — Olhei para o meu celular em cima da mesa que permanecia silencioso como um túmulo. — Quero que encontre Borys, o mantenha *ocupado* por um tempo e consiga o máximo de informações que puder. — Respirei fundo voltando minha

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

atenção para a janela que agora tinha as cortinas fechadas, sem nos deixar ver o mundo, nem que ele nos visse. Estávamos serrados ali dentro planejando sem poder confiar em ninguém. Observei o Karpienko de lado, nos conhecíamos desde que me entendo por pessoa, já havia perdido as contas de quantas vezes havíamos salvado a vida um do outro, e mais uma vez fui grato pelo amigo que tinha mesmo com a vida que levávamos. – Quanto ao colar...

- Achei melhor tentarmos rastreá-lo daqui. Embora fosse mais rápido se usássemos a equipe, sei que prefere o sigilo ao menos por enquanto. – Falou, contudo sua atenção estava focada no computador. Me perguntei qual a forma que eles usariam para se comunicarem comigo, se por telefone ou uma nova carta, porém pela forma corrida como ocorreram as suas ações

NACIONAIS - ACHERON

deixaram transparecer muita ansiedade. No fim, esse era um jogo em quem encontra primeiro vence. Eles optariam pela opção mais rápida.

Assisti Dimitri se levantar para falar no celular, provavelmente buscando por mais informações, mas não me fixei por muito tempo nele ou no que falava, já que meu celular passou a tocar estridente, a tela se iluminava com as palavras “número restrito”, não restavam muitas dúvidas de que minhas fichas de aposta estariam erradas. Depois de três toques estendi a mão para atender, embora minha mente estivesse lutando e bem clara, os dedos tremiam. Levei o aparelho até o ouvido, e o movimento me pareceu estranho e lento demais. O único som que veio do outro lado por alguns segundos foi o silêncio, antes de uma voz grave e desconhecida pronunciar

NACIONAIS - ACHERON

lentamente em russo:

- Ian Sovelev, acho que estava esperando a minha ligação. – A tranquilidade dele me foi enervante, mas apenas mantive minha mão livre fechada em punho ao lado do corpo num reflexo para me controlar antes de dizer qualquer coisa.

- O que quer? – Perguntei, já que era a questão principal, deixando de lado todo o resto irrelevante. Ao notar do que se tratava a ligação, o karpienko voltou rapidamente para o computador deixando de lado o que estava fazendo antes e se concentrando em localizar a pessoa com quem eu falava, apesar de acreditar no talento dele duvidava muito que fosse rápido o suficiente.

- Esteja as três da manhã na praça vermelha, bem em frente à Catedral de São Basílio. Apenas você. Caso contrário... – A

PERIGOSAS

pausa de sua fala deu a deixa perfeita para o seu significado.

- Como posso saber se ela está viva? – Pronunciar aquelas palavras travou a minha garganta, mas eram necessárias ou a angústia me consumiria por completo sem ter uma resposta concreta apenas fazendo suposições. Ouvi o som de passos do outro lado da linha, o lugar onde estava produzia muito eco. Em seguida, apenas uma respiração forte seguida de um resmungo quase inaudível. – Ariel...

Os segundos pareceram se arrastar sem qualquer resposta, e meu aperto no aparelho poderia quebrá-lo a qualquer instante. Um gemido de dor característico chegou até mim me fazendo ofegar, era ela.

- Não... – A voz veio entrecortada. – venha Ian. É uma...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Um barulho forte e logo em seguida a ligação terminou. Eu não conseguia mais ouvi-la.

- O tempo não foi suficiente. – O Karpienko se levantou pondo o computador de lado. Eu não tive qualquer reação além de largar o celular em cima da mesa.

- Eles a machucaram. – O tom saiu estranho até para os meus próprios ouvidos, não reconheci a minha voz naquele momento, ainda que desejasse gritar ela não saia. – Eles malditamente a machucaram.

Me sentia além de ferido e furioso, meus olhos queimaram por uma dor que não era capaz de sanar nem de transformar em lágrimas, fui incapaz de protegê-la e sabe-se lá qual o seu estado. *“Ainda assim ela me disse para não ir...”* Como não? Quando tudo o que sou estava com ela. Os faria

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pagar, ainda que precisasse eu mesmo mostrar o caminho até o inferno. Nem percebi quando e como, mas acabei derrubando tudo o que vi pela frente antes de me atirar na cadeira de qualquer forma. Mesmo que meu corpo estivesse exausto minha mente não daria descanso tão cedo, projetando os mais diversos pesadelos, para que pudesse assisti-los com os olhos abertos.

- Precisa manter seu controle, Ian. — Falou depois de apanhar algumas coisas que eu derrubei. — Mandei alguns homens para o último endereço de Borys, não encontrei nenhum registro de que fosse sair do país, é provável que vá esperar um pouco mais. O desfecho disso tudo deve lhe interessar em demasia para se arriscar assim.

- Não me interessa o que ele pensa, apenas acabe com isso. — Resmunguei

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sentindo minha cabeça explodir. Se me surpreendia o número de pessoas que quer me destruir, passar para trás? De modo algum, porém a imagem muda quando envolvem as pessoas por quem tenho apresso. Odeio dar voltas, se quero acabar com alguém vou diretamente nessa pessoa, embora deva admitir que houvesse certo requinte naquele modo de pensar.

Imaginar que aquilo era um castigo por deixar de lado as minhas obrigações. Devia ter acabado com esse assunto no instante que as garras foram mostradas, contudo não o fiz e agora estou sendo cravado por elas.

- Quanto ao colar?

- Comecei a trabalhar nisso. O sinal está fraco e ruim, insuficiente para localizá-la, preciso de um pouco mais de tempo. — Respondeu voltando a se concentrar no

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

teclado. Tempo era uma coisa definitivamente escassa no momento. – O que eles queriam?

Finalmente perguntou sem voltar a focar em mim. Sabia que seria contra o que eu planejava como no último plano que tive, porém restavam poucas opções, para não dizer nenhuma.

- Querem que eu esteja na Catedral de São Basílio as três da manhã, sozinho. – Dei de ombros sem me importar. – Se tivesse que adivinhar diria que vão trocar o local de última hora para se garantirem.

- Pretende ir, não é? – Sua atenção estava em mim novamente, com aquela cara de desaprovação irritante. – Nem vou mencionar o quão arriscado é. Me ouvir não faz parte de suas ações diárias, embora devesse.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Se estivesse no meu lugar? – Aquela pergunta nos rondava ultimamente. E dava certa satisfação vê-lo sem resposta.

- Faria o mesmo. – Cruzou os braços. – Mas continua sendo uma péssima ideia.

Estiquei a mão abrindo uma das gavetas próximas a mim, tirando algumas pastas de cima, encontrei o que procurava uma pequena caixa de veludo. Abri tirando de lá um broche pequeno e discreto, o mostrei ao Karpienko que franziu o cenho antes de analisá-lo.

- É o mesmo que Ariel usa. – Abri a peça para colocá-lo na lapela do terno que usava de uma forma que ficasse imperceptível. – Mais uma garantia. A chance de que me levem para o mesmo local que ela está é ínfima, mas ainda assim... – O encarei. – Lembre-se: a

NACIONAIS - ACHERON

prioridade é tirá-la de lá.

Assentiu sem mais argumentar. Eu tive uma boa coleção de dias ruins na vida, alguns que realmente gostaria de apagar da memória, mas hoje com certeza encabeça a lista. E como que para me irritar e prolongar ainda mais aquele martírio, as vinte e quatro horas pareceram dobrar, o tempo não passava. Eles não necessitaram de nenhuma confirmação, sabiam que iria até onde quisessem para ter Ariel de volta. Talvez o meu comportamento tenha feito meus sentimentos claros para todos menos para mim mesmo. Observei o dia se esvair lentamente, ao contrário do lógico ansiando minha entrega, porque assim poderia deixá-la novamente a salvo.

Olívia visitou enumeras vezes o escritório na vã esperança de que me alimentasse, porém estranhamente descobri

NACIONAIS - ACHERON

uma intolerância a qualquer coisa que não fosse líquida, e de preferência com teor alcoólico. Estava anestesiado para qualquer desconforto além do interior, o martírio da minha mente. Quando à hora já estava bem avançada comecei a explicar o que faria de maneira mais detalhada, deixando de fora a variável gritante que insinuava a falha completa, mas como sempre a voz da consciência tem que ser fazer ouvida:

- A possibilidade de isso dar errado é tão grande que quase vejo como uma certeza. – Resmungou depois que terminei meu monólogo explicativo. Sua cara não era das melhores. – Só não vou dizer isso em absoluto porque é você quem está por trás, e sei como pode ser cabeça dura. – Abaixou a vista. -Vamos logo com isso.

- Parece com alguém que vai se arrepender do que disse. – Zombei enquanto
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

abria o cofre. Era arriscado ir sem nenhum segurança, seria idiotice estar sem arma alguma também.

- Eu sei que vou.

Peguei uma Tokarev TT33 que estava ali, junto com dois pentes além do que já carregava a arma. Estava preparado para brincar de tiro ao alvo, na verdade bem ansioso para isso. Aprendi muito cedo a descarregar a raiva e qualquer tensão no gatilho, embora não fosse algo de que me orgulhasse era a minha versão de terapia intensa. Arrumei o terno que usava para ter certeza que o broche na lapela mão fosse visível, coloquei os pentes no bolso interno e a arma nas costas.

- O sinal da Ariel está fraco, talvez o aparelho tenha sido danificado, mas ainda posso localizá-lo. Vou esperar uma hora

NACIONAIS - ACHERON

depois que sair para que já esteja lá quando chegarmos. – Revirou os olhos. – Se é que vão estar no mesmo lugar. Tente não quebrar essa porcaria. – Acenou para um ponto na minha roupa.

Era uma característica do ruivo ter seu humor sempre perfeito drasticamente alterado quando as coisas não seguiam um cronograma que pudesse acompanhar ou até mesmo prever. Quanto a mim, já tinha um temperamento sombrio por natureza, então nem chegava perto de ser tão surpreendente ou uma mudança clara.

- Acho melhor você usar o meu carro, Deus sabe quantos automóveis da mansão foram alterados. – Falou me jogando a chave, que peguei no ar por reflexo.

Revirei os olhos seguindo para a saída. A casa estava toda em silêncio seguindo a

PERIGOSAS

rotina normal, os empregados já haviam se recolhido há muito tempo. O céu ainda estava escuro, e como o inverno se aproximava as nuvens ocultavam deixando as estrelas invisíveis e a lua parcialmente coberta. O frio começava a aumentar chegando a incomodar mesmo os acostumados, caso não estivessem bem agasalhados. Entrei no Aston Martin prata com Dimitri ainda me observando.

- Poderia confiar um pouco na minha intuição? — Perguntei suspirando impaciente.

- Claro, se fosse esse o caso. Mas o nome do que você tem é desespero.

Bati a porta deixando o rosto neutro para trás e me concentrando no que vinha a seguir. Liguei escutando o motor silencioso, estava na hora de cruzar a cidade sem saber

NACIONAIS - ACHERON

o que me esperava, ou melhor, sabendo bem e mesmo assim seguindo.

Passei pelos portões da mansão onde estavam postados dois guardas, pela primeira vez sem saber se poderia realmente dar minhas costas a eles, a falta de confiança que rondava era irritante. Me sentia trancado num lugar que pertencia a mim. O velocímetro passava a marca dos cem quilômetros constantemente, o que não era difícil não havia carros para ultrapassar, as ruas pareciam desertos e quanto antes chegasse ao meu destino melhor. Haviam se passado quinze minutos que saí da mansão quando meu celular voltou a tocar.

Atendi já esperando o que viria a seguir. Aquele sequestro não era comum, longe disso. Não existia uma troca por dinheiro, ou um sumiço completo da vítima. O chefe queria me ver por baixo, mostrar que era

NACIONAIS - ACHERON

superior a mim e me derrotar. Provavelmente minha queda seria o seu prêmio. Isso tudo resultava de uma forte sensação de inferioridade? Só poderia ser respondido quando finalmente o encontrasse pessoalmente.

- Mudança de planos. — Afirmou a mesma voz de horas mais cedo. — Siga para esse endereço...

Não prestei realmente atenção aonde ia, apenas coloquei no GPS e acompanhei as indicações. Estava um pouco mais aliviado por ter previsto essa manobra. Vários minutos depois estava parado numa área escura e vazia, o único poste iluminado estava a poucos metros, escolhi um ponto onde assim que outra pessoa cruzasse aquela rua seria o primeiro a tomar consciência de sua presença. *“Se houvesse tomado esse tipo de cuidado antes...”* Teria

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mudado algo? Ou provavelmente a única forma dela nunca correr perigo fosse jamais ter me conhecido.

A luz forte de um farol refletiu pelo retrovisor, eles não estavam tentando se esconder. Respirei fundo e mesmo assim o silêncio dentro do carro era sepulcral e a arma as minhas costas parecia estar queimando minha pele, a adrenalina corria nas minhas veias. Estava ansioso para ver se continuava apostando certo. Dois homens desceram do automóvel que ficou estacionado atrás de mim, estava claro que ambos carregavam armas em punho.

O próximo passo seria de risco, ou eles atirariam em mim ali ou me levariam até seu chefe. Um punho bateu no vidro e se afastou para que pudesse descer. Do lado de fora o frio parecia cada vez maior, olhei para os rostos dos homens em frente a mim, NACIONAIS - ACHERON

porém não conseguiria descrevê-los fisicamente no momento, estava focado nos olhos, em busca de qualquer sinal, fosse de hesitação ou resolução, mas tudo o que encontrei foi um leve toque de nervosismo em um, enquanto no outro enxergava anseio e diversão.

- Vamos levá-lo para um passeio, Ian Sovelev. – Disse sorrindo o mais empolgado. – E não será nada divertido.

Depois de uma rápida revista fiquei sem a arma que trazia obviamente, e o celular foi deixado no carro antes que saísse. Estava completamente limpo, exceto pelo broche que passou completamente despercebido. Fui empurrado para o banco do passageiro e encapuzado, coisa desnecessária. Ao contrário do que qualquer um sentiria naquele instante, o medo passou sem efeito e enquanto os homens a minha frente às

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

vezes sussurravam outras mexiam em algo, eu pensava no meu plano. Em tudo o que coloquei em risco, comprovando aquilo de que sempre fui advertido: “O coração dos homens é fraco, tudo que vem dele resulta em sua própria destruição...”

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 26 – Resultado

E se perguntar o que entende por viver? Muitas pessoas responderiam que aquilo que fazemos no instante em que nascemos ou até mesmo antes disso. Contudo, não é dessa forma que vejo. Para mim, viver é fazer suas próprias escolhas, encontrar uma forma sua de ver o mundo. Engraçado, é que só comecei a existir dessa forma, naquele meu contexto próprio da palavra, quando pensei que era o fim da minha vida. Existem várias teorias de que quando se enfrenta grande perigo e em experiências de quase morte nós conseguimos rever como num flashback toda a nossa vida até ali, então foi isso que fiz. Sentada durante todas aquelas horas incontáveis, acompanhada de perto por um maníaco, eu me visualizei,

PERIGOSAS

entretanto não foi toda uma vida que assisti, foram meses, aqueles onde fui de extrema alegria a medo e raiva incontáveis vezes. Perguntei-me então se valeu à pena. Se amei certo. E então, toda aquela reflexão me pareceu a mais pura besteira, porque não era o final, nem perto disso.

Observei mais uma vez aquele galpão velho, e as pessoas que estavam ali. O Sr. Mcmillan não aguentou aquele tipo de ambiente e se retirou para sabe Deus onde, era melhor assim, a visão do seu rosto a cada maldito instante estava me deixando louca, de raiva. Como por motivos tão estúpidos alguém pode tomar aquele tipo de atitude? Seus motivos me eram incompreensíveis e não me forçaria a entendê-los de qualquer forma. Durante o tempo que estava acordada a única coisa que tive foi um pouco de água mineral, que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

veio numa garrafa lacrada. Não sentia fome e meu estomago parecia cada vez mais sensível, ao ponto de sequer imaginar comer algo me deixar levemente enjoada. Ainda mais sabendo que o Buffet daqui não seria dos melhores. Os novos guardas se revezavam de tempos em tempos, o único constante era o “mãos nervosas”. As coisas ficaram mais tensas quando o tal Hedeon resolveu sumir de vista.

Então mais cedo eu escutei a voz *dele* me chamar enquanto ondas de dor ainda me perpassavam. O queria ali comigo e não. Imaginar o que poderiam causar a Ian me destroçava em completo, por isso disse que não viesse, mas ele nunca me escutaria nesse tipo de situação. Além de tudo a minha vida era apenas uma das que estava em risco, se existia a chance ainda que remota de ajudar Marcus, era válida.

NACIONAIS - ACHERON

Culpada, angustiada e com medo toda essa mistura mais uma pitada de alívio, se é que fazia sentido, era o que sentia. Ian pensaria em algo para nos tirar dali, todos.

Imaginar o que planejavam para ele a cada piscar dos meus olhos estava sendo uma tortura terrível, então lutava para enxergar outras coisas, como se o meu segurança ainda estava vivo já que não fui levada de volta a nossa cela compartilhada eu só podia cogitar hipóteses. Nem mencionei qualquer coisa para não chamar atenção para ele. Era provável que apenas o deixaram ali para morrer, restava torcer ao contrário, por algo que não estava em minhas mãos.

Infelizmente o meu momento de reflexão foi interrompido pela presença indesejável do velho Mcmillan. Seu cabelo branco perfeitamente arrumado assim como

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

as suas roupas deixaram de esconder a sua podridão há algum tempo, me irritei comigo mesma por ter pensado um dia que seus olhos de cobra dissimulada eram gentis. Como que lendo meus pensamentos maldosos sobre si abriu um sorriso complacente.

- Não me olhe assim, Ariel. Eu quase me sinto mal com isso. – Balançou a cabeça em negativo. - Mas o meu grande objetivo está tão próximo agora que a empolgação encobre qualquer outro sentimento, entende?

O observei com meus olhos semicerrados. A vontade de dizer o que eu enxergava de tudo aquilo fazia minha boca amargar, porém de que adiantaria para mim e as outras pessoas que estavam em risco junto comigo lançar farpas para aquele velho louco? Então o deixaria seguir no seu

NACIONAIS - ACHERON

discurso até que sua língua caísse. Cruzou os braços sentando novamente na cadeira indigna, mantendo a sua postura de rei do mundo.

- Está sendo fácil demais, chega a ser decepcionante. Por que ele tem que abrir mão de tudo por alguém como você? O todo poderoso Sovelev arrisca a vida por uma promessa vazia, apenas na esperança de salvar a doce donzela. – Revirou os olhos. – Ele não é o tipo que aparece em histórias felizes, deveria saber...

- Quem define o destino de outra pessoa? Você? – O tom de zombaria pintava a minha voz claramente. Até para uma pessoa de fora, desconhecendo todo aquele universo era quase cômica a comparação daquele homem com Ian. O Mcmillan competia com quem foi criado desde criança para ser. Mesmo sequestrada

NACIONAIS - ACHERON

sabia em quem apostaria.

-Não é isso que estou fazendo? Olhe onde está, fiz uma aposta e venci. Sua vida pela dele essa era a proposta implícita e Ian Sovelev aceitou. – Engoli em seco. – Contudo obviamente que não posso deixá-la sair daqui livre no final. – Deu de ombros. – Farei uma boa ação mantendo-os juntos no que resta de tempo.

Surpreendente como ele era incapaz de escutar a insanidade do que dizia. Meu ombro doía a cada simples movimento então tentei mantê-lo o mais imóvel possível, o que nem vinha sendo muito difícil devido as minhas condições de cárcere, mas com aquela fala pendi para a frente impulsionada por um instante de raiva que me rendeu ofegos de dor e nenhum proveito verdadeiro, porém deixando a intenção bem clara.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Fico feliz que ainda tenha disposição. – Bateu palmas. – O espetáculo real vai começar bem em breve. – Olhou seu relógio de ouro por um instante. – Seu marido já está a caminho. – Se levantou. – Como não quero que ele me veja assim que chegar vou ter que deixar sua adorável companhia. – Sem lamentos da minha parte com certeza. Cada segundo a mais sentindo seu veneno era pior do que qualquer dor no meu corpo maltratado.

A exaustão que me tomava era muita, ao ponto de que poderia cochilar ainda sentada, contudo a adrenalina me mantinha bem desperta com os olhos bem abertos e uma mente traidora excelente para pintar quadros de futuro terríveis. Cheguei a finalmente não sentir mais o tempo passando, nem quem estava no meu lado a cada momento, eu simplesmente estava em estado

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

vegetativo de espera, os minutos podiam se arrastar por eras que nem notaria. A mente desligou ainda que o corpo estivesse ligado.

O que me despertou foram luzes que atravessavam pelas brechas da enorme porta de ferro em frente aonde me encontrava sentada, ainda que distante elas foram fortes o suficiente para chamar atenção, porque realmente nem havia notado o quanto estava escuro do lado de fora. Até mesmo a noite estava mais sombria. As luzes miseráveis do galpão velho eram velhas demais para produzir um grande efeito, então toda aquela luminosidade só poderia estar vindo de um farol de carro parado do outro lado. As minhas suspeitas logo se confirmaram, quando a enorme porta, que pensei não abrir mais foi fazendo justamente isso, dando assim espaço para que um sedã preto entrasse e estacionasse. O espaço ali era

NACIONAIS - ACHERON

enorme o suficiente para isso, só esperava que com toda a força usada para abrir o portão eles não tenham comprometido a estrutura de todo o resto.

Três homens desceram do veículo e eu sabia mesmo sem ver direito, que o do meio era Ian, ele usava uma espécie de capuz cobrindo o rosto e suas mãos estavam atadas com o que supus serem correntes semelhantes as minhas. Não acreditava que Dimitri tenha o deixado cometer aquela loucura. Hedeon era um dos que o conduzia, por meio de empurrões desnecessários, ainda assim ele mantinha os passos firmes a postura erguida, seu comportamento era de alguém habituado a situações críticas, aquilo parecia não estar afetando-o de modo algum. Esse fato conseguiu arrancar uma expressão irritada do cara sem expressão.

O postaram rudemente poucos passos
NACIONAIS - ACHERON

diante de mim, meu instinto automático foi querer ir até ele, mas fui contida por uma mão que puxou meu braço para baixo causando mais uma onda de dor. O capuz negro que o cobria foi arrancado e seu rosto descoberto. Por segundos seus olhos não abriram, me deixando aflita, então quando finalmente o fez se encontraram comigo, não importando o mundo a nossa volta, o número de homens que nos mantinham cativos ali, era apenas ele. Seu estudo lento perpassou o meu corpo em busca do que supus serem ferimentos, apenas balancei a cabeça em negativo para dispensar qualquer preocupação. Embora bebesse a visão dele estava quase morrendo por dentro ao recordar os planos que tinham.

Ian estava desprovido de qualquer expressão profunda, só o que se via no seu exterior era a serenidade. Ninguém podia ler

por detrás daquela máscara, a mesma que usava quando cheguei a Moscou, que escondia tudo por trás de um paredão de gelo, parecia que ele não estava ali de fato. O sinal de temor pela própria vida nem mesmo lampejava no fundo dos olhos. E pela primeira vez eu não quis buscá-lo ou tirar aquela escuridão que o envolvia, porque ela poderia ser a única coisa que nos manteria vivos.

Uma salva de palmas me puxou para fora da bolha que me mantinha conectada a ele. A atenção dele se voltou justamente para quem acabava de chegar aquele estranho círculo que formamos, porém ao contrario de como reagi, ele apenas encarou o Mcmillan brevemente antes de dar uma sombra de sorriso.

- Está surpreso, Sovelev? — Se aproximou de Ian vários passos, quase

NACIONAIS - ACHERON

bloqueando a minha visão. – Não pensou que eu poderia chegar a esse ponto?

- Confesso que nunca adivinharia o seu nível de desespero. – A voz dele era como um balde de água fria, e me encolhi por reflexo. O homem que falava naquele instante não era o mesmo que se despediu de mim na mansão, este é o Sr. Sovelev, apenas. – Erro meu desprezar a sua sede por poder e ganância, quando sempre estiveram tão explícitos. Mas nunca imaginei que fosse me querer como inimigo.

- Não vou tê-lo por muito tempo nesse papel, já que farei com que suma. Muitos adversários embora sejam boas distrações não podem continuar para sempre em nosso caminho.

- Conta com sua vitória por tão certa. – Zombou Ian. O que eu veria dali para frente

PERIGOSAS

se tratava do ponto de partida no seu mundo que nunca vi, aquilo de que tentou me proteger desde o início. – Não acha que foi muito fácil me trazer aqui? Até mesmo você consegue fazer a soma.

- Conheço o seu jogo, está tentando me desestabilizar. Mas sou muito melhor do que pensa. – Riu, porém com um leve tom trêmulo enquanto o Sovelev apenas deu de ombros. Como se lhe dissesse para acreditar no que quisesse, era irrelevante.

- Vendo o tipo de pessoas com quem se juntou não enxergo desse modo. – Suspirou olhando em volta pela primeira vez parando para sinalizar Adrik e Hedeon. – Está longe de ser uma escolha sábia, juntar-se aquilo que até os renegados desprezam.

- Roubei seus maiores carregamentos, acabei com diversos negócios bem debaixo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

do seu nariz. Comprei alguns dos seus melhores homens, matei alguns. – Parou sua respiração um pouco alterada. – Pode me dizer como isso te faz melhor do que eu? Sua esposa está bem aqui como minha refém outra prova de como estive sempre a sua frente.

- Agradeço por deixar bem claros quais os seus delitos, quando chegar hora, espero que esteja pronto para lidar com as consequências. – Se inclinou mais para perto do outro homem. – Quando tiver que pagar, ninguém assumirá o seu lugar. Aqueles roubos medíocres que se vangloria foram feitos por outros, já que está bem claro o tipo de senhor que é. Aquele que nunca suja as próprias mãos.

- Igual ao seu pai, não sabe quando calar a maldita boca. Eu venci e sua vida está em minhas mãos. – Seus ombros rígidos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

deixavam a tensão transparecer. Me sentia uma espectadora de um filme qualquer, esta sendo incapaz de acreditar que vivia tudo aquilo. – Assim como a de uma pessoa que é muito preciosa para você. – Sinalizou para onde eu estava e o maníaco já estava mais próximo com uma lâmina brincando entre seus dedos. – Posso fazê-la sofrer para que assista impotente, não seria divertido?

- Já me tem aqui, não precisa dela.

- Aí é que se engana, nada me faria ter mais prazer do que ver a dor em seus olhos ao perde-la. Mas este é apenas o grande final. – Colocou a mão no queixo com se estivesse refletindo sobre o próximo passo. – Primeiro começarei com você para tirar todo esse seu orgulho irritante. Limparei o mundo do sobrenome Sovelev. Finalmente realizarei o que tanto estive esperando.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Com isso se virou para a cadeira distante. No rosto de Ian se mostrava lentamente um meio sorriso vazio, como quem sabe bem o que está por vir e não dá à mínima. Em compensação meu coração queria sair do peito, não porque uma lâmina afiada estava postada próxima a mim, mas sim porque sabia que o sofrimento que passei não era nada se comparado ao que fariam com ele.

- Podem começar. — Dito isso empurraram o corpo de Ian para o chão de modo que ficasse de joelhos então Hedeon desferiu um soco no seu rosto rápido e duro, o sangue escorreu da sua boca. Foi exatamente como um sinal verde e mais dois homens começaram a golpeá-lo usando socos ingleses e chutes, quando seu corpo pendia caindo de lado o puxaram pelas correntes em seus pulsos o trazendo para a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

posição inicial. Eu queria desviar os olhos, assistir aquilo acabava com o pouco de racionalidade que ainda tinha as lágrimas já banhavam o meu rosto, e durante tudo aquilo ele não soltou nenhum som mais alto que um ofegar. Estava revivendo o passado e eu estava marcando para sempre o meu presente, porque os gritos que eram ouvidos só saíam da minha boca para ecoar naquele galpão abandonado.

- Por favor, pare... — Solucei. — Eu imploro...

Mcmillan levantou uma mão sorridente e tudo aquilo parou. Gostava da sensação de tudo estar sobre o seu controle estava claro na forma como seus olhos brilhavam.

- Veja Sovelev, sua doce Ariel implorando por você. — O silêncio era mortal. — Não tem nada a dizer?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Seu rosto que estava abaixado se ergueu e pude ver que um dos seus olhos já estava se fechando inchado e sua boca tinha um corte profundo, estes eram apenas os ferimentos mais visíveis, porém sua face inteira estava marcada, para não falar do resto de seu corpo, contudo o sorriso sarcástico ainda estava ali.

- Já tive momentos piores. – Cuspiu sangue de lado. – Só tenho mais uma coisa a dizer Mcmillan, você é incapaz de mudar o que um homem é com violência, meu orgulho está impregnado em mim nada o arrancará. – Deu uma risadinha. – Deve ser desapontador saber que mesmo nessa posição ainda sou superior.

- O que há de melhor? – Se alterou levantando rapidamente da cadeira a derrubando. – Admita que eu venci.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Não farei isso. – A respiração de Ian era superficial. – A sua derrota começou quando o seu objetivo de vida se tornou me destruir.

- É o único que vejo de joelhos aqui. Acabem com ele. – Mandou aos homens parados a espera.

- Não... – Minha voz saiu alta e os olhos azuis escuros dele caíram sobre mim. Levou as mãos ainda unidas com dificuldade até os lábios naquele claro sinal de silêncio. Ele queria que eu ficasse calada ao vê-lo apanhar o suficiente para acabar morto? Qual a lógica daquilo?

- Por que não suja as mãos, senhor? Ou nunca te ensinaram a como dar um soco? – Comentou voltando a atenção para o velho doente. Desejei que ele parasse de instigar o lado psicótico do outro. Uma grande parte

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

de mim começava a ficar irritada com o Sovelev e sua falta de cuidado com a própria vida. Comecei a suspeitar que seu plano era me tirar sozinha daquilo. Acontece que perder a ele vai me destruir por completo, como não conseguia enxergar isso?

- Ian... – Chamei, mas mesmo que me ouvisse não me deu atenção.

- Eu sei qual o seu jogo, Sovelev. – Se pronunciou o Mcmillan tirando do seu casaco uma pistola prateada. Ofeguei, se possível mais assustada do que antes. – Acho que é muito habituado a dores físicas, então só me resta uma alternativa.

Apontou para mim e Adrik fez questão de me “ajudar” a levantar rapidamente. Seus dedos infiltrados no meu cabelo puxavam meu couro cabeludo ao ponto de arder, por

NACIONAIS - ACHERON

fim me colocou de joelhos em frente a Ian, assim mais próxima seus ferimentos pareciam ainda piores, novas lágrimas se formaram.

- Queria que eu sujasse minhas mãos... – Se afastou vários passos. – Pois bem, será com ela primeiro, depois quando o sangue dela estiver sobre você, então será sua vez.

A distância estava ali, porém de um modo incompreensível conseguia sentir a arma na minha cabeça. E quando o final é assim de repente o que se deve pensar? No meu caso eu lamentei por meu pai em algum lugar, pelas pessoas que conheci e não poderia mais ver, mas bem acima de tudo isso, sofri porque não queria partir assim e deixar como última imagem para o homem que eu amava a minha morte. Sabia que isso iria assombrá-lo pelo tempo em que vivesse. Eu não cumpriria a promessa

NACIONAIS - ACHERON

que fiz de amá-lo intensamente todos os dias.

- Eu amo mesmo você. — Sussurrei bem próxima dele, encostou sua testa na minha e eu só conseguia ver os seus olhos, naquele instante era o meu Ian, o medo estava ali assim como a raiva e a dor, porém o que gravei pra mim naquele instante era o brilho leve e profundo do seu amor por mim. Com essa imagem fechei os olhos e esperei. Logo o que veio foi o som do disparo.

Depois outro e mais outro. Como a dor que esperava não veio voltei a olhar para frente vendo apenas o ombro dele se chocar contra mim, me empurrando de lado e ficando sobre boa parte do meu corpo. O som a minha volta parecia o do inferno, os seguranças gritavam e os disparos que ouvi antes vinham da entrada do galpão. Tudo pareceu ficar em câmera lenta, os

NACIONAIS - ACHERON

seguranças do velho louco começaram a recuar e ele parecia completamente fora de si. Puxou Adrik de lado o usando como escudo, e com a arma apontada para onde eu e Ian estávamos fez dois disparos, gritei tentando tira-lo da linha de fogo, mas ele sequer se mexeu, quando voltei meus olhos para o ponto onde o lunático estava apenas vi o corpo do mãos nervosas estendido no chão em meio a uma poça do próprio sangue, sem vida.

- Ian, fala comigo. – Disse balançando o seu ombro. Fez um movimento para sair de cima de mim e pude respirar aliviada por ele estar consciente, ainda que seu rosto tenha se fechado numa expressão dolorida ao se mover.

- Eu estou bem. – Essa era a última coisa que alguém poderia pensar olhando para seu estado. Observei em volta ainda tentando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

entender o que aconteceu, e reconheci alguns dos homens que trabalhavam na mansão entrarem com armas em punho, fiquei mais do que feliz ao ver uma cabeleira ruiva correr em nossa direção.

- Você está uma merda. – Anunciou Dimitri assim que chegou a nossa frente analisando o estado de Ian. Acenou para um homem que se aproximou trazendo consigo um enorme alicate, ou suponho que seja, e num rápido movimento se livrou das correntes no Sovelev e depois das minhas.

- Me diga algo que eu não saiba. – Resmungou pegando meus pulsos e acariciando as marcas que haviam ficado não se importando com as suas próprias.

- O Mcmillan conseguiu fugir pela parte de trás, mas temos homens no seu rastro. Aquele filho da puta não vai escapar. –

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Parece estranho, porém me surpreendeu ver o ruivo falar palavrão. – Está sangrado como um porco no abate, Sovelev.

Só escutei o resmungo ininteligível de Ian e comecei a analisá-lo detalhadamente, ele precisava ir urgentemente num hospital. Como um clique minha mente voltou a se ascender. Segurei a mão do ruivo chamando sua atenção.

- Marcus está preso num tipo de sala aqui dentro e ele está muito ferido... – Engoli em seco. – Nem sequer sei se ainda...

Não completei mais a ideia ficou clara, e ele se afastou para instruir alguns dos homens para a busca da minha segurança. O Sovelev estava um pouco encostado a mim, notei que do seu braço escorria sangue o suficiente para molhar o casaco que usava, quando puxei o mesmo de lado descobri a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

razão, ele tinha levado um tiro um pouco abaixo do ombro.

- A mira dele também é péssima. – Resmungou pousando sua cabeça no meu ombro. – Por favor, me diga que está bem. – Sua voz tinha certa urgência e seus olhos piscavam com lentidão como se naquele simples gesto houvesse muito esforço.

- Você precisa de cuidados médicos agora. – Falei já procurando em volta por Dimitri.

- Só preciso descansar um pouco. – Contrapôs fechando de vez os olhos e se acomodando a mim, mesmo o seu corpo sendo muito maior. Todas as probabilidades terríveis estavam ali, depois de terem batido tanto nele a possibilidade de uma hemorragia interna não era remota. Se existe algo que machuca em qualquer um é

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ver a pessoa que se ama ferida, e eu tive que ver tudo o que fizeram com ele sem poder fazer nada, nunca queria passar por isso de novo.

- Dimitri. – Gritei assim que o vi de longe, correu ao nosso encontro. – Ele precisa ir num hospital. – Simplesmente acenou que sim puxando o corpo do amigo para si o levantando logo tendo ajuda de um dos nossos seguranças.

- Eu sei o que vamos fazer. – Disse assim que estávamos dentro de um carro. Eu com Ian deitado em meu colo íamos ao banco de trás enquanto o ruivo dirigia. – Não se preocupe Ariel, ele já passou por coisas bem piores. – O seu rosto era sombrio ao dizer aquelas palavras e nem cheguei a duvidar disso, mesmo assim desejei que o carro pudesse ir mais rápido, e assim o fez. Do lado de fora o dia estava

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

claro demais, como se para o mundo tudo estivesse no lugar quando para mim há pouco tempo atrás quase foi o fim.

A primeira coisa que pensei quando Dimitri estacionou o carro apressadamente nos fundos de um cassino velho, foi que o ruivo só podia estar louco. Ian precisava de um tratamento médico não de uma aposta na roleta, coisa suponho eu que nem isso aquele lugar tinha a oferecer. Deve ter fechado no mesmo ano que meu avô nasceu. Era um prédio antigo e abandonado, de dois andares, embora não houvesse janelas no segundo piso que comprovassem isso. A fachada estava mais do que desgastada e só pude dizer o que foi um dia graças ao letreiro com três cartas de poker que teve dias melhores, foi uma missão inútil tentar ler o nome. Demorou um tempo infinito para chegarmos ali, e apenas o respirar lento

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

do Sovelev me mantinha calma. Passamos pelo inferno e agora o único amigo dele parecia ter perdido a noção.

- O que diabos fazemos em um cassino?
– Perguntei quando não vi nenhum sinal de que havia entendido errado. O ruivo apenas se virou no banco para me encarar sério.

- Confie em mim, Ariel. Esse é o lugar mais seguro, os hospitais fazem muitas perguntas que não estaremos dispostos a responder. – Respirou fundo. – Além do mais isso é ideia do seu marido.

Passei os dedos suavemente pelo cabelo dele, estávamos sujos, suados, feridos e ele desacordado, ainda assim eu confiava nele, no seu julgamento.

- O que é esse lugar?

- Você vai ver assim que entrar, Sra. Sovelev. Pelo que vejo não é apenas o seu
NACIONAIS - ACHERON

marido que precisa de tratamento. – Imaginava o estado calamitoso que me encontrava, mas nem mesmo sentia qualquer dor, tudo havia ficado em segundo plano anestesiada pela aflição e medo.

- Eu não fui espancada. – A voz quase incapaz de sair. Meus olhos continuavam nele, o rosto tão machucado num lembrete de todo aquele horror.

-Vamos cuidar dele. Afinal ele não é tão frágil assim. – Desceu do automóvel batendo a porta. Sabia que Dimitri queria me fazer sentir melhor diante do que passamos, porém conseguia sentir a tensão em suas palavras, a preocupação por trás. É inconcebível a hipótese de perder Ian, ele havia moldado toda uma nova vida para mim e eu não abriria mão daquilo.

- Não ouse me deixar. – Sussurrei ao seu

PERIGOSAS

ouvido, enquanto apertava a sua mão e prometia apenas para que eu mesma soubesse: *Jamais irei deixá-lo de novo.*

Capítulo 27 – Ao seu lado

Três costelas fraturadas. Um braço torcido. Tiro que atravessou o ombro direito, o rosto com um corte profundo no supercílio e outro no lábio inferior, como se isso tudo não fosse o suficiente estava inconsciente por exaustão. Esse foi o pequeno diagnóstico que consegui arrancar dos médicos contratados enquanto começavam o tratamento dele com a maior despreza profissional, sem fazer um pergunta sequer. Apesar de não ser bom, nem chegava perto de ser tão ruim quanto imaginei.

O estado ruim mesmo era o de Marcus, um milagre que ainda estivesse vivo quando o encontraram, os médicos disseram que a perda de sangue era o mais preocupante já

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que o tiro não havia acertado nenhum órgão vital. Só restava torcer por sua recuperação. Ele havia sido levado para o mesmo lugar bizarro que Ian. Admito que minha boca quase foi ao chão assim que passamos pela porta do prédio abandonado. O interior era incrivelmente limpo e reformado, havia apenas algumas cadeiras para sentar e o resto se tratava apenas de equipamentos hospitalares, que vinham com uma pequena equipe como acompanhamento. Assim como imaginei o lugar tinha dois andares, o superior para os tratamentos mais intensos, já que tinham os ambientes esterilizados ideais até mesmo para cirurgias. Isso foi o que ouvi de Dimitri que ficou comigo no primeiro andar já que um rápido exame comprovou que meu estado não era grave nem requeria nenhum cuidado especial como os dois outros pacientes.

NACIONAIS - ACHERON

Agora estava sentada em uma das macas, com uma tala envolvendo o meu braço, mantendo o ombro imóvel, enquanto o outro era furado para que eu recebesse soro, suspeitava que houvesse algo mais já que minha cabeça parava de latejar e ficava cada vez mais letárgica, dificultando os pensamentos coerentes, mantendo o pesadelo das últimas horas longe, pelo menos enquanto tivesse aquela nuvem nublando tudo, pena que nem isso me apagou completamente, não ainda. O Karpienko se aproximou depois de desligar o celular com o qual caminhava de um lado a outro, pela sua expressão as notícias não eram das melhores, mas ao chegar do meu lado plantou um sorriso sereno no rosto, admito que ele possa ter um grande potencial para ator.

- Como está se sentindo? – Perguntou e
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

apesar de meio drogada elevei minhas sobrancelhas com ironia antes de responder.

- Vou excluir as horas de completo pânico e me focar no agora. – Respirei fundo para continuar. – Nesse instante não sei onde estou, meu marido e segurança estão sendo operados dentro de um HCC, no qual eu também venho recebendo tratamento. Espero eu esteja certo sobre tudo isso.

- HCC? – Se sentou na ponta da minha maca de uma forma que nem de longe parecia confortável.

- Hospital Cassino Clandestino. – Tentei dar de ombros, mas a leve pontada de dor me lembrou que aquela não seria uma boa ideia. Eram muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo, sentia que nunca seria capaz de lidar com tudo aquilo, a prova disso eram

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

as imagens que queria com tudo de mim manter distantes.

-Você realmente é boa com palavras. – Riu suavemente. – Acredite, vai dar tudo certo.

O cansaço estava caindo mais rápido sobre mim graças ao remédio, mas estava sendo bem vindo, assim como a conversa leve com o ruivo.

- Ele é dono disso? – Recostei-me melhor no travesseiro convidativo. Sinalizando o lugar a nossa volta.

- Não. - Pegou uma manta ao pé da cama me cobrindo. – Ian é mais um contribuinte silencioso. Esse é um negócio de muitos anos, antes mesmo que ele nascesse.

- Vou pensar nisso como um plano de saúde versão Sovelev. – Debochei com a voz lenta. Agradei pela coberta, nem havia

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

me dado conta de que estava com frio. Acenou que sim.

- Descanse, Ariel. Você precisa. – Suspirou. – Acho que todos precisamos, mas cuidaremos de tudo. – Fechei meus olhos, mais tranquila, pelos menos na medida do aceitável. Eu posso lidar com a bagunça que sobrou daquilo tudo depois que me sentisse melhor do que uma morta viva.

A risada ecoava pelo espaço vazio, e infelizmente ela seria reconhecida por mim em qualquer lugar que fosse, me assombraria. Busquei em volta, mas tudo estava escuro como na sala fechada, o ar começou a chegar com dificuldade aos meus pulmões. “*Sem finais felizes para pessoas como você*” falou surgindo claramente a minha frente, tentei recuar um passo para longe, porém meu corpo não seguia meus comandos, novamente presa.

NACIONAIS - ACHERON

Contudo o que realmente fez meus olhos se encherem de lágrimas foi o corpo estendido a poucos metros, olhos fechados nenhum movimento, coberto de sangue estava o homem que eu amava. “*Eu venci*” gritou em júbilo no momento em que me afundei caindo de joelhos, não era verdade, ele nunca me deixaria. Entretanto a imagem era tão real me corroendo por dentro, incapaz de chegar até onde estava.

Despertei sendo sacudida sem nenhuma delicadeza, enquanto um grito ainda morria em minha garganta. “Foi apenas um pesadelo, nada real.” Tentei me acalmar, o que foi surtindo efeito aos poucos. No instante que voltei realmente a mim, Dimitri ainda me fitava assombrado, seu braço pousado no meu ombro bom.

- Estou bem. – Sua cara deixou claro que não convencia a ninguém. – Como ele está?

PERIGOSAS

- Está apagado ainda, anestesiado para falar a verdade. – Disse me empurrando de volta para o travesseiro. - Escute Ariel, você não descansou quase nada. Ninguém é feito de aço, tudo bem. Poderá lidar com isso depois.

- Como me livrar da sensação, das lembranças? – Perguntei minha voz embargada. Tinha medo de continuar sendo perseguida por sombras, achando que a qualquer instante seria levada de novo, veria Ian sendo torturado, aquelas eram as piores imagens, ser obrigada a vê-lo sofrendo fora do meu alcance.

- Acredite quando digo que até hoje busco por essa resposta. – Vi pelos seus olhos que ele guardava memórias ainda piores do que as minhas, mas permanecia de pé. – Vai aprender a seguir em frente, as coisas estão muito recentes, não se cobre
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

tanto, a escolha foi dele. O pior que poderia acontecer a ele seria perdê-la, Ariel. E eu consigo entendê-lo perfeitamente, porque estaria completamente perdido se fosse eu no seu lugar. Certas escolhas são necessárias.

Pela primeira vez enxerguei como deve ter sido difícil para o Karpienko deixar o melhor amigo seguir para uma óbvia armadilha sozinho, assistir o estado em que ficou e ter o culpado por isso ainda correndo livre. Segurei sua mão com força, ou ao menos a que dispunha.

- Você é um bom amigo, Dimitri.

- Essa é uma afirmação para a qual existem certas contradições, Ariel. — Respirou fundo se pondo de pé. — Mas podemos discutir depois, agora vou arrumar algo para que possa comer.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Deixei que se distanciasse e passei a brincar com os meus polegares evitando assim que meus olhos voltassem a se fechar, nem sabia quanto tempo dormi, porém parecia que mal tinha adormecido quando acordei, ter pesadelos me deixava esgotada e considerando meu estado atual não era bom. As pessoas me viam como forte, mas não tenho certeza se saberei como lidar com as coisas que aconteceram. Ou apenas fosse muito cedo.

Ganhei uma espécie de canja com torradas, o gosto era melhor do que a aparência, ou talvez eu estivesse mesmo morrendo de fome. Me alimentei devagar sabendo que meu estômago poderia não aceitar bem a aparição de comida, e detestava ficar enjoada. Assim que terminei o meu “acompanhante” decidiu esclarecer as coisas.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Vou levá-la para a mansão, precisa descansar e não vai fazer isso bem enquanto estiver aqui. Além do mais isso, - Sinalizou a sua volta. – é algo temporário.

- E quanto a Ian? – Perguntei colocando de lado o copo de água que havia me dado.

- Ele ficará mais algum tempo, apenas por precaução. – Deu de ombros. – O efeito dos remédios ainda não passou.

- Não quero deixá-lo sozinho. – Disse com firmeza. Eu poderia me agarrar às grades da cama para dar mais efeito as minhas palavras, porém ambos os braços se encontravam inutilizáveis. Suspirou.

- Ele não estará sozinho. Logo será levado para casa também, mas por enquanto precisa ir na frente. – Não sabia ao certo se era por mim ou ele, mas a ideia de me afastar era assustadora. – Descanse um

NACIONAIS - ACHERON

pouco, vai precisar de toda sua energia quando Ian voltar. Porque ele pode ser muitas coisas, mas bom paciente não é uma delas.

Sabia que estava apelando para o meu lado que se importava mais com Ian do que qualquer coisa, ainda assim me convenci de que estava certo. Talvez um ambiente familiar me desse paz suficiente para dormir sem pesadelos. Aceitei a sua ajuda para levantar e me envolver no manto que agora era minha propriedade. Quando saímos do HCC me dei conta do número de seguranças presentes ali, já que não estavam muito visíveis antes. Dimitri estava certo quando disse que ele ficaria bem.

A volta para a mansão foi incrivelmente rápida pelo fato de que apaguei com os olhos abertos, via a paisagem passando por mim, mas não era como se realmente a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

apreciasse com a testa encostada no vidro, enquanto o ruivo dirigia em silêncio. Outro carro vinha atrás com os seguranças como era de costume, mas não me dava a sensação de vigilância excessiva de antes, eu precisava daquilo.

Não chorei quando fui sequestrada, quando me apontaram uma faca, nem mesmo quando torceram meu ombro, mas pode-se dizer que desabei ao pisar no hall de entrada da mansão. Estava em casa e ao mesmo tempo não, enquanto ele estivesse fora haveria sempre aquele pedacinho de vazio. Olívia esperava aos pés da escada, ao me ver pude notar o seu rápido movimento para limpar uma lágrima que lhe escapou, antes de caminhar até mim com os braços abertos, sem perguntar nada apenas disse:

- Vou cuidar de você, minha menina.

NACIONAIS - ACHERON

Depois disso, tudo seguiu num borrão, não apenas porque estava exausta, mas também pelas lágrimas que insistiam em cair sem parar, finalmente cheguei ao meu limite. Precisava chorar para me limpar do que passei, para poder lidar com as lembranças e consequências de tudo. Ser forte era também saber a hora de chorar. Tomei banho no chuveiro, sem saber ao certo quanto tempo passei nele, só queria tirar o cheiro de hospital e sujeira que me cobria trazendo a memória do lugar onde estive. Dei-me por satisfeita quando o cheiro do sabonete que Ian usava estava em mim como o efeito de um calmante. Seca e vestida com a roupa deixada por Olívia, um moletom novo que nunca tinha visto, coloquei a tala de volta no braço, fui rumo ao quarto evitando passar de frente ao espelho, por enquanto ver meu reflexo não

PERIGOSAS

seria uma boa ideia.

Ela me esperava ao lado da cama com um copo de água e uma cartela de comprimidos, colocou-os sobre a mesinha de cabeceira para me ajudar a empurrar a colcha e me posicionar ali de forma confortável, de fato era muito melhor do que uma maca. Estendi a mão para que colocasse o comprimido e depois bebi um gole de água, agradei por não estar estudando cada movimento meu.

- Durma, querida. – Murmurou antes de se afastar levando consigo o copo e os comprimidos. “Vai parecer melhor quando acordar.” Adormeci sem saber que horas eram ou a data e o dia. Em casa com o cheiro dele me cercando e abraçada ao travesseiro, desliguei sem qualquer sonho.

Quando ama você se coloca no mesmo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mundo da pessoa, faz o impossível para guiá-la, transformar no melhor que pode ser. Perde todos os medos, porque não importa quem foi, aquele sentimento nos torna puros um no outro. Sabendo disso, era certo que eu sentisse sua dor e seu medo, que dividisse comigo todos os pesadelos, porque ninguém trás consigo apenas coisas boas. Eu amei o Sovelev completo, até mesmo os seus demônios possuíam uma parte de mim, e se para viver com ele eu tinha que superar pesadelos, eu o faria. Que não entendesse errado, o fato que mais me fazia lamentar foi não ter sido forte o suficiente para ajudá-lo. Assisti o machucarem aos poucos e cada parte de mim se quebrava junto a ele. Meus maiores medos sempre teriam a ver com perdê-lo pra sempre.

Fui instigada a despertar por um cheiro familiar e característico, ainda que com um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

gemido descontente aceitei a fresta de luz que em pouco tempo ocupou toda a minha visão. Demorou alguns instantes para os olhos se acostumarem, o que significava que dormi bastante. Me sentia descansada e pronta para me levantar. Postada a minha frente estava Olívia com uma enorme bandeja de café da manhã, em dias normais eu diria que jamais comeria aquilo tudo, mas minha barriga estava dando graças depois de um bom tempo sem alimento e uma canja de aparência suspeita, estar de cara com um manjar mais um motivo para agradecer. As pessoas dizem que aprendemos a dar valor as pequenas coisas ao passarmos por momentos difíceis, é verdade. Pergunto-me até se mereço, porém quem sou para questionar mais uma rodada de sorte na vida?

- Já falei que é incrível? – Perguntei com
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

a voz um pouco rouca de sono. Ela apenas deu um sorriso contido, antes de postar a bandeja no meu colo. Frutas, suco, bolo, café e uma variação ainda maior que não prestei atenção.

- Fico feliz que pense assim. Por favor, se sirva. – Instigou suavemente.

Eu iria, mas antes de qualquer coisa precisava me certificar de que tudo estava bem, que todo o terror tinha passado e estávamos começando de novo.

- Tenho que ligar para Dimitri e perguntar como Ian está. – Argumentei. Então sua expressão se fechou um pouco e seus olhos baixaram, engoli em seco. Algo aconteceu enquanto fechei os olhos? Mas disseram que cuidariam dele! – Olívia?

O tom exaltado chamou sua atenção e tenho certeza que naquele momento minha

NACIONAIS - ACHERON

semelhança com um fantasma a assustou, ao ponto de rapidamente me entregar o copo de suco e dizer para que eu bebesse. Engoli junto com o bolo que se formou na garganta. Batidas leves nas minhas costas e pedidos sussurrados para que ficasse calma me fizeram voltar a respirar devagar e focar nela.

- Desculpe assustá-la, Ariel. – Lamentou. – O Sr. Sovelev está bem, ou na medida do possível. Só fiquei triste ao vê-lo daquela forma mais uma vez, pensei que essa fase tinha sido deixada para trás há muito tempo...

- Espere! O viu? Ele está aqui? – Empurrei o café de lado querendo me levantar e correr para onde estava, contudo a senhora ali comigo estava pensando algo diferente já que recolocou tudo no lugar. Amaldiçoei meu sono pesado e o tempo que

NACIONAIS - ACHERON

perdi inconsciente.

- Sim, mas antes de vê-lo precisa se alimentar. Deus sabe pelo que passaram... – Sua voz foi se quebrando antes do fim da frase. Ali estava uma mulher que era muito mais mãe de Ian do que qualquer outra coisa. Quão doloroso deve ter sido ver o seu estado atual, segurei suas mãos afagando de leve tentando dar apoio num sofrimento que compartilhávamos. – Coma e poderá passar o tempo que quiser ao seu lado, vocês dois necessitam isso.

Se disser que senti o sabor de tudo que coloquei na boca, estaria mentindo. O que realmente marcou foi o café que desceu quente por minha garganta me fazendo lacrimejar, porém sem perder o ritmo. Tudo que ecoava em minha mente era “Apenas olhá-lo...” Sem todo aquele sangue, consciente, segurar sua mão. Aqueles gestos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

têm tanto valor quando são com ele. Descartei a ideia de me trocar ou tomar um banho, apenas preendi o cabelo melhor em um rabo de cavalo já que antes estava fora de controle apontando para todos os lados. O ombro já não incomodando tanto.

- Onde o colocaram? – Perguntei lhe entregando a bandeja.

- Seguindo pelo corredor terceira porta à direita. – Murmurou. – Foi mais cômodo colocá-lo em outro quarto devido a sua situação. – Acenei que entendia acompanhando-a para fora. Meus pés descalços estavam ficando gelados, assim como minhas mãos, muito obviamente por razões diferentes. Antes de seguirmos por caminhos opostos ela parou me encarando com um sorriso doce. – Obrigada por estar de volta, Sra. Sovelev.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Essas palavras tinham um significado profundo, não foi apenas pelo tempo que passei longe, sim pelos momentos difíceis que suportei, por voltar viva e trazê-lo comigo. Andei até o seu lado e depus um beijo na sua bochecha. Então corri para onde desejei estar desde que despertei, mas ainda consegui ouvir uma risadinha suave as minhas costas. Parada, diante da porta que nos separava hesitei tempo suficiente para recuperar minha respiração e tentar desacelerar meu coração. Girei a maçaneta e abri uma fresta no intuito de ver o ambiente, não queria acordá-lo caso estivesse dormindo, ele precisava de mais descanso do que eu.

O quarto em si era como todo o resto da mansão, bem mobiliado com aquele toque de riqueza característico, contudo bem menos opulento do que o quarto principal

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que compartilhávamos. Embora, suponho que esse era de hóspedes, a cama era enorme assim como o espaço em si. A janela estava com as cortinas fechadas deixando o ambiente mais escuro, mas distingi as duas portas no outro extremo. Nunca entrei nos quartos adjacentes, por falta de interesse, mas imaginei que fosse num desses que Ian dormiu durante uma de nossas brigas. Na ponta dos pés entrei, fechando a porta lentamente e o clique que fez não foi tão silencioso quanto planejado, praguejei entredentes.

O corpo permanecia imóvel na cama, o espaço era neutro sem nenhum objeto para dar personalidade, o lugar parecia uma tela em branco. Me aproximei mais devagar do que fiz em toda vida, embora meu real desejo fosse abraçá-lo o mais apertado que podia. Seu rosto permanecia inchado em

NACIONAIS - ACHERON

algumas partes e com os cortes menos abertos do que antes, devido aos pontos que levou, fui incapaz de ver o estado do resto do corpo já que estava coberto com uma camiseta branca folgada num tecido fino e o cobertor da cama foi posicionado de sua cintura para baixo. O braço engessado foi apoiado em uma almofada e no outro estava o cateter venoso para administração do soro com medicamento. Coloquei a mão na boca para conter um soluço enquanto chorava, vinha fazendo isso com mais constância ultimamente do que gostaria. Ele parecia tão quebrado.

- Certamente acha que está sendo discreta e silenciosa, não? – Um suspiro cruzou o silêncio. – Detesto acabar com a sua ilusão, anjo. – Um dos meus sorrisos estava aberto em seu rosto, e nada conseguiria tirar a beleza daquilo. Me juntei

ao lado da cama e segurei sua mão, com cuidado para não mover demais e lhe causar dor.

- Pensei que estava sendo.

- Até poderia ter êxito, se eu não conseguisse sentir sua presença. – A sua voz estava baixa como sempre e um pouco rouca. Os seus olhos estavam em mim, me fitando como se bebesse de minha presença e acho que fazia o mesmo com ele. – Como está se sentindo? – Quem deveria perguntar aquilo era eu, mas ali está o Sovelev tomando a frente. Sua atenção foi voltada para a tala que usava, um machucado insignificante perante o que poderia ter sido. Ficar ao seu lado e ouvir a sua voz pareciam um sonho, um desejo distante, quase não podia acreditar, mas o seu toque nunca poderia ser confundido com uma fantasia, ela nunca seria boa o suficiente para se

NACIONAIS - ACHERON

comparar.

- Estou muito bem, Sr. Sovelev. – Aproximei meu rosto do seu. Poucos centímetros de distância. Queria resumi-los a nenhum. – Por sua causa. – Completei sorrindo de uma forma que não fazia há um tempo.

- Na verdade, se não fosse por mim você nunca teria estado nesse tipo de situação, para começar... – Falou com amargura.

- Por Deus, Sovelev. Não me entregou a eles, fui sequestrada. Esqueça qualquer dessas ideias estúpidas, nem tudo de ruim que acontece no mundo recai sobre seus ombros. – Estava fora de cogitação deixá-lo começar com o seu discurso punitivo sobre si mesmo. – Estamos bem, vivos. E não me importa o que diga, não sairei do seu lado. – O encarei séria. Se ele pretendia erguer

aquelas muralhas novamente eu as derrubaria antes sequer que começasse. Um sorriso indulgente se abriu em seu rosto, e em instantes parecia cansado demais para discutir.

- Lamento pelas coisas que viu. Sempre desejei separá-la disso, mas falhei. – Trouxe meu rosto perto do seu novamente e com todo cuidado o acariciei com a ponta dos dedos. Pousei meus lábios sobre os seus, e naquele toque simples estava a conexão tão conhecida de nós dois.

- Não veja dessa forma. Estar contigo me tornou mais forte do jamais imaginei que seria. Me fez crescer. O que mais temo é que se afaste novamente, esse sofrimento é como quebrar uma parte minha que nem sabia existir. Somos nós dois, podemos seguir por esse caminho, já escolhi isso. – Quero que se arrisque a ficar comigo,
NACIONAIS - ACHERON

porque é o que faço para estar aqui.

- Tem alguma ideia do que significa para mim? Do que estou disposto a fazer para mantê-la segura? - Precisava me acostumar com a intensidade do que sentia urgentemente, antes que meu coração desse colapso. Não considerava nem um pouco constrangedora a forma como ele se acelerava pela voz de Ian, afinal posso guardar o detalhe para mim.

- Penso que seja na mesma proporção do que sinto por você. – Admiti.

- Está se declarando para mim de novo, Sra. Sovelev. – Senti-me aquecer e com certeza meu rosto ganhou um novo tom avermelhado. – Me deixe ao menos uma vez passar na frente...

Levantou o braço que estava com o soro, e já ia reclamar do seu descuido quando sua

mão alcançou minha face acabando com qualquer protesto. Incrível como ainda surpreende depois de tudo a profundidade do seu olhar. Quando vou me acostumar? Vai chegar o dia que ele não fará meu ar preso e as pernas fracas? Duvidava bastante. Eu conheci o amor com o homem que comprou meu destino, no fim poderíamos traçar um novo juntos. Sua boca tomou a minha com mais força do que eu havia permitido antes, a paixão que sempre vai me queimar nos seus braços, como sempre estava acesa. Suspirei trêmula, encostei a testa na dele sentindo seu respirar suave.

- Eu te amo, Ariel. — Sussurrou, mas parecia que o mundo ouvia.

- Assim como eu a você. - Respondi depositando um beijo casto em seu rosto. Afastei-me arrumando uma posição para que pudesse sentar na ponta da cama,
NACIONAIS - ACHERON

próxima e sem machucá-lo. Divertida com sua expressão de desagrado.

- Está se aproveitando da minha incapacidade momentânea, anjo?

- Quem pode dizer? – Virei de lado para esconder o sorriso que tinha. – Mas logo estará em forma, e jamais ousaria escapar...

- Debochando de um inválido, nunca pensei que seria capaz disso. – A sua desaprovação fingida só me fez querer rir mais. Naquele momento todos os meus temores pareceram tolos. – Aguarde, logo estarei no meu normal...

- Desse modo, estou ansiosa por isso. – Estreitei os olhos deixando que visse o meu sorriso de vitória. Vamos apagar as horas escuras que vivemos, e aproveitar a nova chance que nos foi dada.

- Está me cantando, Ariel? – O fato de
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

poder expressar meus sentimentos me deixava mais livre, assim como conhecer bem o homem a minha frente. Finalmente Ian se tornava claro para mim, e só desejava saber mais sobre ele, participar do seu mundo, ser um ponto de apoio, alguém para quem sempre pudesse voltar, assim como era para mim. Uma pequena parte ainda se encontrava brava por seu descuido consigo mesmo, porém ele tinha deixado claro do que seria capaz para me manter segura, e quem sou eu para julgar, quando bem sei que caso houvesse a chance, me colocaria em seu lugar.

- Vou deixar que decida sozinho a resposta.

- Provocadora.

Depois disso o coloquei a par de tudo o que havia acontecido pelo meu ponto de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

vista, afinal Dimitri esteve conversando com ele desde que acordou e durante todo o caminho até a mansão. Ficou clara sua preocupação diante o desaparecimento do Mcmillan, também sentia desconforto em saber que aquele louco estava andando livre por aí, mas não queria Ian tendo ideias mirabolantes nas condições em que seu corpo se encontrava. Ele precisava se recuperar bem e no tempo certo. O dia correu rapidamente e apenas por poucos instantes o Sovelev conseguiu se ver livre de mim, confesso que achei divertido sua irritação em estar um pouco dependente, afinal sempre foi muito auto-suficiente. Mas a mesma diversão passou longe enquanto o ajudava a vestir outra camisa, vendo pela primeira vez o estado de seu tórax, enormes manchas escuras arroxeadas, a raiva me consumiu e senti vontade de acabar com

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

cada um responsável por aquela atrocidade, porém ele agia como se fosse irrelevante. “Nem está tão terrível” Foi o que disse, me fazendo dar conta de que aquela circunstância não lhe era nova. Em silêncio lamentei por seu passado e por tudo o que passou.

Troquei o curativo do seu ombro admitindo que os médicos realmente haviam feito um bom trabalho, mesmo que trabalhassem em um antigo cassino. Durante aquilo tudo tirei a tala colocando de lado, com o esforço o meu ombro protestou, mas fiz questão de ignorar estava fazendo algo produtivo. Coloquei um novo soro que Olívia trouxe para o quarto sob os protestos dele de que não necessitava mais medicamentos, uma grande mentira já que a cada mínimo movimento empalidecia visivelmente. O olhei de cara feia.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Vamos cuidar de você, faça o favor de ser um bom menino. – Posicionei tudo e fiz uma rápida inspeção procurando por qualquer obstrução, me dando por satisfeita ao não encontrar nada. – Prontinho.

Os minutos de silêncio seguiram de forma alguma incômodos, sentada numa poltrona próxima a cama apenas o pegava me encarando às vezes, seus olhos começando a pesar por conta da medicação.

- Eu morri mil vezes pensando que tinha a perdido. – A fala arrastada carregando uma forte nota de tristeza. – Era como uma morte lenta e sem fim...

- Eu não irei a lugar algum sem você. – Prometi me aproximando de sua cama novamente. – Afinal, toda vez que insistimos em nos afastar terminamos muito mal.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Deve ser o universo dando uma força para te manter comigo. – Sorriu.

- Possivelmente, - O beijei brevemente sem uma resposta efetiva. – Durma, meu amor. Estarei aqui todas as vezes que acordar.

E seria verdade, todos os dias da minha vida queria despertar para ele. Meu homem que por tanto tempo esteve acorrentado por seus demônios. Aquele que descobriu o próprio coração para poder entregá-lo a mim, como não amá-lo com tudo que tenho? Nascemos para tornar a existência do outro completa. Eu para livrá-lo da escuridão. Você para me fazer enxergar que o nosso destino nem sempre é o que vemos na nossa frente, nada é apenas preto no branco. Então aprendemos o que o amor é capaz de conquistar, e tudo graças a uma dívida que nunca foi nossa. Acho que não

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

existe pagamento melhor do que esse.

NACIONAIS - ACHERON

Epílogo

4 meses

depois...

IAN

Uma neblina sutil cobria o horizonte a minha frente escondendo alguns aspectos do lugar, de qualquer forma não estava ali para apreciar a vista, nem mesmo desejei ter que ir para longe a fim de conquistar um pouco de paz na consciência, porém se mostrou um preço pequeno em comparação. Estava há seis dias em São Petersburgo no intuito de acabar com um problema que teve início meses atrás, nunca pensei que ele teria coragem de se manter tão próximo depois de um bom tempo fugindo, mas aparentemente o orgulho ainda possuía uma certa prioridade no seu estilo de vida. O

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Mcmillan percorreu toda a Rússia numa brincadeira de gato e rato irritante e trabalhosa, mas não considereei isso uma completa perda de tempo já que realmente queria me ver livre da sombra que a existência daquele homem ainda significava. Um conselho que jamais deveria ser esquecido é: “Conheça bem ao teu inimigo”, e foi justamente o que vim fazendo durante aquele tempo. Afinal, agora sabia contra quem vinha travando uma disputa. E qual não foi a minha surpresa ao constatar que sua situação era a pior possível, uma presa ferida e sem rumo, foi isso que o grande senhor dos cassinos se tornou. Eu era apenas mais um numa consideravelmente longa lista de inimigos. Deixou de ser uma questão de tempo e se tornou uma competição de quem o encontraria primeiro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ele havia se tornado uma pedra no meu caminho, e o meu senso de justiça não me deixava abrir mão de tê-lo em minha posse, porque era a minha vez de jogar. Mas o trabalho todo não foi só aquele, em casa tive que fazer uma longa limpeza que durou duas semanas para me livrar de todos os traidores e contratar substitutos confiáveis, a pior parte. Porque os seres humanos nunca são previsíveis, sempre sua mente esta disposta a mudar nas mais diversas situações. Assim como foi uma pequena dor de cabeça desaparecer com os restos que deixou para trás. No fim, aquele velho me saiu um enorme prejuízo, além de todos os danos físicos que me fez passar e a Ariel, matou dois dos meus melhores homens, deixou um incapacitado por meses e fez uma completa bagunça no sistema.

Olhei para dois enormes navios que
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

estavam ancorados no porto, era muito tarde e não havia uma alma viva por perto, tudo o que me cercava eram enormes containers e o silêncio interrompido apenas pelo som das ondas batendo no casco dos navios. Coloquei a minha luva de volta e ajustei melhor o sobretudo que usava. Meus passos eram lentos porque não tinha uma vontade real de estar dentro de um cubículo sentindo o cheiro de sangue misturado à maresia e ouvindo gemidos sofridos, isso tudo já havia enchido minha paciência, eu desejava estar na mansão com a minha esposa, embora ultimamente ela tenha estado absolutamente ocupada com projetos próprios. E me sentia orgulhoso da forma como suportou e superou tudo, sua força estava bem clara no brilho dos olhos e nas atitudes firmes que tomava. A mulher que conheci se transformou sob meus olhos,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

desabrochando nas piores circunstâncias. Não imaginei que pudesse amá-la mais, porém era possível.

Suspirei me aproximando de um Dimitri rabugento, estávamos a dias dormindo em quartos de hotel organizando todos os negócios para nos livrarmos de um peso que não precisávamos mais. Pensei que uma vingança era o que mais necessitava, mas a cada hora que perdia naquele caso mais achava que estava errado. O Mcmillan foi encontrado graças à traição de um dos poucos homens que lhe sobrou, já que até mesmo a própria filha havia virado as costas ao nada que seu patriarca se tornou. Os seus negócios que sempre foram como torres de sal, necessitando sempre de um apoio dos grandes, se desmancharam como estavam predestinados a ser. Milhões de dólares foram perdidos, assim como muitas alianças

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

se quebraram. Nada cria mais desavença do que uma perda grande de dinheiro, afinal isso movia o mundo.

- Não suporto mais ouvir as maldições dele, até mesmo o seu respirar me irrita. – Resmungou assim que me aproximei o suficiente. Tirou uma carteira de cigarros do bolso e acendeu um. Não era comum que ele fumasse, apenas quando se sentia agitado demais e impaciente. As horas corriam e queríamos dar aquilo por encerrado antes do amanhecer.

- Acho que chegou a minha hora de ter uma conversa real com ele, não? – Perguntei dando um sorriso cruel. Dentro de um container inutilizado, atrás de muitas outras fileiras que o cobriam, se encontrava o refém mais aguardado do ano. Deixei os meus homens o amaciarem um pouco durante aqueles dias, porém sem exagero, NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

eu o queria bem consciente quando me dispusesse a visitá-lo. Graças a algumas mudanças nos planos originais, minha presença teve que ser adiada até aquele momento.

- Faça como quiser, só vamos terminar logo com isso. — Acenou para a entrada do cativeiro improvisado. — Entrei em contato com eles e estão próximos, seja rápido. — Tragou soltando a fumaça e fechando os olhos numa expressão relaxada. Me preparei para como me sentiria ao dar de cara com aquele homem, para uma possível onda de raiva, um rancor, por fim me apeguei ao que sempre fui, uma parede neutra e sem qualquer sentimento. Tudo o que não lhe daria era a perda do meu controle, simplesmente não me afetava. E tenho certeza que nada o deixará tão furioso quanto a completa indiferença. Estive

NACIONAIS - ACHERON

naquele terreno antes.

No interior estavam apenas dois dos meus homens e um ser humano completamente ensanguentado, jogado a esmo sobre uma cadeira vagabunda. Suas impecáveis roupas de grife já tiveram dias melhores, seus pés estavam descalços e cortados. As mãos presas por correntes semelhantes as que usaram na minha mulher, e aquilo me deu uma ínfima satisfação. Acontece que pouco me importa o que fizeram ao meu corpo, mas a tortura psicológica e os ferimentos que infringiram a Ariel isso eu não conseguia relevar. Tudo por um motivo torpe e inútil, jamais ainda que com a minha morte, aquele velho idiota conseguiria assumir meu lugar. Foi realmente um plano estúpido.

Estalei a língua me aproximando, demorou para que seu corpo reagisse e

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

erguesse a cabeça para me encarar da melhor forma que suas condições permitiam. Depois de meses meus ferimentos foram completamente curados, mas olhando seu corpo ferido eu sabia que sua dor estava muito maior do que a minha, afinal a dor é algo com o que me acostumei, já conseguia preparar minha mente para a onda que vinha com um osso quebrado, uma bala ou queimadura, tinha memória para as dores, e aquele ser decaído na minha frente sequer conseguia lidar com uma topada quem dirá uma surra. Mas de modo algum sentia pena, ou desejava pegar mais leve. Sou ruim o suficiente para admitir que cada gota de sangue sua que caía me dava um pouco de paz.

- Então os papéis se inverteram, e chegou sua hora de lidar com as consequências. Lembre-se, nada de

NACIONAIS - ACHERON

lamentos. – Disse cruzando os braços para analisar melhor minhas próximas palavras.

- Veio aqui, - Sua respiração estava sôfrega e os lábios, suponho, que não estavam roxos apenas pela surra, mas também pelo frio que fazia. – se vingar? – Riu, tossindo em seguida.

- Sabe bem a resposta, assim como deveria ter se preparado para a minha chegada. – Respirei fundo aquele odor desagradável, já estive em lugares assim antes, parecia ficar impregnado na pessoa, uma segunda pele invisível e agonizante. Uma prova de onde se esteve e as torturas que presenciou. E certamente já decorei os odores de diversos lugares com a mesma finalidade deste. – Eu vim antes, mas ficou inconsciente por muito tempo. Só queria que tivesse a certeza de quem tem sua vida em mãos.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Eu nunca irei implorar. – Não me surpreendeu a arrogância que continuava presente ali.

- Fico feliz por isso, não iria adiantar de qualquer forma. – Dei de ombros. – Eu refleti muito enquanto cada cicatriz que me fez se formava, no quanto faria você sofrer ao nos encontrarmos novamente. Acredito que foram bons planos e comprovaram a minha criatividade. – Dei um meio sorriso. – Contudo, olhando bem para você sei que foi uma perda de tempo completa.

Verifiquei o meu relógio tentando fazer uma estimativa de quantos minutos ainda tinha. Ao voltar minha atenção vi em seus olhos que se tivesse energia estaria gritando insultos e esperneando de uma forma infantil, mas ele estava acabado só não aceitava esse fato ainda. Trouxe meu rosto perto do seu para nossos olhos ficarem no

NACIONAIS - ACHERON

mesmo nível, desejava que enxergasse o quão triste seriam as suas últimas horas, sem sombra de dúvidas.

- Mas serei bem franco, Mcmillan. O prazer de torturá-lo por algumas horas, que é o que seu corpo vai aguentar, não vale o esforço para me livrar de você depois, entende? Um lixo que ninguém quer, e só incomoda, foi nisso que se transformou. – Me distanciei quando ameaçou se debater, me negava sequer a ter uma gota de seu sangue sobre mim. – Eu sou do tipo que suja as mãos, fui criado assim, mas não vejo como valeria à pena. – Debochei. – A escória do nada.

Seus gritos e xingamentos incoerentes preencheram o lugar e apenas assisti ao espetáculo patético em silêncio. Seu medo poderia ser palpável, as pupilas dos seus olhos ensandecidos dilatadas, a solidão é a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nota final para desistência. Ele começava a ver agora que ninguém viria em seu socorro, sua filha sequer sabia dos seus planos e estava do outro lado do mundo com a mãe, sua esposa atual era uma boneca ignorante que logo perderia tudo que lhe sobrou, um fim trágico para uma traição.

- Você nunca poderia ocupar a posição de um Sovelev, e deveria ter agradecido por isso, mas acabou cometendo o mesmo pecado do anjo caído, desejou um poder que não lhe cabia e terminou por perder tudo.

- Não me arrependo de nada que fiz. — Cuspiu sangue perto de onde estava parado. Na tentativa grosseira de me tirar do sério, contudo ele era digno apenas de asco e pena, para alguém que fosse capaz de expressar ambas as coisas, o que não cabia a mim. Respirei fundo já cansado daquele jogo a um bom tempo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Imaginei que seria assim. No fim, você será uma boa fonte de renda. Compensará pelas perdas de carregamento pelas quais foi responsável. Sabia que um grande leilão foi feito por sua cabeça? – Arqueei uma sobrancelha para sua expressão confusa. – Não vou perder mais do meu tempo, estou te passando para frente. – Expliquei, embora não houvesse realmente a necessidade.

- Eles chegaram. – Falou o Karpienko se postando ao meu lado, seguido por três homens que trabalhavam para o comprador, um grande empresário do mercado negro de drogas que teve enormes perdas graças ao Mcmillan e queria um momento a sós com o rei dos jogos ali, creio que não será nada divertido. “Você deve limpar seu nome, sempre” A voz falou em minha mente, mas não vinha sendo difícil ignorá-la nas poucas vezes que se pronunciava, me esforçava

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

cada dia mais para me distanciar da máscara que usava, eu tinha meu próprio modo de agir. A resposta era simples, não via mais necessidade de perder meus preciosos minutos com o Mcmillan, cada importante segundo que lhe entregava era como continuar o seu jogo, e cansei de lhe dar esse prazer.

Sequer me dei ao trabalho de olhar para os recém-chegados, apenas sinalizei para os meus homens me seguirem para fora. Dimitri havia cuidado de toda a negociação e recebido o pagamento pela mercadoria.

- Volte aqui, termine o que começou! — Gritou. Certamente morrer pelas minhas mãos lhe dava um resquício de poder, a ilusão de que afetou a minha vida o suficiente para que não pudesse viver sem que eu mesmo o matasse, mas ali estava quebrando com todas as suas ideias e o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

tratando como uma coisa descartável. Porque eu lembrava do pedido dela quando saí: “Não suje suas mãos com ele, é inútil. Passamos por tudo de qualquer forma”. E isso serviu nesses dias como uma verdade, Mcmillan não marcou em nada nossa história.

Ao sair pude ver o sol nascendo no horizonte e a neblina se dissipar. Eu quero ir para casa. Sei que nunca serei o homem certo, mas decidi que não carregaria mais sobre meus ombros os erros e demônios de mais ninguém além dos meus próprios. Chegou o fim, eu não precisava mais ouvir a sua voz...

Senti uma mão bater no meu ombro e apertá-lo.

- Estamos indo para casa. – Era o que queria ouvir.

NACIONAIS - ACHERON

ARIEL

Felicidade transborda e nenhuma ameaça circula por perto esperando para acabar com tudo. Eu não tinha certeza que conseguiríamos chegar a esse ponto, mas a esperança sempre esteve ali. Então aqui estamos finalmente respirando com mais calma, aprendendo mais um sobre o outro, e amando. O pesadelo que passamos nos tornou mais próximos, assim como o tempo de recuperação para as suas feridas e minhas, aprendi que nunca sabemos tudo sobre o outro, e vi como meu sentimento por ele só tendia realmente a crescer. Ian se esforçava todos os dias para reafirmar a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

promessa que me fez, embora fosse difícil o ouvir dizendo palavras profundas, sei que a cada passo que dou para o futuro posso contar com sua presença ao meu lado, confiando no relacionamento que construímos.

Fui contra a sua partida na última semana, porque ainda que não me contasse sabia da sua perseguição ao Mcmillan, enquanto apenas me refugiei na sua segurança para esquecer aquelas terríveis horas ele queria que o homem pagasse o preço por suas ações malucas, éramos opostos em nossas opiniões, tudo porque temia por sua segurança, o queria bem, porém sei que sou incapaz de apagar todas as raízes fincadas nele, é assim que é. Sua personalidade com tons sombrios e pequenos pontos de luz que coloquei lá dentro. A história que carregava tornava

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

impossível que fosse alguém limpo de cicatrizes, não apenas as do corpo, mas também na alma, só restava a mim o ajudar a escrever um futuro melhor.

O queimar lento da lareira aquecia o ambiente da sala, mesmo assim as pontas dos meus dedos dos pés ainda estavam frias, encolhi minhas pernas estremecendo um pouquinho, o cobertor estava puxado para o lado, e reconheço que o tapete era mais confortável do que imaginei a principio. O braço que antes servia como travesseiro me puxou para mais próximo, colando inteiramente meu corpo ao seu então não era mais o fogo que me aquecia, passei a ponta do nariz gelado no seu pescoço me deliciando com o resmungo baixo que soltou, apenas para beijá-lo ali em seguida. A taça de vinho foi deixada pela metade do lado oposto a onde estávamos. Isso havia

NACIONAIS - ACHERON

sido uma ideia minha assim que voltou de viagem, para passar um tempo de qualidade juntos e sozinhos, já que também vinha atarefada com a inauguração da galeria de Elissa como sua “braço direito”, embora tenha me surpreendido com sua rápida aceitação também fiquei feliz. Naquele horário todos os funcionários já haviam se recolhido e estávamos sozinhos.

- O que está pensando? – Sua voz baixa irrompeu pelo silêncio de forma sutil. Essa vinha sendo sua pergunta favorita nos últimos tempos, era como se quisesse se assegurar de que nos encontrávamos na mesma página. Passei meu braço por seu pescoço o abraçando para beijar seu queixo de leve, tendo meus movimentos acompanhados por seus olhos semicerrados. Ainda que tivesse uma postura preguiçosa eu sabia que estava acordado e bem atento.

PERIGOSAS

- Em quanto senti sua falta quando esteve fora. – Murmurei com um meio sorriso.

- Sempre quis ouvir isso de sua boca, Sra. Sovelev... – Provavelmente se recordava de quando disse isso fingindo atuar, na biblioteca no segundo andar, parecia que faziam vidas desde aquilo. Sua mão acariciava minha cintura por cima do casaco de lã branco que usava. – Posso lhe mostrar quais meus planos para essa noite?

- Pensei que tudo fosse ideia minha... – Provoquei analisando um sorriso atrevido se abrir no seu rosto. – Mas vamos ver se consegue me surpreender.

Em um movimento rápido se virou ficando sobre mim, sem colocar todo seu peso. A boca desceu sobre a minha num beijo lento e profundo, sua língua percorreu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

a minha e pude sentir o sabor do vinho nele só que mais doce, coloquei a perna entre as suas, passei os dedos sentindo o tecido do casaco que usava, logo quis retirá-lo do caminho para tocar sua pele, quando quis intensificar o beijo segurou meu rosto o mantendo no lugar ao se afastar de leve. Os olhos mais escuros acompanhando um sorriso perverso, com a respiração mais acelerada. Esperei por seu próximo passo. Acariciou meus lábios entreabertos com os seus começando o seu jogo de provocação.

- Vamos de acordo com minhas etapas, anjo. – Passou a ponta da língua pelo contorno da minha boca, me fazendo remexer impaciente embaixo de si. – Bem devagar.

Resmunguei tentando subir minha perna livre para envolver sua cintura, mas fui segurada no meio do caminho por uma

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pegada firme que com certeza deixaria marcas. Aproveitei sua distração assim que soltou meu rosto e me virei mordendo seu pescoço para depois passar a ponta da língua no trabalho bem feito. Quando voltei ao meu lugar assisti o seu aceno negativo como uma menina má, sem me arrepender nem um pouco.

- Quero do meu jeito. – Assoprei usando a ponta dos dedos para puxar sua camisa, porém não seria o Sovelev se facilitasse para mim, então meus braços foram colocados para cima.

- Por que eu faria isso? – Seu rosto colado ao meu fazia leve cócegas já que Ian aderiu à barba mais comprida durante o seu tempo fora.

- Porque me ama e posso ser bem convincente? – Meu sorriso se perdeu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

quando senti sua mão por dentro do meu casaco. Não adiantava, ele nunca iria jogar limpo. Inclinei meu corpo ainda mais em sua direção, mas quando achei estar chegando a algum lugar se afastou sentando sobre os calcanhares e me prendendo pela cintura.

- Um bom argumento. – Jogou a cabeça de lado me estudando com os braços cruzados e uma sobrancelha arqueada, desejei tê-lo mordido com mais força. Nem sei a razão de entrar naquilo, Ian era o mestre da provocação e eu sempre perdia a paciência primeiro. Subi minhas mãos por suas pernas fingindo desenhar algo com o dedo enquanto esperava seu veredicto, no fim não importava muito, conseguiria o que queria de qualquer jeito. – Vou deixá-la solta, anjo. Esse é o maior consenso que chegaremos...

NACIONAIS - ACHERON

Dei de ombros, “Vamos ver quem pegará fogo primeiro...” pensei já sentindo seus dedos rápidos levantarem minha blusa, olhei de relance para a porta da sala aberta apenas por reflexo, sabia que estávamos sozinhos. Abaixou seu tronco sobre mim alcançando minha boca na sua a tomando com sofreguidão, se ele queria lento, assim seria, poderia saborear todas as sensações, o quanto cada terminação nervosa do meu corpo se tornava um fio desencapado pronto para curto ao seu menor toque. Passei as unhas por sua nuca, a fim de subir e entrelaçar meus dedos pelos fios macios do seu cabelo, enquanto seu beijo ainda roubava todo o meu fôlego, embora o abraçasse com todas as forças nunca seria suficiente, a sua forma de amar lenta e sombria era intensa, de um jeito que me transformei numa dependente dele, assim

PERIGOSAS

como tenho certeza que é de mim. Um encaixe de temperatura, toque, de corpo e alma. Eu nasci para ele, e Ian se moldou para mim.

Sua mão tomou posse do meu seio desnudo, fazendo-me gemer por entre seus lábios empurrando o corpo mais em sua direção. Nos separou para arrancar de vez meu casaco, minha pele se arrepiou, mas logo tive a sua em contato com a minha dissipando o frio. Seu peito pressionado os meus seios, enquanto distribuía beijos pelo meu pescoço, suas unhas curtas cravando um caminho invisível do meu quadril até abaixo do seio e voltando a descer. Desenhei calmamente por seus ombros, até sua boca chegar ao meu seio me desconcentrando completamente e acabei por cravar as unhas ali com demasiada força, sorri com o gemido baixo que soltou.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Se posicionou para ficar entre minhas pernas e logo o envolvi pela cintura o puxando ao meu encontro, com um pouco de impulso consegui ficar no seu colo. Cara a cara, os poucos centímetros parecendo uma tortura calculada. Contornei o seu maxilar com a ponta dos dedos, ele era lindo, como uma peça de arte esculpida cuidadosamente para ser a representação da luxúria, e do perigo que ela escondia. Seus olhos azuis escuros não se desviavam dos meus, sabia que ansiava pelo meu próximo passo para retomar o controle. Mal sabia ele como adorava estar em suas mãos.

- Quanto mais toco você, mais se prova insuficiente. – Sussurrei colando nossas bocas, apesar de não se tornar realmente um beijo. – Me faz queimar e gostar disso...

- Acho que isso acontece porque é minha, anjo. E eu sou seu. – Respondeu
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

apertando meu quadril, as poucas peças de roupa que nos sobravam pareciam deslocadas nos nossos corpos, deixei que tomasse as rédeas. Sentindo meu coração pegar fogo, cada batida ecoando por todo corpo e não se tratava mais apenas de mim. Cada pensamento coerente se calou e minha mente só gritava por seu nome, ele era o dono de todo aquele sentimento assustador, profundo, mesmo assim o único a me deixar extasiada. Então abracei aquela noite escura que me entregava, aceitei o amor que me ofereceu.

Apertou as partes de mim que estavam ao seu alcance, enquanto arranhei suas costas e me contorci sobre si. Livrou-se da calça que usava e o ajudei, sem realmente me concentrar na tarefa, ao retirar meu short e roupa íntima. Sabe Deus onde essas coisas foram parar. Uma mistura de beijos intensos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

e toques languídos, o calor da lareira parecia desnecessário.

Porque cada segundo com apenas isso me faria enlouquecer, precisava ter seu corpo no meu, da única forma onde podíamos ser um. O que estava esperando? No momento que pensei que entraria em combustão instantânea ele me tomou, como se houvesse um cronômetro. Cada impulso seu contra mim, começou devagar, torturante e delicioso, nem mesmo consigo contar quantas vezes clamei por seu nome. Estava envolta numa nuvem dele, seu cheiro, toque, calor, o seu prazer. Nada soava tão bem quanto meu nome em sua voz embriagada e rouca por uma necessidade em chegar ao limiar entre o mais alto prazer e o desejo que queimava cada vez mais, se tratava de uma subida deliciosamente lenta até ali, porém se

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

aproveitava cada segundo. Me senti construindo uma enorme torre para me jogar de lá, ansiando por isso. Era a mistura perfeita entre o amor profundo e a mais aterradora posse.

Sexo se tratava de uma palavra tão vaga e simplista para o que estávamos fazendo, era mais do que tomar meu corpo, ele incendiava até mesmo minha alma. O beije com força quando desmoronei para que meu grito não ecoasse por toda a mansão, ainda estremecia quando me puxou de volta para seus braços e pude pousar a cabeça em seu peito, as batidas fortes do coração acelerado me trazendo paz, um dos melhores sons do mundo. Alguns fios do meu cabelo se grudavam nas têmporas graças ao suor, mas não incomodavam, apenas não queria sair nunca dali. A noite permanecia quieta do lado de fora e senti o cansaço se abater

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sobre mim, mesmo assim não fechei os olhos, decidi apreciar um pouco mais o som de sua respiração, sua pele na minha e o carinho leve que fazia em meu cabelo.

- Quero te fazer uma pergunta. – Esperei o que vinha a seguir, mas Ian ficou em silêncio me fazendo olhá-lo de cenho franzido, curiosa com sua expressão firme e seu olhar distante.

- Prossiga, Sovelev. – Instiguei passando a mão por seu peito e prendendo um pouco a atenção na cicatriz clara em seu ombro, me deixou lívida a lembrança que ela remetia, porém apenas balancei a cabeça afastando-me daquele caminho de memórias, por fim a beijei dando aquilo por apagado. Puxou meu queixo para si e vi a seriedade do quealaria refletida em seus olhos.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Casa comigo? – Acho que minha boca caiu aberta e minha respiração ficou presa por segundos suficientes para me deixar meio tonta.

- Não já somos casados? – Perguntei meio boba dando um sorriso sem jeito, colocando o cabelo por trás da orelha. Sei que devo ter corado alguns níveis, parecia estúpido ficar assim por um pedido que já realizamos, mas fazer o que se meu coração pulou no peito e as borboletas na barriga marcavam presença? Aquele homem era a minha perdição de senso e razão. Se ajeitou melhor embaixo de mim, tive vontade de gargalhar porque ele estava de fato nervoso, mas me contive prestando total atenção em suas próximas palavras.

- Quero que se case comigo por quem eu sou, por me amar e não em nome de uma promessa ou dívida feita por nossos NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

parentes. – Trouxe meu rosto mais perto do seu. – Seja minha, Ariel.

Respirei fundo tentando voltar ao normal, contudo fui incapaz de conter pequenas lágrimas que desceram por meu rosto.

- Eu sou. – Disse com firmeza, tocando sua face, o desenho de seu maxilar e pescoço. Me certificaria para sempre de que não se tratava de um sonho, que ele não desapareceria ao amanhecer. – Aceito.

O meu sorriso favorito no mundo se abriu mais intenso, antes de me puxar para um beijo que deixou minha mente em branco e me acendeu novamente. Meu corpo absolutamente sobre seu controle assim como meu coração. Interrompeu respirando ofegante assim como eu, soltei um resmungo queria continuar onde

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

estávamos...

- É todo meu futuro, Ariel.

- Assim como você é o meu. –
Convicção não me faltava ao dizer aquilo.
Entrelacei nossas mãos. “*Estou te
prendendo a mim*” Confirmei mentalmente,
antes de voltar a perdê-la em seus braços. A
minha felicidade sempre ficava maior a
cada dia, e todo o sofrimento que passei
para chegar ali foi se perdendo em minha
memória, pois não era tão importante
quanto as lembranças que estou fazendo. A
cada amanhecer uma nova promessa.

A luz do sol me despertou na manhã
seguinte em nossa cama, a qual não lembro
de ter chegado na noite passada, mas o que
surpreendeu me prendendo completamente
foi a linda aliança dourada com uma safira
refletindo seu brilho no meu dedo anelar,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

como uma marca do que dissemos viver nos braços um do outro. Um suspiro me fez olhar o homem deitado com o corpo todo a minha volta. Sabia que estava acordado.

- Está me prometendo um final feliz, Ian? – A voz estava baixa marcada pelo sono ainda, porém ele me ouviu muito bem já que uma risadinha rouca o entregou. Balançou a cabeça em negativo me fazendo cócegas com seu cabelo, então me encarou.

- Não é um final feliz. – Declarou firme dando um meio sorriso. – Afinal, só estamos começando...